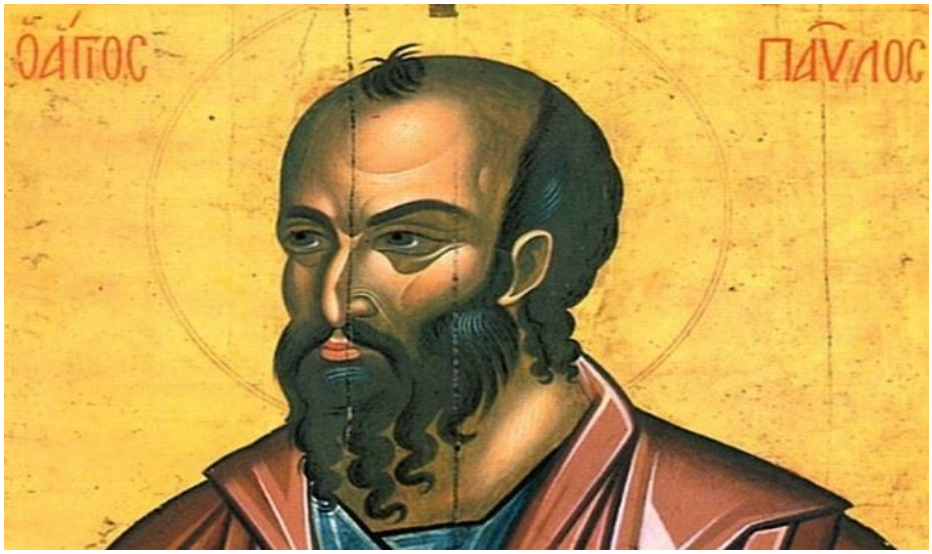
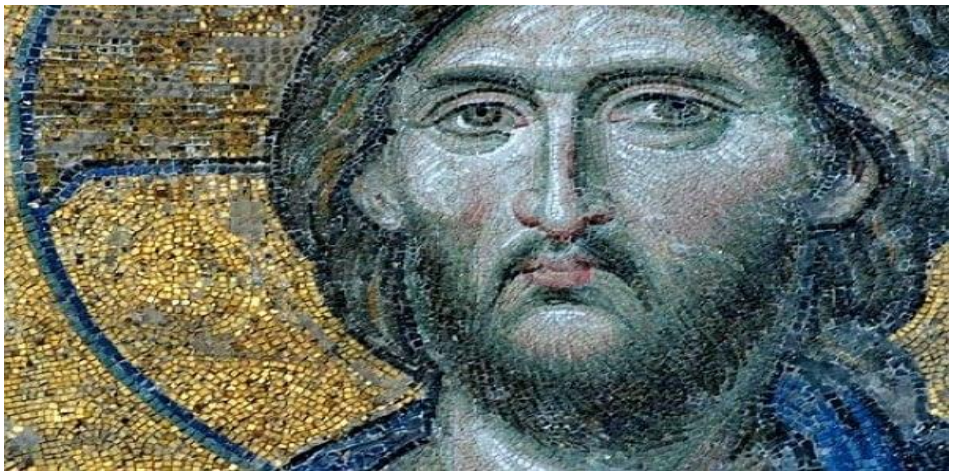
NÃO PAULO





MAS JESUS

NÃO PAULO, MAS JESUS

O Projeto Gutenberg EBook de Não Paulo, Mas Jesus, por Jeremy Bentham

Este e-book é para uso de qualquer pessoa em qualquer lugar, sem nenhum custo e com
quase nenhuma restrição. Você pode copiá-lo, doá-lo ou reutilizá-lo sob os termos da Licença do Projeto Gutenberg incluída
com este eBook ou online em www.gutenberg.org

Título: **NÃO PAULO, MAS JESUS**

Autor: Jeremy Bentham

Editor: John J. Crandall

Data de lançamento: 18 de junho de 2013 [EBook #42984]

Idioma: Inglês

Codificação do conjunto de caracteres: ISO-8859-1

*** INÍCIO DESTE PROJETO GUTENBERG EBOOK NÃO PAULO, MAS JESUS ***

Produzido por Dianne Nolan e Online Distributed
Equipe de revisão em http://www.pgdp.net

NÃO PAULO, MAS JESUS

POR JEREMY BENTHAM, ESQR.,—O Eminente Filósofo de Sociologia, Jurisprudência, etc., de Londres.

Com prefácio contendo esboços de sua vida e obras, juntamente com notas críticas de John J. Crandall, Esqr., da Ordem dos Advogados de Nova Jersey —
autor de Right to Begin and Reply

[Pág. ii]

PREFÁCIO DO EDITOR.

Jeremy Bentham, um eminente filósofo jurídico ou jurista inglês, nasceu em Londres, em 15 de fevereiro de 1748, e morreu em Westminster, sua residência por seis anos antes, em 6 de junho de 1832. Seu avô era um advogado de Londres; seu pai, que seguiu a mesma profissão, era um homem de negócios astuto e acrescentou consideravelmente ao seu patrimônio por especulações de terras. Esses Benthams de Londres eram provavelmente um desdobramento de uma antiga família York de mesmo nome, que ostentava um bispado entre seus membros; mas nosso autor não se preocupou em traçar sua genealogia além do penhorista. Sua mãe, Alicia Groove, era filha de um lojista de Andover. Jeremy, o mais velho, e por nove anos o único filho desse casamento, foi durante os primeiros dezesseis anos de sua vida extremamente franzino, pequeno e fraco. Ao mesmo tempo, ele exibiu uma precocidade notável que

estimulou muito o orgulho e a afeição de seu pai. Aos cinco anos de idade, ele adquiriu conhecimento de notas musicais e aprendeu a tocar violino. Aos quatro ou antes, tendo aprendido a escrever anteriormente, ele foi iniciado na gramática latina e, em seu sétimo ano, entrou na Westminster School. Enquanto isso, ele aprendeu francês com um mestre particular em casa e, aos sete anos, leu Telemaque, um livro que o impressionou fortemente. Aprender a dançar foi uma tarefa muito mais séria, pois ele era muito fraco nas pernas.

Apesar de jovem, ele adquiriu distinção em Westminster como criador de versos latinos e gregos, o grande objetivo e finalidade da instrução dada ali.

[Pág. iii]

Aos doze anos, ele foi inscrito como um plebeu no Queen's College, Oxford, onde passou os três anos seguintes. Embora muito desconfortável em Oxford, ele passou pelos exercícios do College com crédito e até mesmo com alguma distinção. Alguns versos latinos seus, na ascensão de George III, atraíram muita atenção como a produção de alguém tão jovem. Em todas as disputas que faziam parte dos exercícios do College, ele entrou com zelo e muita satisfação; no entanto, ele nunca se sentiu em casa na Universidade por causa de sua monotonia histórica, e de todas as quais ele reteve as lembranças mais desfavoráveis.

Em 1763, ainda com menos de dezesseis anos, ele obteve o grau de AB. Pouco depois disso, ele começou seu curso de Direito em Lincoln's Inn, e viajou de um lado para o outro de Oxford para ouvir as Blackstone's Lectures. Essas palestras foram publicadas e lidas em todo o reino da Inglaterra e particularmente nas colônias americanas. Elas foram criticadas por toda a escola de Cromwell, Milton e seguidores como Priestly e outros na Inglaterra e muitos nas colônias na América. O jovem Bentham retornou a Londres e frequentou como aluno o Court of the King's Bench, então

presidido por Mansfield, de quem ele continuou por alguns anos um grande admirador.

Entre os defensores,Dunning'sclareza, franqueza e precisão o impressionaram muito. Ele obteve o grau de AM aos 18 anos, o mais jovem graduado que se tinha conhecimento nas Universidades; e em 1772 foi admitido na Ordem dos Advogados.

O jovem Bentham respirou desde a infância, em casa, na escola, na faculdade e nos tribunais, uma atmosfera conservadora e submissa à autoridade, mas no decorrer dos seus estudos de direito, encontrou um contraste marcante entre o imperialismo estrutural[Pág. iv] do Império Britânico, conforme exposto por Blackstone e outros de sua época, e o estado social filosófico discutido por Aristóteles, Platão, Aurélio, os patriotas em luta da França e a nova irmandade, que então agitava as colônias da América.

Seu pai esperava vê-lo Lord-Chanceler, e se esforçou muito para empurrá-lo para a frente. Mas tendo percebido um contraste chocante entre a lei como era sob a estrutura imperial da Igreja e como ele concebia que deveria ser, ele gradualmente abandonou a posição de um estudante submisso e admirador e assumiu uma posição entre a escola de reformadores e, depois, o papel de crítico afiado e denunciante indignado.

Ele sofreu privações heroicamente por vários anos no sótão de Lincoln's Inn, mas perseverou nos estudos. Ele dedicou parte de seu tempo ao estudo da ciência. Os escritos de Hume, Helvetius e outros o levaram a adotar a utilidade como base da Moral e da Legislação. Haviam se desenvolvido dois partidos distintos na Inglaterra: os Radicais e os Imperialistas. Os Radicais argumentavam que a fundação da Legislação era aquela utilidade que produzia a maior felicidade para o maior número.

Blackstone e os Eclesiásticos adotaram a teoria de Locke, de que a base da Legislação era uma espécie de aliança da humanidade para se conformar às leis de Deus e da

Natureza, conforme interpretadas por governantes autoconstituídos hereditariamente.

Bentham sustentou que esta era apenas uma coleção vaga e incerta de palavras bem adaptadas à promoção do governo por opiniões dogmáticas dos Lordes e Reis e Eclesiásticos em combinação bem calculada para privar o povo dos benefícios do governo popular. Ele concebeu a ideia de codificar as leis de modo a defini-las em termos de[Pág. v] o maior bem para o maior número de pessoas e dedicou grande parte do restante de sua vida a esse trabalho.

Em 1775, ele publicou um pequeno livro em defesa da política de Lord North em relação às Colônias, mas por medo de processo, foi publicado por um certo John Lind e amplamente lido. Um pouco mais tarde, ele publicou um livro intitulado "A Fragment on Government". Isso criou muita atenção. Os leitores atribuíram o livro a Mansfield, a Camden e a Dunning. O orgulho impaciente do pai de Bentham traiu esse segredo. Foi interpretado de várias maneiras como um Tratado filosófico e um Ataque Pessoal Crítico ao Governo. Mas ele perseverou na defesa de seus princípios de Moral e Governo. Ele esperava também ser nomeado Secretário da Comissão enviada por Lord North para propor termos às revoltadas Colônias Americanas. Mas como o Rei George III havia contraído uma antipatia por ele, ele ficou desapontado com seu plano de Conferência com as Colônias. Seus escritos foram, no entanto, mais apreciados na França. Ele foi abertamente defendido como filósofo e reformador por D'Alimbert, Castillux, Brissat e outros. Mas, enquanto isso, alguns homens como Lord Shelbourne, Mills e outros se tornaram seus amigos e admiradores, e o encorajaram a perseverar com seu Código de leis filosófico, amplamente colhido dos antigos filósofos da liberdade e igualdade que haviam sido sufocados e substituídos pelo imperialismo militar e eclesiástico.

Em 1785, ele fez uma extensa excursão pelos Alpes e, enquanto estava em Kricov, no Dou, escreveu suas cartas

sobre a Usura. Elas foram impressas em Londres, e agora eram bem-vindas pelo povo, em grande parte por conta de sua reputação na França como um filósofo do governo popular. Nesse meio tempo, Paley tinha[Pág. vi] imprimiu um tratado sobre o Princípio de aplicar utilidade à moral e à legislação. Ele determinou imprimir suas visões em francês e endereçá-las ao povo que então lutava por um governo liberal.

Ele revisou suas folhas sobre seu Código Penal favorito e as publicou sob o título de "Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação". Os Princípios enunciados neste tratado atraíram a atenção dos liberais na França, assim como na Inglaterra e na América. Mirabeau e outros editores franceses espalharam sua reputação por toda parte.

Enquanto isso, Bentham, com a ideia de auxiliar as deliberações dos Estados Gerais da França, e encorajado pelos liberais de ambos os continentes, e especialmente por homens como Franklin, Jefferson e outros, imprimiu um "Rascunho de um Código para a organização de um Estabelecimento Judicial na França", pelos serviços pelos quais a Assembleia Nacional lhe conferiu a Cidadania da França por um decreto, em 23 de agosto de 1792, no qual seu nome foi incluído junto aos de Priestly, Paine, Wilberforce, Clarkson, Mackintosh, Anacharsis, Clootz, Washington, Klopstock, Kosiosco e vários outros.

Enquanto isso, em suas viagens, ele concebeu um plano extensivo de reforma prisional que ele vigorosamente instou os Oficiais da Coroa e o Parlamento Inglês a adotarem. Após vários anos de trabalhos árduos e o gasto de uma grande parte do patrimônio deixado a ele por seu pai, o empreendimento foi frustrado pela recusa do Rei em concordar com o Parlamento no empreendimento. Este esquema é totalmente estabelecido nas histórias do reinado de George III. Mas para evitar a perseguição sob os drásticos Códigos penais da Inglaterra, Bentham se gabou de que ele não era um homem de nenhum partido, mas um homem de todos os países e uma unidade fraternal da raça

humana,[Pág. vii] ele veio a ocupar em casa o cargo de chefe do partido.

Ele abraçou com zelo e entusiasmo característicos as ideias dos radicais, que, apesar de si mesmos, eram classificados como um partido político. Ele foi, de fato, até o fim, não apenas no republicanismo, mas em muitos pontos da democracia antiga, incluindo o Sufrágio Universal e a Emancipação de todas as Colônias.

Não importa quão habilmente a Contenda foi administrada, os Imperialistas insistiram que ela estava meramente ressuscitando a luta histórica dos dias de Cromwell e seus "ossos nus". O estabelecimento da Igreja por meio dos Lordes e Bispos e Bispos Lordes era a verdadeira fundação do governo da Coroa em todas as suas ramificações. Esta superestrutura era protegida por todas as formas de leis penais contra a Majestade "de arrendamento" e até mesmo a aparência de heresia do Credo da Igreja. Os Radicais sempre confrontados por detetives da Coroa eram compelidos a serem muito cautelosos em seus ataques a isso que eles chamavam de idolatria imperial e eram compelidos a agir por ataques indiretos e de flanco.

A revolta de Martinho Lutero no reinado de Henrique VIII no Concílio de Trento e outros sobre a autenticidade divina do Credo de Atanásio nunca diminuiu entre os humanitários da Inglaterra ou da França. Mas na presença de inquisições criminais bárbaras demais para serem mencionadas, os radicais foram prejudicados e foram compelidos a trabalhar estrategicamente e por poços e minas sob a superestrutura do imperialismo da Igreja. A estrutura da Igreja, conforme estabelecida na Europa, é por consentimento comum baseada na hipótese da Divindade na vida, obras e dogmas de um Saulo de Tarso, ou como denominado Paulo, ou o canonizado São Paulo. O substancial[Pág. viii] Credo pode muito bem ser denominado Paulismo. Daí o lendário Paulo ter sido um dos pontos de ataque dos racionalistas dos séculos.

Enquanto muitos dos contemporâneos de Bentham, tanto na Inglaterra, América e Continente, negavam a veracidade de toda a cosmogonia e historiologia mosaica, Bentham parecia ignorar essa tarefa como superservidora e sem importância. Ele e sua escola de radicais eram devotados às obras e ensinamentos da vida de Jesus. Jesus era o ídolo de sua escola e ele abraçou de coração a tarefa de eliminar Paulo como o nêmesis de Jesus e seus apóstolos, e um personagem inventado e encenado por imperialistas para subordinar as classes trabalhadoras à produção de recursos para servir seus luxos pessoais.

Bentham começou a escrever uma análise filosófica das pretensões da Igreja a respeito da agência divina de Paulo. Após vários anos de exame e estudo, e enquanto escrevia seu famoso tratado intitulado "The Rational of Judicial Evidence" posteriormente coletado e publicado por Mill, ele terminou as críticas manuscritas de Paulo e as intitulou "Not Paul but Jesus."

Por medo de processo por heresia direta ou denúncia do Credo da Igreja, ele evitou o uso de seu próprio nome como escritor da Crítica e usou o nome de Conyers Middleton, um teólogo de Cambridge, que por seus escritos havia criado uma grande perturbação. Ele havia sido condenado duas vezes por heresia. Ele estava morto há cinquenta anos quando Bentham o apresentou nas primeiras linhas da Introdução às suas Críticas aqui publicadas (Ver Introdução). Bentham, sem dúvida, pretendia fugir do processo, pois será visto que seu nome não aparece no livro e, ainda assim, ao mesmo tempo, usou o nome mais desagradável para a Igreja em toda a sua história.

[Pág. ix]

Em 1729, Middleton publicou sua "Carta de Roma", na qual ele corajosamente ensaiou para demonstrar que a religião da Igreja Romana na época era derivada de seus ancestrais pagãos idólatras. Ele publicou outras obras sobre os usos de milagres e profecias. Mas "Não Paulo, mas Jesus" de

Bentham não permaneceu anônimo por muito tempo. Foi lido extensivamente na França e na América. Mas este tratado fez parte do trabalho de sua vida, que era promover a teoria do estado social com base em "O maior bem para o maior número, e subordinar o todo a cálculos racionais de utilidade". Essas visões ele continuamente instou na forma de Codificação para eliminar todas as pretensões de controle hierárquico por profetas divinos históricos, as almas fiéis e agentes de reis e príncipes. Enquanto isso, ele foi infatigável em seus ataques ao Sistema Inglês de Jurisprudência, que estava sendo operado na América como uma espécie de herança paterna. Dumont, em 1811, compilou a partir dos manuscritos de Bentham um código completo que foi prontamente adotado na França, porque estava em conformidade com o antigo procedimento romano que era mantido tenazmente na França.

Enquanto isso, por importunação de Lord Brougham e outros, e particularmente de seus amigos na América, como Adams, Franklin e outros, ele escreveu a Madison oferecendo seus serviços para elaborar um código completo de leis para os Estados Unidos. O Sr. Madison fez com que essas ideias fossem disseminadas por panfletos, pois a panfletagem estava muito na moda para tais propósitos naqueles dias. Mas por conta de nossa forma dupla de governo, e como o código se aplicaria aos Estados separadamente, o esquema como um todo falhou. Mas alguns dos governadores, especialmente os da Pensilvânia, Virgínia e Nova Hampshire, conseguiram[Pág. x] posse dos manuscritos e muitas das disposições foram adotadas e ainda são válidas.

Enquanto isso, o Sr. Mill havia coletado seus manuscritos sobre "The Rationale of Judicial Evidence" e os publicado em 5 vols. Eles logo se tornaram parte das bibliotecas dos advogados e estadistas da Inglaterra, e especialmente nos Estados Unidos. Seus manuscritos sobre "Not Paul but Jesus" foram amplamente lidos e universalmente admitidos como racionais e sólidos em termos de demonstração

jurídica racional. Durante esse tempo, Thomas Jefferson estava escrevendo sobre o mesmo assunto e, após ler as impressões de Bentham, ele abandonou a parte direcionada à crítica de Paulo, mas organizou cronologicamente todos os versículos dos quatro evangelhos que pertencem à carreira de Jesus, omitindo, no entanto, cada versículo ou parágrafo que, para sua mente, era ambíguo ou controverso, e cada declaração de fato que não teria sido admitida como evidência em um Tribunal de Justiça. A cópia original do que é denominado como "Jefferson Bible" está agora preservada no Museu Nacional em Washington. Foi comprada pelo Governo como uma lembrança do autor da Declaração de Independência.

Esta "The Thomas Jefferson Bible" foi republicada recentemente por David McKay, 604 S. Washington Sq., Filadélfia. O tratado "Not Paul but Jesus" foi publicado em 1825. A arte de impressão não estava tão avançada quanto atualmente, e a divisão de assuntos para discussão e correlação não era organizada de forma estritamente metódica, então o Editor reorganizou alguns dos títulos com o objetivo de melhorar a ordem da sequência. Com essa mudança, cada palavra foi preservada.

Deve-se ter sempre em mente que o exame[Pág. xi] é Judicial e o Personagem Paul teve que ser encenado de muitos pontos de vista e exame. Jeremy Bentham o fez girar sob os holofotes da inquisição com uma meticulosidade que comanda a atenção de todos os leitores pensativos. Com essa visão, o Editor espera ser justificado em sua republicação pelo público leitor e indagador.

J. J. CRANDALL.

[Pág. xii]

INTRODUÇÃO.

Ilustre, na igreja de Jesus em geral, e na igreja da Inglaterra em particular, é o nome de CONYERS MIDDLETON . Sinal foi, e é, o serviço prestado por ele à religião de Jesus. Por essa mão ousada, embora reverente, agora está livre de muitos montes de lixo pernicioso, com os quais foi sobrecarregado e contaminado, pelos trabalhos profanos de uma sucessão de escritores, que, — sem interação pessoal com o fundador, não mais do que temos agora, — têm, da mera circunstância da proximidade comparativa de seus dias àqueles em que ele viveu, derivado a posse exclusiva do título imponente de *Padres da Igreja* , ou, em uma palavra, *Os Padres* .

Tão hábil e tão eficaz foi essa liberação que, como foi observado pelos revisores de Edimburgo — falando, é claro, dos protestantes, e mais particularmente dos protestantes ingleses — até que uma exceção inesperada, que ele menciona, se apresentou, eles pensavam que, na opinião de ninguém, aqueles escritores "deveriam mais ser considerados guias, seja na fé ou na moral".

Faltava ainda um passo adiante. Um espinho ainda permanecia, para ser arrancado do lado dessa religião tão ferida, e esse era o acréscimo feito a ela por *Saulo de Tarso* : por aquele *Saulo* , que, sob o nome de *Paulo* , tem, como se verá, sem garantia de, e mesmo em desacordo com, a história de Jesus, conforme entregue por seus companheiros e biógrafos, os quatro evangelistas, — sido dignificado com o título de *seu* apóstolo: seu *apóstolo* , isto é,[Pág. xiii] digamos, seu *emissário* : seu *emissário* , isto é, *enviado* por ele: enviado, por aquele Jesus, cujos discípulos imediatos ele perseguiu e destruiu por tanto tempo, e cuja pessoa — a menos que sonhar com uma pessoa após sua morte, ou professar ter sonhado com ela, seja vê-la — ele nunca viu.

No curso do exame subsequente, o assunto dos *milagres* veio, inevitavelmente, sob consideração. Neste terreno delicado, tem sido um assunto de não pequeno conforto para o autor, contemplar precursores, entre

teólogos de diferentes convicções, cuja reputação de piedade não foi diminuída pelo espírito de investigação crítica que a acompanha. Tais foram Mede, Sykes e outros, cujos engenhosos trabalhos foram, no caso chamado de *demoníacos* , empregados no esforço de remover o caráter sobrenatural, do que, aos seus olhos, não era mais do que uma aparência natural. Sobre o sucesso desses seus trabalhos, qualquer julgamento seria aqui irrelevante. Não totalmente assim a observação, de que em nenhum caso lhe parece que qualquer latitude de interpretação tenha sido empregada, como aquela que, naquela ocasião, foi considerada necessária para a conversão de *demônios* em *doenças* .

As *dissensões* que, em todos os tempos, tiveram lugar entre pessoas que professavam a religião de Jesus, são muito notórias. Os *malefícios* , produzidos por essas dissensões, não são menos. Essas dissensões e esses malefícios — em que elas tiveram sua fonte? Em certas palavras. Essas palavras, de quem elas foram as palavras? De Jesus? Não: isso não foi nem mesmo fingido. De Paulo, e somente de Paulo: ele as dando o tempo todo não como as palavras de Jesus, mas como suas próprias somente: — ele o tempo todo pregando (como será visto) em oposição declarada aos onze que eram indiscutivelmente os apóstolos de Jesus: assim, somente de Paulo elas foram as palavras.

[Pág. xiv]

Que, por essas palavras, e, consequentemente, por aquele cujas palavras elas foram e são, todos os males, que foram imputados à *religião de Jesus* , foram produzidos, — na medida em que as dissensões, das quais esses males fluíram, tiveram essas palavras como seus assuntos, — não pode ser negado. Mas, além disso, nessas mesmas palavras, isto é, nas doutrinas transmitidas por elas, não pode deixar de ser encontrada a origem, e a causa, de uma parte não pequena — talvez da maior parte — da *oposição* , que *essa religião, com seu sistema benevolente de moral* , tem experimentado até agora. Se assim for, então, ao livrá-

la desse estorvo, não apenas uma pureza ainda sem precedentes, mas uma extensão adicional, não pode ser irracionalmente esperada que lhe seja dada.

Foi pela frequente recorrência dessas observações que o autor dessas páginas foi levado à indagação se a religião de Paulo — conforme contida nos escritos atribuídos a Paulo, e com um grau de propriedade que o autor não vê razão para contestar — se a religião de Paulo tem algum título justo para ser considerada como parte da religião de Jesus. O resultado foi negativo. As considerações pelas quais esse resultado foi produzido formarão o assunto das páginas seguintes.

Se, cortando uma fonte de privações inúteis e terrores infundados, o conforto e *a paz interior* fossem restaurados ou garantidos; se, cortando uma fonte de amarga animosidade, a boa vontade e a paz de *fora* fossem restauradas ou garantidas; se, pela remoção de um apêndice incongruente, a aceitação fosse obtida para o que é bom na religião comumente atribuída a Jesus; obtida nas mãos de qualquer homem, muito mais de muitos, para quem atualmente é um objeto de aversão; se, em qualquer uma dessas várias maneiras, muito mais se em todas elas, os trabalhos[Pág. xv] do autor deve ser coroado de sucesso — um bom serviço será, até agora, e por todos os lados, considerado prestado à humanidade.

Qualquer um que, deixando de lado todas as pretensões, se sinta forte o suficiente em mente para olhar firmemente para os originais e *deles* tirar suas concepções sobre o assunto, não dos discursos de outros — qualquer um que tenha esse comando sobre si mesmo, reconhecerá, se o autor não se enganar muito, que pelas duas pessoas em questão, conforme representadas nas duas fontes de informação — os Evangelhos e as Epístolas de Paulo — duas religiões bem diferentes, se não opostas, são inculcadas: e que, na religião de Jesus pode ser encontrado todo o *bem* que já foi resultado do composto tão incongruente e infelizmente feito

— na religião de Paulo, todo o *mal* que, em tão desastrosa abundância, fluiu tão indiscutivelmente dela.

1. Que Paulo não tinha tal comissão como professava ter; — 2. que seu empreendimento era um esquema de ambição pessoal, e nada mais; — 3. que seu sistema de doutrina é repleto de maldade em uma variedade de formas, e, na medida em que se afasta ou acrescenta àquelas de Jesus, sem bem em nenhuma; — e que não tem garantia, em nada que, até onde parece de qualquer um dos quatro evangelhos, tenha sido dito ou feito por Jesus; — tais são as conclusões, que o autor destas páginas se viu compelido a deduzir, daqueles materiais com os quais a história nos forneceu. Os fundamentos dessas conclusões ele prossegue para submeter à consideração de seus leitores.

[Pág. xvi]

PLANO DE OBRA.

A obra pode ser concebida como dividida em cinco partes.

1. Na Parte um, os cinco relatos diferentes, e em muitos aspectos discordantes, dados sobre a conversão de Paulo, que, nesses relatos, é naturalmente representada como sendo não apenas *externa* , mas *interna* , são confrontados e, no que diz respeito à conversão interna, são mostrados como sendo, todos eles, falsos: e, imediatamente depois, o estado de coisas, que produziu, acompanhou e imediatamente seguiu sua conversão externa, — junto com o tempo e a maneira em que essa mudança foi declarada, — é trazido à vista. Esta parte ocupa os dois primeiros capítulos.

2. A Parte II é empregada para mostrar que, desde o primeiro começo, da relação, que, sobre os sinais dados de sua conversão externa, ocorreu em Jerusalém entre ele e os apóstolos, Atos 9:27, até o momento em que, em consequência da interposição do comandante romano, para

salvá-lo da indignação unânime de todo o povo, mais particularmente dos discípulos dos apóstolos, ele foi transportado dali sob guarda para Roma, um espaço, de acordo com o cálculo comumente aceito, não menos que vinte e seis anos, (Atos 21 e 23), nenhuma comissão sobrenatural de Jesus, nem qualquer conversão interna, foi, seja por aqueles distintos servos e companheiros de Jesus, ou por seus discípulos em Jerusalém, acredita-se que tenha ocorrido em sua instância. Esta parte ocupa oito capítulos: a saber, do 3º ao 10º inclusive.

[Pág. xvii]

3. Na Terceira Parte, em mais uma prova da insinceridade de seu caráter, além de um juramento provado ser falso, são apresentadas duas afirmações inquestionavelmente falsas: cada uma tendo como assunto uma questão de suma importância, cada uma deliberada e tendo em vista um propósito particular: uma, um relato falso do número de testemunhas da ressurreição de Jesus; 1 Cor. 15:6; a outra, uma predição do fim do mundo antes da morte das pessoas então vivas; 1 Tes. 4, 15, 16, 17. Esta parte ocupa os Capítulos 11 e 12.

4. A Quarta Parte é empregada para mostrar que nenhuma prova de sua suposta comissão sobrenatural do Todo-Poderoso é dedutível de qualquer relato que tenhamos de qualquer uma daquelas cenas nas quais ele é comumente considerado como tendo exercido o poder de operar milagres. Pois, não somente ele próprio nunca exerceu tal poder, em nenhuma das ocasiões em que a demanda por ele, com o propósito de superar a descrença dos Apóstolos em sua história, foi extrema, mas, nem nessas nem em nenhuma outra ocasião, ele jamais se encarregou de fazer referência a qualquer instância de qualquer prova de autoridade especial do Todo-Poderoso, como tendo sido exibida por ele em qualquer outra ocasião; que, para a crença em qualquer dom desse tipo, não temos outro fundamento senão as relações contidas na história chamada " *Os Atos dos Apóstolos* ", ou, para resumir, *Os Atos* ; e que

tal é, por um lado, a natureza da ocorrência em si, por outro lado, o caráter da representação dada a ela; que, para uma descrença no exercício de qualquer poder sobrenatural desse tipo, não é necessário que qualquer imputação como a de falsidade total e deliberada seja lançada sobre o autor dessa narrativa: as ocorrências[Pág. xviii] em questão sendo, principalmente, se não inteiramente, tais como se encontram dentro do curso ordinário da natureza,—mas, sobre os quais, seja pela fantasia, seja pelo artifício do narrador, uma espécie de coloração sobrenatural foi superinduzida. Para este propósito, estes supostos milagres são, cada um deles, separadamente trazidos à vista e examinados. Esta parte ocupa o 13º capítulo.

5. A Quinta Parte é empregada para mostrar que, mesmo que, em todas essas diversas ocasiões, o exercício de um poder de produzir efeitos sobrenaturais tivesse, por declarações inequívocas, sido atribuído a Paulo pelo autor dos Atos, tal testemunho, independentemente da virtual contradição dada a ele pelas evidências circunstanciais acima mencionadas, não poderia, com nenhuma propriedade, ser considerado como fornecendo prova adequada, seja do fato de Paulo ter recebido uma comissão divina e, portanto, ter se tornado, interna e externamente, um convertido à religião de Jesus, seja desse fato radical, ou mesmo de qualquer uma das supostas realizações, que, diante dos relatos em questão, costumam se apresentar como milagrosas: pois, em primeiro lugar, é apenas por erro que a história em questão foi atribuída a São Lucas: sendo, em relação ao relato dado das circunstâncias que acompanharam a ascensão de Jesus, inconsistente com o relato dado no evangelho de São Lucas, quando comparado com Atos 1:3 a 12, e quanto aos que estiveram presentes na morte de Judas, inconsistente com o relato em São Mateus 27:3 a 10 e Atos 1:16 a 20: e além disso, sendo tal a complexidade de sua narrativa, a ponto de torná-la incapaz de dar qualquer suporte toleravelmente adequado a

qualquer declaração pela qual o exercício[Pág. xix] de poder sobrenatural é afirmado. Esta parte ocupa o Capítulo 14.

Na Sexta Parte, para dar correção e completude adicionais à concepção supostamente transmitida, do caráter de Paulo e seu historiógrafo assistente, conjunta e separadamente considerados, — uma visão conjunta é dada de *cinco* relatos de seus cinco julgamentos, conforme relatado nos Atos. Esta parte foi adicionada desde a publicação da Visão Resumida acima mencionada. Ela ocupa o Capítulo 15 do presente trabalho.

O Capítulo XVI e, por último, conclui o todo, com algumas observações gerais sobre a autodeclarada oposição do Evangelho de Paulo, como ele o chama, ao dos Apóstolos: juntamente com uma indicação de um Anticristo real, em compensação pelo fabuloso, criado por Paulo e alimentado pelos autores episcopais e editores da Igreja da Inglaterra, tradutores da Bíblia; e no Capítulo 12 da presente obra, o Anticristo imaginário é, espera-se, estrangulado.

Na época da publicação do Resumo da Visão, para uma demonstração mais completa e satisfatória da relativa insuficiência da narrativa em questão, um breve, mas crítico esboço foi, como aqui declarado, pretendido ser dado, das partes não antes notadas da História da *Igreja* , desde a ascensão de Jesus, sendo o período em que essa narrativa começa, até aquele em que ela termina, a saber, cerca de dois anos após a chegada de Paulo a Roma, Atos 28: a história, a saber, como dedutível dos materiais que, nessa mesma narrativa, são trazidos à vista: a duração do período sendo, de acordo com cálculos comumente aceitos,[Pág. xx] cerca de 28 ou 30 anos[A] : o próprio autor de " *Os Atos* " — se for possível acreditar nele — foi testemunha ocular, durante uma parte considerável do tempo, das diversas ocorrências que ele relata.

Nesta ocasião, e para este propósito, a história em questão foi peneirada da mesma maneira e com os mesmos princípios de qualquer história profana, na qual, em uma

série de ocorrências principalmente naturais, algumas, com aparência sobrenatural, são, aqui e ali, intercaladas: como, por exemplo, na História Romana de Lívio e até mesmo na de Tácito: por um lado, a autoridade não é considerada como fornecendo uma base suficiente para uma crença nas partes sobrenaturais da narrativa; nem, por outro lado, o tipo de apoio dado às partes sobrenaturais como fornecendo uma razão suficiente para a descrença daqueles que não têm nada em si que seja inconforme ao curso universalmente experimentado da natureza.

Em relação à *doutrina* , a conclusão é que nenhum ponto de doutrina, que não tenha outra autoridade além da dos escritos de Paulo para seu apoio, pode ser justamente considerado como pertencente à religião de Jesus, mais do que se, neste momento do dia, fosse abordado por qualquer homem vivo: que assim, na medida em que ele é[Pág. xxi] visto que ele *acrescentou* algo à religião de Jesus, ele é visto como se colocando *acima* dela e *contra* ela: que, portanto, se isso for verdade, cabe a cada professor da religião de Jesus decidir consigo mesmo a qual das duas religiões, a de Jesus e a de Paulo, ele irá aderir: e, consequentemente, dizer, *Não Jesus, mas Paulo* , — ou, nas palavras do título desta obra, *Não Paulo, mas Jesus* .[B]

[Pág. xxii]

NOTAS DE RODAPÉ:

[UM]Para evitar, se possível, um constrangimento que, de outra forma, poderia ocorrer por parte do leitor — e, com isso, a ideia de inconsistência, que ocorre aqui e ali na obra — a seguinte indicação pode ser útil.

Uma nuvem de incerteza, com duração de um ou dois anos, paira sobre a duração do período abrangido por esta obra: a saber, aquele entre o ponto de tempo em que se afirma que a conversão de Paulo ocorreu e o ponto de tempo em que a história, intitulada Atos dos Apóstolos, como ali declarado,

conclui: — um ponto de tempo posterior em dois anos ao de sua chegada a Roma.

[B]Para fazer a separação necessária entre as duas religiões de Jesus e a religião de Paulo, um instrumento, igualmente cômodo e inquestionável, foi apresentado a todas as mãos, por muitos anos, embora, certamente, não com tal objetivo, pelo Doutor *Gastrell* , um bispo inglês e da Igreja da Inglaterra: a saber, em uma obra bem conhecida, intitulada *The Christian Institutes* : data da 14ª edição, 1808. É composto de uma coleção de pontos de fé e moralidade, e abaixo de cada um são citados os vários textos do Novo Testamento, que são considerados pelo autor como fornecendo bases para as posições indicadas. Se então, em qualquer lugar, em sua composição do terreno, passagens, uma ou mais, desta ou daquela Epístola de Paulo, são empregadas, — desacompanhadas de qualquer passagem, extraída de qualquer um dos quatro Evangelhos, — o leitor pode, sem muito perigo de erro, aventurar-se a concluir que é somente à religião de Paulo que o ponto de doutrina assim apoiado pertence, e não à religião de Jesus. Quanto a qualquer uma das Epístolas, que levam o nome de qualquer um dos verdadeiros Apóstolos de Jesus, — uma questão correspondente pode talvez estar aqui se sugerindo. Mas, com relação ao desígnio da presente obra, dificilmente serão consideradas relevantes. Pois, quando comparadas com os ditos de Jesus conforme repetidos nos quatro Evangelhos, dificilmente serão encontradas exibindo quaisquer pontos adicionais de doutrina: nunca, prenhes de qualquer uma dessas dissensões, que, dos escritos de Paulo, resultaram em tão desastrosa abundância. Somente para que não se pense que foram esquecidos, é feita aqui qualquer menção àqueles documentos que, por mais que tenham direito a consideração por outros motivos, podem, com referência à questão entre a religião de Jesus e a religião de Paulo, ser, como acima, e sem impropriedade, declarados como irrelevantes.

TABELA I.

CONVERSÃO EXTERNA.

Mostrando em uma visão, sob o título Conversão de Paulo, os diferentes relatos dos quais se tira a inferência de que a Conversão foi apenas externa, não interna.

VISÃO I. CONTA DE ATOS.

Cap. ix. 1-9.

1.—Mas Saulo, ainda respirando ameaça e matança contra os discípulos do Senhor, foi até o Sumo Sacerdote, e pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, para que, se encontrasse alguns que fossem do Caminho, fossem homens ou mulheres, os trouxesse presos para Jerusalém. E, enquanto viajava, aconteceu que ele se aproximava de Damasco; e de repente brilhou ao redor dele uma luz do céu; e ele caiu na terra, e ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E ele disse: Quem és tu, Senhor? E ele disse: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; é duro para ti recalcitrar contra os aguilhões; (1) mas levanta-te, e entra na cidade, e ser-te-á dito o que deves fazer. E os homens que viajavam com ele ficaram mudos, ouvindo a voz, mas não vendo homem algum. E Saulo se levantou da terra; e quando seus olhos se abriram, ele não viu nada; (versão antiga "ninguém") e o guiaram pela mão, e o trouxeram para Damasco. E ele ficou três dias sem ver, e não comeu nem bebeu.

II. PRIMEIRO RELATO PESSOAL DE PAULO.

Conforme Atos xxii. 3-11.

Eu sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade, aos pés de Gamaliel, instruído conforme a rigorosidade da lei de nossos pais, sendo zeloso por Deus,

assim como todos vós.[Pág. xxiii] são este dia: e persegui este Caminho até a morte, prendendo e entregando em prisões tanto homens como mulheres. Como também o Sumo Sacerdote me dá testemunho, e todo o estado dos anciãos: dos quais também recebi cartas para os irmãos; e viajei para Damasco, para trazer também os que ali estivessem presos a Jerusalém, para serem castigados. E aconteceu que, enquanto eu fazia minha viagem, e me aproximava de Damasco, por volta do meio-dia, de repente mostrou-se do céu uma grande luz ao redor de mim. E eu caí no chão, e ouvi uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E eu respondi: Quem és tu, Senhor? E ele me disse: Eu sou Jesus de Nazaré, a quem tu persegues. E os que estavam comigo viram em verdade a luz, mas não ouviram a voz daquele que falava comigo. E eu disse: Que farei, Senhor? E o Senhor me disse: Levanta-te, e entra em Damasco; e ali te será dito de todas as coisas que te são designadas para fazer. E quando eu não podia ver por causa da glória daquela luz, sendo guiado pela mão daqueles que estavam comigo, cheguei a Damasco.

III. SEGUNDO RELATO PESSOAL DE PAULO.

Conforme Atos xxvi. 9-20.

Eu realmente pensei comigo mesmo, que eu deveria fazer muitas coisas contrárias ao nome de Jesus de Nazaré. E isso eu também fiz em Jerusalém: e eu não só encerrei muitos dos santos na prisão, tendo recebido autoridade dos principais sacerdotes, e quando eles foram condenados à morte, eu dei meu voto contra eles. E punindo-os muitas vezes em todas as sinagogas, eu me esforcei para fazê-los blasfemar; e sendo extremamente furioso contra eles, eu os persegui até mesmo em cidades estrangeiras. Então, enquanto eu viajava para Damasco com a autoridade e comissão dos principais sacerdotes, ao meio-dia, ó rei, eu vi no caminho uma luz do céu, mais brilhante que o sol, brilhando ao redor de mim e aqueles que viajavam comigo.

E quando todos nós caímos na terra, ouvi uma voz que me dizia na língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Duro é para ti recalcitrar contra o aguilhão. E eu disse: Quem és tu, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te, e põe-te em pé; porque para isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha tanto das coisas em que me viste como das coisas em que te aparecerei ainda; livrando-te deste povo e da perdição.[Pág. XXIV] Gentios, a quem eu te envio, para abrir os olhos deles, para que se convertam das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus, para que recebam remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim. Portanto, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial; mas anunciei primeiramente aos de Damasco, e em Jerusalém, e por toda a terra da Judeia, e também aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento.

IV. AS ALUSÕES DE PAULO.

I. Conforme Paulo aos Coríntios. i. xv. 8.

E por último de todos, como a alguém nascido fora de tempo, ele também me apareceu.

II. Conforme Paulo em Gálatas 1.12, 15, 16, 17.

12. Porque não o recebi de homem algum, nem me foi ensinado; mas ele me foi revelado por Jesus Cristo.

15. Mas, quando aprouve a Deus, que me separou desde o ventre de minha mãe,

16. E me chamou pela sua graça, para revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, não consultando carne e sangue.

17. Nem subi a Jerusalém para estar com os que eram apóstolos antes de mim, mas parti para a Arábia, e depois voltei para Damasco.

II. VISÃO 2.—ANANIAS.

I. Conta de Atos.

ix. 10-16.

10. Ora, havia em Damasco um certo discípulo, chamado Ananias; e o Senhor lhe disse numa visão: Ananias! E ele disse: Eis-me aqui, Senhor. E o Senhor lhe disse: Levanta-te, e vai à rua chamadaDireto, e indagai em casa de Judas por um homem chamado Saulo, homem de Tarso; porque eis que ele está orando; e viu entrar um homem chamado Ananias e impor-lhe as mãos, para que recuperasse a vista. Mas Ananias respondeu: Senhor, tenho ouvido de muitos acerca deste homem,[Pág. xxv] quanto mal fez aos teus santos em Jerusalém; e aqui tem autoridade dos principais sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome. Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel; porque eu lhe mostrarei o quanto lhe importa padecer pelo meu nome.

III. VISITA DE ANANIAS A PAULO.

I. Conta de Atos.

ix. 17-22.

E Ananias partiu, e entrou na casa; e impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo. E imediatamente lhe caíram dos olhos como que escamas, e recuperou a vista; e, levantando-se, foi batizado; e, comendo, ficou fortalecido.

E esteve alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco. E logo nas sinagogas proclamava que Jesus era o Filho de Deus. E todos os que o ouviam ficavam admirados e diziam: Não é este o que em Jerusalém fazia destruição aos que invocavam o seu nome? E para isto viera aqui, para

os levar presos perante os principais sacerdotes. Mas Saulo se fortalecia cada vez mais e confundia os judeus que habitavam em Damasco, provando que este era o Cristo.

II. Relato de Paulo.

Conforme Atos xxii. 12-16.

xxii. 12. E um certo Ananias, homem piedoso conforme a lei, respeitado por todos os judeus que ali habitavam, veio ter comigo, e, estando perto de mim, disse-me: Irmão Saulo, recupere a vista. E naquela mesma hora olhei para ele. E ele disse: O Deus de nossos pais te designou para conhecer a sua vontade, e para ver o Justo, e para ouvir a voz da sua boca. Pois serás uma testemunha dele para com todos os homens do que tens visto e ouvido. E agora, por que te demoras? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o seu nome.

[Pág. 1]

NÃO PAULO, MAS JESUS

CAPÍTULO I.

A conversão de Paulo.[1] *— Improbabilidade e discordância dos relatos sobre ela.*

SEÇÃO I.

LISTA DESSAS CONTAS, COM OBSERVAÇÕES PRELIMINARES.

(*Ver* TABELA I , *na qual são confrontados* .)

Em uma única obra, e somente ela, está compreendida toda a informação, na qual, em relação a esta ocorrência momentosa, quaisquer detalhes são encontrados neste

momento do dia. Esta é aquela obra histórica, que em nossa edição da Bíblia, tem como título *Os Atos dos Apóstolos* ; para abreviar, digamos *Os Atos* .

[Pág. 2]

Desta mesma ocorrência, nesta curta obra não menos que três relatos separados são visíveis; um, no qual a história é relatada pelo historiador em sua própria pessoa; dois outros, em cada um dos quais Paulo é apresentado como dando seu próprio relato. Destes três relatos, nenhum será encontrado concordando entre si. Pelo historiador, Paulo, quando apresentado como falando em sua própria pessoa, é representado como contradizendo não apenas o relato do historiador, mas seu próprio relato. Em cada ocasião, ao que parece, o relato de Paulo é adaptado à ocasião. Na primeira ocasião, o relato do historiador não foi exatamente adaptado àquela mesma primeira ocasião. Pela engenhosidade do historiador, Paulo é, portanto, representado como dando naquela mesma ocasião outro relato mais bem adaptado. Na segunda ocasião, nem[Pág. 3] nem o relato do historiador nem o relato do próprio Paulo, conforme dado na ocasião anterior, foram considerados adequados para esta nova ocasião; nesta mesma ocasião, uma emenda adequada é adequadamente formulada.

Aqui, logo no início da investigação, a distância de tempo entre o momento em que a ocorrência supostamente ocorreu e o momento em que o relato do historiador foi escrito são circunstâncias que merecem atenção.

O ano 35 após o nascimento de Cristo é o ano que, de acordo com os relatos recebidos, é atribuído à ocorrência. De acordo com esses mesmos relatos, o ano 63 é a data dada à última ocorrência mencionada pelo historiador, Atos 28: após a qual ocorrência, dois anos são declarados por ele como tendo decorrido, no momento em que a história se encerra. Aqui, então, há um intervalo de cerca de 30 anos, entre o momento em que a ocorrência é declarada como

tendo acontecido, e o momento em que esses três relatos mutuamente contraditórios dela foram elaborados.

Em relação a essa ocorrência radical em particular, a saber, a conversão de Paulo, para a fundação deste seu relato, que evidência era essa que o relator tinha, ou poderia ter tido em sua posse, ou sob seu comando? Uma resposta pode servir para todos; os relatos dados sobre o assunto pelo próprio Paulo.

Com Paulo, então, quais eram os meios e o modo de relacionamento desse mesmo repórter? No ano 59, e não antes (tal é a inferência de suas próprias palavras), coube a ele ser levado no trem desse autodenominado Apóstolo. Então é que, pela primeira vez, nos vários relatos dados por ele sobre as migrações de Paulo de um lugar para outro, os pronomes *nós* , Atos 20:5 e *nós* fazem sua aparição. De 34 a 59 anos são 25. No final de[Pág. 4] esse intervalo ocorreu quando ele teve a primeira oportunidade, pelo que parece, de ouvir da boca do próprio mestre qualquer relato, se houver, que o mesmo mestre pudesse dar, de um acontecimento em relação ao qual não existia entre os homens nenhuma outra testemunha perceptiva.

Tendo acompanhado seu mestre durante todo o seu progresso de Jerusalém, o historiador fala de si mesmo como ainda estando em seu trem em sua chegada a Roma. Atos xxviii. 16, "E quando chegamos a Roma", &c. Não é precisamente declarado, nem pode ser muito determinado inferido, se no ponto do tempo em que a história se encerra, o historiador ainda estava naquela capital; a suposição negativa se apresenta como a mais provável. Posterior ao encerramento da ação real da história, a escrita dela será naturalmente colocada.

"Paulo, diz Atos xxviii. 30, morou dois anos inteiros em sua própria casa alugada, e recebia todos os que vinham a ele", &c. Quando este último versículo da história estava sendo escrito, se o historiador estivesse vivendo com Paulo, ele

naturalmente nos teria dado a entender isso; em vez de *habitado* , ele teria dito *tem estado habitando* .

Pelos sinais de descuido proporcionados pela omissão de tantos detalhes, que em toda obra de natureza histórica o leitor naturalmente esperará ver especificados; como o nome do historiador, os detalhes, a ocasião e a maneira de ele ter sido levado à companhia do ilustre missionário, e o tempo daquele evento; — por esses sinais, duas inferências, por mais diferentes que sejam suas tendências, parecem ser sugeridas de uma só vez. Uma é a genuinidade da narrativa. Um escritor, que estava consciente de que não era o homem que estava representando[Pág. 5] ele próprio, isto é, o companheiro do missionário, dificilmente teria deslizado, de maneira tão descuidada, a menção de uma circunstância tão material. A outra é a fragilidade da qualificação do autor para a tarefa assim executada por ele; a baixeza de sua posição na escala de confiabilidade e, consequentemente, a pequenez da força probatória, com a qual uma massa de evidências assim circunstanciadas pode ser razoavelmente considerada como operando, em apoio a qualquer suposta questão de fato, que, (seja pela extraordinariedade de sua natureza, ou pela tentação que as circunstâncias do caso proporcionaram para ficção ou deturpação inteira), se apresenta como exposta à dúvida ou controvérsia.

Uma conversão sobrenatural e o recebimento de uma comissão sobrenatural para a entrega de um novo corpo de doutrina; tais são os dois eventos que, embora em sua natureza tão perfeitamente distinguíveis, foram, de acordo com esta narrativa, combinados em um: a conversão de um perseguidor descrente, cruel e destrutivo da nova irmandade, em um apoiador e coadjutor mais zeloso: o corpo de doutrina, como se valesse alguma coisa, não poderia deixar de ser o que a pessoa em questão declarou ser: um suplemento à religião ensinada por Jesus enquanto estava na carne; um suplemento, contendo matéria nunca revelada e, consequentemente, nunca ensinada por seus apóstolos.

Agora, então, de todas essas ocorrências sobrenaturais, que, pelo historiador anônimo, são relatadas como tendo acontecido a Paulo, se algo realmente tivesse acontecido a ele - nesta suposição (tantos quantos eram os diferentes grupos de seus discípulos, habitantes de tantas províncias mutuamente distantes, não menos que oito em número); é da natureza do caso que em nenhuma instância, em qualquer de seus numerosos[Pág. 6] Epístolas, ele deveria ter sentido a necessidade de declarar e, consequentemente, ter declarado, a qualquer um de seus discípulos, as circunstâncias que acompanharam o evento de sua conversão — um evento no qual somente todas as suas profissões foram fundadas? Circunstâncias que, como declarado na narrativa de seu historiador, não poderiam, por sua natureza, ter sido conhecidas por nenhum ser humano além dele mesmo?

No entanto, em nenhuma de todas as suas Epístolas, a qualquer um desses seus discípulos, de qualquer particular, seja na forma de afirmação direta, seja na forma de alusão, há qualquer traço a ser encontrado. De *revelação* , sim: de *revelação* — esta palavra mais importante de fato, mas ao mesmo tempo mais misteriosa e pouco instrutiva, repetições temos em abundância. Mas sobre o tempo e a maneira da suposta comunicação, ou do assunto comunicado, nada é dito em lugar nenhum.

Nessas considerações pode ser vista uma parte, embora apenas uma parte, daquelas nas quais, no devido tempo, será vista a inferência fundamentada: que em nenhum momento, em todas as conferências pessoais que ele teve com os apóstolos, qualquer história foi contada por Paulo, como é relatada pelo autor dos Atos.

Na suposição de que a narrativa, tal como é, é genuína, — tomando-a como um todo, uma fonte muito importante de divisão, da qual exigirá ser dividida em ideia em duas partes ou períodos, aqui se apresenta. Período o primeiro, contendo a porção de tempo *anterior* à admissão do historiador no trem do suposto Apóstolo: Período o segundo,

contendo a porção de tempo *posterior* àquele evento: esta última porção continua, até onde parece, até o momento em que a história se encerra.

Neste último e último período mencionado estão compreendidos todos os vários fatos, ou supostos fatos, em[Pág. 7] relação à qual surgem quaisquer fundamentos para a suposição de que o historiador era, em sua própria pessoa, uma testemunha perceptiva.

Em relação a todos os vários fatos, ou supostos fatos, anteriores a este período, — a melhor evidência, que, para qualquer coisa que apareça, já chegou ao seu alcance, foi composta de tais declarações que, no curso de seu serviço, pode ter sido o prazer do mestre fazer para, ou na audição de, este seu assistente. Quaisquer que sejam os motivos de suspeita que podem ser encontrados anexando-se a evidências passando por tal canal, ou saindo de tal fonte; outras evidências, se tomadas em conjunto, apresentar-se-ão como sendo em comparação muito menos confiáveis. Todas as outras evidências consistem em declarações, vindas de não sabemos quem, em não sabemos em que momentos, em não sabemos em que ocasião, cada uma delas com não sabemos quantas testemunhas de relato, uma após a outra, através de tantos canais diferentes e sucessivos, entre a testemunha ou testemunhas percipientes, e a última testemunha ou testemunhas de relato, de quem o historiador recebeu a declaração na forma de intercurso pessoal.

O período do *rumor* e o período da *observação* — Ao que parece, essas duas denominações não devem distinguir os dois períodos de forma totalmente inadequada ou pouco instrutiva.

Com referência ao período de rumor, — seja da própria declaração de Paulo, ou de uma fonte ainda mais exposta à suspeita, que a concepção do historiador foi derivada, — uma consideração se apresenta, como requisito a ser mantido em mente. Isto é, com que facilidade,

especialmente naquela época, sobre uma ocorrência em si mesma verdadeira, e não incluindo nada que esteja fora do curso ordinário da natureza, — uma circunstância[Pág. 8] fora do curso da natureza, dando ao todo um caráter sobrenatural e, para usar a palavra comum, um caráter milagroso, pode, na e pela narrativa, ter sido superinduzido.[2] Fato, por exemplo, como *realmente* era — à palavra de comando, (suponha) um homem, tendo a aparência de um aleijado, se levanta ereto e anda: circunstâncias falsas, uma ou ambas superinduzidas por *rumores* — o homem tinha sido assim desde seu nascimento; desde seu nascimento até aquele mesmo tempo ele tinha sido um habitante daquele mesmo lugar.

No capítulo sobre os supostos milagres de Paulo, cerca de uma dúzia de ocorrências dessa descrição serão encontradas. Em cada uma dessas várias ocasiões, a propriedade de ter em mente a consideração acima mencionada, acredita-se, não parecerá aberta a disputa, seja qual for a aplicação feita dela em cada uma dessas várias ocasiões.

SEÇÃO 2.

VISÃO I.—DIÁLOGO NA ESTRADA: PAULO OUVE UMA VOZ, NÃO VÊ NADA.

I. CONTA.— *Conforme Atos* ix. 1-9.

ix. 1. E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, foi ter com o sumo sacerdote, e *pediu* - lhe cartas para Damasco, para as *sinagogas* , para que, se encontrasse alguns daquele Caminho, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém. E, indo ele, chegou perto de Damasco; e de repente o cercou um resplendor de luz vinda de[Pág. 9] *céu* :—e ele caiu na terra, e *ouviu uma voz* que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?—E ele disse: Quem és tu, Senhor? E o Senhor

disse: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; é duro para ti recalcitrar contra os aguilhões.—E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que eu faça? E o Senhor lhe disse: Levanta-te, e entra na cidade, e te será dito o que te convém fazer.—E os homens que viajavam com ele ficaram mudos, *ouvindo uma voz* , mas *não vendo ninguém.* —E Saulo se levantou da terra; e *quando seus olhos se abriram, não viu ninguém* ; mas eles o guiaram pela mão, e o levaram para Damasco.—E ele esteve *três dias sem ver, e não comeu nem bebeu* .

II. O suposto PRIMEIRO RELATO DE PAULO, NÃO ESTUDADO. — *Conforme* ATOS xxii. 3-11.

xxii. 3. Eu sou, na verdade, um homem judeu, nascido em Tarso, cidade da Cilícia, mas criado nesta cidade aos pés de Gamaliel, e instruído segundo a perfeita maneira da lei dos pais, e era zeloso para com Deus, como todos vós o sois hoje. — E persegui este caminho até a morte, prendendo e metendo em prisões tanto homens como mulheres. — Como também o sumo sacerdote me é testemunha, e todo o conselho dos anciãos; de quem também recebi *cartas* para os *irmãos* , e fui a Damasco, para levar presos a Jerusalém os que ali estivessem, para serem castigados. — E aconteceu que, enquanto eu fazia a minha viagem, e já estava perto de Damasco, *por volta do meio-dia* , de repente brilhou do *céu* uma grande luz ao redor de mim. — E eu caí em terra, e *ouvi uma voz* que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? — E eu respondi: Quem és tu, Senhor? E ele me disse: Eu sou Jesus de Nazaré, a quem tu persegues. — E os que estavam comigo *viram, de fato, a luz* , e ficaram com medo; mas *não ouviram* a voz daquele que falava comigo. — E eu disse: Que farei, Senhor? E o Senhor me disse: Levanta-te, e vai a Damasco; e ali te será dito tudo o que te é ordenado fazer. — E quando eu não podia ver por causa da glória daquela luz, sendo guiado pela mão dos que estavam comigo, cheguei a Damasco.

III. O suposto relato oratório ou estudado de Paulo. — *Conforme* ATOS xxvi. 9-20.

xxvi. 9. Eu realmente pensei comigo mesmo, que eu deveria fazer muitas coisas contrárias ao nome de Jesus de Nazaré. — O que eu também fiz em Jerusalém: e muitos dos santos eu encerrei na prisão, tendo recebido autoridade dos principais sacerdotes; e quando eles foram condenados à morte eu dei a minha voz contra eles. — E eu os castiguei muitas vezes em todas as sinagogas, e os obriguei a blasfemar; e sendo extremamente furioso contra eles, eu os persegui até mesmo em cidades estranhas. — Então, indo eu para Damasco com *autoridade* e *comissão* dos *principais sacerdotes* , — *ao meio-dia* , ó rei, vi no caminho uma luz do *céu* , que excedia o brilho do sol, brilhando ao redor de mim e dos que viajavam comigo. — E quando todos nós caímos por terra, *ouvi* uma voz que me falava, e dizia *em língua hebraica* : Saulo, Saulo, por que me persegues? Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões. E eu disse: Quem és tu, Senhor? E ele disse: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. — Mas levanta-te, e põe-te em pé; porque te apareci para isto, para te fazer ministro e testemunha tanto destas coisas que viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; — livrando-te deste povo e dos gentios, aos quais agora te envio.

Ao comparar os três relatos da Visão 1, os detalhes serão encontrados referentes a doze cabeças. Sob não mais do que dois dos doze, a conformidade entre eles será encontrada inteira.

Onde a discordância tem lugar, ela pode ser clara ou não clara de contradição. Clara pode ser de contradição, quando consiste em mera deficiência ou mera redundância, ou de ambas: deficiência ou redundância, conforme seja esta ou

aquela conta, que, na ocasião da comparação, é tomada como padrão.

Na ocasião em questão, tal é a importância[Pág. 11] da ocorrência, que o padrão apropriado de referência e comparação é aquele que é mais amplo: aquele que, se não for estritamente falando completo, quer o mínimo de sê-lo. Da parte do historiador, falando em sua própria pessoa, a omissão é, em tal caso, indesculpável.

Não é assim, necessariamente, no caso de uma pessoa de quem o historiador fala como dando o próprio relato dessa mesma ocorrência. O que pode ser é que, na natureza da ocasião em que a pessoa é representada falando sobre isso, há tanto de repente, em razão de perigo iminente, ou pressão urgente, que, da quantidade de tempo necessária para a declaração completa, e mesmo daquela necessária para a lembrança completa e correta, mais ou menos estava faltando.

Na ocasião daquele relato do assunto, que é o primeiro dos dois em que o historiador representa Paulo como dando um relato desta ocorrência importante, — esta justificativa para a falta de completude, ou esta desculpa para a falta de correção, poderia naturalmente ter lugar. Pois foi enquanto implorava por sua vida em Jerusalém, diante de uma multidão mista, nenhuma parte desprezível da qual estava se esforçando para destruí-la, que Paulo é representado como entregando este primeiro de seus dois relatos: — chame isso de *suposto relato não estudado ou não premeditado* .

Não é assim, na ocasião em que ele é representado como entregando o segundo desses mesmos dois relatos. Nesta ocasião, é verdade, ele é representado como pleiteando em sua defesa. Mas é pleiteando em e diante de um judiciário regularmente constituído, e após tempo para preparação em abundância muito maior do que ele poderia ter desejado: — chame isso *de suposto relato estudado ou premeditado* .

[Pág. 12]

Nesta visão, o padrão apropriado de comparação não pode ser duvidoso. O historiador sendo ele mesmo, em todos os três relatos, a testemunha imediatamente relatora, e tendo tido seu próprio tempo para a formação de todos eles, — o que ele dá em sua própria pessoa, e que, portanto, naturalmente ocupa o primeiro lugar, deveria, em relação a ambas as qualidades, bem como em relação à clareza, ter sido, (e, deixando de lado o desígnio enganoso, naturalmente teria sido), tão perfeito quanto estivesse em seu poder fazê-lo. Somente aos outros poderia ser dada qualquer desculpa, em relação a qualquer um desses requisitos, por qualquer circunstância peculiar aos respectivos casos.

O que está sendo observado acima — Dos dez seguintes casos de desconformidade, sete serão considerados casos de deficiência simples e três de contradição.

Naqueles que são casos de deficiência simples, será visto que há urgência em sua justificação ou desculpa; para os outros não parece haver justificação ou desculpa.[3] Das doze cabeças distinguíveis em [Pág. 13]questão, sob apenas duas, a saber, a do *lugar* e a do *tempo* , a conformidade será encontrada completa. *Lugar* , um ponto perto de Damasco, noestradalevando de Jerusalém a Damasco: *Tempo* , significando hora do *dia* , — por volta do meio-dia. Mas, na qualidade de confiabilidade deficiente como todos os três relatos serão mostrados a seguir, será visto quão pouco é contribuído, pela conformidade quanto às meras circunstâncias de tempo e lugar.

Agora, então, vejamos os assuntos, em relação aos quais uma falta de conformidade é observável. Para economizar palavras, a forma mais curta de descrição possível será empregada.

Omissões }
1. A luz vista.
2. O diálogo.
3. Cair no chão.

4. Linguagem da voz.
5. Chutar contra os espinhos.

6. Os mandamentos do Senhor.
7. A postura dos companheiros de Paulo.
Contradições} 8. Os companheiros de Paulo ouvindo ou não ouvindo.
9. Se ouvindo, o que ouviram.
10. Nada visto, exceto luz.

1. *Luz vista.* Entre o relato de Atos e o 1º ou suposto relato não estudado de Paulo, nenhuma discordância digna de nota. Em Atos é uma "*luz*", em Paulo 1º uma "*grande luz*";[4] em ambos é por volta do meio-dia. Mas no 2º ou suposto relato estudado de Paulo, está acima do brilho do sol naquela hora do dia.

[Pág. 14]
[Pág. 15]

Em Atos, a passagem é simplesmente narrativa: no 1º de Paulo, a urgência da ocasião não deixou espaço para flores. Mas no 2º de Paulo, o tempo sendo abundante, as flores deveriam ser coletadas, e esta é uma delas. No curso normal da natureza, não existe na terra nenhuma luz igual em brilho à do sol; especialmente o sol ao meio-dia e em tal latitude. Supondo que a luz em questão seja muito maior do que o sol do meio-dia, nem Paulo nem este seu historiador poderiam, sem um milagre proposital, ter tido meios de saber tanto. Para um milagre com tal propósito, a existência de qualquer demanda efetiva não parece provável. Para o propósito mencionado, — a saber, privar do poder da visão todo olho aberto que se dirigisse a ele, — a saber, enquanto essa mesma direção continuasse, — a luz comum do sol teria sido suficiente. No momento e lugar em questão, quaisquer que tenham sido, suponha que seja verdade que, embora o meio-dia fosse o horário, a atmosfera estava nublada, e de tal forma nublada, que sem algo feito para o

propósito, uma luz produtiva de tais efeitos não poderia ter sido produzida. Ainda assim, para esse propósito, um corpo de luz especialmente criado diferente daquele do sol, e excedendo-o em intensidade, não poderia ser necessário. A remoção de uma única nuvem teria sido amplamente suficiente: — uma única nuvem, e uma muito pequena.

Mas se a luz fosse realmente uma luz criada para esse propósito, e mais brilhante que a do sol; circunstâncias tão importantes não deveriam ter sido omitidas na narrativa padrão.

Aqui, então, há uma deficiência no padrão[Pág. 16] narrativa, e essa deficiência, como já observado, é indesculpável, ou uma redundância no relato subsequente: uma redundância, cuja causa parece suficientemente óbvia: uma redundância — naquele relato que, sendo premeditado por parte do historiador, é dado por ele como sendo premeditado por parte do orador, a quem ele representa como quem o entrega: uma redundância — e isso em uma palavra, uma falsidade: uma falsidade, e com que propósito? — para enganar: o herói representado por seu historiador como usando esforços para enganar.

2. *Diálogo.* Segundo Atos, o Diálogo continha cinco discursos: a saber, 1. O discurso da voz; 2. De Paulo; 3. Do Senhor, cuja voz, Paulo e seu historiógrafo[5] , pelo que a experiência não diz, sabia que a voz era; 4. De Paulo; 5. Do Senhor. Em Paulo 1º, os discursos são os mesmos em número, ordem e, exceto em uma frase sobre chutar contra os espinhos, quase os mesmos em termos. Mas em Paulo 2d, o número de discursos não é mais do que três: e, como será visto abaixo, do último o significado é amplamente diferente daquele de qualquer um dos relatados nos outros dois relatos.

3. *Caindo no chão.* Por Atos e Paulo 1º, por Paulo somente foi essa prostração experimentada. Por Paulo 2º, por seus inúmeros companheiros, por toda a companhia deles, bem como por ele mesmo. Deficiência aqui da parte do padrão

apropriado; assim, no caso do discurso não estudado. No discurso estudado, ele é suprido.

4. *Linguagem da voz.* Por Atos e Paulo 1º, da linguagem nada é dito. Deficiência, como em[Pág. 17] o caso mencionado por último; a saber, na história regular e no discurso não estudado. No discurso estudado é fornecido. Efeito de palco maior. Agripa, a quem foi mais particularmente endereçado, sendo, sob o vice-rei romano, uma espécie de rei dos judeus, — o que parece ter ocorrido ao historiador é — que poderia ser uma espécie de gratificação para ele ser informado, que sua própria língua, o hebraico, era a língua que, nesta ocasião, foi empregada por aquela voz, que por Paulo, por quem nunca tinha sido ouvida antes, foi imediatamente entendida como sendo do Senhor; *ou seja* , de Jesus; *ou seja,* de Deus. O caráter, no qual Paulo foi nesta ocasião trazido por seu historiógrafo ao palco, sendo o de um orador consumado, provido de todas as suas graças, — este elogio estava entre os demais colocados em sua boca. Além disso, por Jesus nenhuma língua, por qualquer coisa que pareça, além do hebraico, tendo sido falada, portanto o relato se tornou mais consistente ou credível.

5. *Chutando contra os espinhos.*[6] "Difícil para ti recuar contra os espinhos." Por Atos, esta expressão proverbial é empregada pela voz, assim que se descobre ter sido a do Senhor. No discurso suposto e apressado, não estudado, ela é abandonada. Isto é bastante natural. Em Paulo 2d — naquele discurso estudado, ela é empregada: ela está ali entre as flores.

6. *Os Mandamentos do Senhor.* Mandamentos entregues a Paulo pelo Senhor. Sob este título há uma diferença desastrosa; uma triste contradição. Por Atos,[Pág. 18] a ordem é para Paulo ir para Damasco: ali ele para. Segue imediatamente um artigo de informação, que é, que naquele tempo e lugar não há informação para ele; mas que, mais cedo ou mais tarde, algumas estarão prontas para ele. Depois que ele chegar a Damasco, lá, por alguém ou outro,

será dito a ele, é dito, o que ele deve fazer. Assim também em Paulo 1º, no discurso não estudado, ele deve, da mesma forma, aprender não apenas o que deve fazer, mas tudo o que deve fazer. Por fim, vem Paulo 2d, o discurso estudado. Quando o historiador chegou a este ponto de sua história, ele havia esquecido que, de acordo com seu próprio relato do assunto, nenhuma informação, durante a cena da estrada, foi dada a Paulo pela voz do Senhor; por aquela voz que era tão bem conhecida por ser do Senhor. Para que o suposto discurso estudado, por cujos encantos o favor do Rei foi tão felizmente conquistado, pudesse ser ainda mais impressionante, ele faz seu orador, em contradição direta com o relato que, na ocasião anterior, havia sido feito por ele (o historiador), entrar, no mesmo local, em todos os detalhes das ordens do Senhor.

Quando chegou o momento de compor esse suposto discurso estudado, o historiador, ao que parece, esqueceu a visão de Ananias, aquela visão subsidiária, à qual chegaremos em breve, contendo uma promessa adicional dos mandamentos e instruções do Senhor; e que, afinal, a menos que seja por esse discurso estudado que eles devem ser considerados como dados, não são dados por ele em lugar nenhum.

7. *Os companheiros de Paulo — sua postura.* Conforme Atos, embora ele tenha caído, eles resistiram. Conforme Paulo 1º, não é dito se eles caíram ou resistiram. Conforme Paulo 2º, eles caíram. O suposto relato oratório estudado está aqui em total contradição com o histórico.

[Pág. 19]

8. *Os companheiros de Paulo — sua audição ou não.* Por Atos, eles não apenas viram a luz, mas ouviram a voz. Por Paulo 1º, eles NÃO ouviram a voz. No suposto discurso apressado e não estudado, o relato oratório é feito para contradizer o histórico. Neste particular, qual dos relatos era verdadeiro? Se o histórico, a pressa deve, no oratório, ser o pedido de desculpas, não apenas pela incompletude, mas

pela incorreção. Em Paulo 2d, nada é dito sobre eles ouvirem ou não ouvirem.

Supondo que a história em qualquer um dos relatos tivesse alguma verdade, havia um caso intermediário, tão completamente possível e natural quanto qualquer um desses extremos e mutuamente contraditórios. Pode ter sido que, enquanto alguns se mantiveram firmes, outros caíram. E quanto maior o número, maior a probabilidade desse caso intermediário. Mas quanto ao número deles, tudo é escuridão.

9. *Os companheiros de Paulo — se ouviram, o que foi que ouviram.* Se ouviram alguma coisa, ouviram, até onde parece, o que o próprio Paulo ouviu. De acordo com Atos, é depois da ordem dada a Paulo para ir para Damasco — com a promessa sobre isso, que ali e então, e não antes, ele deveria receber a informação que deveria receber; é depois da declaração feita de que ele ouviu tudo isso da voz, que a declaração adicional vem, declarando que foi pelos companheiros de Paulo também que essa mesma voz foi ouvida. Mas essa mesma voz era, é dito, a voz do Senhor. Que quando a voz respondeu ao nome pelo qual Paulo a chamou, a saber, o nome de Senhor, ela parou ali, no que diz respeito aos companheiros de Paulo; — e que reservou o que se seguiu, a saber, a ordem acima mencionada com a promessa, para o único ouvido de Paulo; verdade é que isso pode ser *imaginado*[Pág. 20] assim como qualquer outra coisa: mas de qualquer forma não é *dito* .

Se Paulo 2d — o relato oratório estudado — for acreditado, todas as informações para a comunicação da qual esse milagre foi realizado foram, como se verá, comunicadas aqui na estrada: a saber, imediatamente após a voz ter sido chamada por ele Senhor. *Mas* , se esse foi o caso, e, como acima, os companheiros de Paulo ouviram tudo o que ele ouviu, — então é assim que a revelação foi feita tanto para eles quanto para ele; — essa revelação, com base na qual o veremos se colocando acima de todos os apóstolos; ele mesmo e aquele Evangelho próprio, que ele diz ser seu, e

nenhum deles. Agora, então — esses companheiros — foi pela mesma missão que a dele que eles foram, a saber, trazer em cadeias para Jerusalém todos os cristãos de Damasco? Se sim, ou se por qualquer outro motivo eles estavam em condições de precisar de conversão, — eles foram convertidos tanto quanto ele; ou então, no que lhes dizia respeito, o milagre foi jogado fora. Companheiros como eram dele, eram ou não eram respectivamente seus assistentes? Assistentes indo sob suas ordens, e na mesma missão? A menos que, pelos governantes de Jerusalém, da parte dos governantes de Damasco, tanto a vontade quanto o poder fossem dependentes, como adequados à tarefa de apreender os seguidores de Jesus e enviá-los presos a Jerusalém, tais companheiros deveriam ter sido, cada um deles — supondo sempre da parte deste prestes a ser apóstolo uma prudência comum: aquele tipo e grau de prudência com que nenhum policial comum é desprovido. Algumas pessoas sob suas ordens ele deve ter tido, ou ele nunca poderia ter sido enviado em uma missão tão extensiva e fortemente coercitiva.

Esses companheiros, se, nesta ocasião, algum deles[Pág. 21] ou quaisquer outros companheiros que ele tivesse, cada um deles tinha um nome. Para esta visão, tal como era, eles sendo cada um deles respectivamente, assim como ele, seja no caminho da visão e audição ambos, ou no caminho da visão somente, testemunhas percipientes, seus nomes, no caráter de tantas testemunhas percipientes, prontas em cada ocasião apropriada para responder no caráter de testemunhas *relatoras* , teriam sido de grande utilidade: de utilidade, se fosse apenas para dar a esta história um pouco mais de substância do que ela tem na forma em que a vemos.

Quanto a Ananias — o suposto ator principal na cena ao lado de Paulo — para ele, de fato, supondo que tal pessoa tenha existido, um nome, é visto, foi encontrado. Mas, com vista a qualquer propósito de evidência, quão pouco esse nome equivalia, será visto da mesma forma.

Nesta visão de Paulo, como é chamada, — foi vista alguma pessoa, ou qualquer coisa além de luz — luz ao meio-dia? Não; positivamente nenhuma pessoa, nem, até onde parece, a luz exceto, qualquer coisa que seja. Por Atos, cap. ix:8, quando "seus olhos foram abertos," — assim é expressamente dito, — "ele não viu homem algum." Isto foi depois que ele caiu na terra; pois foi depois que ele se levantou da terra. Mas, foi antes que ele caísse na terra, e então ouvisse a voz, que, de acordo com este mesmo relato, ele viu a luz extra — a luz criada para o propósito: e, visto que na conclusão do diálogo com os cinco discursos nele — visto que na conclusão dele, tal foi o efeito produzido sobre ele pela luz, a ponto de torná-lo naquele momento completamente cego, exigindo ser conduzido pela mão, não poderia ter sido menos eficaz desde o início. Segundo Atos, neste estado ele continua até Damasco, e por[Pág. 22] três dias após sua chegada lá. Assim também no suposto discurso não estudado, Paulo 1º. Mas no discurso estudado, Paulo 2º, não há cegueira; a cegueira é esquecida ou descartada.

Mas a circunstância curiosa é que ele foi conduzido pela mão — todo o caminho até Damasco conduzido pela mão: — conduzido pela mão por esses mesmos companheiros. Agora, esses mesmos companheiros, como foi que eles foram capazes de conduzi-lo pela mão? Tudo o que ele viu foi a luz, e por essa luz ele foi cegado. Mas tudo o que ele viu eles viram: essa mesma luz eles viram tão bem quanto ele. Essa mesma luz, então, pela qual ele foi cegado — eles não foram cegados da mesma forma por ela? Era um privilégio — um privilégio reservado para um favorito escolhido — um privilégio que custou um milagre para produzir — ser cegado quando ninguém mais foi cegado?

Cegos então como estavam, como ele veio a ser guiado por eles, mais do que eles por ele? Podem os cegos guiar os cegos? Que Jesus responda. Não cairão ambos no fosso?

Oh! mas (diz alguém) é somente em Paulo 1º,—no suposto discurso não estudado de Paulo, que o historiador os faz ver

a luz que Paulo viu. Resposta. Verdade: mas nem em sua própria pessoa ele diz o contrário. Quanto à visão deles, tudo o que ele diz é que *eles* não viram homem algum, "ouvindo uma voz, mas não vendo homem algum." (ver. 7.) Mas pelo mesmo relato, (ver. 8.) "Quando *seus* olhos foram abertos, ele não viu homem algum;" de modo que, embora no que ele diz em sua própria pessoa o historiador não mencione isso que ele menciona, falando na pessoa de Paulo,—ainda assim ele não o contradiz.

10. *Os companheiros de Paulo. Que parte, se alguma, eles tomaram na conversa?* Por Atos, eles ficaram sem palavras: e é depois que o diálogo foi relatado,[Pág. 23] que isso é afirmado. No discurso não estudado, nada é dito sobre o discurso deles. No discurso estudado, com referência a eles, nenhuma menção é feita ao discurso; mais do que à visão ou audição.

Mas, visto que, de acordo com Atos, tudo o que Paulo viu e ouviu, eles viram e ouviram igualmente; como aconteceu que, por nenhum deles, nem mesmo uma palavra, em uma ocasião tão interessante para todos, foi dita — ou uma pergunta feita? Para ter certeza, era somente a Paulo, que pela voz, de quem quer que fosse, qualquer endereço era feito. Era sua preocupação: — somente dele, e de nenhum deles.

Assim, de fato, alguns podem pensar; mas, outros em sua situação, naturalmente podem pensar de outra forma. Mais cedo ou mais tarde, de qualquer forma, eles recuperariam o que quer que tenham perdido: visão, se visão; fala, se fala. Sempre que recuperada, a fala passaria a ter apenas a maior liberdade, pela restrição que, por um tempo, havia sido colocada sobre ela: abrangeria todo o negócio, incluindo quaisquer segredos dos quais Paulo havia sido colocado em posse: a comissão, a comissão abrangente e encarceradora que lhe fora confiada pelos governantes, e a promessa não cumprida que lhe fora feita pela voz, que sendo ao meio-dia, acompanhada por uma luz extraordinária, era, naturalmente, a voz do Senhor. Essas coisas naturalmente, por esses seus

companheiros, teriam sido convertidas de segredos em conversa fiada.

Não, mas (diz alguém) embora se *diga* que ele não viu nenhum *homem* , *não* é dito que ele não viu o Senhor: e em outro lugar ele pode ser visto dizendo - dizendo nos termos mais positivos, que ele viu o Senhor[7] . E[Pág. 24] se ele viu o Senhor em algum lugar, por que não aqui e em qualquer outro lugar?

" *Não vi nenhum homem.* " Sim: assim diz a versão em inglês. Mas o original é mais abrangente: —Não vi nenhuma pessoa, diz o original: isto é, para falar literalmente, não vi ninguém do gênero masculino. Ninguém o quê? Nenhuma pessoa deste gênero: é isso que a palavra significa, se é que significa alguma coisa. Nenhuma pessoa; e, portanto, nenhum Senhor: nenhum Deus; se assim for, quando aplicada para denotar Deus, a palavra pessoa significa Deus, ou como alguns dizem, uma parte de Deus.

Observe, da mesma forma, que quando os companheiros são mencionados, tanto na tradução quanto no original, o objeto ao qual a negativa é aplicada é expresso pela mesma palavra de quando ele, Paulo, é mencionado.

SEÇÃO 3.

VISÃO II.—DE ANANIAS.

TÓPICO 1. — *Descrição de Ananias.*

Da visão em si, havendo apenas um relato, por essa unicidade a discordância é salva.

Mas, da descrição pertencente a Ananias, há dois relatos. Um histórico, como antes: o outro, o relato oratório não premeditado supostamente dado por Paulo no primeiro de seus dois supostos discursos, como acima; e, sendo assim dado espaço para discordância, — discordância, como é claro, entra — ou, pelo menos, uma forte suspeita dela.

Segundo Atos, Ananias é um discípulo: um discípulo, a saber, um cristão; um discípulo imediato de Jesus ou de seu[Pág. 25] Apóstolos: pois, tal é o significado atribuído à palavra *discípulo* nos Atos: tal seria, naturalmente, entendido como tal nesta ocasião; pois, de outra forma, a palavra seria atípica e insignificante.

Materialmente diferente é a descrição que Paulo supostamente deu deste mesmo Ananias naquele mesmo discurso supostamente não premeditado; tão diferente que não é sem esforço, se é que por algum esforço, reconciliável com ele.

Ele é agora um discípulo de Jesus e dos Apóstolos; daquele Jesus, por quem a lei, *ou seja* , a lei Mosaica, foi, após tal exposição repetida de sua inaptidão, pronunciada obsoleta. Ele agora não é apenas falado como sendo, não obstante esta conversão, um homem devoto de acordo com aquela mesma lei; mas, além disso, como tendo um bom relatório de todos os judeus que habitavam lá, a saber, em Damasco. Dos judeus? Sim; de " *todos* " os judeus.

Se, apesar de sua conversão a uma religião pela qual a dos judeus foi menosprezada e declarada substituída, ele ainda estava tão feliz a ponto de ser o assunto deste bom *relatório* , que é o mesmo que dizer — de uma opinião correspondentemente unânime; este, ao que parece, teria sido o homem que pregaria a eles essa religião: especialmente se aquela parte da história fosse verdadeira, segundo a qual ele se distinguia pelo mesmo tipo sobrenatural de comunicação; este homem, que já era um cristão, este homem, e não Paulo, que de todos os opositores do cristianismo tinha sido o mais feroz e o mais travesso, naturalmente teria sido o homem a receber a comissão sobrenatural. Supondo que sua visão fosse real, e os relatos dela verdadeiros, nenhuma dificuldade, racionalmente falando, ele poderia ter encontrado em obter credibilidade para ela nas mãos dos apóstolos: aqueles[Pág. 26] Apóstolos, em cujas mãos, do começo ao fim, se verá,

nunca foi o destino de Paulo, com *sua* visão ou visões, obter credibilidade.

O público, diante do qual esse discurso deveria ser feito, de quem ele foi composto? Com exceção de alguns romanos, para os quais provavelmente era ininteligível, a não ser por acidente, todos judeus; e esses — ninguém pode dizer em que proporção, provavelmente em muito maior número, judeus não cristianizados. Daí então o tipo de caráter, que a ocasião e o propósito exigiam, deveria ser dado, a esse suposto conhecimento milagrosamente formado da pessoa que, com base na força desse conhecimento, deveria ser contada entre os apóstolos.

TÓPICO 2. — *Modo de conversação.*

Por esta visão é produzido um diálogo. Interlocutores, o Senhor e Ananias. No curso do diálogo, discursos cinco: dos quais, pelo Senhor, três; os outros dois por Ananias.

Em e pelo primeiro par de discursos o Senhor chama o homem pelo seu nome: o homem responde, Eis, diz ele, estou aqui, Senhor. Na tradução em inglês, para expiar a concisão muito grande do original grego, as palavras " *estou aqui* " não são interpoladas indevidamente. Dar a essa suposta relação sobrenatural o que lhe pareceu um molde natural — um molde adequado à ocasião — parece ter sido o objetivo do historiador na composição deste diálogo. Mas, sobre um corpo tão sobrenatural, uma coloração natural, pelo menos uma coloração como essa, não parece se encaixar tão completamente quanto se poderia desejar. Na estrada, quando a voz — que acabou sendo a do Senhor, isto é,[Pág. 27] sendo interpretado, de Jesus, — dirigiu-se a Paulo, sendo esta a primeira relação, havia uma necessidade para que se declarasse, para que declarasse de quem era; e a declaração foi feita de acordo. Aqui, por outro lado, assim que Ananias se ouve chamado por seu nome, ele sabe quem é a pessoa por quem ele é assim abordado. Tomada como está, uma resposta tão rápida

inclui a suposição de uma relação já estabelecida. Tal relação suposta — de que maneira em ocasiões anteriores ela havia sido realizada? Colocando tal ocasião anterior fora de questão — de que maneira ela deveria ser realizada na ocasião aqui em questão? Na ocasião de sua visita a Paulo, — o Senhor, a quem quer que ele tenha sido audível, nunca tinha, do início ao fim, como vimos, sido visível. Na ocasião desta sua visita a Ananias — o Senhor era apenas audível, ou apenas visível, ou ambos audível e visível? Se fosse audível e visível, ou mesmo se fosse apenas visível, o modo de revelação era mais favorável a esse personagem secundário e praticamente desconhecido do que ao principal.

Entre mortal e mortal, quando é o desejo de um homem ter comunicação pessoal com outro que ele supõe estar ao alcance da audição, mas que não está em sua vista ou não está olhando para ele, — ele o chama pelo nome; e em sinal de ter ouvido, o outro responde. De homem para homem, tal informação é realmente necessária; pois — que a atenção necessária tem lugar onde é seu desejo que ela tenha lugar, o interlocutor humano não tem outros meios de saber. Não considerando que a pessoa a quem a informação deve ser transmitida é um tipo de pessoa a quem nenhuma informação desse tipo poderia ser necessária, o historiador representa seu Ananias como dando ao Senhor, como se a um[Pág. 28] mero mortal, informação de sua presença. Eis, Senhor! Estou aqui.

TÓPICO 3. — *Comandos e informações do Senhor: A falta de particularização é uma circunstância desprobatória.*

A conversa sendo assim iniciada, os interlocutores procedem aos negócios. Em discurso, o 3º Senhor entrega a Ananias, o judeu devoto, uma ordem, e então uma informação. A ordem é — para reparar em um lugar ali descrito, e encontrar Paulo: a informação é — que no

momento então presente Paulo está orando; e que, em um ponto anterior do tempo não designado, ele teve uma visão.

No comando, a designação do lugar traz, à primeira vista, a aparência daquele tipo e grau de particularidade, cuja exigência é, nestes dias, em que visões genuínas nunca são exemplificadas, questão de curso, em todas as ocasiões em que é a real intenção, daqueles de quem depende, que através do meio de testemunho pessoal a verdade deve ser extraída. Em todas essas ocasiões, o objeto em questão, seja um evento ou um estado quiescente de coisas, é tentado a ser individualizado: e, para a produção desse efeito, a porção individual do espaço e a porção individual do tempo são tentadas a serem trazidas à vista juntas.

Na ocasião aqui em questão, em direção à individualização da porção do espaço, alguma abordagem é feita: a cidade sendo conhecida de antemão, a saber, Damasco, a *rua* é particularizada; é a rua chamada *Straight* : como em Westminster temos *Long-ditch* , e em Londres *Crooked-lane* . Além disso, a *casa* é particularizada; é a casa de Judas. Para isso, Judas tinha qualquer uma dessas marcas de distinção[Pág. 29] foi adicionado, o que naquela época e nação achamos ter sido comum, — como no caso do muito notório Judas Iscariotes, *ou seja* , o habitante de Iscara, e no de Judas Barsabás, *ou seja* , o filho de Sabas, ou, como diríamos, Sabasson, não muito depois mencionado, Atos 25:22, — teria sido alguma coisa. Mas, destituído de tal adjunto limitativo, *Judas* por si só não era nada. Naquela época e país, mesmo sem contar traidores notórios, nunca houve falta de Judas. Não inferiores em abundância foram Ananiases: nos Atos temos três deles; — este habitante privado de Damasco: o Sumo Sacerdote, cuja sede era em Jerusalém; e o marido de Safira: e em Josefo eles competem em abundância com os Joãos e Jesuses.

Mas, na ocasião em questão, e para o propósito em questão, embora um adjunto distintivo como o acima tivesse feito alguma coisa, teria feito muito pouco. No campo do tempo, — vinte e sete anos pelo menos, e não sabemos quanto

mais, de acordo com a cronologia recebida, foi a distância entre o evento em questão, e o relato dado sobre ele nesta história. Nem em Damasco nem em Jerusalém existia algo como um jornal, — nem mesmo um jornal escravizado, em existência; não, nem mesmo uma prensa tipográfica, — nem mesmo uma prensa tipográfica escravizada. Para escrever, os materiais eram caros; e a caligrafia era o único modo de cópia. A publicação não era, como sob a prensa tipográfica, promíscua: a menos que por acidente, por um período de tempo indefinido, em nenhuma outra mão qualquer cópia encontrasse seu caminho, além daqueles dos amigos confidenciais do autor, ou amigos separados do autor por um número maior ou menor de remoções, como poderia acontecer; mas todos eles ligados uns aos outros pelos laços de amizade e unidade de princípios e práticas.

[Pág. 30]

Em uma capital como Damasco, a Straight Street poderia ter sido tão longa quanto a Oxford Street; e, a menos que o estilo de construção naqueles primeiros dias tivesse muito mais conveniência e luxo do que nestes últimos dias, era muito mais lotada. Imagine um homem a esta hora do dia, indo para a Oxford Street com a intenção de encontrar a casa, na qual, trinta anos atrás, um homem chamado Brown ou Smith tinha sua residência, a saber, em algum dia indeterminado, do número daqueles incluídos dentro do espaço de um número indeterminado de anos; e isso, com o propósito de verificar se, neste dia indeterminado, e por este Smith ou este Brown, uma visão, não vista por ninguém mais, havia sido vista. Suponha que um homem em Roma partisse em tal missão — e então diga qual seria o provável resultado disso.

TÓPICO 4. — *Visão relatada a Ananias pelo Senhor como tendo sido vista por Paulo.*

Do relato então dado desta visão anterior, o caráter é muito notável para ser dado, por assim dizer, em um parêntesis: é,

portanto, referido a um cabeçalho separado. Atos ix. 12. "E Paulo viu em uma visão um homem chamado Ananias entrando e impondo-lhe a mão para que recuperasse a vista."

TÓPICO 5. — *Objeção de Ananias às ordens do Senhor para visitar Paulo — Ele informa ao Senhor o que ouviu sobre Paulo.*

Pelos dois primeiros discursos deste diálogo, somos levados a entender que Ananias já havia tido relações com o Senhor; uma relação que, considerando a natureza das duas partes, não poderia ter sido outra senão uma relação sobrenatural: sim, e sobre este mesmo assunto: pois, se não fosse sobre este assunto particular,[Pág. 31] assunto, o assunto dele, qualquer que fosse, não poderia deixar de chamar atenção e comunicação. Mas, assim que este próximo discurso começa, somos levados a entender que não havia — não poderia ter havido tal intercurso: pois se houvesse, o que se segue teria sido tornado inútil e desnecessário. Ao receber a ordem, o primeiro pensamento de Ananias é — tentar se desculpar de prestar obediência a ela; pois neste esforço é que ele dá ao Senhor uma informação; a saber — do que, em relação ao caráter de Paulo, ele (Ananias) tinha ouvido. Atos 9. 13: "Então Ananias respondeu: Senhor, tenho ouvido de muitos a respeito deste homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém. E aqui ele tem autoridade dos principais sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome." Assim, então, comandos conhecidos por terem sido do Senhor, tendo sido recebidos naquele instante, — o homem por quem eles foram recebidos — tão pequena é a confiança depositada no Senhor por este seu discípulo favorecido — em vez de prestar obediência a eles, responde-os com uma objeção. Esta objeção, preparada para ela ou não, o Senhor, como bem poderia ser esperado, imediatamente anula.

Uma questão que aqui se apresenta é: já que foi de *muitos* , ou seja, *de muitos homens* , que Ananias ouviu, não apenas

o que todos ouviam há semanas, meses ou anos, a saber, do mal que Paulo estava fazendo aos santos de Jerusalém, mas da autoridade que ele havia recebido tão recentemente, para prender em Damasco todos os santos de Damasco que ele pudesse encontrar — já que foi de tantos, quem eram então esses muitos? Como foi que, no intervalo de três dias (v. 9), durante os quais Paulo permaneceu sem visão ou nutrição, uma comissão — para cuja execução o segredo era tão obviamente necessário — havia[Pág. 32] a tal ponto transpirado? Suponha que o segredo tenha transpirado assim — dois resultados estariam, em qualquer estado natural e credível das coisas, entre as consequências. As pessoas assim devotadas à destruição teriam escapado; a comissão pela qual somente os supostos procedimentos contra elas poderiam ter encontrado uma justificativa ou uma causa, não tendo sido entregue. Por outro lado, ouvindo que Paulo estava lá, e que ele estava, ou fingia estar, na casa em questão, ou em alguma outra, na condição extraordinária acima descrita — as pessoas mencionadas nos Atos sob o nome de *Sinagoga* , não o teriam deixado lá, mas o teriam convocado diante delas e, se ele realmente tivesse tal comissão, teriam feito com que fosse produzida e lida: convocado diante delas, não apenas Paulo com sua suposta comissão, mas aqueles companheiros dele dos quais já ouvimos falar, se é que ele tinha algum[8] .

[Pág. 33]

Mas sobre estes haverá ocasião de falar em outro lugar.

TÓPICO 6. — *A Resposta do Senhor, evitando a objeção e dando indícios de seus desígnios em favor de Paulo.*

Esta objeção, assim que o Senhor a anulou, ele se compromete a respondê-la e a explicar a este seu antigo discípulo tão singularmente favorecido as intenções que ele havia formado em favor de seu pretendido novo convertido, cuja conversão está, no entanto, ainda em andamento (v. 14): "Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim

um vaso escolhido, para levar o meu nome perante os gentios, e reis, e os filhos de Israel; porque (continua o Senhor) eu lhe mostrarei quanto lhe importa padecer pelo meu nome." Sendo, e portanto, no momento da visão de Paulo pretendendo ser, em relação aos seus desígnios para Paulo, assim comunicativo a este mesmo Ananias, que é um perfeito estranho para este mesmo Paulo, com que propósito, na ocasião de sua suposta relação visionária com Paulo, *o Senhor* deveria ter parado; reservando a comunicação, para a intenção de dá-la a ele de segunda mão pela boca daquele mesmo estranho? Esta é uma das inúmeras perguntas que um relato deste tipo dificilmente deixaria de apresentar a qualquer mente curiosa.

Enquanto isso, quanto ao Senhor ter parado assim, veremos que isso está em total contradição com o relato que o historiador o faz dar em seu suposto segundo discurso relatado, a saber, o suposto premeditado, falado diante de Agripa, que, sob o procônsul Festo, era rei dos judeus, e que, naquela ocasião, é mencionado como sendo assessor do dito procônsul Festo. Naquela ocasião, o Senhor é representado como se explicando mais completamente ao próprio Paulo, do que aqui, para o benefício de Paulo, por meio de Ananias.

[Pág. 34]

SEÇÃO 4.

ANANIAS: SUA VISITA A PAULO EM DAMASCO.

Chegamos agora à visita que, como devemos entender, foi, na realidade, feita a Paulo por Ananias, em consequência dessa visão, em obediência à ordem que se imagina ter sido dada nela.

Note que, embora, no original — na *visão inclusiva* , como pode ser chamada — o comando é dado para indagar na casa em questão pela pessoa (Saulo) em questão, — este

é *todo* o comando que, naquela menos visionária das duas visões, é entregue. Em primeira instância, fazer o inquérito e, em conclusão, seguir seu caminho — isto é tudo a que os comandos dados a ele de forma direta se estendem. Para realizar o objetivo desta relação — fazer qualquer coisa em relação a ela além de fazer este inquérito — ele tem que pegar dicas e tirar inferências: — inferências do discurso do Senhor, que é assim continuado, Atos 9. 12: "E (Paulo) *viu em uma visão* um homem chamado Ananias entrando e impondo a mão sobre ele para que ele pudesse receber sua visão." De ter sido informado do que — em uma visão, a saber, esta *visão contida ou incluída* — este mesmo Paulo tinha *imaginado tê* - lo visto (Ananias) fazer — disto ele deveria concluir que era a vontade do Senhor que ele (Ananias) fizesse *na realidade* aquilo que Paulo tinha imaginado que ele tinha feito; embora o único efeito, para cuja realização se tinha imaginado ter sido realizado, nunca tivesse sido produzido. Isto era o que ele deveria concluir ser a vontade do Senhor; embora o Senhor[Pág. 35] ele mesmo, que (se é que alguma pessoa) deveria saber falar claramente e sem perigo de mal-entendidos, absteve-se de lhe dizer isso.

Por ocasião desta importante visita — esta visita de Ananias a Paulo — a dupla luz — a luz lançada pelo primeiro dos dois relatos oratórios — a saber, o supostamente não premeditado, sobre o histórico — recomeça.

Segue agora — e de ambas as fontes — o relato da entrevista e da cura realizada no decorrer dela.

RELATO DE ATOS.—Cap. ix. ver. 17-22.

E Ananias foi, e entrou na casa; e impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor *Jesus* , que te *apareceu* no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver *e sejas cheio do Espírito Santo* . — E imediatamente caíram de seus olhos como se fossem *escamas* ; e ele recuperou a vista imediatamente, e se levantou, e *foi batizado* . — E,

tendo comido, ficou fortalecido. Então Saulo esteve *alguns dias* com os discípulos que estavam *em Damasco* . — E logo nas sinagogas *pregava a Cristo, que este era o Filho de Deus. — Mas todos os que o* ouviam se admiravam, e diziam: Não é este o que destruía em Jerusalém os que invocavam este nome, e para isso veio aqui, para os levar presos aos principais sacerdotes? — Mas Saulo *se fortalecia cada vez mais* , e *confundia os judeus* que habitavam em *Damasco* , provando que este era o verdadeiro Cristo.

RELATO DE PAULO. — ATOS , cap. xxii. ver. 12-16.

12. E um certo Ananias, homem piedoso conforme a lei, que tinha bom testemunho de todos os judeus que *ali* habitavam , veio a mim, e se pôs em pé, e me disse: Irmão Saulo, recupere a visão. E na mesma hora olhei para ele. E ele disse: O Deus de nossos pais te escolheu para que conheças a sua vontade, e vejas *aquele* Justo, e ouças a voz da sua boca. Pois serás sua testemunha a todos os homens do que tens *visto* e ouvido. E agora, por que te demoras? Levanta-te, e *batiza-te* , e lava os teus pecados; invocando o nome do Senhor.

[Pág. 36]

TÓPICO 1. — *Sobre a visita a Paulo, Discurso Introdutório de Ananias — Recital Preliminar.*

I. No relato histórico, o discurso tem várias partes distinguíveis.

I. "Irmão Saul."

Primeiro vem o endereço, no qual Saulo, o futuro Paulo, é abordado pelo discípulo Ananias pelo nome de *irmão* . Se, como entre judeus, esta era uma forma comum de saudação, — até aqui tudo está em ordem. Mas, se fosse apenas em consideração a ele ter sido denominado discípulo, a saber, de Jesus, — a saudação é um tanto prematura: a conversão, supondo que tenha sido efetuada,

é, de qualquer forma, ainda não declarada. Não apenas no relato histórico esta denominação é empregada, mas também no oratório.

Sendo assim, a atenção de Paulo despertada por seu visitante, é feita menção ao propósito da visita.

I. Em primeiro lugar, vem um recital. "O Senhor (diz ele), mesmo Jesus, que te *apareceu* no caminho por onde vinhas, me enviou".... Infelizmente, de acordo com o próprio historiador, essa afirmação, como já vimos, não é verdadeira. De nenhuma maneira ou forma o Senhor Jesus, ou qualquer outra pessoa, fez sua aparição; — tudo o que *apareceu* foi a luz — a luz do meio-dia: então ele estava apenas escrevendo, e antes que a tinta, se tinta era a que ele usava, estivesse seca, ele já a havia esquecido.

Isto, porém, é apenas uma afirmação colateral: um relato, um episódio, uma questão de *incentivo* , como diria um advogado inglês.

TÓPICO 2. — *Propósitos ou objetos declarados da visita.*

Propósito o primeiro. "Para que possas", diz[Pág. 37] Ananias, "recebe tua visão". Assim diz Ananias no relato histórico: no suposto oratório ele é mais conciso. Nenhuma suposta ocorrência passada é referida:—nenhum propósito declarado. "Recebe tua visão" são as palavras.

Propósito o segundo. Que tu possas "ser cheio do Espírito Santo", diz o relato histórico. Mas em uma passagem subsequente qual é o propósito, que, no suposto relato oratório Ananias é feito para falar, no desígnio de que deveria ser tomado para o propósito que o Senhor por seu mandamento pretendia que fosse cumprido? Não o ser cheio do Espírito Santo; apenas o ser batizado. "E agora, por que te deténs? (Atos xxii. ver. 16) Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor." Bem, mas (diz alguém) receber o Espírito Santo e ser batizado, — por essas duas expressões, não é um, e não mais do que um efeito — um e o mesmo efeito — a ser entendido? Não, na

verdade, se o próprio historiador for acreditado. Vire para outro capítulo — o capítulo imediatamente anterior a este, Atos 12 a 17, e lá você verá que ser batizado era uma coisa, receber o Espírito Santo era outra coisa, e muito mais. Para administrar a cerimônia do batismo, um único apóstolo, Filipe, era suficiente: enquanto que, para fazer com que o Espírito Santo fosse recebido, nada menos era necessário do que a cooperação de dois apóstolos, e esses dois comissionados pelos demais.

Tão séria sempre foi, segundo este historiador, a diferença, que foi depois de já ter sido batizado, e batizado gratuitamente em uma multidão, que pelo poder de conferir este benefício, qualquer que fosse a sua composição, o feiticeiro Simão fez aos dois apóstolos, aquelas ofertas — aquelas ofertas pecuniárias — que[Pág. 38] são ditos terem sido feitos e rejeitados. Atos 13 a 24.

TÓPICO 3. — ***Efeitos Reais da Visita, e a Aplicação em consequência feita no curso dela.*** **Efeito 1.** ***Escamas caem dos Olhos, e a Visão é recebida em consequência.***

Na narrativa histórica, o efeito é tão completo quanto notável. Cai de seus olhos uma porção de matéria da natureza ou semelhança de escamas: com o que ele recebe a visão imediatamente.

No suposto relato oratório, o que quer que tenha sido entendido por escalas, nada é dito sobre elas. Nem a declaração feita da completude do caso é tão explícita. Um olhar que ele deu — deu ao seu cirurgião milagroso — e em vez de ser dado imediatamente — para dar esse olhar era necessário, ao que parece, se não uma hora inteira, pelo menos um pouco menos, que qualquer tempo menor que uma hora não poderia — tal, nesse suposto discurso não premeditado, era a ansiedade sentida pela correção — não poderia ser ousado a ser particularizado.

Quanto mais de perto essas escamas, ou coisas que se assemelham a escamas, forem observadas, mais difícil será descobrir que elas valem alguma coisa. Em nenhuma cura, realizada sobre os olhos de qualquer forma natural, nestes nossos dias — sobre olhos que perderam a visão — quaisquer escamas caem, ou qualquer coisa em qualquer grau que se assemelhe a escamas; — em nenhuma desordem dos olhos, conhecida por ter lugar nestes nossos dias, escamas, ou qualquer coisa parecida com escamas, vêm sobre os olhos. Ao tirar matéria dos olhos, a visão, é verdade, é restaurada de vez em quando: mas esta matéria não é matéria, estranha em relação ao olho e exterior a ele; mas uma das partes componentes chamadas *humores* do olho, que, ao perder sua transparência tendo suspendido o[Pág. 39] faculdade de visão, é liberada por uma lanceta; com isso, não somente a faculdade de visão é restaurada, mas a parte que havia sido extirpada também é restaurada; e sem qualquer despesa em termos de milagres.

Na suposição de falsidade, qual o uso desta circunstância? *Resposta.* Para dar suporte à concepção de que a memória e não a imaginação foi a fonte da qual a história foi derivada. É verdade que, em vez de suporte, uma circunstância exposta à contradição seria um instrumento de fraqueza: se, por exemplo, na suposição de que Paulo não tinha companheiros na estrada, nomes indicativos de pessoas realmente existentes e bem conhecidas tivessem sido adicionados, à intimação dada nos *Atos* , da existência de tais companheiros. Mas a história das balanças não foi exposta a nenhum risco: não a nenhum grande perigo, na suposição da existência do Ananias de Paulo: não a nenhum perigo, na suposição de sua inexistência.

Mas, nesta ocasião, agora novamente se apresentam — se apresentam aos olhos da mente — os companheiros de Paulo. Que eles estavam cegos, dificilmente pode ser acreditado, como foi visto, se neste assunto o próprio historiador for acreditado. Pois, conforme Atos ix. 8, "eles o guiaram pela mão:" assim, conforme Paulo 1º, Atos xxii. 11,

"Quando eu não podia ver por causa da glória daquela luz, sendo guiado pela mão daqueles que estavam comigo, cheguei a Damasco." Mas se, apesar de que *eles* também estavam cegos, como era com *seus olhos? Seus* olhos tinham escamas sobre eles? Essas escamas já caíram? — se sim, por quais meios elas foram feitas para cair? *suas* evidências não teriam sido muito, se tanto, menos impressionantes — e teriam sido muito menos abertas a suspeitas — do que as evidências de Paulo, supondo que ele tivesse falado dessas escamas — que[Pág. 40] o historiador, para quem, se for para acreditar, sua existência é tão bem conhecida, não assumiu a responsabilidade de representar Paulo como dizendo que ele fez. Mas se assim foi, que, embora tornados cegos como os de Paulo, nenhuma escama foi superinduzida, nem consequentemente feita cair, os olhos daquelas pessoas sem nome e desconhecidas, — como elas foram superinduzidas e feitas cair dos olhos de seu principal singularmente favorecido? Se, por um período de tempo mais ou menos considerável, eles realmente ficaram cegos, — foi, se o historiador for para acreditar, pela mesma causa pela qual, no caso dos olhos de Paulo, esse mesmo efeito foi produzido: — a mesma causa, a saber, uma luz extraordinária ao meio-dia. Se, qualquer que fosse o problema com eles, os olhos dessas pessoas comuns pudessem ser corrigidos sem um milagre, que necessidade haveria de um milagre para produzir o mesmo efeito desejável na pessoa desse seu líder ou mestre, extraordinário como esse mesmo líder ou mestre foi?

TÓPICO 4. — *Batismo — foi realizado? Quando, onde, por quem, etc.?*

O batismo assim falado — foi realizado? Sim: se você acreditar no historiador, falando em sua própria pessoa, falando em seu próprio relato histórico: "E imediatamente", em primeiro lugar, "Paulo recuperou a visão;" — então, quando sua visão foi recuperada, ele foi capaz de andar

como de costume, — ele se levantou e foi batizado: batizado — isto é, como desta expressão tomada por si só qualquer um concluiria — batizado, assim que se levantou, a saber, assim que água pôde ser encontrada para o propósito: aquela água, que seu convidado Ananias, prevendo o que aconteceria e o que seria feito para que isso acontecesse, poderia naturalmente ser esperada[Pág. 41] ter providenciado, e isso sem nenhuma previsão sobrenatural: em uma palavra, sem a despesa de nenhum milagre adicional de qualquer forma: a água estando assim pronta no local, e ele em igual prontidão para administrá-la.

Isto, de acordo com o historiador, falando em sua própria pessoa: mas, quando chega a hora de dar conta do assunto na pessoa do próprio Paulo — a saber, no suposto discurso oratório não premeditado — então, seja lá o que for que o tenha impedido (seja a suposta urgência da ocasião em que o suposto discurso deveria ser feito, ou qualquer outra coisa e o que mais), é que ele não dá nenhuma informação desse tipo: ele deixa o assunto em dúvida — uma dúvida que, até os dias atuais, permanece sem solução.

Um comando para esse efeito é falado como tendo sido dado: assim muito é dito. Mas, o que não é dito é—se a esse mesmo comando alguma ou qual obediência foi paga.

Assim é que, em vez de um *efeito* que parece desejado que consideremos como sendo produzido, o que vemos diretamente declarado como sendo produzido, nada mais é do que um *comando* — um comando, pelo qual, como por sua causa, devemos supor que o efeito foi produzido. O que é mais, da mesma forma cega, é-nos dada a intimação de outro efeito muito diferente — *a lavagem dos pecados* — como se fosse produzida pela primeira operação física mencionada; — a saber, por aquela de um homem ser mergulhado ou aspergido com água: e assim é que, de uma mera operação física da natureza mais trivial, somos chamados a inferir um efeito espiritual e sobrenatural da mais terrível importância; o efeito espiritual declarado como se fosse produzido pela operação física, para a qual não tem

nada perceptível.[Pág. 42] relação real — nada além da mera relação verbal assim dada a ela; produzida por ela, e seguindo-a, é claro — como se os pecados fossem uma espécie de sujeira, que, ao ser lavada, poderia ser removida tão seguramente quanto qualquer outra sujeira.[9]

E ele foi então realmente batizado? Se assim foi, então também se, falando na pessoa de seu herói, o historiador deve ser acreditado, — então também, por esta cerimônia, o nome do Senhor sendo ao mesmo tempo invocado, — então também seus pecados foram lavados; seus pecados lavados; o pecador, portanto e por meio disso, colocado no mesmo caso como se os pecados não tivessem sido cometidos. Como pode ser entendido de outra forma? pois se, em e por esta passagem,[Pág. 43] intimação — informação suficientemente perfeita — é dada, que a cerimônia foi realizada — então também é dada informação suficientemente perfeita, que tal foi o efeito realmente produzido por ela. "Levanta-te" (Ananias é levado a dizer) — " *Levanta-te e sê batizado, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor.* "

Não se trata de uma questão leve: se assim fosse, que de acordo com a religião de Jesus, por tal causa, tal efeito fosse produzido naquela ocasião; que tal efeito pudesse, em uma palavra, em qualquer ocasião, em qualquer caso ser produzido, que *assassinatos* , ou (para não embaraçar a questão com conceitos de jurisprudência local) *assassinatos* de homens — assassinatos de homens por perseguição realizada, por motivos religiosos — massacres de cristãos por não cristãos — pudessem assim, como no caso de Paulo, ser destituídos de toda culpa, pelo menos de toda punição, nas mãos da Justiça Todo-Poderosa; se a impunidade pudesse de fato ser conferida ao aspergir um homem com água ou mergulhá-lo nela, então seria assunto de séria consideração — não apenas qual é a *veracidade* dessa religião, mas qual a *utilidade* dela, qual a utilidade — com referência à vida presente, pelo menos, para não falar de uma vida futura: qual a utilidade dela; e em

que base se baseia sua pretensão de ser sustentada por todos os poderes de punição e recompensa fictícias, nas mãos do magistrado temporal.[10]

[Pág. 44]

TÓPICO 5. — *Cumprimento da promessa, supostamente feita pelo Senhor, em favor de Paulo, a Ananias.*

Se a suposta promessa for inadequada à ocasião, o suposto desempenho será ainda mais inadequado em relação à promessa.

Na suposta promessa há duas partes distinguíveis, e em nenhuma delas a única coisa necessária a ser encontrada. Dessas duas partes, a única em que em qualquer estágio direto a questão de uma promessa está contida é a última mencionada: é a promessa de mostrar a ele (Paulo) quais sofrimentos ele terá que passar no curso da carreira, seja ela qual for, na qual ele está prestes a se envolver: a saber, em nome e profissão, a pregação da religião de Jesus: "pois eu lhe mostrarei", diz o Senhor, de acordo com o historiador, "eu lhe mostrarei quão grandes coisas ele deve sofrer por amor do meu nome". Se assim foi, que sobre esta promessa, tal como é, o desempenho nunca seguiu, o arrependimento pelo fracasso não precisa ser muito grande. Quaisquer que fossem os sofrimentos que ele estava predestinado a passar, o que *não* estava na natureza desta premonição era — a diminuição de sua quantidade agregada; o que *estava* na natureza dela era — fazer uma adição a esse mesmo agregado aflitivo; a saber, pela antecipação constante e inevitável da aproximação de tais sofrimentos.

Dessa conversa, vaga como é, sobre sofrimentos, o objetivo bastante óbvio era — dar exaltação à ideia que se pretendia transmitir dos méritos do herói: — um objetivo que, por este e outros meios, tem, consequentemente, até os dias atuais, sido alcançado em grande parte. Tanto quanto aos sofrimentos: quanto aos prazeres, por qualquer ideia entretida dos prazeres derivados por ele da mesma

fonte,[Pág. 45] esse desígnio teria sido — não promovido, mas neutralizado. Mas, quando chegar a hora, se a massa de sofrimento não foi, em grande parte, superequilibrada pela de seus prazeres — significando sempre sofrimentos mundanos e prazeres mundanos — o leitor será deixado para julgar.

Aqui temos, então, a única promessa que é expressa de forma direta: uma promessa que, em primeiro lugar, teria sido inútil, em segundo lugar, pior que inútil.

TÓPICO 6. — *Promessa indireta de que Paulo espalharia o Nome de Jesus.*

Em toda a substância desta promessa, se houver algo que, com referência ao fim professado — a saber, a extensão da religião de Jesus — teria sido útil, é na parte anterior que deve ser procurada. Nesta parte, então, se houver qualquer assunto a ser encontrado, será este: a saber, uma promessa de que ele (Paulo) carregará, e, portanto, que ele será habilitado a carregar, o nome do Senhor, a saber, o nome de Jesus, diante das classes de pessoas especificadas, a saber, os gentios, e reis, e filhos de Israel: Atos 9. 15. Mas, apenas de forma indireta, esta parte exclusivamente material da promessa é expressa: "Ele é um vaso escolhido para mim, para carregar meu nome", etc. *ou seja,* quando eu o escolhi, era meu desígnio que ele o fizesse. Mas, no caso do Senhor, de acordo com o retrato que este historiador fez dele, no decorrer deste trabalho, haverá abundante ocasião para ver quão inconclusivas são as evidências *da intenção* de *execução .*

Levar o nome de Jesus? Até aqui, tudo bem. Mas para esta função nenhuma comissão especial e sobrenatural era necessária: sem qualquer comissão,[Pág. 46] o nome de Jesus tinha sido levado ao povo em geral, se neste particular a história do Evangelho for acreditada. Lucas ix. 49, 50: "E João respondeu e disse: 'Mestre, vimos um que expulsava demônios em teu nome; e nós lho proibimos, porque não

seguia conosco.' E Jesus lhe disse: 'Não o proíbas, porque quem não é contra nós, é por nós.'" Por mais inadequada que fosse, com referência ao fim professado, a saber, dar extensão à religião de Jesus, a promessa era perfeitamente adequada e proporcional ao que descobriremos ser o real desígnio de Paulo; a saber, plantar um Evangelho próprio, como, e para, e em vez do Evangelho de Jesus. O Evangelho de Jesus era o Evangelho de Jesus: e o Evangelho, que, valendo-se do nome de Jesus, era o propósito e a prática de Paulo pregar, era, como ele mesmo declara — como o veremos declarar nos termos mais claros e expressos — um Evangelho seu; um Evangelho que não era o Evangelho dos Apóstolos e que, por medo de ser combatido por eles, ele manteve cuidadosamente escondido daqueles servos confidenciais e associados reais de Jesus, como pode ser visto nas seguintes passagens: Gálatas 1:9, 11 e 12; "Como antes dissemos, assim agora novamente o digo: Se alguém vos pregar outro Evangelho além daquele que recebestes, seja anátema. — Mas eu vos declaro, irmãos, que o Evangelho que por mim foi pregado não é segundo o homem. — Porque eu não o recebi de homem algum, nem me foi ensinado, mas pela revelação de Jesus Cristo." ...2; 2:2: "E subi devido a uma revelação, e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios, mas particularmente aos que eram de renome, para que de algum modo não corresse ou não tivesse corrido em vão."

No decorrer do diálogo de Paulo com a voz em[Pág. 47] a estrada — aquela voz que nos é dada a entender que era do Senhor, *ou seja* , de Jesus — a promessa supostamente feita a Paulo, deve ser lembrado, era — a promessa de lhe dizer, quando estivesse na cidade, o que ele deveria fazer. "O que tu deves fazer", diz o historiador em seu relato histórico: — "todas as coisas que são designadas para ti fazer", diz o historiador no suposto relato oratório não premeditado, que, neste tão frequentemente mencionado primeiro dos discursos, ele é suposto pelo historiador ter proferido.

Entre todas essas coisas, uma coisa, que é manifestamente o desígnio do historiador, assim como era o de seu herói, fazer os homens acreditarem, foi realizada: a saber, a satisfação deles sobre qual era a doutrina religiosa, para a disseminação da qual a despesa desse milagre foi incorrida. Esta, além disso, é a promessa; que, na leitura da história, todos procuram: esta também é a promessa que, na leitura desta mesma história, os crentes na religião de Jesus têm geralmente o hábito de considerar como cumprida. Não nesta e por esta história, no entanto, eles terão tal satisfação, quando o assunto vier a ser examinado. Pois, em relação a esta informação, desejável como é, Paulo é, nesta estranha suposta relação, adiado — adiado para outro tempo e lugar: adiado, sem nenhuma razão dada, nem por qualquer razão substancial que possa ser imaginada. Mais adiante, quando uma demonstração de cumprimento da promessa vem a ser feita, então, em vez de realização, temos mais evasão. Em vez de fornecer a informação ao próprio Paulo — diretamente a Paulo — pois, quando chega o momento e o lugar para a execução, a execução — o que o Senhor não deve sequer professar fazer, o que ele professa fazer é —[Pág. 48] fazer a comunicação a este homem, que, supondo-se que sua existência era um completo estranho a Paulo — a saber, a este Ananias. Bem, e para transmitir a informação, desta forma indireta e inadequada — para transmiti-la a e através deste mesmo Ananias — o que é feito? — como vimos, o que equivale a nada.

Quando, para fornecer a informação — se alguma informação tivesse sido pretendida a ser fornecida — o tempo e o lugar chegaram; quando Ananias e Paulo foram reunidos; o que é que, a partir da informação fornecida a nós pelo historiador, devemos entender, passou? *Resposta* , que, depois que as escamas caíram de seus olhos, Paulo foi batizado; que ele comeu carne, e que depois de ter comido carne ele foi fortalecido: fortalecido, somos garantidos a supor, pela carne que ele havia comido. Além disso, que de

uma forma ou de outra, nesta grande cidade ele esteve certos dias — número não especificado — com certos discípulos — nem nomes nem número especificado — e pregou Cristo nas sinagogas, dizendo que ele era o filho de Deus.

Até aqui, então, chegamos; e, da suposta revelação, em todo esse tempo nada foi revelado. Promessas, adiamentos, evasões — e, afinal, nenhuma execução.

Entre os propósitos desta obra está a satisfação do leitor — não apenas que Paulo não recebeu nenhuma revelação do Todo-Poderoso; mas que, mesmo segundo sua própria demonstração, ele nunca recebeu tal revelação; que, sob o pretexto de tê-la recebido do Todo-Poderoso por uma revelação especial, ele pregou de fato uma certa doutrina; mas que essa doutrina era em parte uma de suas próprias doutrinas, contrária à dos apóstolos de Jesus e, portanto, contrária à de Jesus; e que, no sentido da revelação, ele nunca[Pág. 49] não recebeu coisa alguma; nem a sua própria doutrina que pregava, nem qualquer outra coisa.

TÓPICO 7. — *Doutrina, supostamente pregada por Paulo em Damasco nas sinagogas.*

Imediatamente, se o historiador for digno de crédito; imediatamente após ser fortalecido pela carne; e imediatamente após ter passado certos dias com os discípulos; então Paulo pregou Cristo nas sinagogas; pregou que ele é o filho de Deus.

Aqui, se ele realmente tivesse pregado em tais lugares — aqui teria sido o momento, e o melhor momento, para nos contar o que, em cumprimento à suposta revelação, ele pregou. Pois, seja lá o que for, se alguma coisa, que ele tenha aprendido de sua suposta revelação, não foi até que ele tivesse aprendido, até que ele tenha feito essa aquisição necessária, que o tempo para começar a pregar nas sinagogas em questão ou em qualquer outro lugar chegou. E, assim que ele o recebeu, então, quando estava fresco em

sua memória — então era o momento de pregá-lo. Mas, nunca tendo recebido nada parecido com o que ele fingiu, e que o historiador fez tantas pessoas acreditarem, ele recebeu — nada parecido ele teve para pregar em qualquer momento ou lugar.

Seja qual for a natureza dessa pregação que ele teve, se é que teve em algum *momento* , Damasco não era o *lugar* , pelo menos naquela *época* , para ele pregar isso, ou qualquer outra coisa, nas sinagogas — em qualquer receptáculo tão amplamente aberto aos olhos do público.

Pregai, em nome de Jesus — em nome daquele Jesus, cujos discípulos, e com eles, cuja religião, ele agora foi para lá com a missão de exterminar — pregai naquele nome que ele não podia, sem proclamar sua própria religião — sua própria perfídia; sua[Pág. 50] rebelião própria, contra as autoridades, das quais, a seu próprio pedido, a comissão assim concedida a ele havia sido obtida: — seu próprio desprezo pérfido — não apenas daqueles governantes de Jerusalém, mas daquelas autoridades de Damasco, das quais, para aquele propósito importante e cruel, ele foi enviado para receber instrução e assistência. A uns vinte e sete anos de distância no campo do tempo, e a uma distância que não sabemos no campo do espaço, provavelmente aquela entre Roma e Damasco, era tão fácil para o historiador afirmar a suposta pregação, quanto negá-la: mas, quanto à pregação em si, se ela estava dentro dos limites da possibilidade moral, deixe o leitor julgar.

TÓPICO 8. — *Suposto espanto do povo de Damasco diante da suposta pregação de Cristo feita por Paulo nas sinagogas da cidade.*

Se realmente houvesse tal pregação, bem poderia ter-se seguido de espanto. Mas não houve tal pregação, portanto não houve tal espanto. Se houvesse pregação real, e espanto real produzido por ela — qual teria sido o assunto do espanto! Não tanto a audácia do pregador — pois loucos

agindo sozinhos são vistos com muita frequência: não tanto a audácia do orador, mas a indiferença das autoridades constituídas; pois, loucos agindo em corpos no caráter de funcionários públicos nunca foram visíveis. E se tal assembleia fosse vista, muitas delas seriam vistas, antes que qualquer um pudesse ser visto, cuja loucura tomou o curso de ficar sentado, enquanto um ofensor contra sua autoridade, vindo a eles sozinho e sem apoio — nem trazendo consigo apoio, nem encontrando-o lá — continuou,[Pág. 51] em uma reunião pública, pregando contra eles e desafiando sua autoridade.

TÓPICO 9. — *Matéria da Revelação, que, no e pelo suposto Relato Oratório não premeditado, supostamente foi feita.*

Esquecendo o que, como vimos, ele vinha dizendo recentemente em sua própria pessoa — na pessoa de Paulo — ele, nesta ocasião, retorna ao assunto: e o resultado é mais evasivo.

Nesta ocasião — esta ocasião apropriada — o que é que ele, Paulo, toma sobre si para prestar contas. — Aquilo que o Senhor lhe havia revelado? — revelado, comunicado no modo sobrenatural da revelação, a ele — Paulo? Não; mas aquilo que, segundo ele — se ele, e através dele o historiador, deve ser acreditado — o Senhor comunicou a Ananias a respeito dele — Paulo. O Todo-Poderoso tendo pensado em comunicar algo a um homem, e ainda assim não comunicando a esse homem nenhuma parte disso, mas comunicando tudo isso a outro! Que procedimento *atribuir* ao Todo-Poderoso, e com base em tal evidência!

Ainda veremos, supondo que isso tenha sido comunicado, e de tal fonte comunicada — ainda veremos que isso não resultou em nada: em nada — sempre exceto pela contradição ao que, em relação a este assunto, havia sido afirmado um pouco antes por este mesmo historiador.

Observe quais eram os *propósitos* pelos quais, por meio deste Ananias, Paulo deveria entender que Deus — o Deus, diz ele, de nossos pais — o havia escolhido.

1. Propósito o primeiro—"Conhecer a sua vontade." Sua vontade, respeitando o quê? Se respeitando qualquer coisa para o[Pág. 52] grande propósito aqui em questão, a respeito da nova doutrina que, para este Paulo, com a exclusão dos Apóstolos de Jesus, é o tempo todo supostamente revelada. De nenhuma doutrina assim há qualquer indicação em qualquer lugar nestes relatos a ser encontrada.

2. Propósito do segundo — "E veja este justo." Querendo dizer, devemos entender, a pessoa o tempo todo mencionada sob o nome do Senhor; a saber, Jesus. Mas, na visão em questão, se o historiador for acreditado, nenhum Jesus Paulo viu. Tudo o que ele viu foi uma luz — uma luz extraordinariamente forte ao meio-dia; tão forte que depois dela, até que as escamas caíssem de seus olhos, ele não viu nenhuma pessoa em lugar algum: e essa luz, o que quer que fosse, foi vista por todos que estavam com ele, assim como por ele.

3. Propósito o terceiro — "E ouvirás a voz da sua boca." Oh! sim; se o que o historiador diz naquele outro lugar for para ser acreditado — ouvir uma voz que ele ouviu; e se o historiador for novamente acreditado, essa voz era do Senhor. Mas, ao ouvir essa voz, como ele foi distinguido? aqueles que estavam com ele, de acordo com o próprio relato do historiador, a ouviram tão bem quanto ele. E o que ele era mais sábio? Isso também, espera-se, foi tornado suficientemente visível — simplesmente nada.

O quarto e último propósito é: "Serás sua testemunha (a testemunha do Senhor) de tudo o que viste e ouviste" — isto é, daquilo que não era nada e que não significava nada.

Infelizmente, nem isso é tudo: pois, antes que o assunto seja concluído, devemos voltar e retomar mais uma vez o suposto discurso premeditado e estudado que, na segunda

ocasião, o autoproclamado Apóstolo supostamente fez ao Sub-rei dos judeus, Agripa, sentado ao lado de seu superior, o Procônsul Romano, Festo.

[Pág. 53]

No curso deste longo discurso estudado, — a quem, é a comunicação, tal como é, — a quem, de forma imediata, e sem a intervenção de qualquer outra pessoa, é suposto ser feita? Não a Ananias; — não a qualquer personagem supérfluo e desconhecido; — não a Ananias, mas ao próprio Paulo: isto é, à própria pessoa *por* quem esta mesma comunicação, supostamente feita a ele, é suposto ser relatada (Atos xxvi. 16 a 18): a esta principal, ou melhor, única pessoa interessada: — a esta única pessoa, a comunicação, tal como é, e a ele todo o conteúdo de uma vez, é suposto ser feita.

Aqui, então, está Ananias descartado: descartado com esta visão dele, e aquela outra visão que vimos dentro dela: a comunicação, que, falando em primeiro lugar em sua própria pessoa, e então, em uma ocasião, na pessoa deste mesmo herói seu, o historiador tinha acabado de declarar, foi feita, não a Paulo, mas a Ananias; esta comunicação importantíssima, falando novamente nesta mesma terceira pessoa, mas em outra ocasião, o discurso sendo suposto ser um discurso longamente estudado, ele faz este mesmo Paulo declarar, foi dada, não a qualquer Ananias, nem a qualquer outra pessoa, mas diretamente a ele, Paulo, o próprio.

Vejamos agora a que se resume. Da maneira mais lógica, começa com a declaração dos *propósitos* para os quais foi feito; e, quando os propósitos são declarados, tudo o que faz é feito. Ver. 16. "Mas agora: levanta-te, e põe-te em pé; porque para isto te apareci."... Neste propósito há várias partes: vejamos uma por uma.

1. Parte 1. "Para fazer de ti (diz o Senhor) ministro e testemunha, tanto destas coisas que viste, como daquelas pelas quais te aparecerei ainda." Mas, quanto às coisas

que[Pág. 54] ele tinha visto, por esse mesmo relato eles não eram nada além de um clarão de luz. Aqui estava então a luz para *dar testemunho de* , se valesse a pena: mas, quanto ao *ministério* , aqui não havia nada para ministrar: pois a luz tinha passado, e não exigia nenhum ministério, quando estava presente. Se tivesse sido a luz de uma lâmpada — sim; mas não havia lâmpada no caso.

Até aqui, quanto a essas coisas que ele tinha visto. Então vem a menção daquelas coisas "nas quais, o Senhor supostamente diz, eu aparecerei a ti!" Aqui, como antes, temos outro adiamento. Se, da maneira em questão, e do tipo em questão, houvesse algo dito, aqui era o momento, o único momento, para dizê-lo. Pois imediatamente após a menção desta comunicação, tal como é, segue-se a menção do que era devido em consequência dela, em obediência aos comandos supostamente incorporados nela, e pela luz da informação supostamente transmitida por ela. "Então, diz ele, o Rei Agripa, eu não fui desobediente à visão celestial..."

Parte 2. O propósito continuou. — "Livrando-te do povo e dos gentios, aos quais agora te envio." Isto, vemos, é apenas uma continuação do mesmo adiamento: nenhuma revelação, nenhuma doutrina, nenhum Evangelho aqui. Quanto à doutrina — o Evangelho — aquele Evangelho que ele pregou, e que ele disse ser seu, nenhum Evangelho desse tipo é dado a ele nesta ocasião; e, não sendo nem mesmo relatado ter sido dado a ele em qualquer outra ocasião, não foi, portanto, de sua própria autoria, e sem qualquer assistência sobrenatural, como os cristãos foram até agora levados a acreditar que lhe foi dado?

Quanto à libertação do povo e dos gentios, esta é uma cláusula, colocada em referência à[Pág. 55] perigos, nos quais a intemperança de sua ambição o havia mergulhado, e de onde em parte fora seu destino escapar. Aqui, então, o sub-rei e seu superior romano foram desejados para contemplar a realização de uma profecia: mas a profecia era daquele tipo que veio depois do fato. — "A quem agora te envio..." Nisto eles foram desejados para ver uma

continuação da profecia: pois, quanto a este ponto, era, na esperança do profeta, do número daqueles que não apenas anunciam, mas ao anunciar contribuem para sua própria realização.

Parte 3. O propósito continuou. — "Para abrir os seus olhos, e convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus..." Ainda o mesmo nada: até o fim de sua vida, um homem pode estar ouvindo histórias como essas, e ainda assim, no final delas, não ser mais sábio: nenhuma doutrina adicional, nenhum evangelho adicional, nenhuma declaração, nenhum evangelho, aqui.

Parte 4. O propósito continuou e concluiu... "para que recebam perdão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim." Bom. Mas isso não é doutrina; isso não é evangelho; isso não é em si a doutrina prometida: mas é uma descrição do efeito, do qual a doutrina prometida seria a causa.

Agora, como acabamos de ver, Paulo é representado como iniciando sua pregação, ou partindo para sua missão; pregando, a partir de *instruções* recebidas de forma sobrenatural — recebidas por revelação. No entanto, afinal, ele não recebeu nenhuma *instrução* desse tipo . Três vezes o historiador — uma vez em sua própria pessoa, duas vezes na de seu herói — se comprometeu a produzir essas instruções. Mas por ninguém, do primeiro ao último, elas foram produzidas em lugar algum.

[Pág. 56]

Verdadeiramente, então, este Evangelho que Paulo pregava foi de sua própria autoria; de sua própria autoria, bem como de seu próprio uso; aquele Evangelho, que ele mesmo declara aos seus Gálatas não ser do homem, não era, portanto, daqueles Apóstolos, aos quais a oposição feita por ele é assim proclamada.

Quando, depois de ter dado em sua própria pessoa um relato de uma suposta ocorrência, um historiador, em outra ocasião, retoma a mesma ocorrência; e, na pessoa de outro

indivíduo, dá dessa mesma ocorrência outro relato diferente, e tão diferente, a ponto de ser irreconciliável com ela; pode-se dizer que esse historiador, com alguma propriedade, é ele mesmo um crente neste segundo relato que ele assim dá? Em vez de dá-lo como um relato verdadeiro, ele não o dá, de qualquer forma, em relação a todas as várias circunstâncias distinguíveis em que ele difere do relato dado em sua própria pessoa, no caráter de uma fábula? Uma fábula inventada na ocasião em que a outra pessoa deve falar, inventada com a intenção de que promova o propósito para o qual esse discurso deve ser feito? No entanto, este relato, que aos olhos do próprio homem por quem nos é entregue, é apenas uma fábula, mesmo aqueles a quem, neste mesmo caráter de fábula, é entregue — este relato é que *os cristãos* têm persistido tanto tempo em considerar, apoiar e agir, como se fosse do começo ao fim, uma verdade — um grande corpo de verdade! — Ó Locke! Ó Newton! Onde estava seu discernimento!

Com base em tais evidências, algum Juiz multaria um homem em um xelim? Ele daria efeito a uma reivindicação dessa quantia? No entanto, tal é a evidência, da crença da qual a diferença entre felicidade e miséria, tanto em intensidade quanto em duração, infinita, somos informados, depende!

[Pág. 57]

SEÇÃO 5.

VISÃO III.—A VISÃO ANTERIOR DE PAULO, CONFORME RELATADA PELO SENHOR A ANANIAS.

Pela natureza dos atos que são os objetos dele, o comando, vemos, é necessariamente prenhe de informação: mas agora vem a informação dada como tal — o pedaço de informação com o qual o comando é seguido. Esta informação — na e pela qual outra, uma visão antecedente,

é trazida ao tapete e comunicada — foi reservada para uma consideração separada.

Esta informação é em sua complexidade verdadeiramente curiosa: apresentar uma visão clara dela não é uma tarefa totalmente fácil. A informação assim dada pelo Senhor — dada a este Ananias — esta informação, da qual Paulo é o assunto, é — o quê? que, em alguma ocasião anterior, nem tempo nem lugar mencionados, ele, Ananias, a quem o Senhor está dando a informação, tinha sido visto por este mesmo Paulo realizando, com uma certa intenção, uma certa ação; a intenção sendo — que, em relação a este mesmo Paulo, um certo efeito deveria ser produzido — a saber, o de ele receber sua visão. O Senhor declara, Atos ix. 12, a Ananias, que Paulo "tinha *visto em uma visão* um homem, o próprio Ananias, chegando e impondo a mão sobre ele, para que ele (Paulo) pudesse receber sua visão."

Bem, então — esta ação que o Senhor assim informa Ananias que ele, Ananias, havia realizado, — ele, em algum momento e lugar, alguma vez a realizou? Oh, não; isso não é necessário: a questão não é justa; pois foi somente em uma visão que ela foi realizada.[Pág. 58] Bem, então — se foi apenas em uma visão que isso foi realizado, então, na realidade, nunca foi realizado. O Senhor disse que isso tinha sido realizado; mas ao dizer isso, o Senhor disse o que não era verdade. O Senhor o fez acreditar nisso — o Senhor sabendo o tempo todo que não era verdade. Tal é o feito que, de acordo com nosso historiador, o Senhor se refere ter alcançado.

Mas a *intenção* , era verdade? Oh, não; nem havia necessidade de ser assim: pois a intenção, com a qual o ato deveria ser realizado, era parte integrante da mentira divinamente ensinada.

O efeito, cuja produção tinha sido o objeto da intenção, foi então—tinha sido então—produzido? Espere um pouco; não, não naquele momento. Mas o tempo ainda não tinha chegado; e agora está chegando rapidamente.

Mas esse efeito — o que é? um homem recebendo sua visão; esse mesmo Paulo recebendo sua visão; esse mesmo Paulo, de quem Ananias nada sabia, nem nunca tinha ouvido nada, exceto o que ele tinha acabado de ouvir — a saber, que, por um homem com esse nome, ele, Ananias, tinha sido visto uma vez — visto fazendo isso e aquilo — ele, o tempo todo — ele, o fazedor, não sabendo nada do que estava fazendo — não sabendo absolutamente nada sobre o assunto. No entanto, somente em uma visão tudo isso aconteceu; sendo esse o caso, nenhum assunto apropriado de admiração foi oferecido a ele por tal ignorância um tanto extraordinária.

Mas esta visão — que, pelas mãos deste vidente de visões, a quem esta informação é assim endereçada, este estranho, cujo nome ainda era *Saulo* , iria receber — como aconteceu que foi a ele, Ananias, que ele veio a recebê-la? Esta faculdade — em seu nascimento, ele não estava, como qualquer outro homem, de posse dela? Se estava, o que aconteceu com ela? Neste[Pág. 59] em particular, a informação supostamente dada pela Onisciência era das mais escassas.

Supondo que a história tenha algum fundamento na verdade, tal, para Ananias, não poderia deixar de ter aparecido; e, supondo que ele seja ousado o suficiente para fazer perguntas, ou mesmo abrir a boca, uma pergunta, com a visão de encontrar um suprimento para a deficiência, é o que a afirmação naturalmente teria como seu primeiro resultado. Nenhuma curiosidade, no entanto, Ananias tem: em vez de buscar nas mãos da Onisciência uma informação, a demanda pela qual era tão natural, o primeiro uso que ele faz de seu discurso, ou melhor, teria feito dele, se, em vez de ser imaginado em uma visão, o estado das coisas em questão fosse verdadeiro, é fornecer à Onisciência uma quantidade de informação de um tipo em grau não pequeno extraordinário. Pois, aqui começa um discurso, em e pelo qual Ananias se compromete a dar a Onisciência para entender, quais relatos, em relação a este mesmo Paulo,

chegaram aos seus ouvidos (de Ananias). O que ele está disposto a *falar* assim é mais, no entanto, do que a Onisciência está disposta a *ouvir:* a história é interrompida, e o contador de histórias pede para "seguir seu caminho". "Então Ananias", diz o texto, Atos ix. 13. "Então Ananias respondeu: Senhor, ouvi de muitos acerca deste homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém. E aqui ele tem autoridade dos principais sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome. Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque..." &c.

Mas, embora assim interrompido, ele está longe de estar em desgraça. Tão longe disso, que ele é levado à confiança. Então vem — ainda em uma visão, e a mesma visão — informação dos até então secretos atos e intenções da Onipotência em relação a este mesmo Paulo: ele tinha sido realmente "escolhido" como "um vaso para[Pág. 60] levar o nome do Senhor diante dos gentios, e reis, e dos filhos de Israel:" e a determinação havia sido tomada, diz o Senhor nesta visão, "para mostrar-lhe quão grandes coisas ele deve sofrer por amor do meu nome." "Porque eu lhe mostrarei", diz Atos, ix. 16, "quão grandes coisas ele deve sofrer por amor do meu nome." E, com o anúncio assim feito desta determinação, o relato histórico, assim dado pelo historiador em sua própria pessoa, desta mesma visão, se encerra.

Assim, altamente distinto e favorecido com uma confiança, igualando, se não superando, qualquer um que, de acordo com qualquer um dos relatos do Evangelho, parece ter sido transmitido a qualquer um dos Apóstolos, como é que Ananias nunca foi colocado no número dos *Santos?* significando sempre os *Santos* do Calendário — aquelas pessoas, a saber, que, como uma marca de distinção e título de honra, contemplam seus nomes comuns precedidos por este extraordinário? Ainda assim, a resposta é: Sim, mas isso foi apenas em visão: e de uma visão um uso é — aquele da matéria da qual tudo o que não há *uso* , é deixado para ser tomado como falso; tudo o que *há* uso, é tomado, e deve passar, como verdadeiro. Quando, pelo

nome de Ananias, que, humanamente falando, nunca existiu senão no nome, o serviço para o qual foi inventado foi realizado — a saber, dar suporte a Paulo e sua visão — ele fez tudo o que era necessário: não há mais uso para ele.

Supondo que a terceira visão mencionada realmente tenha sido vista, em que ponto do tempo colocaremos a visão dela? Nisto também não parece haver pequena dificuldade.

Entre o momento em que Paulo teria tido sua visão, se uma visão que pode ser chamada de visão em que, sendo o meio-dia, ele não viu nada além de um clarão de[Pág. 61] luz,—entre o momento desta visão, da qual uma perda de visão foi a consequência instantânea—entre o momento desta perda de visão e o momento da recuperação dela, o intervalo é mencionado: três dias foram exatamente. Atos ix. 9, "E esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu."

O tempo durante o qual, no versículo 9, ele acaba de ser declarado como tendo estado o tempo todo sem visão, — este é o tempo, dentro do qual ele é declarado — declarado, se o historiador for acreditado, declarado pelo próprio Senhor — como tendo visto esta visão introdutória — esta visão preparatória, para a qual é tão difícil encontrar um uso. E assim é, que em uma visão, embora *visão* signifique ver, não é necessário que um homem tenha visão.

Enquanto isso, de todos esses assuntos, dos quais sua própria existência, para não falar da salvação da humanidade, depende tão absolutamente, ele não saberá uma sílaba, a não ser por meio desse personagem tão perfeitamente obscuro e questionável — esse personagem tão completamente desconhecido para ele — esse mesmo Ananias.

Três dias inteiros ele é impedido de fazer qualquer coisa: durante esses três dias inteiros o negócio do milagre fica parado. Para que propósito ele é assim mantido parado? É para que possa haver tempo suficiente para seu aprendizado para ver, quando sua visão for devolvida, essa

visão preparatória, pela qual tão pouco é feito, e para a qual há tão pouco uso?

[Pág. 62]

SEÇÃO 6.

VISÕES, POR QUE DUAS OU TRÊS EM VEZ DE UMA.

Quanto à questão de fato designada pelas palavras *conversão de Paulo* , no que diz respeito à conversão *externa* , a verdade dela está fora de toda disputa: — que ele foi *convertido, ou seja* , que depois de ter sido um perseguidor dos devotos da nova religião, ele deu uma volta completa e se tornou um líder. Se o efeito tão ilustremente vitorioso teve como causa uma relação sobrenatural de Paulo com Jesus após sua ressurreição e ascensão, e, portanto, como seu acompanhamento, uma conversão *interna* — nisso reside a questão em disputa.

Daqueles, por quem, em seu essencial particular, a declaração é considerada verdadeira, uma questão natural pode ser: Se o todo foi uma invenção sua, a que causa podemos atribuir a outra visão, a visão de Ananias? Com que propósito ele deveria ter se esforçado para inventar, lembrar e, o tempo todo, apoiar e defender a visão do suposto associado desconhecido? Resposta: Com o propósito, ao que parece, de dar amplitude adicional à base de suas pretensões.

Entre aquele povo, naquela época, a história de uma visão era um artigo tão comum — tão dificilmente distinguível, tão facilmente confundida com, por um lado, a história verdadeira de um sonho, por outro lado, uma história completamente falsa de uma ocorrência que, se tivesse acontecido, teria sido sobrenatural, mas que nunca aconteceu — que uma base, tão indeterminada e aérea, pareceria[Pág. 63] correram o risco de não serem fortes o

suficiente para suportar a estrutura projetada para ser erguida sobre eles.

Supondo-se a falsidade, o caso parece ser que, para distinguir sua visão daquelas que naqueles dias eram encontradas entre as histórias de todos os homens, bem como em todas as histórias, e que, embora acreditadas por alguns, eram desacreditadas e desprezadas por outros, Paulo ou seu historiador pensaram nessa invenção de um *par* de visões: um par de visões correspondentes, cada uma das quais deveria, por referência e reconhecimento, dar testemunho e apoio à outra: um *par* de visões: pois, para simplificar a concepção, parece bom não falar mais nada sobre a visão antecedente entrelaçada tão curiosamente na textura de uma delas, à semelhança da flor denominada por alguns jardineiros de *mangueira em mangueira* .

Desta peça de maquinário, que no presente caso foi vista sendo tocada com tanto sucesso brilhante no teatro teológico, a glória da invenção pode, acredita-se, ser justamente reivindicada, se não por Paulo, por seu historiador. Com exceção de uma que será mencionada em breve.[11] , nenhuma história semelhante foi encontrada, após investigação, em qualquer história, judaica ou gentia.

O outro par de visões ali aludidas é aquele que também pode ser encontrado nos Atos: uma delas atribuída a São Pedro, a outra ao centurião Cornélio.

Paulo, ou seu historiador? — A alternativa foi apenas a sugestão do primeiro momento. A uma segunda olhada, a reivindicação do historiador se apresenta como incontestável. No caso do par de visões de Pedro, suponha que a história seja obra de invenção, sem atribuição[Pág. 64] concorrente tem o historiador pela honra disso: no caso do par de visões de Paulo, supondo *que* o único par, a invenção era pelo menos tão provável de ter sido obra do historiador quanto do herói: adicione a este par o outro par — aquele outro par que se apresenta nesta mesma obra desta mesma história — toda competição chega ao fim. No

caso até mesmo do gênio mais fértil, copiar é uma tarefa mais fácil do que a invenção: e, onde o original é da própria invenção de um homem, copiar é uma operação ainda mais fácil do que no caso oposto. Que uma ocorrência tão curiosa encontre tanto quanto um único inventor, é uma circunstância não pouco extraordinária: mas, que duas inteligências separadas saltem em concorrência na produção dela, é uma suposição que aumenta a extraordinariedade, e com ela a improbabilidade, além de todos os limites.

SEÇÃO 7.

COMISSÃO A PAULO PELOS GOVERNANTES DE JERUSALÉM — COMISSÃO PARA TRAZER LAÇOS AOS CRISTÃOS DE DAMASCO — O DESPREZO DE PAULO IMPOSTO SOBRE ELA.

Em Atos, no relato histórico, é declarada a existência de uma comissão: outorgantes, os governantes de Jerusalém; pessoas a quem se dirigia, o próprio Paulo em Jerusalém; e as sinagogas, *ou seja* , os governantes das sinagogas, em Damasco: objetivo, trazer sob custódia, de Damasco para Jerusalém, todos os cristãos encontrados lá: todos os cristãos adultos, de qualquer forma, mulheres e homens; a *pedido* do próprio Paulo , acrescenta este mesmo relato histórico (ix. 2.); "para ser punido", acrescenta Paulo 1º supôs oratória não premeditada[Pág. 65] relato, xxii. 5. No suposto relato oratório premeditado, Paulo 2, a existência de autoridade e comissão concedida a ele pelos principais sacerdotes é de fato mencionada, xxvi. 12: mas, sobre o objeto, nada é dito.

No relato oratório não premeditado, tal é a ousadia do historiador, nada lhe servirá senão fazer o orador chamar para testemunhar as autoridades constituídas — os governantes de Jerusalém — quem quer que fossem, que

estavam presentes — para reconhecer a traição e o desprezo agravado de que ele era culpado para com eles mesmos ou seus predecessores: para com eles mesmos, se for no sentido literal de que o que nesta ocasião ele diz deve ser entendido: "Como também o Sumo Sacerdote me dá testemunho, e todo o estado dos Anciãos, de quem também recebi cartas", etc., Atos xxii. 5. No relato oratório premeditado, a ousadia do orador não é tão proeminente; ele diz — foi "com autoridade e comissão dos Sumos Sacerdotes" em Jerusalém, que ele foi a Damasco; mas, para a correção desta sua declaração, ele não os chama agora, ou a qualquer um deles, para dar testemunho.

Em relação à descrição das pessoas, das quais os governantes de Jerusalém, exercendo autoridade em seu favor, eram compostos, — a conformidade, quanto aos vários relatos, é completamente inteira. No relato histórico, é a autoridade do Sumo Sacerdote, e somente do Sumo Sacerdote, que é exercida: no relato oratório não premeditado, é a do Sumo Sacerdote e de todo o estado dos Anciãos: no relato premeditado, é a dos Sumos Sacerdotes: nada é dito nem dos Sumos Sacerdotes nem dos Anciãos.

Nem no suposto relato oratório não premeditado é afirmado que, no momento e no lugar[Pág. 66] do tumulto, os governantes assim chamados a testemunhar, ou qualquer um deles, estavam realmente no local. Mas, o local sendo contíguo ao Templo — o Templo, do qual Paulo havia sido arrastado naquele instante, antes que houvesse tempo suficiente para cumprir a determinação que havia sido formada para matá-lo — a distância entre o local em que Paulo com a multidão ao redor estava de pé, Paulo estando sob a proteção momentânea do comandante romano — entre este local e o local, qualquer que fosse, em que a questão poderia ter sido colocada a eles, ou a alguns deles, não poderia ser grande.

Da parte do historiador, a ousadia, necessária para atribuir a ousadia correspondente ao orador, pode ser acreditada sem muita dificuldade. Os materiais para escrever estando

à mão, não havia mais perigo em empregá-los na escrita dessas palavras, do que na escrita de um número igual de outras palavras.

Não assim da parte do próprio orador. Pois, supondo o apelo feito, a multidão poderia ter se poupado do trabalho de condená-lo à morte: as autoridades constituídas que ele estava invocando assim — aqueles governantes, contra os quais, por sua própria confissão, ele havia cometido essa traição — estariam prontos o suficiente para proceder contra ele da maneira regular e tirar o negócio das mãos de uma multidão não autorizada.

A verdade da história e, para esse propósito, a confiabilidade do historiador, deve ser defendida de qualquer forma, para algumas pessoas, toda essa contradição, toda essa massa de autocontradição, será, naturalmente, atribuída à *falta de arte* ou, para escolher outra palavra elogiosa, à *simplicidade;* e, de confiabilidade, essa qualidade amável, seja qual for.[Pág. 67] pode ser o nome dado a ele, será declarado como constituindo prova suficiente. Nenhum desígnio como o de enganar, habitava, será dito, seu peito ingênuo: nenhum desígnio como esse ele era capaz de abrigar: pois, supondo que qualquer desígnio tão perverso fosse abrigado por ele, ele poderia ter estado assim continuamente desprevenido?

Mas — por toda essa autocontradição, a qualidade realmente provada é — não falta de arte, mas fraqueza: e, com o desejo de enganar, nenhum grau de fraqueza, por mais alto que seja, é incompatível. Por fraqueza, quando elevada até a insanidade, a arte não é excluída: e, na modelagem, do começo ao fim, de toda essa história, a arte, vemos, não é de forma alguma deficiente, por mais infeliz que seja aplicada.

Mas a história sendo tal como é, o que importa, quanto à credibilidade devida a ela, em que estado, em relação à probidade, estava a mente do autor? Sendo, como é, a tal ponto indigna de confiança e inacreditável, a ponto de, em

tantas partes dela, ser impossível que fosse verdade, a verdade dela é impossível: o que importa então, seja à fraqueza do moral, ou ao intelectual, quarto da mente do autor, que a falsidade deve ser atribuída?

Não somente no todo esta história, anônima como é, apresenta marcas satisfatórias de *genuinidade* , isto é, de ter sido escrita pelo tipo de pessoa que professa ter sido escrita, a saber, uma pessoa que no curso da última excursão de Paulo foi levada para sua suíte; mas em muitas partes, também o faz de *veracidade histórica* . Verdadeira ou não verdadeira, como qualquer outra história antiga ou moderna, ela tem a pretensão de ser provisoriamente tomada como verdadeira, quanto a cada ponto, em relação ao qual nenhuma razão adequada aparece para o contrário: improbabilidade, por exemplo, dos supostos fatos como relacionados, contradição consigo mesma, contradição com outros[Pág. 68] evidências mais satisfatórias, ou provável sujeição a interesses sinistros e mentirosos.

Mas, diante de tanta autocontradição como a que foi vista, independentemente de *o preconceito* ser ou não considerado, poderia algum fato, o mais comum, ser considerado suficientemente provado?

Enquanto isso, que nenhum homem faça para si mesmo uma pretensão de rejeitar a posição importante assim oferecida à sua consideração; que ele não, por medo de ser a verdade, feche os olhos para o que lhe é apresentado como e para a verdade; que ele não feche os olhos, para qualquer pretensão, como a de ser deficiente na qualidade da *seriedade* . Se, de fato, houver algum dever, religioso ou moral, como o da *seriedade* ; e que declarar como absurdo o que é realmente absurdo é uma violação desse dever; a essa taxa, *a seriedade* é uma qualidade incompatível com a entrega e percepção da verdade em todos os assuntos, e em particular sobre este da mais vital importância: a seriedade é uma disposição para se apegar à falsidade e rejeitar a verdade. Em nenhuma parte foi empregado

qualquer ridículo *ab extra* : ridículo, por alusão feita a outro objeto, e este irrelevante.[12]

SEÇÃO 8.

COMPANHEIROS — PAULO TINHA ALGUM NA ESTRADA?

Enquanto isso, se todas essas visões milagrosas e outros milagres devem ser necessariamente supostos, um conjunto de outros[Pág. 69] milagres, embora não mencionados, devem ser supostos junto com eles: milagres, para a produção dos quais uma massa ainda maior de força sobrenatural deve ter sido gasta. Aqui, supondo-se que sua existência, aqui estavam aqueles companheiros dele, que, desconhecidos em nomes e números, viram ou não viram tudo ou nada que ele viu, e ouviram ou não ouviram tudo ou nada que ele ouviu. Esses homens, de qualquer forma, se é que eles mesmos, cegos ou não cegos, o levaram, como é dito que fizeram, para a cidade, porque ele não conseguia ver para se guiar, — devem, de uma forma ou de outra, ter percebido que algo em grau não pequeno extraordinário havia acontecido com ele: tão extraordinário, que, na condição em que ele estava, e na qual, se eles viram alguma coisa, eles o viram estar — nenhuma comissão como aquela, para a execução da qual, se, assim como companheiros, eles eram seus assistentes destinados, eles foram colocados sob seu comando, — poderia, em qualquer probabilidade humana, receber execução de suas mãos. Se eles fossem informados dessa comissão dele, poderiam, com seu consentimento ou mesmo sem seu consentimento, evitar ir até as autoridades constituídas para contar a elas o que havia acontecido? Essa comissão dele, tão importante em si mesma, e concedida a um homem de letras por homens de letras, não poderia deixar de ter sido por escrito: e, consequentemente, na forma de cartas, somos, pelo historiador, expressamente informados de que era. Da

existência dessas cartas, do teor do qual seus procedimentos futuros, bem como os dele, dependiam — esses condutores dele, se *ele* não o fizesse, com ou sem seu consentimento, é claro que teriam dado informações aos governantes a quem essas mesmas cartas foram endereçadas. Não ficando mudo, nem tendo, entre as ordens dadas pela voz, recebido qualquer ordem para manter silêncio, ou mesmo para manter em segredo qualquer coisa do pouco que[Pág. 70] eles tinham ouvido, eles dificilmente teriam, sob essas circunstâncias, mantido silêncio ou segredo. O historiador, sabendo o que ele (o historiador) pretendia fazer com seu herói — sabendo que, ao final de três dias, ele pretendia não apenas fazer escamas caírem de seus olhos, mas encher sua barriga — pode não sentir nenhuma grande ansiedade por conta dele. Mas o próprio Paulo, se ele, na condição em que é representado pelo historiador — estivesse, por três dias seguidos, com escamas nos olhos e nada em seu estômago: e, no final dos três dias, tão ignorante quanto no início, se as escamas iriam, a qualquer momento e quando, cair, e seu estômago receberia um suprimento: em tal estado, certamente, um homem não poderia deixar de sentir uma curiosidade, não desacompanhada de impaciência, para saber quando e como tudo isso iria acabar. Nessas circunstâncias, de uma forma ou de outra, todas essas línguas teriam sido detidas: caso contrário, em vez da casa de Judas em Straight-street, Paulo poderia não ter tido outro lugar para receber seu visitante, além da cadeia da cidade, ou algum outro desses lugares fortes, nos quais os visitantes nem sempre acham mais fácil entrar do que os presos sair.

Essas línguas então — a língua de Paulo, as línguas de seus companheiros — essa reunião de línguas, todas tão fortemente instadas a se soltarem — pelo que elas poderiam ter sido paradas? Se, por qualquer coisa, por um conjunto correspondente de milagres — nada menos.

Que, de Jerusalém, na época em questão, Paulo foi para Damasco — e que foi com algumas dessas cartas em sua

posse — parece, como veremos em breve, totalmente provável; também, que quando lá, ele agiu da maneira como seu historiador fala, traindo a confiança depositada nele pelas autoridades constituídas e se unindo àqueles a quem ele havia solicitado e recebido uma comissão para destruir; que[Pág. 71] estas estavam entre as circunstâncias de sua suposta conversão, o que parece bastante provável: embora ele, com toda a necessidade que tinha de milagres, se é que algum poderia acontecer, não dê — no que ele mesmo, escrevendo aos seus convertidos da Galácia, diz sobre sua conversão — qualquer indício deles.

Quanto à sua conversão — ou seja, sua conversão *exterior* , que era tudo o que era necessário para a produção do efeito tão notoriamente produzido por ele — para *isso* , será visto, nenhum milagre foi necessário: nada além do que pertencia ao curso normal das coisas. Quanto aos companheiros de viagem — se ele tinha algum ou não; e se ele tinha algum, se eram atendentes sob suas ordens, ou conhecidos seus que não estavam sob suas ordens; ou meros estranhos em cuja companhia o acidente o lançou — tudo isso nós devemos nos satisfazer, o melhor que pudermos, sob a ignorância de.

Que, para dar efeito, por seus meios, ao tipo de comissão que lhe foi confiada, o poder das autoridades locais foi confiado, é uma suposição completamente natural. Para trazer a Jerusalém "presos, para serem punidos (Atos ix. 2. xxii. 4), todos os cristãos que pudessem ser encontrados em Damasco, tanto homens quanto mulheres", se os governantes de Damasco fossem favoráveis ao desígnio perseguidor, nenhuma grande força de Jerusalém poderia ser necessária. Mesmo uma pequena seria supérflua: e, por uma força, grande ou pequena, enviada de um conjunto de autoridades constituídas, uma ofensa seria mostrada ao outro.

[Pág. 72]

SEÇÃO 9.

NA EPÍSTOLA DE PAULO AOS GÁLATAS, POR SEU SILÊNCIO, OS RELATOS DE ATOS SOBRE SUA CONVERSÃO SÃO VIRTUALMENTE CONTRADITOS.

Da conversão *exterior* de Paulo — conversão do caráter de um perseguidor autorizado da religião de Jesus, para o de um pregador de uma religião pregada em nome de Jesus — tal, como vimos, é o relato dado em Atos; dado pelo autor dos Atos, e somente por ele. Pois, o que nunca deveria estar fora de mente, se em vez de dois relatos diferentes — declarados por ele como tendo sido, em ocasiões diferentes, entregues por Paulo — ele tivesse dado duzentos, ainda assim eles teriam sido seus: — não de Paulo, mas dele.

Durante todo esse tempo, há pouco menos de 1800 anos, da própria pena de Paulo, temos um relato de sua conversão; e de qualquer história como a de que ela foi efetuada por meio de visões, neste relato dele, não há o menor traço a ser encontrado; nem a menor alusão a isso.

No momento em que ele deu esse relato — supondo que essa história do modo de sua conversão fosse verdadeira — supondo até mesmo que, embora falsa, ela tivesse sido inventada e propagada — no momento em que ele deu o relato que traz tais marcas inquestionáveis de ser seu, a ocasião era tal que tornasse provável que ele pudesse ter omitido toda alusão a uma ocorrência ao mesmo tempo tão extraordinária e tão importante? Se não, então é assim — que, pelo silêncio do próprio Paulo, a história relatada por seu historiador é virtualmente contradita.

[Pág. 73]

A ocasião em vista aqui é a de ele ter escrito a tão frequentemente mencionada, e que será mencionada em breve, Epístola aos seus discípulos da Galácia.

Na época em que escreveu esta carta, como veremos repetidamente em seu teor, ele estava agindo em oposição

— oposição declarada e violenta — aos Apóstolos: lutando com eles pelo domínio; declarando que não lhes era devido nada; que o Evangelho que ele pregava não era o Evangelho deles, mas um Evangelho seu, recebido por ele diretamente de Jesus; declarando que na própria Jerusalém, sede de sua autoridade, ele havia pregado este Evangelho seu, que não era o deles; mas confessando, ao mesmo tempo, que quando o fez, foi de maneira secreta, por medo da oposição, que ele bem sabia que, se soubessem, não poderiam deixar de fazer.

Neste estado de contenda — supondo que qualquer milagre como o em questão tenha sido feito a seu favor — seria da natureza do caso que ele não tivesse se valido disso? — para se valer do relato que a verdade — a verdade importante — teria tão bem garantido que ele desse? Supondo que fosse verdade, se houvesse naquela época testemunhas disso — quaisquer testemunhas perceptivas — o suposto Ananias — os supostos companheiros na estrada — ele teria falhado em fazer seu apelo ao testemunho deles? Supondo que não houvesse nenhum, a verdade da ocorrência — de uma ocorrência de importância tão importante, não o teria inspirado com ousadia, suficiente para a afirmação dela, com toda aquela intensidade para a qual o próprio caso forneceu uma garantia tão suficiente, e que a veemência de seu caráter teria tornado tão impossível para ele evitar? Supondo[Pág. 74] mesmo que a história fosse uma completa falsidade, ainda assim, se tivesse sido inventada e promulgada naquela época, ele poderia, se visse alguma perspectiva tolerável de que ela obtivesse credibilidade, ter falhado em tentar tirar proveito dela?

Não, certamente. No entanto, neste seu discurso, feito aos seus discípulos gálatas, e a todos os habitantes daquele país, como ele podia ver uma perspectiva de numerar entre seus discípulos — neste discurso, escrito sob um senso da necessidade que ele tinha, de fazer para seu apoio contra os apóstolos, o caso mais plausível que sua engenhosidade poderia capacitá-lo a fazer, — nem mesmo a mais leve

sugestão de qualquer milagre, ele se aventura a dar. *Revelação! revelação!* — nesta única palavra — nas ideias, que, nas mentes com as quais ele tinha que lidar, ele esperava encontrar associadas com aquela palavra — neste terreno, sem nenhum outro, ele se viu reduzido a buscar apoio em sua disputa com os apóstolos. Revelação? revelação de Jesus? do Senhor, falando do céu? do Todo-Poderoso? Em que ocasião, em que lugar, em que hora, em que companhia, se em alguma, foi assim recebida? A nenhuma dessas perguntas ele se aventura a fornecer uma resposta — ou mesmo uma alusão a uma resposta. Por quê? — mesmo porque ele não tinha nada para dar. Ele tinha sido um perseguidor dos discípulos de Jesus — isso ele confessa e declara: ele se tornou um pregador em nome de Jesus — isso ele também declara; um pregador em nome dele, de cujos discípulos — toda a irmandade deles — ele tinha sido um perseguidor — um perseguidor sanguinário e manchado de sangue. Sua conversão, seja lá o que tenha sido, como aconteceu? qual foi a causa, o tempo, o lugar, o modo dela; quem são as testemunhas perceptivas dela? Para todas essas perguntas, *revelação* ; na única palavra está contida toda a resposta, que — nesta carta — neste apelo dele — ele, audacioso[Pág. 75] como ele era, poderia reunir audácia suficiente para dar. Por que, em uma ocasião tão urgente, essa tolerância? Por quê? mas que, se ele tivesse se aventurado a contar qualquer história desse tipo, sendo essa história falsa, lá estavam seus oponentes — lá estavam os Apóstolos, ou homens em conexão com os Apóstolos — para contradizê-la — para refutá-la.

Se ele tivesse feito referência a qualquer porção específica, a qualquer indivíduo, de lugar e tempo, os fatos pretendidos poderiam ter se encontrado em contradição com alguma realidade ecomprovávelfatos. Mas, tempo e lugar sendo deixados assim não particularizados, ele se deixou em liberdade, em cada ocasião, se chamado para tempo ou lugar, para designar qual porção de tempo e lugar a ocasião deveria apontar para ele como sendo mais conveniente;

melhor adaptado ao propósito de dar alojamento a uma falsidade apropriada; e sem perigo, ou com pouco perigo, de exposição.

Em momentos distintos e diferentes, *cinco* entrevistas o veremos ter, com os Apóstolos — uma ou mais delas: a primeira entrevista sendo, — de acordo com seu próprio relato, conforme dado nesta mesma Epístola, — a pouco ou nada mais, do que três anos de distância do momento em que ele deixou a ocupação da perseguição. Então, diz ele, foi, Gálatas 1:17 e 18, que "subi a Jerusalém para ver Pedro, e fiquei com ele quinze dias." Em todos esses dias, é possível que, se o milagre da conversão tivesse realmente ocorrido como declarado nos Atos, com os companheiros na estrada e Ananias como testemunhas, — ele não deveria ter se relacionado com Pedro, e, se não espontaneamente, pelo menos em resposta a tais perguntas que um homem na situação de Pedro não poderia deixar de colocar, ter trazido à tona, cada circunstância mínima?[Pág. 76] Este então foi o tempo — ou pelo menos *um* tempo — de seu julgamento, sobre a questão, *revelação ou não revelação* . Aqui então, quando, com tanta veemência, declarando — não sua independência meramente, mas sua superioridade, em relação aos Apóstolos — e *que* em nenhum outro fundamento além desta suposta revelação, foi, se o julgamento naquele julgamento tivesse sido a seu favor — era possível que ele tivesse omitido aproveitar-se disso? No entanto, nenhuma tentativa desse tipo, vemos, ele faz: — nenhuma tentativa, de aproveitar-se da questão do julgamento, ou de qualquer coisa que tenha ocorrido na ocasião dele. No geral, ele se mantém livre de qualquer alusão a isso: e de fato, se seu historiador — o autor dos Atos — for acreditado, — com muito bom motivo: pois, seja o que for que, naquela ocasião, ele disse, nos Atos é expressamente declarado que, pelos discípulos pelo menos, ele foi totalmente desacreditado. Atos ix. 26: "Ele tentou juntar-se aos discípulos: mas todos estavam com medo dele, e não acreditavam que ele era um discípulo. Mas Barnabé o

tomou e o trouxe aos apóstolos," &c. Por que foi que, depois que os discípulos o declararam unanimemente e sua história indignos de crédito, os apóstolos lhe deram, apesar disso, uma espécie de recepção; — e que, por nenhum semblante, que eles naquela ocasião lhe deram, foi qualquer base fornecida, para a suposição de que qualquer mais crédito foi dado a ele e sua história, por eles do que pelos discípulos em geral, — será explicado em seu lugar.

[Pág. 77]

TABELA II.—PAULO NÃO ACREDITOU.

TABELA — *Mostrando, de uma só vez, as passagens das quais se extrai a inferência de que a conversão interior de Paulo nunca foi acreditada por nenhum dos apóstolos ou seus discípulos.*

Explicações. —As Entrevistas aqui vistas são entre Paulo e um ou mais Apóstolos. Número de Entrevistas cinco,—de Visitas o mesmo: das quais, por Paulo a Pedro, quatro,—por Pedro a Paulo,—um: além do suposto fictício. Dos Relatos, o de Paulo, até onde vai, é tomado como padrão. Das Epístolas de Paulo, a genuinidade está fora de disputa: a história de Atos é anônima. A evidência de Paulo é a de uma suposta testemunha percipiente. A de seu historiador,—quanto a esses assuntos, principalmente a de um narrador,—narrando—mas de ouvir dizer, Provavelmente de Paulo.

ENTREVISTAS, 35 d.C. (I); 52 d.C. (III).

Segundo Paulo, Gálatas 58 d.C.

1. *Introdução.*

Gálatas 1:1. "Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, e por todos

os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia: Graça a vós outros e paz, da parte de Deus Pai, e de nosso Senhor Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai; a quem seja a glória para todo o sempre. Amém."

2. *Independência declarada.*

Gálatas 1:6. "Admira-me que tão depressa estejais abandonando aquele que vos chamou na graça de Cristo, para outro evangelho, o qual não é outro evangelho; somente há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse outro evangelho,[Pág. 78] do que o que vos pregamos, seja anátema. Como já dissemos antes, assim o digo agora novamente: se alguém vos pregar outro evangelho além daquele que recebestes, seja anátema. Pois estou eu agora persuadindo os homens, ou a Deus? Ou procuro agradar aos homens? Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo.

"Porque vos faço saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi pregado não é segundo os homens; porque não o recebi de homem algum, nem me foi ensinado; mas ele me foi revelado por Jesus Cristo."

3. *Conversão Falada.*

Ver. 13. "Porque ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia a igreja de Deus, e a assolava; e na religião judaica avantajava a muitos da minha idade entre os meus concidadãos, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais. Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, imediatamente não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para estar com os que eram apóstolos antes de

mim; mas parti para a Arábia, e outra vez voltei para Damasco."

4. *Relato da Entrevista I.*

Ver. 18. "Então, depois de três anos, subi a Jerusalém para visitar Cefas, e fiquei com ele quinze dias. Mas não vi nenhum outro dos apóstolos, senão Tiago, irmão do Senhor. Agora, quanto às coisas que vos escrevo, eis que diante de Deus não minto. Então fui para as regiões da Síria e da Cilícia. E eu ainda era desconhecido de vista das igrejas da Judeia que estavam em Cristo; mas somente ouviram dizer: Aquele que outrora nos perseguia, agora prega a fé que antes destruía; e glorificaram a Deus a respeito de mim."

5. *Relato da Entrevista III. II.*

Gálatas 2:1. "Depois de catorze anos, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também comigo Tito.[Pág. 79] E subi por revelação; e expus-lhes o evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que eram de renome, para que de algum modo eu não estivesse correndo, ou tivesse corrido em vão. Mas nem mesmo Tito, que estava comigo, sendo grego, foi obrigado a circuncidar-se; e isso por causa dos falsos irmãos introduzidos secretamente, os quais entraram secretamente para espiar a nossa liberdade, que temos em Cristo Jesus, para nos reduzirem à escravidão; aos quais cedemos em sujeição, nem por uma hora; para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós. Mas, quanto aos que eram reputados como alguma coisa (o que quer que fossem, não me importa: Deus não aceita a aparência do homem), digo eu, aqueles que eram de renome nada me comunicaram; mas, ao contrário, quando dizem que me foi confiado o evangelho da incircuncisão, assim como a Pedro o evangelho da circuncisão, pois aquele que trabalhou por Pedro para o apostolado da circuncisão, trabalhou por mim também para os gentios.

6. *Tratado de Partilha.*

Ver. 9. "E, quando perceberam a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram considerados colunas, deram a mim e a Barnabé as destras em sinal de comunhão, para que fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão; somente queriam que nos lembrássemos dos pobres; o que também procurei fazer com diligência."

7. *Apesar do ciúme.*

Ver. 11. "Mas quando Cefas (Pedro) veio a Antioquia, resisti-lhe na cara, porque era repreensível. Pois antes que chegassem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios; mas quando eles chegaram, ele recuou e se separou, temendo os que eram da circuncisão. E os demais judeus também dissimularam com ele; de modo que até Barnabé se deixou levar pela dissimulação deles. Mas quando vi que não andavam retamente, segundooverdade do evangelho, eu disse a Cefas diante de todos eles: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, como obrigas os gentios a viverem como os judeus? Nós, judeus por natureza, e não pecadores dentre os gentios, sabendo, contudo, que o homem não é justificado pelas obras da lei, senão pela fé em Jesus Cristo, também nós cremos[Pág. 80] em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; porque pelas obras da lei nenhuma carne será justificada. Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, é Cristo ministro do pecado? De modo nenhum. Porque, se reedifico o que destruí, condeno-me a mim mesmo transgressor. Porque eu, pela lei, morri para a lei, para viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; e vivo, e já não sou eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé, a fé que está no Filho de Deus, o qual me amou, e a si mesmo se entregou por mim. Não anulo a graça de Deus;

porque, se a justiça é pela lei, segue-se que Cristo morreu em vão."

ENTREVISTA IAD 35.

Visita de Paulo a Jerusalém I.

Visita de reconciliação.

(*Partida de Damasco.*)

Atos 9:23-30. "E, passados muitos dias, os judeus tomaram conselho entre si para o matarem; mas a sua conspiração chegou ao conhecimento de Saulo. E guardavam também as portas dia e noite, para o matarem; mas os seus discípulos, tomando-o de noite, o fizeram descer pelo muro, baixando-o num cesto."

(*Chegada a Jerusalém — Resultados.*)

Ver. 26. "E, quando chegou a Jerusalém, tentou juntar-se aos discípulos; e todos o temiam, não crendo que fosse discípulo. Mas Barnabé, tomando-o consigo, o levou aos apóstolos, e contou-lhes como no caminho vira o Senhor, e que lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus. E estava com eles, entrando e saindo de Jerusalém, pregando ousadamente em nome do Senhor."

[Pág. 81]

(*Partida—Causa.*)

Ver. 29. "E ele falou e discutiu contra os judeus gregos; mas eles estavam prestes a matá-lo. E quando os irmãos souberam disso, eles o levaram para baixoCesaréia, e o enviou para Tarso."

ENTREVISTA IAD 35.

Partida—Causa.

No primeiro relato de Paulo.

Atos 22:17-21. "E aconteceu que, quando eu tinha voltado para Jerusalém, e estando eu orando no templo, caí em êxtase, e vi aquele que me dizia: Apressa-te, e sai logo de Jerusalém; porque não receberão teu testemunho a meu respeito. E eu disse: Senhor, eles mesmos sabem que eu prendi e açoitei em todas as sinagogas os que criam em ti; e quando o sangue de Estêvão, tua testemunha, foi derramado, eu também estava presente, e consenti, e guardei as vestes dos que o mataram. E ele me disse: Vai, porque eu te enviarei aos gentios de longe."

ENTREVISTA II. 43 d.C.

Visita de Paulo a Jerusalém II.

Visita para trazer dinheiro.

Atos 11:22-30. "E a notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e então enviou Barnabé até Antioquia; o qual, quando chegou, e viu a graça de Deus, alegrou-se; e exortou a todos, com firmeza de coração, a se apegarem ao Senhor; porque ele era um homem bom, e cheio do Espírito Santo e de fé; e muito povo foi acrescentado ao Senhor. E ele saiu a Tarso para procurar Saulo; e quando o encontrou, levou-o para Antioquia. E aconteceu que durante um ano inteiro eles se reuniram com a igreja, e ensinaram muito[Pág. 82] pessoas; e que os discípulos foram chamados cristãos pela primeira vez em Antioquia.

"Naqueles dias desceram profetas de Jerusalém para Antioquia. E levantou-se um deles, chamado Ágabo, e pelo Espírito anunciou que haveria uma grande fome em todo o mundo, a qual aconteceu nos dias deCláudio. E os discípulos, cada um segundo as suas posses, resolveram enviar socorro aos irmãos que habitavam na Judeia; o que

também fizeram, enviando-o aos anciãos por intermédio de Barnabé e Saulo."

ENTREVISTA III. 52 d.C.

Visita de Paulo a Jerusalém III.

Visita da Delegação.

Conforme ATOS xv. 1-21.

Atos 25:1-23. "E alguns homens desceram da Judeia e ensinavam os irmãos, dizendo: Se não vos circuncidardes, segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos. E, tendo Paulo e Barnabé não pequena dissensão e contenda com eles, os irmãos determinaram que Paulo e Barnabé, e alguns outros dentre eles, subissem a Jerusalém, aos apóstolos e anciãos, sobre esta questão. Eles, pois, sendo acompanhados pela igreja, passaram pela Fenícia e Samaria, contando a conversão dos gentios; e causaram grande alegria a todos os irmãos. E, quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja, e pelos apóstolos e anciãos, e relataram tudo o que Deus fizera por meio deles. Mas levantaram-se alguns da seita dos fariseus, que creram, dizendo: É necessário circuncidá-los e mandar-lhes que guardem a lei de Moisés.

"E os apóstolos e os anciãos estavam reunidos para considerar esta questão. E, havendo grande discussão, levantou-se Pedro e disse-lhes:

"Irmãos, vós sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem. E Deus, que conhece os corações, deu-lhes testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como já o fez[Pág. 83] para nós; e não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando os seus corações pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? Mas cremos que seremos

salvos pela graça do Senhor Jesus, da mesma forma que eles.

“E toda a multidão se calou, e escutavam a Barnabé e a Paulo, que contavam quão grandes sinais e prodígios Deus fizera entre os homens.Gentiospor eles. E depois que eles se calaram, Tiago respondeu, dizendo:

"Irmãos, ouvi-me: Simeão relatou como Deus primeiramente visitou os gentios, para tomar dentre eles um povo para o seu nome. E com isto concordam as palavras dos profetas; como está escrito:

“Depois destas coisas voltarei,
E reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído;
E reedificarei as suas ruínas,
E eu vou configurar:
Para que o restante dos homens busque ao Senhor,
E todos os gentios, sobre os quais o meu nome é invocado,
Diz o Senhor, que faz estas coisas conhecidas desde o princípio do mundo.

"Portanto, julgo que não incomodemos os que dentre os gentios se convertem a Deus; mas que lhes escrevamos que se abstenham das contaminações dos ídolos, da fornicação, do que é sufocado e do sangue. Pois Moisés, desde as gerações antigas, tem em cada cidade quem o pregue, sendo lido nas sinagogas todos os sábados."

ENTREVISTA IV. 52 d.C.

Visita de Pedro a Antioquia.

Atos 15:22-33. "Pareceu, pois, bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a igreja, escolher alguns dentre eles e enviá-los a Antioquia, com Paulo e Barnabé, a saber, Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens importantes entre os irmãos; e por eles escreveram assim: Os apóstolos e os irmãos mais velhos,irmãos que são dos gentios em Antioquia, Síria e Cilícia, saúde. Visto que ouvimos que alguns dentre nós vos têm perturbado com palavras,

pervertendo as vossas almas, aos quais não demos ordem alguma, pareceu-nos bem, tendo-os feito[Pág. 84] cheguem a um acordo, para escolher homens e enviá-los a vocês com nossos amados Barnabé e Paulo, homens que arriscaram suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Nós enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais também vos anunciarão as mesmas coisas de boca em boca. Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês maior encargo do que estas coisas necessárias: que vocês se abstenham das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicação; das quais coisas, se vocês se guardarem, tudo irá bem com vocês. Adeus.

"Então eles, quandoelesforam despedidos, desceram a Antioquia; e tendo reunido a multidão, entregaram a epístola. E quando a leram, alegraram-se pela consolação. E Judas e Silas, sendo eles também profetas, exortaram os irmãos com muitas palavras, e os confirmaram. E depois de terem passado algum tempo ali, foram despedidos em paz pelos irmãos para aqueles que os tinham enviado."

ENTREVISTA AD 52.

Visita de Paulo.

Conforme ATOS xviii. 19-23.

(*Supostamente fictício.*)

"E eles chegaram a Éfeso, e ele os deixou ali; mas ele mesmo entrou na sinagoga, e discutiu com os judeus. E quando eles lhe pediram para permanecer por mais tempo, ele não consentiu; mas despedindo-se deles e dizendo: Eu voltarei outra vez a vocês, se Deus quiser, ele partiu de Éfeso. E quando ele tinha desembarcado emCesaréia, subiu, saudou a igreja e desceu para Antioquia. E, tendo passado ali algum tempo, partiu, e passou pela região da

Galácia e da Frígia em ordem, estabelecendo todos os discípulos."

[Pág. 85]

ENTREVISTA VAD 60.

Visita de Paulo a Jerusalém IV.

Visita de invasão.

(*Visita proposta.* 56 d.C.)

Atos 19:20-21. "E, depois que estas coisas foram concluídas, Paulo propôs no espírito, quando ele tivesse passado pela Macedônia e Acaia, ir a Jerusalém, dizendo: Depois que eu estiver lá, eu também devo ver Roma. E tendo enviado para a Macedônia dois dos que o serviam, Timóteo e Erasto, ele mesmo ficou na Ásia por um tempo."

(*Visita proposta novamente.* 60 d.C.)

Atos 20:16. "Pois Paulo havia determinado passar ao largo de Éfeso, para não se demorar na Ásia; pois se apressava para estar em Jerusalém no dia de Pentecostes, se lhe fosse possível.

"E de Mileto foi para Éfeso, e chamou os anciãos da igreja. E, quando chegaram a ele, disse-lhes:

"Vós mesmos sabeis que, desde o primeiro dia em que pisei na Ásia, assim estive convosco todo o tempo, servindo ao Senhor com toda a humildade de espírito, e com lágrimas, e com provações que me sobrevieram pelas sortes dos judeus; como nada deixei de vos anunciar que fosse proveitoso, e de vos ensinar publicamente, e de casa em casa, testificando, tanto a judeus como a gregos, o arrependimento para com Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. E agora, eis que vou preso no espírito para Jerusalém, não sabendo o que ali me há de acontecer; exceto que o Espírito Santo de cidade em cidade testifica de

mim, dizendo que prisões e aflições me aguardam. Mas em nada tenho a minha vida em conta, como preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para testificar o evangelho da graça de Deus. E agora, eis que sei que todos vós, entre os quais andei pregando o reino, não vereis mais o meu rosto."

Atos 21:7-9. “E, terminada a viagem de Tiro, chegamos a Ptolemaida; e, saudando os irmãos, nos detivemos[Pág. 86] com eles um dia. E no dia seguinte partimos, e chegamos a Cesaréia; e entrando na casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. Ora, este tinha quatro filhas virgens, que profetizavam."

(*Visita Oposta.* 60 d.C.)

Ver. 10. "E, demorando-nos ali muitos dias, desceu da Judeia um certo profeta, chamado Ágabo. (Ver Atos xi. 27.)

"E, chegando-se a nós, e tomando o cinto de Paulo, amarrou os seus próprios pés e mãos, e disse: Assim diz o Espírito Santo: Assim os judeus em Jerusalém amarrarão o homem a quem pertence este cinto, e o entregarão nas mãos dos gentios. E, ouvindo nós estas coisas, tanto nós como os daquele lugar rogamos-lhe que não subisse a Jerusalém. Então Paulo respondeu: Que fazeis, chorando e partindo-me o coração? Pois eu estou pronto não somente a ser amarrado, mas também a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus. E, como ele não quis ser persuadido, cessamos, dizendo: Seja feita a vontade do Senhor."

ENTREVISTA VAD 60.

Visita de Paulo a Jerusalém IV.

Visita de invasão — Resultados.

Chegada.

Atos 21:15-36. "E depois destes dias, tomando a nossa bagagem, subimos para Jerusalém. E foram conosco também alguns dos discípulos de Cesaréia, levando consigo um certo Mnason, de Chipre, discípulo antigo, com quem nos devíamos hospedar.

"E quando chegamos a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria."

Teste, Proposto para Livramento.

"E no dia seguinte Paulo foi conosco ter com Tiago, e todos os anciãos estavam presentes. E, havendo-os saudado, relatou-lhes, uma por uma, as coisas que Deus fizera entre eles.[Pág. 87] os gentios pelo seu ministério. E eles, quando ouviram isso, glorificaram a Deus; e disseram-lhe: Tu vês, irmão, quantos milhares há entre os judeus daqueles que creram; e todos eles são zelosos pela lei: e eles foram informados a respeito de ti, que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a abandonar Moisés, dizendo-lhes que não circuncidem seus filhos, nem andem segundo os costumes. O que é, portanto? Eles certamente ouvirão que tu vieste. Faze, pois, isto que te dizemos: Temos quatro homens que fizeram voto sobre si; estes toma, e purifica-te com eles, e sê responsável por eles, para que rapem as suas cabeças; e todos saberão que não há verdade nas coisas de que foram informados a respeito de ti; mas que tu também andas ordenadamente, guardando a lei. Mas, quanto aos gentios que creram, escrevemos, julgando que se abstenham das coisas sacrificadas aos ídolos, do sangue, da carne sufocada e da prostituição.

O teste engoliu.

"Então Paulo tomou consigo aqueles homens e, no dia seguinte, purificou-se com eles e entrou no templo, contando o cumprimento dos dias da purificação, até que a oferta fosse oferecida por cada um deles."

Indignação Universal.

"E quando os sete dias estavam quase completos, os judeus da Ásia, quando o viram no templo, alvoroçaram toda a multidão, e lançaram mão dele, clamando: Homens israelitas, acudi! Este é o homem que por toda parte ensina a todos contra o povo, e contra a lei, e contra este lugar; e, além disso, introduziu também gregos no templo, e profanou este santo lugar. Pois antes tinham visto com ele na cidade a Trófimo, o efésio, a quem pensavam que Paulo havia introduzido no templo. E alvoroçou-se toda a cidade, e correu o povo; e, agarrando a Paulo, arrastaram-no para fora do templo; e imediatamente as portas se fecharam. E, procurando matá-lo,[Pág. 88] chegaram notícias ao capitão-chefe da tropa, que toda Jerusalém estava em confusão. E imediatamente ele tomou soldados e centuriões, e correu sobre eles: e eles, quando viram o capitão-chefe e os soldados, pararam de espancar Paulo. Então o capitão-chefe se aproximou, e o prendeu, e ordenou que o amarrassem com duas correntes; e perguntou quem ele era, e o que ele tinha feito. E alguns gritavam uma coisa, outros outra, entre a multidão: e quando ele não podia saber a certeza por causa do tumulto, ele ordenou que o trouxessem para o castelo. E quando ele chegou às escadas, assim foi, que ele foi levado pelos soldados por causa da violência da multidão; pois a multidão do povo o seguia, gritando: Fora com ele."

[Pág. 89]

NOTAS DE RODAPÉ:

[1]Da palavra *conversão* , como empregada em todos os lugares e em todos os tempos ao falar de Paulo, comumente chamado de São Paulo, a importância foi encontrada envolvida em tal nuvem, como, sob pena de perpétuo equívoco, foi considerado necessário, aqui no início, limpar. Que, de ser um perseguidor ardente e destrutivo dos

discípulos do falecido Jesus, ele se tornou seu colaborador e, *nesse* sentido, seu aliado, pregando, na fala e por escrito, uma religião sob o nome de religião de Jesus, assumindo até mesmo a denominação de um *apóstolo* de Jesus, *apóstolo* , isto é, enviado especial (sendo esse o título pelo qual os doze servos mais confidenciais de Jesus se distinguiam), está completamente fora de disputa. Que neste sentido ele se tornou um *convertido* à religião de Jesus, e que neste sentido sua suposta conversão foi real, é consequentemente nesta obra não apenas admitido, mas afirmado. Poucos pontos da história antiga parecem mais satisfatoriamente atestados. Neste sentido, então, ele foi convertido além de disputa. Chame isso então de sua *conversão externa ; e diga, a conversão externa* de Paulo é indubitável. Mas, que essa conversão teve como causa, ou consequência, qualquer intercurso sobrenatural com o Todo-Poderoso, ou qualquer crença no caráter sobrenatural do próprio Jesus; esta é a posição, cuja errônea tem, aos olhos do autor, se tornado mais e mais assegurada, quanto mais de perto as circunstâncias do caso foram examinadas. Que, na fala e mesmo na ação, ele era na aparência externa um convertido à religião de Jesus; isto é o que é admitido: que, internamente, ele era um convertido à religião de Jesus, acreditando que Jesus era Deus, ou autorizado por qualquer comissão sobrenatural de Deus; esta é a posição, cujo negativo é o objetivo da presente obra tornar tão evidente ao leitor, quanto um exame minucioso o tornou ao autor. A consequência, a consequência prática, segue-se por si mesma. No caminho da doutrina, seja o que for, estar nas Epístolas de Paulo não está em nenhum dos Evangelhos, pertence a Paulo, e somente a Paulo, e não faz parte da religião de Jesus. Isto é o que pareceu necessário declarar na abertura; e para isto, no caráter de uma conclusão, o argumento será visto o tempo todo tender.

[2]Veja Cap. 15. Os supostos milagres de Paulo explicados.

[3]Em relação à matéria testemunhada, isto é, em relação ao objeto do testemunho; é, antes de tudo, uma condição

necessária, que o que é relatado como verdadeiro seja possível, tanto absolutamente, ou como um objeto da Faculdade elaborativa, quanto relativamente, ou como um objeto das Faculdades Apresentativas, — Percepção, Externa ou Interna. Uma coisa é possível absolutamente, ou em si mesma, quando pode ser construída para o pensamento, isto é, quando não é inconsistente com as leis lógicas do pensamento; uma coisa é relativamente possível como um objeto de percepção, Externa ou Interna, quando pode afetar o Sentido ou a Autoconsciência, e, por meio de tal afeição, determinar sua apreensão por uma ou outra dessas faculdades.

Um testemunho deve, portanto, ser rejeitado incondicionalmente se o fato que ele relata for em si mesmo impossível ou impossível como objeto das faculdades representativas.

Mas a impossibilidade de uma coisa, como objeto dessas faculdades, deve ser decidida com base em princípios físicos ou metafísicos.

Uma coisa é fisicamente impossível como um objeto dos sentidos, quando a existência em si, ou sua percepção por nós, é, pelas leis do mundo material, impossível. — Lógica de Hamilton 460. — Ed.

[4]" *Luz* , grande *Luz* ." - Note-se que esta "luz" é apresentada primeiro objetivamente como um fenômeno, uma coisa, masó queé "luz"? A resposta universal é "Aquela força na natureza que, agindo na retina do olho, produz a sensação que chamamos de visão." Esta visão é o total do efeito subjetivo daquela agência da natureza, a realização subjetiva através das funções do cerebelo. Mas as funções são realizadas através de agências chamadas órgãos. A retina é um desses órgãos. Através das operações desses órgãos e do cerebelo, a apreensão subjetiva é produzida como um efeito, mas em alguns casos de apreensões muito forçadas, elas são interpretadas como uma condição doentia dos órgãos dos sentidos. As ideias às vezes adquirem

vivacidade e permanência incomuns e são, portanto, peculiarmente suscetíveis de serem confundidas com seus protótipos objetivos e, portanto, espectros, alusões espectrais que são muito comuns em casos de excitação emocional.

Além disso, será notado o tempo todo que o repórter, Lucas, escreveu o que Paulo, ou alguma outra pessoa ou rumor havia comunicado a ele anteriormente. Agora, Lucas estava acostumado a escrever essas maravilhas, esses prodígios quiméricos sobre-humanos. Tome o exemplo do julgamento de Estêvão, Atos 7. Após as acusações dos reclamantes, Ib. 6-9, "Libertinos" e outros foram ouvidos pelo Sumo Sacerdote, ele perguntou pessoalmente a Estêvão sobre a veracidade das acusações, e Lucas relata suas respostas, e então para ter certeza de retratar completamente as condições emocionais das testemunhas e dos espectadores, ele relata, V. 54. "Quando ouviram estas coisas, ficaram compungidos no coração e o agarraram com os dentes; mas ele, Estêvão, estando cheio do Espírito Santo, olhou fixamente para o céu e viu a glória de Deus e Jesus em pé à direita de Deus, e disse: Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem em pé à direita de Deus. Então, clamando em alta voz, taparam os ouvidos, e, unânimes, arremeteram sobre ele, e o expulsaram da cidade, e o apedrejaram; e as testemunhas depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo."

Este Saulo, agora Paulo, deve ter atuado como supervisor ou árbitro. Paulo, é pelos cronologistas considerado como tendo cerca de 12 anos de idade; Mas será visto que Lucas, o narrador, é exatamente um desses super útil testemunha como prejudica totalmente sua credibilidade. Ele diz primeiro, Estevão estava de fato cheio do Espírito Santo, viu a glória de Deus, pois ele evidentemente era glorioso, e Jesus de pé à direita de Deus; e que além disso ele afirma que Estevão, disse que viu as mesmas maravilhas — com a adição de que os céus foram abertos, &c. Se ele tivesse sido interrogado e perguntado se o pequeno Paulo não viu todas

essas maravilhas, ele sem dúvida teria respondido afirmativamente e oferecido a declaração, Que todos eles viram essas maravilhas, o sumo sacerdote, os acusadores, espectadores e caninos humanos que rangeram os dentes sobre Estevão. Consulte qualquer autor de Psicologia sobre o assunto Emoções, Ilusões Exstáticas, &c.

Mas na assembleia dos inquisidores de Estêvão, Paulo e outros diante dos sumos sacerdotes, que lei especial ou cânones eles foram acusados de violar? Resposta, um cânone é bem visível, a saber: — Êx. 22:28. "Não amaldiçoarás os deuses, nem amaldiçoarás o governante do povo."

Quando o inquisidor, o sumo sacerdote, considerava o acusado culpado, ele era entregue às testemunhas para execução. Os detetives desfrutavam do luxo de fazer o apedrejamento. Se a limitação de Cristo estivesse em uso, a saber: — que ninguém, exceto os inocentes, deveria atirar pedras, os detetives acusadores poderiam ter sido menos zelosos. — Ed.

[5]O termo historiógrafo é usado propositalmente pelo autor para denotar um especialista na ocasião.

[6]"Aguilhão" é a palavra usada no Testamento Douay e nas revisões posteriores de The Protestants.

[7]Cor. 15:8—"Ele também me apareceu como a um nascido fora de tempo."

[8]Outra questão que aqui se apresenta é: como poderia ter acontecido que, estando Jerusalém sob um governo, e Damasco sob outro (se assim fosse o caso), a vontade dos governantes locais em Jerusalém encontrasse obediência, por assim dizer, nas mãos das autoridades adequadas em Damasco? Para a questão de como isso *realmente* aconteceu, seria demais tentar dar uma resposta. Para uma resposta à questão de como isso pode ser *concebido* como tendo acontecido, pode-se fazer referência à prática inglesa existente. O mandado emitido pelas autoridades constituídas em Jerusalém esperava

encontrar, e encontrou consequentemente em Damasco, uma autoridade adequada disposta a apoiá-lo. Em quaisquer países gentios, os judeus, em número suficiente para compor uma sinagoga, se estabeleceram, um hábito naturalmente ocorria, como é claro, entre eles — o hábito de prestar obediência, em grande medida, aos funcionários que eram considerados governantes da sinagoga. Poucos são ou foram os países conquistados, nos quais alguma parcela de poder subordinado não foi deixada, tanto para os nativos da nação conquistada quanto para quaisquer estrangeiros independentes, aos quais, em números suficientes para constituir uma espécie de corpo corporativo, aconteceu de tempos em tempos se tornarem colonos. Afinal, o que deve ser confessado é que, em tudo isso, parece não haver nada além do que poderia prontamente ter sido concebido, sem ter sido assim expresso.

[9]É bem sabido que este dogma do pecado original — uma doença que a família humana desfruta por triste herança — Cristo tratou com indiferença insignificante. Ele lidou com os problemas do homem em um estado social, como socialmente condicionado apenas. Um ser humano condicionado como isolado de vizinhos, amigos e sociedade, ele não fez como cientificamente não poderia lidar, Ele discursou sobre deveres sociais, embora sublimemente, NB Atos 18:15, "Mas se teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele só, Se ele te ouvir, ganhaste teu irmão. Mas se ele não te ouvir, então toma contigo mais um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada. E se ele deixar de ouvi-los, dize-o à igreja. E se ele deixar de ouvir a igreja, considera-o como o gentio e publicano, Em verdade vos digo que tudo o que ligares na terra será ligado também no céu; e tudo o que desligares na terra será desligado também no céu."

Agora, sem discutir sobre a tradução, este esquema de arbitragem social contém o máximo da justiça. Ele contém a única hipótese de trabalho dentro de qualquer condição

social da humanidade. Não existe justiça no abstrato ou no concreto. É como calor e eletricidade, um mero modo de movimento, uma forma de ação. E quando uma controvérsia entre cidadãos é submetida de forma justa ao julgamento de homens normais, a voz de sua consciência, sendo o órgão máximo do Criador da natureza, deve ser "vinculativa" no que diz respeito ao homem socialmente.

E como não parece ao homem natural qualquer apelo ao céu, o arbítrio do homem no caso especial carrega o selo das eternidades e exclui toda controvérsia posterior. O discurso da honrosa Consciência do Homem é a voz do Criador de sua personalidade.—Ed.

[10]Desde que o que está no texto foi escrito, pensamentos mais maduros sugeriram uma interpretação, pela qual, se recebidas, as tristes inferências apresentadas pela doutrina, de que delitos e sofrimentos consequentes que ocorreram, poderiam por um mergulho em um pedaço de água ser causados a nunca terem acontecido, podem ser repelidas. De acordo com essa interpretação, o ato de ser batizado — o ato corporal — é uma coisa; um ato de lavar os pecados — o ato espiritual — outra. O efeito produzido é — não fazer com que os delitos e sofrimentos nunca tenham ocorrido, mas fazer com que sejam compensados, por atos produtivos de prazer, ou de economia no artigo de sofrimentos, em uma quantia igual ou maior.

[11]Veja Cap. xvii. §. v. 4. As visões de Pedro e Cornélio.

[12]*Veja o Church of Englandism* de Bentham examinado .

CAPÍTULO II.

Conversão externa — como produzida — como planejada.

SEÇÃO 1.

MOTIVO, VANTAGEM TEMPORAL — PLANO.

Quão florescente o estado da igreja havia se tornado nesse período, será visto mais completamente em outro lugar. Muito antes desse período, — números de convertidos, somente em Jerusalém, acima de três mil. O agregado, da propriedade pertencente aos indivíduos, havia sido formado em um fundo comum: a administração — um fardo muito grande para os trabalhos unidos dos onze apóstolos, com seu novo associado Mathias — havia, sob o nome tão inapropriadamente representado no momento pela palavra inglesa *diácono* , sido confiada a sete curadores; um dos quais, Estêvão, havia, a pedido de Paulo, sido obrigado a pagar, com sua vida, pela imprudência, com a qual ele havia, da maneira mais pública, se entregado, em blasfemar contra o ídolo dos judeus — seu templo.[13]

[Pág. 90]

Dessa condição florescente, Paulo, sob seu nome original de Saulo, tinha sido uma testemunha o tempo todo. Enquanto continuava contra ela aquela perseguição, na qual, se não o instigador original, ele tinha sido um instrumento muito ativo, perseguindo, se ele mesmo, no que ele é feito para dizer, em Atos xxii. 4, é para ser acreditado, — "perseguindo até a morte, prendendo e entregando em prisões tanto homens como mulheres;" — enquanto assim ocupado, ele não poderia no curso de tal seu emprego desastroso, ter falhado em obter uma visão considerável sobre o estado de seus assuntos mundanos.

Samaria — o campo das façanhas e renome do grande feiticeiro Simão, distinguido naqueles tempos pelo nome de *Mago* — Samaria, a vizinha próxima e rival constante, para não dizer inimiga, de Jerusalém; — não está a mais de quarenta e cinco milhas de distância dela. Para a mente alerta e ocupada de Paulo, — a oferta, feita pelo feiticeiro, de comprar dos Apóstolos uma parte no governo da igreja, não poderia ter sido um segredo.

Nas mãos daqueles governantes da Igreja Cristã, esta oferta não encontrou aceitação. Ações na direção de seus negócios não eram, como aquelas no governo do Império Britânico nestes nossos dias, objetos de venda. Os nove governantes não entrariam em tal barganha; seus discípulos não eram como gado aos seus olhos: por aqueles próprios discípulos nenhuma barganha teria sido suportada; eles não eram como gado aos seus próprios olhos.

Mas, embora o negócio proposto pelo feiticeiro não tenha ocorrido, esta evidência, que a oferta dela tão claramente proporciona, - esta evidência, do valor de uma situação desse tipo em um ponto de vista comercial, não poderia naturalmente ter permanecido uma[Pág. 91] segredo para Paulo, ou não conseguiu prender sua atenção, e apresentou à sua avidez e ambição um terreno para especulação — um campo convidativo para empreendimentos.

Desde o momento em que ele assumiu o papel de liderança na condenação e execução do gerente excessivamente zeloso das preocupações temporais dos discípulos associados daquele orador desastroso, por quem a pregação e as funções espirituais poderiam, com um resultado muito mais feliz, ter sido deixadas nas mãos dos apóstolos — desde aquele momento, até aquele em que o encontramos, com cartas no bolso, dos governantes dos judeus em seu próprio país, para os governantes da mesma nação sob o governo do estado vizinho de Damasco, ele continuou, de acordo com Atos 9:1; "ainda respirando ameaças e matança contra os discípulos do Senhor".

O objetivo dessas cartas era empregar a influência das autoridades de onde elas vinham, a saber, o Sumo Sacerdote e os Anciãos, com o propósito de envolver aqueles a quem elas eram endereçadas, para capacitá-lo a trazer presos, de Damasco para Jerusalém, todos os convertidos à religião de Jesus, que deveriam ter sido encontrados no último lugar mencionado.

O autor dos Atos nos informa pessoalmente que Saulo *desejava cartas com esse propósito.*[14] . Num capítulo subsequente, na pessoa de Paulo, a saber, no discurso à multidão pela qual ele foi arrastado para fora do Templo, com o propósito de matá-lo, ele nos informa que eles foram realmente *obtidos*[15] .

[Pág. 92]

Foi no decorrer de sua jornada, e com essas cartas no bolso, que, na visão que ele teve enquanto estava na estrada — naquele momento e não antes — sua conversão foi efetuada, de acordo com seu próprio relato do assunto.

Aquilo que se pensa já ter sido provado, que seja, pelo menos para efeito de argumentação, afirmado. Digamos, portanto, que essa história de visão era uma mera fábula. Nessa suposição, então, o que será dito dessas mesmas cartas? Das visões em que foram obtidas? Do uso que eventualmente foi feito delas? Do propósito ao qual foram aplicadas? Para todas essas questões, uma solução pode servir. Do que é conhecido além de qualquer disputa — por um lado, de seu antigo modo de vida e conexões — por outro lado, de seu procedimento subsequente — uma resposta, da satisfatoriamente que o leitor terá que julgar, pode, sem muito gasto de pensamento, ser coletada.

Se, na realidade, nenhuma visão desse tipo foi percebida por ele, nenhuma circunstância permanece manifesta pela qual a mudança que tão manifesta e notoriamente ocorreu em seu plano de vida veio a ser referida àquele *ponto* no campo do tempo — em preferência a qualquer outro anterior.

Supondo, então, que o momento da mudança tenha sido anterior ao início da sua viagem a Damasco — anterior ao momento da[Pág. 93] a aplicação, em conformidade com a qual sua carta dos poderes governantes em Jerusalém, cujo objetivo era colocar à sua disposição o lote dos cristãos em Damasco, foi obtida; — isso supôs, qual, no esforço para obter esta carta, era seu objetivo? Manifestamente colocar em seu poder esses mesmos cristãos: colocá-los em seu

poder, e assim obter deles qualquer assistência que fosse considerada por ele como necessária para a posterior prossecução de seus esquemas, como acima indicado.

Nessa suposição, no caso de lhe darem aquela assistência, que, na forma de dinheiro e outras formas necessárias, ele requeria — nessa suposição, ele fez saber a eles sua determinação, não apenas de poupar suas pessoas, mas de se juntar a eles em sua religião; e, ao assumir a liderança entre os pagãos, a quem ele era, em vários aspectos, muito mais qualificado para comunicá-la do que qualquer um dos Apóstolos ou seus adeptos, para promovê-la ao máximo de seu poder. Uma oferta dessa natureza — era da natureza das coisas que ela fosse recusada? O que quer que fosse mais caro a eles — sua própria segurança pessoal e os interesses sagrados da nova religião, cujo zelo ainda ardia em seus corações, concorriam para pressioná-la sobre sua aceitação.

Com a assistência assim obtida, o plano era tornar-se um convertido declarado à religião de Jesus, com o propósito de se colocar à frente dela; e, por meio da perícia que havia adquirido no uso da língua grega, pregar, em nome de Jesus, aquele tipo de religião, por cuja pregação, um império sobre as mentes de seus convertidos e, por esse meio, o poder e a opulência aos quais ele aspirava, poderiam, com a mais justa perspectiva de sucesso, ser almejados.

[Pág. 94]

Mas, para a realização deste projeto, o que se apresentou como um passo necessário, foi — entrar em uma espécie de *tratado* , e formar pelo menos na aparência, uma espécie de junção, com os líderes da nova religião e seus adeptos — os Apóstolos e o resto dos discípulos. Quanto a *eles* , ao aderir a esta proposta, na suposição de algo como sinceridade e consistência de sua parte, *eles* naturalmente veriam muito a ganhar e nada a perder: muito de fato a ganhar; nada menos que paz e segurança, em vez daquela perseguição, pela qual, com exceção dos próprios

Apóstolos, a todos os quais a experiência parece, sem exceção, ter transmitido o dom da prudência, toda a fraternidade havia sido recentemente expulsa de suas casas e espalhada em várias direções.

Com os cristãos em Damasco, essa junção projetada foi realmente efetuada por ele: mas, nesse estado de coisas, retornar a Jerusalém não era, naquele momento, algo a ser pensado. Aos olhos dos poderes governantes, ele teria sido um desonesto — um traidor de sua causa: aos olhos dos cristãos, ele teria sido um assassino, com o sangue dos inocentes ainda fedendo em suas mãos: ninguém ele teria encontrado para dar ouvidos à sua história, muito menos para suportá-la. Em Damasco, depois de fazer seu acordo com seus novos irmãos, restava pouco para ele fazer. Muito ele tinha para se informar sobre Jesus. Damasco — onde Jesus já tinha tantos seguidores — Damasco era um lugar para ele *aprender* : não para *ensinar* : — de qualquer forma, naquele momento.

Arábia, um campo promissor de empreendimento — Arábia, um solo virgem, aberto à sua vista. Lá ele não encontraria ninguém que abominasse sua pessoa — ninguém que contradissesse sua[Pág. 95] afirmações: ali sua eloquência — e, sob a direção de seu julgamento, sua invenção — encontraria livre escopo: naquele país a censura de inconsistência não poderia recair sobre ele: naquela terra estrangeira ele viu seu lugar de quarentena — sua escola de provação — o cenário de seu noviciado. Por alguns anos empregado no exercício de sua nova vocação — com aquele espírito e atividade que o acompanhariam, é claro, em toda ocupação à qual ele pudesse se dedicar — ele se iniciaria e se familiarizaria com os exercícios conectados de pregação e governo espiritual. No final desse período, qualquer que fosse seu sucesso naquele país, tal porção de tempo, passada na inocência, de qualquer forma amenizaria a inimizade: tal porção de tempo, manifestamente passada, no esforço de, de qualquer forma, prestar serviço à causa comum, poderia até mesmo estabelecer confiança.

No final desse tempo, ele poderia, não totalmente sem esperança de sucesso, apresentar-se aos governantes da igreja, na metrópole de seu império espiritual: "Eis que, ele poderia dizer, em mim não mais um perseguidor, mas um amigo. O perseguidor há muito desapareceu: ele deu lugar ao amigo. É verdade que eu já fui seu perseguidor. Anos passados em uníssono com você — anos passados a serviço da causa comum — me provaram. Você vê diante de si, um homem testado — um aliado de fidelidade testada: apresente-me como tal aos seus discípulos: leve-me aos seus conselhos: todo o meu talento, todas as minhas faculdades, serão seus. A terra de Israel continuará, como tem sido, o campo de *seus* santos labores; a terra dos gentios será minha: continuaremos nossas operações em conjunto; inúmeras são as maneiras pelas quais cada um de nós derivará do outro — informação, assistência e apoio."

[Pág. 96]

Para a Arábia, ele se dirigiu adequadamente: assim, em sua Epístola aos Gálatas, Gálatas i. 17, ele mesmo nos informa: naquele país pouco conhecido, ele continuou por três anos inteiros — assim também, no mesmo lugar, ele nos informa. Foi lá que ele experimentou aquele sucesso, qualquer que fosse, que constituiria o fundamento da recomendação dada a ele por Barnabé aos Apóstolos. Dali, ele retornou a Damasco: e, naquela cidade, apresentando-se em seu caráter regenerado, e tendo realizado por sua conduta subsequente as expectativas levantadas por suas promessas no início de sua carreira[16] ; ele planejou, e como será visto, executou sua expedição a Jerusalém: a expedição, cujo objetivo acaba de ser apresentado. "Então", diz o próprio Paulo, "subi a Jerusalém para ver Pedro, e fiquei com ele quinze dias." Gálatas 1:18. Ali, diz o autor dos Atos, Atos 9:27, 28, "Barnabé o tomou e o trouxe aos Apóstolos ... e ele estava com eles entrando e saindo de Jerusalém."

[Pág. 97]

SEÇÃO 2.

EM DAMASCO, PROVAVELMENTE NÃO EXISTE TAL ANANIAS.

Este mesmo Ananias — de quem tanto foi visto no último capítulo — exceto a imaginação de Paulo, ele teve alguma existência em algum lugar? A probabilidade parece estar no lado negativo: e, na próxima seção, quanto a se os companheiros de Paulo na estrada não estão em uma situação semelhante, o leitor terá que julgar. Mas comecemos com Ananias.

Em Damasco, de qualquer forma — com tanto poder em suas mãos, para garantir a subserviência daqueles a quem ele estava se dirigindo — com tanto poder em suas mãos, Paulo não poderia ter tido muita necessidade de algo na forma de uma visão: ele não poderia ter tido necessidade de qualquer pessoa como o vidente da visão correspondente — Ananias.

Com o propósito de auxiliar a operação daquelas considerações de prudência mundana, que esses poderes dele o capacitaram a apresentar, àqueles a quem isso interessava, — pode haver alguns talvez, que, por ceder a essas considerações, e assim se colocar sob o comando deste formidável potentado, possam procurar uma autoridade do Senhor Jesus. Mas, visto que, neste mesmo caso, mesmo nesta hora do dia, visões, *duas* em nome, mas, em relação à força probatória, redutíveis a *uma* — são tão geralmente recebidas como evidência conclusiva, — não é de se admirar se, naquela hora do dia, por pessoas tão circunstanciadas, aquela *visão* fosse recebida naquele mesmo caráter. Em Damasco, portanto, em sua primeira[Pág. 98] chegada, não poderia haver ocasião para qualquer história corroborante como a história da visão de Ananias. Em Damasco — a menos que ele já tivesse obtido e instruído como seu cúmplice um homem com esse nome

— nenhuma história desse tipo poderia, com qualquer perspectiva de sucesso, ter sido divulgada: com o propósito de aprender os detalhes de uma ocorrência de tão alta importância, a residência desse Ananias teria sido indagada: e, por suposição, nenhuma resposta satisfatória sendo capaz de ser dada a tais indagações, nenhuma história desse tipo poderia ser ousada a ser contada.

Tal foi o caso, naquele lugar e naquele tempo. Quanto a qualquer evidência, como aquela fornecida pela visão *principal* , a saber, a do próprio Paulo, talvez nenhuma evidência tenha sido considerada necessária: mas, se fosse *considerada* necessária, nada poderia ser mais fácil do que fornecê-la. Quanto à visão *secundária* , a saber, aquela atribuída posteriormente a um homem chamado Ananias, naquela época dificilmente poderia ter havido qualquer necessidade dela, qualquer demanda por ela; e, se houvesse tal demanda, dificilmente, a menos que previamente fornecida, qualquer suprimento correspondente poderia ter sido fornecido.

Em outros lugares e épocas posteriores somente, essa visão suplementar poderia, portanto, ter sido posta em circulação: consequentemente, não até muitos anos depois, foi feita menção a ela pelo autor dos Atos: — menção feita por ele, seja em sua própria pessoa, ou como tendo sido relatada, ou aludido, pelo próprio Paulo. Até mesmo o autor dos Atos, — embora neste mesmo capítulo ele tenha relatado a história da visão de Ananias, — ainda assim, quando ele chega a falar, da maneira, na qual, segundo ele, Paulo, por meio de seu protetor e benfeitor[Pág. 99] Barnabé obteve uma introdução aos Apóstolos, a saber, todos os Apóstolos, na qual, no entanto, ele é tão incisivamente contradito pelo próprio Paulo, — ainda assim, não fala de Barnabé, como incluindo, no relato recomendatório que ele lhes deu, de Paulo — sua visão e seus méritos — qualquer menção a esta visão suplementar: — qualquer menção a qualquer Ananias. Atos 9:27.

Em Damasco, seja como for em relação aos cristãos — nem aos judeus, nem aos gentios, a produção de quaisquer cartas como essas em questão poderia ter-lhe servido de alguma coisa. Aqueles que abraçaram o cristianismo, exceto, nem sobre os gentios nem sobre os judeus essas cartas lhe deram qualquer poder: e, quanto aos judeus, o caráter em que — após qualquer declaração feita de sua conversão — ele se apresentaria não teria sido melhor do que o de um apóstata e traidor de uma confiança pública altamente importante. Para homens de ambas as descrições, um apelo de algum tipo ou outro, tal que, se acreditado, seria capaz de explicar um passo tão extraordinário, como o de que ele deveria mudar, da condição de um perseguidor mais cruel e inveterado da nova religião, para a de um apoiador e líder mais zeloso — não poderia, portanto, deixar de ser completamente necessário. Assim que chegou a Damasco, se o autor dos Atos for acreditado, ele começou a pleitear, com toda a sua energia, a causa daquela religião, à qual, quase até aquele momento, ele se opusera com tanta crueldade. Quanto à história de sua visão, o que é certo é que, mais cedo ou mais tarde, com o propósito de dar aos homens de todas as descrições uma razão para uma mudança tão eminentemente extraordinária, ele empregou esta história. Mas, visto que de nenhum outro relato dela, como dado por ele, há qualquer vestígio a ser encontrado; nem qualquer razão pode ser[Pág. 100] descobriu por que aquilo que certamente foi empregado depois poderia não ser tão bem empregado desde o princípio; daí vem a probabilidade de que desde o princípio tenha sido empregado.

SEÇÃO 3.

NA VIAGEM DE DAMASCO — NENHUM COMPANHEIRO.

No capítulo anterior, uma questão foi iniciada, mas nenhuma resposta determinada foi encontrada para ela: isto é — o que aconteceu com os homens, que — de acordo com todos os relatos dados por Paulo, ou dele, de sua visão de conversão — eram seus *companheiros* na jornada? Em Damasco, se houvesse tais homens, eles chegariam naturalmente tão bem quanto ele, e ao mesmo tempo com ele. Esta circunstância considerada, se tais homens houvessem, — e eles não estivessem em confederação com ele, — a imposição deve ter sido colocada sobre *eles* : e, para esse propósito, ele deve, na presença deles, ter proferido o tipo de discurso, e exibido o tipo de comportamento, mencionado nos relatos acima.

Para essa dificuldade, no entanto, uma solução muito simples se apresenta. *Ele não tinha tais companheiros.* Nem pelo nome, nem tanto quanto por qualquer descrição mais geral, — seja das pessoas, ou do número total, — qualquer designação pode ser encontrada em qualquer lugar: — nem no relato dado nos Atos; nem em nenhum relato, dado por ele mesmo, em qualquer Epístola sua; ou, como de si mesmo, em qualquer parte dos Atos. Na companhia de vários outros, um homem foi atingido, ele diz, ou é dito dele, por uma luz sobrenatural: e, no instante, e no local, tem uma conversa[Pág. 101] com alguém. Em vez de dizer quem são esses *outros* homens, o crédito de toda a história é deixado para repousar no crédito desse *homem* : — o crédito de uma história, cuja improbabilidade natural, tanto necessitava de evidências colaterais para torná-la crível.

Somente muitos anos depois dessa sua jornada esses relatos, qualquer um deles, foram tornados públicos; e, em relação a esses supostos companheiros — supondo que ele fosse interrogado em qualquer momento posterior à publicação do relato nos Atos —, após o lapso de tal número de anos, ele poderia, sem muita dificuldade, especialmente considerando sua situação e caráter pessoal, manter-se em plena liberdade para lembrar ou esquecer, tanto ou tão pouco, quanto achasse conveniente em cada ocasião.

SEÇÃO 4.

FUGA DE DAMASCO: CAUSAS — FALSAS — VERDADEIRAS.

ATOS IX. 19-25.

E quando ele recebeu a comida, ele foi fortalecido. Então Saulo esteve alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco. — E imediatamente ele pregou a Cristo nas sinagogas, que ele é o Filho de Deus. — Mas todos os que o ouviram ficaram maravilhados, e disseram: Não é este o que destrói os que invocavam o seu nome em Jerusalém? E veio aqui para isso, para trazê-los presos aos principais sacerdotes? — Mas Saulo se fortaleceu ainda mais, e confundiu os judeus que habitavam em Damasco, provando que este era o verdadeiro Cristo. — E depois que muitos dias se passaram, os judeus tomaram conselho para matá-lo. — Mas sua emboscada era conhecida de Saulo. E eles guardavam as portas dia e noite para matá-lo. — Então os discípulos o tomaram de noite, e o desceram pelo muro em uma cesta.

A concepção, que era o propósito evidente desta passagem para imprimir na mente do leitor,[Pág. 102] é que, assim que chegou a Damasco, Paulo não apenas saiu pregando Jesus, mas pregando abertamente e sem reservas em todas as sinagogas; e que foi por essa pregação, e nada mais, que "os judeus", tão indiscriminada é a denominação, propositalmente, ao que parece, empregada, "procuraram matá-lo": foi então que ele escapou por cima do muro e, tendo feito isso, dirigiu-se imediatamente a Jerusalém.

Nessa concepção, parece haver evidentemente uma mistura de verdade e falsidade.

Que ele se dirigiu, em maior ou menor número, aos discípulos, certamente deve ter sido verdade: para a

realização de seus desígnios, como explicado acima, a interação com eles não poderia deixar de ser totalmente necessária.

Que, quando alguma esperança provável de atenção favorável e segredo lhe foi apontada — que, aqui e ali, ele se aventurou a ponto de se dirigir a este ou aquele indivíduo, que ainda não estava alistado no número de discípulos — também pode ter sido verdade: e, para esse propósito, ele poderia ter se aventurado talvez a se mostrar em alguma sinagoga ou sinagogas relativamente obscuras.

Mas, quanto a ele se aventurar a ponto de pregar em todas as sinagogas sem distinção — ou em qualquer sinagoga frequentada por qualquer uma das autoridades constituídas — isso parece completamente inacreditável.

Envolvê-los para buscar sua vida; ficar à espreita para matá-lo; em outras palavras, prendê-lo com o propósito de julgá-lo e, provavelmente, matá-lo no final - isso não é mais do que, considerando que, aos olhos deles, ele era culpado, era uma coisa de[Pág. 103] curso: uma medida, exigida — não, por pregar a religião de Jesus; não, por qualquer ousadia de qualquer outra forma demonstrada; mas, pela traição da confiança depositada nele pelas autoridades constituídas em Jerusalém: protegendo e estimando assim aqueles malfeitores, pois tais foram pronunciados pela autoridade, para a apreensão e punição de quem, ele havia solicitado a comissão que então traiu. Independentemente de todas as outras ofensas, dadas por pregação ou qualquer outra coisa, — nisto havia aquilo que, sob qualquer governo, teria sido amplamente suficiente — seria até mais do que suficiente — para atrair, sobre a cabeça do ofensor, uma punição exemplar.

Nesta visão, observe bem a descrição, dada nos Atos, das pessoas por cuja inimizade ele foi expulso de Damasco; compare com ela o que, em relação a este mesmo ponto, é declarado — mais explicitamente — pelo próprio Paulo.

Pelo relato nos Atos, eles eram as pessoas a quem ele estava pregando Jesus; e que, por essa pregação, tinham sido confundidos e provocados. Entre essas pessoas, uma conspiração foi formada para assassiná-lo; e foi para salvá-lo dessa conspiração que os discípulos o desceram do muro em uma cesta.

Tal é a cor, colocada sobre o assunto pelo autor dos Atos. Agora, qual é a verdade — a verdade manifesta e necessária, conforme relatada — explicitamente relatada — pelo próprio Paulo? relatada, na segunda de suas cartas aos seus Coríntios, em uma ocasião em que a verdade seria mais para seu propósito do que o falso brilho colocado sobre ela por seus adeptos como acima? O perigo, pelo qual ele foi levado assim a fazer sua fuga, não era — uma conspiração assassina, formada contra ele por um conjunto de indivíduos provocados por sua pregação; — era[Pág. 104] era a intenção, formada pelo governador da cidade. Intenção? fazer o quê? condená-lo à morte contra a lei? Não; mas " *prendê* -lo". Prendê-lo? por quê? Evidentemente com o propósito de levá-lo à justiça da maneira regular — qualquer que fosse a maneira regular — pela ofensa que ele havia cometido tão recentemente: cometida, traindo sua confiança e entrando em uma confederação com os infratores, a quem ele havia sido comissionado e contratado para se ocupar, em conjunto com as autoridades constituídas do lugar, em levar à justiça.

"Em Damasco", diz ele, 2 Cor. xi. 32, 33, "o governador sob Aretas, o rei, manteve a cidade dos damascenos com uma guarnição, desejoso de me prender. E através de uma janela em uma cesta fui baixado pelo muro, e escapei de suas mãos."

E em que *ocasião* é que este relato do assunto é dado por ele? É no final de uma declamação, que ocupa dez versos — uma declamação, cujo objetivo é — impressionar nas mentes de seus adeptos a ideia de seus méritos: a saber, aqueles que consistiam em trabalho, sofrimento e perigos: méritos, nos quais ele coloca seu título para a preferência

que ele reivindica sobre os concorrentes a quem ele alude: — alude, embora sem nomeá-los: eles sendo, como ele reconhece ali, ministros de Cristo, e provavelmente o suficiente, se não algum deles apóstolos, pessoas comissionadas pelos apóstolos. Maior, é evidente, deve ter sido o perigo dos poderes governantes do lugar, do que de um conjunto de assassinos individuais pretendidos: — do poder dos governantes não poderia haver nem mesmo uma esperança de salvação, exceto pela fuga: dos indivíduos haveria um meio naturalmente suficiente de salvação; o[Pág. 105] poder dos governantes apresentando um meio de salvação, e que naturalmente é suficiente.

Note aqui, a propósito, uma das muitas exemplificações, daquela confusão que reina por toda parte nos discursos de Paulo: o resultado, daquela mistura, que, em proporções indeterminadas, parece ter ocorrido — aquela mistura de natureza e artifício. É no final de uma longa lista de trabalhos, sofrimentos e perigos, que esta anedota se apresenta. Foi, portanto, no final deles que o fato em si ocorreu? — Não: foi *no* próprio começo: ou melhor, no que diz respeito à pregação, *antes* do começo. Apenas no sentido de alusão — alusão em termos gerais — em termos de descrição meramente geral, sem menção de *tempo* ou *lugar* , ou pessoas envolvidas — são mencionados quaisquer dos outros sofrimentos ou perigos: neste caso somente, é feita qualquer menção sob qualquer um desses títulos: e aqui vemos isso sob dois deles, a saber, *lugar* e *pessoa* : e além disso, por outras circunstâncias, o *tempo* , a saber. o tempo *relativo* é praticamente fixo.

Imediatamente depois, essa mesma coloração indiscutivelmente falsa será vista quando o relato de sua partida para Jerusalém for feito: ele é sempre procurado para pregar Jesus, nunca para outra coisa.

De acordo com essa representação, aqui estão dois governos — dois governos municipais — um deles, a pedido de um funcionário próprio, dando-lhe uma comissão para

negociar com outro, com o propósito de obter, de suas mãos, uma autoridade, para apreender um conjunto de homens, que, aos olhos de ambos, eram culpados de uma ofensa contra ambos. Em vez de prosseguir com sua comissão, e usar seus esforços para obter a cooperação desejada, ele[Pág. 106] trai a confiança depositada nele: — ele não apenas permite que os supostos malfeitores permaneçam inapreendidos e intocados, mas entra em uma confederação com eles. Para ambos os governos, essa conduta dele é, segundo ele, assunto de total indiferença, que ele poderia ter se apresentado em todos os lugares, como se nada tivesse acontecido, se não fosse por sua pregação: — se não fosse por ele se apresentar *abertamente* , para pregar a todos que o ouvissem, a própria religião que ele havia sido comissionado a extinguir.

Em tal estado de coisas, há algo que possa, por qualquer suposição, ser reconciliado com a natureza do homem, em qualquer situação, ou com qualquer forma de governo?

Três anos tendo se passado por ele naquele país estranho para ele, quais, durante todo esse tempo, foram seus meios de subsistência? A essa questão uma resposta inquestionável será dada pela natureza conhecida de sua situação. Ele foi criado para um ofício, de fato um ofício artesanal — fabricação de tendas: uma arte, na qual as operações do arquiteto e do estofador são combinadas. Mas, não foi para praticar nem isso, nem qualquer outra operação manual, que ele fez sua visita àquele país. Quando ele realmente o praticou, ele tomou cuidado para que essa condescendência dele não permanecesse em segredo: disso, como de tudo o mais que ele já fez ou sofreu, ou fingiu ter feito ou sofrido, ele não deixou de extrair a questão da glória para si mesmo, bem como a edificação para seus leitores. Na Arábia, seus meios de subsistência não eram então derivados de seu ofício: se tivessem sido, nós saberíamos: — de que fonte[Pág. 107] então eles foram derivados?[17] Pela própria natureza de sua situação, esta questão já foi respondida: das bolsas daqueles que, tendo

tido o poder, e até mesmo a comissão, de destruir, ele salvou.

E agora, quanto a todas aquelas coisas que, desde a renúncia de seus labores no campo da perseguição até a primeira de suas quatro visitas registradas a Jerusalém, ele é conhecido por ter feito, respostas foram fornecidas: respostas para as diversas perguntas sobre *o porquê* e por quais *meios* , tais como, supondo que o modo sobrenatural de sua conversão foi apenas uma fábula, não será fácil, espera-se, encontrar motivos para objetar como insuficientes.

[Pág. 108]

SEÇÃO 5.

ÁRABIA - VISITA - MENCIONADA POR PAULO, NÃO POR ATOS.

Não totalmente sem razão especial, parece que o véu da obscuridade foi lançado sobre esse longo intervalo. Em desígnio, em vez de acidente, ou descuido, ou falta de informação, — pode ser encontrada, ao que parece, a causa de um silêncio tão prenhe de deturpação. Além de um período de tempo, mais ou menos considerável, gasto em Damasco, uma cidade em estreita comunicação com Jerusalém, dando provas de sua conversão, — três anos passados em alguma parte ou outra do país contíguo, de fato, mas de ampla extensão, da Arábia — (gasto, se Paulo for acreditado, pregando a religião de Jesus, e de qualquer forma em um estado de paz e inocuidade com relação a ela) — forneceu tal prova de uma mudança de plano e sentimento, como, no caso de muitos homens, poderia, sem milagre ou maravilha, ter sido suficiente para formar uma base para a aliança projetada: — esta prova, mesmo por si mesma; muito mais, quando corroborado pelo tipo de certificado dado à Igreja por seu eminente benfeitor

Barnabé, que, ao apresentar o novo convertido aos líderes entre os Apóstolos, com o propósito especial de propor a aliança, assumiu a responsabilidade pessoal, tão inseparavelmente envolvida em tal sinal de confiança.

Neste estado de coisas, então, que é expressamente afirmado por Paulo ter sido, e parece indubitavelmente ter sido, real, — considerações de natureza ordinária sendo suficientes — para produzir — não apenas o efeito realmente produzido — mas, no[Pág. 109] No caso de muitos homens, muito mais do que o efeito realmente produzido — não havia demanda, naquela época, por um milagre: nenhuma demanda por um milagre, para qualquer propósito, como o de trabalhar, nas mentes dos Apóstolos, para qualquer efeito como o de manter, em relação ao novo convertido, uma conduta livre de hostilidade, acompanhada de um semblante de amizade exterior. Mas, para outros propósitos, e no curso de sua relação com pessoas de outras descrições, tornou-se necessário que ele tivesse tido essas visões: tornou-se necessário — não apenas para o propósito de provar a conexão de sua parte com o falecido Jesus, para a satisfação de todos aqueles por quem tal prova seria procurada — mas, para o propósito adicional, de atribuir a Jesus, quaisquer doutrinas que a prossecução de seu desígnio pudesse de tempos em tempos chamá-lo a promulgar; — aquelas doutrinas, em uma palavra, que, (como será visto), sendo suas e não de Jesus — não relatadas por ninguém mais como sendo de Jesus — nós o encontraremos, não obstante, pregando e entregando — tão à vontade e com segurança inabalável.

Um milagre, portanto, tendo sido considerado necessário (o milagre da visão de conversão), e relatado de acordo, — assim é que, pela aparência de rapidez, dada ao tipo e grau de confiança relatados como tendo sido concedidos a ele pelos apóstolos, uma espécie de confirmação é, no relato de Atos, dada ao relato do milagre: de acordo com este relato, não foi pelos três ou quatro anos passados por ele na execução de seus desígnios, ou pelo menos sem obstrução

dada a eles; — não foi por qualquer prova de amizade, que a relação, tal como foi, foi efetuada: — não: foi pelo relato da visão — aquele relato que, em primeira instância, foi feito[Pág. 110] a eles por seu generoso benfeitor e poderoso apoiador, Barnabé; confirmado, como, para todo olhar sincero, não poderia deixar de ser, por quaisquer relatos que fossem, na ocasião da relação pessoal, entregue por seus próprios lábios. "Mas Barnabé (diz o autor) o tomou e o levou aos apóstolos, e contou-lhes como ele tinha *visto* o Senhor no caminho, e que ele tinha falado com ele, e como ele tinha pregado ousadamente em Damasco em nome de Jesus." Atos 9:27.

Quando no ano 57, Paulo,[18] a tantas outras jactâncias, foram acrescentados os sofrimentos que ele gostaria que pensássemos que foram cortejados e suportados por ele, enquanto pregava em nome de Jesus, aquele evangelho que ele proclama ter sido o seu, e não o dos Apóstolos. Pouco seguramente ele imaginava que cinco anos depois, ou por aí, da mão de um de seus próprios assistentes, uma narrativa apareceria, na qual, desses mesmos sofrimentos, uma lista muito mais curta seria dada; ou que, por uma coincidência bastante estranha, mais de dezessete séculos depois, por um homônimo de seu honrado patrono, Doutor Gamaliel, a contradição assim dada a ele seria exposta.

Na segunda de suas epístolas aos Coríntios, datada de 57 d.C., — o seguinte é o resumo que ele dá desses mesmos sofrimentos. Falando de certas pessoas não nomeadas, denominadas por ele de falsos apóstolos, mas cujas razões não faltam para acreditar que estiveram entre os discípulos dos verdadeiros, — "Eles são", diz ele, 2 Cor. xi. 23, "ministros de Cristo? Falo como alguém fora de si, eu sou mais: em trabalhos[Pág. 111] mais abundante: em *açoites* acima da medida: em prisões mais frequentes: em mortes, muitas vezes. — Dos judeus recebi cinco vezes quarenta açoites, menos um. — Três vezes fui açoitado com varas; uma vez fui apedrejado: três vezes sofri naufrágio:

uma noite e um dia estive no abismo." Até aqui, segundo *Paulo* .

Adicione de sua Epístola anterior à mesma no mesmo ano, batalha com feras, uma. "Se, à maneira dos homens, lutei com feras em Éfeso, que me aproveita", continua ele, 1 Cor. XV . 32, "se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, porque amanhã morreremos."

Vejamos agora como está o relato, conforme *Atos* . Da parte deste seu panegirista, se algum hábito como o de reduzir abaixo de sua quantia real, tanto os sofrimentos quanto as atuações de seu herói, o leitor terá julgado. De ambos juntos, que não se esqueça, o relato dos Atos vem cerca de cinco anos abaixo da data da lista trágica acima: nele estão incluídos aqueles sofrimentos e perigos que vimos, a saber, aqueles produzidos pela viagem a Roma, e que, na época da lista de Paulo, não tinham começado. Agora, então, para a lista dos Atos. Açoites, trinta e nove em um pacote, nenhum: diferença cinco. Espancamentos com varas, exceto um possível, dos quais atualmente, nenhum; diferença, três. Apedrejamento, um[19] . Naufrágio,[Pág. 112] até agora nenhum: o acidente em Malta foi três anos subsequente. "Noite e dia nas profundezas" — conforme foi *nas profundezas* ou *nas* profundezas — ou nada, ou uma aventura consideravelmente singular demais para ter sido ignorada. Não se supõe comumente que *sinos de mergulho* estivessem, naquela hora do dia, em uso; mas quem tiver gosto por previsões, pode, se for agradável a ele, ver esses mesmos instrumentos científicos ou o equivalente neste Evangelho das previsões de Paulo.

Quanto às parcelas de listras, o autoconstituído Apóstolo leva o crédito, elas teriam sido, — supondo que fossem administradas, — administradas, todas elas, de acordo com a lei, significando sempre a lei de *Moisés* : pois, é nessa lei, (a saber, em Deuteronômio XXV . 3) que a cláusula, limitando a trinta e nove, o número a ser dado de cada vez, deve ser encontrada. Dessas declarações de Paulo, que não passe despercebido, o lugar é — uma Epístola formal e

estudada, não um discurso improvisado: de modo que a falsidade nelas, se houver, não foi menos deliberada do que o perjúrio do Templo.

De todos esses mesmos sofrimentos corporais alardeados, oito no total, quando colocados juntos, um foi, no início, reservado para consideração: vejamos que luz, se houver, é lançada sobre ele pelos Atos. Um espancamento, os Atos nos informam: e foi um espancamento por ordem de magistrados: e, consequentemente, um espancamento de acordo com a lei. Mas a lei, de acordo com a qual foi dada, não era lei judaica: os magistrados, por cuja ordem foi dada, não eram magistrados judeus. Os magistrados eram pagãos: e foi por serem judeus e pregarem no estilo judaico que Paulo e seu companheiro Silas foram visitados dessa forma. Foi em Filipos que o caso aconteceu: foi imediatamente[Pág. 113] precedido por sua aventura com a adivinha, conforme Atos 16:16; 34, Cap. 13: e provocado pelo ressentimento de seus mestres, a cujos negócios estabelecidos, a inovação, introduzida por esses intrusos, havia causado perturbação: foi seguido — imediatamente seguido — pelo terremoto, que era tão hábil em tirar ferros. Se, portanto, essa surra estava no relato de Paulo compreendida nas oito chicotadas e surras, não parece possível, humanamente falando, saber: não é possível, a menos que seja, que Paulo, sendo o judeu errante, de quem às vezes ouvimos falar, ainda esteja vivo — ainda à espreita, para aquela viagem aérea, que, com ou sem a expectativa de um veículo aerostático, o vimos tão confiante na garantia de.

Resta a batalha com as feras. O que essas mesmas feras eram, quantas eram, quantas pernas tinham, respectivamente, por exemplo, duas ou quatro, de que maneira ele foi introduzido na companhia delas, de onde surgiu sua diferença com elas, se foi por sua própria busca ou por convite que ele entrou nas listas com esses seus antagonistas, como se saiu com *eles* quando o caso acabou (pois quanto ao próprio herói, não parece que ele tenha

ficado muito pior por isso); essas, entre outras questões, podem valer a pena responder, sob a suposição de que esses seus antagonistas eram seres reais e feras reais, e não da mesma classe que a arqui-besta de sua própria geração, o Anticristo. Mas, a verdade nua e crua parece ser que, se alguma vez ele lutou com feras, foi em uma de suas visões: nesse caso, como prova da ocorrência, nenhuma marca visível de laceração poderia ser razoavelmente exigida. Enquanto isso, para provar o negativo, na medida em que, num caso como este, é da natureza de um negativo ser provado, podemos, sem muito medo[Pág. 114] do resultado, aventure-se a chamar seu escriba sempre devotado. Para este mesmo Éfeso, — não mais do que um ano ou mais, antes da data da Epístola — ele traz seu patrono, — encontra emprego apropriado para ele, — e, de vez em quando, o mantém lá por um período de tempo não desprezível. Lá está, que vimos, Cap. 13, §. 7., seus lenços expulsando demônios, bem como doenças: lá está, e por nenhuma outra razão além de que *ele* está lá — lá está, que vimos tantos milhares de libras em livros mágicos queimados — e por seus donos: lá está, que com um único lenço seu, — que por assim dizer, foi usado, foi uma derrota para não sabemos quantos demônios, — vimos um único demônio, sem outras mãos além das do homem em que ele se alojou, ferindo e despindo até a pele nada menos que sete homens ao mesmo tempo. Se, então, com ou sem uma pele inteira na conclusão disso, ele realmente teve tal encontro, com não se sabe quantas bestas, é da natureza do caso, que esse mesmo historiógrafo dele, nos tenha mantido ignorantes disso? Ser trancado com bestas selvagens, até ser despedaçado por elas, era de fato uma das punições, pelas quais os homens estavam em dívida com a engenhosidade dos advogados romanos: mas, se tal sentença foi realmente executada em nosso autoconstituído Apóstolo, sua sobrevivência foi um milagre brilhante demais para não ter sido colocado à frente de todos os seus outros milagres: de qualquer forma, extraordinário demais para ter

sido passado completamente sem aviso. O biógrafo de Daniel não foi tão negligente.

Afinal, foi realmente uma questão de pura invenção — esta mesma batalha? Ou não poderia, como tantos dos quase-milagres nos Atos, ter tido uma base mais ou menos substancial de fato? O caso pode não[Pág. 115] ter sido — que, enquanto ele estava em Éfeso, alguém ou outro lançou um cachorro contra ele, como os homens às vezes fazem com um mendigo problemático? Ou que, seja com a mão ou a língua, alguma pessoa, homem ou mulher, lançou-se sobre ele com um grau de vivacidade que, de acordo com a zoologia de Paulo, esclarecida pela eloquência de Paulo, dava a ele ou ela o direito de um lugar na ordem dos animais? — Onde a escuridão é assim visível, nenhuma luz pode ser tão fraca, a ponto de não trazer consigo algum direito à indulgência.

Dos relatos, dados a nós pelo historiógrafo, das façanhas e experiências de seu herói enquanto estava em Éfeso, mais um artigo completará a lista. Quando qualquer oportunidade oferecida, como a de apresentá-lo à vista, em seu caráter aqui assumido, de um candidato às honras do martírio, era ou não do caráter do historiógrafo deixá-lo passar sem ser melhorado? Para nosso julgamento sobre esta questão, alguma maturidade adicional pode ser dada, por mais um caso de direito, agora a ser trazido à vista. Sob algum nome como o da *Diana de Éfeso* , não são incomuns as alusões a ele. *Ourives da Igreja de Diana versus Paul and Co.* é um nome pelo qual, em um relatório de direito inglês, poderia ser designado com mais propriedade estrita. Autores, empresa de ourives recém-nomeada: Réus, Paul and Co.; a saber, disse Paul, Alexander, Aristarchus, Alexander e outros. Atos, 22:41. Ação no caso por palavras: — as palavras, em teor não relatado: pretendem, importar dano no caminho do comércio. Da causa principal, veremos crescer uma espécie de causa cruzada: um caso de agressão, no qual três dos réus eram, ou poderiam ter sido, demandantes: causa de ação, agressão, terminando em cárcere privado.

Nesta causa exercitativa, os réus não foram especificados individualmente: pois, naqueles primeiros dias, a tomada de notas não havia chegado ao ponto de[Pág. 116] perfeição, na qual a vemos no presente. O que, — com referência à questão — quanto à verdade da história da luta com a fera, — é mais particularmente material nos dois casos tomados em conjunto, — é isto: na situação em que esses parceiros juniores de Paulo se encontravam, havia alguma dificuldade, para não dizer algum perigo. Pressionados, como ele próprio foi depois, em sua invasão de Jerusalém, — pressionados em mais sentidos do que um, *eles* se encontraram por uma multidão acusadora. O que Paulo faz nessa ocasião? Ele desliza o pescoço para fora da coleira. Longe de dar-lhes uma mão para apoiá-los, ele não lhes emprestará nem uma sílaba de sua eloquência. Por quê? porque, em verdade, diz seu historiógrafo, Atos xix. 30, 31, "os discípulos não o permitiram:" *item* , v. 30, "certos" outros de "seus amigos". Quando, como o vimos, apesar de tudo que poderia ser dito a ele, ele se dirigiu a Jerusalém em sua *Visita de Invasão* , ele não estava tão perfeitamente sob o governo de seus amigos. Na ocasião presente, o acharemos suficientemente tratável. Este era um homem para ser um antagonista e um vencedor para as feras selvagens?

Agora, quanto ao caso principal acima mencionado. Autores, negociantes de artigos de prata: Réus, negociantes de palavras. Para serem rivais no comércio, não é necessário que os homens negociem exatamente os mesmos artigos: a venda das palavras prejudicou a venda dos produtos: pelo menos os autores se encarregaram de asseverar: pois, em tal caso, a suspeita não é apta a dormir. A igreja de Diana era a Igreja Estabelecida, daquele lugar e época. À honra, os autores acrescentaram o lucro de serem ourives daquela mesma Igreja Excelente. Ao valor desse tipo de evidência, que é da província dos ourives[Pág. 117] para fornecer, nenhuma igreja estabelecida foi insensível. A evidência, fornecida pelos ourives da igreja destes dias, é composta de *cálices* : sob a dispensação pagã, a evidência fornecida

pelos ourives da igreja da Diana de Éfeso, era composta de *santuários* . Quando, com aquela ressurreição sua, e aquele Evangelho seu, do qual uma amostra tão copiosa permanece para nós em suas Epístolas, — Paulo, com ou sem o nome de Jesus em sua boca, fez sua aparição no mercado, os demandantes, como vimos, tomaram o alarme. Eles procederam, como os filhos piedosos de uma igreja estabelecida não poderiam deixar de proceder. Antes que a ação começasse, para preparar o caminho para um julgamento adequado, — eles começaram a trabalhar, e incendiaram a parte inflamável da mente pública. A igreja foi declarada em perigo, ver. 27: a igreja de Diana, assim como a igreja da Inglaterra e Irlanda seria, caso qualquer proposição sacrílega fosse seriamente feita, como a de arrancar de seu seio qualquer uma dessas preciosas sinecuras, das quais seus órgãos vitais são compostos. Em Éfeso, não é declarado que, naquela época, qualquer sociedade com o nome de *Vice Society* , ou *Constitutional Association* , estivesse em andamento. Mas, dessas instituições piedosas, o equivalente não poderia faltar. Consequentemente, a acusação de *blasfêmia* , pode ser visto, ver. 37, não foi deixada desempregada. Assim a defesa mostra: a defesa, a saber, feita pela probidade e sabedoria do juiz: pois, pela violência da multidão da igreja — que, não fosse ele, estaria preparada para dar um precedente ao que incendiou Birmingham — os réus foram colocados na condição de prisioneiros: e o juiz, vendo a violência, o preconceito que eles tiveram que enfrentar, sentiu a necessidade de acrescentar à função de juiz, a de advogado dos prisioneiros.

[Pág. 118]

Mas é hora de nos voltarmos para o texto: nem uma partícula dele pode ser poupada.

ATOS xix. 22-41.

22. Então ele enviou à Macedônia dois dos que o serviam, Timóteo e Erasto; mas ele mesmo ficou na Ásia por um tempo. — E ao mesmo tempo, surgiu uma grande comoção sobre esse caminho; — Pois um certo homem chamado Demétrio, um ourives, que fazia santuários de prata para Diana, trazia um lucro não pequeno para os artesãos; — Os quais ele chamou junto com os trabalhadores de ocupação semelhante, e disse: Senhores, vocês sabem que por este ofício temos nossa riqueza. — Além disso, vocês veem e ouvem que não somente em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo persuadiu e afastou muitas pessoas, dizendo que eles não são deuses, os que são feitos por mãos: — De modo que não somente este nosso ofício está em perigo de ser desprezado; Português mas também que o templo da grande deusa Diana deveria ser desprezado, e sua magnificência deveria ser destruída, a quem toda a Ásia e o mundo adoram. — E quando ouviram essas palavras, ficaram cheios de ira e clamaram, dizendo: Grande é a Diana dos efésios. — E toda a cidade ficou confusa; e, tendo arrebatado Gaio e Aristarco, homens da Macedônia, companheiros de viagem de Paulo, correram unânimes para o teatro. — E quando Paulo quis entrar, ao povo, os discípulos não o deixaram. — E alguns dos principais da Ásia, que eram seus amigos, mandaram-lhe rogar que não se aventurasse no teatro. — Alguns, portanto, gritavam uma coisa, e outros outra: pois a assembleia estava confusa; e a maior parte não sabia por que estavam reunidos. — E tiraram Alexandre do meio da multidão, os judeus o empurrando para a frente. E Alexandre acenou com a mão e quis fazer sua defesa ao povo; — Mas quando souberam que ele era judeu, todos a uma só voz, por cerca de duas horas, gritaram: Grande é Diana dos efésios. — E quando o escrivão da cidade apaziguou o povo, ele disse: Homens de Éfeso, que homem há que não saiba que a cidade dos efésios é adoradora da grande deusa Diana e da imagem que caiu de Júpiter? — Visto que essas coisas não podem ser contraditas, vocês devem ficar quietos e não fazer nada precipitadamente. — Pois vocês trouxeram aqui esses

homens que não são ladrões de igrejas, nem blasfemadores de sua deusa. — Portanto, se Demétrio e os artífices que estão com ele têm uma[Pág. 119] questão contra qualquer homem, a lei é aberta, e há representantes: que eles se acusem uns aos outros. — Mas se vocês perguntarem qualquer coisa sobre outros assuntos, isso será determinado em uma assembleia legal. — Pois corremos o risco de sermos questionados pelo tumulto deste dia, não havendo causa pela qual possamos dar conta deste concurso. — E quando ele disse isso, ele despediu a assembleia.

O *Juiz* por quem a causa principal foi julgada, e os demandantes não processados, é denominado, vemos, " *o Escrivão da Cidade* ": o título mais apropriado e respeitado não teria sido mal aplicado a ele nesta ocasião. Exceto pelo que temos visto aqui, não sabemos nada dele que seja *positivo* : mas, vendo tanto dele, vemos que ele era um homem honesto: e um homem honesto não é malretratadopor negativos. Ele não tinha nenhuma coroa tocando diante de seus olhos: nenhum lugar superpago e sinecuras para parentes. Ele não tinha sido feito juiz, por publicar uma liturgia da igreja de Diana, com um bordado composto de seus próprios comentários, — ou por circular, com delicadeza anônima, um aviso piedoso, para nunca se ausentar do santuário de Diana, quando o cálice sagrado fosse oferecido pelas mãos de sacerdotes santos. Consequentemente, quando a acusação de *blasfêmia* foi trazida diante dele, — sendo um pagão, ele não encontrou dificuldade em tratá-la, naquele modo gentil e calmante, no qual, quando, do seio de uma igreja estabelecida, ela entra em um homem, o espírito, que se autodenomina o espírito do cristianismo, o torna tão avesso a tratá-la. Se, quando suas vestes estavam tiradas, ele falava de Diana o que agora pensamos dela, ele não declarou, quando elas estavam vestidas, espumando ou delirando, que todos os que não jurassem acreditar nela não eram dignos de serem acreditados, ou mesmo dignos de viver.

Por ele, um homem não foi roubado de seus direitos, porque outro homem, quando chamado como testemunha, recusou-se a perjurar-se. Por ele, um homem não foi[Pág. 120] recusou-se a ser ouvido como testemunha, nem recusou proteção para os frutos de sua indústria, nem privado da tutela de seus filhos, porque esperou para ver Diana, antes de se declarar um crente em sua existência. No teatro aberto foi pronunciado o julgamento que vimos. Ele não privou os homens da proteção dos olhos do público por meio de sessões secretas. Ele não privou, podemos ter certeza — pois vemos o quão longe o povo de Éfeso estava de ser manso o suficiente para suportar isso — ele não manteve a propriedade dos homens em suas mãos, para ser saqueada por ele mesmo, seus filhos ou suas criaturas, até que a propriedade fosse absorvida, e os proprietários enviados de coração partido para seus túmulos. Ele não — para o povo de Éfesoserianão teria suportado isso — arrancar da angústia uma renda principesca, sob o pretexto de dar decisões, declarando o tempo todo sua incapacidade incomparável para tudo, exceto tagarelar ou levantar dúvidas. Ele não exibiu — ele não poderia ter exibido — o povo de Éfesopoderianão teria suportado isso — qualquer descaramento, como, quando um judiciário fosse sentar-se sobre sua conduta, para se colocar nela, e assumir e continuar a gestão dela. Ele não teria buscado impunidade — pois se ele tivesse buscado em Éfeso, ele não teria encontrado lá — ele não teria buscado impunidade, em olhos erguidos para o céu, ou fluindo com lágrimas de crocodilo.

Até aqui, quanto aos seus méritos negativos. Mas, já vimos o suficiente dele, para ver um grande positivo. Quando, da fonte inesgotável de inflamação, uma chama foi acesa, — ele não atiçou a chama, — ele a apagou.

A religião de Diana, tendo assim chegado ao tapete, uma reflexão que não poderia ser adiada, é — apesar[Pág. 121] de todos os esforços dos ourives da igreja, em quantos pontos essenciais, negativos como são, a religião de Diana

tinha, no terreno da utilidade, a vantagem daquela que *é* a religião de Paulo, e *é chamada* de religião de Jesus. Diana não tirou nenhum homem do juízo, por imagens ou pregações de tormentos sem fim. Sob o pretexto de salvar os homens de sofrimentos futuros, nenhum homem foi consignado por ela aos presentes. Nenhum vício pernicioso, nenhum causador de dor, nenhum vício real foi promovido por ela. Não compeliu nenhum perjúrio, nenhuma hipocrisia: não recompensou ninguém. Não cometeu, apoiou, abençoou, elogiou, nenhuma depredação, nenhuma opressão de qualquer forma: não saqueou nenhum homem dos frutos de sua indústria, sob o nome de *dízimos* . Para o enriquecimento dos santuários sagrados, dinheiro, em qualquer quantidade, podemos nos aventurar a dizer, recebido: recebido, sim: mas em nenhuma quantidade extorquido. Um templo era suficiente para *aquela* deusa. Acreditando ou não em sua divindade, nenhum homem foi obrigado a pagar por mais templos, mais sacerdotes ou mais santuários.

Quanto à religião de Jesus, é verdade que, enquanto continuou a religião de Jesus, tudo era bom governo, tudo era igualdade, tudo era harmonia: igreja livre, o todo; igreja estabelecida, nenhuma: monarquia, nenhuma; constituição, democrática. Autoridade constitutiva, toda a comunidade: legislativa, os Apóstolos de Jesus ; executiva, os Comissários do Tesouro: não Lordes Comissários, nomeados por um Rei Herodes, mas curadores ou *administradores* ; pois tal deveria ter sido a palavra, e não *diáconos* , — *agentes eleitos por sufrágio universal* . Nesse estado feliz, por quanto tempo continuou — não sabemos. O que sabemos é — que, *no século IV* , *o despotismo* tomou posse dela e fez dela um instrumento. *Estabelecendo-se* , tornou-se nocivo — preponderantemente[Pág. 122] nocivo. Pois, onde *estabelecido* está o adjunto a ele, o que significa *religião ?* o que senão *depredação* , corrupção, opressão,

hipocrisia? *depredação* , *corrupção* , *opressão* , *hipocrisia* — estes quatro: com ilusão, em todas as suas formas e armadilhas, para suporte.

Tão fértil é esta mesma passagem de ostentação — 1 Cor. xv. 32, o trabalho que ela lançou sobre nós, não está completamente no fim. Pelo que ela diz da ressurreição, a memória foi levada de volta, ao que vimos sobre o mesmo assunto, em uma das Epístolas de Paulo aos seus Tessalonicenses: reunidas, as duas doutrinas apresentam um contraste curioso demais para ser deixado despercebido. Do aparato empregado por ele em seu ofício de *apanhador de discípulos* , sua conversa sobre a ressurreição foi, pode-se imaginar, um artigo capital. Sendo, de acordo com seu próprio lema, *todas as coisas para todos os homens* , 1 Cor. ix. 22, o que quer que acontecesse a ele dizer sobre o assunto, era servido, é claro, de acordo com o gosto daqueles com quem ele tinha que lidar. Para alguns, era uma *predição* : pois tal, vimos, era a forma que assumia quando o povo a ser trabalhado eram os Tessalonicenses. Para outros, quando a ocasião chamava, era uma declaração sobre algo *passado* , ou supostamente passado. Em uma ocasião desse tipo, foi que o nome de Jesus, outro artigo desse mesmo aparato, foi de tanta utilidade para ele. É verdade que, para a doutrina da ressurreição *geral* no tempo futuro, ele não tinha, deve ser lembrado, nenhuma necessidade de se declarar em dívida com Jesus: pelo menos, se neste ponto, a história dos Atos for acreditada: pois, dos fariseus, — a seita à qual Paulo pertencia — dos fariseus, em comparação com a outra seita, os saduceus, era o princípio distintivo. Mas, do então futuro,[Pág. 123] o passado de então, como exemplificado no caso *particular* de Jesus, não podia deixar de fornecer evidências circunstanciais muito impressionantes. Dessa ocorrência memorável, estavam os verdadeiros Apóstolos, prontos para dar seus relatos — conformes, pode-se presumir, àqueles que vemos dados, como deles, pelos quatro Evangelistas. Esses relatos, no entanto, não se adequariam ao propósito

do autoconstituído Apóstolo: em primeiro lugar, porque eles vieram dos verdadeiros Apóstolos, com os quais, como vimos tantas vezes, era um princípio declarado com ele não ter tido nada a ver: em segundo lugar, porque os Apóstolos eram muito escrupulosos: eles não teriam fornecido a ele testemunhas o suficiente. Seu próprio fundo inesgotável — sua própria invenção — foi, portanto, o fundo utilizado nesta ocasião: e, consequentemente, em vez do número de testemunhas — digamos, *uma* ou duas dezenas no máximo — que ele poderia ter obtido dos Apóstolos, ele o forneceu com *quinhentas* : quinhentas, *todas de uma vez* : às quais, se pressionado, ele poderia ter adicionado qualquer outro número de testemunhas perceptivas, desde que fossem em momentos *diferentes* .

Tanto para explicação: agora para o contraste anunciado. Quem quer que fosse o povo, a quem ele tinha que se dirigir, — eles tinham contraído, ele descobriu, um mau hábito: era o de *comer e beber* . A razão é muito apta a ser seduzida e alistada a serviço de seu inimigo mais perigoso — *o apetite* . Eles não apenas comiam e bebiam; mas tinham encontrado, como lhes parecia, *razão* para fazê-lo. Eles comiam e bebiam — por quê? Porque eles iriam morrer depois disso. "Comamos e bebamos", dizia a linguagem com a qual o vimos repreendendo-os, 1 Cor. xv. 32. "Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos."

[Pág. 124]

O caso é que, no prazer, em qualquer forma que a vejam, todos os homens, para cuja ambição terrores sobrenaturais fornecem um instrumento de domínio, contemplam seu rival mais formidável. Contra tal rival, seria maravilhoso de fato, se sua hostilidade não fosse proporcional. Nenhuma moralidade, portanto, eles reconhecem, que não inclua, com ou sem outras coisas, ódio, com ou sem desprezo, do prazer. Tal, também, como é sua moralidade, tal é sua lei. A morte dificilmente é severa o suficiente, para um prazer, que eles não têm, ou seriam pensados para ter, nenhum gosto. Assim pelo menos diz o que eles ensinam: mas, ensinar

como agir é uma coisa; agir de acordo, outra. Assim todos nós vemos que é, em tantos casos: e assim, sem muito perigo de injustiça, podemos nos aventurar a supor que pode ter sido, naquele do Apóstolo autoconstituído.

Não assim Jesus: nenhum mal ele viu em comer e beber, a menos que com o prazer que produzisse maior dor. Com essa reserva, nenhum mal, — pois qualquer coisa que apareça em qualquer uma das quatro histórias que temos dele, — nenhum mal ele viu em qualquer coisa que dê prazer. O que todo homem sabe — e o que Jesus sabia tão bem quanto qualquer homem — pois nem em palavras nem em atos ele negou — é, — que a felicidade, em qualquer momento que seja experimentada, — a felicidade, para ser qualquer coisa, deve ser composta de prazeres: e, seja o homem que for, do que é que lhe dá prazer, ele sozinho pode ser juiz.

Mas, voltando a comer e beber. Comer e beber — ele dá a entender a seus homens — mesmo ele, santo como é, não deveria ter tido nenhuma objeção, se não fosse por esta mesma ressurreição dele, da qual ele estava lhes falando: comer e beber — uma prática, à qual, não obstante esta ressurreição[Pág. 125] dele, e tanto quanto ele havia dito a eles sobre isso, ele teve a mortificação de encontrá-los tão viciados. Tanto para seus *coríntios* . Foi, como vemos, *por falta* de eles prestarem, ao que ele estava assim dizendo a eles sobre a ressurreição, aquela atenção, à qual era tão bem merecida, — que *eles* ainda mantinham aquele mau hábito. Mas seus *tessalonicenses* — eles também, como vimos, tinham o mesmo mau hábito. Bem: e o que foi que lhes deu isso? O que, senão o fato de eles darem muita atenção a esta mesma ressurreição dele, servida da mesma maneira ou de outra, pela mesma mão inventiva e experiente. Em conclusão, ao colocar os dois casos juntos, o que parece bastante evidente é — que, de qualquer maneira servida a eles, sua ressurreição, qualquer que fosse, foi consideravelmente mais eficaz em fazer as pessoas comerem e beberem, do que em desmamar delas.

SEÇÃO 6.

GAMALIEL — ELE TINHA PARTICIPAÇÃO NO PLANO DE PAULO?

Gamaliel — na operação desta conversão, não pode ser que Gamaliel — uma pessoa cuja realidade parece pouco exposta à dúvida — tenha tido uma participação mais considerável do que o acima mencionado desconhecido e incognoscível Ananias?

Gamaliel era "um doutor da lei" Atos 5:34 — uma pessoa de nota suficiente, para ter sido um membro do conselho, no qual os principais sacerdotes, sob a presidência do Sumo Sacerdote, Atos 5:24, tomaram conhecimento da ofensa com a qual Pedro e seus associados tinham sido acusados um pouco antes disso, na ocasião de sua pregação de Jesus. Sob este Gamaliel, tinha[Pág. 126] Paulo, pelo menos ele é levado a nos dizer, estudou, Atos 22:3. Entre Paulo e este Gamaliel, aqui então há uma conexão: uma conexão — daquele tipo, que, em todos os lugares, em todos os tempos, tem existência, — e cuja natureza é em todos os lugares e em todos os tempos tão bem compreendida — a conexão entre *protegido* e protetor. Foi por autoridade do corpo governante, que Paulo estava, neste momento, esbanjando seus esforços na perseguição dos Apóstolos e seus adeptos: — quem então tão provavelmente, como este mesmo Gamaliel, ter sido o patrono, por cuja recomendação a comissão foi obtida? Do conhecimento que este Gamaliel tomou, da conduta e modo de vida dos religiosos em questão, — o resultado foi favorável. "Deixe-os em paz", foram suas palavras. Atos v. 38. A manutenção, derivada pelo *protegido* , naquela mesma ocasião, da perseguição desses homens inócuos — essa manutenção sendo ao mesmo tempo odiosa, perigosa e precária — enquanto a manutenção, derivada da participação na direção de seus negócios, apresentava à vista uma promessa de ser ao

mesmo tempo respeitável, lucrativa e permanente; o que é mais natural então, que essa mudança, da esquerda para a direita, tivesse como origem o conselho desse mesmo patrono? — conselho ao qual, considerando todas as coisas, o epíteto *bom* não poderia ser facilmente recusado.

FALSAS PRETENSÕES EMPREGADAS.

Para o Apóstolo autoconstituído, as falsas pretensões eram familiares. Elas não eram — elas não poderiam ter sido — sem um objeto. Um objeto era o poder: este objeto, quando perseguido, é por si só abundantemente suficiente para invocar tais meios. Mas, outro objeto[Pág. 127] com Paulo era dinheiro: de ser assim, as passagens referidas acima, fornecerão provas abundantes. Um homem, em cuja composição o apetite por dinheiro, e o hábito de usar falsas pretensões estão conjugados, será ainda mais provável aplicá-los a esse propósito produtivo, do que a qualquer outro estéril. No caráter de um argumento geral, as observações assim submetidas, não são, ao que parece, muito expostas à controvérsia.

Mas, de um caso particular, de dinheiro obtido por ele sob um falso pretexto, — a saber, pelo pretexto de ser para uso de outros, quando sua intenção era convertê-lo para seu próprio uso, — uma massa de evidências que temos, que se apresenta como sendo em nenhum grau desprezível probatória. É composto de duas declarações diversas de sua autoria, — com, como acima referido, a explicação dela, fornecida por um corpo de evidências circunstanciais, que já foi revisado: e como, na natureza do caso, de um malfeitor desse tipo, evidências para um fato desse tipo, não podem ser razoavelmente esperadas para serem frequentemente observáveis, — o trabalho, empregado em trazê-lo aqui à vista, não será, presume-se, tributável, por ser empregado completamente sem fruto.

Primeiro, vejamos uma passagem, na primeira de suas Epístolas aos *Coríntios* , datada de 57 d.C. Nela, veremos

um sistema regularmente formado de coleta de dinheiro: uma aplicação extensiva dele a vários países mutuamente distantes, com indicação dada de tempos e lugares particulares, nos quais era sua intenção persegui-lo: também, intimação, de um propósito especial de caridade, ao qual era sua intenção professada fazer aplicação do produto dele, em um lugar especificado: a saber, Jerusalém.

Primeiro vem 1 Cor. 16:1-8. 57 d.C.

“Agora, quanto à coleta para os santos, como[Pág. 128] Eu dei ordem às igrejas da *Galácia* , assim também *vós* . — No *primeiro dia da semana* , cada um de vós *ponha de parte* , conforme tiver prosperado, reservando coisas conforme tiver feito, para que não se façam coletas quando eu for. —E, quando eu for, enviarei aqueles que vós aprovardes por cartas, para levar a vossa liberalidade a *Jerusalém* . —E, se for conveniente que eu também vá, eles irão comigo. —Agora, irei ter convosco quando tiver passado pela Macedônia; Português Pois eu passo pela *Macedônia* . — E pode ser que eu fique, sim, e passe o inverno com vocês, para que vocês me levem em minha jornada aonde quer que eu vá. — Pois não os verei agora pelo caminho: mas espero ficar um pouco com *vocês,* se o Senhor permitir. — Mas ficarei em *Éfeso* até o Pentecostes." Em Éfeso, onde ele se torna um objeto de ciúmes, como vimos, para os ourives da igreja; e, de seus negócios declarados naqueles *outros* lugares, alguma evidência certamente é fornecida sobre qual era seu provável negócio naquele *lugar* .

Em seguida, vejamos uma passagem em sua Epístola aos *Romanos* : data dela, 58 d.C. Aqui, em dois casos, veremos o sucesso com que esse sistema foi perseguido por ele: como também uma máxima, estabelecida por ele — uma máxima, na qual a existência desse mesmo sistema, de sua parte, é reconhecida: uma máxima, na qual suas esperanças de sucesso na busca dele são declaradamente fundadas.

Romanos 15:24-28. 58 d.C.

"Sempre que eu fizer minha viagem para *a Espanha* , irei até vocês; pois espero vê-los em minha jornada e ser conduzido por vocês em meu caminho para lá, se primeiro eu estiver um pouco satisfeito com sua companhia. —Mas agora vou para *Jerusalém, para ministrar aos santos* . —Porque aprouve aos da *Macedônia*[Pág. 129] e *Acaia para fazer uma certa contribuição para os santos pobres que estão em Jerusalém* . — Isso lhes agradou verdadeiramente: e eles são seus devedores. Pois se os gentios foram feitos *participantes de suas coisas espirituais* , seu *dever* é também *ministrar a eles em coisas carnais* . — Quando, pois, eu tiver realizado isto, e selado para eles este fruto, irei *por vocês* à *Espanha* ."

No caso em questão, o dinheiro (vemos) — da quantidade, é claro, nada dito — é mencionado por ele, como estando realmente em suas mãos: o propósito, para o qual estava lá — e ao qual ele, é claro, seria entendido como pretendendo aplicá-lo — sendo também mencionado por ele: — aplicá-lo, em Jerusalém, para o uso dos santos pobres. Tanto para intenções *professadas* . Agora, para as *reais* . Responda, em suas próprias palavras: que aqueles gentios, que por ele tinham sido feitos participantes de suas coisas espirituais, poderiam, como em " *dever* " vinculado, "ministrar" a ele, tanto mais efetivamente "em coisas carnais": que ele, que pregou, o que ele chamou de Evangelho, poderia, como ele tinha pregado aos seus coríntios também (1 Cor. ix. 14) ser habilitado tanto mais confortavelmente a "viver por" ele.

"Os pobres santos que estão em Jerusalém:" — *os* pobres santos — a saber, não aqui e ali um ou dois santos, mas toda a população cristã vivendo junta em um tronco comum — se agora, em 58 d.C., eles estivessem vivendo, como estavam em 53 d.C. (Atos ii. 44; vi. 1) e, neste particular, do começo ao fim da história, nenhuma mudança é mencionada — em Jerusalém — estava na natureza do homem, naquele estado dos homens e das coisas, — estava na natureza dos homens e das coisas, que qualquer homem, que tivesse

algum conhecimento de sua situação, e dos termos em que Paulo, do começo ao fim, esteve com eles, poderia por um momento ter pensado[Pág. 130] hospedando, para *seu* uso, qualquer quantia mínima de dinheiro em *suas* mãos? como bem poderia ser dito, neste momento — um homem, cujo desejo era levar dinheiro para a Espanha, para uso das Cortes, escolheria a mão do Duque de Angoulême para enviá-lo. Todo esse tempo, *havia* os Apóstolos de Jesus — patronos daqueles mesmos santos: e, em qualquer lugar mais facilmente do que *lá* , ele poderia estar. Que, com esse dinheiro em suas mãos, entre seus objetivos estava — o emprego mais ou menos dele no esforço de formar um partido lá, não pode ser suposto sem razão, pelo que vimos daquela *Visita de Invasão* , pela qual seus desígnios sobre Jerusalém foram tentados a serem levados a efeito. Pois, de acordo com Atos 19:21, já quando ele estava em Éfeso, como acima, era seu desígnio conhecido, tentar sua fortuna mais uma vez em Jerusalém, e depois disso em Roma. Isso pode ter estado entre seus desígnios, ou não. Seja como for, isso não passaria de uma maneira particular de converter o dinheiro para seu próprio uso.

Não que, se neste momento, e para *este propósito,* mesmo dos quadrantes em questão, o dinheiro tivesse vindo, como ele diz que veio, houvesse algo muito maravilhoso em fazê-lo. Quanto a *nós,* de fato, *sabemos* muito bem em que tipo de termos ele estava, do início ao fim, com a comunidade em questão: *sabemos* disso porque seu historiógrafo nos fez saber. Mas, quanto ao povo desses mesmos países, respectivamente, — à sua distância de Jerusalém, o que, em sua situação, poderia facilmente acontecer era — não ter, quanto a este ponto, nenhuma informação adequada até que fosse tarde demais para lucrar com isso: e, que tal seria sua ignorância, é uma questão da qual ele não poderia ter menos facilmente aquilo que, para um homem de seu temperamento ousado e otimista, seria uma garantia suficiente.

[Pág. 131]

Uma coisa há, que, na ocasião de qualquer visão que eles tiveram deste assunto, pode talvez ter contribuído para cegar seus olhos. Isto é—o fato, de ele ter realmente se preocupado, em trazer dinheiro para Jerusalém, para um propósito similar, embora deva ser confessado, não menos que quatorze anos antes disto: a saber, de Antioquia, como declarado no Capítulo V, falando disto — sua segunda Visita a Jerusalém, com o nome de *Visita de Trazer Dinheiro* .

Mas, o que pode facilmente ter acontecido, considerando-se em conjunto a distância no tempo e no lugar, é que o conhecimento *deles* estava confinado àqueles detalhes, que não compunham mais do que a superfície do assunto: enquanto *nós* , embora a uma distância de mais de dezessete séculos, conhecemos mais ou menos o seu interior, informados, como fomos, pelo autor dos Atos.

Quanto à sua chegada, mais cedo ou mais tarde, à suspeita, ou embora fosse a descoberta, de que o dinheiro não tinha, nenhuma parte dele, chegado às mãos a que se destinava, nem estava de forma alguma a fazê-lo, — que barreira poderia a apreensão de qualquer resultado desse tipo opor-se, ao empreendimento, sistemático, como vemos que era, do criador do Anticristo? Quando, para um homem, que ocupa uma certa posição aos olhos do mundo político, os pedidos de contas se tornam problemáticos, — Cipião poderia tê-lo informado, se ele não tivesse bem conhecido de si mesmo, como respondê-los.

Quando uma acusação feita a você é verdadeira — evidência completa contra você, e ninguém para se opor a ela — entre em uma paixão, magnifique sua própria excelência — magnifique a depravação de seus adversários. Este modo, de desviar de uma acusação, é perfeitamente bem compreendido em nossos dias, nem poderia ter sido muito menos bem compreendido nos dias de Paulo. Quanto aos *seus* adversários, Paulo tinha uma tempestade *in petto* o tempo todo pronta para eles:[Pág. 132] para os materiais, vá a qualquer página de suas Epístolas: o que quer que, dessa forma, ele tivesse como rivais, — *isso* e

mais ele não poderia deixar de ter como testemunhas acusadoras. Para o criador do Anticristo — semeador de joio entre fariseus e saduceus, — quaisquer que fossem as acusações, a defesa, a mais triunfante, nunca poderia faltar: argumentos, adequados com a máxima delicadeza, ao gosto dos juízes. Ele os alertaria contra os falsos irmãos, mentirosos, lobos, filhos de Satanás e assim por diante: ele falaria com eles sobre a vida e a morte, o pecado e a retidão, a fé e o arrependimento, este mundo e aquele mundo, o Senhor e a ressurreição: ele falaria de trás para frente, usaria bobagens como mistério e terror como instrução: ele contradiria a todos, e a si mesmo não menos do que a ninguém: ele levantaria uma nuvem de palavras, com aqui e ali um *ignis fatuus* dançando na fumaça, que os juízes, confusos e perplexos, esqueceriam todas as evidências e gritariam " *Inocente"* por pura lassidão.

Quanto a nós,—o caso estando agora diante de nós, qual será nosso veredito? Obter dinheiro sob falsos pretextos é a acusação. Culpados, digamos, ou inocentes? A obtenção sob certo pretexto é provada por evidência *direta* —sua própria evidência: prova, de falsidade no pretexto, repousa, como não poderia deixar de repousar, em evidência *circunstancial* .

Mais uma observação: pois outra parte da evidência circunstancial acaba de se apresentar: consiste no silêncio absoluto sobre o recebimento do dinheiro ou qualquer partícula dele — quando, se houvesse tal recebimento, havia ocasiões em abundância para mencioná-lo. Em 57 d.C., em sua primeira carta aos Coríntios — ali está, como vimos, que[Pág. 133] Ele os insta a guardar dinheiro para ele, declarando que é para os santos em Jerusalém; e que nesta mesma missão ele está indo para a Macedônia, e que em seu caminho para Jerusalém ele os chamará novamente, para receber, para o mesmo propósito, o produto intermediário desses *bancos de poupança* propostos . Em sua carta aos romanos, escrita no ano seguinte, 58 d.C. — escrita em Corinto, — então é que ele já fez a referida visita

pretendida para coleta de dinheiro, e com sucesso: — com sucesso não apenas na Macedônia, como ele havia proposto, mas na Acaia da mesma forma: e, com este dinheiro em suas mãos, e com o propósito de entregar o dinheiro àqueles para quem ele o obteve; — para este propósito (ele diz) é que ele está naquele momento a caminho de Jerusalém — o lugar de sua morada. Isto é no ano 58 d.C. Bem, então: depois disto é que ele toma sua morada em Éfeso. E quando, depois de suas disputas com os ourives da igreja ali, ele parte dali, para onde ele se dirige? Para Jerusalém? Não: ele vira as costas para Jerusalém, e vai para a Macedônia (Atos xx. 1) então para a Grécia, onde ele fica três meses; e propõe, Atos 20:3, retornar pela Macedônia. Em 60 d.C., é que, pela primeira vez, Atos 20:16, qualquer intenção sua de visitar Jerusalém é declarada, ele não tendo cobiçado a prata ou o ouro de ninguém, como seu historiador, Atos xx. 33, o faz nos assegurar. Quando, finalmente, ele chegou lá, qual foi sua recepção, nós vimos. Se parte do *dinheiro* tivesse sido recebida lá, tal como vimos teria sido a recepção dada ao *homem* ? Quando, pelos cristãos em Jerusalém, Ágabo foi enviado a ele, para impedi-lo, se possível, de ir lá, — é da natureza das coisas, que eles já tivessem recebido alguma coisa, ou estivessem em alguma expectativa disso? No que se passou entre[Pág. 134] ele e os Anciãos, liderados pelo Apóstolo Tiago, há alguma alusão a isso? Quando, em Cesaréia, todo em lágrimas, Atos 21:12, 13, seus assistentes estavam se esforçando, com todas as forças, para dissuadi-lo de ir a Jerusalém, ele disse algo sobre o dinheiro, o dinheiro com o qual ele havia sido acusado por tanto tempo? Oh, não; nem uma sílaba: para Jerusalém ele está decidido a ir de fato: Oh, sim: mas ele não consegue encontrar a sombra de uma razão para ir para lá.

Quando chegaram a Jerusalém, os irmãos, diz Atos 20:17, o receberam alegremente. Os irmãos: sim, que adeptos ele tinha, certamente o receberiam alegremente, ou pelo menos

pareceriam fazê-lo. Mas o dinheiro? Da parte deles, algo foi dito sobre o dinheiro? Nem uma sílaba. Ou naquele momento por sua própria mão, ou em qualquer momento anterior, por outras mãos, se tivessem recebido esse dinheiro, ou qualquer parte considerável dele, poderiam tê-lo recebido de outra forma que não apenas alegremente, mas com gratidão?

Durante todo o tempo, o herói estava assim empregado em ganância e coleta de dinheiro, o historiador, que nunca saia da mente, estava do grupo: quatro anos antes, 53 d.C., ele havia sido levado para isso; no entanto, ele não dá a mínima dica sobre essas questões financeiras. Até onde, de fato, no que diz respeito ao que era declaradamente para o uso próprio de Paulo, nem o recebimento nem a ganância do dinheiro de seus clientes poderiam ter sido desconhecidos para ele; pois era disso que eles tinham para viver. Mas as cartas que seu mestre escreveu — escreveu para seus clientes em todos os lugares — cartas, nas quais a demanda era feita, para um propósito muito mais amplo — dessas, muitas das quais chegaram aos nossos tempos, o conteúdo pode facilmente ter permanecido em segredo para ele: pouca razão ele tinha para esperar, nenhuma para temer, a exposição — que agora,[Pág. 135] ao final de mais de dezessete séculos, foi finalmente feito deles — confrontados, como podem ser agora, com os detalhes que ele mesmo nos forneceu.

NOTAS DE RODAPÉ:

[13]Atos vii. ver. 47. Discurso de Santo Estêvão. "Mas Salomão construiu uma casa para si. Contudo, o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens; como diz o profeta: O céu é o meu trono, e a terra é o escabelo dos meus pés; que casa me edificareis? diz o Senhor; ou qual é o lugar do meu repouso?" Em si mesmo, perfeitamente confortável tudo isso, aos ditames da razão e da instrução

de Jesus: mas não a blasfêmia menos clara contra a lei mosaica.

[14]Atos ix. ver. 1 e 2. "E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, *foi* ter com o *sumo sacerdote* , e *pediu* -lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, etc."

[15]Atos xxii. ver. 5. "Como também o sumo sacerdote me é testemunha, e todo o conselho dos anciãos; dos *quais também, recebendo cartas* para os irmãos, parti para Damasco, com o fim de levar presos a Jerusalém os que ali estivessem, para serem castigados."

[16]No entanto, mesmo no início, depois de certos "dias passados com os discípulos", e ocupado, é claro, em receber deles as instruções necessárias, ele pregou sobre Jesus com tanta energia e sucesso que não apenas "confundiu", Atos 9:19 a 24, os descrentes entre os judeus, mas também os provocou a "tomar conselho para matá-lo".

[17]Paulo, diz — 2 Cor. 11:6 — "Porque, embora eu seja rude na palavra, não o sou em conhecimento, antes, em tudo o que o temos manifestado entre todos os homens para convosco, ou cometi algum pecado, humilhando-me para que fôsseis exaltados, porque vos anunciei o Evangelho de Deus em vão? Roubei outras Igrejas, recebendo salário delas para vos servir; e quando estive presente convosco, passei necessidade, não fui pesado a ninguém; porque os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram a medida da minha necessidade, e em tudo guardei-me de vos ser pesado, e assim me guardarei. Como a verdade de Cristo está em mim, ninguém me impedirá de me gloriar nas regiões da Acaia, &c."

Sempre que obtemos uma visão temperamental e psicológica de Paulo, vemos verificadas as deduções do autor deste tratado, de que ele era um impostor transparente. Um aventureiro inescrupuloso. Com talento bem adaptado para comandar dogmaticamente a atenção dos ignorantes e especialmente aqueles de idolatria

hereditária organizada, a extrema vaidade, as vãs pretensões gloriosas deste novo padre eram bem adaptadas para obter complacência obsequiosa de tais pessoas. Ele sempre se apresenta em um espírito controverso de autoexaltação.

Sua dicção egoísta dificilmente poderia ser mais manifesta do que nos termos acima citados, a saber: "Eu roubei outras Igrejas, recebendo salários delas para poder ministrar a vocês, etc." Isso apresenta um contraste marcante com o espírito benevolente e fraternal de Cristo e seus discípulos.

[18]NB O editor neste lugar insere páginas de discussão— que o autor exibiu por meio de um apêndice. À custa de um pouco de redundância e incongruência, o editor as insere neste lugar.—Ed.

[19]De acordo com o relato dos Atos, esse mesmo apedrejamento, se foi o mesmo, foi muito no estilo daquela mesma ressurreição de Êutico, que vimos no Capítulo xiii. §. 10. Quanto a Paulo, quando esse martírio foi sofrido por ele, — "alguns", diz Atos xiv. 19, estavam "supondo que ele estivesse morto:" e nessa suposição, "o tiraram da cidade." Paulo, por outro lado, pensava o contrário: ele se supunha vivo e, nessa suposição, ele foi embora, como nada tivesse acontecido com ele. "Certos judeus... dizem os versículos 19 e 20, tendo apedrejado Paulo, o tiraram da cidade, supondo que ele estivesse morto. No entanto, como os discípulos estavam ao redor dele, ele se levantou e foi para a cidade: e no dia seguinte ele partiu com Barnabé para Derbe."

CAPÍTULO III.

Paulo não acreditou. — Nem sua Comissão divina nem sua Conversão interior foram creditadas pelos Apóstolos ou seus Discípulos de Jerusalém. — Fonte da Prova declarada.

SEÇÃO 1.

À VISÃO DE CONVERSÃO DE PAULO, ELE ÚNICA TESTEMUNHA ORIGINAL.

Vazia, como vimos, de todo título de credibilidade, é a história da comissão de Paulo por Jesus: — vazia que seja vista como tal, mesmo se tomada por si só, e sem necessidade de recorrer a qualquer contra-evidência. Quem poderia esperar tê-la encontrado, além disso, refutada pela mais irresistível contra-evidência — pela evidência dos próprios Apóstolos? Sim: dos próprios Apóstolos, dos quais será claramente visto, que nem mesmo um deles jamais acreditou: não, nem mesmo até o último período, do qual qualquer relato chegou até nós: a saber, aquele em que a história dos Atos dos Apóstolos se encerra, ou a da data da última escrita das Epístolas de Paulo, qualquer uma das duas que seja a mais recente.

[Pág. 136]

No que diz respeito à história de sua conversão, sua causa e maneira, foi visto que ela veio dele mesmo diretamente ou de um seguidor seu, o autor dos Atos, que a ouviu de si mesmo, a menos que Ananias fosse uma pessoa conhecida do autor dos Atos e ouvida por ele, é de Paulo, e somente de Paulo, que todas as evidências que o caso forneceu foram derivadas.

Em relação ao grau de credibilidade dado, à sua pretensão de ter recebido uma comissão de Jesus, ainda assim a mesma observação se aplica: ainda assim, seja dele mesmo, ou do mesmo narrador parcial e, como se verá, não totalmente confiável, vem toda a evidência que o caso nos forneceu.

SEÇÃO 2.

CONTRA-TESTEMUNHAS, OS APÓSTOLOS. POR ELES, A HISTÓRIA PROVAVELMENTE NÃO FOI OUVIDA — CERTAMENTE NÃO FOI CREDITADA.

Jerusalém, de acordo com os Atos, era o quartel-general do nobre exército dos Apóstolos: a residência ordinária daquela boa irmandade: um posto que nenhum deles jamais abandonou, por um período considerável de tempo.

No curso do intervalo, entre a data atribuída por Paulo à sua conversão, e a dos últimos detalhes que temos de sua história,—menção, mais ou menos particular, pode ser encontrada de quatro visitas suas—distintamente quatro visitas relacionadas, e não mais do que quatro,—àquela metrópole da nova Igreja. Em nenhuma dessas ocasiões, ele poderia ter evitado[Pág. 137] usando seus esforços para obter admissão à comunhão de pessoas distintas, tão universalmente conhecidas no caráter de companheiros seletos e servos mais confidenciais de Jesus: daquele Jesus, a quem, em carne e osso, pelo menos, ele nunca fingiu ter visto: *de quem* ele tinha, consequentemente, se eles achassem apropriado transmitir, muito a aprender, ou pelo menos desejar aprender: enquanto *para* eles ele não tinha nada a transmitir, exceto aquilo que, se alguma coisa, era apenas no sentido de *visão* , se de alguma forma, que ele havia aprendido de Jesus.

Que em pelo menos três dessas quatro ocasiões, a saber, a 1ª, 3ª e 4ª, ele consequentemente usou seus esforços para conferir com eles, será posto fora de disputa por evidência direta; e que, na restante, a saber, aquela que na ordem do tempo fica em segundo lugar, — com sucesso ou não, seus esforços foram direcionados ao mesmo propósito, — será, como se verá, razoavelmente inferido a partir de evidência circunstancial. No caráter de uma ocasião adicional de intercurso, entre ele e um dos apóstolos, a saber, Pedro, o chefe deles, — será adicionado, o que será visto ocorrendo em Antioquia; imediatamente após, e em consequência, da terceira dessas mesmas visitas dele a Jerusalém.

Quanto ao modo de sua conversão, como acima declarado, o *momento* em que ele os declarou foi manifestamente o da primeira dessas quatro visitas; digamos, sua *visita de reconciliação* ; e que, daquela primeira visita, vê-los, ou pelo menos o principal deles, a saber, Pedro, era o objetivo, é o que, em sua Epístola aos Gálatas, o veremos declarar em termos expressos.

Afinal, aquela história dele, na qual a suposta maneira de sua conversão é relatada, como acima, ele se aventurou a submetê-la a eles?[Pág. 138] quanto mais de perto for examinado, menos provável certamente será que ele tenha se aventurado a submeter tal narrativa a um escrutínio tão zeloso quanto o deles, nessas circunstâncias, não poderia deixar de ser.

Acredita-se que uma de duas coisas será vista com certeza: ou nenhuma história como a que vemos, nem nada parecido, foi contada a eles por ele; ou, se sim, não obteve crédito de suas mãos.

SEÇÃO 3.

EM PROVA DISSO, MUITO DA HISTÓRIA DOS ATOS DEVE SER AQUI ANTECIPADO.

Como prova da descrença que sua história, acredita-se, foi experimentada pelas mãos daqueles juízes extremamente competentes, chegou a hora de reunir e submeter, em estado de confronto, ao leitor todos os diversos detalhes que chegaram até nós em relação a essas quatro visitas importantes.

Entre o primeiro registrado e o último registrado dos quatro, a duração do intervalo sendo tão considerável quanto será visto ser, ou seja, mais de 17 anos no mínimo, — e, no curso do intervalo, uma série tão numerosa e variada de incidentes sendo vista compreendida, — a consequência é — que este tópico inevitavelmente se espalhará a tal ponto, a ponto de

cobrir todo o campo cronológico da história da Igreja naqueles tempos agitados. Uma espécie de necessidade foi assim encontrada, de ter uma visão da parte principal de todos aqueles vários incidentes, em uma espécie de histórico[Pág. 139] ordem, em uma parte subsequente deste trabalho: portanto, daquilo que, para a prova do que acaba de ser apresentado, será necessário aqui ser apresentado, — nenhuma porção desprezível será uma antecipação daquilo que pertence propriamente ao esboço histórico e, não fosse por essa necessidade, teria sido reservado para ele.

SEÇÃO 4.

TÓPICOS SOBRE SUAS VÁRIAS VISITAS A JERUSALÉM.

Nuvens espessas, e aquelas que cobrem uma porção não pequena de sua extensão, serão, depois de tudo que pode ser feito para dissipá-las, encontradas ainda pairando sobre o campo desta investigação. Mas, se para o propósito da presente questão, luz suficiente for obtida; em qualquer escuridão que quaisquer pontos colaterais ainda possam permanecer envolvidos, a conclusão não será afetada por ela.

Quanto à credibilidade da história de Paulo — tomada em si mesma e vista da única posição da qual nós, neste momento do dia, podemos vê-la — a questão acaba de ser discutida.

O que resta para discussão é se a Igreja que Paulo encontrou em existência — a Igreja composta pelos Apóstolos de Jesus e seus discípulos — alguma vez obteve credibilidade.

Nesta ocasião, a atenção deve ser dirigida mais particularmente aos Apóstolos: e isto — não apenas porque, pela opinião deles, a do grande corpo daqueles discípulos seria, naturalmente, governada em um ponto de tão vital

importância; mas, porque, no caso desses servos confidenciais e atendentes habituais de Jesus, os indivíduos, dos quais o corpo[Pág. 140] é composto, e que são designados por uma e mesma denominação, são sempre determináveis: determináveis, de tal forma que, em todos os momentos, onde quer que sejam representados como sendo, o olho pode segui-los.

Para julgar sob que aspecto Paulo, com suas pretensões, era visto por eles, sempre tendo em vista a questão principal — se, em algum aspecto, a alegada causa sobrenatural de sua conversão externa e, portanto, de sua presumível conversão interna, alguma vez obteve credibilidade deles — um objetivo principal, que requer atenção, é — a relação pessoal; ou seja, o tipo de relação pessoal que entre ele, de um lado, e eles, ou alguns deles, de outro, parece ter ocorrido.

Dessa relação, as várias *entrevistas* , que parecem ter ocorrido, formarão os elos. Correspondentes a essas *entrevistas* serão encontradas em tantas *visitas* : todas elas, exceto uma, visitas feitas por ele à grande metrópole original do mundo cristão — Jerusalém: — a cena dos atos e sofrimentos do falecido Jesus: — a morada comum desses seus discípulos e sucessores escolhidos. Se, a essas visitas de Paulo for adicionada qualquer outra entrevista, — será em outra cidade, a saber, Antioquia: e, neste caso, entre Paulo, e não, como no caso das outras visitas poderia naturalmente ser esperado, os apóstolos em um corpo; mas um, ou algum outro pequeno número de membros, por quem uma visita a esse lugar foi feita, em consequência de terem sido selecionados para esse propósito, e delegados pelo resto.

Das entrevistas correspondentes a essas visitas, o número real — e não apenas o número real, mas o número registrado — infelizmente, em grau não desprezível, está exposto à dúvida; pois, considerando[Pág. 141] os termos em que estavam, como veremos, nas entrevistas produzidas pela primeira visita de Paulo a Jerusalém, não significa de

forma alguma que, entre as pessoas em questão, porque houve mais duas visitas desse tipo, houve, em cada ocasião, uma entrevista.

Dois deles, no entanto, de qualquer forma, se algum grau de credibilidade for dado aos documentos, permanecerão completamente livres de dúvidas: e qualquer incerteza que possa ser encontrada em qualquer um dos outros, pode ser considerada como tantos pontos fixos: pontos fixos, formando tantos padrões de referência, aos quais os outros podem ser referidos ao falar deles, e por referência aos quais a realidade e o tempo desses outros serão tentados a ser determinados.

Para a designação das visitas que produziram essas duas entrevistas inquestionáveis, os termos *Visita de Reconciliação* e *Visita de Invasão* serão aqui empregados: o primeiro sendo aquele que deu origem à primeira das duas entrevistas mencionadas, as quais, após a conversão, parecem certamente ter ocorrido entre as potências rivais e em conflito; o outro, até a última.

1. Por *Visita de Reconciliação* entende-se aqui — aquela visita — pela qual foi produzida a *primeira* entrevista, que, após a conversão de Paulo, teve lugar entre ele e qualquer um dos Apóstolos. Seu título para esta denominação é totalmente inquestionável. Após estes procedimentos de Paulo, pelos quais a destruição de tantos dos cristãos já havia sido efetuada, e a de todos os demais estava ameaçada, — não era possível, que, sem uma reconciliação — se não uma interna, pelo menos uma externa — qualquer entrevista, voluntária de ambos os lados, tivesse ocorrido. Dos Apóstolos, Pedro foi o reconhecido[Pág. 142] principal: que foi com o propósito de ver Pedro que Paulo fez uma visita a Jerusalém — a primeira das mencionadas por ele — é reconhecido por ele mesmo: reconhecido, naquela sua Epístola aos seus discípulos da Galácia, da qual muito terá que ser dito, Gálatas 1 e 2.[20] Sem a assistência de algum mediador, dificilmente estaria na natureza do caso, que, de alguma forma, tal reconciliação poderia ter sido efetuada. Na

pessoa de Barnabé, — um patrono muitíssimo generoso, como se verá, da igreja nascente, — esse amigo indispensável foi encontrado.

De acordo com a cronologia recebida, o tempo desta visita foi 38 d.C. No relato, dado em Atos, Atos 16:6, da excursão missionária conjunta feita de Antioquia por Paulo e Barnabé — uma excursão, cujo início é, pela mesma cronologia, colocado no ano 53, —Galácia fica em quinto lugar, no número de lugares, dos quais são falados como visitantes. De qualquer visita, feita naquele país, seja antes ou depois dela, nenhuma menção é encontrada nos Atos, exceto em Atos 18:23: ocasião em que ele é falado como revisitando a Galácia, "fortalecendo as igrejas".[21]

O relato acima dado por Paulo sobre o que aconteceu por ocasião desta visita será visto recebendo explicação a partir do que é dito sobre esta mesma visita nos Atos.

[Pág. 143]

ATOS IX. 26 a 30.

26. E quando Saulo chegou a Jerusalém, tentou juntar-se aos discípulos; mas todos tinham medo dele, e não acreditavam que ele era discípulo. — Mas Barnabé, tomando-o consigo, *o* levou aos apóstolos, e contou-lhes como ele vira o Senhor no caminho, e que lhe falara, e como pregara ousadamente em Damasco em nome de Jesus. — E ele estava com eles entrando e saindo de Jerusalém. — E falava ousadamente em nome do Senhor Jesus, e disputava contra os gregos; mas eles procuravam matá-lo. — O que, quando os irmãos souberam, o levaram até Cesaréia, e o enviaram para Tarso.

2. Por *Visita de Invasão* entende-se aqui — aquela visita de Paulo a Jerusalém, pela qual sua prisão, e consequente visita a Roma em um estado de confinamento, foram produzidas. *Invasão* pode muito bem ser denominada: o objetivo dela tendo sido manifestamente — a realização, naquela metrópole original do mundo cristão, de conquistas

espirituais, às custas do suave domínio dos Apóstolos: aquisições espirituais — para não falar de suas consequências naturais, temporais. Foi empreendida, como será visto, apesar dos esforços mais extenuantes, feitos para a prevenção dela: feita, não apenas por aqueles, cujos domínios ele estava invadindo tão desnecessariamente, mas pelas remonstrações e súplicas unânimes de seus próprios adeptos.

A data atribuída ao início desta visita é 60 d.C. O intervalo entre esta última visita registrada e sua primeira, de acordo com a cronologia recebida, é de 22 anos.

Nem da ocasião disso, nem de qualquer ocorrência individual que tenha ocorrido no curso disso, temos qualquer relato — de qualquer outra fonte que não a história dos Atos. O relato de Paulo é todo em geral.

3. A segunda visita de Paulo a Jerusalém. — De acordo com Atos, Atos 11:30, “o que também fizeram, e[Pág. 144] enviou-o aos Anciãos pelas mãos de Barnabé e Saulo", entre essas duas entrevistas indiscutíveis de Paulo com os Apóstolos ocorre outra visita, aqui designada pelo nome de *Visita Trazedora de Dinheiro* . Sob a apreensão de uma escassez prevista, dinheiro é enviado de Antioquia para os santos de Jerusalém. Barnabé, e com ele Paulo, são empregados na transferência dele. Tempo, atribuído a esta Visita, 43 d.C. Desta visita, nenhum traço pode ser encontrado em qualquer Epístola de Paulo. No entanto, nesta Epístola sua aos Gálatas, ele será visto se comprometendo de certa forma a dar conta de cada visita sua a Jerusalém, na qual, com referência ao domínio espiritual, entre ele e os Apóstolos, qualquer coisa material já havia passado.

Por esse silêncio de Paulo, nenhuma contra-evidência é oposta, ao relato dado dessa visita nos Atos. O que pode muito bem ser é,—que ele foi junto com o dinheiro, e partiu, sem ter tido qualquer comunicação pessoal com qualquer Apóstolo, ou mesmo com qualquer um de seus discípulos.

4. *Visita de Deputação.* A Terceira Visita de Paulo a Jerusalém — digamos, sua Visita de Deputação. De acordo com os Atos,[22] Paulo estando na Antioquia da Síria, certos homens vieram da Judeia para lá, ensinando que a circuncisão mosaica é necessária para a salvação cristã. A dissensão sendo assim produzida, Paulo e Barnabé, como de costume com ele, são despachados para conferir sobre este assunto com os Apóstolos e os Anciãos — Tempo, designado para esta visita, 52 d.C. Intervalo entre a primeira e esta terceira visita — anos 15.

[Pág. 145]

Além da primeira visita a Jerusalém, mencionada acima por Paulo, a saber, no primeiro capítulo de sua Epístola aos Gálatas, no segundo, é feita menção a outra.

Dos incidentes mencionados por Paulo, como pertencentes a esta outra visita, dificilmente se pode encontrar algum, a não ser o de ter Barnabé como companheiro, que se apresente como sendo o mesmo com qualquer incidente mencionado nos Atos, no relato dado da Visita da Deputação acima nomeada. Mas, entre os dois relatos, nenhuma repugnância se manifesta: e, visto que, em uma declaração, cujo propósito exigia que nenhuma entrevista, na qual qualquer coisa material passasse entre ele e os Apóstolos, passasse despercebida, — ele menciona não mais do que uma visita além da primeira, — parece razoável concluir que era apenas uma e a mesma visita, que, na escrita de ambos os relatos, estava em vista.

Até onde parece, é a partir do relato feito por Paulo da segunda, das duas visitas mencionadas por ele como feitas a Jerusalém, que a cronologia recebida deduziu o ano que atribui à Visita da Deputação, conforme registrado nos Atos.

Somente no relato de Paulo — no de Paulo, e não naquele dos Atos — a distância é dada em um número determinado de anos. De acordo com uma das duas interpretações, 17 — o número acima mencionado conforme adotado na cronologia atual — é o número de anos mencionado por

Paulo como intervindo entre[Pág. 146] essas duas visitas. Mas mesmo neste lugar, uma circunstância que não deve passar completamente despercebida é que, de acordo com outra interpretação, à qual o texto se apresenta como quase igualmente aberto, a duração do intervalo seria consideravelmente maior. Gálatas i. 17: "Nem subi a Jerusalém para os que eram apóstolos antes de mim; mas fui para a Arábia e voltei outra vez para Damasco. Então, depois de três anos, subi a Jerusalém para ver Pedro, e fiquei com ele quinze dias." Depois de que período? Depois daquele de sua conversão? Ou depois do término desta sua segunda visita a Damasco? Calculando a partir deste último período, o intervalo pode ser muito maior do que o dos três anos: pois, aos três anos pode ser adicionado um período de tempo indefinido para a segunda, e até mesmo para a primeira, de suas moradas em Damasco. Mas, à medida que avançamos, surgirão razões para concluir que, sendo aos olhos dos governantes de Damasco, bem como dos governantes de Jerusalém, um traidor — no mais alto grau, um traidor — sua permanência em Damasco não poderia, em nenhuma dessas ocasiões, ter sido senão curta e secreta.

Gálatas ii. 1: "Então, quatorze anos depois, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, e levei também Tito." Sendo esta supostamente a Visita da Deputação, estes quatorze adicionados aos três anteriores, perfazem os dezessete.

5. *A visita de Pedro a Antioquia.* —Na Epístola de Paulo, dirigida aos seus Gálatas, como acima,—imediatamente após a menção de sua própria segunda visita a Jerusalém, como acima, vem a menção de uma entrevista, que ele diz ter tido em Antioquia com Pedro: "Pedro tendo chegado", ele diz, "àquele lugar". Gálatas ii. 11. Em Atos, 15:22, imediatamente após o final dos relatos da Visita da Deputação, como acima,—vem[Pág. 147] um relato do que pode ser chamado de uma *Visita de Deputação contrária* . Da Visita de Deputação anterior, de acordo com os Atos, o resultado é — dos Apóstolos, dos Anciãos e de toda a Igreja,

uma *carta* , concluindo com um *decreto* : e "por homens escolhidos de sua própria companhia", esta carta é declarada como tendo sido levada para Antioquia: e, com esses homens, assim escolhidos, Paulo e Barnabé são declarados como retornando para Antioquia, de cuja cidade, como acima, eles foram delegados. Quanto aos nomes de "homens escolhidos", os de Judas, de sobrenome Barsabás, e Silas, são mencionados: "homens principais entre os irmãos" é outro título pelo qual eles são, ambos, distinguidos. A estes, nenhum outro nome é adicionado: em particular, não o de Pedro. Até aqui os Atos.

Quanto a Paulo, no relato *que ele* dá, da discussão, à qual, depois — e aparentemente, como acima, em consequência de — sua *segunda entrevista mencionada* com Pedro em Jerusalém, — nenhuma menção é feita a Judas Barsabás, ou a Silas: de Pedro — e somente a ele — é que, nesta ocasião, qualquer menção é feita. Pedro vem, como deveria parecer, de Jerusalém para Antioquia; que última cidade parece ter sido sua morada comum. Mas, nesta ocasião, da mesma forma, além deste visitante, é feita menção novamente a Barnabé, de quem, até onde parece, desde o tempo da Visita de Reconciliação até este tempo, Antioquia era a morada comum. Em relação a cada uma dessas várias Visitas, uma breve indicação preparatória do tópico ou tópicos, que serão trazidos à vista, quando um relato vier a ser dado a respeito, pode neste lugar ter seu uso.

I. *Visita de Reconciliação.* —Nesta ocasião, uma dificuldade que se apresenta naturalmente é — se a relação é substancialmente verdadeira, e a ocasião é a mesma — como pode ter acontecido que, se Pedro estava[Pág. 148] em Antioquia — Pedro, o chefe universalmente reconhecido dos Apóstolos — nenhuma menção a ele deve ser encontrada nos Atos: em vez dele, dois homens ainda desconhecidos — este *Judas Barsabás* e este *Silas* — nenhum deles pertencente ao bom companheirismo dos Apóstolos — sendo as únicas pessoas mencionadas.

Mas, para essa dificuldade, a conjectura apresenta uma solução, na qual não há nada em si mesmo improvável, ou inconsistente com qualquer um dos dois relatos — o de Paulo como acima, e aquele nos Atos. Isto é — que aqueles dois eram os homens, e os únicos homens, delegados em primeira instância: mas, que depois deles, em um intervalo não longo, veio para ajudá-los aquele chefe dos Apóstolos. Seja a importância da questão considerada — a saber, se, ao serem recebidos como cristãos, os gentios deveriam ser obrigados a se submeter à circuncisão mosaica — seja a importância da questão, ou a extenuação dos debates aos quais se fala que ela deu origem, Atos 15:2, seja considerada — a visita do chefe dos Apóstolos em Jerusalém, à cena da controvérsia em Antioquia, não apresenta nenhuma suposição, à qual qualquer imputação de improbabilidade pareça se anexar.

ATOS xv. 1 a 34.

1. E alguns homens que tinham descido da Judeia ensinavam os irmãos e diziam: Se não vos circuncidardes, segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos. — Quando, pois, Paulo e Barnabé tiveram não pequena dissensão e disputa com eles, determinaram que Paulo e Barnabé, e alguns outros deles, subissem a Jerusalém aos apóstolos e anciãos sobre esta questão. — E, sendo levados em seu caminho pela Igreja, passaram pela Fenícia e Samaria, declarando a conversão dos gentios, e causaram grande alegria a todos os irmãos. — E quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela Igreja, e pelos apóstolos e anciãos, e declararam todas as coisas que Deus tinha[Pág. 149] Português: feito com eles. — Mas alguns da seita dos fariseus, que creram, se levantaram, dizendo: Era necessário circuncidá-los e ordenar-lhes que guardassem a lei de Moisés. — E os apóstolos e os anciãos se reuniram para considerar esta questão. — E, havendo grande discussão, levantou-se Pedro e disse-lhes: Varões irmãos, vós bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu

dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho e cressem. — E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como a nós; — E não fez distinção alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé. — Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? — Mas cremos que, pela graça do Senhor Jesus Cristo, seremos salvos, como eles também. — Então toda a multidão se calou e dava audiência a Barnabé e a Paulo, Português declarando que milagres e maravilhas Deus havia feito entre os gentios por meio deles. — E depois que eles se calaram, Tiago respondeu, dizendo: Homens irmãos, ouvi-me. — Simeão relatou como Deus visitou primeiramente os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome. — E com isto concordam as palavras dos profetas; como está escrito: — Depois disto, voltarei, e reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído; Português e eu reconstruirei as suas ruínas, e eu a levantarei: — Para que o restante dos homens busque ao Senhor, e todos os gentios, sobre os quais o meu nome é chamado, diz o Senhor, que faz todas estas coisas. — Conhecidas são todas as suas obras a Deus desde o princípio do mundo. — Portanto, a minha sentença é que não incomodemos aqueles que dentre os gentios se convertem a Deus: — Mas que lhes escrevamos que se abstenham das contaminações dos ídolos, e da fornicação, e do que é sufocado, e do sangue. — Pois Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade os que o pregam, sendo lidos nas sinagogas todos os sábados. — Então aprouve aos apóstolos e anciãos, com toda a igreja, escolher homens dentre eles para enviar a Antioquia, com Paulo e Barnabé, *a saber* , Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens importantes entre os irmãos. — E eles escreveram cartas por eles desta maneira: Português Os apóstolos, os anciãos e os irmãos enviam saudações aos irmãos dentre os gentios que estão em Antioquia, na Síria e na Cilícia. — Visto que ouvimos que alguns que saíram de nós vos perturbaram com palavras,

pervertendo as vossas almas, dizendo: Importa circuncidar-vos e guardar a lei; aos quais não demos tal mandamento. — Pareceu-nos bem, reunidos concordemente, escolher alguns homens para vos enviar, com os nossos amados Barnabé e Paulo. — Homens que arriscaram as suas vidas.[Pág. 150] pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. — Portanto, enviamos Judas e Silas, que também vos dirão as mesmas coisas verbalmente. — Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vós nenhum encargo maior do que estas coisas necessárias: — Que vos abstenhais de carnes oferecidas aos ídolos, e de sangue, e de coisas sufocadas, e de fornicação; das quais, se vos guardardes, fareis bem. Adeus. — Então, quando foram despedidos, foram para Antioquia; e, quando reuniram a multidão, entregaram a Epístola. — A qual, depois de terem lido, alegraram-se pela consolação. — E Judas e Silas, sendo também profetas, exortaram os irmãos com muitas palavras, e os confirmaram. — E, depois de terem permanecido ali um espaço, foram deixados em paz pelos irmãos para os apóstolos. — 34. Não obstante, aprouve a Silas permanecer ali ainda.

GÁLATAS ii. 1 até o fim.

1. Então, quatorze anos depois, subi novamente a Jerusalém com Barnabé, e levei Tito comigo também. — E subi por revelação, e lhes comuniquei o Evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que eram de renome, para que de alguma forma eu não corresse, ou não tivesse corrido em vão. — Mas nem Tito, que estava comigo, sendo grego, foi obrigado a ser circuncidado. — E isso por causa de falsos irmãos introduzidos de surpresa, os quais entraram secretamente para espiar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus, para nos reduzirem à escravidão. — Aos quais cedemos em sujeição, nem por uma hora; Português para que a verdade do Evangelho possa continuar convosco. — Mas daqueles que pareciam ser algo (o que quer que fossem, não faz diferença para mim; Deus

não aceita a pessoa de ninguém), pois aqueles que pareciam *ser algo* , em conferência nada me acrescentaram. — Mas, ao contrário, quando viram que o Evangelho da incircuncisão foi confiado a mim, como o Evangelho da circuncisão o foi a Pedro: — Pois aquele que operou eficazmente em Pedro para o Apostolado da circuncisão, o mesmo operou poderoso em mim para com os gentios. — E quando Tiago, Cefas e João, que pareciam ser colunas, perceberam a graça que me foi dada, deram a mim e a Barnabé as destras da comunhão, para que fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão. — *Eles somente queriam* que nos lembrássemos dos pobres; o mesmo que eu também estava ansioso para fazer. —Mas quando Pedro chegou a Antioquia, eu o enfrentei na cara, porque ele era repreensível. —Porque antes que alguns da parte de Tiago chegassem, ele comia com os gentios; mas quando eles chegaram, ele se retirou e se separou, temendo os *que eram* da circuncisão. —E os outros judeus[Pág. 151] dissimulados da mesma forma com ele, de modo que até Barnabé se deixou levar pela dissimulação deles. — Mas, quando vi que não andavam retamente, segundo a verdade do Evangelho, disse a Pedro diante de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, por que obrigas os gentios a viverem como os judeus? — Nós, *que somos* judeus por natureza, e não pecadores dentre os gentios, — sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; porque pelas obras da lei nenhuma carne será justificada. — Mas se, procurando ser justificados em Cristo, também nós mesmos somos achados pecadores, é porventura Cristo ministro do pecado? Deus me livre. — Pois se eu reconstruo as coisas que destruí, constituo-me a mim mesmo transgressor. — Pois eu, pela lei, morri para a lei, para viver para Deus. — Estou crucificado com Cristo. No entanto, vivo; todavia, não eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se

entregou por mim. — 21. Não anulo a graça de Deus; porque, se a justiça *vem* pela lei, segue-se que Cristo morreu em vão.

Da falsidade de sua história a respeito da maneira de sua conversão, uma prova que foi dada foi deduzida da inconsistência dos vários relatos que temos dela, todos eles originalmente dele, comparados uns com os outros.

Da falácia da noção de que ele alguma vez foi aos olhos dos apóstolos o que ele professava ser — disto, e ao mesmo tempo da falta de correção e confiabilidade, em cada relato, que, por ele, ou dele, deve ser visto prestado, de seus procedimentos, aventuras e perigos — a prova, nas ocasiões subsequentes, será fornecida, por evidências deste mesmo tipo: por instâncias semelhantes de inconsistência, que serão sempre trazidas à tona.

Por ocasião da sua *primeira* visita a Jerusalém — para[Pág. 152] a metrópole da cristandade — será notada — 1. A causa e a maneira de sua chegada. 2. As circunstâncias de sua morada — sua duração e negócios. 3. A causa e as circunstâncias de sua partida. 4. O resultado geral desta sua expedição.

1. Sobre a causa de sua visita e a maneira de sua chegada, veremos dois relatos diferentes: um, dado por ele mesmo diretamente, em uma epístola aos seus discípulos na Galácia; o outro, por um homem que mais tarde se tornou seu adepto e companheiro de viagem — o autor dos Atos.

2. Da duração e dos negócios de sua residência, veremos, da mesma maneira, dois relatos diferentes, entregues respectivamente pelas mesmas penas.

3. Então, sobre a causa de sua partida: das mesmas duas fontes.

4. Então, das circunstâncias disso.

5. Do resultado geral dessa mesma expedição, temos nada menos que três relatos diferentes: a saber, os mesmos dois acima; com a adição de um terceiro, conforme relatado nos

Atos, que foi dado pelo próprio Paulo, no curso do discurso que ele fez, na época de sua quarta visita, a uma multidão reunida, liderada pelas autoridades constituídas entre os judeus: quando, depois de ter sido arrastado à força para fora do Templo, ele teria sido despedaçado se não tivesse sido salvo por um comandante da guarda romana.

Nesta ocasião, descobriremos que, por sua própria confissão, feita para um propósito específico — com o propósito de salvar sua vida — sob uma exigência que não permitiu tempo para o estudo da consistência e registrada pela cegueira e desconsideração de seu biógrafo; descobriremos que o relato, qualquer que tenha sido, que, na ocasião desta sua[Pág. 153] sua primeira visita, na qual ele se entregou aos apóstolos, fracassou completamente em seus esforços para obter credibilidade.

SEÇÃO 5.

TÓPICOS DA VISITA II. —VISITA QUE TRAZ DINHEIRO.

Da ocasião e dos detalhes da segunda dessas quatro visitas, temos apenas um relato: o que pode ser visto nos Atos.

Comparado com o que pertence às outras visitas, o que pertence a esta é de pouca importância. A informação a ser coletada dela, no entanto, será vista como esta: a saber, que esta foi a segunda das tentativas que ele fez para se juntar aos Apóstolos: e que não teve mais sucesso do que a primeira. Nem mesmo teve tanto sucesso: pois, apesar das reivindicações que o negócio dela lhe dava em relação a eles — era para trazer-lhes uma quantia de dinheiro, o fruto da liberalidade da Igreja em Antioquia — ele não conseguiu nem mesmo obter admissão na presença de qualquer um deles. Sem muita hesitação, isso pode ser afirmado. Se tivesse, ele teria mencionado isso: pois, será visto, que, qualquer que fosse o semblante aparente que ele

conseguisse obter deles, era seu cuidado tirar o máximo proveito disso.

[Pág. 154]

SEÇÃO 6.

COMENTÁRIOS SOBRE A VISITA III. —VISITA DA DEPUTAÇÃO.

Da ocasião, dos detalhes e do término da *terceira* dessas quatro visitas, temos dois, e apenas dois, relatos: um — aquele dado nos Atos; o outro — aquele dado pelo próprio Paulo, como acima, em sua carta aos Gálatas; aquele nos Atos, o único que entra em detalhes; e que deve, portanto, ser tomado como base da narrativa, e nesse caráter ser trazido à tona em primeira instância; aquele dado pelo próprio Paulo, limitando-se a aspectos gerais; mas, no que diz respeito a isso, muito mais confiável e fornecendo muito mais instruções do que aquele dado nos Atos.

Entre suas consequências imediatas, esta terceira visita parece ter tido algum tipo de interação entre Paulo e São Pedro em Antioquia — a segunda sede mais considerável da nova religião depois de Jerusalém; em Antioquia, para a qual cidade, Paulo — que, com Barnabé, havia se estabelecido lá — estava retornando: Pedro estava então em uma visita temporária, feita àquele lugar, para o acerto final dos negócios, pelos quais a última visita anterior de Paulo a Jerusalém havia sido ocasionada.

Na época desta visita, a residência de Paulo era nesta mesma Antioquia. A ocasião dela foi—a disseminação ali, de uma doutrina, que, por certas pessoas não nomeadas, tinha sido importada de Jerusalém: uma doutrina, segundo a qual foi ensinada aos irmãos—"A menos que sejais circuncidados segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos." Para a resolução deste importante assunto,—Barnabé,[Pág. 155] com Paulo como seu companheiro, além de outros

companheiros não nomeados, foi, pelos irmãos em Antioquia, agora, pela segunda vez, enviado, como delegado, aos irmãos em Jerusalém.

Em cada uma dessas três visitas, foi sob a proteção deste Barnabé (será visto) que Paulo se apresentou: — na primeira delas, com o propósito de tornar conhecida sua conversão e, se possível, formar uma conexão com os irmãos de lá; — na segunda, com o propósito de trazer-lhes dinheiro, os frutos do respeito e afeição dos irmãos em Antioquia; — na terceira vez, para o acordo deste importante ponto de doutrina. Quanto a Barnabé, ele era um *cipriota* , que, como será visto, tinha um estabelecimento em Jerusalém: e que, por seu zelo infatigável, somado à sua munificência inigualável, parece ter obtido uma influência não excedida por ninguém, exceto a dos Apóstolos.

Desta mesma Visita de Deputação, sendo a terceira das visitas registradas de Paulo a Jerusalém, — seguida por, e acoplada a, uma de Pedro a Antioquia — Gl 2.11, o local de residência de Paulo, — dois resultados mais importantes, ou supostos resultados, são mencionados: o primeiro, mencionado apenas pelo autor dos Atos, o decreto de um conselho, composto pelos Apóstolos e certas outras pessoas, pelo nome de Anciãos, em Jerusalém; — qual decreto, juntamente com uma carta, foi enviado dali pelas mãos de Judas Barsabás e Silas, aos irmãos em Antioquia; Paulo e Barnabé sendo do grupo, em seu retorno ao mesmo lugar: o outro resultado, mencionado apenas por Paulo, uma espécie de *tratado de partição* , pelo qual o campo do trabalho doutrinário, e daí do domínio espiritual foi dividido entre ele, (Paulo), de um lado, e os Apóstolos do outro. O *mundo judaico* ,[Pág. 156] pois uma designação menos ambígua dificilmente encontraria uma garantia suficiente, para permanecer com os Apóstolos; o *mundo gentio* , para ser deixado livre aos esforços do convertido declarado e Apóstolo autoconstituído. Quanto ao *decreto e à carta* , as razões para questionar a autenticidade desses documentos serão aqui apresentadas, Cap. 6. Do *tratado de partição* , a

realidade se apresenta como totalmente natural e provável — e, por evidências circunstanciais e diretas, suficientemente estabelecida: por evidências diretas apoiadas, por evidências circunstanciais confirmadas.

SEÇÃO 7.

TÓPICOS DA VISITA IV. —VISITA DE INVASÃO.

Da ocasião da quarta e última dessas quatro visitas — chame-a de *Visita de Invasão de Paulo* — temos, embora de uma única fonte imediata, o que pode, para alguns propósitos, ser chamado de dois relatos distintos e diferentes, incluídos um dentro do outro: a saber, o que o historiador dá como se fosse dele mesmo, e o que ele coloca na boca de seu herói, cujas aventuras ele está relatando. Sobre esse assunto, da boca do herói, o historiador não nos deu, e provavelmente não poderia nos dar, nada além de mistério. Pelas circunstâncias, será visto se a denominação *Visita de Invasão* , pela qual esta última de suas visitas registradas a Jerusalém é aqui distinguida, não é totalmente justificada.

Nem das ocorrências que ocorreram durante o seu curso, nem do modo como terminou, temos mais do que um relato; a saber:[Pág. 157] o relato que, falando pessoalmente, é dado pelo autor dos Atos.[23]

Mas, sobre uma parte deste relato — e essa parte em si mesma em grau não pequeno obscura — a luz, e aquela que, acredita-se, será encontrada para dissipar a escuridão, será vista lançada, por um artigo da lei mosaica: sobre o qual artigo, a luz será vista refletida reciprocamente, pela aplicação aqui registrada como tendo sido feita dela. Isso diz respeito à *cena do Templo* : — uma cerimônia cara estendida por dias juntos apenas para produzir o efeito de um *Juramento* .

Por ocasião desta visita, apesar de uma oposição universal por parte de todos os envolvidos — seus próprios adeptos e dependentes, bem como seus adversários de todas as classes incluídas — Paulo, por razões por ele mesmo cuidadosamente ocultadas — e, se trazidas à luz, trazidas à luz de nenhuma outra forma senão por inferência — será visto fazendo sua entrada em Jerusalém, por assim dizer, à força. Na esperança de se libertarem, como deveria parecer, deste aborrecimento, é que os governantes da igreja cristã insistem em sua limpeza[Pág. 158] livrando-se de certas suspeitas, em cujo sustento toda a igreja havia concordado.[24]

[Pág. 159]

SEÇÃO 8.

BIOGRAFIA ESCRITA POR SI MESMO — SEU VALOR SUPERIOR E REIVINDICAÇÃO DE CREDÊNCIA.

Por ocasião desta parte da história, parece particularmente relevante trazer à tona uma observação que, em cada parte da história, acredita-se que será de grande utilidade ter em mente.

Em comparação com uma biografia escrita por ele mesmo, dificilmente qualquer outra biografia merece esse nome.

Fraca, indeterminada, pouco instrutiva, enganosa, é a informação fornecida por qualquer outra mão, de tudo o que diz respeito ao estado da estrutura mental, em comparação com o que é fornecido pela própria mão de um homem. Mesmo daqueles detalhes que fazem contra ele mesmo, mesmo daqueles motivos e intenções que ele mais ansiosamente esconderia, mais clara e correta, até onde vai, se não mais completa, é a informação dada por ele, do que qualquer outra que seja comumente fornecida, mesmo por uma mão imparcial. Pela própria mão de um homem, não

raramente é fornecida informação, de um tipo que faz contra ele mesmo, e[Pág. 160] que não teria sido, porque não poderia, proporcionado por nenhuma outra mão, embora tão hostil. Ele declara os fatos mentais autocondenatórios, a cegueira da autoparcialidade escondendo de seus olhos a inferência condenatória: ou, mesmo com os olhos abertos, ele se coloca sob a imputação: trocando mérito nesta ou naquela forma inferior, pelo mérito da franqueza, ou pela esperança de aumentar a força probatória de sua própria evidência egoísta, em favor de qualquer outro mérito para o qual é sua ambição ganhar credibilidade.

NOTAS DE RODAPÉ:

[20]Gálatas 1:18. "Depois de três anos, subi a Jerusalém para ver Pedro, e fiquei com ele quinze dias."

[21]De qualquer menção feita à Galácia, em qualquer um dos Livros do Novo Testamento, os seguintes são, de acordo com a Concordância de Cruden, os únicos exemplos: 1 Cor. xvi. 1. "... dei ordem às igrejas na Galácia." Tempos, atribuídos a estas Epístolas, 59 d.C. 2 Tim. iv. 10: "Crescens partiu para a Galácia." 66 d.C. 1 Pe. i. 1: "aos estrangeiros dispersos na Galácia." Data 60 d.C.

[22]Atos xv. 1-4. 1. "E alguns homens que tinham descido da Judeia ensinavam os irmãos, dizendo: Se não vos circuncidardes, segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos. — Tendo, pois, Paulo e Barnabé não pequena dissensão e disputa com eles, determinaram que Paulo e Barnabé e alguns outros dentre eles subissem a Jerusalém, aos apóstolos e anciãos, sobre esta questão. — E, acompanhados pela igreja, passaram pela Fenícia e Samaria, contando a conversão dos gentios; e causaram grande alegria a todos os irmãos. — E, chegando a Jerusalém, foram recebidos pela igreja, e pelos apóstolos e anciãos, e relataram todas as coisas que Deus fizera por meio deles."

[23]Seja como for, que ele deve ter estado no caminho para ouvir, de várias pessoas presentes, relatos, tais como eram, do que foi dito por Paulo, — parece seguir quase naturalmente. Isso parece aplicável até mesmo à *última* das duas ocasiões; pois, embora o lugar, Cesaréia, estivesse a alguma distância de Jerusalém, 56 milhas, — ainda assim a distância não era tão grande, mas que as pessoas, que estavam ligadas a ele, poderiam, em sua maioria, ser naturalmente supostas que o seguiram: e em particular o historiador, que, de acordo com sua história, continuou na suíte de Paulo até que, na conclusão desta sua excursão forçada, ele chegou a Roma.

Mas, sobre o assunto de *materiais possíveis* , uma questão conclusiva aqui se apresenta. Sobre um *assunto* como o em questão, em uma *ocasião* , como o em questão, para um *propósito* como o em questão, um *discurso* como qualquer um dos dois em questão, não poderia, por uma pessoa na situação do historiador — para não falar de outras situações — ser feito tão facilmente sem nenhum material especial, como com qualquer estoque de materiais mais correto e completo?

[24]Entre a terceira visita de Paulo e aquela que aqui é considerada como a quarta, outra é, segundo alguns, suposta[l.] ter ocorrido; suposição esta que conclui, que aqui é denominada a quarta, deveria ser considerada a quinta.

Mas, para sustentar esta suposição, os fundamentos mencionados para este propósito não parecem suficientes: não que, se a suposição fosse verdadeira, qualquer consequência material para o propósito presente se seguiria.

Para esta suposição, o fundamento que existe consiste em uma passagem em Atos: Atos 18:20, 21, 22.

20. Quando os judeus de Éfeso lhe pediram que ficasse mais tempo com eles, ele não consentiu;

Mas despediu-se deles, dizendo: *Devo* , por todos os meios, *celebrar esta festa que vem em Jerusalém* ; mas voltarei a vós, se Deus quiser. E navegou de Éfeso.

E, chegando *a* Cesaréia, *subiu* e saudou a *igreja* , e *desceu* para Antioquia.

Aí temos os fundamentos da suposição. Mas, qual é o suporte que eles dão a ela? — declaração, afirmando a existência de uma intenção, é uma coisa; intenção realmente existente é outra. Mesmo supondo a existência da intenção em questão, — intenção é uma coisa; ação correspondente, outra. Jerusalém não é mencionada. Cesaréia estando na costa do mar, Jerusalém está de fato no interior: e, portanto, pode-se dizer, é um lugar, para o qual, se um homem fosse de Cesaréia, ele " *subiria* ": mas, de Cesaréia, estando na costa, um homem não poderia ir a nenhum lugar na Judeia que não fosse na costa, sem *subir* .

Tanto para *o lugar* : — e agora quanto ao *tempo* . O tempo mencionado como o objeto da *intenção* é a *Páscoa* ; mas, que o tempo, no qual, tendo *subido* , Paulo " *saudou a igreja* " — isto sendo tudo o que, ao *subir* , ele é aqui declarado como fazendo — que este tempo era a Páscoa, não é declarado.

Quanto à *saudação* aqui declarada como dada à *igreja* , na conclusão e como parte material do resultado desta investigação, parecerá claro, além de qualquer dúvida, que, se por " *igreja* " for entendido qualquer membro dela em Jerusalém, além de dois, ou no máximo três, dos apóstolos, de acordo com esta interpretação, desde o momento de sua visita de conversão a Damasco, antes de sua primeira visita a Jerusalém, até a última visita aqui considerada como sua quarta, nunca houve um dia em que a *igreja* teria recebido sua saudação.

O que também será tornado manifesto é que o objetivo do autor dos Atos era induzir a crença de que Paulo, antes da conclusão de sua primeira visita, estava em bons termos com a igreja, e assim continuou até o fim: e que, para esse

fim, uma deturpação proposital foi empregada pelo historiador.

Não que, em relação à visita aqui em questão, ao propósito do argumento — faz qualquer tipo de diferença, se teve lugar ou não. Se teve lugar, nem a conclusão, nem qualquer parte do argumento, será vista como requerendo qualquer variação em consequência.

[EU.]*Geografia Histórica do Antigo e Novo Testamento* de Wells , ii. 271. Cap. 5. Das Viagens e Viagens de São Paulo para a Ásia. "São Paulo (diz Wells muito serenamente) " *tendo celebrado* a Páscoa em Jerusalém, desceu dali, &c." — E por isso os Atos são citados como acima: mas os Atos, como será visto aqui, não dizem tal coisa.

CAPÍTULO IV.

Paulo descreu e *continuou* . — *Primeira de suas quatro visitas a Jerusalém após sua conversão* ; *digamos,* Visita a Jerusalém I *ou* Visita de Reconciliação. — *Barnabé o apresentando de Antioquia aos Apóstolos.*

SEÇÃO 1.

OS PROCEDIMENTOS DE PAULO ENTRE SUA CONVERSÃO E ESTA VISITA.—CONTRADIÇÃO. SEGUNDO PAULO, NÃO FOI ATÉ DEPOIS DE TRÊS ANOS PASSADOS NA ÁRABE; SEGUNDO ATOS, IMEDIATAMENTE.

Já em outra ocasião, e para um propósito diferente, os dois relatos, entre os quais esta autocontradição se manifesta, foram trazidos à tona: a saber, na ocasião dos relatos, dados ou supostamente dados, por Paulo, da causa e maneira de sua conversão: - relatos dados no[Pág. 161] primeiro lugar, por escrito e, consequentemente, com todo o tempo

necessário para deliberação, em sua Epístola aos Gálatas: — dada, ou supostamente dada, em seguida, por um discurso proferido, a saber, aquele que, nos Atos, é relatado como proferido por ele, por ocasião de seu julgamento, a Festo e Agripa: — Festo, o procônsul romano, Agripa, o rei judeu.

Em todo o relato deste assunto, conforme dado por Paulo em sua Epístola aos Gálatas, quanta verdade provavelmente havia, e quanta falsidade ou deturpação, já foi visto em alguma medida, cap. II. i. 5, e será visto mais completamente à medida que avançarmos.

Quanto ao seu motivo para esta visita, ele se esforçou para mantê-lo para si mesmo: mas, pelo resultado, de acordo com o relato que ele mesmo dá, é traído. Foi — para efetuar a *reconciliação* tão necessária : — sua reconciliação com os Apóstolos: — os Apóstolos, em relação aos quais seu desrespeito é professado, a necessidade que ele tinha deles, não de outra forma que virtualmente, nem ainda menos efetivamente confessada. Sem um intervalo de considerável duração entre sua conversão e esta visita, toda essa reconciliação teria sido claramente sem esperança. A partir desta circunstância, a duração, como alegado por ele, de sua morada na Arábia, recebe confirmação óbvia e altamente probatória. A confirmação é, de fato, recíproca. A natureza de sua situação prova a necessidade que ele tinha de um intervalo de considerável duração antes que qualquer esperança de reconciliação pudesse ser cumprida, ou, naturalmente falando, até mesmo concebida: por esta circunstância, sua residência em algum outro país se torna provável para nós: e este outro país pode, pelo que sabemos, ter sido o país mencionado por ele - a saber, *a Arábia* , como qualquer outro: e, assim é, que esta afirmação, de ter estado três anos na Arábia, entre os[Pág. 162] o tempo de sua partida de Jerusalém para Damasco e seu retorno a Jerusalém para ver Pedro é confirmado: confirmado, pela duração natural do intervalo, necessário para proporcionar a mínima chance de que Pedro pudesse

ser induzido a encontrar em termos de amizade e relacionamento um homem em quem ele via o assassino de uma multidão incontável de seres humanos, ligados a ele pelos laços mais estreitos de interesse egoísta, bem como simpatia e amor fraternal.

Quanto à contradição, a contradição não pode ser facilmente muito mais pontual, do que será visto ser, entre o relato em relação ao tempo, como dado neste caso por Paulo, e o relato dado por seu historiógrafo nos Atos. Em um duplo fundamento, é o relato de Paulo que reivindica a precedência. De *seu* relato, tal como é, a classificação, na escala de confiabilidade, é a de evidência *imediata* ; a de seu historiógrafo, não mais alta do que a de evidência *não imediata* : — evidência uma vez removida; tendo, como sua fonte mais provável e menos indigna de confiança, a mesma evidência *imediata* . A evidência de Paulo é, ao mesmo tempo, não apenas mais circunstanciada, mas apoiada pelas razões que ele combinou com ela. Não até três anos após sua suposta conversão milagrosa, ele se aproximou de qualquer um dos apóstolos. — Por quê? — Porque, embora, *naquela* época, por razões que ele nos deixou adivinhar, ele se considerasse como tendo considerável necessidade deles, — *até* aquele momento ele não se considerava como tendo qualquer necessidade deles. E por que foi que, por tanto tempo, ele não se considerou como tendo necessidade deles? — A resposta que ele mesmo nos dá, Gálatas 1:10: ... "Procuro agradar a homens? — Irmãos, eu vos certifico que o Evangelho que por mim foi pregado não é segundo os homens. — Pois não o recebi de[Pág. 163] homem, nem me foi ensinado senão pela revelação de Jesus Cristo. — Quando aprouve a Deus, que me chamou pela sua graça, — revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, *imediatamente* não consultei carne e sangue. — Nem subi a Jerusalém para ter com os que eram apóstolos antes de mim; mas parti para a Arábia e voltei *outra vez* para Damasco. — Depois de três anos, subi a Jerusalém para ver Pedro, e fiquei com ele quinze dias. —

Mas não vi nenhum outro apóstolo, senão Tiago, irmão do Senhor."

Até aqui o próprio Paulo. Vejamos agora o que é dito em relação ao tempo, por seu assistente e historiógrafo subsequente. Atos ix... "enquanto ele (Saulo) viajava, chegou perto de Damasco, e, de repente, brilhou ao redor dele uma luz," &c.—ver. 8. "E Saulo se levantou da terra, e ... eles o levaram pela mão, e o levaram a Damasco. — E ele esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu. — E havia em Damasco um certo discípulo, chamado Ananias; e a ele disse o Senhor em uma visão ...—... vai à rua chamada *Direita* , e pergunta em casa de Judas por um chamado Saulo de Tarso....—17. E Ananias ... entrou na casa, e ... disse: Irmão Saulo, o Senhor ... me enviou, para que recuperes a vista....—E ... ele recebeu a vista imediatamente, e se levantou, e foi batizado.—E quando ele comeu, ele foi fortalecido. Então Saulo esteve alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco.—E imediatamente ele pregou a Cristo nas sinagogas,....—22.... e confundiu os judeus que habitavam em Damasco,....—E depois que muitos dias se passaram, os judeus tomaram conselho para matar ele.—... e eles vigiavam as portas dia e noite para matá-lo.—Então os discípulos[Pág. 164] Português levou-o de noite e o desceu pelo muro num cesto. — E, quando Saulo chegou a Jerusalém, tentou juntar-se aos discípulos; mas todos *o* temiam e *não acreditavam que ele fosse discípulo* . — Mas Barnabé, tomando-o consigo, o levou aos *apóstolos* e lhes contou como vira o Senhor no caminho, e que lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus.

Com o que o historiógrafo diz em sua própria pessoa, concorda, quanto ao ponto particular agora em questão, o que, na oração estudada, ele coloca na boca de Paulo. Nesse relato, da mesma forma, imediatamente após a menção do que Paulo fez em Damasco, segue-se a menção do que ele fez em Jerusalém: e, quanto a tudo feito por ele entre os gentios, não apenas a menção disso vem depois da

menção do que foi feito por ele em Jerusalém, mas, entre os dois, vem a menção de tudo o que foi feito por ele, em qualquer uma das costas da Judeia. Atos 26:19. "Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial; mas anunciei, primeiramente aos de Damasco, e de Jerusalém, e por todas as costas da Judeia; e depois aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, e fizessem obras dignas de arrependimento."

Aqui, então, de acordo com o próprio relato de Paulo, após sua visita a Damasco de Jerusalém, ele visitou a Arábia, e além disso Damasco uma segunda vez, antes de fazer sua visita a Jerusalém para ver Pedro: antes desta visita, ele fez ambas as outras visitas; e, ao fazê-las, passou três anos, com ou sem a adição do tempo ocupado por sua primeira visita a Damasco — e o tempo ocupado por sua morada na Arábia. De acordo com o próprio relato de Paulo, então, entre sua segunda partida de, e sua[Pág. 165] chegada a Jerusalém, dali, houve um intervalo de três anos, ou de muito mais de três anos. Pelo contrário, de acordo com ambos os relatos dados sobre o assunto por seu historiógrafo nos Atos, não houve entre os dois eventos em questão, qualquer intervalo diferente daquele que a jornada de um para o outro — cerca de 130 milhas britânicas em linha reta, digamos cerca de 160, com a permissão para curvas e curvas — exigiria.

Agora, entre judeus e gentios, *também conhecidos como* pagãos: a qual dessas duas descrições de pessoas suas pregações foram dirigidas em primeira instância?

De acordo com sua Epístola aos Gálatas, pregar aos pagãos sendo seu destino peculiar, esta é, portanto, a vocação sobre a qual ele procedeu em primeiro lugar: e vimos quão provável é, para não dizer certo, que, neste particular, o que ele afirmou era verdade. Sua nomeação sendo para "os pagãos", ele não conferiu com carne e sangue: *ou seja,* com os Apóstolos, seus discípulos imediatos, ou outra carne e sangue da persuasão cristã: pois, de qualquer conferência desse tipo — de qualquer assistência ou apoio de qualquer

um desses quadrantes, ele tem, nesta mesma Epístola, declarado e protestado — protestando veementemente — que ele não tinha necessidade. Nem então com o propósito de conferência com "aqueles que eram Apóstolos", como ele diz, "antes dele", nem para qualquer outro propósito, ele foi para Jerusalém: não, não até três anos após sua conversão, ou três anos, com a adição de outro termo de extensão incomensurável.

Agora, então, como fica esta questão de acordo com os Atos — de acordo com o discurso colocado na boca de Paulo pelo autor dos Atos? Em vez de os gentios serem a descrição de pessoas, a quem, em primeiro lugar,[Pág. 166] exemplo, ele aplica seus labores, — são os judeus. O que ele *mostra* é " *mostrado* ", em primeiro lugar, àqueles "de Damasco;" então "em Jerusalém;" então "por todas as costas da Judeia;" e, não até *então* — aos gentios: de sua morada na Arábia — de qualquer visita sua à Arábia — nem a mais leve menção, ou mesmo alusão a ela. Mas, durante todo esse tempo, para qualquer coisa que pareça o contrário, a Arábia estava completamente aberta a ele: ao passo que, após a ofensa que ele cometeu contra a autoridade dos poderes dominantes na Judeia, não estava, moralmente falando, na natureza das coisas que ele poderia ter continuado em qualquer lugar que se enquadrasse nessa descrição — ter continuado, tempo suficiente para causar qualquer impressão sensata: e, em Jerusalém em particular, nesta mesma Epístola aos Gálatas, da qual os detalhes acima foram retirados — foi, como ele mesmo declara, apenas em segredo, que, mesmo quatorze anos depois disso, ele se aventurou a disseminar aquelas doutrinas, quaisquer que fossem, que eram peculiares a ele, 2 Gálatas: 1, 2. "Então, quatorze anos depois, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, e levei Tito comigo. E subi por revelação, e comuniquei a eles o Evangelho que prego entre os gentios, mas *em particular* aos que eram de reputação, para que de alguma forma eu não corresse, ou tivesse corrido, em vão."

Assim está a contrariedade: — a contrariedade, entre o próprio relato de Paulo sobre seus próprios procedimentos, e o relato, que, pelo autor dos Atos, ele é representado como dando deles, em outra ocasião. Diz *o próprio* Paulo , em sua própria Epístola aos Gálatas — Depois da minha conversão, foi aos gentios que me apliquei primeiro: aos judeus, não até depois; nem então, em qualquer extensão considerável. Diz o autor dos *Atos* , em um discurso, que ele[Pág. 167] coloca na boca de Paulo: Foi aos judeus que ele se aplicou primeiro, e *em* grande medida: aos gentios, não antes.

Assim fica a contrariedade, tomada em si mesma. Quanto à *causa* , não será difícil de procurar, nem duvidosa. Nas diferenças de situações, ocasiões e propósitos em vista — nas diferenças que tiveram lugar em relação a todos esses detalhes — ela será encontrada.

Na ocasião em que o próprio Paulo fala, qual era a persuasão que ele se esforçava para produzir? Era — que, por vários anos, começando a partir do momento de sua conversão, — com nenhuma pessoa, que, para esse propósito, pudesse ser chamada de *judia* , ele, para qualquer propósito como esse, teve qualquer relação: pois, sendo isso admitido, seguiu-se, é claro, que, se, sobre o assunto da religião de Jesus, ele realmente recebeu a informação que declarou ter recebido, *não* foi dos apóstolos que ele a teve, ou qualquer parte dela. "Sobre eles (diz ele) sou perfeitamente independente: para eles sou até superior. Com Jesus *eles* não tinham comunicação senão de forma natural; com o mesmo Jesus *eu* tive comunicação de forma sobrenatural: — no caminho da '*revelação*'. Minha comunicação com ele é, além disso, de uma data posterior à deles — a qualquer um que eles possam fingir ter: na medida em que haja qualquer contradição entre o que eu ensino e o que eles ensinam, é deles, em ambas as contas — é deles, ceder à minha. De Deus é minha doutrina: em oposição a ela, se eles, ou quaisquer outros homens presumirem preservar, que a maldição de Deus esteja sobre suas cabeças. ver. 8. Consequentemente, na época da

minha primeira visita a Jerusalém após minha conversão, nenhuma comunicação eu tinha com eles, pois, nenhuma comunicação desse tipo, ensinando como eu fiz por revelação, eu poderia ter necessidade, eu já havia passado[Pág. 168] três anos pelo menos na Arábia, ensinando aos gentios de lá minha doutrina peculiar. Esta doutrina peculiar, como eu não tive escrúpulos em ensiná-la àqueles gentios, tão pouco, na ocasião daquela minha visita a Jerusalém, eu tive escrúpulos em ensiná-la aos judeus, assim como aos gentios. É verdade que eu não a ensinei publicamente: — eu não ensinei minha doutrina peculiar, tão publicamente quanto eles fizeram com a deles. Mas, quanto a este segredo comparativo, ele tinha por sua causa a vantagem de ser livre de oposição; pois, se o fato de eu ensinar esta doutrina tão diferente da deles — fosse conhecido por eles, — eles poderiam ter se oposto a ela, e assim meus trabalhos poderiam ter sido perdidos."

O leitor pode julgar se há alguma distorção na representação aqui dada do que ele diz aos Gálatas.

Na ocasião em que *seu historiador* o representa como falando, qual era agora, quanto a esse mesmo assunto, a persuasão que a natureza de sua situação exigia que ele se esforçasse para produzir? Era que os judeus eram o tipo de pessoas com quem, durante o período em questão, ele tinha, para o propósito em questão, mantido relações: judeus, mesmo em preferência a — para não dizer com a exclusão de — gentios: tão longe ele está de ser *agora* representado, como afirmando ter mantido conversas com gentios, com a exclusão de judeus; que é, aquilo de que ele *próprio* foi visto tomando tantos esforços para persuadir seus discípulos gálatas. Sim: até onde a competição poderia ter lugar, judeus, nesta ocasião, em *preferência* , pelo menos, aos gentios: pois, nesta ocasião, o que ele estava trabalhando era — recomendar-se ao favor de seu juiz judeu, o rei Agripa, Atos 26:8-21, ampliando os serviços que ele vinha prestando aos judeus, seus próprios acusadores não exceto:[Pág. 169] serviços,

para cuja prestação, uma relação estreita e contínua, durante esse mesmo período, não poderia deixar de ser necessária.

Nesta ocasião, sendo acusado de — seu historiador não escolhe dizer o quê — sua defesa foi de que, da perseguição que ele estava sofrendo, sua pregação da *ressurreição* era a única causa real: que, tendo nascido e sido criado como fariseu, — ao pregar essa doutrina, longe de se opor, ele estava apoiando, com todas as suas forças, os princípios mantidos pelas autoridades constituídas: aduzindo, como prova da proposição geral, a evidência fornecida por um fato particular, a ressurreição, que teve lugar no caso de Jesus, Atos 25:19: que quando, em sua visão de conversão, Jesus lhe deu sua comissão, o principal objetivo dessa comissão era — a instrução dos gentios: a saber, informando-os — que, para aqueles que cressem na ressurreição, e se arrependessem de seus pecados, e fizessem obras de acordo, — o benefício disso seria estendido: que a esse mandato, é verdade, ele não deixou de prestar obediência substancial: no entanto, tal era sua afeição por seus irmãos, os judeus, — que não foi até, por um tempo considerável, ele estava conferindo a *eles* o benefício de seus labores, que ele se dirigiu aos gentios. Atos 26:19. "Eu não fui desobediente à visão celestial:—Mas anunciei primeiramente aos de Damasco, e em Jerusalém, e por todas as costas da Judeia; e *então* aos gentios, para que se arrependessem, &c.—Por estas causas os judeus me prenderam no Templo, e procuraram matar-me."

A repugnância (diz alguém), a repugnância, não é entre Paulo e Paulo, mas entre Paulo e o autor dos Atos; e, uma vez que os fatos em questão são ocorrências nas quais o próprio Paulo[Pág. 170] era agente ou paciente, para o autor dos Atos, e não para Paulo, é a incorreção, onde quer que seja, a ser imputada. Seja assim: para o propósito do argumento, pelo menos, seja assim: mas, se for assim, o que devemos pensar do autor dos Atos? Tire o autor dos Atos, o que acontece com Paulo? Tire a autoridade dos Atos no

caráter de um escritor inspirado — escrevendo de inspiração sobrenatural, após uma relação imediata e contínua, de alguma maneira inexplicável e inexplicável, com o Todo-Poderoso — o que resta, então, da evidência, sobre a qual a poderosa estrutura de Paulo e sua doutrina foi erguida?

Um homem, que está assim continuamente em contradição — às vezes consigo mesmo, outras vezes com as autoridades mais incontestáveis — que credibilidade pode, com razão e propriedade, ser dada à sua evidência, em relação a qualquer questão importante de fato? De qualquer forma, quando qualquer propósito, que ele próprio tem no coração, deve ser servido por ela? De tal homem, o testemunho — o testemunho não interrogado e não examinável — seria, por si só, suficiente para garantir um veredito, sobre uma questão da mais insignificante importância pecuniária? Quanto menos então, sobre questões, em comparação com as quais aquelas da maior importância que os assuntos desta vida admitem, encolhem para a insignificância? Mesmo supondo que a veracidade e todos os outros ramos da probidade sejam impecáveis e irrepreensíveis, se tal confusão mental, tal falta de memória, tal negligência em relação a incidentes e detalhes de natureza imensamente importante, escapam, em qualquer intervalo de tempo, da mente mais comum; se tal falta de atenção, tal deficiência em relação às faculdades e realizações intelectuais mais comuns são discerníveis em sua narrativa, que base sólida e substancial de dependência ela pode fornecer, ou mesmo deixar em existência?

[Pág. 171]

Desse tipo são as questões para as quais, acredita-se, nenhuma justificativa desprezível foi encontrada; nem, se assim foi, durante todo o curso restante desta investigação, elas deveriam ser esquecidas.

SEÇÃO 2.

FUNDAMENTOS DA PROSPECÇÃO DE PAULO DE RECONCILIAÇÃO NESTA OCASIÃO COM OS APÓSTOLOS E SEUS DISCÍPULOS.

Sobre este assunto, além e em explicação do tipo de narrativa dada nos Atos, informações do tipo mais instrutivo e impressionante podem ser vistas fornecidas por ele mesmo: no topo delas, pode ser colocado o que pode ser visto em sua Epístola aos seus convertidos da Galácia.

Em Jerusalém estava a sala de reuniões na qual se reunia o Conselho dos Apóstolos: daqueles homens, a quem seus inimigos mais ferrenhos não teriam, mais do que seus discípulos e adeptos, recusado a denominação de companheiros constantes e discípulos selecionados do Jesus falecido. Para eles era conhecido, tudo o que, em relação a Jesus, era conhecido por qualquer outra pessoa: e, além disso, em abundância ilimitada, particulares não capazes de serem conhecidos por qualquer outra pessoa.

Quanto a Paulo, vamos supor que ele agora seja um crente em Jesus; e, com base nessa suposição, observemos qual não poderia deixar de ser o estado de sua mente em relação àqueles servos selecionados de Jesus.

Neles ele viu as testemunhas — não apenas dos atos e ditos mais materiais e característicos de seu Mestre, mas também de sua morte e de seu efeito sobrenatural.[Pág. 172] consequências — a *ressurreição* e *a ascensão* , com as quais foi seguida.

Neles ele viu — não apenas as testemunhas de seus *milagres* , mas um grupo de alunos, aos quais tais poderes de operar milagres semelhantes — tais poderes miraculosos, em uma palavra, como lhe agradou conceder — foram concedidos.

Em seus trabalhos, ele viu as causas de toda prosperidade que a sociedade, estabelecida por eles, possuía.

Em si mesmo, ele viu o homem que, com tanta acrimônia e perseverança, havia feito o máximo para destruir aquela

sociedade na qual, para os propósitos cuja indicação foi tão claramente dada por sua própria pena, ele estava se preparando para se intrometer.

Para formar uma causa ostensiva para sua intrusão, além das informações que, por meio de sua perseguição, ele conseguiu extrair daqueles a quem estava perseguindo, o que ele tinha de sua parte? Ele tinha seu próprio aprendizado, seus próprios talentos, seu próprio temperamento inquieto e audacioso, e a visão que ele havia criado: a estrutura infundada dessa visão, uma visão da qual acabamos de dar.

Da representação assim dada do assunto, quer tomemos seu próprio relato, ou o dos Atos, suponhamos que a verdade não se baseie em nenhum outro fundamento senão nesta visão, com ou sem aquela outra visão, que foi vista tão delicadamente anexada a ela, e tão estranhamente inserida nela, tão tênue é o fundamento sobre o qual o encontraremos embarcando em seu empreendimento, assumindo para si mesmo, sem modificação ou pedido de desculpas, o nome de *um apóstolo* , lançando-se na sociedade e colocando-se completamente em igualdade, para não dizer mais do que uma igualdade, com toda a companhia do[Pág. 173] homens cujo título a essa denominação estava acima de qualquer disputa: aqueles dentre os escolhidos que foram os mais favorecidos, sem exceção.

GÁLATAS i. 11-23.

11. Mas eu vos certifico, irmãos, que o Evangelho que por mim foi pregado não é segundo os homens, porque não o recebi de homem algum, nem me foi ensinado , mas por revelação de Jesus Cristo. Pois ouvistes qual foi o meu procedimento outrora no judaísmo, como sobremaneira persegui a igreja de Deus, e a assolava; e na minha nação excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais. Mas,

quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e *me* chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para estar com os que eram apóstolos antes de mim; mas fui para a Arábia e voltei outra vez para Damasco. — Então, depois de três anos, subi a Jerusalém para ver Pedro e fiquei com ele quinze dias. — Mas não vi nenhum outro dos apóstolos, exceto Tiago, irmão do Senhor. — Ora, o que vos escrevo, eis que diante de Deus não minto. — Depois fui para as regiões da Síria e da Cilícia; — E era desconhecido de vista das igrejas da Judeia que estavam em Cristo. — Mas eles tinham ouvido apenas que aquele que nos perseguia outrora agora prega a fé que antes destruía.

Assim, por mais indistinta e incoerentemente declarada, permanece a questão, na superfície de ambos os relatos. Na superfície. Mas, por uma pequena reflexão sobre a natureza do caso — a natureza óbvia e indiscutível do caso — conforme coletado de todos os relatos, como já trazido à vista em um capítulo II precedente, seremos levados a outra concepção, e a única sustentável.

O plano de ambição mundana — aquele plano pelo qual já vimos sua conversão exterior produzida — não havia sido apenas formado, mas posto em prática: posto em prática, durante um período de pelo menos três anos:[Pág. 174] de três anos, empregado em Damasco em preparação, — na Arábia em liberdade condicional. O que restava, e agora se tornava necessário, era — algum tipo de semblante dos Apóstolos: dos Apóstolos, e daí, se possível, do resto da Igreja então existente. Necessário era completamente esse semblante para seu apoio: pois, para esse plano, o *nome* de Jesus era essencial. Era nesse *nome* , que todas as suas operações seriam realizadas: — nesse nome, do uso do qual deveria ser universalmente entendido, que era de acordo com as instruções, e com apoio, do falecido Jesus, que por este, seu servo recém-alistado, tudo era dito e feito.

Em Damasco — sim: — em Damasco, onde estavam as únicas pessoas com as quais, para o propósito de seu domínio, ele poderia se comunicar com segurança: isto é, pessoas que sua comissão das autoridades de Jerusalém havia colocado sob seu poder. Na Arábia — sim: onde, embora ele não tivesse feito nenhum progresso do qual visse qualquer vantagem em dar qualquer relato — ele de qualquer forma não havia experimentado nenhuma oposição, de tal tipo que o levasse a abandonar seu esquema. Naqueles países comparativamente distantes — sim. Mas, em Jerusalém — o local de nascimento de Jesus e sua religião — naquela metrópole, dentro da qual, ou nas proximidades dela, todas as testemunhas de sua ascensão e progresso — todos os prosélitos que haviam sido feitos a ela foram reunidos — e de onde, e para a qual, os devotos daquela religião, da qual ela havia surgido, estariam continuamente se aglomerando de todos os lados — neste lugar, para um homem, conhecido tão notoriamente por todos eles como um perseguidor, em cujo esquema de perseguição todos eles estavam envolvidos — para tal homem ter, de repente, começado a pregar e agir, em nome daquele Jesus, a quem, para usar sua própria linguagem, ele havia[Pág. 175] perseguidos — um empreendimento como esse, que, mesmo com o máximo apoio que estava em seu poder dar, teria sido audácia, teria sido, sem algum tipo de apoio da parte deles — uma completa loucura.

Para o sucesso perfeito era necessário que não apenas esses pastores do pasto da Igreja, mas, por meio deles, todo o rebanho, fosse assim trazido sob administração. No que diz respeito a esses mesmos *governantes* , nós o encontraremos, em certo grau, — e até mesmo, com referência ao seu propósito, em grau suficiente, — bem-sucedido. Mas, com referência aos Discípulos em geral, e a todos aqueles governantes, exceto três, — será visto como tendo falhado completamente.

Circunstância em que ele estava, somente para aqueles governantes, era possível que ele se dirigisse, com a menor

esperança. Para qualquer assembleia de fiéis em geral, ter reparado sem nenhuma recomendação melhor do que sua história de visão, — mesmo com Barnabé, pronto, como veremos, para pegá-lo pela mão, — teria sido claramente sem esperança. Não menos teria sido — apresentar-se aos Apóstolos, — se, em apoio a tal proposição que ele tinha que fazer, — nada mais apropriado, nada para eles em sua situação mais credível, do que esta mesma história de visão, — tivesse sido capaz de ser produzido. Sobre eles, portanto, o caso já parece bem maduro para a conclusão de que nenhuma história desse tipo foi jamais tentada a ser passada. Mas, deixando de lado esse argumento aéreo, — induções de natureza mais substancial, como as que veremos trazidas à vista pelo próprio Paulo, não estavam ausentes nessa ocasião, — nem poderiam, em nenhum momento, ter ficado fora da vista daquele mesmo Barnabé, a quem veremos aparecer tão frequentemente, no caráter de seu generoso patrono e amigo constante. "Sobre esse plano, Barnabé poderia dizer[Pág. 176] para eles, — Neste plano, que ele traçou para si mesmo, ele estará agindo — não apenas não em oposição, mas até mesmo em promoção de seus desejos e esforços. Grego como ele é, — habilidoso naquela língua, e naquele aprendizado, que serve a um homem como um passaporte através de todo o mundo gentio, — é a esse mundo que seus trabalhos se limitarão; um campo certamente amplo o suficiente para as visões mais abrangentes. Para você ele deixará, — e deixará certamente sem privação, e portanto naturalmente sem arrependimento, — aquele campo, do qual você já está em posse, — e, pelos limites dos quais, seus meios de cultura conveniente são circunscritos."

"Com esse plano, não apenas seus esforços permanecerão desimpedidos, mas a influência do nome de Jesus — esse nome, da influência do qual esses mesmos esforços são tão materialmente dependentes para seu sucesso — será, na proporção do sucesso de Paulo, ampliada."

Num discurso, neste sentido, do generoso e esclarecido mediador, pode-se ver a origem natural daquele acordo, que, mais adiante, em seu lugar, sob o nome de *tratado de partilha* , haverá ocasião de trazer, de uma maneira mais particular, sob revisão.

Mas, o que é um pouco menos evidente, do que a propriedade e prudência deste plano, visto pelo menos do ponto de vista em que não poderia ser visto de forma não natural por Barnabé, é — a impossibilidade, de se apresentar, com qualquer perspectiva tolerável de sucesso, com qualquer plano desse tipo em mãos, na presença de uma vasta e promíscua assembleia. Para engajar, por parte de qualquer assembleia desse tipo, não para dizer qualquer confiança firme, mas qualquer esperança mínima, — que, de um inimigo até a morte, o mesmo homem se tornaria um[Pág. 177] parceiro e assistente — exigiria uma exposição muito particular e prolongada de todos os fatos e argumentos que a confiança necessária exigiria para seu apoio: um detalhe que nenhuma assembleia desse tipo encontraria tempo para ouvir, se tivesse paciência.

Mesmo no caso dos próprios Apóstolos, — tomando todo o conselho deles juntos, a natureza do plano, será visto, não admitia nenhuma negociação bem-sucedida. Consequentemente, para o chefe deles somente, a saber, para Pedro, era tanto quanto a intenção de Paulo fazer qualquer comunicação disso em primeira instância: e, em toda a extensão do relacionamento, tal como foi, que ele manteve contato com eles — em todas as quatro visitas, no curso das quais esse relacionamento foi mantido — sendo um período de não menos que vinte e cinco anos, a saber, do ano 35 ao ano 60, — com não mais que três dos onze, ele será visto fingindo ter tido qualquer entrevista pessoal: *eles* não o vendo, exceto quando não podiam evitar; e *os outros* nunca o vendo.

SEÇÃO 3.

OCASIÃO DESTA VISITA, SEGUNDO O PRÓPRIO RELATO DE PAULO.

Após sua conversão — após o tempo em que, se for para acreditar, ele viu aquela primeira de suas visões — aquela visão, pela qual o mais árduo oponente da nova religião foi transformado em alguém que, em profissão, era o mais ativo de seus apoiadores — qual foi o curso que ele tomou? Ele se dirigiu imediatamente a Jerusalém, de onde ele[Pág. 178] veio? Ele se apresentou aos onze apóstolos — aos companheiros confidenciais do falecido Jesus, para expor diante deles suas credenciais? para relatar àqueles por quem tudo sobre Jesus que deveria ser conhecido pelo homem era conhecido — o que havia sido experimentado por ele? — por ele, Paulo, por quem, até o momento daquela experiência, nada disso havia sido conhecido? Não ele, de fato. Veja o que ele mesmo diz.

Em vez de fazer isso, ele parte, em primeira instância para a Arábia; de onde, ao final de um período de tempo não especificado, ele retorna a Damasco. Por fim, no entanto, ele se dirige a Jerusalém: por fim, à presença daqueles contra cujas vidas ele havia conspirado por tanto tempo, — ele agora usa seus esforços para se intrometer.

Por fim? Ao final de que período de tempo? Ao final de três anos? Sim: mas a partir de que ponto do tempo computado? Do momento de sua conversão na estrada, ou do último dia de sua estadia em Damasco, após seu retorno da Arábia? Por esse homem, que uma resposta a essas perguntas seja dada — por esse homem que pode encontrar fundamentos para isso.

Contudo, pelo menos isso pode ser dito: da duração desse intervalo, três anos é o mínimo.

Com que visão lhe ocorreu buscar esta conferência? Com que visão fazer a tentativa? E com que visão adiá-la?

1. Quanto à sua opinião ao procurá-la, deve ser deixado à inferência: à conjectura, com base nas circunstâncias.

2. Estando envolvido, como estava, no plano de fazer convertidos a uma religião, chamada por ele de religião de Jesus, e isso entre as nações em geral, entre[Pág. 179] outros além daqueles no seio de cuja religião o fundador da nova religião havia nascido; sentindo, como lhe parecia, a necessidade de informações em várias formas — a respeito dos atos e ditos de Jesus; não tendo, para esse propósito, tido, até então, acesso a nenhuma das pessoas a quem o benefício de uma entrevista com Jesus, em termos de confiança peculiar, havia sido concedido; ele estava desejoso de tomar este — seu único curso — para retificar o equívoco, sob o qual, em grande medida, ele provavelmente deveria estar trabalhando — e preencher as deficiências, sob as quais ele não poderia deixar de estar trabalhando.

3. Óbvia é a necessidade que ele tinha de apoio desses chefes universalmente reconhecidos, da religião que ele professava ser ensinada.

Bom, diz alguém: mas, tendo, desde o início, trabalhado tanto tempo, necessitado de informações, como aconteceu que ele atrasou tanto os esforços que fez para obtê-las?

A resposta certamente não é óbvia.

Se o momento em que ele se apresentou tivesse sido quando a lembrança de sua conversão ainda estivesse fresca, quando a lembrança da visão pela qual ela deveria ser declarada como tendo sido efetuada, supondo que ela fosse realmente vivenciada, também estaria fresca, nesse caso, anarrativa, verdadeiro ou falso, teria encontrado, em oposição à sua recepção, toda repugnância imaginável, em tantas mentes ulceradas: e, na suposição de que fosse falso, ele — a suposta testemunha perceptiva e realmente narradora — ele, que nada sabia sobre o assunto de seu testemunho, teria que se submeter ao mais severo

interrogatório imaginável, nas mãos daqueles para quem tudo sobre Jesus era questão de conhecimento perfeito.

Assim a questão teria ficado, em primeira instância.[Pág. 180] Por outro lado, com o passar do tempo, vários resultados favoráveis ao seu projeto teriam ocorrido naturalmente.

1. A exasperação, produzida pela experiência da perseguição sofrida em suas mãos, teria sido diminuída.

2. Sua própria lembrança dos detalhes poderia ser considerada menos vívida.

3. A curiosidade, respeitando-os, teria se tornado menos ávida.

4. O tempo poderia ter admitido um comportamento de sua parte, de um tipo, pelo qual a desconfiança poderia ser diminuída e a confiança fortalecida.

Bem; agora o temos em Jerusalém, — e pela primeira vez após sua conversão. Quando assim, em Jerusalém, — daqueles a quem ele foi ver, quem ele realmente viu? Resposta, Pedro, por exemplo; Tiago, a quem ele chama de irmão do Senhor, e que, segundo ele, embora não fosse literalmente um irmão, era, no entanto, um parente de Jesus: — estes dois, de acordo com sua própria demonstração; estes dois, e não mais. "Então, depois de três anos, subi a Jerusalém para ver Pedro, e fiquei com ele quinze dias. Mas dos outros apóstolos não vi nenhum, exceto Tiago, irmão do Senhor." Gálatas 1:18, 19.

SEÇÃO 4.

OCASIÃO, CONFORME O RELATO DE ATOS COMPARADO COM O DE PAULO.

O que se viu foi o relato de Paulo sobre o assunto: o próprio relato de Paulo sobre o intervalo decorrido entre sua conversão e o primeiro de seus[Pág. 181] visitas

subsequentes a Jerusalém:—à residência dos cristãos, a quem ele vinha perseguindo, e dos governantes, sob e pela autoridade dos quais, a perseguição havia sido levada adiante. Tal, vago como é, é seu relato, do intervalo entre esses dois eventos: e do lugar, no qual, ou quase todo, ou pelo menos a maior parte dele, foi passado.

Tal foi o próprio relato de Paulo sobre seus próprios procedimentos,—à distância de vinte e cinco anos e mais. Compare com ele, agora, o relato, dado por seu historiógrafo—dado, do intervalo, que, segundo ele, teve lugar, entre esses mesmos dois eventos. Atos 9:19-29.

Aqui, nenhuma estada de três anos na Arábia: nenhuma visita àquele país: nenhuma notícia, de qualquer lugar, além de Damasco, como sendo um lugar, no qual todo, ou qualquer parte, do tempo em questão, foi passado. Em uma posição, com relação um ao outro, dificilmente diferente daquela de contiguidade, — são os dois eventos reunidos. O sangue de seus discípulos mal lavado de suas mãos, quando, com Barnabé como seu introdutor, ele se apresenta aos Apóstolos!

No exato momento em que os governantes de Jerusalém esperavam receber dele as provas de sua pontualidade na execução do importante plano de opressão oficial, do qual, por sua própria iniciativa, ele havia sido solenemente constituído e nomeado instrumento; quando, depois de ir e formar uma aliança com os criminosos, pois assim eles deveriam ter sido chamados, a quem ele havia sido comissionado por esses governantes para levar à justiça; neste exato momento é que ele retorna à sede de seu domínio; ao lugar em que, naquele exato momento, seu retorno a eles, com as vítimas pretendidas em cativeiro, não poderia deixar de ser o assunto da expectativa universal!

[Pág. 182]

Que alguém agora julgue se, em qualquer estado de coisas, natural ou sobrenatural, o tipo de conduta assim suposta é crível.

Em Damasco, em vez de se apresentar aos governantes de Damasco, a quem a comissão da qual ele era portador foi endereçada, as primeiras pessoas, que, de acordo com este relato, Atos 9:19, ele vê, são "os discípulos", *isto é* , as pessoas que, por essa comissão, ele deveria prender: e, com eles, em vez de prendê-los, ele passa "certos dias".

Esses certos dias terminaram,—ele então, com ou sem um pedido de desculpas, se apresenta a esses mesmos governantes? Não ele, de fato. Não se apresentando a eles, ele, por fuga ou de outra forma, toma quaisquer medidas, para se proteger, contra sua vingança legítima e necessariamente pretendida? Não tal coisa:—em vez de fazê-lo, ele corre na própria cara dela. Ele se mostra nas sinagogas judaicas, nos lugares públicos de adoração: e lá, em vez de pregar Moisés e sua lei, ele prega Cristo,—aquele Cristo, cujos discípulos ele foi comissionado a extirpar.

Esta quebra de confiança — esta transgressão, que, embora louvável em si mesma, não poderia deixar de — aos olhos de todos aqueles por quem, ou para quem, ele estava em confiança — ser um ato de traição mais flagrante e justamente punível — poderia mesmo desde o início, por dois dias, juntos, permanecer desconhecido? Não, de fato: se, neste particular, a esta mesma história de conversão, conforme relatada por este mesmo autor, algum crédito é devido. Pois, de acordo com este mesmo relato — nesta mesma jornada, e no exato momento de sua visão de conversão, ele estava sozinho? Não; ele tinha companheiros: companheiros, que, o que quer que acontecesse com ele, teriam, no exato momento de sua entrada, a menos que qualquer causa possa ser demonstrada em contrário, entrado[Pág. 183] para lá no devido tempo. Bem, então — pergunte aos homens em autoridade, — "Este Paulo, em cujo séquito vocês vieram, — onde ele está, o que aconteceu com ele?" Tais teriam sido, é claro, as perguntas feitas a estes, seus companheiros, mesmo na suposição, de que por estes mesmos companheiros, nenhuma visita tinha, de sua própria

vontade, sido feita a estes mesmos governantes, sob cuja autoridade eles foram se colocar.

Por fim, — e os dias que a essa altura já tinham decorrido eram " *muitos* ", — ele acha conveniente deixar Damasco. Ele é expulso dali: mas por qual força? Pelo exercício da autoridade legal dos governantes ofendidos? Em uma palavra, por vingança pública? Não: mas por uma conspiração privada — nada mais: pois, para esses governantes — tão diferentes são de todos os outros governantes — se sua autoridade é obedecida ou desprezada, tem sido, o tempo todo, questão de indiferença.

ATOS IX. 19-30.

19. E quando ele recebeu comida, ele foi fortalecido. Então Saulo esteve *alguns dias* com os *discípulos* que estavam em Damasco. — E logo ele pregou *a Cristo* nas sinagogas, que ele é o Filho de Deus. — Mas todos os que o ouviram ficaram maravilhados, e disseram: Não é este o que destruía os que invocavam este nome em Jerusalém, e para isso veio aqui, para trazê-los presos aos principais sacerdotes? — Mas Saulo se fortaleceu ainda mais, e confundiu os judeus que habitavam em Damasco, provando que este era o verdadeiro Cristo. — E depois que *muitos dias* se passaram, os judeus tomaram conselho para matá-lo: — Mas sua emboscada era conhecida de Saulo. E guardavam as portas dia e noite para o matarem. —Então os discípulos o tomaram de noite, e o desceram pelo muro num *cesto* . —E, chegando Saulo a Jerusalém, tentou juntar-se aos discípulos; mas todos o temiam, e não criam que fosse discípulo. —Mas Barnabé, tomando-o consigo, o levou aos apóstolos, e contou-lhes como vira o Senhor no caminho, e lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Deus.[Pág. 184] Jesus.—E ele estava com eles entrando e saindo em Jerusalém.—E ele falou ousadamente no nome do Senhor Jesus, e discutiu contra os gregos: mas eles estavam prestes a matá-lo.—30. O que, quando os

irmãos souberam, o levaram até Cesaréia, e o enviaram para Tarso.

No relato acima, um incidente notável é apresentado, pela ocasião e maneira de sua fuga de Damasco. Em parte, tem como suporte uma afirmação feita pelo próprio Paulo; mas, como de costume, quanto à parte, dificilmente é conciliável com o relato que ele dá. Em relação à aventura da *cesta* , os dois relatos concordam: e assim a ocasião é identificada e fixada. É em relação à descrição das pessoas, por quem o ataque a ele foi feito ou meditado, que os relatos diferem. De acordo com os Atos, as mãos hostis são as dos judeus, que são falados como tantos conspiradores não autorizados e criminosos: mas, de acordo com Paulo, são as das autoridades constituídas — um governador agindo sob um rei.

31. "Em Damasco" — diz ele, em 2 Cor. 11:32-33 — "Em Damasco, o governador sob o rei Aretas guardou a cidade dos damascenos com uma guarnição, desejoso de me prender. E por uma janela, em uma cesta, fui baixado pelo muro, e escapei de suas mãos."

Agora, supondo que a força adversa tenha sido a de um bando de conspiradores, era natural que eles vigiassem os "portões da cidade": um recurso mais promissor que eles dificilmente poderiam ter sob seu comando. Mas, suponha que tenha sido o do governador, que necessidade ele tinha de vigiar os portões? Ele poderia ter revistado as casas. Pela referência feita, a uma questão de fato, que, supondo-a real, deve ter sido notória por sua natureza — a saber, a existência de um rei, do nome em questão, no país[Pág. 185] em questão, no momento em questão — um grau comparativo de probabilidade parece ser dado ao relato de Paulo. Uma circunstância curiosa é — que, nesta Epístola de Paulo, esta anedota da Cesta permanece completamente isolada; não tem a menor conexão com nada que a precede ou a segue.

No relato dos Atos, como já observado, Cap. 4, parece que foi imediatamente após a aventura da cesta, que ele foi em sua primeira visita aos Apóstolos em Jerusalém: pois, como vemos, é imediatamente após isso que sua chegada àquela cidade é mencionada. Se assim for, a morada que ele *então* estava fazendo em Damasco, foi provavelmente *após* seu retorno da Arábia: aquele retorno da Arábia, do qual o vimos falando em sua Epístola aos Gálatas, Gálatas 1:15. "Quando aprouve a Deus... revelar-me seu Filho, para que eu o pregasse aos gentios, imediatamente não consultei carne e sangue; Nem subi a Jerusalém, aos que eram Apóstolos antes de mim; mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco. *Então, depois de* três anos, subi a Jerusalém, para ver Pedro." &c.

"Depois de três anos?" — três anos, contando de que *época* ? Aqui vemos a ambiguidade, e junto com ela a dificuldade. Se contando de sua conversão, — então temos os três anos, a serem gastos — parte em Damasco, parte na Arábia: em Damasco, obtendo, talvez, dos judeus cristianizados — em troca da impunidade dada a eles pela quebra da confiança confiada a ele pelos governantes de Jerusalém — dinheiro, para custear suas despesas enquanto estava na Arábia. Se, contando de sua fuga de Damasco em uma cesta, então temos três anos, durante os quais nem mesmo qualquer[Pág. 186] o mais tênue traço dele é perceptível. Tudo, portanto, que está claro é—que de acordo com seu relato do assunto, houve um intervalo de pelo menos três anos entre sua conversão, e esta primeira de suas visitas subsequentes a Jerusalém—esta visita dele a Jerusalém, para ver os Apóstolos.

Entre as duas interpretações, — em relação à duração do tempo, observe aqui a diferença. De acordo com uma delas, entre a conversão e a primeira visita a Jerusalém, temos um intervalo de três anos, e não mais: e, neste intervalo, três períodos de tempo — um passado em Damasco, outro na Arábia, um terceiro, terminado pela aventura da cesta, passado também em Damasco, estão todos incluídos: todo

o intervalo determinado: mas suas partes, todas elas, indeterminadas. De acordo com a outra interpretação, temos também três períodos de tempo: o primeiro, indeterminado, passado em Damasco; o segundo, como indeterminado, passado na Arábia; o terceiro, passado em Damasco, e este determinado — a saber, os três anos. Assim, na primeira suposição, o intervalo consiste em três anos, e não mais: na segunda suposição, consiste em três anos, precedidos por dois períodos de tempo, ambos indeterminados, mas um dos quais — o passado na Arábia — pode ter sido em qualquer quantidade prolongado.

Em qualquer uma das suposições, não parece improvável que tenha sido imediatamente após sua fuga de Damasco que ocorreu sua primeira visita a Jerusalém. E, quanto maior o intervalo de tempo precedente, quer tenha passado na Arábia ou em Damasco, menos promissora é sua perspectiva de que os ressentimentos, produzidos pelas provocações dadas por ele aos cristãos, por sua perseguição a eles, e aos governantes judeus, por sua traição a eles, deveriam, ambos, ter diminuído a tal ponto, a ponto de[Pág. 187] tornar até mesmo uma estadia tão curta, como a de quinze dias que ele menciona, consistente com a segurança pessoal. No entanto, como vemos nos Atos, esses dois eventos são falados como se tivessem sido contíguos: de qualquer forma, é em contiguidade que são falados.

Incertezas se aglomeram sobre incertezas. Na época da conversão de Paulo, Damasco já tinha esse mesmo rei, chamado Aretas, com um governador sob ele? Se sim, como acontece que, desse estado do governo, nenhuma intimação é perceptível, no relato dado dessa conversão nos Atos? Era que, naquela época, não existia nenhuma personagem monárquica? mas que, antes da aventura da cesta, alguma revolução o havia colocado lá?

De acordo com o relato de Paulo, o estado das coisas, produzido em Damasco por seus esforços, era um tanto curioso. Em face desse relato, em geral não

havia *guarnição* em Damasco: era somente por ordem especial do monarca, e para nenhum outro propósito além de trazer à justiça — ou o que era chamado de justiça — a pessoa do autoconstituído Apóstolo — que uma guarnição foi colocada na cidade, com um governador para o comando dela.

Que base para tudo isso dar credibilidade! E, com ela, para um sistema de doutrina religiosa sobre o qual se construir! — doutrina religiosa — com a diferença entre felicidade eterna e miséria eterna dependendo dela!

[Pág. 188]

SEÇÃO 5.

CAUSA DA DISCORDÂNCIA ENTRE AS DUAS CONTAS.

Entre esses dois relatos, tal sendo a discordância — onde encontraremos a *causa* disso? Resposta: nas diferentes visões, nas quais, no momento da escrita, os dois relatos foram escritos: nos diferentes objetos, para a realização dos quais, no momento da escrita de seus respectivos relatos, os esforços dos dois escritores foram direcionados.

O autor dos Atos — qual era, então, *seu* objetivo? Obter para seu patrono — seu herói principal — vivo ou morto — um reconhecimento, tão universal quanto possível, em seu caráter assumido de Apóstolo. Quanto mais completo o reconhecimento, concedido a ele por aqueles mais competentes de todos os juízes, — mais extenso o reconhecimento que ele poderia esperar, das mãos de todos os outros seus companheiros crentes.

Isso era suficiente — suficiente para os propósitos gerais do partido — aos olhos de uma pessoa diferente de Paulo, mesmo que essa outra pessoa fosse um protegido, um vassalo, um satélite.

Contudo, isso não foi suficiente para a arrogância do chefe do partido, o próprio Paulo: pelo menos, na época em que ele escreveu esta carta aos seus convertidos da Galácia.

Você acha, diz ele, que qualquer relação que eu já tive com qualquer um daqueles que foram apóstolos antes de mim, teve, da minha parte, algo de dependência? Você acha que eu já precisei de alguma coisa das mãos deles? Você acha que eu já precisei mais deles do que eles de mim? Não eu, de fato. O[Pág. 189] Evangelho, que sempre preguei — nem deles o recebi, nem deles, ao pregá-lo, jamais busquei ou recebi qualquer assistência. Gálatas 1:11, 12. Vocês acham que eu estava em alguma necessidade, ou alguma vez supus que eu estivesse em alguma necessidade, de qualquer aceitação ou reconhecimento de suas mãos? Não eu, de fato. Quando minha revelação foi recebida por mim, apresentei-me a eles, para qualquer propósito como o de remuneração e aceitação? Não eu, de fato. Não fui até eles: não fui tanto quanto a Jerusalém, onde eles estavam então: não consultei carne e sangue: — lá fui eu para a Arábia; e quando meus negócios na Arábia estavam no fim, mesmo então, eu me dirigi a Jerusalém? Não eu, de fato. Voltei novamente para Damasco. É verdade, para Jerusalém eu fui finalmente. — Mas quando? — Não até três anos depois. Bem — e, quando eu estava em Jerusalém, quantos, e quais deles, vocês acham que eu vi? Você acha que eu me dei a algum problema, como o de vê-los todos juntos? Todo o rebanho deles? Não. Pedro era naturalmente um chefe entre eles: com ele eu tinha, portanto, alguns negócios a resolver: — ele, portanto, eu vi, como também Tiago, a quem, como sendo um irmão, ou outro parente próximo, de Jesus, eu tinha curiosidade de ver.

O próprio Paulo escreveu em um momento; este seu discípulo em outro: cada um deles perseguiu o propósito do momento. Não nesta ocasião, de qualquer forma, — talvez em nenhuma outra, houve algo, que ambos escreveram, concertado entre eles.[25] O que acabamos de ver é uma das consequências desta falta de concertação.

[Pág. 190]

Reservado como o vimos, em relação ao tempo e outras circunstâncias, — uma circunstância a mais há, pela qual nossa curiosidade é em grande parte devedora, ao autor dos Atos. Esta é — informação, dos meios — do canal, através do qual Paulo obteve a introdução, que, sem menção feita ao objeto, nós o vimos reconhecendo que, no que diz respeito a Pedro, ele estava desejoso de: e *isso* a tal ponto, a ponto de empreender uma viagem de Damasco a Jerusalém, cerca de 120 ou 130 milhas, para o propósito.

Repugnância, tão natural e naturalmente tão veemente — mesmo ao final de três anos, ou o número ainda maior de anos — por quais meios ele poderia removê-la, ou ao menos se lisonjear com uma perspectiva de ser capaz de removê-la? Para esta questão, é ao autor dos Atos que somos devedores de uma resposta: e essa resposta é satisfatória: — foi pela assistência de Barnabé que o objetivo, na medida em que foi realizado, foi realizado.

Para a religião de Jesus, tanto depois como antes disso — e para os apóstolos em particular antes disso — Barnabé foi um defensor de não pouca importância.

Na época em que os acordos financeiros foram acertados pela segunda vez;[26] — quando, da substância dos opulentos entre os fiéis, o suficiente foi coletado para o sustento de todos os indigentes; — entre aqueles, por quem, nesta segunda ocasião, terras e casas foram vendidas para este propósito, pessoas particulares são, nesta segunda ocasião, mencionadas pela primeira vez. O primeiro lugar é ocupado por este Barnabé:[Pág. 191] e só depois dele vêm Ananias e Safira — o infeliz casal, cujo destino será mencionado em outro lugar.

José era, ao que parece, o nome original — o nome próprio deste protetor beneficente: Barnabé, o *Filho da consolação* , Atos 4:36, não era mais do que um título de honra — um símbolo de gratidão. Um título de honra? E por quem conferido? Até mesmo pelos Apóstolos. Por Barnabé,

portanto, tudo o que depois vier a ser relatado como feito — é pelo *Filho da consolação* que devemos entender que foi e será feito.

Quanto aos argumentos pelos quais esse filho da consolação teve sucesso — em prevalecer sobre dois, e, se acreditarmos em Paulo, não mais do que dois, desses servos de Jesus tão recentemente perseguidos ou ameaçados — para que, por alguns dias, conversassem com ele, que até então tinha sido seu inimigo mortal e aberto — é a partir da imaginação, com o julgamento como guia, que eles devem, se tanto, ser deduzidos das circunstâncias circundantes do caso.

Quanto a esses argumentos, no entanto, — quaisquer que fossem os demais, de dois deles uma dica é dada pelo autor dos Atos: estes são, — a história da conversão, — e a ousadia da pregação, que em Damasco estava entre os primeiros frutos dela. Aqueles que, sob a orientação do julgamento, a imaginação não encontraria muita dificuldade em adicionar, são, — o mal — que poderia resultar de sua inimizade, caso os avanços então feitos por ele fossem rejeitados, — e o serviço útil, que, pela bênção de Deus, poderia ser esperado de suas mãos, se admitido no caráter de um aliado e cooperador: de qualquer forma, enquanto todo o campo de seus esforços, e em particular a parte geográfica dele, continuasse diferente do deles.

[Pág. 192]

Com Pedro, por qualquer motivo, era o próprio desejo de Paulo realizar uma conferência: assim o vimos declarando aos Gálatas. A este Pedro, a quem ele desejava ver, e a quem finalmente conseguiu ver, a este Pedro ele então contou a história de sua visão, de sua conversão e o modo dela? Se em algum momento ele o fez, de qualquer forma, se o autor dos Atos for acreditado, não foi até que Barnabé, o filho da consolação, a tivesse contado por ele. Se tivesse sido por ele mesmo que sua história tivesse sido contada em primeira instância, ele teria sido exposto ao interrogatório: e,

entre aquelas coisas que Barnabé poderia em sua situação dizer por ele, havia muitas coisas que, se tanto, ele não poderia, com algo como uma perspectiva igual de bom efeito, ter dito por si mesmo. Para qualquer afirmação sua, — em quaisquer promessas de amizade futura, não estava na natureza do caso, que de sua própria boca eles dessem crédito. Mas, quando por Barnabé, de cujo zelo em sua causa eles tinham recebido provas tão substanciais — quando deste filho da consolação eles receberam a garantia, de que Paulo tinha realmente se engajado naquela linha de serviço, que ele professava desejar abraçar; — que ele tinha se engajado tanto, que nenhuma perspectiva de retirada segura poderia estar razoavelmente em sua visão; — então foi, que, sem imprudência, eles poderiam, aventurar-se a ter pelo menos uma conferência com ele, e ouvir e ver o que ele tinha a dizer por si mesmo.

Quanto ao relato, dado nesta ocasião por Barnabé, da famosa visão, — se tivesse sido preservada, provavelmente não teria sido menos curiosa do que aquelas que já temos visto. Embora não possamos ter certeza precisa de que maneira, — podemos ter certeza de que, de uma forma ou de outra, adições teriam sido vistas feitas nela, à lista de *variações* .

[Pág. 193]

Mas, a grande vantagem, —produzível, e provavelmente produzida, pela abertura do assunto, como realizada por Barnabé, —era esta: em companhia daqueles argumentos, pelos quais a sinceridade de Paulo deveria ser demonstrada, — viriam naturalmente aqueles, pelos quais seria dada a intimação, da vantagem que poderia haver, em abster-se de aplicar um escrutínio muito rigoroso, a esta importante declaração. Os interesses, que, no caráter de motivos, pleiteavam a aceitação, do avanço feito em direção à reconciliação e cooperação mutuamente vantajosa, — iriam, desta maneira, preparar o caminho, para receber, sem qualquer contra-interrogatório incômodo, a narrativa importante: ou, talvez, para considerar o assunto, como já

suficientemente explicado, pelo filho da consolação, — de tal forma que, para o novo Apóstolo, o problema de repetir uma narrativa, que ele já deve ter se encontrado tão frequentemente sob a necessidade de repetir, poderia ser poupado.

Quanto maior era a importância do serviço prestado a Paulo pelo filho da consolação, quanto mais cuidadosamente ele relatava, como acima, o relacionamento com os apóstolos em Jerusalém, mais cuidadosamente ele evitava qualquer menção a isso.[27]

[Pág. 194]

SEÇÃO 6.

DURAÇÃO DESTA VISITA — EMPREGO DE PAULO DURANTE A VISITA.

Quinze dias, se Paulo for acreditado — quinze dias, e não mais — foi o período de tempo durante o qual sua relação com Pedro continuou: Gálatas 1:18, esse mesmo período de tempo, e não maior, pode-se inferir sem muita precipitação, foi sua estadia em Jerusalém.

Esses quinze dias, — ou o que quer que seja, se algo mais longo, foi a duração de sua estadia naquele assento de sua religião comum, — em que ocupações eles estavam empregados? É nos Atos, se em algum lugar, que essa questão receberá sua resposta. Foi em "disputar contra os gregos". Atos 9:29.

Que tal tenha sido sua ocupação é algo completamente natural em sua situação.

De uma espécie de *tratado de partilha* , como tendo, em um momento, sido celebrado entre ele e Pedro, — Paulo, em suas cartas tão frequentemente mencionadas aos Gálatas, nos informa em termos expressos. Quanto ao tempo, que, naquela ocasião, ele tem em vista, — era, de acordo com a

aparência, não o tempo desta *sua* primeira visita, mas da terceira. Naquela terceira visita, o tratado foi, de qualquer forma, celebrado pela primeira vez, ou confirmado: recebendo, ao mesmo tempo, o que foi acordado por ambos os lados, como uma emenda necessária para adicionar a ele, em relação à clareza, correção ou integridade.

Mas, nesta visita, parece completamente natural que, com mais ou menos destas mesmas qualidades, um tratado de[Pág. 195] esse tipo ocorreu. Pelo tipo de relação, produzida entre eles, pelo estado de interesses, — a existência de um acordo desse tipo parece suficientemente probabilizada: e, das poucas palavras, nas quais, pelo autor dos Atos, é feita menção aos gregos, e às disputas de Paulo com eles, — a inferência recebe a confirmação fornecida por evidência *direta* .

Com os gregos, então, foi que essas disputas de Paulo foram mantidas. Por que com os gregos, e nenhum outro? A razão não é mistério. O grego era a língua de Paulo: grego, para qualquer coisa que apareça, não era a língua de Pedro, ou de qualquer outro dos apóstolos. Aplicando-se aos gregos, e somente a eles, Paulo poderia, em qualquer quantidade, ter dado extensão adicional ao seu próprio domínio, sem subtrair nada do deles.

Não produtiva, ao que parece, de muito fruto, — foi essa porção, dos labores do novo Apóstolo. Assim que somos informados, da bênção assim oferecida a esses gentios gregos, vem, além disso, a informação adicional, de que alguns lá estavam, que "foram para matá-lo. O que quando os irmãos souberam, eles o levaram", é acrescentado, "para Cesaréia, e o enviaram para Tarso." Atos 9:29.

Enquanto isso, aqueles homens, que foram matá-lo, — quem eram eles? Possivelmente eram gregos, se pela disputa em questão, o aborrecimento produzido era tão intolerável para eles, a ponto de ser produtivo de um desejo e empreendimento tão flagrante: e, se a evidência fornecida pelas regras da gramática for neste caso considerada

conclusiva, — o pronome *eles* tendo como seu último antecedente possível os *gregos* substantivos — estes, e nenhum outro, devem ter sido os assassinos pretendidos. Por outro lado, entre os pagãos — os disputantes filosóficos desta nação, — disputas,[Pág. 196] tendo tais abstrações como assunto, não costumavam ser produtivas, de quaisquer consequências práticas e flagelantes. Entre os pagãos, além disso, não parece que, antes de sua conversão, o zelo de Paulo o tenha levado a matar alguém: por outro lado, entre os judeus cristianizados, seus companheiros religiosos, o número de pessoas, das quais ele havia matado algumas, e de outras maneiras atormentado outras, era infelizmente muito grande. Pela religião *à* qual eles haviam sido convertidos, a vingança, é verdade, não era (como naquela da qual eles foram convertidos *)* ampliada, mas proibida: mas, a influência dela nunca foi igualmente eficiente em todas as mentes.

Seja como for, ao deixar Jerusalém, foi para a região da Síria e Cilícia que, naquele momento, ele se dirigiu. Assim, em sua carta aos Gálatas, ele mesmo diz, Gálatas 1:21; e, pelo que é dito nos Atos, ele não é contrariado, mas confirmado. Por si mesmo o que é mencionado é — a *região* , a saber, Síria e Cilícia: pelos Atos o que é mencionado é — as *cidades* , a saber, Cesaréia e Tarso. Cesaréia, — fosse naquela época na Síria ou não, — estava, de qualquer forma, pouco, se alguma coisa, fora do caminho, de Jerusalém a Tarso. Cesareia era uma cidade costeira: uma entre aquelas cidades marítimas que, sejam ou não partes da Síria, ficam no caminho entre a cidade interior de Jerusalém e a costa da Cilícia: com essa costa, por um rio, Tarso, marcada no mapa com a marca de uma capital, parece se comunicar.

Ao falar dessa mudança de lugar, os termos empregados por Paulo são termos gerais: " *Eu vim* ". Por quais *meios* ele veio, ele não menciona: nem parece haver qualquer razão específica pela qual ele deveria tê-los mencionado.

[Pág. 197]

Nos Atos, o relato é mais específico: ele foi, de certa forma, forçado de um lugar para outro: ele foi, de qualquer forma, *escoltado* : foi pelos " *irmãos* ", ele foi assim tratado. "O que, quando os irmãos souberam, o levaram até Cesaréia, e o enviaram para Tarso." Atos 9:30.

Pelos irmãos? — Sim. — Mas por quais irmãos? Pelo corpo geral dos cristãos, ou por qualquer um que pertencesse a ele? Não: — pois era da ira deles que ele estava escapando. Não: — não pelos muitos justamente exasperados; mas por tão poucos adeptos que, sob tão prodigiosa desvantagem, seu infatigável artifício e energia encontraram meios de conciliar.

SEÇÃO 7.

MODO E CAUSA DE SUA RESCISÃO.

Em relação a este assunto, temos dois, e não mais do que dois, relatos, — ambos da mesma pena, — o do historiógrafo nos Atos; e esses dois relatos, como de costume, são contraditórios entre si. O primeiro, na ordem da história, é aquele dado por ele em sua própria pessoa: Atos 9:27, 28, 29. O outro, é aquele dado por ele na pessoa de Paulo: a saber, no curso de seu suposto primeiro discurso feito e não premeditado, — quando, por ocasião de sua última visita a Jerusalém — sua Visita de Invasão, ele estava implorando por sua vida diante da multidão enfurecida. Atos 22:17, 18, 19, 20, 21.

Agora, vamos comparar os dois relatos.

Falando em sua própria pessoa, é por medo de[Pág. 198] certos gregos, que o historiador atribui a partida de Paulo para Jerusalém. Ao disputar com eles, ele estava falando "ousadamente em nome do Senhor Jesus": e *então* , — e como somos desejados a acreditar, *portanto* , — surgiram certos desígnios e esforços para matá-lo. Desígnios? Da parte de quem? Resposta: — da parte

desses mesmos gregos: causa desses desígnios e esforços, irritação, assim é pretendido que devêssemos supor, — irritação, produzida nos peitos desses mesmos gregos; — e produzida pela disputa.

Agora, quanto às palavras do historiógrafo, falando em sua própria pessoa. É imediatamente após a menção das transações de Paulo com os apóstolos e os outros discípulos, que depois de dizer, Atos 9:28, que "... ele estava com eles entrando e saindo de Jerusalém", a narrativa continua assim: ver. 29; "E ele falou ousadamente em nome do Senhor Jesus, e discutiu contra os gregos, mas *eles* estavam prestes a matá-lo: ver. 30; O que quando *os irmãos* souberam, o levaram até Cesaréia, e o enviaram para Tarso."

Tal é o relato dado, da partida de Paulo de Jerusalém, na ocasião em questão — dado pelo historiógrafo, falando em sua própria pessoa, da maneira da partida, e ao mesmo tempo da causa dela. Veja agora quão diferente é o relato dado, do mesmo assunto, pelo mesmo historiógrafo, na mesma obra, ao falar na pessoa de seu herói. Nada agora quanto a quaisquer disputas com gregos: nada agora destes, ou quaisquer outros seres humanos, no caráter de seres que estavam zangados com ele, e *isso* a tal ponto, que, para salvar sua vida, foi considerado necessário por seus adeptos, — denominados nesta ocasião " *os* irmãos", para tomar conta dele, como vimos, e transportá-lo de Jerusalém para Cesaréia e outros lugares.

[Pág. 199]

O caso parece ser — que, entre o momento de escrever o relato que acaba de ser visto, e o momento de dar conta da mesma transação na pessoa do herói, como acima, — uma certa dificuldade se apresentou à mente do historiógrafo: e, que é para a solução dessa dificuldade, que ele recorre a um de seus solventes soberanos — *um transe* . A dificuldade parece ter sido esta: A classe de pessoas, que, naquela primeira visita sua, ele havia exasperado, eram — não

" *gregos* ", ou quaisquer outros gentios, mas cristãos: cristãos, todo o corpo deles — apóstolos e discípulos juntos: a mesma classe de pessoas, à qual pertenciam aqueles que, na ocasião desta sua última visita — a *Visita de Invasão* — estavam a tal ponto exasperados, por esta quarta intrusão sua, a ponto de estarem tentando sua vida. Quão desesperada teria sido qualquer tentativa de fazê-los acreditar que não foi por eles mesmos, mas por um grupo de pagãos, que sua vida foi ameaçada naquela ocasião anterior, é suficientemente manifesto. Aqui então surge uma demanda por um substituto para aquela causa que, por mais distante que fosse o tempo, não poderia, no entanto, estar completamente ausente de sua memória: e que, na medida em que estava presente, não poderia deixar de aumentar sua exasperação: esse substituto era *o transe* .

A causa da partida é agora — não o medo de qualquer ser humano, mas a ordem expressa do " *Senhor* ": — uma ordem dada no curso, e por meio, deste mesmo *transe* . Além disso, como se, de tal quadrante, *as ordens* não fossem suficientes por si mesmas; na ocasião presente, será visto, elas vieram apoiadas por *razões* . Foi que, como o historiador nos contou em sua própria pessoa, certos gregos estavam exasperados? Não: mas que as pessoas, a quem, com Barnabé por seu apoio[Pág. 200] testemunha, Atos 9:27, ele estava contando sua história, não deu crédito a ela: de modo que, por um homem com sua reputação neste estado, nada no caminho de seus negócios deveria ser feito.

Mas agora vejamos o texto. Ele vem imediatamente depois daquela passagem, na qual Paulo é levado a falar de Ananias, como dando ordens a ele, em nome do Senhor: ordens, concluindo com estas palavras: Atos 22:16: ... "levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor." Dito isto, sua história, conforme contada à multidão, continua assim: "E aconteceu que, quando voltei a Jerusalém, enquanto orava no templo, fiquei em *transe* : E o vi dizendo-me: Apressa - te e sai *depressa* de Jerusalém, *porque não receberão o teu testemunho a meu*

respeito . E eu disse: Senhor, eles sabem que eu aprisionei e espanquei em todas as sinagogas aqueles que criam em ti; E quando o sangue do teu mártir Estêvão foi derramado, eu também estava presente, e consenti com a sua morte, e guardei as vestes dos que o mataram. E ele me disse: Vai-te, porque te enviarei para longe, aos gentios. E eles lhe deram audiência a esta palavra, e então levantaram suas vozes e disseram: Tira tal homem da terra; porque não convém que viva."

Agora pode ser visto, quão útil e conveniente era um implemento esse mesmo transe: quão bem adaptado, à ocasião em que foi empregado. Tomada por si só, essa história sobre os gregos enfurecidos poderia servir para impor aos leitores em geral: mas, para o conhecimento dos cristãos realmente enfurecidos, cuja ira ele estava se esforçando para amenizar, — não era apenas muito palpavelmente falsa para ser relacionada a eles, mas muito, para ser mesmo por um momento suposto ser[Pág. 201] relacionado a eles: daí veio a demanda pela causa sobrenatural. Nada, é evidente, poderia ser mais adequado ao propósito. A afirmação era do tipo daquelas que, por mais palpavelmente falsas que sejam, não são expostas à contradição por evidência direta: e que, supondo-se que sejam acreditadas, asseguram respeito universal e colocam todos os opositores em silêncio.

Um incidente não desmerecedor de nota aqui é o tipo de reconhecimento contido nas palavras: "porque não receberão teu testemunho a meu respeito". Nisto pode ser vista uma confirmação do fato importante, tão completamente provado por ocasião da primeira *Visita de Reconciliação* : e vemos com que consistência e propriedade a menção a isso ocorre na ocasião presente: a saber, em um discurso feito a uma multidão, da qual muitos daqueles que o desacreditaram e rejeitaram naquela ocasião anterior devem, é claro, ter feito parte.

Tal é o fato, que, depois de nos ter comunicado, em sua própria pessoa, Atos 9:26, "todos tinham medo dele, e não

acreditavam que ele era um discípulo", o historiador é franco o suficiente para nos comunicar uma segunda vez, através das bocas de Paulo e "do Senhor", um dentro do outro. *Verdadeira* o suficiente esta informação: e, além disso, em Jerusalém, tanto quando o historiador estava escrevendo, como quando Paulo estava falando, *notório* o suficiente: ou dificilmente teríamos isso *aqui* e *agora* . Mas, que verdade para colocar na boca de Paulo, cujo título de credibilidade para sua reivindicação, é tão efetivamente destruído por isso!

Para retornar ao que, por ocasião da primeira visita, é dito pelo historiógrafo, em sua própria pessoa, sobre os gregos. Que era falso, quanto ao ponto principal, ou seja, que era pelo medo daqueles mesmos[Pág. 202] Gentios que ele foi expulso de Jerusalém, — é agora, espera-se, suficientemente evidente. Mas, quanto a ele ter mantido disputa com eles, — nisto não parece haver nada inconsistente ou improvável: e esta parte, supondo-a verdadeira, poderia, na medida em que conhecida, ajudar a ganhar credibilidade para o que era falso.

Uma circunstância — não totalmente clara, nem digna de muito esforço no esforço de torná-la assim, é — na ocasião deste diálogo, a mudança feita, do veículo sobrenatural, de uma *visão* para um " *transe* ". Qualquer que seja a diferença, se houver, elas concordam em um ponto essencial: a saber, que está no poder de qualquer homem, a qualquer momento, ter tido tantas delas quanto desejar: ouvir e ver, além disso, em cada uma delas, quaisquer coisas que lhe convém ter ouvido ou visto. — "Eu tive uma visão" ou "Eu estava em transe": qualquer postulado concedido, tudo o que for segue.

Este *transe* , pode ser observado, é de uma natureza muito mais substancial do que qualquer uma das *visões* . Por Paulo em sua *visão de estrada* , — visão como era, — nem *pessoa* nem *coisa* , com exceção de uma quantidade de luz, foi vista: apenas uma voz, *dita ser do Senhor* , ouvida. Neste transe, o Senhor não é apenas ouvido, mas

visto. Nessas visões, o que é dito ter sido ouvido, não equivale a nada: na ocasião presente, o que é dito ter sido ouvido, é material para o propósito, e perfeitamente inteligível. Não que pudesse haver qualquer utilidade em Paulo *realmente* ouvir isso: pois o que isso o informou, não era nada mais do que aquilo que, no momento, ele estava em plena experiência. Mas, em uma situação como a dele, era realmente útil para ele, ser *pensado* que o tinha ouvido: e, portanto, é que, no discurso atribuído a ele, ele é representado como *dizendo* que o ouviu.

[Pág. 203]

NOTAS DE RODAPÉ:

[25]Na cronologia atual, esta Epístola aos Gálatas é colocada no ano 58; por parte do autor dos Atos, a primeira menção de sua presença na companhia de Paulo é colocada no ano imediatamente seguinte, a saber, 59. Observe que no final da Epístola aos Gálatas, é declarado que foi escrita de Roma: no entanto, de acordo com a cronologia atual, sua chegada a Roma, sob custódia, de Jerusalém — época em que, sem dúvida, ele nunca havia visitado Roma — não ocorreu até o ano 62.

[26]Primeira vez, Atos ii. 45. Segunda vez, Atos iv. 34.

[27]"Não consultei carne e sangue." (Gl 2,16.) "Daqueles que pareciam ser alguma coisa, o que quer que fossem, não me importa." Somente "depois de três anos" fui "a Jerusalém para ver Pedro." Com uma linguagem nesse sentido, teria harmonizado, mas indiferentemente, ter acrescentado: "nem o teria visto então, se não fosse por Barnabé."

CAPÍTULO V.

Paulo descreu* continuou.— *Visita a Jerusalém II. Visita para trazer dinheiro. — Barnabé o acompanhando de Antioquia.

SEÇÃO 1.

EM ANTIOQUIA, TENDO ÁGABO PREDITO UMA ESCASSEZ, DINHEIRO É COLETADO PARA OS SANTOS DE JERUSALÉM.

Foi em sua própria casa que deixamos pela última vez nosso autoproclamado Apóstolo; em seu próprio local de nascimento, Tarso; o que temos a ver a seguir é o que o atraiu de lá.

Durante todo esse tempo, houve outros discípulos que não ficaram ociosos. Para a nova religião, já era Antioquia, Antioquia na Síria, tornou-se uma nova Jerusalém.

Após a dispersão dos cristãos de Jerusalém, ocasionada pelo assassinato judicial do santo administrador do fundo dos pobres, Estêvão, alguns deles, entre os quais alguns nativos de Chipre, ilha em que estava situada a propriedade do filho da consolação, Barnabé, dirigiram-se para a mesma ilha, e outros para a mesma cidade de Antioquia, na Síria.

ATOS xi. 19-24.

19. Os que foram dispersos pela perseguição suscitada por causa de Estêvão chegaram até a Fenícia e Chipre.[Pág. 204] e Antioquia, não pregando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. — E alguns deles eram homens de Chipre e de Cirene, os quais, quando chegaram a Antioquia, falaram aos gregos, pregando o Senhor Jesus. — E a mão do Senhor estava com eles; e um grande número creu e se converteu ao Senhor. — Então chegaram estas novas aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé, para que fosse até Antioquia. — O qual, quando

chegou e viu a graça de Deus, alegrou-se; e exortava a todos a que, com firmeza de coração, se apegassem ao Senhor. — Porque ele era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé; e muita gente foi acrescentada ao Senhor.

Destes, alguns se dirigiram exclusivamente aos *judeus* : outros se aventuraram até o ponto de fazer um experimento com os *gregos* . Infelizmente, esses termos não são, nenhum deles, totalmente livres de ambiguidade. Pela palavra *judeus* , pode ter sido entendido tanto judeus por *nascimento* e *residência* , quanto judeus por *religião* : pela palavra *gregos* , tanto judeus que, nascidos ou morando dentro do campo do antigo domínio grego, usavam o grego como sua língua nativa, — ou gregos, que eram assim, não apenas pela língua, mas pela religião. Neste último caso, seu destino estava entre os gentios, e muito mais extraordinária e notável foi a importância do sucesso.

"Os que pregam o Evangelho, vivam do Evangelho." Tal, em suas próprias palavras, 1 Cor. 9:14, é a máxima estabelecida por Paulo, para a edificação de seus discípulos coríntios. Para poupar dúvidas e disputas, ele a prefacia com a garantia — "assim ordenou o Senhor." Nenhuma grande necessidade de apoio da revelação parece se prender a uma máxima tão natural e tão razoável: desde o tempo do primeiro plantio do Evangelho, parece ter sido, como de fato não poderia deixar de ser, universalmente agido; salvando tão poucas exceções quanto uma feliz união de zelo, com meios pecuniários suficientes, poderia tornar possível.

[Pág. 205]

Como, sob a aristocracia apostólica, isso foi posto em prática em Jerusalém, já foi visto. O tempo agora havia chegado,— para que fosse estabelecido e posto em prática em Antioquia.

Em Jerusalém, sob o domínio espiritual dos Apóstolos, vivia um homem chamado *Ágabo* . Entre os dons, — dos quais, no caráter de *qualificações* , uma demanda foi por alguns

entendida como criada, pelo negócio de propagar a nova religião, — qualificações, uma lista das quais, de acordo com sua concepção dela, Paulo, 1 Cor. 12:10, nos deu, — estava uma, que, entre esses dons, era chamada de " *dom de profecia* ": — um dom, sob o qual, como sob o da fala em geral, particularmente quando aplicado a ocasiões de importância, a faculdade de *predição* — de formar julgamentos corretos a respeito de contingências futuras — viria, se não necessariamente, muito frequentemente pelo menos, a ser incluída.

No caso da *profecia* aqui em questão, essa mesma faculdade prospectiva, ao que parece, estava realmente incluída.

O *fato* , com o propósito de prever ou dar informações de que este emissário útil foi, na ocasião presente, enviado de Jerusalém para Antioquia, foi o de significar que haveria uma grande escassez: uma *inferência* deduzida disso foi que, nesta mesma Antioquia, para o alívio dos irmãos em Jerusalém, *contribuições* seriam coletadas e enviadas para Jerusalém.

ATOS xi. 27-30.

27. E naqueles dias vieram profetas de Jerusalém para Antioquia. E levantou-se um deles, chamado Ágabo, e significou pelo espírito que haveria uma grande fome em todo o mundo; o que aconteceu nos dias de Cláudio César. Então[Pág. 206] os discípulos, cada um segundo sua capacidade, resolveram enviar socorro aos irmãos que habitavam na Judeia. O que eles fizeram e enviaram aos anciãos pelas mãos de Barnabé e Saulo.

Na calamidade da *escassez* pode ser visto um desses eventos, dos quais — especialmente se o tempo dela não for predesignado com uma exatidão muito rígida — uma previsão pode ser arriscada, — e mesmo por qualquer homem, — sem muito risco de cair sob a desgraça ligada à denominação de *um falso profeta* . Desta observação, uma

exemplificação parece ter sido fornecida, no presente caso. Com prudência não incomum, — "o espírito", pelo qual, nesta ocasião, a calamidade foi "significada", absteve-se, como vemos, da fixação de qualquer ano em particular — seja para a profecia, ou para a realização dela. "Os dias de Cláudio César" são mencionados como o tempo da realização. Por acordo de todos os cronologistas, — a duração de seu reinado é declarada como ocupando não menos que treze anos. Se este mesmo reinado já havia começado, — não é, nesta ocasião, mencionado: pela maneira como é mencionado, o negativo não parece improvável; se assim for, então para encontrar o tempo que a profecia tinha para encontrar seu cumprimento no prazo definido de treze anos, devemos adicionar outro, e este por tempo indeterminado.

De acordo com a situação, dos indivíduos pelos quais a palavra é empregada, — *os mundos* variam em seus tamanhos. Da escassez em questão, o mundo inteiro, "todo o mundo", é, pelo autor dos Atos, declarado como tendo sido o teatro afligido: "grande escassez em todo o mundo." Atos 11:28. Quanto ao resto do mundo, podemos deixá-lo por si só. Para o propósito então e agora em questão, era e é suficiente — que duas cidades, Jerusalém e Antioquia,[Pág. 207] estavam incluídos nela. Sendo a calamidade assim universal, nenhuma razão do tipo comum é dada, ou parece descobrível — por que, de qualquer contribuição que venha a ser levantada, o curso deveria ser — de Antioquia para Jerusalém, em vez de Jerusalém para Antioquia. Indagado, no entanto, em termos religiosos, uma *razão* se apresenta, sem muita dificuldade. O que Roma se tornou depois, Jerusalém era então — a capital daquele *mundo* , que agora, pela primeira vez, recebeu o nome de *cristão* . De acordo com um dos ditos de Jesus — se Paulo, seu apóstolo autoproclamado, é confiável — deles foi pronunciado " *mais abençoado dar do que receber* ":[28] mas aos olhos dos sucessores de São Pedro em todos os tempos — e neste

tempo, como deveria parecer, aos seus próprios — era *mais abençoado receber do que dar* .

[Pág. 208]

SEÇÃO 2.

BARNABÉ E PAULO FORAM DESPEDIDO COM O DINHEIRO PARA JERUSALÉM.

Da *quantia* da colheita eleemosinária, nenhuma intimação é encontrada. Quanto à *consequência* disso, Barnabé, vemos, é o homem declarado como tendo, com propriedade óbvia, sido escolhido para a importante confiança: Barnabé — de cuja opulência, confiabilidade, firmeza e zelo, provas tão amplas, para não falar daquelas subsequentes, que serão vistas em seu lugar, já haviam se manifestado. Em consequência da informação, já recebida pela Igreja Mãe em Jerusalém, da prosperidade da Igreja Filha, Atos 11:20, 21, plantada, como acima, na capital da Síria, — este mais ativo de todos os cidadãos cristãos havia sido enviado para dar aumento a ela.

Mas, dos talentos e atividade de Paulo, seu infatigável apoiador e poderoso patrono teve plena ocasião de ser informado. Consequentemente, sem a ajuda deste seu não menos infatigável ajudante, ainda era a força da igreja nascente, aos olhos do patrono, incompleta. "Um profeta", diz um provérbio não infundado, "não tem honra em seu próprio país". Em sua cidade natal, entre as testemunhas de sua juventude, Paulo realmente encontrou *segurança* : mas, como a natureza do caso se manifesta, em um círculo, do qual o respeito estava excluído pela familiaridade, a segurança não tinha sido acompanhada de *influência* : e, aos olhos de Paulo, a segurança sem influência não tinha valor. Sob essas circunstâncias, — o[Pág. 209] patrono, indo pessoalmente a Tarso em busca de seu protegido, não conseguiu naturalmente encontrar muita dificuldade em

recuperar a posse dele, e trazer consigo o prêmio tão valorizado, em seu retorno a Antioquia. "Então", diz Atos, 11:25, 26, "partiu Barnabé para Tarso, para procurar Saulo: E quando o encontrou, levou-o para Antioquia."

Neste local, com seus poderes unidos, eles estavam realizando suas operações pelo espaço de um ano, quando a petição de assistência pecuniária foi recebida lá.

Quanto a Paulo, desde o momento de sua conversão, apesar do insucesso de sua primeira tentativa, o principal objeto de sua ambição, a posição de Presidente da Comunidade Cristã, nunca havia abandonado sua concupiscência. Ocasiões para renovar o empreendimento ainda eram observadas com ansiedade inabalável: uma mais favorável do que a aqui em questão não poderia ter se apresentado aos seus desejos mais acalentados. Todo o produto da generosidade filial da Igreja Filha deveria agora ser despejado no seio da Mãe necessitada. Para o autodestinado chefe daquela Igreja em ascensão, duas ocupações mais aceitáveis do que aquelas que uma e a mesma ocasião lhe trouxe, não poderiam ter sido encontradas: primeiro, a coleta das contribuições; e então o transporte delas para o local de seu destino. Dos trabalhos de tais agentes, em tais circunstâncias, o sucesso, somos informados, eles encontraram, foi um resultado natural. "Então", diz Atos 11:29, 30, "os discípulos, cada um segundo a sua capacidade, resolveram enviar socorro aos irmãos que habitavam na Judeia; o que eles também fizeram; e o enviaram aos anciãos pelas mãos de Barnabé e Saulo." Isso é muito quanto ao propósito *público* . Muito diferente era a sorte de[Pág. 210]*O projeto pessoal* de Paulo . O que os anciãos não podiam ter nenhuma objeção ao recebimento era o dinheiro. Mas, o que eles tinham uma objeção insuperável era o recebimento do jugo deste seu perseguidor exteriormente convertido, mas uma vez já rejeitado. Este segundo empreendimento, embora ainda sob o mesmo líder poderoso, e produzido por tais perspectivas lisonjeiras, não teve mais sucesso do que o primeiro. Vinte

e cinco versículos depois, somos informados do *término* desta sua segunda visita a Jerusalém; e isto é tudo o que ouvimos sobre isso: "E Barnabé e Saulo", diz Atos 12:25, "voltaram de Jerusalém, quando terminaram seu ministério, e levaram consigo João, cujo sobrenome era Marcos." Este mesmo João Marcos eles obtiveram por sua expedição: e isto, por qualquer coisa que pareça, foi tudo o que obtiveram com isso.

Entre a menção de sua chegada a Jerusalém e a menção de sua partida dali, vem o episódio sobre Pedro: seu encarceramento e libertação sob Herodes; e a morte extraordinária do promotor real, da qual, em seu lugar. Quanto ao intervalo, qual foi sua duração e de que maneira, por Paulo, sob a asa do Filho da Consolação, foi ocupado, são pontos sobre os quais somos deixados completamente no escuro: como também, se o *tempo* dessas aventuras de Pedro, cuja *menção* está inserida entre a menção das duas ocorrências na história de Paulo, foi compreendido naquele mesmo intervalo.

[Pág. 211]

NOTA DE RODAPÉ:

[28]Atos 20:35. É na cena da despedida — quando estava prestes a romper com seus discípulos dissuasores e entrar em seu projeto de invasão — que Paulo é representado dizendo a eles: "Lembrem-se das palavras do Senhor Jesus, como ele disse: Mais bem-aventurado é dar do que receber." De onde esse autoproclamado e póstumo Apóstolo de Jesus tirou essas palavras de Jesus — se é que foram — deve ser deixado para conjectura. Nas obras dos quatro biógrafos recebidos de Jesus, com *Cruden* e sua *Concordância* como guias, toda busca por eles foi infrutífera.

CAPÍTULO VI.

Paulo descreu e continuou. — Sua terceira visita a Jerusalém. — Paulo e Barnabé delegados pelos santos de Antioquia para conferir sobre a necessidade dos ritos judaicos aos pagãos convertidos à religião de Jesus.

SEÇÃO 1.

OCASIÃO DESTA VISITA.

Chegamos agora à transação, na ocasião da qual o grande objetivo da ambição de Paulo recebeu, em parte, sua realização: a saber, pela qual, embora sem qualquer eleição popular como, no caso de Matias, foi necessária para constituir um homem como associado dos apóstolos, ele foi, de alguma forma, levado por eles à comunhão e admitido, com seu consentimento, na participação de seus labores.

Esta ocasião foi — a disputa que, na Antioquia da Síria, ocorreu, de acordo com o autor dos Atos, sobre a questão — se, sob a religião de Jesus, a circuncisão era necessária para a salvação: uma questão, na qual — explicitamente ou não — estava implicitamente, ao que parece, e talvez inextricavelmente, entendida como envolvida, a questão muito mais ampla — se, sob essa mesma nova religião, a antiga lei cerimonial deveria, em qualquer parte dela, ser considerada necessária.

[Pág. 212]

Nesta mesma ocasião, dois assuntos importantes se apresentam à vista ao mesmo tempo: um, uma questão de *doutrina* relativa à circuncisão, como acima; o outro, uma questão sobre *jurisdição* , entre Paulo, de um lado, e Pedro, com ou sem o resto dos apóstolos.

Quanto ao debate sobre a circuncisão, não temos outra evidência além da declaração do autor dos Atos.

Quanto à questão da jurisdição, temos a evidência do próprio Paulo, conforme contida em sua carta aos convertidos da Galácia: e uma carta original, por mais duvidosa que seja a correção do autor em relação a questões de fato, é mais confiável do que uma multidão de narrativas anônimas.[29]

Em relação ao progresso feito pela religião de Jesus, Antioquia, como já foi observado, a Antioquia da Síria, havia se tornado uma segunda Jerusalém; e, no que dizia respeito aos gentios em geral, sua situação marítima lhe dava uma conveniência que não era compartilhada com aquela cidade do interior.

Na época em questão, os gentios tinham recebido mais ou menos instrução de três grupos diferentes de professores: 1. dos discípulos que tinham sido expulsos de Jerusalém pela morte trágica de Santo Estêvão; 2. de São Pedro, principalmente por ocasião da excursão feita por ele a Lida, Sarona, Jope e Cesareia; e 3. de Paulo e Barnabé, por ocasião e por meio da longa viagem feita por eles para esse propósito especial, como acima.

[Pág. 213]

Nesta metrópole marítima da fé, a nova religião estava se espalhando — e, pelo menos até onde dependia da isenção de toda perturbação externa, em um estado de paz e tranquilidade; — quando, por um grupo de homens *anônimos* da Judeia — se o crédito deve ser dado ao autor dos Atos neste ponto, pois ele não faz menção a nenhum de seus nomes — a harmonia da Igreja foi perturbada.

Apesar de terem se convertido à religião de Jesus, na visão deles sobre o assunto, se acreditarmos no autor dos Atos, sem a circuncisão não haveria salvação.

Paulo diz: "Eles vieram de Tiago", Gálatas 2:12, o que equivale a dizer que foram enviados por Tiago; e, consequentemente, quando o discurso de Tiago for visto, esses escrúpulos deles serão defendidos por ele.

Se a história do Evangelho, como entregue pelos Evangelistas, for acreditada, nada poderia ser mais inconsistente, em muitas ocasiões com a prática, e longamente com os preceitos diretos, de Jesus, do que essa deferência à lei mosaica: se a prudência humana for considerada, nada poderia ser mais impolítico, nada mais provável de estreitar, em vez de estender, o domínio da Igreja. Com base nesse princípio, nenhum homem que não nasceu judeu poderia ser cristão sem primeiro se tornar judeu, sem abraçar a lei mosaica; e, assim, sobrecarregar-se com dois conjuntos de obrigações diferentes e mutuamente inconsistentes.

De Paulo, essa presunção, como era natural, foi experimentada[Pág. 214] uma resistência extenuante. Nenhum reconhecimento até então Paulo havia recebido, do corpo dos Apóstolos. Em Jerusalém, por qualquer coisa que pareça, — embora isso tenha sido pelo menos dezessete anos após a morte de Jesus — eles permaneceram vivos — todos eles: — de qualquer forma, os dois chefes deles, se Paulo for acreditado, que, Gálatas 1.19, diz que os viu, a saber, São Pedro "e Tiago, o irmão do Senhor": os quais dois, ele diz, ele viu, de um número, o resto dos quais, ele cuidadosamente assegura a seus Gálatas que ele não viu: embora por seu historiógrafo, Atos 15:4, por sua expressão abrangente, " *os Apóstolos* ", somos desejados a acreditar, que ele viu todos eles.[30] Seja qual for a verdade, em Jerusalém, a metrópole do judaísmo, nenhum emprego poderia, nessas circunstâncias, ser razoavelmente esperado para Paulo; ao passo que, *fora* da Judeia, onde quer que a língua grega fosse a língua materna ou familiarmente falada, a vantagem que, em cada discurso aos gentios, ele teria sobre os judeus iletrados era universalmente manifesta.

[Pág. 215]

Tais, no entanto, foram as impressões, feitas por esses fabricantes e disseminadores de escrúpulos não nomeados, que, se Paulo for acreditado, vieram de Tiago, o irmão de nosso Senhor — que, por toda a Igreja, como é chamada,

de Antioquia, uma determinação foi tomada — para enviar a Jerusalém, aos Apóstolos e aos Anciãos que estavam associados a eles, uma numerosa missão, liderada por Paulo e Barnabé, que são as únicas duas pessoas nomeadas. Consequentemente, eles partiram, "depois de terem sido trazidos em seu caminho", diz o autor dos Atos, 15:3, "pela *Igreja* ", o que é o mesmo que dizer, por toda a fraternidade de cristãos ali estabelecida.

SEÇÃO 2.

OS DELEGADOS COMO RECEBERAM.—CONSELHO DE APÓSTOLOS E ANCIÃOS.

Contra as pretensões de um homem assim apoiado, em vão, por parte dos apóstolos originais e reais, teria sido qualquer tentativa de resistir às pretensões deste seu rival autoconstituído: eles, Barnabé e Paulo, foram recebidos, diz o autor dos Atos, pela Igreja e pelos apóstolos e anciãos.[31]

[Pág. 216]

Chegando a Jerusalém, Paulo e Barnabé contaram sua própria história, relataram suas aventuras e experiências e declararam, para usar a linguagem de Atos 15:4, todas as coisas que Deus havia feito a eles.

Não obstante o máximo esforço da eloquência sempre pronta de Paulo, — alguns, é declarado, havia, que, crentes como, de certa forma, eram na religião de Jesus, — não deveriam ser persuadidos, a desistir de um único til da lei mosaica: estes eram, como era natural que fossem, da seita dos fariseus. "Levantaram-se", diz Atos 15:5, "alguns da seita dos fariseus que criam, dizendo que era necessário circuncidá-los (os gentios), e ordenar-lhes que guardassem a lei de Moisés."

Dessas discussões privadas, o resultado foi a convocação de uma assembleia do corpo administrativo, na qual,

associados aos Apóstolos, encontramos outros — sob o nome de *Anciãos* .

Como, em uma ocasião, na qual o assunto proposto para determinação era uma questão de tamanha importância cardinal para a religião de Jesus; como deveria ter acontecido, que os Apóstolos, a quem somente, e por quem somente, todo o teor dos atos e ditos de Jesus tinha sido dado a conhecer — dado a conhecer por um hábito ininterrupto de intimidade exclusiva, e especialmente durante o curto, mas importante intervalo entre sua ressurreição e ascensão; como deveria ter acontecido, que, aos Apóstolos, quaisquer outras pessoas não possuidoras desses primeiros títulos de credibilidade e influência, deveriam ter vindo a ser associadas, — não é mencionado. Em nenhuma outra autoridade além da deste autor, devemos acreditar que seja verdade? Na suposição de que seja verdade, — há[Pág. 217] parece ser, humanamente falando, apenas uma maneira de explicar isso. O que os Apóstolos, e somente eles, *podiam* contribuir para a causa, era—a autoridade e a evidência resultantes daquela intimidade peculiar: o que eles *não* podiam contribuir era—dinheiro e influência derivados de fontes comuns e externas: à posse exclusiva desses últimos títulos a considerar, será, portanto, ao que parece, ser atribuído, supondo que seja creditado, a circunstância de uma incorporação de outra forma tão incongruente.

"Recebidos", diz Atos 15:4, eles foram. — Mas por quem recebidos? — Pela Igreja, pelos Apóstolos, pelos Anciãos, diz a mesma história naquele mesmo lugar. Pelos *Apóstolos* : a saber — assim como qualquer um concluiria — por *todos* os Apóstolos — por toda a irmandade dos Apóstolos.

Se em algum ponto, e, se sim, em que grau essa conclusão é correta, não temos meios determinados de saber.

Se, no entanto, foi assim ao máximo, nada parece em favor da noção de que entre Paulo, de um lado, e os apóstolos e

seus discípulos, de outro, existiu, neste momento, qualquer harmonia real. Pois, em que caráter ele fez sua aparição? No de um enviado comissionado, de todo o corpo da Igreja, estabelecido naquela estação, que era a próxima em importância a Jerusalém, para a qual ele foi enviado. E quem era que, naquele momento, como em ambos os momentos anteriores, ele, Paulo, tinha em sua companhia? Ainda seu constante patrono e associado Barnabé — o amigo munificente e patrono daquela igreja que ele estava visitando — o infatigável Barnabé.

Pelo próprio Paulo, em sua Epístola aos Gálatas, 2:9, 10, 11, a ideia de qualquer cordialidade tão extensa, digamos[Pág. 218] em vez de cordialidade em qualquer grau, é claramente negada.[32] Naquela ocasião, era o Tratado de Partilha, o que seu interesse exigia era — que, da parte dos Apóstolos e seus discípulos, a concordância dada a ele, parecesse tão extensa quanto possível. Se então todos eles tivessem, real e pessoalmente concordado com isso — ou mesmo se o contrário não tivesse sido notório, esta é a concepção que ele teria se esforçado para transmitir e inculcar. Nenhuma noção desse tipo, no entanto, ele se aventura a transmitir. Ao falar deles em termos gerais — de nenhuma afeição de nenhum dos lados, mais gentilmente do que a de mau humor, ele dá qualquer insinuação. Gálatas 2:6. "Daqueles que pareciam ser algo, o que quer que fossem, isso não faz diferença para mim: Deus não aceitou a pessoa de ninguém: pois aqueles que pareciam ser algo em conferência nada me acrescentaram."

Quando, novamente, ele vem a falar do tipo de relacionamento, tal como foi, que ele teve com os Apóstolos, — quem são as pessoas de quem ele fala? Todos os Apóstolos? O corpo dos Apóstolos em geral? — Não: Tiago, Cefas, o nome hebraico do qual Pedro é uma tradução, e João: estes três, e não mais. Estes são os homens, a quem, para ele Paulo e seu protetor Barnabé em conjunto, ele na mesma ocasião fala, como "dando a mão direita da

comunhão:"[Pág. 219] a saber, para efeitos do Tratado de Partilha, cujos termos se seguem imediatamente.

E, mesmo desses homens, de que maneira ele fala? Como de homens "que pareciam ser pilares:" de modo que, quanto ao que dizia respeito ao resto dos Apóstolos, ele se viu reduzido a falar nada mais do que por conjectura. E essa mesma "mão direita da comunhão" — qual foi o incentivo deles para dá-la? — Foi, diz ele, que "eles perceberam a graça que me foi dada": *ou seja* , em linguagem simples, e pretensão infundada à parte, — o poder, que eles viam que ele tinha, de fazer maldade: — de passar, do caráter de um rival ciumento e inquieto, para o de um inimigo declarado: para aquele caráter, no qual ele havia aparecido originalmente, e com efeito tão desastroso.

Imediatamente depois disso vem a menção da visita feita por Pedro a Antioquia: e é por isso que, tão logo Pedro — o chefe dos apóstolos de Jesus — é mencionado, ele é mencionado como um homem a quem Paulo "resistiu na cara, porque era repreensível". Gálatas 2:11.

Pedro deveria ser culpado: aqueles outros judeus que tinham vindo de Tiago para Antioquia — eles deveriam ser culpados. Barnabé, sob cuja poderosa proteção — pela Igreja em Jerusalém, seu odioso perseguidor justamente havia sido suportado em três momentos diferentes — ele também deveria ser culpado. Ele também deveria, naquela época, ser culpado; e, como será visto logo depois, abertamente discutido; e, se neste ponto os Atos devem ser acreditados, separado. Atos 15:39. "E a contenda era tão aguda entre eles, que se separaram um do outro; e então Barnabé, levando consigo Marcos, navegou para Chipre."

[Pág. 220]

SEÇÃO 3.

DEBATES — CURSO LEVADO POR TIAGO CONTRA PEDRO.

Do que aconteceu nesta assembleia, o único relato que temos — o relato que nos foi dado pelo autor dos Atos — é curioso: curioso, pelo menos; e, seja verdadeiro ou não em cada circunstância específica — na medida em que se pode confiar, instrutivo.[33]

[Pág. 221]

Temos as pessoas mencionadas como tendo falado: elas são, na ordem em que são aqui enumeradas, estas quatro: — a saber, Pedro, Barnabé, Paulo e Tiago. Do discurso de Pedro, os detalhes são dados: assim também do de Tiago: de Barnabé e Paulo, nada mais do que o tópico.

Contra a lei mosaica *in toto* , encontramos Pedro; e tal contribuição como ele é representado como fornecendo para este lado da causa na forma de argumento. Do mesmo lado, estavam Barnabé e Paulo: o que eles forneceram era questão de fato: — a saber, na linguagem dos Atos, "que milagres e maravilhas Deus havia operado entre os gentios por eles:" — em linguagem simples, o sucesso que eles haviam encontrado entre os gentios.

Sobre esta questão, do lado do chefe dos Apóstolos, estavam — o interesse manifesto da religião de Jesus quanto à extensão da difusão, — a autoridade derivada da situação, — o comando expresso de Jesus como entregue na história do Evangelho, — e a própria prática de Jesus: para não falar da inutilidade e irracionalidade das próprias observâncias. No entanto, até onde parece do autor dos Atos, — desses argumentos, conclusivos como seriam ou pelo menos deveriam ter sido, — não parece que qualquer uso foi feito: o sucesso, ele falou como tendo sido experimentado por ele mesmo entre os gentios, — nisto pode ser visto o único argumento empregado no discurso de Pedro. Assim, — na medida em que este relato é para ser acreditado, — assim, sobre suas próprias realizações

respectivas, não apenas Paulo, mas Pedro, — repousava, cada um deles, toda a força da causa.

Apesar da razão, da religião e de Jesus, a vitória está neste relato, dada a Tiago — ao parente de Jesus, Tiago. A moção é levada adiante: o curso proposto é uma espécie de meio termo — uma espécie de compromisso.[Pág. 222] nas mãos dos prosélitos gentios, em deferência à lei mosaica, é exigida a abstinência de quatro coisas: a saber, carnes oferecidas aos ídolos, sangue, coisas estranguladas: estas, e as irregularidades do apetite sexual, quaisquer que fossem, que eram significadas pela palavra, traduzida para o inglês pela palavra *fornicação* .

Se tal decisão fosse realmente tomada, — por nada além da necessidade — necessidade produzida pelas circunstâncias de lugar e tempo — ela seria considerada desculpável. Abstinência de alimentos mortos no caminho do sacrifício a deuses pagãos, na ocasião de sacrifícios públicos: sim; pois, para tal alimento, pouco gosto poderia permanecer, por parte de pessoas devotadas à religião de Jesus: da fornicação, sim; pois, para um sacrifício nesta forma, mesmo entre os gentios, alguma preparação havia sido feita pelo estoicismo. Mas, quanto ao sangue e coisas estranguladas,[34] isto é, animais abatidos de modo a terem mais sangue em suas carcaças do que a lei mosaica permitiria que fosse deixado neles — animais abatidos de outra forma que não a judaica — proibindo assim os ensinamentos da religião de Jesus, de comer uma refeição fornecida por mãos gentias — isto, como observado acima, os estava privando de suas oportunidades mais favoráveis, para levar seus propósitos piedosos e benéficos à prática, aumentando o número de crentes.

No geral é notável oconsideração, à primeira vista, pelo qual, se o historiador for acreditado, esta decisão foi produzida. "Para Moisés de[Pág. 223] antigamente tem em cada cidade os que o pregam, sendo lido nas sinagogas todos os sábados," Atos 15:21. "Pode ser assim: mas e se ele tiver? qual é o propósito disso? Bom, se a questão fosse sobre os

judeus: mas, *não* é sobre os judeus: os gentios, e somente eles, são os sujeitos dela. E os gentios — o que sabem ou se importam *com* Moisés? o que é que *os* manda às sinagogas, para ouvir qualquer coisa que seja "lida nas sinagogas"?

Por essa abstinência imaginária de sangue, pois, afinal, por nenhum esforço da engenhosidade mosaica a carne poderia ser completamente despojada do sangue que havia circulado nela, dessa proibição perfeitamente inútil, qual seria o efeito? Não apenas para opor obstáculos aos esforços dos professores cristãos em seus esforços para fazer convertidos entre os gentios, mas, por parte dos próprios gentios, para opor a eles uma dificuldade desnecessária no caminho de sua conversão, tornando impossível para eles, consistentemente com a observância dessa proibição, associar-se a seus amigos e familiares não convertidos em horas de convívio. Isso é o bastante no que diz respeito aos gentios.[35]

Desde então, e desde aquele tempo, a religião de Jesus se espalhou:—nós todos vemos até que ponto. Espalhou-se: e por quais meios? Por meio da decisão assim gerada sobre os Apóstolos? Sobre os Apóstolos, os Anciãos e toda a Igreja?—Não: mas apesar disso, e pela negligência disso.

[Pág. 224]

Encarregado com uma carta, contendo esta decisão, Paulo, junto com seu amigo Barnabé, retornou de Jerusalém, — se o autor dos Atos for acreditado, — para a sociedade de convertidos cristãos, pela qual ele havia sido enviado para lá: encarregado com esta carta, carregando consigo a autoridade de toda a irmandade dos Apóstolos. O próprio Paulo — ele Paulo — que tipo de consideração ele deu a ela? *Ele escreveu contra ela com todas as suas forças.* Não mais ritos judaicos! Não mais lei mosaica! Tal é o clamor que anima todo o corpo daqueles escritos dele que chegaram até nós.

SEÇÃO 4.

RESULTADO, SUPOSTO DECRETO APOSTÓLICO E CARTA A ANTIOQUIA, QUE, SEGUNDO ATOS, PAULO CIRCULA.

De uma decisão, acordada e pronunciada para o efeito acima — uma decisão expressa por um decreto; — e de uma cópia desse decreto, incluída e precedida por uma carta endereçada aos santos em Antioquia — eram Paulo e Barnabé, juntamente com outros que estavam associados a eles, em seu retorno àquela cidade, os portadores: — isto é, se, quanto a essas questões, for dada credibilidade à declaração feita pelo autor dos Atos; por quem o suposto decreto e carta são dados, em palavras que, segundo ele, eram suas próprias palavras: — essas palavras são as que se seguem:

ATOS 15:22 a 32.

22. Então pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a igreja, escolher alguns dentre eles e enviá-los a Antioquia, com Paulo.[Pág. 225] Português e Barnabé e Silas, homens importantes entre os irmãos. — E eles escreveram cartas por eles desta maneira: Os apóstolos, e os anciãos, e os irmãos, *enviam* saúde aos irmãos que são dos gentios em Antioquia, Síria e Cilícia. — Visto que ouvimos que alguns que saíram de nós vos perturbaram com palavras, pervertendo as vossas almas, dizendo: *Importa* circuncidar-vos e guardar a lei; aos quais não demos tal mandamento. — Pareceu-nos bem, estando reunidos concordemente, escolher alguns homens para vos enviar com os nossos amados Barnabé e Paulo, — Homens que arriscaram as suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. — Enviamos, pois, Judas e Silas, os quais também vos anunciarão verbalmente as mesmas coisas. — Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas necessárias: — Que vos abstenhais das carnes sacrificadas aos ídolos, e do

sangue, e da carne sufocada, e da prostituição. do qual, se vos guardardes, fareis bem. Adeus. — Então, quando foram despedidos, eles foram para Antioquia; e quando eles reuniram a multidão, eles entregaram a epístola. — *Que* quando eles leram, eles se alegraram pela consolação. — E Judas e Silas, sendo eles mesmos profetas, exortaram os irmãos com muitas palavras, e *os* confirmaram .

Supondo que seja genuíno, — um documento muito curioso, importante e interessante, esta carta e decreto devem ser permitidos ser. Supondo que seja genuíno: e, em favor de sua genuinidade, razões se apresentam, as quais, enquanto permanecerem sem oposição, e nenhuma razão preponderante em apoio à opinião contrária for produzida, devem decidir nosso julgamento.

Não muito tempo depois do relato da aceitação dada em Antioquia a esta decisão,—vem o de uma excursão missionária conjunta daquele lugar feita por Paulo, com Timóteo, e talvez Silas, como seu companheiro. Bem no começo desta excursão—se, no decreto falado, este decreto deve ser entendido como incluído; e não parece haver razão para que não seja, eles são representados como tendo uma parte ativa na distribuição dele. Atos 16:4. "E diz o historiador, como eles" (Paulo, &c.) "foram[Pág. 226] pelas cidades, entregaram-lhes os decretos, para que os guardassem, que foram ordenados pelos apóstolos e anciãos que estavam em Jerusalém."

Que, por Paulo, esse sinal de associação com os Apóstolos, devesse naquele tempo ser exibido e tornado manifesto, parece completamente natural. Ele fornece uma prova adicional da necessidade, que, naquele período de seus labores, ele se considerava como tendo, da aparência — os sinais exteriores, pelo menos — de uma conexão com os Apóstolos.

Verdade, é que a persuasão de qualquer necessidade é completamente inconsistente com essa independência, que, em termos tão precisos e elevados, nós o vimos declarar em

sua Epístola aos Gálatas, é suficientemente manifesta. Mas, na cronologia atual, a data, atribuída a essa Epístola, é cinco anos posterior, à data atribuída ao início desta excursão: data da excursão, 53 d.C.; data da Epístola, 58 d.C.: diferença, cinco anos: e cinco anos não são um número de anos muito grande, para a experiência de sucesso e prosperidade, ter elevado a um nível tão alto, a temperatura de sua mente.[36]

Mesmo antes desse tempo, nós o encontramos estendendo as concessões, que, naquele decreto, no caso dos gentios, em conformidade com os escrúpulos dos discípulos judeus com os quais eles tinham que lidar, nós temos visto feitas pelos apóstolos, em favor da lei mosaica. A abstinência — de carne oferecida a ídolos, de sangue, de coisas estranguladas e de fornicação — compunha todas as observâncias mosaicas exigidas em[Pág. 227] aquele decreto. A estes, ele, em sua prática, nesta época, acrescentou outro, e *que* , em relação à extensão, em um grau prodigioso, um mais importante: a saber, a submissão à circuncisão. Pois, a esta observância dolorosa, — na qual uma submissão a todas as outras observâncias mosaicas estava implícita, — ele já havia submetido seu novo convertido Timóteo, a quem, nesta excursão, além de Silas, ele levou consigo como companheiro. Nascido de um pai grego como ele era, — adulto como ele era, — ele o levou, diz o historiador, e o circuncidou. Circuncidou-o — e por quê? — " *Por causa dos judeus, que estavam naqueles bairros.* "[37]

[Pág. 228]

NOTAS DE RODAPÉ:

[29]Atos xv. 1 a 4:—"1. E alguns homens que tinham descido da Judeia, ensinavam os irmãos, *e diziam* : Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos.—2. Quando, pois, Paulo e Barnabé tiveram não

pequena dissensão e disputa com eles, determinaram que Paulo e Barnabé, e alguns outros deles, subissem a Jerusalém aos apóstolos e anciãos sobre esta questão.—3. E, sendo acompanhados pela igreja, passaram pela Fenícia e Samaria, contando a conversão dos gentios; e causaram grande alegria a todos os irmãos.—4. E, quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja, e pelos apóstolos e anciãos; e relataram todas as coisas que Deus fizera por meio deles."

[30]Gálatas 1:18, 19. "Depois de três anos, subi a Jerusalém para ver Pedro, e fiquei com ele quinze dias. — 9. Mas não vi nenhum outro apóstolo, exceto Tiago, irmão do Senhor."

Atos 15:4. "E, quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja, e pelos *apóstolos* e anciãos, e relataram tudo quanto Deus fizera por meio deles."

A causa dessa contrariedade não está muito abaixo da superfície. Paulo tinha um objetivo em vista; seu historiógrafo, outro. Nas duas passagens, eles escreveram em tempos distantes e com propósitos diferentes. Em seu discurso aos discípulos da Galácia, o objetivo de Paulo era ampliar sua própria importância às custas da dos apóstolos: estabelecer a persuasão, não apenas de sua independência deles, mas de sua superioridade sobre eles. A generalidade deles não merecia sua atenção; mas tendo alguns negócios a resolver com eles, Pedro, o chefe deles, ele "foi" ver, e Tiago, como sendo "o irmão do Senhor", ele se dignou a ver. Naquela ocasião em particular, tal era a concepção que Paulo estava se esforçando para produzir: e tal, consequentemente, era seu discurso. Quanto ao historiógrafo, seu objetivo era, é claro, em todo o tempo, colocar a importância de seu herói em um terreno tão alto quanto possível. Mas, nessa visão, quando Paulo chegou a um acordo com os apóstolos, quanto mais universal fosse a aceitação recebida por ele — recebida de todo o corpo de cristãos, e daqueles seus ilustres líderes em particular — mais adaptada aos propósitos gerais de seu historiógrafo seria a concepção assim transmitida: consequentemente,

eles foram recebidos, ele diz, "pela Igreja, pelos Apóstolos e pelos Anciãos".

[31]Atos xv. 4. "E, quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja, pelos apóstolos e anciãos, e relataram tudo quanto Deus lhes fizera."

[32]Gálatas ii. 6. "Mas aqueles que pareciam ser alguma coisa, o que quer que fossem, não me importa: Deus não aceita a pessoa de ninguém; porque aqueles que pareciam ser alguma coisa em conferência nada me acrescentaram. — E quando Tiago, Cefas e João, que pareciam ser colunas, perceberam a graça que me foi dada, deram a mim e a Barnabé as destras da comunhão; para que fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão. — Somente queriam que nos lembrássemos dos pobres; o mesmo que eu também estava ansioso para fazer. — Mas quando Pedro chegou a Antioquia, resisti-lhe na cara, porque ele era repreensível."

[33]Atos 15:5-21. 5. "Mas alguns da seita dos fariseus, que creram, se levantaram, dizendo: Era necessário circuncidá-los e ordenar-lhes que guardassem a lei de Moisés. E os apóstolos e os anciãos se reuniram para considerar esta questão. E, havendo grande contenda, levantou-se Pedro e disse-lhes: Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre nós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho e cressem. E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como a nós; E não *fez* distinção alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? Mas cremos que, pela graça do Senhor Jesus Cristo, seremos salvos, como também eles. Então toda a multidão se calou e dava audiência a Barnabé e a Paulo, Português declarando que milagres e maravilhas Deus havia feito entre os gentios por meio deles. — E depois que eles se calaram, Tiago respondeu, dizendo: Homens irmãos, ouvi-me: Simão relatou como Deus visitou primeiramente os gentios, para

tomar deles um povo para o seu nome. — E com isto concordam as palavras dos profetas, como está escrito: Depois disto voltarei, e reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído; e reedificarei as suas ruínas, e a levantarei: — Para que o restante dos homens busque ao Senhor, e todos os gentios, sobre os quais o meu nome é invocado, diz o Senhor, que faz todas estas coisas. — Conhecidas são todas as suas obras a Deus desde o princípio do mundo. — Portanto, a minha sentença é: — que não perturbemos aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus; — Mas que lhes escrevamos que se abstenham das contaminações dos ídolos, e da fornicação, e da carne sufocada, e do sangue. — Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue, sendo lido nas sinagogas todos os sábados."

[34]Depois da palavra sangue, a menção feita a coisas estranguladas parece ter sido mais para explicação do que como uma ordenança separada. De estrangulamento, em vez de sangramento no estilo judaico, — qual seria o efeito, além do de reter sangue, que a ordenança mosaica exigia que fosse deixado sair, não é muito aparente.

[35]Outra observação aí é que se aplica até mesmo aos judeus. Por Moisés todas essas várias coisas foram proibidas. Verdade: mas também o foram uma vasta multidão de outras coisas, das quais (após as exceções aqui em questão) a proibição é, por esta decisão, retirada. Essas coisas, ainda propostas para serem proibidas, sempre que entrassem em uma sinagoga, eles ouviriam proibidas: mas, assim também ouviriam todas aquelas outras coisas, que, por esta decisão, são deixadas livres.

[36]No relato desta excursão, a Galácia — agora mencionada pela primeira vez nos Atos — é mencionada, no número de países que, no curso dela, ele visitou. Ela fica em quarto lugar: os lugares precedentes são Derbe, Listra, Icônio e Frígia. Atos 16:1 a 6. Em Atos 18:23, "Ele ... passou por [todos]Galácia... fortalecendo os discípulos."

[37]Atos 16:1 a 3. Então ele chegou a Derbe e Listra, e eis que estava ali um certo discípulo chamado Timóteo, filho de uma certa mulher, que era judia e crente, mas seu pai era grego, o que tinha bom testemunho dos irmãos que estavam em Listra e Icônio. Paulo quis que ele fosse ter com ele, e o tomou e o circuncidou, por causa dos judeus que estavam naquelas redondezas, pois todos sabiam que seu pai era grego.

CAPÍTULO VII.

Paulo descreu continuou.—Após sua terceira visita a Jerusalém, disputa entre ele e Pedro em Antioquia.

TRATADO DE PARTIÇÃO: PAULO *para si mesmo* : PEDRO , TIAGO *e* JOÃO , *para os apóstolos* .

SEÇÃO 1.

TRATADO DE CONTESTAÇÃO E PARTILHA, CONFORME ATOS E EPÍSTOLAS DE PAULO.

GÁLATAS ii. 1 a 16.

1. Então, catorze anos depois, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, e levei também comigo Tito. — E subi por revelação, e lhes comuniquei o Evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que eram de renome, para que de alguma forma eu não corresse, ou tivesse corrido em vão. — Mas nem Tito, que estava comigo, sendo grego, foi obrigado a circuncidar-se; — e isso por causa de falsos irmãos introduzidos involuntariamente, os quais entraram secretamente para espiar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus, para nos reduzirem à escravidão. — Aos quais cedemos em sujeição, nem por uma hora; Português para que a verdade do Evangelho possa continuar convosco. — Mas daqueles que pareciam ser algo, o que quer que

fossem, isso não faz diferença para mim: Deus não aceita a pessoa de ninguém: pois aqueles que pareciam ser algo em conferência nada me acrescentaram; — mas, ao contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão estava confiado a mim, *como o evangelho* da circuncisão *o estava* a Pedro; — Pois aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, o mesmo foi poderoso em mim para com os gentios: — e quando Tiago, Cefas e João, que pareciam ser colunas, perceberam a graça que me foi dada, deram a mim e a Barnabé as destras da comunhão; para que fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão. — Eles somente queriam que nos lembrássemos dos pobres; o mesmo que eu também estava ansioso para fazer. — Mas *quando Pedro chegou a Antioquia, eu o enfrentei na cara* ,[Pág. 229] PortuguêsPorque ele era repreensível. — Pois antes que alguns da parte de Tiago chegassem, ele comia com os gentios; mas quando eles chegaram, ele se retirou e se separou, temendo os que eram da circuncisão. — E os outros judeus também dissimularam com ele; de modo que Barnabé também se deixou levar pela dissimulação deles. — Mas quando vi que eles não andavam retamente, segundo a verdade do Evangelho, disse a Pedro diante de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, por que obrigas os gentios a viverem como os judeus? — Nós, que somos judeus por natureza, e não pecadores dentre os gentios, — sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; porque pelas obras da lei nenhuma carne será justificada.

Chegamos à questão sobre os ritos judaicos.

Chegamos agora ao estado de coisas entre Paulo e Pedro. A respeito disto, temos pouco, como foi visto, do autor dos Atos: do próprio Paulo, não muito: mas o que há disto é de suma importância.

Nesta ocasião, a julgar pelo relato dado nos Atos, entre Paulo e Pedro, tudo era harmonia. Em seus princípios, em seus discursos, eles podem ser vistos pleiteando do mesmo lado: argumentando, e argumentando em vão, ambos contra a influência superior de Tiago: daquele Tiago, de cujas obras escritas, em comparação com aquelas que temos de Paulo, temos tão pouco. Mas atualmente, de um lado pelo menos, veremos contenda — preservando a contenda — e ambição rival, pela causa dela.

Nesta carta significativa e instrutiva — a segunda carta de Paulo aos Gálatas — cuja autenticidade parece estar completamente fora de dúvida —, entre os detalhes que têm relação com esta terceira visita, os seguintes são aqueles pelos quais a maior parcela de atenção parece exigir de nós.

[Pág. 230]

Em primeiro lugar, vamos vê-los na ordem em que *estão* : feito isso, o grau de *importância* pode determinar a ordem em que eles são *considerados* .

1. Quatorze é o número de anos entre esta terceira visita a Jerusalém, contando desde a primeira de suas visitas feitas ao mesmo lugar sagrado após sua conversão, ou desde sua partida de Damasco após seu retorno da Arábia.

2. Em sua viagem a Jerusalém, ele tem consigo não apenas Barnabé, como mencionado nos Atos, mas também *Tito* , de quem não há menção.

3. Foi por revelação que esta sua jornada foi empreendida.

4. O Evangelho que ele prega ali e naquele momento é um Evangelho seu.

5. Privado ao mesmo tempo, e pelas razões aqui apresentadas, é seu modo de comunicá-lo.

6. Tito, embora à sua disposição, ele deixa incircunciso.

7. *Falsos irmãos* é o nome que ele dá àqueles que, nesta ocasião, defendendo a lei mosaica, dão ocasião a este debate.

8. Anciãos, apóstolos, parentes de Jesus, sejam eles quem forem, ele, Paulo, não é, nesta ocasião, um homem para dar lugar a tais pessoas: para dar lugar por *sujeição* : digamos, no sentido de *subordinação* .

9. Não são nomeadas as pessoas sobre as quais a vituperação que ele descarrega é derramada. Assim, muito somente é dito delas: a saber, versículo 12, que elas "vieram de Tiago", o irmão de nosso Senhor. Desdenhosa é a maneira como ele fala de todas aquelas pessoas que ele não nomeia. Quere, Quem são elas, a quem, em tudo o que vai antes desse mesmo versículo, ele está aludindo? Parece daí que foi com Tiago, de quem elas[Pág. 231] receberam apoio, que aqueles escrúpulos deles, dos quais surgiram essas diferenças e negociações, se originaram.

10. Deixando os judeus para Pedro — ele reivindica para si como sua toda a população dos gentios.

11. Para esse efeito, um acordo explícito foi realmente firmado; partes, ele e Barnabé de um lado; Tiago, Pedro, por seu sobrenome hebraico de Cefas, e João, do outro.

12. Deste acordo, uma condição era que, de tal lucro pecuniário, que deveria estar entre os frutos dos labores de Paulo entre os gentios, uma parte deveria ser remetida, para ficar à disposição de Pedro.

13. Paulo, na época desta visita, levantou-se contra Pedro.

14. A causa de sua atitude foi uma suposta fraqueza e inconsistência na conduta de Pedro, e sua conquista para o seu lado não apenas de judeus de menor importância, mas também de Barnabé.

15. A fraqueza e a inconsistência consistiam nisto: a saber: que, embora ele próprio tivesse sido usado para agir com os gentios, após a chegada a Antioquia daqueles que vieram de Tiago em Jerusalém, ele, por medo dos judeus convertidos, não apenas deixou de comer com os gentios, mas, na medida de sua influência, forçou os gentios convertidos a viverem à maneira dos judeus.

16. Na ocasião de sua disputa com Pedro, ele deu explicitamente como sua opinião — que, para um convertido à religião de Jesus, judeu ou gentio — a observância da lei mosaica seria, quanto a tudo que lhe era peculiar, inútil, para não dizer pior do que inútil, Gálatas 2:16, "porque pelas obras da lei nenhuma carne será justificada".

1. Quanto ao seu lugar em relação aos Apóstolos. O seu não era inferior ao de ninguém: em termos totalmente[Pág. 232] igual ele tratou com os Apóstolos: no e pelo primeiro tratado de partilha, — ele, com Barnabé como seu colega, — Barnabé, de quem, de acordo com os Atos, ele posteriormente se separou, — obtém todo o mundo gentio para o campo de seus labores. Assim elevada, de acordo com seu relato do assunto, era a situação, ocupada por ele na ocasião desta sua terceira visita a Jerusalém, em comparação com o que tinha sido na época de sua primeira, — e, ao que tudo indica, na época da segunda. Na época de sua primeira visita, os Apóstolos, — todos, exceto Pedro e Tiago, sobre os quais dois Barnabé o forçaram, — viraram as costas para ele: em sua segunda visita, nenhum deles, até onde parece, teve algo a ver com ele: agora, em sua terceira visita, eles lidam com ele em termos iguais: e agora, não apenas Pedro e Tiago, mas João, são declarados como tendo relações sexuais com ele.

2. Deste tratado de partilha, importante como é, nenhuma menção é encontrada nos Atos. Do primeiro ao último, — no relato dado nos Atos, nenhuma figura ele faz como na sua própria. Nos Atos, do discurso de Pedro, e mesmo daquele de Tiago, a substância é relatada: de Paulo, nada mais do que o assunto: a saber, suas próprias realizações entre os gentios: contra a opinião de Paulo, assim como a de Pedro, o compromisso, movido por Tiago, é representado como levado adiante.

3. Quanto à causa, ou ocasião, de sua terceira visita a Jerusalém. No relato dado nos Atos, é particularmente e claramente explicado o suficiente. É em conjunto com Barnabé que ele vai para lá: ambos, para conferir com os

Apóstolos e anciãos, sobre o assunto da noção, mantida por números entre os judeus convertidos, de que, pela conversão à religião de Jesus, eles não foram libertados de nenhuma das obrigações impostas pela lei de Moisés.

[Pág. 233]

Desta comissão,—honrosa como não poderia deixar de ter sido para ele,—Paulo, em seu relato do assunto, como dado aos Gálatas, não faz a menor menção. Não: não é de homens nesta ocasião nem em outras, não é de homens, que ele recebeu sua autoridade, mas de Deus: é por revelação, isto é, imediatamente de Deus, e por uma espécie de milagre.

4. O que, em obediência a esta revelação, ele deveria fazer, e fez de acordo, era — a pregação de um evangelho próprio; um evangelho que até então ele não havia pregado a nenhum corpo, exceto aos gentios. Pregação? Como e onde? Em uma assembleia de todo o corpo dos crentes em Jesus, os próprios apóstolos incluídos? Não: mas em particular, e somente aos homens líderes entre eles: "aos que eram de reputação".

Um evangelho próprio? Sim: ele fez isso. Mais adiante, será visto o que era: um Evangelho, do qual, até onde parece dos evangelistas, nenhum traço pode ser encontrado, em qualquer coisa dita por Jesus: especialmente, se o que, naquela ocasião, ele, Paulo, ensinou de boca em boca em Antioquia, concordasse com o que o encontraremos ensinando em suas Epístolas.

5. "Falsos irmãos, sem saber, introduzidos, os quais entraram secretamente para espiar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus, para os trazerem à escravidão." Liberdade? Que liberdade? Evidentemente aquela liberdade que consistia na isenção das cerimônias da lei mosaica. Quem eram então esses falsos irmãos, esses defensores da lei cerimonial? Se o relato nos Atos for para ser acreditado, eles eram a maior parte da fraternidade dos cristãos em Jerusalém: um grupo tão considerável, que Pedro, o chefe

dos apóstolos, embora em seus sentimentos sobre este assunto tão decididamente e completamente oposto a eles, foi obrigado a ceder a ele: e, quanto a vários deles,[Pág. 234] as obrigações, — pelas quais, como acima declarado, nenhum pequeno obstáculo se opunha ao progresso da religião de Jesus, — todo o corpo dos Apóstolos se encontrava sob a mesma necessidade. Se ele próprio for acreditado, Gálatas 2:12, os homens em questão eram homens que, se continuassem naqueles escrúpulos em que iam além do irmão de nosso Senhor, tinham, de qualquer forma, em primeira instância, recebido daquela personagem altamente distinta suas instruções. E logo depois disso, Atos 16:3, em deferência a esta parte, o próprio Paulo "tomou Timóteo, um gentio, e o circuncidou." Mas, supondo que as transações públicas, assim relatadas na história do autor dos Atos, realmente ocorreram; a saber, a missão de Paulo e Barnabé, dos cristãos de Antioquia para Jerusalém; a missão de Judas Barsabás e Silas, dos apóstolos e anciãos, com Paulo e Barnabé em sua companhia, para Antioquia; a carta dos apóstolos e anciãos enviada por eles aos cristãos de Antioquia; tudo isso suposto, por mais errôneo que fosse em suas opiniões, na afirmação da obrigatoriedade dessas cerimônias; essa maioria, a cujos escrúpulos todo o corpo dos apóstolos viu razão para ceder; poderiam eles, por esse convertido autointrometido, ser considerados como pessoas a quem o epíteto de *falsos irmãos* seria admitido como aplicável?

6. Não parece, antes, que esta história, sobre a delegação de Paulo e Barnabé aos apóstolos e irmãos em Jerusalém, dos apóstolos de Antioquia, e a contra-delegação de Judas Barsabás e Silas, para acompanhar Paulo e Barnabé em seu retorno a Antioquia, levando todos juntos uma carta dos apóstolos de Jerusalém, foi uma invenção do autor anônimo dos Atos? Ou então uma história, totalmente falsa, ou falsa em grande parte, recolhida por ele e assim inserida?

[Pág. 235]

7. Observe agora, nesta carta de Paulo, outra circunstância: e julgue se ela não tende a lançar descrédito sobre o que é dito sobre Pedro em Atos.

No relato de Atos, vimos Pedro no grande concílio, apoiando, em uma espécie de discurso, o lado da liberdade da questão — Jesus contra Moisés — apoiando-a no grande concílio, no qual, no mesmo relato, Paulo, embora presente, é, quanto a esse ponto, representado como silencioso: no mesmo relato, veremos Pedro, cinco anos antes desse tempo, dirigindo-se aos gentios — usando essa mesma liberdade — e, quando chamado a prestar contas por fazê-lo, empregando *seu* par de visões, a dele e a de Cornélio, Atos 10:30-41, em e para sua defesa: nós o veremos nesta nova parte de sua carreira — nesta parte, para a qual ele era, tanto pela educação quanto pelos hábitos de vida, tão mal qualificado — nós o veremos tanto no início desta parte de seus labores, a ponto de ter realizado milagres — uma cura sobrenatural e até mesmo uma ressurreição dos mortos — para seu apoio nisso.

Se tais fatos realmente tivessem acontecido — fatos em sua natureza tão notórios — Paulo, em sua carta aos Gálatas, teria falado de Pedro, como se ele nunca tivesse feito, ou tentado fazer, qualquer progresso na conversão dos gentios? Falando dos defensores de Moisés, bem como de Pedro — ele teria dito "Quando viram que o Evangelho da incircuncisão foi confiado a mim, como o Evangelho da circuncisão o foi a Pedro?" Gálatas 2:7, "Porque aquele que operou eficazmente em Pedro para o Apostolado da circuncisão, o mesmo operou poderoso em mim para com os gentios?"

Que, de uma forma ou de outra, Pedro tentou a sorte com algumas pessoas que eram gentias — nisto não há nada que não possa ser acreditado: desde que também seja acreditado — que, na experiência[Pág. 236] feito por ele, ele teve pouco ou nenhum sucesso: pois, depois do gasto de dois milagres de natureza tão pública, além de um par de visões, ele afinal fez um trabalho tão pobre, a ponto de se

contentar em entregar a Paulo todas as suas perspectivas daquele lado, parece crível?

8. Quanto ao tratado de partilha em si, — quaisquer que tenham sido os incidentes que o causaram, nada poderia ser mais natural — nada mais provável — nada mais benéfico para a causa comum — para a religião de Jesus, significando sempre na medida em que a religião ensinada por Paulo fosse confortável para ela. Cada um reteve para si a única parte do campo, para o cultivo do qual ele era qualificado: cada um não desistiu de nenhuma outra parte do campo, além daquela, para o cultivo do qual ele *não* era qualificado.

9. Gálatas 2:12. "Porque, antes que chegassem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; mas, quando eles chegaram, retirou-se e se separou, temendo os que eram da circuncisão.

10. "Mas, ao contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me foi confiado, assim como o evangelho da circuncisão o foi a Pedro.

11. "E, quando Tiago, Cefas e João, que pareciam ser colunas, reconheceram a graça que me foi dada, deram a mim e a Barnabé as destras em sinal de comunhão, para que nós fôssemos aos gentios, e eles, à circuncisão.

12. Gálatas 2:10. “Somente queriam que nos lembrássemos dos pobres; o que também procurei fazer com diligência.

13. "Mas, quando Pedro chegou a Antioquia, enfrentei-o face a face, porque era repreensível.

14. Porque, antes que chegassem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios; mas, quando eles estavam[Pág. 237] vindo, ele se retirou e se separou, temendo os que eram da circuncisão. E os outros judeus também dissimularam com ele, de modo que até Barnabé se deixou levar pela dissimulação deles.

15. "Mas, quando vi que não andavam retamente, conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro, diante de todos: Se

tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, por que obrigas os gentios a viverem como os judeus?"

16. "Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; porque pelas obras da lei nenhuma carne será justificada."

Note, nesta mesma carta, a menção feita de Pedro comendo com os gentios. "Porque antes que chegassem alguns da parte de Tiago, este, Pedro, comia com os gentios; mas, quando eles chegaram, retirou-se e se separou, temendo os que eram da circuncisão."

Observe aqui, uma razão adicional para desacreditar toda a história da expedição de Pedro, — *milagres* e visões incluídos, — conforme relatado nos Atos. Em relação às *visões* , — a partir desta circunstância pode ser visto, que ou nenhuma dessas visões foi, como declarado em Atos 11:1-13, relatada por Pedro, em sua defesa contra as acusações preferidas contra ele neste terreno, — ou que, se qualquer relato desse tipo foi dado, nenhum crédito foi dado a ele: pois, é depois disso, e, de acordo com a aparência, muito depois, — que, de acordo com Atos 15:1-33, não menos de cinco anos depois, a reunião em Jerusalém ocorreu; aquela reunião, na qual, por moção de Tiago, a adesão à lei mosaica[Pág. 238] foi de fato em parte dispensada; mas, no que diz respeito à prática imputada a Pedro como uma ofensa, a saber, comer com os gentios, insistiu e ordenou.

Se a evidência de Paulo era uma evidência boa e conclusiva em apoio às visões de Paulo, como a evidência de Pedro não foi recebida como evidência boa e conclusiva em apoio às visões de Pedro? A evidência de Paulo, com as visões relatadas por ela, não era uma evidência melhor, em apoio à sua reivindicação ao Apostolado, do que as visões de Pedro, se o relato em Atos for acreditado, em apoio à

revogação da lei mosaica. No entanto, como, de acordo com o autor dos Atos, pelo relato de Paulo sobre suas visões, os apóstolos não foram convencidos por nenhum deles; então aqui, de acordo com Paulo, pelo relato de Pedro sobre suas visões, se alguma vez realmente relacionadas à comunhão dos apóstolos e aos anciãos, seus associados, essa mesma boa comunhão não foi convencida.

SEÇÃO 2.

TRATADO DE PARTICIPAÇÃO — PROBABILIDADE DADA, PELA ESTIPULAÇÃO FINANCEIRA, À CONTA DE PAULO.

Deste importante tratado, pode ter sido vista menção acima. Na estipulação financeira que pode ter sido observada nele, pode ser vista uma circunstância, pela qual um grau adicional de credibilidade parece ser dado, ao relato de Paulo sobre a transação; ao mesmo tempo que luz é lançada sobre a natureza dela. Paulo sozinho, com seus adeptos, deveriam se dirigir aos gentios: mas, em troca do semblante dado a ele por Pedro e o resto[Pág. 239] dos Apóstolos, ele deveria se *lembrar dos pobres* ; que é o que, diz ele, "eu também estava ansioso para fazer". Agora, quanto à lembrança dos pobres, o que se entende por isso neste momento do dia, era entendido por isso naquele momento do dia, ou não teria sido entendido por isso neste: — fornecer dinheiro, precisa ser adicionado? para o uso dos pobres. Qualquer que fosse, em relação a esse dinheiro, a intenção dos governantes — seja reter qualquer parte em compensação por seus próprios problemas, ou distribuir entre os pobres a totalidade dele, sem dedução; — em outras palavras, se o lucro, bem como o patrocínio, — ou apenas o patrocínio, e sem lucro, — era para ser o fruto; — a natureza humana deve, neste caso, ter deixado de ser natureza humana, se, para os homens em questão — apóstolos como eram — o dinheiro pudesse ter sido

completamente um objeto de indiferença. De acordo com uma declaração, à qual, como acima, cap. ii., embora contido nesta história anônima, não parece haver razão para recusar credibilidade, — comunidade de bens — um princípio, mesmo agora, nestes dias, agido pelos cristãos morávios — era um princípio, agido naqueles dias, pelos cristãos judeus. A propriedade de cada um era lançada em um estoque comum: e a disposição dela era confiada a um conjunto de curadores, que — é positivamente relacionado — foram confirmados e, ao que tudo indica, foram recomendados por — e continuaram a agir sob a influência de — os apóstolos.

Em nenhum dos lados faltavam motivos da compleição humana comum — motivos pelos quais a natureza do homem foi feita para ser governada — para as partes contratantes. Por Pedro e o resto dos Apóstolos, muita experiência havia sido adquirida, da atividade e energia deste seu colega autoconstituído: dentro daquele campo de ação, que sozinho era adequado aos seus poderes, e dentro do qual eles tinham permanecido[Pág. 240] exposto a ser perturbado por sua interferência, dentro daquele campo a ser protegido contra tal interferência, — era, para eles e seus interesses, um objeto de não pequeno momento. Tal parece ter sido a consideração, por parte dos reconhecidos e indiscutíveis Apóstolos.

Não menos óbvia era a vantagem que, pela estipulação deste mesmo tratado em seu favor, foi de uma maneira ainda mais eficaz, assegurada a Paulo. Que, quando toda a transação era tão recente, — tudo o que Paulo foi capaz de dizer por si mesmo, com tudo o que Barnabé foi capaz de dizer por ele, não tinha sido suficiente, para induzir os Apóstolos a darem crédito à sua história sobre a maneira de sua conversão, — em uma palavra, considerá-lo sob qualquer outra luz que não a de um impostor, — é diretamente afirmado pelo autor dos Atos. Então, novamente, em seu discurso não premeditado à multidão enfurecida, Atos 22:18, "Eles não receberão o teu

testemunho a meu respeito", é a informação que os Atos o fazem relatar como tendo sido comunicada a ele pelo Senhor, quando "enquanto eu orava no Templo", diz ele, ver. 17, "eu estava em transe". Se uma acusação de tal efeito acontecesse de encontrá-lo no curso de seus trabalhos; se ele, em uma palavra, se encontrasse estigmatizado como um impostor; se encontrasse com um certificado de impostor; um certificado, assinado pelos conhecidos e únicos servos confidenciais, bem como companheiros constantes, daquele Jesus, a quem — sem sequer fingir qualquer conhecimento de sua pessoa, ele fingiu ter ouvido sem vê-lo — e em um momento e lugar, em que ele não foi ouvido nem visto por ninguém mais; — é óbvio o suficiente, em qualquer caso, quão formidável uma obstrução desse tipo era suscetível de provar. Por outro lado, então ele foi visto apenas uma vez sendo reconhecido publicamente, no[Pág. 241] caráter de um associado e trabalhador reconhecido no mesmo campo, — um reconhecimento dele naquele caráter — um reconhecimento virtual pelo menos, se não expresso — seria visto como tendo ocorrido: — um reconhecimento, tal como dificilmente, em qualquer momento posterior, estaria em seu poder revogar: uma vez que dificilmente seria possível para eles, alguma vez acusá-lo da ofensa principal, sem acusar a si mesmos da conivência correspondente. Note que, deste tratado, importante como era — este tratado de partição — pelo qual uma divisão foi feita de todo o mundo cristão — nenhuma menção, nem a menor sugestão, pode ser encontrada nos Atos.

Assim, muito para esta terceira visita de Paulo a Jerusalém, contando a partir do momento de sua conversão: assim, muito para esta terceira visita, e o tratado de partilha que foi o resultado dela. Em e por sua quarta visita àquela metrópole original do mundo cristão, — veremos como este mesmo tratado foi violado — violado, sem a menor razão ou pretexto, ou mesmo uma tentativa, por parte de seu biógrafo anônimo, — seja por sua própria boca, ou pela de seu herói,

— de atribuir um motivo. Violado — isto é, por e da parte de Paulo: pois, de Pedro, nenhuma outra menção é, em toda esta história, para ser encontrada.

A verdade é que, em vez de "os Atos dos Apóstolos", a História de Paulo — ou seja, do tempo de sua conversão até o tempo de sua chegada a Roma — teria sido a denominação mais adequada. De qualquer outro dos Apóstolos, e seus atos, — pouco, se alguma coisa, mais é dito, do que o que é apenas suficiente, para preparar o leitor, para a história de Paulo, trazendo à vista o estado do mundo cristão, no momento de sua vinda ao palco. Quanto a São Pedro, — o herói principal do autor sendo[Pág. 242] ao longo de São Paulo, em cujo trem, durante esta última excursão mencionada, ele se apresenta como sendo estabelecido, — o que é dito de São Pedro e suas realizações, permanece, por assim dizer, apenas como um episódio. E embora, por este historiógrafo, nenhuma menção seja feita ao *tratado de partilha* , ele eventualmente foi útil para nós, servindo para mostrar qual era, no momento de entrar naquele compromisso, a situação de São Pedro; e quão bom é o título, que a transação apresenta à nossa credibilidade, — como sendo tão natural, porque tão manifestamente para a vantagem de ambas as partes contratantes, bem como da religião de Jesus, na medida em que a de Paulo era conforme a ela.

SEÇÃO 3.

ÉPOCA DO TRATADO DE PARTILHA, MUITO PROVAVELMENTE A DA VISITA I.

A época em que esse tratado de partilha ocorreu parece estar envolvida em muita obscuridade e apresenta algumas dificuldades: a questão é se foi na primeira ou não até a terceira dessas quatro visitas de Paulo a Jerusalém.

A consideração pela qual a atribuição do tempo da primeira visita foi determinada é que foi nessa primeira visita que a demanda por ela, em relação a todos os interesses envolvidos, a saber, o da religião de Jesus, o dos cristãos existentes em geral, bem como o dos indivíduos particularmente envolvidos em ambos os lados, ocorreu: que, a partir daquele momento, assim, até onde parece, ocorreu a observância dela: e que não foi até muito tempo[Pág. 243] depois, que sintomas ou queixas de não observância parecem ter aparecido.

4. Entre as condições do tratado, a estipulação financeira foi trazida à tona: — parte a ser lembrada, os pobres — então sob o gentil domínio dos Apóstolos: parte, por quem eles deveriam ser lembrados, Paulo — seu reconhecido, embora, por alguma coisa pareça, não de outra forma que não localmente e negativamente reconhecido, associado. Na e pela Visita de Deputação, por parte de Paulo, com a assistência de Barnabé, — vemos esta estipulação realmente conformada e levada a efeito. Dos cristãos em Antioquia aos Apóstolos em Jerusalém, — para o benefício dos pobres, naquela metrópole do mundo cristão, pelas mãos unidas de Paulo e Barnabé, — dinheiro, como foi visto, foi realmente trazido.

Por outro lado, uma observação que, à primeira vista, pode parecer fechar a porta contra essa suposição é que, enquanto em sua carta aos Gálatas, Gálatas 1:18, 19, depois de dizer: "Subi a Jerusalém para ver Pedro, e fiquei com ele quinze dias", e acrescentando: "Mas não vi nenhum outro dos apóstolos, exceto Tiago, irmão do Senhor"; ele, não mais do que quatorze versículos depois, Gálatas 2:9, no versículo em que seu relato desse importante tratado continua, fala como se fosse naquele mesmo momento que ele tivesse visto - não apenas os dois apóstolos acima, nesta ocasião designados pelos nomes de Tiago e Cefas - mas João também: e que esta deve ter sido sua terceira visita a Jerusalém, porque é depois da *menção* feita daquela mesma terceira visita, que, em uma passagem intermediária

entre estas, a saber, Gálatas 2:1, é declarada, em termos expressos, como sendo quatorze anos posterior à sua primeira visita,[38] que esta circunstância, de ele ter visto João da mesma forma, é mencionada como tendo ocorrido.

[Pág. 244]

Mas, em nenhuma dessas considerações, há algo que se apresente como conclusivo contra a suposição de que qualquer tratado que tenha havido ocorreu na primeira visita.

1. Quanto ao primeiro, naquela época, para dar a intimação do tratado, *dar as mãos direitas de comunhão* é a expressão empregada: e que se essa união fosse tomada em um sentido literal, e portanto em um sentido físico, como um acordo no qual, como um sinal de consentimento mútuo, a operação física de junção de mãos foi empregada, aqui deve ter havido um encontro real, no qual João foi visto, bem como os outros dois — e, consequentemente, na suposição de que o relato assim dado por Paulo é, neste particular, em ambas as ocasiões correto, este deve ter sido um encontro diferente do primeiro: em cuja suposição, em comparação com o relato dado nos Atos da segunda visita de Paulo, não pode haver dificuldade em determinar que esta visita não pode ter sido outra senão a terceira. Mas, tão evidentemente figurativa é a virada da expressão, — que, mesmo na linguagem usada neste país neste momento, leve de fato, se é que isso significaria alguma coisa, seria a força, da inferência tirada dela, em favor da suposição de presença mútua. Para significar um acordo sobre qualquer ponto — especialmente se considerado importante — quem teria escrúpulos em falar de ter dado a mão direita da camaradagem a outro, embora se soubesse que foi apenas por carta? Ou, mesmo por meio de um amigo comum, e sem qualquer interação pessoal?

2. Quanto à outra consideração, qualquer que seja a sua força, se aplicada a uma composição de[Pág. 245] tempos modernos — depois de tantos séculos intervenientes, durante vários dos quais as artes da composição literária

têm, com o benefício das facilidades oferecidas pela imprensa, sido objeto de estudo e prática geral; — qualquer que seja a força desta suposição, aplicada ao estilo e caráter de Paulo, pouco peso parece necessário ser atribuído a ela. Da confusão — planejada ou não — na qual o estilo deste autointitulado Apóstolo envolve cada ponto que toca, nenhuma página pode ser lida sem apresentar amostras em abundância, a todo olho que possa suportar abrir-se a elas: nesta mesma obra, alguns provavelmente já devem ter se oferecido para notar; e antes que ela feche, muitos serão apresentados nesta visão expressa: o ponto em questão pertence ao campo da cronologia: e, do modo perturbado de sua operação neste campo, uma exemplificação particular já foi trazida à vista, Cap. 2, em uma passagem na qual, de uma longa série de sofrimentos e perigos — alguns reais, outros aparentemente nem tanto — aquele a que primeiro fomos submetidos é mencionado por último.[39] Da ordem em que dois eventos são mencionados por este escritor, nenhum argumento, em qualquer grau conclusivo, pode ser deduzido, para a persuasão de que aquilo que é mencionado primeiro, foi ao menos pretendido por ele para ser considerado como aquilo que ocorreu primeiro.

Na própria passagem em que é mencionada a entrega das mãos direitas de comunhão a ele e a Barnabé, e imediatamente após essas mesmas palavras, é dito que "nós *iríamos* aos pagãos, e eles à circuncisão". Assim, então, a conjunção[Pág. 246] excursão de Paulo e Barnabé — uma excursão, não iniciada até cerca de dez anos após esta mesma primeira visita, Atos 13 e 14, é mencionada, como um incidente naquele *tempo* futuro. É verdade que a palavra diretamente expressiva do futuro é, na tradução em inglês, apenas uma interpretação, e como tal marcada. Mas, se qualquer excursão anterior deste tipo tivesse ocorrido antes, não parece haver razão para supor, que o evento, que, pelo contexto, certamente teria sido tomado por um evento então ainda por vir, — teria, se a intenção fosse representá-lo como nada mais do que uma repetição do que

já havia ocorrido, recebido uma forma, tão mal adaptada ao seu propósito pretendido.

Mas, dois versículos antes, está aquele, no qual é feita menção à circunstância, pela qual, de acordo com Paulo, o curso tomado pelos Apóstolos, em relação à sua entrada, neste tratado, é trazido à vista. "Mas, ao contrário", diz ele, Gálatas 2:7, "quando viram que o Evangelho da incircuncisão foi confiado a mim, como *o Evangelho* da circuncisão o foi a Pedro:" 9. "E quando Tiago, Cefas e João, que pareciam ser colunas, *perceberam* a graça que me foi dada, deram a mim e a Barnabé as destras da comunhão; para que fôssemos *aos* gentios," ... &c.

Agora, essas *percepções* — as percepções assim atribuídas por ele aos Apóstolos — quando foi que elas foram obtidas? Evidentemente em nenhum momento, se não no momento de sua *primeira* visita: pois, essas eram as percepções — digamos, as concepções — cuja transmissão é indiscutivelmente manifesta, não apenas de toda a natureza do caso, de acordo com os relatos que temos dele, mas do relato expressamente dado pelo autor dos Atos; e que[Pág. 247] relato, em parte confirmado, e em nenhuma parte contradito, pelo próprio Paulo e nesta mesma epístola.[40]

[Pág. 248]

Para concluir. Que, na época da Visita da Deputação, Visita III., o tratado em questão não poderia deixar de estar no tapete, parece, deve ser confessado, totalmente provável, para não dizer inquestionável. Mas, que na época da Visita da Reconciliação, Visita I.,—já estava no tapete, parece, se possível, ainda mais. Pois, sem algum entendimento entre Paulo e os Apóstolos—e que para o efeito deste mesmo tratado (a impossibilidade de que a história da conversão de Paulo tenha sido a causa, tendo, acredita-se, sido aqui demonstrada acima) sem algum entendimento deste tipo, nem a continuidade atribuída à Visita da Reconciliação, nem a existência de qualquer uma das duas visitas subsequentes, a saber, a Visita de Trazer Dinheiro, e esta

Visita da Deputação, parecem dentro dos limites da possibilidade moral.[41]

[Pág. 249]

NOTAS DE RODAPÉ:

[38]Gálatas 2:1. "Depois de catorze anos, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, e levei também comigo Tito."

[39]2 Cor. 2:32. "Em Damasco, o governador sob o rei Aretas guardou a cidade dos damascenos com uma guarnição, desejoso de prender-me", etc. ou seja, em sua conversão.

[40]A este mesmo Tratado de Partilha, parece ser possível aludir na Epístola de Paulo aos seus adeptos romanos. Romanos 15:15 a 22. "Todavia, irmãos, escrevi-vos com mais ousadia, de certa forma, como para vos recordar, por causa da graça que me foi dada por Deus, para ser ministro de Jesus Cristo entre os gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que a oferta dos gentios seja aceitável, sendo santificados pelo Espírito Santo. Tenho, portanto, motivo de glória, por meio de Jesus Cristo, nas coisas concernentes a Deus. Pois não ousarei falar de coisa alguma, senão daquelas que Cristo realizou por meu intermédio, para fazer os gentios obedecerem, por palavra e ação, por meio de poderosos sinais e prodígios, pelo poder do Espírito de Deus, de maneira que, desde Jerusalém e arredores até a Ilíria, tenho pregado plenamente o evangelho de Cristo. Sim, assim me esforcei para pregar o evangelho, não onde Cristo era nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio; mas, como está escrito: Para de quem não foi falado, eles o verão; e os que não ouviram entenderão. — Por esta razão também tenho sido muito impedido de ir ter convosco."

[41]Desta passagem da Epístola de Paulo aos Gálatas[II.] , comparado com uma passagem de sua primeira Epístola aos Coríntios[III.] — a Bíblia editada por Scholey, em uma nota para Atos xv. 39, (sendo a passagem em que a ruptura

entre Paulo e Barnabé é mencionada), tira a inferência de que, após essa ruptura entre Paulo e Barnabé, ocorreu uma reconciliação.

Da passagem em questão, se tomada por si só, é verdade que esta suposição é natural o suficiente. Pois, de acordo com todas as aparências, a data desta Epístola aos Coríntios é posterior à da ruptura: e, da menção conjunta dos dois nomes, se não houvesse evidência do outro lado, poderia naturalmente ser suposto provável, por mais longe que fosse certo, que a intenção era, com isso, relatar as duas pessoas, como operando em conjunto, e até mesmo na companhia uma da outra. Mas, para o propósito do argumento, nenhuma suposição desse tipo (será visto) é necessária. Trabalhando, ambos foram aqui representados como estando, e para todas as aparências estavam, no mesmo campo, a saber, o campo dos gentios: trabalhando, após e em conformidade com este mesmo tratado — o acordo feito por eles com os apóstolos — o tratado de partição tão frequentemente mencionado. Mas, disso não se seguiu, de forma alguma, que eles estavam trabalhando na *mesma parte* daquele campo. Para o propósito do argumento, a questão era: qual era o tipo de relação que havia ocorrido entre esses dois pregadores de um lado e seus respectivos discípulos do outro? É dessa relação que Paulo afirma, e afirma verdadeiramente, que entre ele e Barnabé, era a mesma: ambos sendo trabalhadores reais em suas respectivas partes do mesmo campo: ambos tendo igualmente a liberdade de cessar, de pôr fim a, seus respectivos labores a qualquer momento: não que ambos estivessem trabalhando no mesmo lugar, ou em qualquer tipo de concerto. "Ou somente eu e Barnabé, não temos, diz Paulo, poder para deixar de trabalhar?"

Assim, inconclusivo é o argumento pelo qual a existência de uma reconciliação é inferida. Contra evidências tão fracas, a evidência contrária parece decisiva. Após a menção feita por ele da ruptura, — se alguma reconciliação tivesse ocorrido, dentro do compasso de tempo abrangido por sua história, o

autor dos Atos a teria deixado despercebida? Que, entre seus objetivos estava a pintura de cada incidente, em cores pelo menos tão favoráveis, à igreja em geral, e a Paulo em particular, como ele ousou, — é suficientemente manifesto. Por uma ruptura entre duas pessoas tão santas — um sinal, mais ou menos impressionante, de enfermidade humana, não poderia deixar de ser apresentado à vista: e, para qualquer mente reflexiva — naquelas marcas de *calor* , pelo menos, para não dizer nada pior, que, do início ao fim, são tão evidentes no caráter e conduta deste patrono e principal herói do historiador, dificilmente deixaria de ser visto o motivo, para supor — que era do *seu* lado e não do de Barnabé — o generoso e sempre desinteressado Barnabé — que a culpa, principalmente, se não exclusivamente, pertencia.

[II.]Gálatas 2:9. "Eles deram a mim e a Barnabé as destras em sinal de comunhão, para que nós fôssemos aos gentios, e eles, à circuncisão."

[III.]1 Cor. ix. 6. "Ou: Só eu e Barnabé não temos direito de deixar de trabalhar?"

CAPÍTULO VIII.

Entrevista Quarta. — Pedro em Antioquia. — Representantes de Jerusalém para Antioquia, Judas e Silas. — Paulo discorda de Pedro e Barnabé, abandona Antioquia e, em uma excursão missionária, leva consigo Silas. O que diz respeito ao Tratado de Partição, até este Período, revisado. — Pedro e os Apóstolos justificados.

SEÇÃO 1.

RELATO DE PAULO SOBRE ESTA ENTREVISTA CITADA.—RELATO DE ATOS SOBRE O QUE SE SEGUIU.

Chegamos agora à última das quatro ocasiões diferentes e mais ou menos distantes nas quais uma relação pessoal, de uma forma ou de outra, é registrada como tendo ocorrido, entre Paulo de um lado, e os apóstolos ou alguns deles do outro, antecedentemente àquela em que a história de Paulo, até onde qualquer informação toleravelmente clara, distinta e material chegou até nós, se encerra. Desta entrevista, a cena se passa em Antioquia: Pedro tendo, por alguma consideração que não deveria ser procurada senão por conjectura, sido levado a fazer uma visita àquele lugar da *então* residência habitual de Paulo, depois, e, como parece provável, em consequência da terceira visita registrada de Paulo a Jerusalém — sua *Visita de Deputação* .

Vamos agora dar uma olhada nos documentos. Respeitando[Pág. 250] A discordância de Paulo com Pedro, a única que temos, é aquela que nos foi fornecida pelo próprio Paulo. Consiste na seguinte passagem em sua Epístola aos Gálatas.

GÁLATAS 2:11 a 16.

Português Mas, quando Pedro chegou a Antioquia, enfrentei-o face a face, porque era repreensível. Porque, antes que chegassem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios; mas, quando eles chegaram, retirou-se e se separou, temendo os que eram da circuncisão. E os outros judeus também dissimularam com ele; Português de modo que até Barnabé se deixou levar pela dissimulação deles. — Mas, quando vi que não andavam retamente, conforme a verdade do Evangelho, disse a Pedro, diante *de todos* : Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, por que obrigas os gentios a viverem como os judeus? — Nós, *que somos* judeus por natureza e não

pecadores dentre os gentios, — sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; porque pelas obras da lei nenhuma carne será justificada.

Vejamos agora o relato, dado nos Atos, do que aconteceu em Antioquia, em relação a Paulo, Barnabé e Silas, durante um período que parece ser o mesmo, ou um período contíguo a ele, provavelmente anterior a ele.

ATOS 15:35 a 41.

Paulo e Barnabé também continuaram em Antioquia, ensinando e pregando a palavra do Senhor com *muitos outros* também. — E alguns dias depois, Paulo disse a Barnabé: Vamos outra vez visitar nossos irmãos, em todas as cidades onde pregamos a palavra do Senhor, e vejamos como estão. — E Barnabé decidiu levar consigo João, cujo sobrenome era Marcos. — Mas Paulo não achou bom levá-lo consigo, pois se afastara deles desde a Panfília e não os acompanhara à obra. — E a contenda[Pág. 251] houve tanta tensão entre eles, que se separaram um do outro; e Barnabé tomou consigo Marcos enavegoupara Chipre;—E Paulo escolheu Silas e partiu, encomendado pelos irmãos à graça de Deus.—E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas.

Com relação à separação de Paulo de Barnabé, sua partida de Antioquia e sua tomada de Silas como companheiro, não temos nada do próprio Paulo: nada, de qualquer outra fonte, além, como acima, dos Atos.

No relato de Paulo, no entanto, pode ser vista uma passagem, Gálatas 2:13, pela qual alguma luz é lançada sobre a ruptura de Paulo com Barnabé. Em Atos, embora a *"contenção" seja dita como "aguda",* nenhuma causa é declarada para ela, além de uma diferença a respeito da escolha de um companheiro: a saber, em uma excursão, que

eles são representados como tendo concordado em fazer, na companhia um do outro, como antes.

Mas, segundo Paulo, ele tinha tido motivo de queixa, contra seu velho amigo Barnabé, por outro motivo. Barnabé tinha ficado do lado dos Apóstolos: Barnabé tinha sido "levado pela dissimulação deles"; pela dissimulação daqueles Apóstolos de Jesus, a simplicidade virtuosa do Apóstolo autoconstituído, assim ele deseja que seus discípulos gálatas acreditem, tinha sido frustrada.

[Pág. 252]

SEÇÃO 2.

PAULO DISCORDA DE PEDRO — E BARNABÉ — DEIXA ANTIOQUIA, TOMANDO SILAS DOS APÓSTOLOS.

Em nenhum lugar esse homem pode existir, a não ser para exercer hostilidade ou provocá-la: com nenhum homem ele pode manter relações, sem agir em relação a ele, se não no caráter de um déspota, seja de um adversário aberto e audacioso, seja de um adversário secreto, ou ambos. Contra Pedro, em Jerusalém, em sua Visita de Deputação, ele é intrigante, enquanto está barganhando com ele. Com o mesmo Pedro, quando chegou a Antioquia, ele briga: pois, em Antioquia, Pedro era apenas um visitante — um estranho; Paulo, com Barnabé como seu constante apoiador, estava em seu próprio terreno: nenhum governante traído *ali* para temer — nenhum cristão perseguido. Ele briga — assim ele mesmo informa seus Gálatas — ele briga com o chefe dos Apóstolos: ele "o resiste na cara". Por quê? Porque, em verdade, "ele deveria ser culpado". Em conclusão, a tal ponto, — pelo grau de sucesso, qualquer que fosse, que a essa altura ele havia experimentado, — a tal ponto de intemperança, sua mente havia inchado — ele briga até com Barnabé: com Barnabé

— em todas as suas três visitas anteriores a Jerusalém, seu protetor munificente e firme adepto: com aquele Barnabé, em cuja companhia, e sob cuja proteção, uma de suas excursões missionárias já havia sido realizada. Atos 11:19-27; Ib. 2:37-40.

Em Antioquia, o número de seus concorrentes não poderia deixar de ser considerável: em Antioquia, o número de anos que ele parece ter passado naquela cidade,[Pág. 253] considerado, — o número de seus inimigos não poderia ser pequeno. Ele planeja, e executa, uma nova excursão missionária. Ele agora está sobre suas próprias pernas: sem Barnabé agora, — nenhum protetor necessário, para compartilhar com ele em sua glória: para compartilhar com ele, em proporção igual ou superior, no lucro de sua profissão: naquele lucro, cuja imagem, em todas as suas formas, estava voando diante de seus olhos, — e que nós o veremos reunindo, em tal exuberância inigualável. Ele agora procura um companheiro humilde — um assistente: ele encontra um em Silas: aquele Silas, a quem, com Judas Barsabás, vimos chegar a Antioquia, delegado pelos Apóstolos e seus discípulos, para concluir, naquela segunda metrópole, a negociação, iniciada na primeira metrópole do novo mundo cristão. Desertor do serviço para o qual foi enviado, Silas se alista naquele do aventureiro ousado e infatigável. É só isso, e nada mais, que aprendemos sobre ele: pois, no quadro desenhado nos Atos, nenhuma característica é dada a ele, exceto o fato de ter sido encontrado em companhia de Paulo, em alguns dos lugares que Paulo visita: exceto este exercício da faculdade locomotora, nada há ali para distingui-lo do estoque comum de naturezas-mortas.

Desta quarta época registrada na relação entre Paulo e os apóstolos, passamos agora para aquela que é a quinta e última, a saber: aquela que foi produzida por sua quarta e última visita a Jerusalém: sua *Visita de Invasão* , em 62 d.C.

No intervalo, vêm quatro anos — ocupados por uma série de excursões e estadias sucessivas — no curso dos quais, toda

menção a Silas é abandonada, sem comentários: abandonada, da mesma maneira obscura e inexplícita, na qual o historiador se oferece ao leitor, supondo-o dotado de[Pág. 254] o grau necessário de atenção, os meios de descobrir, Atos 16:10, que não muito depois do início deste mesmo período, o próprio historiador, quem quer que fosse, foi levado para o trem do apóstolo autoconstituído. Ao leitor também é deixada a faculdade de se divertir conjeturando sobre em que época e de que maneira este último evento pode ter ocorrido; um evento do qual tais consequências importantes resultaram.

Dessas partes da vida de Paulo, alguma visão será tomada, em um capítulo subsequente, sob outro título: — sob o título dos supostos milagres de Paulo: pois, é no relato dado de suas realizações e aventuras, e das transações nas quais, no curso deste período, ele estava envolvido, — é no curso deste relato, que teremos que pegar, os supostos relatos de supostos milagres, que, nesta parte da história de Atos estão intercalados. Esta revisão deve necessariamente ser tomada, com o propósito de colocar em uma luz verdadeira, a evidência, supostamente assim fornecida, em apoio às suas reivindicações de uma comissão sobrenatural.

A essa mudança de conexão por parte de Silas, — do serviço dos Apóstolos de Jesus para o do Apóstolo autoconstituído, — o caráter de *deserção* por parte de Silas, — *sedução* por parte de Paulo, — pode aqui ser atribuído sem dificuldade. Pelos Apóstolos, um Evangelho foi pregado — o Evangelho de Jesus: — nós o vemos nos Evangelistas. Por Paulo, outro e diferente Evangelho foi pregado: — um Evangelho, posterior e melhor, segundo ele, do que aquele que pode ser visto nos Evangelistas: — um Evangelho seu. Se, mesmo até esse momento, a prudência mútua impediu uma ruptura aberta e geralmente conspícua, — houve de sua parte, pelo menos, uma oposição. Se, para homens, cuja conduta e temperamento eram[Pág. 255] tal como eles uniformemente parecem ter sido,—qualquer palavra como *partido* pode, sem menosprezo, ser aplicada, aqui

estavam dois *partidos* . Ele, que era *a favor* do Apóstolo autoconstituído, era *contra* os Apóstolos de Jesus. Em uma palavra, na linguagem do partido moderno, Silas era um *rato* .

SEÇÃO 3.

O TRATADO DE PARTICIPAÇÃO E OS PROCEDIMENTOS RELACIONADOS A ELE ATÉ ESTE PERÍODO, REVISADOS.

Em relação ao Tratado de Partilha, — tomando o assunto desde a primeira visita de Paulo, ou visita de reconciliação, em 35 d.C., até sua partida de Antioquia, em sua excursão missionária, após a entrevista que teve naquela cidade com Pedro — o estado dos negócios, entre Paulo e os apóstolos, parece ter sido assim:

1. Na ocasião e no momento de sua primeira visita a Jerusalém — sua visita de reconciliação — uma espécie de reconciliação — pelo menos exterior — não poderia, consistentemente com todo o andamento do que é dito sobre sua relação e entrevistas subsequentes com os apóstolos, não poderia deixar de ter ocorrido.

2. Os termos dessa reconciliação eram: que, sob a condição de *sua* pregação em nome de Jesus, *eles* não falariam *mais* dele como um perseguidor para essas pessoas em Jerusalém e em outros lugares, que estavam em conexão com eles: pois, por sua desobediência e quebra de confiança, como para com as autoridades constituídas de Jerusalém, ele as havia colocado fora de seu poder de continuar *sendo* : não falaria dele como um perseguidor, mas, ao contrário, como um associado: ele assumindo o nome de Jesus:[Pág. 256] e pregando — nunca em seu próprio nome, mas em todas as ocasiões naquele santo nome.

3. Nesta ocasião, sendo manifesto para ambas as partes que, por seu conhecimento íntimo da língua grega e do aprendizado pertencente a essa língua, ele estava em um grau peculiar bem qualificado para espalhar o nome de Jesus entre os gentios em geral; isto é, entre aqueles para quem o judaico não era uma língua vernácula; enquanto seu conhecimento da língua estava confinado à sua própria, a saber, a língua judaica; nesta ocasião, seguiu-se, é claro, da natureza do caso, e quase sem necessidade de estipulação, que, deixando para *eles* , como campo de seus trabalhos, Jerusalém e aquela parte do país circunvizinho, na qual somente o judaico era a língua da maior parte da população, *ele* deveria limitar seus esforços, principalmente, se não exclusivamente, àqueles países, dos quais o grego era, ou pelo menos o hebraico não era, a língua vernácula.

Para ele, naquela época, não estava na natureza do caso, que a ausência de Jerusalém, ou de qualquer parte do país sob o mesmo domínio, fosse motivo de arrependimento. Dentro desse círculo, ele não poderia, por muito tempo, permanecer publicamente, por medo da vingança legal das autoridades constituídas: nem mesmo entre os cristãos; embora de seus chefes ele tivesse obtido, como acima, uma espécie de resistência prudencial; considerando o horror que sua perseguição a eles havia inspirado, e o terror com o qual, até que sua conversão tivesse sido provada aos olhos de todos pela experiência, ele não poderia ainda deixar de ser considerado.

Qualquer que fosse o objeto de sua concupiscência, fosse o fundo, e vimos quão atraente era a isca, que, naquela época, naquela época,[Pág. 257] metrópole do mundo cristão, ofereceu-se a um olhar ambicioso; ainda assim, embora suas oportunidades ainda tivessem limitado seus esforços à *segunda* cidade naquele mundo em crescimento, seus olhos nunca deixaram de olhar para a *primeira* .

Duas vezes, portanto, entre a primeira de suas Visitas — sua Visita de Reconciliação — e esta sua última entrevista com Pedro — nós o vemos visitando aquele lugar convidativo:

cada vez, protegido e escoltado pelo magnânimo Barnabé e sua influência — para torná-lo suportável; cada vez com uma comissão pública — para fazê-lo ser respeitado; a primeira vez com dinheiro na mão — para fazê-lo ser bem-vindo.

Que, durante todo esse tempo, nem *a boa-fé* nem *a prudência* foram capazes de opor à violência de sua ambição qualquer controle eficaz, é abundantemente manifesto.

Que a *boa fé* não era, aprendemos distintamente dele mesmo. Pois embora, pela própria natureza das duas situações correlativas, esteja fora de questão, como acima, que, sem algum acordo para o efeito acima mencionado, ele não poderia, mesmo com o benefício de todos os meios possíveis de ocultação, ter sido preservado por dois dias seguidos da vingança que o pressionava, de *baixo* e de *cima* ; ainda assim, ele estava, por suas intrigas secretas, Gálatas 1:11, violando o tratado, às custas daqueles homens íntegros, pacientes e sofredores, a cuja observância ele estava todos os dias em dívida por sua vida.

[Pág. 258]

SEÇÃO 4.

PEDRO E OS APÓSTOLOS JUSTIFICADOS QUANTO À ESTIPULAÇÃO FINANCEIRA NO TRATADO, E OS TRABALHOS MISSIONÁRIOS SUCEDENTES DE PEDRO ENTRE OS GENTIOS.

Da estipulação financeira, o relato que temos foi visto: — um relato dado por uma das partes — Paulo: — a outra parte sendo — os Apóstolos. No caso de Paulo, na demonstração, supostamente dada a respeito, a mundanidade, dos motivos que deram origem a ela, foi de certa forma tomada como certa. Bem, então, se em um caso tal era o caráter dela, — no outro caso, pode ter sido qualquer outro? A questão é natural; mas não menos é a resposta. Pois observe, a

estipulação é expressa — que, por Paulo — por Paulo, dos lucros de sua vocação — os pobres, significando os pobres de Jerusalém — os pobres entre os discípulos dos Apóstolos — devem ser lembrados. Lembrados, e como? Lembrados, pelo pagamento do dinheiro — nas mãos, seja dos próprios Apóstolos, ou, o que dá no mesmo, de algumas outras pessoas, em conexão com eles, e agindo sob sua influência. Agora, então, mais uma vez. Do homem por quem o dinheiro deveria ser *pago* — deste homem, os motivos, você diz, eram mundanos: é crível então que eles deveriam ter sido menos mundanos, no caso dos homens por quem eles deveriam ser *recebidos* ?

Resposta. Oh! sim, é *isso* . Entre os dois casos, há essa grande diferença. O que quer que Paulo pudesse receber, ele receberia para si mesmo: o que quer que,[Pág. 259] depois do pagamento feito, sob o tratado, para o uso dos pobres de Jerusalém, ele reteve, — ele poderia reter para seu próprio uso. Mas os Apóstolos — aquilo que, se alguma coisa, eles receberam, em nome dos pobres, e quanto ao uso desses mesmos pobres, — eles iriam — eles poderiam, para seu próprio uso, reter isso, ou qualquer parte disso? Não eles, de fato. Não em suas mãos estavam os fundos dos pobres: não nas deles, mas em um conjunto muito diferente de mãos: — nas mãos de um conjunto de curadores — dos curadores já mencionados nesta obra, Cap. 2 — daqueles administradores, cuja função, para todo leitor que não tenha o original grego em vista, é tão infelizmente disfarçada pela palavra *Diáconos* . E esses diáconos, por quem nomeados? Pelos Apóstolos? Não; mas, por toda a comunhão dos santos — por todo o número de membros da comunidade cristã; — e no caminho da eleição livre, — *eleição, no princípio do sufrágio universal* . Monarquistas e aristocratas! Observem bem! — *do sufrágio universal* .

Tanto para o tratado em si. Agora, quanto à conduta subsequente das partes, sob ele, e em relação a ele. Quanto à partição — Paulo aos gentios, Pedro e seus associados

aos judeus — tal era a letra dele. Sendo tal a letra — qual era, ao mesmo tempo, o espírito dele? Manifestamente isto: por um lado, que o campo, ao qual os esforços de Paulo deveriam se aplicar, e se limitar, deveria ser aquele campo, para o cultivo do qual, com qualquer perspectiva de sucesso, ele estava exclusivamente qualificado: por outro lado, que o campo, ao qual seus esforços deveriam se aplicar e se limitar, deveria ser aquele, para o cultivo do qual, eles estavam — se não exclusivamente, pelo menos mais peculiarmente, qualificados. Em uma palavra — que, de toda aquela porção do mundo, que se apresentava como aberta ao[Pág. 260] esforços, daqueles que pregavam em nome de Jesus, — eles deveriam reservar para si aquela parte que já estava em sua posse, a saber, Jerusalém, e sua vizinhança próxima, juntamente com tais partes da Judeia, e sua vizinhança, das quais sua própria língua, o hebraico, era a língua vernácula: esta minúscula porção do mundo reservada, todo o resto deveria ser deixado aberto para ele: sobre todas as outras partes dele ele deveria ter a liberdade de lançar seu sapato. Judeia — o país dos judeus? digamos, melhor, os próprios judeus: — os judeus onde quer que fossem encontrados: pois, revelação à parte, era na *linguagem* , que as pretensões de Paulo — suas qualificações exclusivas — consistiam. Os apóstolos não falavam nada além de hebraico: Paulo era culto e eloquente, de certa forma, em grego.

Em relação à interpretação a ser dada a este tratado, suponha que haja qualquer dúvida, na palavra *Gentio* , obviamente a sede e a fonte dela seriam encontradas. Suponha, por um lado, *que pessoas* fossem os objetos dos quais ele deveria ser designativo, então, que houvesse apenas um único homem incircunciso em Jerusalém ou em outro lugar, a quem, com a intenção de ganhá-lo para sua comunhão, os Apóstolos, ou, com seu conhecimento, qualquer um de seus discípulos, se dirigissem, aqui seria, de *sua* parte, uma violação do tratado. Suponha, por outro lado, *que lugares* fossem os objetos dos quais ele deveria

ser designativo, nessa suposição, dentro daquele trato do país, dentro do qual somente os meios necessários de comunicação com a maior parte da população estavam em sua posse, eles poderiam se aplicar a todas as pessoas sem restrição: e isso, ainda sem qualquer violação real do acordo, do espírito e da real importância do acordo.

[Pág. 261]

Em relação a *pessoas ou lugares* , pelo acordo, de acordo com isso — o sentido óbvio disso — o que foi que Paulo desistiu? Na verdade, simplesmente nada.delemente esteve em um estado sóbrio, — estranho de fato, se o campo assim oferecido por todo o mundo pagão, não fosse amplo o suficiente para seu trabalho: em todas as partes dele ele não poderia estar ao mesmo tempo; e as partes mais promissoras estavam abertas à sua escolha. Excetuando a cessação das hostilidades de Paulo, o que foi que os Apóstolos ganharam? Não muito mais.

Como já foi observado, o que não foi ganho com isso é o que está acima: o que realmente foi ganho com isso é o que se segue.

O que Paulo ganhou foi isenção do aborrecimento que, de outra forma, ele teria sido exposto a receber em todos os lugares, ao ser designado como o antigo perseguidor notório e inimigo ainda irreconciliado dos apóstolos e seus discípulos: em uma palavra, de todos os outros que pregavam em nome de Jesus.

O que os Apóstolos realmente ganharam foi a confirmação e extensão de sua influência, que se seguiu, é claro, a cada extensão recebida por aquele campo, dentro do qual a influência do nome de Jesus foi estendida.

Aquilo que, além do que está acima, eles *deveriam* ter ganho, mas não ganharam, é a isenção de todo aborrecimento, que não poderia deixar de ser infligido a eles, na proporção em que Paulo, pregando a pessoas às quais *eles* tinham acesso, um Evangelho que era seu, e não delas, deveria, embora em pretensão e nome fosse um

associado, ser, em verdade e efeito, um adversário e oponente.

Isto é o que — embora eles não só devessem ter ganho, mas também pudessem razoavelmente esperar ganhar — eles não *ganharam* . Pois, para não insistir mais[Pág. 262] sobre suas intrigas secretas na própria Jerusalém e sua oposição aberta na segunda Jerusalém, Antioquia, como acima; veremos — quando chegarmos à próxima e última de suas entrevistas com os Apóstolos por ocasião de sua Visita de Invasão — até onde a loucura de sua ambição o levou, naquele local de nascimento e metrópole do mundo cristão.

Pelo tipo de conexão, que, apesar de princípios tão óbvios e naturalmente poderosos de discriminação, tem sido visível em cada ocasião, como entre os apóstolos indubitáveis e este autointitulado — três questões distintas não podem deixar de se apresentar de tempos em tempos: — 1. O tipo de semblante — parcial, frio e reservado como era — mostrado pela antiga e boa camaradagem estabelecida para o indivíduo sempre intruso — é crível? 2. Pode, de fato, ter sido manifestado, em conjunto com uma descrença, da parte deles, de suas pretensões a um grau de favor sobrenatural com o Todo-Poderoso, igual ou superior ao deles? 3. E, se não apenas possível, mas real — era, em termos de moralidade, justificável?

Por meio de algumas considerações bastante óbvias, uma resposta — e, espera-se, uma resposta não totalmenteinsatisfatório uma, pode ser dada a todas essas questões.

Quanto ao que era natural no curso dos eventos, Barnabé era necessário para a Igreja nascente; e Paulo era, o tempo todo, necessário, ou, pelo menos, era assim que se pensava, para Barnabé.

1. Barnabé era necessário à Igreja. Já foi visto quão preeminente era o apoio recebido por ela de sua munificência. Nele, ela encontrou de uma vez o mais liberal dos benfeitores e, a menos que Pedro seja uma exceção, o

mais infatigável dos agentes. Da parte de nenhum dos servos escolhidos de Jesus, provas de igual zelo e atividade se apresentam à nossa vista.

[Pág. 263]

Em um capítulo subsequente, veremos Pedro tentando sua força entre os gentios. No entanto, da direção assim dada ao seu zelo apostólico, nenhuma violação do tratado, será visto, pode com justiça ser imputada a ele, se a interpretação acima dada à palavra *gentios* estiver correta.

1. Em primeiro lugar, de acordo com os Atos, a data desta excursão é *anterior* àquela terceira entrevista, que ocorreu por ocasião da terceira visita de Paulo a Jerusalém — sua visita de delegação: isto é, ao momento em que, e não antes, embora, se o raciocínio acima for justo, em termos gerais, os preliminares tenham sido acordados, os arranjos preliminares gerais foram seguidos, confirmados, explicados e liquidados por outros mais específicos.

2. No próximo lugar — de todos os lugares — que, no curso desta excursão de Pedro, são mencionados como tendo sido visitados por ele — não há nenhum que Paulo seja mencionado como tendo visitado: enquanto que, no primeiro deles que é mencionado, os Apóstolos são mencionados como tendo já um grupo de discípulos.[42]

3. Em terceiro lugar,—a data, atribuída a esta excursão de Pedro, é, por vários anos, antecedente até mesmo à primeira, das várias excursões de Paulo, das quais se faz menção nos Atos. Na cronologia recebida—data atribuída ao início da excursão de Pedro, 35 d.C.; data atribuída à primeira excursão de Paulo, 45 d.C.

Enquanto Pedro estava assim ocupado, Paulo ainda estava em Tarso:[43] em Tarso, seu próprio local de nascimento, para onde, em consequência do perigo ao qual sua vida fora exposta por sua primeira visita a Jerusalém, sua visita de reconciliação, ele havia fugido.[44]

[Pág. 264]

4. Em quarto lugar, — não obstante a hostilidade perpétua da mente de Paulo, quanto a Pedro e ao resto dos Apóstolos, — em nenhuma ocasião, sobre a pontuação de qualquer violação deste artigo no tratado de partição, qualquer reclamação, por parte de Paulo, é encontrada. Quando a insatisfação é expressa, a doutrina sozinha é mencionada por ele como a fonte dela: doutrina, a ostensiva; domínio, a fonte original e real.

Apesar do tratado, apesar do interesse manifesto, da única religião genuína de Jesus, o Evangelho ensinado pelos Apóstolos, ainda em lugares aos quais eles tinham acesso, em lugares nos quais, em consequência, eles tinham formado conexões, ele persistiu em se intrometer: intrometendo-se, com aquele Evangelho que ele mesmo diz, era seu, não deles, e não sendo deles, não era de Jesus: intrometendo-se, em lugares, nos quais, mesmo que seu Evangelho fosse de Jesus, *suas* conexões sendo estabelecidas, não existia demanda por ele e *seu* . Pode-se duvidar disso? Se sim, todas as dúvidas serão removidas, de qualquer forma, quando, apesar de todos os esforços que poderiam ser empregados, tanto por eles quanto por seus próprios adeptos, para convencê-lo a desistir, o veremos entrando em Jerusalém em sua Visita de Invasão: como se, embora, para pregar a religião de Jesus, todo o mundo, com exceção da parte judaica, não fosse suficiente para esse intruso, os Apóstolos de Jesus, onze em número, com seu associado eleito, Matias, não fossem, todos juntos, suficientes para aquela pequena parte dele.

[Pág. 265]

O *nome* em que ele pregou, *esse* de fato não era o seu, mas o de Jesus: mas a *doutrina* que ele pregou — o Evangelho, como ele o chamou — não *o de Jesus* , nem de ninguém, mas o seu próprio. Tudo isso, como ele tem a certeza de declarar, — tudo isso ele pregou sem o conhecimento deles. E por que sem o conhecimento deles? porque, como ele mesmo tem a certeza ainda mais extraordinária de *declarar* — pois *a confissão* é o resultado não da certeza,

mas da fraqueza — porque, como ele mesmo reconhece, — se assim tivesse sido, que este Evangelho dele tivesse chegado ao conhecimento dos Apóstolos — daqueles associados, a quem ele estava o tempo todo estendendo a mão direita da comunhão, este Evangelho dele não poderia ter sido ouvido — esta pregação dele teria sido em vão.

Já, no entanto — pois nisso ele pode ser acreditado — já, durante esta *primeira* relação, embora a expressão não seja usada até que ele fale da *terceira* , — a mão direita da camaradagem já deve ter sido estendida, e de ambos os lados: e, o que se seguiu, é claro — e não foi apenas afirmado por sua declaração, mas demonstrado pelo resultado — nesta última ocasião o tratado foi novamente trazido à tona e confirmado, após tais modificações que ele pode ter recebido naturalmente, a partir da consideração de incidentes intervenientes.

[Pág. 266]

NOTAS DE RODAPÉ:

[42]Atos 9:32. "E aconteceu que, passando Pedro por toda parte, desceu também aos santos que habitavam em Lida."

[43]Atos 11:25. "Então Barnabé partiu em busca de Saulo." 43 d.C.

[44]Atos 9:30: "Os irmãos, porém, sabendo disso, levaram-no até Cesaréia e o enviaram para Tarso."

CAPÍTULO IX.

Paulo descreu continuou—A Quarta e Última Visita a Jerusalém. O Propósito oculto: Oposição universal; entre seus próprios Discípulos, e entre aqueles dos Apóstolos.

SEÇÃO 1.

MOTIVOS DESTA VISITA.

Dessa visita momentosa, para dizer quais eram os objetos reais, deve-se, em grande parte, deixar para conjecturas: — para inferências tiradas das circunstâncias conhecidas do caso. Por ele mesmo, como se verá, eles foram ocultados com a mais perseverante ansiedade.

Mas, na falta de evidência direta, o ponto pode ser resolvido sem muito perigo de erro por evidência circunstancial. Os objetos comuns da concupiscência política — dinheiro, poder e vingança — estavam todos diante de seus olhos: *dinheiro* — em quantidade não menor do que a da massa agregada da propriedade de toda a igreja: — aquele fundo, para cuja administração, os sete curadores dos Apóstolos, sob o nome de Diáconos, não eram mais do que suficientes: — aquele fundo, pelo qual a concupiscência repelida do feiticeiro de Samaria havia sido tão recentemente excitada: — *poder* , aquele que era exercido pela direção das consciências de todo o número de fiéis, algum tempo antes disso, não menos em número do que três mil: *vingança* , pelas repetidas rejeições, pelas quais,[Pág. 267] com um intervalo de tantos anos, seus esforços para suplantar os Apóstolos foram repelidos.

De um ponto de vista geral, a ambição — ambição rival — o mesmo motivo que enviou César a Roma, pode ser declarado como tendo enviado Paulo, nessa época, a Jerusalém: a Jerusalém — a metrópole do mundo cristão, por desígnio; e daí, eventualmente e involuntariamente, à metrópole de todo o mundo civilizado.

Por dois desejos opostos — dois desejos antagônicos, mas correspondentes e mutuamente explicativos — desejos, em ambas as partes intensos e ativos, cujas marcas externas são suficientemente visíveis em dois quadrantes diferentes — a natureza, bem como a prevalência desse motivo, serão, acredita-se, suficientemente provadas: — um desejo, no

peito do apóstolo autoconstituído, de se estabelecer na metrópole original do mundo cristão: — um desejo por parte dos apóstolos — dos apóstolos constituídos por Jesus — de mantê-lo fora dela.

SEÇÃO 2.

A VISITA ANUNCIADA POR PAULO E ADIADA.

Éfeso, onde chegou pouco depois de sua partida de Corinto, onde permaneceu, ao que parece, por mais de um ano,[45] tocando no caminho em Cencréia, onde ele raspou sua[Pág. 268] cabeça para a execução de um voto — Éfeso é o lugar, no qual, pelo autor dos Atos, Paulo é pela primeira vez feito a falar de si mesmo, como abrigando, tendo em mente a realização desta visita: e naquela ocasião, a visita é falada, como sendo o assunto de uma determinação estabelecida, e em particular como sendo o tempo fixado por ele para a execução deste projeto. Atos 18:20, 21. "Quando eles, os judeus em Éfeso, lhe pediram que ficasse mais tempo com eles, ele não consentiu; mas despediu-se deles, dizendo: Eu devo, *por todos os meios, celebrar esta festa* que vem em Jerusalém; mas voltarei novamente a vocês, se Deus quiser."

Quanto à observância desta ou de qualquer outra festa em Jerusalém ou em qualquer outro lugar, se fosse sob qualquer noção como a de contribuir para sua própria salvação pessoal por qualquer obra mosaica, era um objetivo inconsistente com seus próprios princípios, com seus próprios princípios tão repetidamente e arduamente defendidos: e o mesmo pode ser dito do rapar da cabeça e do voto, realizados por ele, em Cencréia, em seu caminho de Corinto para Éfeso; e além disso, neste último caso mencionado, mais particularmente em contradição com um preceito tão positivamente entregue por Jesus, a saber, *Não*

jures de modo algum , se, sob juramento, a realização de votos deve ser entendida como incluída.

Desse desígnio, a próxima indicação que ocorre em Atos está no capítulo seguinte, Atos 19:21: "Quando essas coisas terminaram", ou seja, a derrota dos exorcistas e a queima dos livros de artes curiosas em Éfeso, "Paulo, é dito, *propôs no espírito* , quando ele passou pela Macedônia e Acaia, ir a Jerusalém, dizendo: Depois de haver estado lá, também me importa ver Roma".

É uma sorte que o crédito — seja *do espírito* , ou de Paulo, ou do autor dos Atos — tenha sido dado[Pág. 269] somente nesta segunda ocasião, e não na primeira, que foi *com esse espírito* que ele propôs ir a Jerusalém na próxima festa: pois, não obstante o " *deve* " e o " *por todos os meios* ", assim é que entre essas duas determinações, como acima, não menos de dois anos decorrem, em uma ocasião, em um e mesmo lugar.[46] E este lugar — qual era? Era Éfeso: o mesmo lugar em que, em sua partida, a primeira determinação foi declarada: depois disso, e antes desta sua segunda visita a Éfeso, — ele é representado como tendo visitado Cesaréia e Antioquia.

A próxima menção é aquela que ocorre no capítulo seguinte, capítulo 20:16. "Paulo", somos informados ali, estando então em Mileto, "tinha determinado navegar por Éfeso, porque não queria passar tempo na Ásia; pois se apressava, se lhe fosse possível, para estar em Jerusalém no dia de Pentecostes".

Em Mileto é que ele manda buscar e recebe de Éfeso vários de seus adeptos naquele lugar. Após sua chegada, ele é representado como fazendo um discurso formal a eles: e agora, ele não apenas propõe no espírito, como antes, mas é " *ligado no espírito* ", para ir para lá.[47] Seria inútil tentar determinar, com qualquer aproximação à exatidão, o intervalo de tempo durante o qual a operação do espírito permaneceu numa espécie de suspense

entre *propósito* e *obrigação* : pode ter sido meses, apenas; pode ter sido anos.

[Pág. 270]

Enquanto, por um espírito, Paulo era impelido, de vez em quando, em direção a Jerusalém; pelo mesmo espírito, ou por outro espírito, ele era puxado de volta.[48]

No versículo seguinte, Atos 20:22, no qual ele fala de estar "preso em espírito" àquele lugar, sem saber, como, em seu discurso, ele acrescenta, "sem saber as coisas que ali me acontecerão", ele continua e diz: "A não ser que o Espírito Santo, de cidade em cidade, testifica que prisões e aflições me aguardam. Mas nenhuma destas coisas", diz ele, versículo 24, "me move, nem tenho a minha vida por preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira com alegria e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para testificar o Evangelho da graça de Deus".

Para despertar no peito de Paulo a expectativa de que, ao prosseguir no curso que era seu caminho na pregação daquela religião, à qual, de perseguidor, ele aparentemente se convertera, a aflição, em uma variedade de formas, poderia provar ser os frutos — não precisava de informação do espírito; se, ao receber informação do espírito, ele quisesse dizer qualquer comunicação de tipo sobrenatural — qualquer coisa além da informação na forma comum — seja o efeito — seja o propósito, bom ou ruim — tal é o destino que aguarda a inovação no campo da política — a parte espiritual incluída, bem como a temporal — em todos os lugares e em todos os tempos.

Uma passagem, que agora se apresenta, ajuda a mostrar quão fácil e copiosamente, a partir de algumas palavras, escritas em tempos antigos, mistérios e milagres foram fabricados nos tempos modernos. Em Atos 20:22, nós[Pág. 271] vi Paulo, " *ligado no espírito* ", como ele é feito para nos assegurar, para ir a Jerusalém. No próximo capítulo, 21:4, encontramos discípulos... que disseram a Paulo, " *pelo espírito* ", que ele *não* deveria subir a Jerusalém. Oh! que

palavra útil esta palavra *espírito* ! Deixe um homem dizer clara e simplesmente, Eu irei, ou estarei indo, para Jerusalém — ou, Não vá a Jerusalém, — suas palavras não valem mais do que valem: em ambos os casos, com uma proposição adequada para introduzi-la, adicione a palavra "espírito", o assunto se torna sério. De uma ou duas palavras, você adiciona à Divindade uma terceira pessoa, que fala de trás para frente por você, e faz por você o que você quiser.

Por um preço tão baixo, até hoje, são fabricados, todos os dias, uma espécie de milagres *verbais* , que, quantos estiverem dispostos, são bem-vindos para se tornarem reais.

Para reconciliar os homens com esta expedição de Paulo, o espírito era ainda mais necessário, visto que não estava em seu próprio poder, ou mesmo no de qualquer um de seus numerosos assistentes e dependentes, atribuir sequer uma razão aparente para isso.

Que, para o avanço da religião — da religião de Jesus — nenhuma presença dele era necessária; — que nenhum bem poderia resultar disso; — que muito mal não poderia deixar de resultar disso; — era óbvio para todos os olhos. Do número original dos Apóstolos, — por tudo o que parece, não menos que onze ainda permaneciam no local: homens, para cada um dos quais, todos os atos e ditos de Jesus eram, pela memória, tornados tão familiares: — homens, da parte de alguns dos quais, e, de qualquer forma, da parte do chefe deles, Pedro, — não havia falta de zelo e atividade. Enquanto para esses homens uma única cidade, ou, no máximo, uma pequena região — compunha todo o campo de esforço — toda a terra além disso é deixada aberta por eles para Paulo: ainda assim,[Pág. 272] tal é a voracidade de sua ambição, nada pode satisfazê-lo, mas ele deve estar se intrometendo — enfiando sua foice inquieta na colheita que está amadurecendo.

SEÇÃO 3.

O DESIGN É INDEFENSÍVEL.

Tudo isso — não é o bastante? Bem, então, tome esta outra — esta prova conclusiva. Apesar de todos os seus esforços, e entre eles, alguns que serão vistos como extraordinários o suficiente para impedi-lo, — foi realizada a quarta e última de suas quatro visitas registradas à residência deles — Jerusalém.

Mas, em primeiro lugar, na total indefensabilidade do projeto, será mostrada a *causa* da oposição tão universalmente feita a ele.

Cansado de uma mistura de sucessos e fracassos, — desdenhando as conquistas que vinha fazendo em tantas regiões remotas e comparativamente obscuras do mundo, — ele havia formado — mas em que momento preciso, os documentos não nos permitem pronunciar — a determinação de exibir suas glórias nos dois mais ilustres teatros: — nas duas capitais — Jerusalém, do mundo judaico, e agora do mundo cristão; Roma, de todo o mundo pagão clássico: — e em primeiro lugar, Jerusalém, agora, pela quarta vez desde sua conversão. Foi em Éfeso, como vimos, que essa determinação foi declarada pela primeira vez.

Ele poderia ter ido a Roma, e seria bem-vindo: ou seja, na medida em que suas doutrinas pudessem ter se confinado dentro dos limites das de Jesus: o que, no entanto, veremos, não poderiam: mas,[Pág. 273] supondo-se, além disso, sucesso, tal visita não poderia ter tido outro resultado que não o bem.

Mas, por uma visita a qualquer lugar que não fosse Jerusalém, vários eram os pontos de spleen e ambição, que não poderiam ter sido satisfeitos. Nada lhe serviria, mas, sobre aquela Jerusalém de Edom, ele, em primeiro lugar, lançaria seu sapato.

A menos que os onze servos mais confidenciais, selecionados pelo próprio Jesus para serem os propagadores de sua religião, fossem totalmente indignos da tarefa assim atribuída a eles, nada para os bons propósitos dessa religião poderia ser mais palpavelmente desnecessário, nada para os propósitos de paz e unidade mais pernicioso do que a intrusão assim resolvida. Que o número desses apóstolos legitimamente instituídos tenha sofrido qualquer diminuição, não é, por nenhum dos documentos, tornado tanto quantoprovável. Nem nas obras do próprio Paulo, nem nas de seu historiógrafo, há qualquer indício de tal efeito a ser encontrado. Em seus próprios julgamentos, se houvesse alguma necessidade de coadjutores — qualquer deficiência de mãos para a colheita espiritual — eles sabiam muito bem como supri-la. Da suficiência de tal conhecimento, eles deram as provas mais incontestáveis: a eleição de Matias foi o fruto disso. Eles mostraram — e com um desinteresse, que nunca teve, nem parece destinado a ter, quaisquer imitadores — que, no mundo cristão, se o governo em qualquer forma tem direito divino para seu apoio, é na forma de democracia; — democracia representativa — operando por sufrágio universal. Aos olhos do cristão, bem como do filósofo e do filantropo, eis aqui o únicolegítimogoverno: a forma, cuja exclusão do mundo cristão, tem sido o objeto daquela liga, pela qual, por um impune, mas o mais pernicioso - se não o único[Pág. 274] travesso — uma espécie de blasfêmia, o nome de Christian foi profanado.

Este método de preencher cargos não era mais do gosto de Paulo do que o de um Napoleão ou um Jorge. Ele determinou abrir os olhos deles e provar a eles pela experiência que a monarquia — ele mesmo o primeiro monarca — era a única forma legítima de governo. As dificuldades do empreendimento eram tais que não podiam escapar de nenhum olhar: — muito menos dos seus próprios: mas morrer ou vencer era sua resolução: assim ele mesmo declara.[49] Qual teria sido, em caso de sucesso, o

uso que ele fez disso? O destino dos Apóstolos pode ser lido na catástrofe de Santo Estêvão: o rebanho vulgar teria sido, aos seus olhos, tão declaradamente tolo quanto os Gálatas. Gálatas 3:1. "Ó, insensatos Gálatas!" Quem vos enfeitiçou, etc.

A invasão não foi menos inconsistente com a boa fé, do que com o amor fraternal, paz e unidade. Foi uma violação direta do *tratado de partilha* : aquele tratado, do qual ele dá evidências tão inquestionáveis contra si mesmo, na ostentação que faz dele aos seus gálatas. Gálatas 2:9. "Quando Tiago, Cefas (Pedro) e João, que pareciam ser colunas, perceberam a graça que me foi dada, deram a mim e a Barnabé as destras da comunhão, para que fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão."

[Pág. 275]

SEÇÃO 4.

OPOSIÇÃO FEITA A ELE POR SEUS PRÓPRIOS ASSISTENTES E OUTROS SEGUIDORES.

Encontrar ao menos uma razão para essa perfídia foi demais para a engenhosidade de suaatendente panegirista. Aos olhos de todo o corpo de seus assistentes, dos quais o historiador era um, tão completamente injustificável era seu desígnio em todos os pontos de vista,—eles se juntaram em uma reclamação a ele, implorando que desistisse.

ATOS 21:12 a 14.

Português E, ouvindo nós estas coisas, tanto nós como os daquele lugar, rogamos-lhe que não subisse a Jerusalém. — Então Paulo respondeu: Que fazeis vós, chorando e partindo-me o coração? Pois eu estou pronto não somente a ser preso, mas também a morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus. — E, não querendo ele deixar-se

persuadir, cessamos, dizendo: Seja feita a vontade do Senhor.

No entanto, o próprio Paulo não estava em tal perda: para isso, e para tudo o mais que era sua vontade fazer, ele tinha uma razão pronta. Não era menos concisa e econômica do que conveniente: uma palavra, e não mais do que uma palavra, era o preço pago por ela: *revelação* era essa palavra.[50] Assim ele assegura aos seus "tolos" Gálatas: e se eles foram tolos o suficiente para acreditar, estes, embora os primeiros, não foram os últimos, na carreira da tolice.

[Pág. 276]

Permita a um homem apenas o uso desta única palavra, para que seja no sentido em que Paulo a usa aqui — admita a questão de fato, da qual ela contém a afirmação — a vontade daquele homem não é apenas razão suficiente, mas lei suficiente, para tudo: em todos os lugares, e para todas as pessoas, sua vontade é lei. A vontade deste homem é a vontade daquele Deus, por quem esta revelação dela foi feita a ele: a vontade de Deus, que homem será audacioso o suficiente para contestar?

Os motivos que deram origem a esse ato de perfídia e hostilidade agora serão visíveis o suficiente, para todo olho que ouse se abrir a eles. Na época em questão, eles eram manifestos demais para precisar ser mencionados: e ao mesmo tempo injustificáveis demais para suportar serem mencionados por seu historiador dependente, ao falar da oposição que, mesmo da parte de seus próprios dependentes, isso produziu. Eles imploraram a ele — com lágrimas, eles imploraram a ele: mas, quanto às reflexões pelas quais essas lágrimas foram produzidas, elas não suportaram a luz: não cabia a um adepto declarado dar-lhes expressão. O tipo de cor, colocada no projeto por Paulo, com a ajuda de uma de suas frases — essa era a única cor que poderia ser encontrada para isso. Era para o *nome* do Senhor Jesus, Atos 21:13, que ele estava pronto — "pronto, não apenas para ser amarrado, mas também para morrer".

Pelo nome? Ó, sim, pelo nome em todos os momentos; pois, em nome de Jesus, ele contemplou do princípio ao fim seu necessário apoio: e do Senhor Jesus, nada, como descobriremos, — nada do princípio ao fim, ele jamais empregou, exceto o nome. Mas, ser amarrado em Jerusalém — morrer em Jerusalém — ser amarrado — morrer — supondo que isso aconteça, — onde — para a religião de Jesus — estaria, onde poderia estar, o uso disso? Ali, em Jerusalém, os Apóstolos — os verdadeiros Apóstolos de Jesus: — executando, sem morrer ou ser amarrado por isso, a comissão, que a eles havia sido realmente dada por Jesus.

[Pág. 277]

SEÇÃO 5.

OPOSIÇÃO FEITA A ELE PELOS APÓSTOLOS E SEUS DISCÍPULOS.

Tão indefensável e deplorável, aos olhos até mesmo de seus próprios dependentes, pode-se imaginar sob que luz a invasão se apresentou em Jerusalém, para aqueles que se viram tão cruelmente ameaçados por ela.

No primeiro lugar, onde, após uma viagem de algum tempo, desembarcaram a caminho da Judeia, eles encontraram o alarme já espalhado. Este lugar era Tiro: lá eles encontraram "discípulos", Atos 21:4, "que disseram a Paulo", e "pelo Espírito, que ele não deveria subir a Jerusalém". Foi através do *espírito deles* que eles o ordenaram que não fosse; mas *sua revelação* , como vimos, ordenou que ele fosse, apesar de tudo: sua revelação era forte demais para o espírito deles. Se foi do *Senhor Jesus* , como ele nos informa o tempo todo, que sua revelação veio, enquanto o espírito deles era o *Espírito Santo* , também chamado de *Espírito Santo* , já outro cisma foi produzido: um cisma, em um concílio ainda mais alto do que o dos Apóstolos.

Em Ptolemaida, na estrada de Tiro para Jerusalém, eles permaneceram apenas um dia: Atos 21:7, não tempo suficiente, ao que parece, para que quaisquer novos sinais de oposição a esse empreendimento se manifestassem.

Continuando sua aproximação à metrópole, no dia seguinte eles chegaram a Cesaréia, Atos 21:4, "A casa", então "entrou em", era a de Filipe, ali denominado Evangelista, um dos sete curadores, que, sob o nome, traduzido na tradução em inglês[Pág. 278] por aquele de Diácono, por recomendação dos Apóstolos, tinha sido escolhido por sufrágio universal, para a administração dos negócios pecuniários da Igreja. Aqui eles se instalaram: e aqui uma nova cena os aguardava.

Na pessoa de um homem, cujo nome era Ágabo, os apóstolos e seus associados encontraram, como vimos, um agente de talentos aprovados e utilidade: a ele eles estavam em dívida, pelo serviço mais importante, de natureza temporal, que a história da igreja naqueles dias fornece: — o suprimento de dinheiro já recebido, como mencionado acima, da filha primogênita da igreja — a igreja de Antioquia, na Síria. Neste lugar, Cesaréia, como último recurso, este mesmo Ágabo, ou outro, foi, como deveria parecer, despachado para encontrar — pelo menos encontrou — o autoproclamado apóstolo em seu caminho; e, no caráter de um *profeta* , pois assim *este* Ágabo é denominado, esforçou-se ao máximo, no esforço de desviar o invasor do propósito tão ansiosamente apreendido.

Quem quer que ele fosse, empregado nesta ocasião, mas empregado em vão, eram todos os tesouros de sua eloquência. O Espírito Santo estava mais uma vez, e pelo nome, disposto em ordem contra o Senhor Jesus de Paulo. Os poderes da eloquência verbal e oral não eram considerados suficientes: ação — e não apenas daquele tipo que, aos olhos de Demóstenes, era um objeto de importância tão primordial, mas até mesmo pantomima — era empregada em auxílio. Atos 21:11. Quanto ao argumento — o medo no seio da Igreja, por uma vida tão

preciosa, era o único que a habilidade do orador lhe permitia empregar: quanto ao medo por eles próprios, e ressentimento pela injúria que estavam predestinados a sofrer — essas eram paixões, sentidas com muita força para serem confessadas. "Ele tomou o cinto de Paulo", Atos[Pág. 279] 21:11, "e amarrou as próprias mãos e pés, e disse: Assim diz o Espírito Santo: Assim os judeus em Jerusalém amarrarão o homem a quem pertence este cinto, e o entregarão nas mãos dos gentios."

Supondo que o Ágabo mencionado nesta ocasião seja o mesmo Ágabo que foi mencionado na ocasião da apreendida escassez — supondo que este seja ele — e nenhuma razão se apresente em favor da suposição contrária — ele deve ter sido bem conhecido de fato por Paulo, uma vez que foi por meio dele que Paulo ficou em dívida pela oportunidade de pagar, a Jerusalém, aquela sua segunda visita, da qual, como vimos, tão pouco fruto foi colhido.

A circunstância singular aqui é a maneira pela qual, nesta segunda ocasião, é feita menção a este nome — Ágabo: "um certo profeta chamado Ágabo", Atos 21:10. Seja este, ou não, o mesmo que o antigo Ágabo, — este modo de designação se apresenta como igualmente extraordinário. Se ele *fosse* o mesmo, — naquele caso, como, pela adição do adjunto "um certo profeta", uma espécie de nuvem é lançada sobre sua identidade, — então, por um expediente tão simples como o da não inserção dessas palavras redundantes, as nuvens teriam sido dissipadas. Se ele *não* fosse o mesmo, — tão expressivas sendo as circunstâncias pelas quais a identidade é indicada — a saber, o quadrante *de* onde o mesmo; o quadrante *para* o qual o mesmo; a importância da missão e a demanda por talentos e influência, em ambos os casos tão grandes; nesta suposição, para evitar mal-entendidos, não menos óbvia do que urgente era a demanda por alguma marca de distinção a ser adicionada nesta segunda ocasião: em uma palavra, por aquele tipo de marca de distinção que, em outras

ocasiões; pode, nesta mesma história, ser vista mais de uma vez empregada: testemunha *que João* , duas vezes[Pág. 280] distintopelo nome de *João, cujo sobrenome era Marcos* . Atos 22:25, *ib.* 25:37.

Daí uma suspeita, não uma suspeita anormal, de que, nesta história, a parte em que o nome Ágabo ocorre pela primeira vez e a parte em que o mesmo nome ocorre pela segunda vez não foram obra da mesma mão.

Com ou sem a assistência do Espírito Santo, com a mesma importunação, embora num tom correspondente à diferença de situação, foi umadissuasão, para o mesmo efeito, acrescentado, a uma só voz, pelos adeptos, dos quais a comitiva do autoproclamado Apóstolo era composta, e por todos os outros cristãos então presentes. "E quando ouvimos estas coisas", diz o autor dos Atos, "tanto nós como os daquele lugar, Cesaréia, rogamos-lhe que não subisse a Jerusalém." Atos 21:12.

O Espírito Santo, a quem todo o resto da Igreja tinha como seu advogado, não era páreo para o Espírito Santo que Paulo tinha como seu conselheiro. "Que quereis", diz ele, "chorar e partir-me o coração? Pois estou pronto não somente a ser preso, mas também a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus." Atos 21:13. Para um Espírito Santo tão altamente assentado, a submissão de um Espírito Santo de categoria inferior era o único caminho que restava. "Quando ele não pôde ser persuadido, conclui o historiador, nós cessamos, dizendo: Seja feita a vontade do Senhor."

Paulo morre em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus? Ele, Paulo, este apóstolo autoconstituído, que, segundo sua própria demonstração, nunca tinha visto Jesus? Pelo nome de Jesus, em verdade, morrer em Jerusalém? Naquela Jerusalém, na qual os apóstolos indiscutíveis tinham estado, e continuaram a estar, vivendo e trabalhando, a serviço daquele mesmo santo nome, cada um deles, ou eles são muito mal representados, não menos prontos e[Pág. 281] disposto, tanto a viver quanto, ocasionalmente, a

morrer por isso, do que ele poderia ser? Era então realmente morrer pelo nome de Jesus? Não era antes viver? Viver para seu próprio nome, para sua própria glória, para seu próprio lucro e pelo prazer de privar de seu rebanho aqueles pastores de almas, por quem suas pretensões foram desaprovadas, sua glória desacreditada, seus avanços recebidos com aquela desconfiança e ciúme, para os quais a longa e amarga experiência que tiveram dele, forneceu uma garantia tão amplamente suficiente? Homens, a cujos olhos, embora na vestimenta de um pastor, ele ainda era um lobo?

Por que ele deveria morrer? Pelas mãos de quem ele deveria morrer? Por nenhum perigo, uma vez que ele havia cessado de ser seu perseguidor declarado, qualquer cristão, em seu caráter de cristão, fosse discípulo ou pregador, então, ou em qualquer época, foi ameaçado;[51] de nenhum perigo desse tipo, de qualquer forma, há qualquer, a mais leve, insinuação que jamais foi encontrada: se algum perigo o aguardava, era por ele mesmo, por sua própria ambição inquieta e insaciável, por seu próprio temperamento autoritário e ingovernável, que ele foi criado. Se ele tivesse mantido seu acordo; se todo o mundo conhecido, com a única exceção da Judeia, fosse amplo o suficiente para ele: nenhum perigo o teria aguardado: ele e Jerusalém poderiam ter permanecido em paz.

Que serviço *eles* não poderiam, *ele* poderia esperar fazer à causa? Para doutrina, eles não tinham nada a fazer senão relatar os discursos; para prova, os milagres[Pág. 282] que eles tinham testemunhado. A isso, o que *ele* poderia acrescentar? Nada, a não ser fatos, como os que vimos, saídos de sua própria cabeça, — ou, na melhor das hipóteses, fatos tomados de segunda mão, ou através de qualquer número de remoções deles , — e, em uma infinidade de formas e graus, travestidos em sua passagem.

Neste relato, o curioso é que, à primeira vista, o Espírito Santo do profeta Ágabo está enganado: nada aconteceu da maneira mencionada por ele: pois, no mesmo capítulo, vem

o relato do que aconteceu, ou pelo menos é, pelo mesmo historiador, declarado como o que aconteceu: o dono do cinto não é amarrado por nenhum judeu: arrastado pelo povo para fora do templo; por esse mesmo povo, de fato, ele é tentado a ser morto, mas amarrado ele não é: pois, com ele sendo amarrado, a tentativa de matá-lo não é consistente: amarrar requer maestria e um certo período de tempo, o que matar não exige: um único golpe de pedra pode ser suficiente para isso.

Quanto aos judeus que o entregaram nas mãos dos gentios, foi pelos gentios que ele foi libertado das mãos dos judeus: dos judeus, o esforço era privá-lo de sua vida; dos gentios, salvá-la.

SEÇÃO 6.

PLANO DOS APÓSTOLOS PARA SE LIVRAREM DE PAULO.

Nesta importante disputa, o Espírito Santo de Ágabo foi predestinado a render-se ao poder irresistível do Senhor Jesus de Paulo. Ele fez sua entrada em Jerusalém, Atos 21:17, e no dia seguinte começou a tempestade, pela qual, depois de ter estado a ponto[Pág. 283] de perecer, ele foi levado, finalmente, de Jerusalém para Roma, mas os detalhes disso não pertencem ao propósito presente.

O que *é* para o propósito presente, no entanto, é a companhia, que, nesta ocasião, ele viu. Tiago, pode ser lembrado, era um dos três apóstolos — de todo o número, os únicos três que, na ocasião do tratado de partilha, puderam ser persuadidos a dar-lhe a mão direita da comunhão. Na casa deste Tiago ele entrou: e lá o que ele viu foi uma assembleia, reunida com o propósito de dar-lhe o conselho, do qual uma menção mais particular será feita em seu lugar. Era — para se livrar da acusação — uma acusação feita contra ele pelos judeus convertidos — de

ensinar todos os judeus, que estão entre os gentios, a abandonar Moisés, e de inculcar essa doutrina por seu próprio exemplo, Atos 21:20-24. Bem! nesta assembleia quem estava presente? Resposta — os Anciãos — todos eles: dos Apóstolos, com a única exceção de Tiago, em cuja casa foi realizada, nenhum: nem mesmo João, nem mesmo Pedro: os outros dois Apóstolos, por quem, de sua parte, o tratado foi firmado: Pedro, o chefe dos Apóstolos; João "o discípulo", João 19:26; 20:2; 21:7-20, a quem Jesus amava. Os nervos de Tiago, ao que parece, por outros indícios além deste, eram de uma textura mais forte do que os de qualquer um desses seus dois colegas; ele sozinho suportou o impacto. Quanto a Pedro, ele havia sido tão "enfrentado" por Paulo na ocasião de sua primeira visita, que não teve estômago para ser enfrentado dessa forma uma segunda vez.

Tiago, pode-se lembrar, foi o apóstolo, por cuja iniciativa, contra a opinião e o discurso de Pedro, a resolução insistindo em certas observâncias judaicas, por parte dos pagãos convertidos à Igreja, foi aprovada.

[Pág. 284]

Aqui, então, em apoio à proposição mantida por Tiago, — aqui, foi convocada uma assembleia dos governantes da Igreja: os Anciãos — os coadjutores eleitos dos Apóstolos, todos eles presentes: dos próprios Apóstolos, nenhum: exceto Tiago, cuja presença, é evidente, não poderia, nesta ocasião, ser dispensada. Desta assembleia, o objeto, e único objeto, era — a insistência em que Paulo tomasse, pelo bem da paz da Igreja, uma certa medida. Agora, a medida assim insistida, qual era? A absolvição de uma certa acusação então mencionada. E esta acusação, qual era? Uma acusação — da qual, consistentemente com a verdade, — da qual sem tal falsidade direta, como se cometida seria notória, — ele não poderia se absolver. Neste caso, uma de duas coisas seria absolutamente o resultado. Ou ele seria precipitado o suficiente para cometer a falsidade, — nesse caso sua reputação e poder de perturbar a paz da Igreja

estariam no fim; ou, fugindo da intimação, ele praticamente se confessaria culpado: nesse caso, ele também descobriria que sua situação, no meio de uma multidão universalmente adversa, não seria mais sustentável.

Para esta liberação, uma cerimônia foi prescrita a ele: — uma cerimônia, cujo efeito era — declarar, de uma maneira, além de toda comparação, mais solene e deliberada do que qualquer coisa que é comumente entendida pela palavra *juramento* , — que ele não havia feito nada, daquilo que ele era acusado de ter feito, e que não poderia deixar de ser geralmente conhecido que ele havia feito. Testemunhe aquelas Epístolas dele, que em outro lugar veremos, Cap. 12: — Epístolas nas quais ele será visto, tão frequentemente, e em uma variedade de ocasiões, e em uma variedade de linguagem, não apenas proclamando a desnecessidade[Pág. 285] da circuncisão — sua inutilidade para a salvação — mas, em uma palavra, em todos os pontos fazendo guerra a Moisés.

Nenhum curso era tão precipitado que Paulo se esquivaria dele, nenhuma cerimônia tão terrível ou tão pública que Paulo temeria profaná-la. Da asseveração, à qual ele foi chamado para dar, de forma extraordinária, a sanção de um juramento, o propósito era universalmente notório: a falsidade, não menos: a cerimônia, uma solenidade na qual os poderes da engenhosidade sacerdotal haviam sido exauridos, no esforço de render é eficazmente impressionante. Local de execução, o mais sagrado entre os sagrados: ato de entrada, universalmente público, propósito universalmente notório; operações, quaisquer que fossem, inescrutavelmente escondidas dos olhos vulgares: pessoa do ator principal ocasionalmente visível, mas em uma elevação terrível: tempo, requisito para a realização, Atos 21:27, não menos que sete dias: toda a cerimônia, efetivamente protegida contra profanação frequente, por "encargos" pesados demais para serem suportados pelo poder unido de quatro bolsas comuns.[52] Com todos os ingredientes do perjúrio mais acabado em seu peito —

consciência perfeita, intencionalidade fixa, perseverança predeterminada e visão completa da sanção prestes a ser violada — nós o veremos entrando na tarefa e perseverando nela. Enquanto o longo drama estava atuando no teatro consagrado, a mente da multidão estava acumulando calor sem portas. Os sete dias necessários ainda não haviam se cumprido, quando a indignação não pôde mais se conter: eles irromperam no edifício sagrado, arrastaram-no para fora e estavam no[Pág. 286] ponto de matá-lo, quando a interferência de um oficial romano o salvou e se tornou o primeiro elo daquela cadeia de eventos que terminou em sua visita a Roma e não pertence a este lugar.

Assim, para termos uma visão mais clara do plano dos Apóstolos, e dos fundamentos dele, dos quais será vista a irrepreensibilidade dele, pareceu necessário para nós aqui antecipar. Mas tal precipitação, com o resultado que se seguiu — os Apóstolos, em sua situação, como poderiam ter antecipado isso?

Desapontados, em seus esforços anteriores para impedir que o invasor entrasse na cidade santa — aquela cidade santa, com a paz da qual sua presença era tão incompatível, tal foi o curso que eles planejaram e abraçaram de expulsá-lo dela. Para a execução desta medida em vigor, uma assembleia geral do corpo governante da Igreja era necessária. Nesta assembleia, se nenhum apóstolo estivesse presente, ela não poderia, aos olhos da Igreja em geral, ter sido o que era necessário que parecesse ser. Embora, de todo o número dos Apóstolos, não mais do que um estivesse presente, sendo a casa onde a reunião foi realizada, e os outros, convocados ou não, sendo esperados, é claro, pelos discípulos em geral, que também estivessem presentes, sendo os Anciãos igualmente "*todos*" eles presentes, essa presença foi considerada suficiente: quanto aos outros Apóstolos, todos eles, exceto aquele cuja presença era indispensável, a aversão ao homem, cuja carreira, aos olhos deles, havia começado com assassinato, continuado em impostura e recentemente

manchado com perfídia, tornou o encontro com ele cara a cara um sofrimento violento demais para ser submetido, quando por qualquer meio poderia ser evitado.

Nesta ocasião, o parecer, que, como já vimos,[Pág. 287] visto, não pode deixar de ter sido entretido por eles, a respeito de Paulo e suas pretensões à Revelação, e a uma participação igual à deles na confiança de Jesus, — não deve, por um momento, ficar fora de mente.

Toda a irmandade dos Apóstolos, — todos os outros, para quem, na época, qualquer coisa sobre o assunto era conhecida, acreditavam que sua história era, toda ela, uma pura invenção. Aos olhos deles, era uma fabricação: embora nós, a esta hora do dia — nós, que por nós mesmos não sabemos nada sobre isso, tomemos como certo que era tudo verdade.

Para provar a verdade disto, tudo o que temos são seus próprios relatos disto: seus próprios relatos, dados, alguns deles, por ele mesmo diretamente: o resto, em última análise, sendo ele a única boca da qual os relatos que vimos nos *Atos* poderiam ter sido derivados. Tendo tudo isto em mente, vamos agora formar nosso julgamento sobre o assunto, e dizer, se a luz, na qual os Apóstolos viam seu caráter e conduta, e o curso seguido por eles como acima, não era do começo ao fim, não apenas conforme aos preceitos de seu mestre, mas um modelo de paciência, tolerância e prudência.

[Pág. 288]

NOTAS DE RODAPÉ:

[45]Atos 18:11. "Ele permaneceu ali, em Corinto, um ano e seis meses."—18. "E Paulo ficou ali ainda bastante tempo, e então se despediu."

[46]Atos 19:10. "E isto continuou pelo espaço de dois anos; de maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos."

[47]Atos 20:22. "E agora, eis que vou constrangido em meu espírito para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá."

[48]Atos 20:23. "A não ser que o Espírito Santo, de cidade em cidade, testifique que prisões e tribulações me aguardam."

[49]Atos 20:24. "Mas em nada disto tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus."

Atos 21:13. "Então Paulo respondeu: Por que chorais e me quebrantais o coração? Pois eu estou pronto não somente a ser amarrado, mas também a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus."

[50]Gálatas ii. 2. "Subi por revelação."

[51]Em Atos 12:1, o Rei Herodes é de fato mencionado como tendo "estendido as mãos para atormentar alguns da Igreja, e matou", é dito, "Tiago, irmão de João, à espada". Então vem a história da prisão e libertação de Pedro. Mas a causa dessas aflições não teve nada a ver com religião: a prova é — nem pode haver outra mais conclusiva — a nenhuma causa são atribuídas.

[52]Atos 21:23, 24. "Temos quatro homens, dizem os apóstolos e anciãos, temos quatro homens que fizeram um voto: Toma-os, purifica-te com eles e faze as despesas para com eles."

CAPÍTULO X.

Paulo descrente continuou.—Sua Quarta Visita a Jerusalém continuou. Sua Chegada e Recepção.

Acusado por todos os Discípulos dos Apóstolos, ele começa um Juramento exculpatório no Templo. Arrastado por eles—resgatado por um Comandante Romano—enviado em Custódia para Roma.

SEÇÃO 1.

EM JERUSALÉM, PAULO É RECEBIDO PELOS ANCIÃOS E TIAGO, MAS POR NENHUM OUTRO APÓSTOLO.

Apesar do Espírito Santo oposto, apesar dos Apóstolos e seu profeta, lá está ele em Jerusalém. Agora vem um incidente, ou melhor, um relato, que é completamente curioso.

Em "Jerusalém", diz a história, "os irmãos nos receberam alegremente", Atos 21:17. Os irmãos? Que irmãos? Os irmãos, por quem Ágabo, com seu truque de encenação, foi enviado a uma jornada de cerca de sessenta ou setenta milhas, no esforço de mantê-lo à distância? Os milhares de judeus imediatamente mencionados? Aqueles judeus que, embora crentes em Jesus, não são os "menos zelosos da lei", e enfurecidos com Saulo por aquelas violações dela, das quais ele é acusado?

Que, por tais deles, se houver algum, por quem - pela aparência que ele fez, com sua comitiva, aconteceu de ficar mais ou menos intimidado - que por estes, uma aparência[Pág. 289] de alegria foi assumido, parece bastante crível: procure aqueles por quem ele poderia ter sido recebido com verdadeira alegria — eles não serão, ao que parece, muito fáceis de serem encontrados.

Não, até o dia seguinte após sua chegada, Paulo e sua comitiva se apresentam a qualquer autoridade nesta comunidade espiritual. A primeira pessoa, a quem, nesta ocasião, ele se apresenta, é Tiago: aquele dos Apóstolos, que, com exceção de Pedro, é a pessoa, e a única pessoa,

com quem Paulo, na ocasião de qualquer uma de suas visitas, foi representado como tendo conversado. Não com este Tiago — nem com quaisquer habitantes estabelecidos de Jerusalém — ele teve seu alojamento: apenas com Mnason,[53] um homem de Chipre, a quem, para que não faltasse alojamento, trouxeram consigo de Cesaréia. Desta chegada tão amplamente apreendida, houve tempo suficiente para ampla notificação: entre os governantes, aqueles que, assim como Tiago, escolheram vê-lo, estavam todos presentes. Quem eram eles? Os anciãos — "todos os anciãos". Dos apóstolos, nem um sequer, além de Tiago. Não se diga que, sob a palavra *anciãos* , os apóstolos deveriam ser incluídos: em outras ocasiões, nas quais os anciãos são mencionados, Atos 15:4; 6:23, os apóstolos são mencionados, como formando um corpo, distinto, como naturalmente seriam — distintos desses mesmos anciãos.

Cumprimentando as saudações, ele se dirige à assembleia naquele tom que lhe era tão familiar: vangloriando-se de vangloriar-se e, acima de tudo, vangloriando-se de não se vangloriar: "declarando", diz seu historiador; declarando? o quê? declarando qual era seu negócio[Pág. 290] em Jerusalém? declarando que serviço, aos seus olhos, a causa necessitava, de suas mãos? Não ele, de fato: para qualquer efeito, a declaração pode não ter sido tão fácil. O que ele declarou, e que " *particularmente* ", foi — quais "coisas Deus havia feito entre os gentios por seu ministério". Exatamente sobre isso, como em sua última visita anterior, — quando todos, exceto ele, estavam falando sobre a questão diante dele — Pedro de um lado; depois dele, Tiago do outro lado — nada, nem ele, nem seu companheiro Barnabé, são representados como dizendo, que pertença à questão; nada, mas "declarando quais milagres e maravilhas Deus havia feito entre os gentios por eles". Entre o que é representado, como tendo sido dito nas duas ocasiões, — uma diferença, e não mais do que uma, é visível. Na primeira ocasião, "milagres e maravilhas"; nesta última ocasião, nenhum milagre, nenhuma maravilha: — nada mais do que *coisas* .

Supondo que algum deles fosse particularizado, nem milagres nem maravilhas teriam, ao que parece, tido a sorte de obter credibilidade: por essa razão, ao que parece, nesta ocasião, toda menção a eles é omitida.

Ouvindo essas *coisas* , o que esses anciãos fizeram? Sendo coisas que "Deus", como foram informados, "havia feito", eles não podiam fazer menos do que glorificar "o Senhor". Atos 21:19-20. Como nas Epístolas de Paulo, assim aqui, em Atos, — *pelo Senhor* , é Jesus, que, até onde parece, é a pessoa, o tempo todo destinada a ser designada. Aqui, *Deus* , pode ser observado, é a pessoa, por quem todo o bem, que é feito, é feito: Jesus — o Senhor Jesus — a pessoa, que é *glorificada* por isso.

Fazer suas jactâncias era *o que lhes* cabia , mas subscrever essas mesmas jactâncias não era *o que lhes* cabia .

O negócio deles era informá-lo da tempestade de[Pág. 291] impopularidade, que por sua audácia ele havia trazido sobre si mesmo: para informá-lo da tempestade, e apontar o único curso, que, na visão deles do assunto, apresentava uma chance para sua fuga dela. "Tu vês,"—dizem eles,—"tu vês quantos milhares de judeus há que creem; e todos eles são zelosos da lei. E eles são informados de ti, que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a abandonar Moisés; dizendo que eles não devem circuncidar seus filhos, nem andar segundo os seus costumes," Atos 21:20. "O que é, portanto?" acrescentam eles, "a multidão deve necessariamente se reunir: porque eles ouvirão que tu és chegado."

SEÇÃO 2.

TOM BAIXO ASSUMIDO POR ELE NESTA OCASIÃO.

Em mais de um aspecto, notável — e não pouco instrutivo — é o relato que temos desta última visita registrada e, em

particular, no que diz respeito à recepção que ele teve por parte dos poderes governantes da Igreja.

Em alguns aspectos, é mais especialmente confiável, já que, nesta importante reunião, o autor dos Atos, se é que podemos acreditar, estava presente.

A primeira circunstância notável é que, nesta ocasião, Paulo, o apóstolo autoeleito, em vez de assumir a liderança e apresentar seus companheiros, fica para trás e é apresentado *por eles* : tal era a flexibilidade com que, mesmo nesta expedição de invasão e conquista projetada, uma expedição empreendida,[Pág. 292] apesar de tudo o que poderia ser feito, tanto por parte dos objetos pretendidos da conquista, quanto por parte de seus próprios adeptos — tal era a flexibilidade com que esse homem, entre cujas ostentações estava a de ser tudo para todos os homens, conseguia se curvar às circunstâncias.

Atos 21:15-18. "E depois daqueles dias, tomando os nossos carros, partimos para Jerusalém. E foram conosco também alguns dos discípulos de Cesaréia, e trouxeram consigo um certo Mnasom, de Chipre,um velho discípulo, com quem deveríamos nos hospedar." Em Jerusalém, nem mesmo uma casa, para abrigá-los, eles poderiam ter tido certeza, mas por este velho discípulo — compatriota, do antigo patrono de Paulo, o Filho da Consolação, Barnabé. Nem mesmo com ele eles poderiam ter tido certeza deste sinal de amizade, se ele não fosse já do seu grupo, ou se tivesse se destacado para encontrá-los e dar-lhes a garantia: embora, em Cesaréia, — por alguma causa, da qual, embora o efeito seja trazido à tona, nenhuma intimação é dada, — eles tiveram a sorte de obter uma recepção hospitaleira, Atos 21:8, na casa de Filipe. Este, no entanto, seja observado, não era Filipe, o Apóstolo, se pode ter sido Filipe, denominado aqui o Evangelista: — um dos sete curadores, ou diretores, Atos 6:5, a quem, com seus seis colegas, sob o nome, tão inexpressivamente traduzido, em inglês, pela palavra *Diáconos* , — a gestão de o fundo comum havia sido

comprometido pelos sufrágios dos discípulos, deve ser deixado para conjecturas.

17. "E quando chegamos a Jerusalém, os irmãos," Atos 21:17, " *nos* receberam alegremente." Quais *irmãos* ? Os apóstolos, ou qualquer um deles? Não: Os anciãos? Não. Quem então? — Quem, senão aqueles dos membros da Igreja, como, não obstante a repugnância geral, — como testificado em Tiro, e depois,[Pág. 293] pelo profeta Ágabo, em Cesaréia, — poderia, pela influência do cipriota Mnason, ou de outra forma, ser persuadido a vê-los.

E *a* quem foi que esse tipo de recepção, qualquer que fosse, foi oferecido? Foi a Paulo? Não: foi àqueles *que* , em outras ocasiões, estavam com *ele* ; mas, com *quem* , nesta ocasião, sua prudência forçou seu orgulho a se submeter.

Testemunhe o próximo versículo, Atos 21:18; "E no dia seguinte", não até o dia seguinte, "Paulo foi conosco ter com Tiago." *Com eles* — com esses seus assistentes — Paulo, então e ali, entrou: — não *eles com ele* .

Na casa de Tiago — observe bem, agora — quem eram as pessoas presentes? Resposta — "todos os anciãos". Mas, visto que esses anciãos estavam, *todos* eles, presentes — observe, dentro do compasso dos dois fragmentos de dois dias — aviso, para e por todos eles deve ter sido dado e recebido: pois acaba de ser visto, se, entre qualquer um deles, por um lado — e Paulo, ou, tanto quanto qualquer um de seus assistentes, por outro — poderia ter havido qualquer tipo de bom entendimento, a ponto de ter produzido qualquer interação pessoal, mas na ocasião da reunião geral e formal: uma reunião, que — como será visto em breve — tinha, por seu único objetivo, impor a ele, no caso de sua continuação em Jerusalém, uma obrigação: uma obrigação — para um homem em suas circunstâncias — foi visto, de quão perigosa e repulsiva é a natureza.

Tal, então, foi o aviso, de ter trazido ao local, todos os Anciãos — Todos os Anciãos? — bom. Mas, esses *Anciãos* — Anciãos entre os *discípulos em comum* —

em uma ocasião como esta, o que *eles* eram em comparação aos Apóstolos — os únicos servos escolhidos conhecidos e companheiros constantes de Jesus?[Pág. 294] Bem, então, enquanto—nessa reunião—essa reunião formalmente convocada—aqueles Anciãos estavam, cada um deles, presentes—qual era o número de *Apóstolos* presentes? Resposta—Além de Tiago, nenhum.

E — por que James? — manifestamente porque foi na casa *dele* que a reunião foi realizada.

E — por que em *sua* casa? Porque, na ocasião e para o propósito do *tratado de partilha* , — aquele tratado, tão necessário para a paz da Igreja, — por um lado; e, para a continuação do esquema de domínio de Paulo, por outro lado; — Tiago foi um, dos únicos três, que poderia suportar a visão do autodeclarado Apóstolo: Pedro e João, como foi visto, sendo os outros dois: — e, porque, quando, para o propósito de investir a reunião, aos olhos dos discípulos em geral, com o caráter de uma reunião do corpo administrativo governante — os Apóstolos, — menos do que aquela, se houvesse alguma, não poderia haver. Este, Tiago — sob a pressão da emergência atual — prevaleceu sobre si mesmo para ser: e, para ser uma relação tão incômoda — não obstante a obviedade da demanda por um número tão grande quanto possível, daquele corpo primariamente influente — de nenhum outro Apóstolo, a presença poderia ser obtida: nem mesmo de Pedro, que, em uma ocasião anterior, havia se obrigado a suportar a presença odiosa.

[Pág. 295]

SEÇÃO 3.

APÓS TODOS OS SEUS SUPOSTO MILAGRES, SEU SILÊNCIO PROVA QUE ELES SÃO IRRREAIS.

Agora, então, quanto aos *milagres* . Se Paulo tivesse, real e verdadeiramente, recebido de Jesus, qualquer apêndice e marca preeminente e característica do Apostolado, aqui, de todas as outras, era uma ocasião, na qual lhe interessava fazer prova disso. Aqui estava uma ocasião, na qual, com o desígnio, e para o propósito — o desígnio e propósito palpáveis, e quase universalmente e tão fortemente opostos — de constituir-se o superior dos Apóstolos, ele estava se apresentando — embora em circunstâncias de tal humilhação — no caráter de um igual, com quem eles tinham tratado em termos iguais. Aqui — a fim de impor silêncio a todos os opositores — aqui estava a ocasião, para ele trazer à vista do público, este mais importante de todos os itens na lista de suas credenciais. Os Apóstolos, a quem — sem nenhuma exceção, por Jesus, se o Evangelista, Marcos 16:15-18, for acreditado — esse poder tinha, antes de sua ascensão, sido transmitido, — esses, se algum, eram os homens — para não dizer os únicos homens — qualificados para formar um julgamento sobre a questão — se, por qualquer outro indivíduo, e, mais especialmente, pelo indivíduo diante deles, ou seja, por este seu colega autodeclarado, qualquer poder extraordinário tinha, em qualquer, e qual, ocasião, sido exercido ou possuído. De todas as ocasiões imagináveis, esta era a única em que ele tinha mais em jogo, em ser capaz de fazer prova de uma dotação tão incomparável: — de uma dotação, que no caráter de um[Pág. 296] prova, em apoio a todas as suas alegações, teria sido, pela sua própria natureza, tão perfeitamenteirresistível.

Bem, então: esta prova de seu título — ele usou todos os esforços, ou fez alguma oferta, para produzi-la? Não: não tanto ele se aventurou, como, em quaisquer termos mais gerais, para afirmar, ou, tanto quanto insinuar, a existência dela. De acordo com sua própria declaração, qual era a descrição geral dos sinais trazidos por ele, com o propósito de obter aceitação? Eram *sinais e maravilhas* ? Oh, não! Seu historiógrafo, de fato — nessa, ou em qualquer outra

frase indeterminada e convenientemente ambígua — seu historiógrafo, a cerca de vinte ou vinte e sete anos de distância, poderia se aventurar, Atos 14:3, a falar de suas façanhas — dos efeitos produzidos por seus esforços: nos mesmos termos, ao escrever para seus discípulos coríntios, ele poderia, até mesmo ele mesmo, se aventurar, por uma vez, a falar de suas próprias façanhas.[54] Mas, diante de uma assembleia, assim composta, essa ostentação era frouxa e convenientemente ambígua, como era, aos seus olhos, demais para se aventurar. Atos 21:19 — Veja aqui a passagem: "E, havendo-os saudado, declarou particularmente" — o quê? o quê — sinais e maravilhas? Não: mas simplesmente — "as *coisas que* Deus fizera entre os gentios por seu ministério".

[Pág. 297]

Se ele tivesse arriscado tanto quanto a expressão geral de sinais e maravilhas — bem, e quais eram esses sinais e maravilhas? Dê-nos, de qualquer forma, algo como uma amostra deles? Em qualquer um deles, havia algo sobrenatural? Qualquer coisa — além do sucesso, do sucesso extraordinário — devemos entender, seus esforços foram acompanhados? Perguntas, com algum efeito como este, que, em uma assembleia, assim composta, se ele tivesse se aventurado em tais expressões, ele não poderia deixar de esperar que ficasse incomodado.

As ocorrências que, no curso dela, no caráter de *milagres* , ele se aventurou a apresentar à vista, terão sido vistas em seu lugar e ordem. No entanto, — não obstante a menção ali feita respectivamente e separadamente delas — nenhuma menção delas ele, no relato dado por ele da reunião, se aventura a colocar na boca de seu líder. Por quê? Porque — visto que, pelo próprio Paulo, nenhuma pretensão foi ousada a ser feita — a reunião era muito importante e muito notória para torná-la segura para avançar qualquer questão de fato; a face sendo falsa; ou, que quaisquer pretensões desse tipo foram realmente feitas.

Mas, aqui surgem duas perguntas.

1. Se tais milagres tivessem realmente sido realizados, seria da natureza das coisas que, nesta ocasião, Paulo tivesse omitido toda menção a eles? Até mesmo a mais distante alusão a eles?

2. Se tal intimação tivesse realmente sido dada pelo próprio historiador, seria da natureza do caso que, nesta ocasião, tendo ele sido uma das testemunhas em cuja presença as acusações foram cometidas, todas[Pág. 298] a menção de tal intimação deveria ter sido omitida?

Bem, então — suponha que para ambas as perguntas, seja uma resposta negativa ou a verdadeira, a consequência é clara — nenhum desses milagres foi feito. No entanto, em sua narrativa, esse homem — exibindo-se, ao mesmo tempo, no caráter de uma testemunha *perceptiva* , em relação a eles — aventurou-se a afirmar a existência, um após o outro, de toda a lista desses milagres particularizados, para não falar do conjunto de milagres não particularizados.

SEÇÃO 4.

ACUSADO PELOS DISCÍPULOS, ELE COMEÇA, POR RECOMENDAÇÃO DOS APÓSTOLOS, UM JURAMENTO EXCULPATÓRIO NO TEMPLO.

Sendo tal o perigo aos seus olhos; agora vem seu expediente para detê-lo. É algo completamente curioso: e entre aquelas pessoas denominadas *anciãos* — todos os anciãos — para todo cristão sincero e piedoso será naturalmente motivo de não pequena satisfação que ninguém de toda a irmandade dos Apóstolos seja encontrado.

De acordo com a descrição aqui dada, o expediente é de tal tipo que, não fosse a ocasião em que é representado como

sendo proposto, dificilmente seria possível adivinhar o que se quer dizer; o que foi proposto que fosse feito; ou, seja o que for, qual poderia ser o uso ou efeito disso?

“Fazei, pois, isto”, Atos 21:23, continua o discurso atribuído a estes anciãos, “fazei, pois, isto que te dizemos: temos quatro homens que têm[Pág. 299] um voto sobre eles: — Toma-os, e purifica-te com eles, e sê responsável com eles, para que rapem as suas cabeças: e todos saibam que aquelas coisas de que foram informados nada são; mas que tu também andas ordenadamente e guardas a lei. — Quanto aos gentios que creem, escrevemos e concluímos que eles não observam tal coisa, exceto que se guardam das coisas oferecidas aos ídolos, e do sangue e da fornicação. — Então Paulo", acrescenta-se, "tomou os homens, e no dia seguinte, purificando-se com eles, entrou no templo para significar o cumprimento dos dias de purificação, até que uma oferta fosse oferecida por cada um deles."

Nos termos do historiador, a questão da acusação em questão é esta: a saber, "que tu", falando a Paulo, "ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a abandonar Moisés": então, ela se divide em dois ramos: um é que "eles não devem circuncidar seus filhos"; o outro é que "eles não devem andar segundo os costumes": *isto é* , conformar-se a qualquer parte das observâncias habituais - atos e tolerâncias juntos - prescritas pela lei mosaica.

Tal é a acusação: tal é o ato imputado a ele, no caráter de uma ofensa: o ensino da doutrina em questão.

Em relação à questão — se a doutrina que ele assim diz ter ensinado, realmente já foi ensinada por ele — muito dependerá da diferença entre simples *permissão* e *proibição* : em inglês, da diferença entre *need not* e *ought not* . Se — na doutrina, cujo ensino é assim imputado a ele como um crime — a simples *permissão* foi incluída — se, ao falar dos convertidos[Pág. 300] em questão, o ditado era — que eles não *precisavam* circuncidar seus filhos — que eles

não *precisavam* andar segundo esses costumes — isso e nada mais; — neste caso, que a acusação, tal como é, era verdadeira, está completamente fora de dúvida: — se, por outro lado, o ato do qual ele foi acusado, foi tão longe a ponto de ensinar que eles não *deveriam* circuncidar nenhum de seus filhos, ou que eles não *deveriam* andar segundo os costumes prescritos na lei mosaica — nesta suposição, a verdade da acusação não será, de qualquer forma, tão clara quanto no outro caso.

De acordo com a tradução em inglês, aquilo que é acusado como uma ofensa, não foi cometido, a menos que, na doutrina ensinada, uma *proibição* direta estivesse contida: para uma doutrina que importa nada mais do que uma simples *permissão* para se abster dos atos e tolerâncias em questão, a acusação não teria nenhuma aplicação. Não tão inequívoco, no entanto, é o original grego; seja por proibição, seja por ampla permissão, a doutrina acusada como criminosa poderia ter sido ensinada.

Essa é a descrição da prática repugnante da qual Paulo é aqui acusado: a prática pela qual o ódio é declarado como tendo sido incorrido.

Mas essa culpa imaginária, em que visão eles a mencionam como imputada a ele? Nessa visão evidentemente, a saber, que por recomendação deles ele pode tomar aquele curso, pelo qual, na visão deles, ele escapará da ira da qual ele se tornou o objeto. O efeito assim visado é, — que a indignação da qual ele é o objeto, pode ser feita cessar. Como fazer cessar? De uma ou outra das duas maneiras: pois a natureza do caso não admite nenhuma outra: ou provando que *aquilo* que ele supostamente ensinou, na verdade nunca foi[Pág. 301] ensinado por ele, e assim, que nenhuma ofensa como a que lhe foi acusada, de fato, havia sido cometida por ele; ou que, se tal ofensa tivesse sido cometida, a prática recomendada poderia ser aceita como uma *expiação* : ou melhor, como uma garantia de que qualquer coisa em sua conduta passada que os tivesse ofendido, não seria repetida por ele no futuro.

Quando a suposta prática corretiva foi explicada, então imediatamente depois vem, vemos, uma indicação mais particular dos bons efeitos, para a produção dos quais é recomendada. Estes são, em primeiro lugar, que, quaisquer que tenham sido as doutrinas que ele foi encarregado de ter ensinado, será geralmente conhecido que nenhuma dessas doutrinas foi ensinada por ele: em segundo lugar, que será conhecido da mesma maneira, que por ele mesmo nenhuma ofensa habitual como a de uma violação habitual da lei em questão foi cometida.

Tais são os efeitos, declarados como resultantes da realização da cerimônia, cuja realização lhe foi assim recomendada.

Vemos esta cerimônia: e o que vemos ao mesmo tempo é que ela não poderia ser, pela sua natureza, produtiva de tais efeitos.

Aqui está uma certa doutrina, que ele foi acusado de ter ensinado. Se o caso fosse, que ele a tivesse ensinado; que ele tivesse se purificado tão puramente, o que quer que fosse significado por purificação, — que ele tivesse se purificado tão completamente, que ele tivesse pago tanto dinheiro, que ele tivesse raspado sua cabeça tão rente, — por qualquer, ou todos esses supostos atos meritórios, como isso poderia ser causado, para não ter acontecido, o que de fato aconteceu? Por quais meios eles poderiam fornecer provas de sua realização de qualquer cerimônia, além dessas mesmas cerimônias de purificação?

[Pág. 302]

Quanto ao propósito de promover o interesse temporal do indivíduo em questão, ou seja, removendo a carga de ódio com a qual, naquele momento, parecia que ele estava sobrecarregado, até que ponto, em relação a esse objetivo, o expediente prometia ser uma cura eficaz, é mais do que podemos encontrar qualquer base para dizer neste momento; quanto a quaisquer bons propósitos de qualquer outro tipo, que não era da natureza dele ser produtivo de

qualquer forma, pode ser pronunciado sem muito perigo de erro.

Aqui, pelo menos, havia uma cerimônia — uma cerimônia cujo objetivo era — aplicar, com o propósito de garantir a subserviência, o poder da sanção religiosa.

O objeto, ao qual se pretendia aplicar essa forma, vem, pode ser visto, sob a denominação geral de um *juramento* . Um juramento é assertivo ou promissório: se for um juramento do tipo promissório, é chamado de *voto* . Um juramento que não é um voto não pode respeitar nada além do que é passado: sobre o que é passado, nenhum ato humano pode mais exercer qualquer influência. Um *voto* tem respeito a algo futuro — à conduta futura daquele por quem o voto é feito: e a essa conduta um homem, ao e pela tomada do voto, se compromete a dar a forma ali mencionada.

Portanto, o que quer que essas cerimônias fossem em si mesmas, muito parece bastante claro, a respeito do efeito imediato que elas foram projetadas para responder: ou seja, a entrega de uma certa espécie de *evidência* , ou a celebração de um *compromisso* para um certo efeito: a evidência sendo uma negação do ato acusado; o compromisso, uma promessa de não praticar quaisquer atos do tipo em questão no futuro.

Qualquer que tenha sido o efeito procurado e pretendido pela cerimônia, sabemos muito bem que, se a[Pág. 303] historiador aqui deve ser acreditado: a saber, que, em conformidade com o conselho, Paulo se dedicou à execução dele.

Mas, ao fazê-lo, também sabemos o seguinte: a saber, que ele consentiu e se dedicou a uma de duas coisas: um ato de perjúrio, se o efeito da cerimônia fosse transmitir uma afirmação de que ele nunca havia ensinado que um judeu, ao ser convertido à religião de Jesus, não *precisaria* circuncidar seus filhos ou andar segundo os costumes mosaicos; um ato de apostasia, se o efeito disso fosse um compromisso de nunca mais ensinar essa mesma

doutrina; um ato de apostasia — e para quê? Apenas para se salvar do descontentamento com ele por motivos injustos por um grupo de discípulos mal aconselhados e inconsistentes.

Sob o título geral das *Doutrinas de Paulo* , título particular *Fé e Obras* , será visto o esforço que ele teve, em tantas ocasiões, para extirpar do peito dos homens, gentios e judeus juntos, todo respeito pela lei mosaica — para fazê-los, nas palavras da acusação, *abandonar Moisés* . "Pelas obras da lei", diz ele em sua carta aos Gálatas, Gálatas 2:16, "pelas obras da lei nenhuma carne será justificada".

Nesta mesma carta, e no mesmo parágrafo, — ele fala, de um discurso que ele tinha feito, de uma repreensão que, em Antioquia, ele tinha dado a Pedro: — dada a ele, em um ponto do tempo muito antes do tempo aqui em questão, a saber, o de sua última visita precedente — sua terceira visita a Jerusalém, — sendo esta a quarta. Vejamos, mais uma vez, em que ocasião, e por qual causa, esta repreensão: seremos, assim, mais capazes de julgar — até que ponto, supondo que a cerimônia tenha o efeito de um juramento assertivo — até que ponto esse juramento pode ter sido conforme à verdade.

[Pág. 304]

Falando de Pedro, "Houve um tempo", ele diz, "em que ele comia com os gentios; mas em Antioquia, como acima, chegaram algumas pessoas da parte de Tiago": Gálatas 2:12, 13, e então foi que "ele, Pedro, se retirou e se separou, temendo os que eram da circuncisão. — E os judeus", continua ele, "dissimularam também com ele; de modo que também Barnabé foi levado pela dissimulação deles." De seu retorno ao judaísmo, ou pelo menos da dissimulação que o acompanhou, qual é o julgamento que, se ele deve ser acreditado, ele pronunciou? Resposta, que ao fazê-lo "eles não andaram retamente de acordo com a verdade do Evangelho." Por isso é que ele acusou Pedro de inconsistência, e o reprovou por isso: "Porque", diz ele, "ele

era repreensível." Gálatas 2:14. "Quando vi que não andavam retamente, segundo o Evangelho, disse a Pedro, diante de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, por que obrigas os gentios a viverem como os judeus?"

Diante de mim está um livro de Thomas Lewis, MA, em quatro volumes de 8vo, intitulado *Origines Hebraicae* . Neste livro, sob os títulos *Voto* e *Purificação* , minha expectativa era encontrar alguma explicação sobre este assunto: como também sobre o outro *voto* feito por Paulo em Cencréia, Atos 17:18, no intervalo entre sua terceira visita a Jerusalém e esta quarta: mas nenhuma menção é feita a nenhum dos dois: nem aparece nada pelo qual qualquer luz possa ser refletida sobre qualquer um.

Sobre os quatro homens, que, em cumprimento à recomendação em questão, Paulo teria levado, para que pudesse "purificar-se junto com eles", o efeito pretendido da cerimônia em questão é dito ser — a realização ou execução de um *voto* . Mas, pela circunstância de ser um voto em[Pág. 305] no caso deles, não se conclui absolutamente que não tenha sido um juramento — um juramento assertivo, no caso dele.

Em Jerusalém, para tomar ou cumprir um voto, um homem era recebido no templo: — um distrito muito mais extenso, ao que parece, do que o distrito chamado *Rules of the King's Bench* em Londres: pelo relato dado por Lewis, bem como por este, — parece que, em todas essas ocasiões, taxas eram cobradas pelos sacerdotes. Quanto aos quatro homens aqui em questão — já tendo, como é declarado, um voto sobre eles, mas nada feito em consequência ainda — parece que foi pela pobreza que eles até então foram impedidos de realizar seu propósito: em cuja suposição, Paulo sendo o chefe de um partido considerável, e como tal tendo um comando de dinheiro, — parte da recomendação parece ter sido — que, para adquirir a reputação de liberalidade, ele deveria abrir sua bolsa para esses seus companheiros propostos e pagar suas taxas.

Na ocasião em questão, qualquer que tenha sido o propósito e o efeito pretendido da cerimônia, o que aparece no versículo 27 de Atos 27 é que sete dias foram considerados necessários para sua realização: não há menção disso em Lewis.

Nesta ocasião, pelo autor dos Atos, mais uma vez é mencionado o decreto conciliatório dos Apóstolos e Anciãos. Ainda assim, nenhuma sílaba sobre isso pode ser encontrada em qualquer Epístola de São Paulo, ou em qualquer outra das Epístolas Apostólicas que chegaram até nós.

Humanamente falando, em que motivos, em que circunstâncias, em que considerações, diremos, que as causas, finais e eficientes, deste temperamento, deste *mezzo termino* , deste meio termo, devem ser encontradas? A resposta que se apresenta é a seguinte:

[Pág. 306]

Dois obstáculos deveriam ser evitados: os escrúpulos dos judeus convertidos e a refratariedade dos gentios. No que diz respeito à abstinência de festas idólatras e de carne com todo o sangue, morta e preparada de uma maneira diferente daquela praticada entre os judeus, a conformidade, foi julgada, não precisa ser dispensada, nas mãos dos gentios: e, enquanto eles se contentassem com carne morta e preparada segundo o modo judaico, os professores judeus poderiam, sem ofender seus judeus convertidos, ter a conveniência de participar das mesas dos gentios convertidos. Quanto ao resto, o trem interminável de observâncias habituais, pelas quais uma parte tão grande da vida de um homem era ocupada e atormentada, nem essas pragas permanentes, nem a praga iniciática da circuncisão, embora o assunto de um minuto e realizado de uma vez por todas, foram consideradas suportáveis: nem sobre si mesmo nem sobre seus filhos um homem se submeteria a tê-la praticada.

Afinal, se o autor dos Atos for acreditado, foi pelos judeus da Ásia, e não pelos de Jerusalém, que, em Jerusalém, o tumulto foi levantado, pelo qual esta purificação de Paulo foi tornada incompleta, e sua estadia em Jerusalém foi interrompida: ele foi removido para julgamento em Roma; lugar em que a história o deixa e conclui.

Do comportamento observado pelos cristãos de Jerusalém, naquela ocasião — apóstolos, anciãos, diáconos e irmãos comuns, todos juntos — nada é dito. No entanto, destes, havia muitos milhares no local, Atos 21:20: todos eles, é claro, informados sobre o lugar — o lugar santo — no qual, por recomendação dos anciãos, Paulo havia se posicionado. Pelos judeus da Ásia, "todas as pessoas nesta ocasião foram agitadas", Atos 21:27: no entanto, entre tantos[Pág. 307] milhares, nenhuma proteção, nem qualquer esforço para lhe dar proteção, pois qualquer coisa que pareça, ele experimentou. No entanto, foi a Ásia que tinha sido, com a exclusão da Judeia, o teatro de seus labores: da Ásia foi que o trem de atendentes que ele trouxe consigo, veio — veio com ele para esses irmãos — "os irmãos" — como se tivesse sido dito, *todos* os irmãos — por quem, de acordo com o autor dos Atos, eles foram "recebidos tão alegremente".

Neste período termina tudo o que, na ocasião presente, será necessário dizer, desta última visita registrada a Jerusalém. Dos dois relatos inconsistentes que se diz terem sido dados por ele sobre sua conversão — um para a multidão de Jerusalém, o outro para o rei Agripa — nota completa foi tomada sob o título de sua conversão: dos milagres atribuídos a ele em Malta, menção é feita aqui, no capítulo destinado à história de seus supostos milagres. De quaisquer outros atos ou ditos subsequentes dele, nenhuma nota precisará ser tomada neste lugar. O assunto aqui em questão tem sido — o tipo de relação, declarada como tendo ocorrido, entre este apóstolo autoconstituído e aqueles que, sem controvérsia, foram constituídos como tal por, e viveram como tal com, o próprio Jesus: e a isso foram incidentalmente adicionadas as causas, que têm se

apresentado continuamente, para suspeita, em relação à veracidade e autenticidade, ou ambas, da história que, sob o nome de Atos dos Apóstolos, chegou até nós, conectada pelas operações do encadernador, no mesmo volume com as várias histórias dos quatro evangelistas e as epístolas — não apenas do próprio Paulo, mas de outros entre os apóstolos; e com a obra denominada, como que em escárnio, " *As Revelações* ".

[Pág. 308]

SEÇÃO 5.

O DESIGN DESTA RECOMENDAÇÃO É JUSTIFICADO.

Mas os Apóstolos — diz alguém — o que devemos pensar dos Apóstolos? Se por Paulo um *perjúrio* foi assim cometido, não eram eles — todos os que se juntaram a essa recomendação — tantos *subornos* desse mesmo perjúrio?

A resposta, espera-se, pelo menos pela maioria dos leitores, foi antecipada. — Sim ou não, se assim for, que era a expectativa deles que ele o cometeria: não, certamente; se fosse a expectativa deles — a expectativa garantida deles — que ele *não* o cometeria: que, mesmo em sua pessoa, mesmo depois de tudo o que testemunharam nele, a união de devassidão e precipitação nunca chegaria a um nível tão alto. A necessidade que eles tinham de se livrarem de sua presença era extrema: — de *se* livrarem — e, o que era muito mais, de sua *causa* . Ficar na mesma cidade e na mesma companhia deles, ele não poderia, — sem ser seu *adversário* conhecido , ou seu *associado* conhecido . Seu *adversário* conhecido ele não poderia ser, sem continuar a ser um objeto de horror universal, ou então torná- *los* objetos de horror, para todo o corpo de seus discípulos. Seu *associado* ele não poderia ser, sem envolvê- *los* naquele ódio, com o qual ele próprio estava, pela confissão de seu próprio adepto e historiógrafo,

coberto. Nestas circunstâncias, para não falar da causa da humanidade, para salvar *a si próprios* e *à sua* causa da destruição, que caminho poderiam eles tomar, tão gentil e, ao mesmo tempo, aparentemente tão certamente eficaz, como o[Pág. 309] propondo-lhe este teste? — um teste que nenhum homem poderia esperar racionalmente que qualquer homem em suas circunstâncias faria.

SEÇÃO 6.

ARRASTADO PARA FORA DO TEMPLO POR JUDEUS OU CRISTÃOS, ELE É SALVO POR UM GENTIO, NOMEADAMENTE, UM COMANDANTE ROMANO.

Com esta ocorrência conclui-se grande parte da história de Paulo, pois, com o propósito de aperfeiçoar a demonstração dada da descrença manifestada em relação às suas pretensões de uma relação sobrenatural com o Todo-Poderoso, foi considerado necessário antecipar aqui.

No que se refere ao capítulo 13, no qual os supostos milagres de Paulo são trazidos à tona, sua história é, quanto a todos os detalhes que pareciam necessários para o propósito da presente investigação, deduzida muito perto da época em que o historiador dos Atos, tendo-o conduzido a Roma, o deixa lá: deixa-o lá, e sem nenhuma outra observação, além de ter, na época em que a história se encerra, passado dois anos naquela capital, em uma espécie de estado ambíguo entre liberdade e confinamento: esperando receber, das mãos das autoridades constituídas, a determinação final de seu destino.

Enquanto isso, para que nada faltasse que pudesse ter contribuído para a elucidação de um ponto de tão suprema importância, segue no próximo capítulo uma visão conclusiva e mais particular dos motivos pelos quais, por ocasião de sua visita ao templo, a intenção de perjúrio

deliberado foi considerada necessária para ser imputada a ele.

[Pág. 310]

NOTAS DE RODAPÉ:

[53]Atos 21:16. "Foram conosco também *alguns* dos discípulos de Cesaréia, trazendo consigo um certo Mnasom, natural de Chipre, discípulo antigo, com quem nos havíamos de hospedar."

[54]2 Cor. 12:12. "Verdadeiramente os sinais de um apóstolo foram operados entre vocês com toda a paciência, em sinais, prodígios e milagres." Não que, pelas palavras designa e prodígios, quando usadas por Paulo, algo mais fosse significado, do que o que, mas alguns anos depois, estava, segundo ele, fazendo, ou prestes a ser feito, pelo Anticristo. 2 Tess. 2:9. "Aquele cuja vinda é, segundo a maneira de Satanás, com todos os poderes, e sinais, e prodígios de mentira." *Mentir* é, de fato, o adjunto prefixado, neste caso; mas, mentindo ou não mentindo, se Paulo for acreditado, eles não falharam em produzir o efeito pretendido por eles. Sinais e prodígios sendo uma coisa tão equívoca, não é de se admirar se — escrevendo em Corinto para ninguém sabe quais discípulos seus em Roma, 58 d.C., Rom. 15:18, 19, — ele poderia se aventurar, se isso fosse ousado, a falar do que ele estava fazendo em Jerusalém e Ilírico, nos mesmos termos. "Pois eu não ousarei falar, diz ele, de nenhuma daquelas coisas que Cristo não fez por mim, para fazer os gentios obedientes por palavra e ação. — Por meio de poderosos sinais e maravilhas, pelo poder do Espírito de Deus; de modo que desde Jerusalém e arredores, até Ilírico, tenho pregado plenamente o Evangelho de Cristo."

CAPÍTULO XI.

Paulo descreu e continuou. — A quarta visita de Paulo a Jerusalém continuou. — Perjúrio era o propósito do juramento exculpatório iniciado por ele no Templo.

SEÇÃO 1.

PROVA GERAL DO PERJÚRIO NOS ATOS.

Vimos a indignação produzida pela invasão de Paulo no domínio dos Apóstolos: vimos que ela foi levada ao seu auge, por seu início e perseverança na cerimônia exculpatória, para o propósito da qual ele fez sua entrada e se hospedou no templo. Vimos os frutos dessa mesma indignação: vimos o resultado geral deles. O que resta é — dar uma concepção mais clara e explícita, do que pode ter sido dada até agora, da causa *disso* .

Isto era — nem mais nem menos do que uma persuasão universal — que a afirmação — à qual, da sua parte, esta cerimónia tinha por objecto anexar a sanção de um juramento — era, até onde sabia, falsa: o juramento empregue era, na sua forma, incomparavelmente mais impressionante do que qualquer outro que se tenha conhecido em qualquer altura em uso, neste ou em qualquer outro país; e que, consequentemente, a confirmação dada à falsidade, na e por meio daquela cerimónia mais elaborada e conspícua, era um acto de[Pág. 311] *perjúrio* : de perjúrio, mais deliberado e descarado, do que qualquer coisa, da qual, nestes dias, qualquer exemplo pode ter lugar.

Que, nessa ocasião, a conduta do autoproclamado Apóstolo foi manchada com perjúrio, é uma questão, cuja intimação inevitavelmente já foi dada, em mais partes talvez desta obra do que uma. Mas, para um suporte a uma acusação, que, se verdadeira, será por si só tão completamente destrutiva das pretensões de Paulo — de todo título de respeito, nas mãos

de todo professor da religião de Jesus — nenhum pequeno corpo de evidência poderia ter sido suficiente.

Para este propósito, vamos, em primeiro lugar, reunir as várias posições elementares, cuja prova ou explicação pode ser considerada necessária e, ao mesmo tempo, suficiente para garantir, neste caso, um veredicto de *culpado* .

A essas acusações, é imediatamente anexada tal parte da evidência, como é fornecida, pelo relato do assunto, conforme dado nos Atos: em outra seção será apresentada a evidência, fornecida pelo próprio Paulo, em suas Epístolas. A evidência dos Atos é do *tipo circunstancial* : a evidência das Epístolas é *direta* .

1. A Paulo foi imputado como um delito, o ter recomendado o abandono da lei mosaica. Recomendado, a saber, a tais discípulos seus que, tendo nascido e sido criados sob ela, foram encontrados por ele estabelecidos em alguma nação gentia. Prova, Atos 21:21, ... "Eles," 'os judeus que creem,' ver. 20, "são informados de ti, que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a abandonar Moisés, dizendo que não devem circuncidar seus filhos, nem andar segundo os costumes."

2. Em grande medida, a imputação foi bem[Pág. 312] fundamentado: pois, em grande medida, tinha sido sua prática, dar a recomendação assim descrita. A prova desta posição seguirá em breve.

3. Por Paulo, a verdade desta imputação foi completamente negada: negada pela afirmação negatória oposta: e, a imputação sendo, como acima, bem fundamentada, na medida em que qualquer afirmação negatória desse tipo foi feita por ele, ele havia proferido conscientemente uma falsidade deliberada.

4. Como prova da sinceridade desta negação, foi proposto a Paulo, por parte dos Apóstolos e Anciãos, dar uma confirmação dela, através da realização de uma certa cerimônia apropriada.

5. A cerimônia assim proposta era universalmente entendida como tendo o efeito de anexar, a qualquer afirmação conectada a ela para esse propósito, a sanção de um juramento.

6. Sabendo que tal seria o efeito da cerimônia, ele deu seu consentimento à proposição e determinou, por meio dela, anexar a sanção de um juramento à sua negação, como acima: e, portanto, a afirmação contida naquela negação, sendo, como acima, ao seu conhecimento, falsa, — cometer, naquela forma e maneira extraordinariamente solenes e deliberadas, um ato de perjúrio.

7. Em cumprimento a tal determinação, ele se dirigiu ao templo para esse propósito e ali permaneceu por vários dias: a conclusão do número necessário não foi impedida de outra forma, a não ser pela irrupção da multidão indignada, certa de que ele estava envolvido na prática de um perjúrio.

Prova das acusações 2, 3, 4, 5, 6, 7. Atos 21:23, 24, 26, 27, 28.

23. " *Nós* , os Apóstolos e os Anciãos, ou pelo menos o Apóstolo Tiago, ver. 18, temos *quatro homens* que fizeram um *voto* ;

[Pág. 313]

24. "Toma-os, e *purifica-te com eles* , e fica *encarregado* deles, para que ... *todos* saibam que as coisas de que foram informados a teu respeito *nada* significam ; mas *que* tu também andas ordenadamente e guardas a lei.

26. "Então Paulo tomou consigo aqueles homens e, *no dia seguinte, purificando-se com eles* , entrou no templo, para *assinalar* o cumprimento dos dias da purificação, até que fosse oferecida uma *oferta* por cada um deles.

27. "E, quando os *sete dias estavam quase a terminar* , os judeus da Ásia, vendo-o no templo, alvoroçaram todo o povo, e lançaram mão dele.

28. "Clamando: Homens israelitas, acudi! Este é o homem que por toda parte ensina a todos *contra* o povo, e *contra a lei* , e contra este lugar; e ainda introduziu gregos no templo, e *profanou* este lugar santo."

Da perjúrio da intenção de Paulo, uma breve prova, a saber, do tipo circunstancial, já é visível, na indignação excitada — sua intensidade, sua imoralidade e os frutos amargos dela. Será dito que não? Pois que a indignação teve, por sua causa adequada, o fato de ele ter falado com desprezo da lei em questão — sendo a lei da terra — e que, para essa imputação, a cerimônia, sendo, acima do cumprimento de um *voto* , não tinha referência? Certamente não: nenhuma interpretação desse tipo será considerada sustentável. É verdade que, pela persuasão de que ele estava lidando assim com a lei mosaica — por essa persuasão, sem necessidade de mais nada, a indignação pode muito bem ter sido produzida: mas só poderia ter sido pelo conhecimento de que, ao ser chamado a confessar ter feito isso, ou a negá-lo, ele tinha, desta forma mais extraordinária[Pág. 314] e modo universalmente conspícuo, dada continuidade e confirmação à sua negação — só poderia ter sido por *esse* conhecimento, que a excitação foi elevada a um nível tão alto. Pois, do que foi que a informação o havia acusado? Foi o abandono de Moisés. Qual foi o propósito, para o qual a recomendação foi dada a ele — a recomendação de realizar essa cerimônia? Foi a *purificação* de si mesmo, "para que todos pudessem saber" que a informação era infundada. "Que essas coisas", dizem os Apóstolos com os Anciãos a ele, "das quais eles", os milhares de judeus que creem, ver. 20, "foram informados contra ti não eram *nada* :" — "para *purificar-te* ", diz a tradução oficial: mais apropriadamente poderia ter dito *para limpar-te* : pois nesse caso, a ideia de uma *imputação* teria sido transmitida de forma bastante clara, embora apenas implícita: enquanto que, para algumas mentes, a ideia transmitida pela palavra *purificar* pode talvez não ser outra senão a de uma limpeza *geral* de todo o caráter, por meio

de algum processo físico, ao qual, em tantas mentes, o efeito psicológico em questão foi, pela influência do artifício sobre a fraqueza, anexado.

Tal então, a saber, a limpeza de si mesmo da imputação por uma confirmação tão solene da negação dela, tal era o propósito para o qual, nos termos mais inequívocos, sua realização da cerimônia foi recomendada: tal, portanto, era o propósito para o qual ela foi iniciada; tal, consequentemente, era o propósito para o qual ela teria sido consumada, não fosse a interrupção que ela experimentou: experimentada não por suas mãos, mas por mãos entre as quais, parece haver razão suficiente para acreditar, eram as mãos, se não das próprias pessoas por quem ela havia sido recomendada, pelo menos daquelas que até então estavam em uso para serem guiadas por sua influência.

[Pág. 315]

A esta interpretação, que objeção há que pode ser oposta? Se houver, pode ser apenas aquela que para algumas mentes pode talvez ser sugerida pela palavra *voto* .

Mas o fato é que essa palavra *voto* é uma tradução errada: a palavra correta deveria ter sido *juramento* . Por juramento, todos entendem, à primeira vista, uma declaração *assertiva* , não *promissória* : por *voto* , uma *promissória* , não *assertiva* . Mas uma declaração *assertiva* , como todos veem, é o único tipo de declaração que admite qualquer aplicação ao caso em questão. Por nada que, na situação de Paulo, um homem pudesse *prometer* fazer, além da realização da cerimônia, poderia ser dada qualquer evidência de um homem ter, ou não ter, feito isso e aquilo, em qualquer momento *passado* .

Que pelo que foi realmente feito, o que era essencial foi considerado como tendo sido feito, — é provado, pelo que é colocado na boca de Paulo em relação a este assunto, em sua defesa contra a acusação trazida posteriormente contra ele, perante o governador romano *Félix* , pelo porta-voz das autoridades judaicas constituídas, *Tertulo* . Aí está, que,

sem sombra de dúvida, o que ele está falando, é sua LIBERAÇÃO , como acima: pois ali também, a palavra na tradução oficial, assim como no original grego, é *purificada* : no pretérito, purificada. Sendo isto assumido, segue-se, como uma consequência necessária, que ou no curso daquela parte, que no momento da irrupção, já havia decorrido da cerimônia *de sete dias* , no templo; ou, o que parece mais provável, antes do início dela, uma declaração denegatória — uma declaração negando o fato acusado na acusação — havia sido feita: pois, que a cerimônia em si nunca foi realizada, é o que é expressamente declarado: — do prazo de sete dias declarado[Pág. 316] conforme necessário para sua realização, não mais do que uma parte, diz-se, havia decorrido, quando a interrupção final ocorreu.

Voltando ao tempo da entrada de Paulo no templo.

Assim, como foi visto, permanece o assunto, mesmo na face da tradução oficial em inglês. Mas no versículo 26, a palavra empregada no original grego, remove todas as dúvidas. "Então", diz a tradução, "Paulo tomou os homens, e no dia seguinte, *purificando-se* com eles, entrou no templo." Purificando-se, no tempo presente, diz a tradução: e, mesmo isso sozinho levado em consideração, o processo de purificação, seja lá o que for, pode ser suposto ter sido iniciado antes da entrada no templo, e como estando assim ainda em pendência, esperando a saída do templo para sua realização. Assim é que, na tradução, o verbo está no tempo presente, *purificando-se* : mas, no original grego, está no pretérito, *tendo* -se purificado: de modo que, no original, a purificação, seja lá o que for, é expressamente declarada como tendo, mesmo antes de sua entrada no templo, já realizada.

Note que, se o historiador for acreditado, ele teve, nesta ocasião, a oportunidade mais completa, de estar, da maneira mais particular, familiarizado com tudo o que se passava. Pois, quando, como acima, a recomendação foi dada a Paulo, em sua aparição diante do apóstolo Tiago e dos anciãos, — ele, o historiador, estava realmente presente, "E

no dia seguinte", diz ele, Atos 21:18, " *Paulo entrou conosco até Tiago* ; e todos os anciãos estavam presentes."

Supondo *que* a verdadeira interpretação — de que uso e efeito então, talvez se possa perguntar — foi a[Pág. 317] cerimônia, da qual o templo era o teatro? A resposta já foi dada. Não pode ter sido outra coisa senão a anexação, à declaração que havia sido feita, da sanção, de um juramento. Sem a cerimônia realizada no templo, a declaração era uma declaração *não* sob juramento, e como tal não era considerada evidência suficiente: — evidência, na forma que, diz o historiador, havia sido realmente necessária para o propósito: quando a cerimônia, da qual o templo era o teatro, havia sido realizada, e o último número de dias, necessário para sua realização havia sido encerrado; — então, e não antes, era considerada como tendo sido convertida na evidência apropriada e suficiente. Assim foi, que esta cerimônia de sete dias não foi mais do que um substituto elaborado para a cerimônia inglesa de beijar o livro, depois de ouvir a dúzia ou mais de palavras pronunciadas pelo funcionário oficial.

Nesta ocasião, a palavra grega traduzida pela palavra *voto* é uma palavra que em seu sentido comum era, entre os gentios e também entre os judeus, exatamente correspondente à nossa palavra *oração* . Mas, a ideia denotada pela palavra *oração* se aplica neste caso com não menos propriedade a um *juramento assertivo* do que a um *voto promissório* . Direta e completamente, ela não designa nenhum dos dois. Em ambos os casos, um endereço é feito a algum suposto potentado sobrenatural: em casos como o presente, implorando-lhe que aplique a sanção de punição ao indivíduo *orante* , no caso de falta de sinceridade de sua parte: neste caso, no caso de ele não ter feito o que, nesta ocasião, ele declara ter feito, ou, o que dá no mesmo, ele ter feito o que ele declara *não* ter feito: no outro caso, no caso de ele não fazer o que prometeu a[Pág. 318] fazer, ou fazer aquilo que prometeu *não fazer* .[55]

[Pág. 319]
[Pág. 320]

[Pág. 321]

Durante todo esse tempo, não é de forma direta, pode-se observar, que essa palavra *voto* é empregada, e a aplicação feita dela ao caso de Paulo: não ao falar do próprio Paulo em primeira instância, mas depois de falar dos *outros quatro homens* , a quem é proposto que ele tome como seus companheiros, em sua entrada no templo. "Temos quatro homens", Tiago e os Anciãos são levados a dizer, Atos 21:23, 24, "Temos quatro homens que fizeram voto sobre si mesmos: toma-os, e purifica-te com eles... para que... todos saibam que as coisas de que eles", a multidão, ver. 22, "foram informados a respeito de ti, nada são": não de outra forma, portanto, do que pelo caso em que esses quatro homens estavam, é o caso designado, no qual é proposto a Paulo se colocar.

Quanto ao caso em que esses quatro homens estavam, — não de outra forma senão por conta de sua conexão com o caso em que Paulo estava, — é de alguma forma importante? Uma suposição tão provável quanto qualquer outra parece ser — a de estarem no mesmo caso com ele: acusados, assim como ele, de ensinar "os judeus a abandonar Moisés:" pois, entre o caso deles e o dele, nenhuma intimação é dada de qualquer diferença: e, como o *"purificar-se"* é o que é recomendado a ele, assim é o que eles são declarados, como estando eventualmente comprometidos a fazer de sua parte. Se então, em *seu* caso, purificar-se significa — livrar-se de uma acusação feita contra *ele* , — então em seu caso deve naturalmente, para não dizer necessariamente, ter significado — livrar-se de alguma acusação feita contra *eles* . Além disso, quando, como acima, ele é, no original grego, declarado como tendo realmente se purificado, antes de sua entrada no templo, assim eles são igualmente; pois é " *com eles* ", que sua purificação é declarada como tendo sido realizada.

Assumindo isto, pode não ser impossível[Pág. 322] encontre um uso para a palavra *voto* , mesmo em seu sentido próprio — seu sentido *promissório : pois, o que se poderia supor é — que antes da entrada no templo, ao mesmo tempo com a declaração denegatória* , um *voto* foi feito — uma *promessa* solene — de entrar no templo, e de volta à declaração com a sanção de um juramento, passando pela cerimônia. Mas, visto que, na importação da palavra grega, nenhuma ideia, como a de uma *promessa* , é compreendida, — o único uso desta interpretação seria — salvar os tradutores da imputação de uma impropriedade, com a qual parece mais provável que eles sejam responsabilizados.

Durante todo esse tempo, da conduta de Paulo nessa ocasião, a que parte pertencia a culpa? — Certamente, não ao esforço de afastar os homens de seu apego às leis mosaicas: pois até aqui ele copiou Jesus; e ao copiar não foi contra, mas apenas além, do grande original. É verdade que, ao fazê-lo, ele serviu a seus próprios propósitos pessoais e mundanos: não menos, que, nessa subserviência, ele encontrou o incentivo pelo qual sua conduta foi determinada: pois, por mais forte que o apego dos homens continuasse a ser ao legislador morto, por mais forte que fosse ao pregador vivo. Mas, na medida em que a conduta de um homem é útil à humanidade em geral, certamente não se torna menos útil, ou menos louvável, por ele próprio ser incluído no número. A culpa estava então — não em ensinar os homens a abandonar Moisés: pois, até aqui, em vez de ser censurável, não havia nada em sua conduta que não merecesse elogios positivos. O que havia de errado em sua conduta — em que, então, consistia? Claramente nisso, e somente nisso: a saber, que, ao ser taxado de ter feito isso, — em vez de confessar e justificar, ele negou: e, tendo negado, não hesitou em acrescentar à falsidade o agravamento de tal[Pág. 323] perjúrio extraordinariamente deliberado e solene, como tem sido tão claramente visível. E, com que propósito cometer uma violação tão flagrante da lei da moralidade? Claramente, para nenhum outro, além de fixar-

se em Jerusalém, e perseverar em um projeto de ambição insana e egoísta, que, apesar das mais urgentes advertências que poderiam ser feitas por seus mais devotados adeptos, o trouxeram para lá: pois, ele tinha apenas que partir em paz, e os Apóstolos de Jesus teriam permanecido sem serem molestados, e a paz da Cristandade não teria sido perturbada.

Um artigo de evidência, que não deve ser deixado despercebido, é a parte tomada, nesta ocasião, pelo historiógrafo. Em nenhum lugar esta testemunha ocular assume a responsabilidade de declarar, em nenhum lugar sequer insinuar, que da acusação, assim feita sobre seu herói, havia algo que não era verdade: em nenhum lugar ele sequer insinua, que a declaração pela qual ele diz que Paulo se inocentou da acusação, e, como vimos, *antes de* sua entrada no templo com o propósito de aplicá-la pela sanção de um juramento, era algo menos que uma falsidade absoluta. Depois disso, ele faz uma defesa de Paulo diante de Félix;[56] ele faz uma defesa de Paulo diante de Festo;[57] ele faz uma defesa de Paulo diante de Festo e Agripa;[58] e, em nenhuma dessas ocasiões, a defesa é algo para o propósito. Ele, de fato, faz Paulo declarar que ele, Paulo, sempre foi um observador rigoroso das ordenanças mosaicas. Isso pode ter sido verdadeiro ou falso: mas, verdadeiro ou falso, era igualmente estranho ao propósito. Não improvável, era, em um grau considerável, verdadeiro: pois se, enquanto ele dava a outros judeus sua garantia de que as operações em questão, por mais penosas que fossem, não tinham utilidade, ele próprio continuava a suportar o fardo, apesar disso, a persuasão de seu conselho seria naturalmente aumentada pela manifestação assim dada de desinteresse. Pode, portanto, ter sido verdade: mas, falso ou verdadeiro, era igualmente estranho ao propósito: a questão era: não o que ele próprio havia feito; mas o que ele havia recomendado a outros que fizessem.

[Pág. 324]

[Pág. 325]

Assim — pelo que parece, por todas as pessoas que tinham os melhores meios de informação — a acusação feita contra ele foi *acreditada* — vejamos agora se não teríamos garantias de dizer — *conhecida* como verdadeira.

Quanto aos " *judeus da Ásia* " — e à menção feita a essa classe de homens como os instigadores do tumulto — pode-se derivar algum suporte disso para a inferência de que foi por outra coisa na conduta de Paulo, e não por qualquer perjúrio como o em questão, que o desabafo, assim dado à indignação, foi produzido?[59] Não, certamente: totalmente inconsistente seria qualquer suposição desse tipo, com a parte principal da narrativa. Quem quer que fossem as pessoas com quem a violência manual se originou; — quaisquer que fossem as reprovações lançadas sobre o invasor por outros motivos; — o propósito — o único propósito — pelo qual ele entrou na cerimônia, é tornado tão claro quanto as palavras podem fazê-lo. Foi a absolvição da acusação de ensinar os judeus a abandonar Moisés: e, supondo que o fato fosse admitido, tudo, no caminho da justificação, sendo, perante tal tribunal, manifestamente inadmissível, — de nenhuma acusação desse tipo era possível para ele se absolver, sem negar a verdade dela. Mas, de acordo com o historiador, confirmar essa negação, pela solenidade, qualquer que fosse, — era o propósito, e o único propósito, dela: disto, a afirmação negativa, contida na negação, sendo falsa, e, por aquele que a fez, conhecida como tal, — confirmando[Pág. 326] tal negação, pela solenidade, — chame-a de *juramento* — chame-a *de voto* — chame-a de qualquer outra coisa, — estava cometendo um ato de perjúrio: e, acreditar que tal negação era falsa, e ainda assim não acreditar que ele era culpado de perjúrio — de qualquer forma, na suposição da realização da solenidade — não era possível. Quão numerosas podem ter sido as outras causas de provocação, dadas por ele — quão numerosas podem ter sido as diferentes descrições de pessoas a quem elas foram dadas; — nenhuma refutação

poderia, por todas elas juntas, ser dada, por esta solenidade, à negação em questão, — supondo que fosse falsa.

Para o propósito presente, a única questão é — se, por Paulo, na ocasião em questão, um ato de perjúrio foi, ou não, cometido? Não — qual foi a causa, seja essa, ou qualquer outra, de qualquer indignação da qual ele era o objeto. Mesmo assim, pode-se permitir que um *voto* , no sentido em que é contraditório a um *juramento* , tenha sido realizado por ele, ou prestes a ser realizado — ainda assim não seria menos inegável que foi com o propósito de converter a simples declaração em uma declaração sob juramento, que ele entrou na solenidade: e que, portanto, se na simples declaração havia algo falso para seu conhecimento, a consequência é — que ao convertê-la em uma declaração sob juramento, ele se tornou culpado de perjúrio.

A observação, assim aplicada, ao que é dito sobre os " *judeus da Ásia* ", será vista como aplicável, e, com igual propriedade, ao que é dito sobre ele ser acusado de "trazer *gregos para o templo* ": e, em particular, sobre ele ser suposto ter trazido " *O Trófimo de Éfeso* ": e além disso, o que pode, neste último caso, ser observável, é que isso sobre os gregos é expressamente declarado como sendo[Pág. 327] uma acusação *adicional* , distinta da principal: nem sequer é declarado que, por qualquer importação desse tipo, por mais ofensiva que seja, qualquer efeito como aquele significado pela palavra *poluição* foi produzido.

Não parece totalmente destituída de probabilidade a suposição de que essas duas circunstâncias — sobre os judeus da Ásia e sobre Trófimo — podem ter sido lançadas por esse adepto de Paulo com o propósito de lançar uma nuvem de confusão e obscuridade sobre a acusação real; e se assim for, as duas circunstâncias, com a adição das três defesas diferentes, colocadas na boca do herói, nas três ocasiões diversas do esforço, devem ser reconhecidas como tendo sido empregadas, não totalmente sem sucesso.

Aqui, então, encerra-se aquela parte da evidência que, para fins de julgamento, a ser proferida a esta distância de tempo dos fatos, pode ser considerada como evidência *circunstancial* : na próxima seção, pode-se ver aquela parte que se enquadra na denominação de evidência direta.

SEÇÃO 2.

PROVAS DAS EPÍSTOLAS.

Chegamos agora à evidência *direta* : essa evidência — toda ela da própria pena de Paulo: — toda ela de suas próprias Epístolas. Consiste naqueles "ensinamentos para abandonar Moisés", que serão agora fornecidos, em termos tão inequívocos e tão ampla abundância, em e por aqueles frutos de sua eloquência nebulosa e astuta: — em primeiro lugar, em sua carta aos discípulos, que ele havia feito, ou esperava fazer em Roma: — data dela, de acordo com a cronologia recebida, cerca de quatro[Pág. 328] anos anteriores ao tempo aqui em questão: — em seguida, em duas cartas sucessivas aos discípulos, que, ao que parece, ele havia feito em Corinto: — ambos esses endereços, registrados, como pertencentes ao mesmo ano que o dos romanos. Além disso, em sua tão frequentemente mencionada Epístola aos Gálatas, matéria da mesma tendência pode ser encontrada. Mas, sendo esta última, de acordo com a mesma cronologia, de uma data posterior por alguns anos ao tempo, em que a acusação de ter pregado o tipo de doutrina em questão foi, na ocasião presente, feita, — não pertence à questão presente e, portanto, é deixada sem uso. E, no mesmo caso, é alguma matéria que pode ser encontrada em suas Epístolas aos Tessalonicenses.

1. Primeiro, quanto à “lei e aos costumes” mosaicos, tomados em conjunto.

Sobre este assunto, veja em primeiro lugar o que o juramentador disse aos seus *romanos* .

Romanos 15:14. "Eu sei, e estou certo no Senhor Jesus, que nada é de si mesmo imundo; a não ser para aquele que considera alguma coisa imunda, para esse é imunda."—— 17. "Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo."

Romanos 3:20. " *Pelas obras da lei nenhuma carne será justificada* diante de Deus, porque pela lei vem o pleno conhecimento do pecado."

Romanos 3:27, 28, 29, 30, 31. "Onde está então a jactância? Ela é excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé. —— Portanto, concluímos que o *homem é justificado pela fé, sem as obras da lei* . —— É *ele* Deus somente dos judeus? Não é também dos gentios? Sim, também dos gentios:—— Visto que há um só Deus, que justificará pela fé a circuncisão, e pela fé a incircuncisão. —— *Anulamos, pois* ,[Pág. 329] *a lei pela fé? Deus nos livre: antes, estabelecemos a lei.* "

Romanos 10:9. "... se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.[60] —— 12. Pois não há diferença entre judeu e grego, pois o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. ——Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo."[61]

Romanos 14:2. "... um crê que pode comer de tudo; outro, que é fraco, come legumes. — Aquele que come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come; porque Deus o acolheu. — *Um faz diferença entre dia e dia, e outro julga iguais todos os dias.*[62] "

1 Cor. 6:12. " *Todas as coisas me são lícitas* , mas nem todas as coisas convêm": ou margem *lucrativa* , "todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas. — *Os alimentos são para o estômago* , e *o estômago para os alimentos* ; mas Deus destruirá tanto um como os outros."

[Pág. 330]

1 Cor. 8:8. "Mas *a comida não nos recomenda a Deus; porque nem se comermos, seremos melhores, nem se não comermos, seremos piores* . —— Portanto, se a comida faz meu irmão tropeçar, eu não comerei carne enquanto o mundo existir, para que não faça meu irmão tropeçar."

1 Cor. 9:19-23. 19. "Porque, embora livre de todos, fiz-me servo de todos, para ganhar ainda mais. *E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus* ; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei; *para os que estão sem lei, como se estivesse sem lei* , não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, *para ganhar os que estão sem lei* . Para os fracos, tornei-me fraco, para ganhar os fracos; fiz-me tudo para com todos, para por todos os meios salvar alguns. E faço isto por causa do evangelho, para ser participante dele convosco."

2 Cor. 3:12 a 17. "Visto que temos tal esperança, usamos de muita clareza de palavras. — E não como *Moisés, que punha um véu sobre o rosto, para que os filhos de Israel não pudessem olhar firmemente para o fim daquilo que está para ser abolido* . — Mas as suas mentes estavam cegas; pois até hoje o mesmo véu permanece sem ser tirado na leitura do Antigo Testamento; véu esse que foi abolido em Cristo. — Mas até hoje, *quando Moisés é lido, o véu está sobre o coração deles* . — Contudo, *quando se converterem ao Senhor, o véu será tirado* . — Ora, o Senhor é o espírito; e onde está o espírito do Senhor, aí há liberdade."

Agora, quanto à *circuncisão* em particular.

Romanos 2:25, 26, 27, 28, 29. “Porque *a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se guardares a lei; mas, se fores homem,*[Pág. 331] *violador da lei, a tua circuncisão se torna incircuncisão. —— Portanto, se a incircuncisão guardar a justiça da lei, não será a sua incircuncisão reputada como circuncisão?* —— E a incircuncisão que o é por natureza, se cumpre a lei, não te julgará a ti, que pela letra e circuncisão

és transgressor da lei? —— Pois não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne; —— Mas é judeu o que o é interiormente; e circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus."

Romanos 3:1, 2. "Que vantagens tem, pois, o judeu? Ou que proveito há na circuncisão? Muita, em todos os sentidos; principalmente porque lhes foram confiados os oráculos de Deus."

Romanos 4:9, 10, 11, 12. " *Vem então esta bem-aventurança somente sobre a circuncisão, ou também sobre a incircuncisão?* Pois dizemos que a fé foi imputada a Abraão como justiça. —— Como foi então imputada? Quando ele estava na circuncisão, ou na incircuncisão. Não na circuncisão, mas na incircuncisão. —— E ele recebeu o sinal da circuncisão, um selo da justiça da fé que *ele teve enquanto ainda* incircunciso: para que ele fosse o pai de todos os que crêem, embora eles não sejam circuncidados; para que a justiça pudesse ser imputada a eles também: —— E o pai da circuncisão para aqueles que não são somente da circuncisão, mas que também andam nas pisadas daquela fé de nosso pai Abraão, que ele teve enquanto *ainda* incircunciso."

Romanos 15:8. "Ora, digo que Jesus Cristo foi ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para confirmar o que foi feito aos pais."

[Pág. 332]

1 Cor. 7:18. "Foi alguém chamado estando circuncidado? Não se torne incircunciso. *Foi alguém chamado estando incircunciso? Não se faça circuncidar.—— A circuncisão nada é, e a incircuncisão nada é, mas sim a observância dos mandamentos de Deus.* "

De qualquer indivíduo, que, em qualquer uma dessas cidades distantes, tivesse visto qualquer uma dessas mesmas Epístolas, — vejamos agora se a informação de seus conteúdos, supondo-a creditada, não teria sido

suficiente para produzir aqueles efeitos, cuja existência é tão inquestionável. Não que a mesma precipitação, que o fez fornecer evidências tão abundantes contra si mesmo naquelas regiões distantes, dificilmente deixaria de ter dado origem a uma credibilidade em abundância, de vários tipos, e de um caráter, que, naquela ocasião, seria muito mais impressionante.

[Pág. 333]

NOTAS DE RODAPÉ:

[55]Nesta ocasião, supondo que o propósito desta cerimônia seja, como aqui defendido, nada mais do que aplicar, a uma declaração sobre um assunto de fato, a sanção penal sobrenatural, pela qual foi convertida em um juramento, — um assunto natural o suficiente para investigação é — a que causa deve ser atribuída a duração extraordinária assim dada a ela? — sete dias, no mínimo; aos quais, após exame, seria encontrado virtualmente adicionado, um período de tempo muito maior, como a pessoa santa, a cuja custódia o juramentado se entregou, poderia ter o prazer de prescrever. Responda, sem dificuldade, — o tempo e a pretensão de fornecer a exatidão de suas *taxas de sobrepeliz* : — a saber, aquelas estabelecidas por lei, — com a adição de outras, a uma quantia tão grande, quanto a necessidade que o juramentado tinha da acomodação assim a ser oferecida a ele, poderia obrigá-lo a se submeter. Quanto ao período de tempo, — na passagem em questão, a tradução exibe alguma obscuridade: nem é totalmente esclarecida pelo original. Um número determinado de dias, a saber, sete, é de fato mencionado, ver. 27, mas imediatamente antes disso, ver. 26, vem uma passagem, da qual parece inquestionável, que, qualquer que fosse o tempo em que um homem tivesse sido detido, ele não deveria ser solto, até que, além das coisas boas que se tornaram necessárias, ele trouxesse consigo, um pagamento adicional, e como deveria

parecer, em forma pecuniária, tivesse sido feito: "para significar", diz o ver. 26, "a realização dos dias de purificação, até que uma oferta fosse oferecida por cada um deles". "E quando *os sete* dias estavam *quase* terminando", continua o ver. 27: imediatamente após isso vem o relato do tumulto, pelo qual eles foram impedidos de serem *completamente* encerrados.

Quanto à frase — " *para significar a realização dos dias* ", o que parece ser significado por ela é — para tornar conhecido quando o número necessário para a conclusão do trem de operações foi *realizado* . Mas, para tornar conhecido quando esse número foi *realizado* , eraanteriormentenecessário para tornar conhecido quando havia *começado* : e, para tornar *isso* conhecido, o ato, provavelmente público, de fazer entrada no templo, foi empregado.

Quanto à origem, bem como à natureza particular, da cerimônia, embora nenhuma palavra como *nazireu* seja empregada aqui, ao voltar para o Livro dos *Números* , capítulo sexto, ficará manifesto que a cerimônia aqui em questão é a mesma que aquela pela qual, de acordo com o recibo ali dado, qualquer homem, seja ele qual for, e qualquer mulher também, deve ser deixado para conjecturar, pode ser convertido em *nazireu* . *Nazireu* vem de uma palavra hebraica, que significava originalmente nem mais nem menos do que uma pessoa *separada* . Uma pessoa se entregava à custódia do " *sacerdote da congregação* ": ou, como deveríamos dizer agora, o *pároco da paróquia* . A cerimônia realizada, o paciente era, portanto, colocado em um estado de santidade apropriada: e, dessa metamorfose, como o sacerdote e o nazireu podiam concordar, qualquer inferência poderia ser tirada, e qualquer propósito à vontade realizado. Nem para a *extensão* da inferência, nem, portanto, para o *propósito* projetado, havia quaisquer limites visíveis. Tudo dependia do padre: pois, embora certas operações particulares sejam exigidas, uma lista muito particular é dada, todas elas de caráter insignificante em si mesmas, ainda assim tão densa e

claramente semeadas estão as sementes da *nulidade* , que, quando todas as taxas designadas, das quais há também uma lista enorme,[IV.] , tivesse sido pago, ainda ficaria a critério do padre, declarar todo o procedimento nulo e sem efeito, a menos que, e até que qualquer elogio final que ele escolhesse esperar, fosse pago a ele. Entre os propósitos mais óbvios, bem como amplamente convenientes, aos quais era capaz de ser aplicado, está este do qual o presente caso fornece um exemplo: a saber, a fabricação de evidências: se ele pudesse encontrar meios de satisfazer o padre, um homem poderia, para todos os propósitos legais, e até mesmo para a satisfação de todas as mentes apropriadamente dispostas, provar, e com efeito conclusivo, que qualquer coisa é falsa, que todos sabiam ser verdadeira. Por fabricação, falsificação ou supressão de evidências, qual é o direito que não pode ser usurpado? Qual é o erro que não pode, com sucesso e impunidade, ser cometido?

Na lei mosaica, imediatamente antes *desta* instituição Números, cap. 5, vem outra, por meio da qual todo homem, que estivesse cansado de sua esposa, poderia, de outra forma, com a assistência de um sacerdote — e, pelo que parece, qualquer sacerdote — livrar-se desse fardo. Tudo o que o homem tinha que fazer era — *dizer* que estava " *com ciúmes* " dela: o sacerdote então tomavacobrardela. Se o padre e o marido estivessem de acordo, " *a água do ciúme* " cumpria seu dever: se não, a mulher permanecia presa. Contra a evidência sobre-humana, proporcionada pelo processo de purificação aqui em questão, nenhuma quantidade de evidência humana deveria estar disponível. Da mesma forma, para garantir esse processo de envenenamento, nem a menor partícula de evidência humana era necessária: o caso em que deve ser realizado é " *se não houver testemunha contra ela, nem ela seja presa* ", diz o texto, *Números* 5.13. Em verdade, em verdade, não sem causa suficiente, Jesus, do início ao fim, aproveitou todas as ocasiões para enfraquecer o apego do povo a um sistema de lei, do qual essas instituições fornecem duas,

entre tantas amostras. No entanto, enquanto no próprio ato de depreciá-lo, ele é representado como declarando seu propósito de *cumpri-lo* : Mt 5.17. pois, tal era o véu verbal, que os preconceitos que ele teve que enfrentar, tornaram necessário para ele no momento, lançar sobre a tendência de seus esforços. Cumprir a própria lei contra a qual ele pregava? Sim: mas em um sentido apenas: a saber, cumprindo — não o propósito real dela — o estabelecimento do despotismo corrupto do sacerdócio — mas o propósito professado dela, o bem da comunidade: em relação à lei, cumprindo, em uma palavra, tudo o que havia de bom nela, tudo o que havia que merecia ser cumprido. Jesus, em cuja opinião a morte era uma punição muito severa para uma esposa, no caso de uma violação, por *sua* parte, de um contrato, cuja violação foi praticada pela *outra* parte em conflito com impunidade — Jesus, que consequentemente, ao salvar o ofensor, expôs à desgraça merecida a lei sanguinária — estava sem dúvida ainda mais longe de aprovar que os párocos, em números ilimitados, envenenassem mulheres inocentes para a acomodação de seus maridos, ou vendessem licenças para cometer todo erro imaginável por perjúrio.

Voto é *juramento* : esta não é a única ocasião em que o autoproclamado Apóstolo, se seu historiógrafo for acreditado, tirou proveito, seja qual for, desta cerimônia. Em Atos 18:16, ele " *raspou a cabeça* ", é dito, em Cencréia: — por quê? — "pois ele tinha um voto sobre si". O que era o voto, não nos é dito; isso, no entanto, sabemos, tanto de Atos 21:26, quanto de Números 6, ele não poderia ter obtido nada com isso, se o pároco da paróquia de Cencréia tivesse ficado satisfeito com a " *oferta* " que foi feita.

[4.]Na barganha entre o fazedor de votos e o santificador de votos, a seguinte lista de taxas, fornecida para o santificador, pela *Igreja Excelente* daquele país, naqueles dias, quaisquer que fossem, pode servir para mostrar o uso dela para uma das partes contratantes. Para completar nossa concepção da natureza e dos efeitos do acordo, nada está

faltando, exceto aquilo que tão infelizmente deve permanecer faltando para sempre — uma história dos *propósitos* , aos quais, desde o início do governo até a dissolução dele, a solenidade foi aplicada do lado do fazedor de votos. Destes propósitos, devemos nos contentar o máximo que pudermos com a amostra, pela qual somos aqui devedores ao autor dos Atos. A tabela de taxas é a seguinte:

Foi extraído do Livro de Números, capítulo 6:1 a 21.

Honorários a serem pagos em todos os casos: honorários liquidados em quantidade e, portanto, em valor.

I. 1. Cordeiro de um ano, um.
I. 2. Cordeiro de um ano, um.
I. 3. Carneiro sem defeito, um.

Taxas, não liquidadas em quantidade, e portanto deixadas para serem liquidadas em quantidade, e portanto em valor, pela vontade do sacerdote.

4. Cesta de pães sem fermento, uma.
5. Pacote de bolos de farinha fina amassada com óleo.
II. 6. Pacote de bolachas de pães sem fermento untadas com óleo, uma.
7. Oferta de manjares, uma.
8. Ofertas de libações — números e respectivas quantidades não liquidadas.

Honorários pagáveis, em uma contingência: uma contingência não descritível sem mais tempo e trabalho do que seria pago pelo resultado.

III. 9. Rolas ou pombos, dois.
III. 10. Cordeiro do primeiro ano, um.

IV. Adição misteriosa, cuja liquidação deve ser deixada para o estudioso hebraico. Ver. 21. "Além *disso,* que sua mão obterá:" (de quem é a mão? do sacerdote ou do fazedor de

votos?) "de acordo com o voto que ele fez, assim ele deve fazer segundo a lei de sua separação:" — significado provável, de acordo com o propósito, para o qual ele realizou a cerimônia — a vantagem que ele buscava dela.

Além disso, para qualquer um cuja curiosidade o leve através da investigação, as causas de *nulidade* podem ser vistas como diligente e copiosamente fornecidas, como se pela *astúcia* de um juiz inglês, ou par de juízes, em cujo lucro os honorários seriam recebidos: efeito da nulidade, é claro, repetição; necessidade de repetir o processo, como no caso de *novo julgamento* ou *prisão do julgamento* , com os honorários.

A religião não foi menos adequadamente servida em Jerusalém, sob as instituições mosaicas, do que a justiça o é até hoje, sob uma constituição incomparável e instituições inglesas, em Westminster.

[56]Paulo no processo de Tértulo, 60 d.C. Atos 24:1, 2, 5, 6, 9, 11, 18.

"E depois de cinco dias, Ananias, o sumo sacerdote, desceu com os anciãos e com um certo orador chamado Tértulo, que informou o governador contra Paulo. E, quando ele foi chamado, Tértulo começou a acusá-lo, dizendo: Nós achamos este homem um homem pestilento, e um promotor de sedições entre todos os judeus pelo mundo, e um líder da seita dos nazarenos; o qual também *andou profanando o templo* ; ao qual prendemos, e queríamos julgar segundo a nossa lei. E os judeus também concordaram, dizendo que estas coisas eram assim. Então Paulo, depois que o governador lhe fez sinal para falar, respondeu: - Podes entender, que já faz doze dias que subi a Jerusalém para adorar. - E então alguns judeus da Ásia *me encontraram purificado no templo* , sem multidão nem tumulto."

[57]Paulo diante de Festo sozinho, 60 d.C. Atos 25:7, 8.

"E, quando ele chegou, os judeus que tinham descido de Jerusalém rodearam-no e fizeram muitas e graves acusações contra Paulo, que não podiam provar. Ele,

porém, respondeu em sua defesa: Nem contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César, pequei em coisa alguma."

[58]Paulo diante de Festo e Agripa, 62 d.C. Atos 26:1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 20, 21.

"Então Agripa disse a Paulo: É-te permitido falar por ti mesmo. Então Paulo estendeu a mão e respondeu por si mesmo: — Considero-me feliz, Rei Agripa, porque hoje responderei por mim mesmo diante de ti, tocando em todas as coisas de que sou acusado pelos judeus; — Especialmente porque sei que és perito em todos os costumes e questões que existem entre os judeus; portanto, rogo-te que me ouças pacientemente. — O meu modo de vida desde a minha juventude, que foi no início entre a minha própria nação em Jerusalém, conhece todos os judeus; — Os quais me conheceram desde o princípio, se quisessem testemunhar, que segundo a seita mais reta da nossa religião, vivi como fariseu. — E agora estou de pé e sou julgado pela esperança da promessa feita por Deus aos nossos pais: — A qual promessa as nossas doze tribos, servindo a Deus instantaneamente dia e noite, esperam vir. Por essa esperança, Rei Agripa, sou acusado pelos judeus. — 20. Mas mostrei primeiro a eles de Português Em Damasco e em Jerusalém, e em todas as regiões da Judeia, e também aos gentios, para que se arrependessem, se convertessem a Deus e praticassem obras dignas de arrependimento. Por estas razões, os judeus *me prenderam no templo* e procuraram matar-me.

[59]"E quando os sete dias estavam quase a terminar", diz Atos 21:27, " *os judeus da Ásia* , vendo-o no templo, alvoroçaram todo o povo, e lançaram mão dele."

[60]Uma taxa bastante barata esta, na qual a salvação é assim colocada. De que serve então a moralidade? De que serve a abstinência de atos perniciosos, em que grau tão pernicioso? "Oh! mas", diz alguém, "embora Paulo tenha dito isso, ele não quis dizer tal coisa:" e então vem algo —

qualquer coisa — que pode servir ao propósito do defensor fazer Paulo dizer.

[61]Outra receita para tornar a salvação ainda mais barata do que a acima. Não é assim com Jesus. Mateus 7:21: " *Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus* , mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus."

[62]Veja aqui o grau de importância atribuído por Paulo aos *sábados* .

CAPÍTULO XII.

Mais falsidades. — Testemunhas da ressurreição se multiplicaram. — O fim do mundo foi previsto. — Para economizar crédito, o Anticristo inventou.

SEÇÃO 1.

TESTEMUNHAS DA RESSURREIÇÃO SE MULTIPLICAM.

Depois do que foi visto do curso de sete dias de perjúrio, provas de falsidade simples tenderão a parecer supérfluas. Para tornar a certeza mais segura, duas preeminentes serão, no entanto, trazidas à tona. Elas podem ter seu uso, mesmo que seja apenas como exemplos da palpabilidade, daquelas falsidades, que, por tantas centenas de anos, e através de tantas gerações de comentaristas, são, sob circunstâncias favoráveis, capazes de permanecerem indetectáveis. A extravagância da adição, feita pelo estranho audacioso, ao número de testemunhas da Ressurreição, conforme dado por eles mesmos: — o fim previsto do mundo na própria vida do profeta, — e a criação do Anticristo com o propósito de adiar essa catástrofe, — pode até não ser totalmente sem graça, pela imagem que darão, daquela

mistura de precipitação e astúcia, que constitui o menos notável, dos ingredientes na composição desse caráter extraordinário. Além disso, o Anticristo está no número dos bichos-papões, cujas imagens muitas mentes enfraquecidas[Pág. 334] ainda não deixou de ser atormentado; colocar um extintor neste duende pode ter o sério efeito positivo de acalmar uma massa de inquietação que, por mais infundada que seja, não é menos aflitiva para as mentes nas quais encontrou entrada.

Primeiro, quanto às testemunhas da ressurreição. Em relação a um fato de tamanha importância cardinal, os relatos que nos chegaram dos quatro biógrafos de Jesus não são, é preciso confessar, tão claros quanto se poderia desejar. Mas, em um assunto tão amplo, por mais tentadora que fosse a ocasião, qualquer coisa que pudesse ser oferecida aqui, com qualquer promessa de utilidade, ocuparia muito espaço e seria uma digressão muito ampla do desígnio da presente obra.[63]

Bastará para o propósito presente a observação de que nada pode ser mais palpavelmente ou irreconciliavelmente inconsistente com cada um deles do que o[Pág. 335] número amplo e redondo, assim adicionado pela audácia deste estranho desinformado, ao mais amplo que pode ser deduzido de qualquer um dos relatos, assim declarado como dado pela única descrição de pessoas, cuja situação daria ao seu testemunho o caráter da melhor evidência.

Veja agora o relato do número e das pessoas nas próprias palavras de Paulo. Está no décimo quinto capítulo da primeira de suas duas cartas aos seus coríntios. "Além disso, irmãos," ver. 1, "Eu vos declaro o Evangelho, as boas novas, que vos *preguei* , as quais também recebestes e nas quais permaneceis firmes. —— Pelo qual também sois salvos, se retiverdes a memória tal como vos preguei, a menos que tenhais crido em vão. —— Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras;

e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e que foi visto por Cefas, depois pelos doze; —— Depois disto, foi visto por *mais de quinhentos irmãos de uma só vez* ; dos quais a maior parte permanece até o presente, mas alguns já dormiram. —— Depois disto, foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos. —— E por último de todos, foi visto por mim também, como por um nascido fora de tempo. —— Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus."[64]

Quanto aos quinhentos irmãos de uma só vez, com as adições *in petto* , quanto mais de perto os relatos do Evangelho[Pág. 336] são examinados, mais completa será a convicção de um Homem sobre a extravagância deste relato. Além dos onze Apóstolos que permaneceram após a morte do traidor Judas, pode ser uma questão, se tanto quanto um único indivíduo pode ser encontrado, que, em qualquer um dos Evangelhos, é declarado como tendo, após a morte de Jesus, recebido do testemunho dos sentidos, a demonstração de sua presença. Das testemunhas percipientes em questão, para não desperdiçar espaço e tempo em discussões desnecessárias, tomando um número redondo, e incluindo ambos os sexos tomados juntos, nenhum número se aproximando de vinte pode ser feito de qualquer um dos quatro relatos do Evangelho, nem de todos eles tomados juntos. Para que fim então substituir, para menos de vinte, mais de quinhentos? Para quê, senão para suprir pela falsidade a deficiência deixada pela verdade. A coisa a ser feita era atender às expectativas, quaisquer que fossem, de seus Coríntios. O número vinte, — disse ele para si mesmo, — talvez fique aquém: bem, então, elimine os vinte e coloque quinhentos. Assim o autoproclamado Apóstolo tirou uma folha do livro do administrador injusto. Lucas 16:1-20.

Agora, então, quanto aos números mutuamente contraditórios — aquele dado pelos quatro evangelistas e aquele dado por este estranho — a qual daremos crédito?

Quanto aos evangelistas — se, na situação em que estavam e escrevendo para os propósitos para os quais escreveram — estes mais íntimos dos associados do falecido Jesus e testemunhas perceptivas dos vários fatos em questão — todos eles falados na mesma narração, todos eles tão completamente informados de todo o número real — poderiam ter sido dispostos, qualquer um deles, a obter um número *aquém* da verdade — pode ser deixado para qualquer um imaginar.

[Pág. 337]

Mas, de acordo com o cálculo de Paulo, a verdade não atenderia ao seu propósito — ao seu propósito particular: um número que não poderia deixar de fazê-lo deveria, portanto, ser substituído.

Quinhentos era tão facilmente escrito quanto *vinte* . Se Jerusalém, ou qualquer lugar em sua vizinhança, fosse o lugar ao qual esta carta dele deveria ser endereçada, alguma cautela poderia ter sido necessária. Mas Corinto — um lugar tão distante da cena da ação — sendo a morada dos discípulos, a quem esta carta dele foi endereçada — e as cartas em si, não destinadas a serem vistas por ninguém além de olhos devotos — a Invenção se viu à vontade.

Enquanto isso, enquanto Jesus era assim engrandecido, Paulo não eraseresquecido. Insuficiente ainda seria a nuvem de testemunhas, a menos que ele próprio fosse adicionado a ela. "Por último de todos", diz ele, 1 Cor. 15:8, "ele", Jesus, "foi visto por mim também." Visto por ele Paulo? Em que lugar? Em que hora? No momento de sua conversão, quando ouviu uma voz e viu luz, mas nada mais? Mas toda a constelação de suas visões estará aqui se aglomerando na visão do leitor, e qualquer referência mais particular a elas seria inútil: basta observar que em nenhuma outra ocasião, nem o próprio Paulo, nem seu historiador para ele, assumem a responsabilidade de dizer que ele já tinha visto Jesus de outra forma que não em uma *visão* , seja o que for que possa ter sido significado por este termo tão

conveniente. Em nenhuma ocasião é sequer fingido, seja por ele ou para ele, que *em carne* Jesus já foi visto por ele. Por nenhum dedo de sua mão cúmplice de assassinato, jamais foi sequer fingido ter sido sondado, as feridas de Jesus. No entanto, quais são os termos empregados por ele ao falar da *visão* que ele pretendia ter tido de Jesus? Exatamente os mesmos que aqueles empregados por ele ao falar da evidência concedida aos Apóstolos.

[Pág. 338]

SEÇÃO 2.

FALSA PROFECIA — DE QUE O MUNDO ACABARIA DURANTE A VIDA DAS PESSOAS VIVIAS.

A insaciabilidade da ambição de Paulo encontra o olhar em cada página: a fertilidade de sua invenção não é menos conspícua. Enquanto, entre este e o outro mundo, o túmulo permaneceu interposto, — a impressão mais forte capaz de ser feita por imagens do futuro, mesmo quando desenhadas por uma mão tão ousada, ainda não era suficiente para estocá-lo com o poder que ele agarrou. Esta barreira, a qualquer risco, ele consequentemente determinou remover. O mundo futuro sendo assim trazido em ambas as extremidades em contato imediato com o presente, — os obedientes, para quem as alegrias do céu foram fornecidas, contemplariam os problemas da *passagem do meio* salvos para eles, enquanto os desobedientes veriam as mandíbulas do inferno abertas para sua recepção, sem qualquer ponto de parada, como poderia de outra forma parecer ser oferecido pelo túmulo. Em particular, por uma estrada mais próxima e mais suave do que aquela acidentada, ele faria seu caminho para o céu: nem eles, cuja obediência lhes deu uma reivindicação justa a um favor tão alto, seriam deixados para trás.

Seus tessalonicenses eram os discípulos, escolhidos por ele para o julgamento deste experimento. Dirigidas a eles, temos duas de suas epístolas. Nestes documentos curiosos e instrutivos, o propósito geral — não apenas do que havia sido dito às pessoas em questão em uma ocasião anterior, mas também da observação da qual, por parte *delas* , havia sido produtiva — é tornado suficientemente manifesto, pelo que iremos[Pág. 339] encontre-o dizendo no primeiro deles. "Bom", disseram eles, "quanto a *alguns* de nós, quem quer que sejam: mas, como será com *o resto* ? em particular, com aqueles que realmente já morreram: sem falar daqueles outros que estarão morrendo nesse meio tempo: pois você não vai tão longe a ponto de prometer que todos nós teremos tanta certeza de escapar da morte quanto você mesmo tem." "Fiquem tranquilos", nós o encontraremos dizendo a eles: "mais cedo ou mais tarde, acreditem em mim, todos nós subiremos juntos em um corpo: aqueles que estão mortos, aqueles que vão morrer e aqueles que não vão morrer — todos nós de uma vez, e pelo mesmo meio de transporte: para cima, no ar e através das nuvens, iremos. O Senhor descerá e nos encontrará, e nos mostrará o caminho: — música, vocal e instrumental, virá com ele, e um barulho raro ao todo haverá! Aqueles que morreram primeiro terão ressuscitado primeiro; as pequenas diferenças que podem haver não valem a pena pensar. Confortem-se", conclui ele, "com estas palavras". Certamente não seria fácil encontrar palavras mais confortáveis: — sempre supondo que fossem seguidas de crença, como parece que foram. Mas é hora de vermos mais particularmente o que eram.

1 Tessalonicenses 4:10 a 18. — "E, de fato, fazeis isso", isto é, amai-vos uns aos outros, v. 9, "para com todos os irmãos que estão em toda a Macedônia; mas rogamos-vos, irmãos, que vos avanceis cada vez mais; — E que procureis viver em *silêncio* , e cuidar *dos vossos próprios negócios, e trabalhar com as vossas próprias mãos, como vos ordenamos* ; — Para que andeis honestamente para com os que estão de fora, e para que não vos falte coisa alguma. —

Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que dormem , para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. — Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou[Pág. 340] novamente, assim também *aos que dormem em Jesus, Deus os tornará a trazer com ele* . — Pois isto vos dizemos pela palavra do Senhor: que *nós, os que estivermos vivos, os que ficarmos para a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem* . — Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e *os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. — Então nós, os que estivermos vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens* , para encontrar o Senhor nos ares; e assim estaremos para sempre com o Senhor. — Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras." A partir daí, sem qualquer assunto intermediário, segue-se a do próximo capítulo. A divisão em capítulos — embora, para fins de referência, não seja meramente útil, mas totalmente necessária — é universalmente reconhecida como tendo sido comparativamente moderna.

1 Tessalonicenses 5:1-11. "Mas, *irmãos, quanto aos tempos e às estações, não há necessidade de que eu vos escreva* . Pois vós mesmos sabeis perfeitamente que *o dia do Senhor virá como o ladrão de noite* . Porque, quando disserem: Paz e segurança, então *lhes sobrevirá repentina destruição* , como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão. *Mas vós, irmãos, não estais em trevas* , para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão. Todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas. Portanto, *não durmamos como os demais; mas vigiemos e sejamos sóbrios* . Porque os que dormem, dormem de noite; e os que se embriagam, embriagam-se de noite. Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da *fé* e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação. Porque *Deus não nos destinou para a ira* , mas para alcançar salvação por nosso

Senhor Jesus Cristo.—Quem[Pág. 341] morreu por nós, para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com ele. — Portanto, *consolai-vos* uns aos outros e edificai-vos uns aos outros, como de fato o fazeis."

Um jogo engenhoso foi o que Paulo jogou, se é que alguma vez houve um. Desta profecia,[65] o que, uma vez mencionado, é claramente visível o suficiente, é — isto é do número dessas previsões, pelas quais o lucro é colocado, e nenhuma perda é arriscada: pois tal é a forma dada a ele. Enquanto o preditor vivesse, ele permaneceria bom e não descumprido: no final de um certo tempo — ou seja, no final da vida do fígado mais longo do número agregado de indivíduos existentes naquele momento — o descumprimento realmente ocorreria. Mas se, por esse tempo, o preditor tivesse feito sua saída — como, neste caso, sendo já de uma certa idade, é toleravelmente certo que ele faria — a reprovação da falsa profecia não o teria alcançado: e, mesmo supondo que o tivesse alcançado, como aconteceria se ele sobrevivesse ao último deles, ainda assim a especulação não seria muito ruim. Sua *profecia* , seus *propósitos* teriam sido cumpridos.

[Pág. 342]

Não é totalmente sem pretensão de observação a maneira pela qual, pela destreza do adivinho, a ansiedade dos questionadores é evitada. Que ele próprio não sabe, nem nunca espera saber, — é isso que sua prudência proíbe que ele lhes diga. "O dia do Senhor virá como um ladrão na noite": isto é o que, em resposta a importunações anteriores, ele havia dito a eles naquela *época* . "Pois vocês mesmos", diz ele, "sabem isto perfeitamente"; isto é, na medida em que eles poderiam saber de *sua narrativa* : esta sendo, neste caso, a única fonte, — daquela *ilusão* , à qual ele deu o nome de *conhecimento* . Isto ele havia dito a eles *então* : e mais, ele toma cuidado para não dizer a eles *agora* . "Dos tempos e estações, irmãos", diz ele, "não tendes necessidade de que eu vos escreva." Enquanto isso, suas esperanças e medos, e com isso sua dependência de sua

boa vontade, ainda são mantidos vivos: em primeiro lugar, a esperança de que, sabendo já mais do que deseja revelar, ele possa, por obsequiosidade ulterior, ser persuadido a revelá-lo; em segundo lugar, a esperança de que, embora ainda não possua a informação, ele possa obtê-la em algum momento futuro e, nesse caso, dar-lhes o benefício dela.

Para uma especulação desse tipo, em quão particularmente favorável era o modo de comunicação por carta, é suficientemente visível. Escrever era uma operação não tão rápida, naqueles dias como nestes. Entre Tessalônica e Atenas, de onde, como nos dizem, essas Epístolas foram escritas, não havia, pode-se afirmar sem muito perigo de erro, nenhuma correspondência postal estabelecida: e, mesmo se houvesse, para esta ou aquela questão, que um homem vê em uma carta, ele faz ou não responde, conforme acha conveniente. Não exatamente assim, quando o questionador está ao seu lado.

[Pág. 343]

SEÇÃO 3.

DESORDEM E MALDIÇÃO PRODUZIDOS POR ESTA PREVISÃO.

Vimos a profecia: vejamos agora os efeitos dela. Eles eram tais como se poderia esperar. Eles eram tais como se esperava: esperados, como pode ter sido observado, em um período muito antigo. Mas havia muito *mais* neles do que se esperava.

Da confusão que, por uma expectativa desse tipo, em um estado de sociedade tão inferior, na escala de conduta moral, a qualquer outro, da qual temos experiência em nossa época e país, era capaz de ser produzida, dificilmente pode, neste momento do dia, estar ao alcance de qualquer homem formular para si mesmo algo que se aproxime de uma concepção adequada. No que diz respeito à ociosidade

pacífica, da natureza geral dela, alguma tênue concepção pode ser formada, sob os costumes modernos, a partir dos relatos dos efeitos produzidos por uma previsão semelhante, feita primeiro na França, depois na Inglaterra, na época da Rainha Ana: no que diz respeito a uma mistura de ociosidade e dano positivo em uma época de terror, sob os costumes antigos, dos relatos, dados por Tucídides, dos efeitos produzidos em Atenas, pela aproximação da morte, por ocasião da peste; e, daquele dado por Josefo, dos efeitos produzidos pela mesma causa, por ocasião do cerco, que, sob seus olhos, terminou na destruição final de Jerusalém pelos romanos.

De acordo com o estado de espírito de cada homem e a cor das expectativas que ele havia absorvido[Pág. 344] isto, — terror e automortificação, ou confiança e autoindulgência maliciosa, seriam o resultado natural: terror e automortificação, se apreensões baseadas no retrospecto de má conduta passada predominassem — indulgência maliciosa, se, pela alegada ou suposta suficiência total da fé, — da fé, da qual o pregador era o objeto — a importância da moralidade tivesse, mesmo na imaginação do discípulo, sido jogada em segundo plano: confabulação sem fim, no caso de terror; cessação do trabalho, em ambos os casos.

Se ele tivesse sido um pouco menos positivo sobre o *tempo* , os propósitos daqueles seus anúncios poderiam ter sido completamente, e sem qualquer dedução, cumpridos. O terror que ele infundiu não poderia ser desfavorável a esses propósitos, desde que não fizesse nenhuma dedução, do valor do produto de sua indústria! Era seu interesse que eles " *andassem honestamente* ", para que não fossem punidos por andar de outra forma: punidos, capitalmente ou não capitalmente — e, em ambos os casos, trouxessem seu ensinamento à desgraça. Era seu interesse que eles trabalhassem *,* de tal forma, que cada um deles ganhasse a despesa de sua manutenção; para que, ao se absterem do trabalho, eles, qualquer um deles, impusesse um fardo à caridade dos outros, ou fossem vistos andando

desonestamente, em prejuízo da causa comum, como acima. Era seu interesse que eles, cada um deles, ganhasse o máximo que pudesse ser ganho sem reprovação ou perigo; porque, quanto maior o excedente produzido por cada discípulo, maior o tributo que poderia ser pago ao mestre espiritual, sob cujo comando eles se colocaram. Até aqui, seu interesse e o deles estavam de acordo. Mas, era seu interesse que, enquanto trabalhavam para esses fins, suas mentes, à custa de qualquer tormento para si mesmos, fossem mantidas em um[Pág. 345] estado de fermentação constante, entre as paixões da esperança e do medo; porque, quanto mais forte a influência das duas paixões aliadas em seus peitos, mais abundantes seriam as contribuições, das quais, na medida da capacidade de cada homem, eles poderiam razoavelmente esperar que fossem produtivos. Aqui estava, que seu interesse agiu em uma direção oposta à deles: e foi por uma busca muito ardente deste seu interesse separado, que tanto dano, como veremos, foi feito a todos aqueles outros interesses.

Da doença que veremos descrita, a descrição, tal como é, é apresentada, pelo assunto fornecido pelo próprio médico, por cuja prescrição a doença foi produzida. Este assunto devemos nos contentar em tomar, naquele estado de desordem, que constitui uma das características mais marcantes da questão de seu cérebro. Ao falar dos sintomas, — dirigido como seu discurso é a ninguém, exceto aos próprios pacientes por quem esses sintomas foram experimentados, — apenas na forma de alusão, e, portanto, em termos muito gerais, eles poderiam naturalmente ter sido, como realmente serão vistos, apresentados à vista. Quanto aos detalhes, — deles para ele, não dele para eles, era, será prontamente reconhecido, o único curso natural.

Na mesma Epístola, — a saber, na segunda, que é a última, mas, em uma passagem que não vem até depois do anúncio, que, como será visto sob o próximo título, deveria operar como um remédio, — está a parte principal do assunto de onde fomos capazes de coletar a natureza da

doença. O capítulo é o terceiro e conclusivo: — as palavras que nada acrescentam à informação, são aqui e ali omitidas.

1. “Finalmente, irmãos, orai por nós... para que sejamos libertos de pensamentos insensatos e perversos.[Pág. 346] homens; porque nem todos os homens têm fé. — E confiamos no Senhor a vosso respeito, que fazeis e fareis as coisas que vos *ordenamos* . — E o Senhor dirija os vossos corações ... na *paciente espera de Cristo* . — Agora , irmãos, *ordenamos* -vos ... que *vos afasteis de todo irmão que anda desordenadamente* , e não segundo a tradição que de nós recebestes. — Pois vós mesmos sabeis como deveis imitar *-nos* : pois *não nos portamos desordenadamente entre vós: — Nem comemos de graça o pão de ninguém* ; mas trabalhamos com labor e fadiga noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós. — *Não porque não tivéssemos poder* , mas para vos dar em nós mesmos um exemplo para nos imitardes. — Pois , *quando ainda estávamos convosco* , isto vos *ordenamos* : *se alguém não quer trabalhar, também não coma* . — Pois ouvimos que *entre vós há alguns que andam desordenadamente, não trabalhando, mas sendo intrometidos* . — A esses, porém, *ordenamos* e exortamos por nosso Senhor Jesus Cristo, *que trabalhem em sossego e comam o seu próprio pão* . — Mas vós, irmãos, *não vos canseis de fazer o bem* . — E, se alguém não obedecer à nossa palavra por esta Epístola, notai o tal, e não vos associeis com ele, para que se envergonhe.

Por tudo o que vimos até agora, os sintomas da doença, pode-se pensar, não são pintados em cores muito fortes. Mas, da virulência dela não há falta de evidência. Pode ser visto, na natureza drástica do remédio:—um remédio, para cuja invenção, veremos, na próxima seção, a engenhosidade do praticante colocada em um esforço tão extraordinário.

[Pág. 347]

SEÇÃO 4.

O REMÉDIO DE PAULO PARA A DESORDEM E A SALVAÇÃO PARA SI MESMO.—O ANTICRISTO DEVE VIR PRIMEIRO.

Vimos a desordem: tínhamos visto antes disso as causas dela. Agora chegamos ao remédio — o remédio fornecido pelo praticante para uma doença de sua própria criação. Da forma dada a esse remédio, a engenhosidade será vista como verdadeiramente digna do autor da doença. Consiste no anúncio feito, de um estado intermediário de coisas, do início do qual, mais do que do término, nada é dito: exceto que deveria ocorrer, antecedentemente àquele estado de coisas originalmente anunciado, pela expectativa da qual a desordem havia sido produzida. Do tempo de *seu* início, não: exceto como acima, sobre esse ponto nenhuma informação é dada. Mas de sua *duração* , embora nenhuma informação determinada, ainda assim tal descrição é dada, como suficiente para dar a seus discípulos a entender, que na natureza das coisas, não poderia ser curta: e que assim, antes que o estado *principal* das coisas ocorresse, haveria uma quantidade proporcional de tempo para *preparação* . Satisfeitos com isso, eles veriam a necessidade de se conformarem com aqueles " *comandos* " reiterados, com os quais sua predição havia sido cumprida desde o início; e nos quais ele havia confiado tão erroneamente, quando os considerou como compondo um antídoto suficiente para o veneno que ele havia infundido. Que o aviso assim fornecido para eles seria muito curto, ele os deixou, como se verá, sem grandes motivos para apreensão. Uma espécie de[Pág. 348] monstro espiritual — uma espécie de macaco de *Satanás* , um rival do Todo-Poderoso — e *que* de forma alguma era desprezível — entraria em cena.

Com força e com fraude, tal seria seu poder, que o destino do Todo-Poderoso teria parecido muito precário, se os ânimos de seus partidários não tivessem sido mantidos

elevados pela certeza de que, quando tudo acabasse, o Todo-Poderoso permaneceria o senhor do campo.

O tempo, originalmente fixado por ele para a viagem aérea, estava muito *próximo* . Pela expectativa horária dele, tinham sido produzidos todos aqueles efeitos desastrosos que se seguiram. Depois do que tinha sido dito, um *adiamento* apresentou o único remédio possível. Mas esse adiamento, depois do que tinha sido dito, por quais meios imagináveis poderia ser produzido? Um único meio foi deixado pela natureza do caso.

2 Tessalonicenses 2:1-12. "Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com ele, que *não* vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos *perturbeis* , quer por espírito, quer por palavra, quer *por epístola, como vinda de nós,*[66] *como se o dia de Cristo estivesse próximo* . Ninguém de modo algum vos engane, porque *esse dia não chegará sem que*[67] vem primeiro a apostasia, e *será revelado o homem do pecado* , o filho da perdição; *o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração; de sorte que se assenta no templo de Deus, querendo parecer Deus.*[68] —Não vos lembrais de que quando eu[Pág. 349] ainda estava convosco, *estas coisas vos disse eu*[69] —E agora sabeis o que o detém, para que a seu tempo seja revelado. —Porque o mistério da iniquidade já opera; somente há um que agora o retém, até que seja tirado do caminho. —E *então será revelado o iníquo, a quem o Senhor* consumirá pelo sopro da sua boca, e *destruirá pelo resplendor da sua vinda* .[70] —Aquele *cuja vinda é segundo a obra de Satanás,*[71] *com todo o poder, sinais e prodígios de mentira*[72] —E com todo o *engano da injustiça* para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem.—E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira.[73] —Para que sejam *condenados todos os que não creram na verdade* ,[74] mas teve prazer na injustiça."

[Pág. 350]

A este rival de seu Deus — Deus e rival — ambos de sua própria criação, o criador não deu, vemos, nenhum nome. Por esta omissão, ele talvez, como talvez pensasse em fazer, tornou o bicho-papão ainda mais terrível. A deficiência, tal como é, os tradutores da Igreja da Inglaterra da tradução oficial inglesa da Bíblia preencheram: eles a tomaram em mãos — esta brincadeira de Paulo — e a batizaram de *Anticristo* . "Ele", Paulo, "mostra", dizem eles, "uma descoberta do *Anticristo* , antes que venha o dia do Senhor". Tal é a descoberta, comunicada no *título* , prefixado ao segundo capítulo da segunda das duas Epístolas: e, dos leitores desta Bíblia tão abundantemente e gratuitamente distribuída, quão poucos são os que têm em mente qualquer distinção como aquela entre os títulos e o texto! Os reverendos teólogos em questão, — foram eles os primeiros autores desta descoberta, ou ela já estava pronta para suas mãos? — feita por aquela igreja, dos erros dos quais a sua própria foi tão felizmente purificada? Para esta questão, que aqueles procurem e encontrem a resposta, — em cujos olhos o lucro vale o esforço.

Não são poucos os teólogos que descobriram o Anticristo sentado na cadeira de São Pedro, com uma tríplice coroa na cabeça. Na cadeira de Lutero, ou na de Calvino, o monarca triplo estaria disposto a descobrir o duende, se achasse que valeria a pena procurá-lo. Ele já fez, ou não, essa descoberta?

"Oh, mas", diz alguém, " *nós* não queremos dizer aqui apenas *nós* que estamos vivos no momento em que este escrito está sendo escrito; significa, *nós* , cristãos de todas as eras: qualquer número de eras *depois* desta, assim como esta, incluída. Na designação assim dada, nem os indivíduos aos quais ele estava se dirigindo, nem ele próprio, estavam necessariamente[Pág. 351] compreendido." Isto, portanto, se alguma coisa, deve ser dito, ou o título do autoconstituído Apóstolo, para a denominação de *falso profeta* , deve ser admitido. Oh, sim! isto pode ser dito, e deve ser dito: mas de

que lhe servirá? Em nenhum sentido tão abrangente *ele* o usou; pois, nesse sentido, não teria respondido aos seus propósitos: nem mesmo seus propósitos espirituais e declarados, muito menos seus propósitos temporais, egoístas e ocultos. Por que foi que esses discípulos seus, assim como ele, deveriam estar tão incessantemente vigilantes! I Tess. 5:6, 7, 8. Por que, mas porque "vós mesmos", diz ele, ver. 2, "sabeis perfeitamente que o dia do Senhor virá como um ladrão de noite". Quem, naquela ocasião, poderia ser entendido por *nós* , senão ele mesmo e eles? Em nenhum sentido tão abrangente foi entendido por *eles* : se tivesse sido, nenhuma consequência como a que vimos a seguir poderia ter ocorrido. Após a experiência, ele e eles tiveram tinha, do mal produzido pelo sentido restrito colocado sobre o pronome todo-importante, ele teria continuado a usá-lo nesse mesmo sentido restrito, se não tivesse sido seu desejo que nesse mesmo sentido ele continuasse a ser entendido? Ele teria se esforçado tanto para criar o monstro espiritual, com o propósito declarado de adiar sua expectativa do grande dia, se, não fosse por esse adiamento, ele não tivesse chegado?[75] Em que parte de todas as suas pregações pode ser visto algum fundamento distinto para tal suposição, como a de que qualquer porção do campo do *tempo* , além daquele pelo qual sua própria vida era limitada, estava sempre presente à sua visão? No campo do *lugar* , sim: naquele campo suas visões não eram de pequena amplitude: pois naquele campo foi por sua ambição que elas foram marcadas: mas no campo do *tempo* , nenhum sintoma de qualquer grau de ampliação será encontrado em lugar algum. Mas, nesta ocasião, suponha outras eras, e essas outras em qualquer extensão, incluídas em suas visões: de incluírem tais eras futuras, seguir-se-ia que elas não tinham aplicação à era então presente? — Mas, supondo que elas sejam entendidas como aplicáveis àquela era, então vem o mal com força total.

Qualquer homem que tenha lido estas Epístolas, que suponha, em seu próprio peito, qualquer desejo ansioso de suscitar uma expectativa, como a que está em questão; e então que se pergunte se está no poder desse desejo sugerir uma linguagem que proporcionaria uma promessa consideravelmente melhor de dar efeito a ela.

[Pág. 353]

Da *natureza* da *desordem* , bem como da causa dela, — as pessoas, a quem o mundo está em dívida pela preservação desses restos mortais do Apóstolo autoconstituído, — nos deram, como acima, alguma concepção. Do efeito *do* remédio *,* teria sido divertido ser informado: infelizmente, esta parte de sua história não está compreendida nos trabalhos de seu historiógrafo.[76]

[Pág. 354]

NOTAS DE RODAPÉ:

[63]O relato dado por Lucas sobre a ressurreição e ascensão de Jesus está contido no último capítulo, cap. 24:53. De acordo com esse relato, por nenhum homem Jesus foi visto no intervalo entre esses dois eventos, além dos onze apóstolos e alguns outros, todos juntos não mais do que o suficiente, para sentar-se juntos à mesa, em uma das casas de uma vila. Lucas 25:9, 28, 29, 30. Número de ocasiões em que Jesus foi visto pelos apóstolos, dois: a companhia a mesma sem adição, e ambas as ocasiões tendo ocorrido dentro de vinte e quatro horas. Entre essas duas ocasiões é que Paulo se apega àquela de sua própria invenção, na qual Jesus foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma vez.

À queima-roupa neste assunto está a contradição dada a esta história de Paulo, por seu próprio assistente e historiógrafo: a saber, no relato colocado na boca de Pedro, falando ao centurião Cornélio, Atos 10:39 a 42. É expressamente dito lá, ver. 40, "A ele" (Jesus) "Deus o

ressuscitou ao terceiro dia, e o mostrou publicamente; — Não a todo o povo, mas às testemunhas antes escolhidas por Deus, a nós, que comemos e bebemos com ele depois que ressuscitou dos mortos." Quando no ano 62, ou algum ano posterior, o autor dos Atos estava escrevendo sua história, nada, será inferido, ele sabia do relato contraditório dado por seu herói, por escrito em uma carta escrita no ano 57.

[64]Segue uma amostra da lógica de Paulo embrulhada como de costume em uma nuvem de tautologias e paralogismos, cuja substância equivale a isto: — Jesus ressuscita; portanto, todos os homens farão o mesmo. Admitindo a legitimidade desta indução, qual será a coisa provada? Que todo homem, alguns dias após sua morte, voltará à vida, e comerá, beberá e caminhará em companhia de seus amigos.

[65]Pela palavra *profecia,* a ideia que se pretende transmitir na linguagem judaica parece ser muito geralmente mal concebida. É considerada exatamente sinônimo de *predição* . Nada pode ser mais errôneo. Na linguagem do Novo Testamento em particular, não é menos aplicável a eventos passados do que ao futuro. Testemunha: "Profecia, quem é que te feriu?" Lucas 17:64. No grego, a palavra é ocasião, significava evidentemente nem mais nem menos do que *falar* . Daí veio a significar falar em público: daí novamente, falar como um estadista: daí novamente, escrever como um estadista, bem como falar. Não que um estadista pudesse ou possa ser um estadista, e no sentido acima, *um profeta* , sem ser um *preditor* da mesma forma: sempre que qualquer medida proposta estiver no tapete, tal ele deve ser, ou o que ele diz não deve ser nada para o propósito. Ao meramente proferir uma predição sobre eventos futuros, Paulo não teria incluído, em sua profecia, qualquer pretensão, como a de uma comunicação sobrenatural recebida do Todo-Poderoso; mas, a que está em questão era uma que, supondo-se verdadeira, não poderia ter vindo de nenhuma outra fonte.

[66]Aqui temos uma espécie de retratação. Isso mostra como ele estava assustado.

[67]Aqui ele dá o aviso intermediário; daí o alívio.

[68]Aqui vemos o rival do deus de Paulo: e vemos quão perigoso ele é.

[69]Bastante parecido; mas no mesmo estilo ininteligível, no qual ele conta todas as coisas a todos os homens.

[70]Tudo está bem quando termina bem: os amigos do Todo-Poderoso podem agora deixar de lado seus medos.

[71]Aqui vemos o rival do Todo-Poderoso afundado no macaco de Satanás. E se ele e Satanás tivessem feito uma aliança? Felizmente, eles não conseguiram chegar a um acordo, ou o tempo estava faltando para acertar as condições.

[72]Todo o poder, com *mentiras* para completar. Se não fosse pela garantia acima mencionada, quem não teria tremido pelo Deus de Paulo?

[73]Isso era lutar contra o macaco de Satanás com suas próprias armas. Mas — esse Deus da criação de Paulo — em que, exceto uma superioridade final de poder, ele é distinguível de Satanás e seu macaco? Aqueles que foram tão perspicazes ultimamente na descoberta da blasfêmia, e tão empenhados em puni-la — eles já encontraram um caso tão claro quanto este que está diante de nós? Eles não teriam começado pelo fim mais adequado, se tivessem começado com os editores dessas Epístolas?

[74]Para esta condenação, — no presente como em tantas outras ocasiões, aqueles que estão tão ansiosos para acreditar, que todos os que diferem deles em uma questão de evidência, serão consignados a tormentos eternos, estão em dívida com os reverendos tradutores: o original diz *condenado* . Isso pode ser entendido como — *condenado* no sentido comum da palavra *condenado* , ou qualquer resultado menos desagradável que possa ser mais agradável.

[75]Deste filho do cérebro do autoproclamado Apóstolo, não parece totalmente improvável que, em caso de necessidade, algum uso adicional estivesse em contemplação a ser feito: com a pele deste bicho-papão, poderia, ocasionalmente, ser investido, qualquer pessoa, a quem, seja no caráter de um *adversário* declarado , ou no de um *rival* , poderia acontecer, ter se tornado em certo grau problemático: um *adversário declarado* , isto é, um gentio ou um judeu descrente: *um rival* , isto é, alguém que, acreditando na religião de Jesus, aderiu àquela edição dela, que tinha os Apóstolos de Jesus como seus editores, ou seguiu qualquer outra edição que não fosse *sua* : um daqueles, por exemplo, contra quem o vimos fazendo uma guerra tão amarga em sua Epístola aos Gálatas. Dos dois, o rival crente seria, é claro, muito mais problemático do que o adversário descrente, de quem, se deixado sozinho, ele não experimentaria um aborrecimento. Dessa classe rival eram aqueles cuja " *injustiça* ", 2 Tessalonicenses 2:10, recorria à " *enganabilidade* ": pois quanto aos descrentes, nenhuma necessidade eles poderiam ter de *enganabilidade* ; para frustrá-lo, eles tinham apenas que se afastar dele e permanecer como estavam. Aqueles homens, cuja injustiça recorreu à enganabilidade, quem poderiam ser, senão os homens da mesma descrição a esse respeito daqueles, de quem no capítulo terceiro de sua Epístola aos Gálatas, ele reclama por tê-los "enfeitiçado"; e que de *tal* forma, a ponto de tê-lo feito perder a paciência a ponto de chamá-los de " *tolos* ": e que *eles* eram rivais, é uma questão completamente fora de dúvida. Em uma palavra, os rivais eram o único tipo problemático de homens, que, na escrita desta Epístola, poderiam, com o monstro sem nome desde então chamado *Anticristo* , ainda estar por vir.

[76]Quanto àquele " *capacete da fé* ", que, na passagem citada primeiro, ele foi visto ordenando que seus discípulos colocassem — daquela fé, que é o objeto eterno de seu tão infatigavelmente repetido " *comando* ", e que é sempre fé em *Paulo* — pois de Jesus dificilmente se encontra uma

palavra, exceto o nome, em qualquer de suas Epístolas — quanto a este capacete, é o tipo de boné que um homem aprendeu a colocar quando se tornou perfeito, no que pode ser chamado de *exercício autoenganoso* ou, em uma palavra, *o exercício da fé* . É composto de duas operações muito simples: na palavra de comando, o recruta vira o rosto *para* os argumentos de um lado; na palavra de comando, ele vira as costas para aqueles do outro lado. O teste da perfeição é — ser capaz de segurar em seu abraço, por qualquer período de tempo, ambas as partes juntas de uma proposição autocontraditória; como, que três *pessoas-do-homem* , — para usar a palavra alemã, ou se qualquer *outro tipo de pessoas* há três outras, — são apenas uma. Quando o capacete fica perto o suficiente de sua cabeça para permitir que ele faça isso, não há medo de que ele caia. Apegar-se a improbabilidades, por mais absurdas e extravagantes que sejam, é, a partir de então, apenas brincadeira de criança para ele: — por exemplo, a crença na existência futura do Anticristo de Paulo: incluindo, a vinda daquelas cenas, nas quais aquela *cabeça crua e ossos sangrentos* serão os principais artistas.

Para isso, como para qualquer outra coisa, a mente do homem é capaz de ser trazida, por garantias de prazer infinito, no caso de ele ter se tornado perfeito neste exercício, ou de tormento infinito no caso de ele negligenciá-lo: é claro, ainda mais eficazmente, por ambas as garantias colocadas juntas; e, considerando a facilidade de ambas as operações, termos mais fáceis não poderiam ser facilmente imaginados. Uma conveniência capital é que, para produzir fé desta forma, nenhuma partícula de nada na forma de evidência é necessária: o lugar da evidência é fornecido pela garantia: pela intensidade, real ou aparente, da persuasão, à qual expressão foi dada, pelo que o pregador disse ou fez. Quanto mais intensa a garantia aparente de um lado, maior a *segurança* aparente , obtida ao ceder a ela, do outro: e assim é, que nenhum absurdo pode ser tão flagrante, que o lado em que é encontrado não pode ser abraçado, sob a

noção de ser o lado *seguro* . Quando Paulo, com sua veemência costumeira, pregava o fim do mundo, tantos de seus tessalonicenses que acreditavam nisso, acreditavam que acreditar nisso era estar do lado seguro. Da parte do pregador, quanto mais veemente e impudente a garantia, maior, da parte do discípulo, o *perigo* aparente do descrente, a *segurança* aparente do lado crente.

Por esse meio são produzidos os sinais e maravilhas que lemos nas Epístolas de nossos missionários modernos; pois, por mais conclusivas que sejam as evidências que as afirmações que eles empregam podem invocar para seu apoio — conclusivas para toda mente razoável pela qual foram recebidas — certamente não é pela evidência, mas pela afirmação sem suporte, que, por ocasião dessas façanhas deles, qualquer credibilidade que tenha lugar, é produzida.

CAPÍTULO XIII.

Os supostos milagres de Paulo explicados.

SEÇÃO 1.

OBJEÇÕES, APLICANDO-AS NO AGREGADO.

Mas, pode-se dizer, a suposta comissão de Paulo por Deus era certamente genuína; pois é provada por seus milagres. Olhe para os Atos, não menos que doze milagres dele você encontrará. Se então tomados por si mesmos, por falta daquela concepção precisa da forma probatória de evidência, à qual eras mais maduras deram à luz, o relato do milagre pelo qual sua conversão foi operada deixa de ser completamente satisfatório, — olhe para seus milagres, a deficiência será preenchida. O homem, a quem Deus havia concedido tais poderes extraordinários — poderes tão

completamente incomparáveis nestes nossos tempos, — pode tal homem ter sido um mentiroso — um impostor? um mentiroso com o propósito de[Pág. 355] engano — de dar suporte a um sistema de engano — e esse lucrativo? Uma imposição tão perseverante a ponto de ter sido levada adiante, da juventude até a morte, através, talvez, da maior parte de sua vida?

A observação é plausível: a resposta não será menos satisfatória.

A resposta tem duas vertentes: uma, *geral* , que se aplica a todos os supostos milagres em questão, considerados em conjunto; a outra , *particular* , que se aplica aos vários milagres considerados separadamente.

As observações que se aplicam ao todo são as seguintes:

1. Nem o próprio Paulo, em nenhuma de suas epístolas, faz qualquer afirmação geral de que ele havia recebido de Deus ou de Jesus — ou, em uma palavra, de que ele possuía qualquer poder, como o poder de operar milagres.

2. Em nenhum lugar do relato de suas transações feito pelo autor dos Atos, ele é representado em qualquer um de seus discursos fazendo referência a qualquer ato seu no caráter de um milagre.

3. Em nenhum lugar do mesmo relato ele é representado afirmando possuir tais poderes.

4. O autor dos Atos não menciona que ele possuía tal poder.

5. Em nenhum lugar o autor dos Atos fala dele, em termos gerais, como produtor de quaisquer efeitos que, em relação ao poder necessário para a produção deles, se aproximem daqueles falados como tendo sido produzidos por Simão, o Mago; por aquele impostor declarado, em cujo caso, nenhuma comissão de Deus é representada como tendo sido recebida.

6. Nem por ocasião da sua conversão, nem[Pág. 356] em qualquer outra ocasião, Paulo é declarado ter recebido de Jesus algum poder como o de operar milagres: qualquer

poder como os verdadeiros apóstolos são — em Marcos 16:15, 16, 17, 18 — declarados terem recebido de Jesus.

Seria que, em sua própria concepção, para ganhar credibilidade à sua pretensão de uma comissão de Jesus — de Jesus, denominado por ele o Senhor Jesus — qualquer necessidade de milagres, ou de uma persuasão, por parte daqueles com quem ele tinha que lidar, de *seu* poder de operar milagres? De forma alguma. Do negativo, a história contada por ele sobre a maneira de sua conversão é prova abundante. Da causa eficiente dessa mudança em sua mente, o relato dado, é claramente dado no caráter do relato de um milagre. Mas, desse milagre, a prova dada consiste unicamente em sua própria evidência: sua própria declaração, não apoiada pela de qualquer outra pessoa, ou por referência à de qualquer outra pessoa; seu relato do discurso que, por ocasião da visão, na qual nada foi visto, exceto um dilúvio de luz, ele ouviu do Senhor Jesus; seu próprio relato da visão que ele diz ter sido vista por Ananias; seu próprio relato daquela outra visão que, segundo Ananias, ele, Paulo, teve, mas da qual o próprio Paulo nada diz.

Na obra de seu adepto e único biógrafo, o autor dos *Atos* , temos cinco discursos, feitos por ele, em defesa de sua conduta, no caráter de um pregador da religião de Jesus; e, de sua própria mão, Epístolas em número: ainda assim, em nenhum lugar é feita qualquer referência, a um único milagre feito por sua própria mão, a menos que o transe em que ele cai quando está sozinho, e a visão que ele vê, quando ninguém mais vê nada, sejam colocados na conta de milagres. Milagres? *Em*[Pág. 357] ele, sim; *por* ele, não. É verdade que, em uma ocasião, ele fala em termos gerais de "sinais e maravilhas", como tendo sido feitos por ele. Mas vago, no mais alto grau, é o significado, bem como ampla a extensão, desses termos gerais: nem é de forma alguma claro, que, mesmo por ele mesmo, qualquer reivindicação desse tipo foi pretendida para ser apresentada, como a de ter exibido quaisquer manifestações de poder sobrenatural,

como são comumente consideradas como designadas pela palavra *milagres* . Na multidão de pessoas, que, em lugares tão amplamente distantes uns dos outros, ele conseguiu numerar na lista de seus seguidores — na profundidade da impressão, suposta ter sido feita no coração deste ou daquele deles — em todas ou qualquer uma dessas circunstâncias, era natural que ele próprio contemplasse, e, quer o fizesse ou não, usasse seus esforços para fazer com que outros contemplassem, não apenas tantas fontes de maravilha, mas tantas circunstâncias; tudo conspirando para aumentar a quantidade daquela confiança que, com tanta diligência e, até onde parece, com tão brilhante sucesso, ele estava se esforçando para plantar em todos os corações: circunstâncias que serviam, na mente de seus adeptos em geral, como um sinal ou prova da legitimidade de sua pretensão, como acima.

Mas, de qualquer poder sobrenatural como o que está aqui em questão, poderiam quaisquer expressões vagas e soltas ser razoavelmente consideradas como fornecendo algum tipo de prova? Não: a menos que qualquer coisa, nos assuntos dos homens, possa ser justamente considerada *maravilhosa* , também deva ser considerada um milagre.

Em uma passagem, e somente uma, seja nos Atos ou em suas próprias Epístolas, ele é encontrado fazendo qualquer reivindicação, por mais distante e vaga que seja, a qualquer poder desse tipo, como tendo sido exercido por ele. E, neste caso, nenhum incidente individual sendo de forma alguma[Pág. 358] trazido à tona ou mencionado, o que é dito será visto como não significando absolutamente nada, sendo nada mais do que, sem incorrer em qualquer interpretação como a de impostura, é atualmente continuamente afirmado por cristãos de diferentes seitas.

Aquele que dá tanta importância aos seus *sofrimentos* , se tivesse feito algum milagre, não teria feito nada com *eles* ?

Em seguida, embora deva ser admitido que, em várias ocasiões, seu único biógrafo e adepto declarado, a saber, o autor dos Atos, parece ter tentado dar uma espécie de tom de maravilhoso; dado ao incidente em si e à parte que naquela ocasião foi tomada por ele; ainda assim, em nenhuma dessas ocasiões, a menos que talvez seja a última — da qual falaremos agora — o relato feito por ele sobre o que aconteceu, apresenta qualquer aspecto que torne necessário considerá-lo milagroso ou considerar o biógrafo como tendo afirmado naquela ocasião uma mentira completa e absoluta.

SEÇÃO 2.

SUPOSTO MILAGRE I.—ELIMAS, O FEITICEIRO, FICOU CEGO.— *Atos* 13:6 a 12.

1. Destes supostos milagres, o primeiro que ocorre é aquele que teve como tema Elimas, o feiticeiro.

Em Pafos, na ilha de Chipre,[77] Paulo e[Pág. 359] seu associado Barnabé é enviado, pelo "deputado do país", Sérgio Paulo, que deseja ouvir a palavra de Deus. Mas naquele mesmo lugar está um certo judeu, de nome Barjeso, também conhecido como Elimas, — um feiticeiro de profissão, que "resistiu a eles, procurando afastar o deputado da fé". Para este homem, não é dito, nem onde nem quando, Paulo é então representado como fazendo um breve discurso, no final do qual, depois de chamá-lo de filho do diabo, e assim por diante; ele lhe diz: " *Ficarás cego, não vendo o sol por um tempo* . Então", continua a história, "imediatamente caiu sobre ele uma névoa e uma escuridão; e ele andou procurando alguns para guiá-lo pela mão. Então o deputado", conclui, "quando viu o que foi feito, creu, ficando atônito com a doutrina do Senhor".

Supondo que esta história tenha tido algum fundamento de fato, da aparência de cegueira assim exibida, onde devemos

procurar a causa? Em uma suspensão das leis da natureza, realizada pelo autor da natureza, para nenhum outro fim atribuível, além da conversão deste governador romano? Sem maiores despesas, do que a de um discurso deste mesmo Paulo, a conversão de um rei, o Rei Agripa, se o autor dos Atos for acreditado, foi quase efetuada. "Quase", diz Agripa, "tu me persuadiste a me tornar um cristão." Tão frequentemente quanto Deus é representado, como operando de forma direta, embora secreta e misteriosa, no coração, *isto é* , na mente, deste e daquele homem, enquanto os relatos dados da suspensão das leis da natureza são comparativamente tão poucos, para falar naquele tipo de linguagem humana, na qual somente a natureza do caso admite que falemos, se a despesa de um milagre não fosse relutante, não poderia, no[Pág. 360] acima mencionado, por um uso muito menos pródigo de poder sobrenatural, o mesmo efeito foi produzido? isto é, por uma ligeira influência exercida no coração do governador Paulus?

Qualquer que tenha sido o estado real do caso, assim, muito parece bem claro, a saber, que neste momento do dia, para uma pessoa cujo julgamento sobre o assunto deveria ter, por seu fundamento, a natureza da mente humana como manifestada pela experiência, outro modo de explicar a aparência em questão será capaz de se apresentar como muito mais provável. Isto é, que, por um entendimento entre Paulo e Elimas, entre o ex-perseguidor e o feiticeiro, o feiticeiro, na visão de todas as pessoas, em cujo caso era material que a credibilidade fosse dada ao suposto milagre, pois e durante "*a temporada*" que era considerada necessária, manteve os olhos fechados.

O feiticeiro era judeu: Paulo também era judeu. Entre eles aqui já havia um vínculo indissolúvel de conexão e canal de comunicação. Elimas, por ofício um feiticeiro, *ou seja* , um impostor — uma pessoa do mesmo ofício de Simão Mago, por quem uma figura tão conspícua é cortada no capítulo desta história — era um tipo de pessoa que, na suposição

de um motivo adequado, não poderia naturalmente sentir maior repugnância, à ideia de praticar imposição, a uma taxa tão fácil quanto a de manter os olhos fechados, do que à ideia de praticá-la, em qualquer uma das formas às quais estava acostumado: — formas, exigindo mais destreza, e algumas, pelas quais ele estaria mais ou menos exposto, àquela detecção, da qual, no modo aqui em questão, seria totalmente seguro.

Mas Paulo — estaria ele em condições de fazer valer a pena ao feiticeiro dar esta forma à sua impostura?[Pág. 361] Quem pode dizer que ele não era? Sim: se até certo ponto ele tivesse em seu poder, seja para beneficiá-lo ou fazê-lo sofrer? E quem pode dizer que esses dois meios de operar, estavam um ou outro, ou ambos, em seu poder? Quanto ao feiticeiro o ter traído, isso é o que ele não poderia ter feito, sem trair a si mesmo.

É verdade que, ao atuar nessa parte inferior, essa parte auto-humilhante, enquanto Paulo permaneceu, o feiticeiro foi, não o primeiro, mas apenas o segundo fazedor de milagres da cidade. Mas assim que a partida de Paulo ocorreu, Elimas, de segundo, tornou-se novamente o primeiro.

SEÇÃO 3.

SUPOSTO MILAGRE II.—EM LISTRA, ALEFÉRICO CURADO.— *Atos* 14:8 a 11.

O segundo desses supostos milagres é a cura do aleijado de Listra.

Este milagre não combina com o mencionado anteriormente.

Vendo um homem em Listra, nem o nome do homem, nem o lugar, exceto dessa forma geral, nem o tempo, de forma alguma mencionado, — vendo um homem disfarçado de aleijado, " *Fique de pé* ", diz Paulo a ele em voz alta. "E",

continua a história, "ele saltou e andou, contemplando firmemente e percebendo que tinha fé para ser curado." Coro do povo sobre isso, "Os deuses desceram até nós na semelhança dos homens."

Para a produção de uma aparência desse tipo, o que era necessário? Um verdadeiro milagre? Não, certamente:[Pág. 362] enquanto houvesse um vagabundo que pudesse, sem qualquer risco, desempenhar um papel desse tipo por alguns centavos, em uma época tão fértil em impostura.

É verdade que esse mesmo homem, quem quer que fosse, é representado como sendo "impotente em seus pés, sendo um aleijado desde o ventre de sua mãe, que nunca andou". Mas essas palavras, quanto mais do que quaisquer outras palavras, do mesmo comprimento, no mesmo número, a escrita delas custou ao autor desta história? Quanto à correção de suas narrativas, dos relatos autocontraditórios dados por ele da conversão de Paulo, uma amostra já foi dada. Quanto à detecção, supondo que essa circunstância seja falsa, a detecção é o que o relato assim dado dela torna impossível. Pois, esse mesmo aleijado, qual era seu nome? Do nascimento até agora, onde ele estava vivendo? Sobre isso nada é dito. Que, em Listra, ou em qualquer outro lugar, o relato tenha sido tornado público, não é afirmado, nem sequer insinuado: não, mas que poderia ter sido publicado e, ao mesmo tempo, embora, quanto a tudo, exceto à cena que se exibia na aparência externa, fosse falso, não poderia ter encontrado qualquer pessoa, ao mesmo tempo, capaz e disposta a contradizer a falsidade e, assim, naturalizar o milagre.

SEÇÃO 4.

SUPOSTO MILAGRE III.—A DIVINDADE É SILENCIADA.— *Atos* 16:16-18.

Enquanto Paulo e sua comitiva, dos quais, segundo o autor dos Atos, ele próprio era um, estavam em Filipos, uma colônia romana e capital de uma parte[Pág. 363] da Macedônia,—entre seus ouvintes, está Lídia—uma vendedora de púrpura da Cidade de Tiatira. Sendo convertida, ela recebe todo o grupo em sua casa.

Desta casa,sobreseu caminho para as orações, — provavelmente em uma sinagoga judaica, — eles são recebidos por uma certa donzela, tão sem nome quanto o coxo de nascença aleijado, que, sendo possuída por um espírito de adivinhação, ou de Python, traz para seus mestres, pois mestres parece que ela tinha mais de um, muito ganho por adivinhação. Aqui está então uma mulher, que, por ser possuída por ou com um espírito, — um espírito real, seja diabo ou um espírito de qualquer outro tipo, — é convertida em uma profetisa, e, sem dúvida, no geral, uma falsa profetisa.

No caso presente, porém, ela é uma verdadeira profetisa: pois, seguindo Paulo e sua comitiva, ela corre atrás deles, dizendo: "Estes homens são os servos do Deus Altíssimo, que nos mostram o caminho da salvação. E isso ela fez por muitos dias."

Se, em vez de um demônio, tivesse sido um anjo que tomou seus órgãos vocais como instrumento de suas comunicações, é difícil dizer de que maneira ele poderia ter merecido melhor das mãos desses "servos", reais ou fingidos, "do Deus Altíssimo".

No entanto, por alguma causa ou outra que não aparece, assim era, ao que parece, — havia algo sobre ela com o qual Paulo não estava muito satisfeito. "Ficando triste, ele se vira e diz," — não para a donzela em si, mas para o espírito, que *a possuía* , ou melhor, já que para o benefício de seus mestres, isso lhe trouxe tanto ganho, que *ela possuía* , — "Eu te ordeno, em nome de Jesus Cristo, que saia dela."

Entre as superstições daquela e de outras épocas, uma era — a noção de uma propriedade possuída por tais e tais

palavras — possuída por essas meras evanescentes[Pág. 364] sons — pelo ar da atmosfera, quando feito vibrar de uma certa maneira: — uma propriedade, de efeitos de trabalho em infinita abundância e variedade, e esses, também, sobrenaturais. Em alguns casos, as maravilhas seriam feitas pelas próprias palavras, quaisquer que fossem as bocas pelas quais elas foram proferidas. Em outros casos, elas requeriam, para a produção dos efeitos, uma pessoa, que sendo possuidora de um poder particular e apropriado, deveria, com o propósito de dar exercício a tal poder, dar-lhes passagem através de seus lábios. Deste último tipo foi o caso presente. O comando emitido como acima, "ele", pois era um espírito-ele, "saiu dela", a donzela, "na mesma hora".

Quando o demônio que Josephus viu ser expulso, saiu do homem, o canal pelo qual ele fez sua saída, sendo manifesto, foi adequadamente especificado: era o *nariz* do homem . Isso era algo para saber: especialmente, em relação a uma ocorrência, cujo tempo foi tão distante do nosso. Ao mesmo tempo, no entanto, outros detalhes se apresentam, pelos quais a curiosidade é excitada, e por falta dos quais, a informação assim concedida deve ser confessada como bastante imperfeita. Qual era a forma do demônio? Qual a substância? De onde ele veio pela última vez? Para que lugar, para que ocupação, depois de ser assim desalojado, ele se dirigiu, e assim por diante: para não falar de muitos outros, que por mais instrutivos e satisfatórios que fossem para serem conhecidos, agora que todo conhecimento deles é inútil, seria tedioso enumerar.

No caso presente, não apenas quanto a todos esses detalhes, o historiador — testemunha ocular, como deveria parecer, de tudo o que aconteceu — nos deixou no escuro; mas também não se dignou a nos fornecer aquele único artigo de informação, escasso[Pág. 365] como foi, pelo que, como acima, no caso mencionado por Josefo, somos gratos a Josefo: a Josefo — o mais respeitável e instrutivo dos historiadores pouco inspirados de sua época.

Em relação a esta história, assim como às outras, a mesma questão ainda se apresenta: se fosse contada no tempo presente, se fosse mencionada em algum jornal como tendo acontecido no ano presente, existiria aqui alguma pessoa, mesmo entre a população mais ignorante, com quem ela obteria algum crédito permanente?

Mas, um estado de coisas relatado - que, se relatado como tendo ocorrido no século atual, seria, por sua desconformidade com o estado manifesto das coisas e com todo o curso da natureza, considerado muito absurdoe flagrantemente inacreditável para merecer o direito de ser notado por um momento — o que há que o torne mais crível, quando relatado como tendo acontecido neste mesmo mundo nosso, em qualquer ponto anterior do tempo?

SEÇÃO 5.

SUPOSTO MILAGRE IV.—EM FILIPES, UM TERREMOTO: PAULO E SILAS LIBERTADOS DA PRISÃO, 53 d.C.

A passagem em que esses eventos são relatados está em Atos 16:19-40, inclusive.

Nesta ocasião, três eventos principais são narrados: o encarceramento de Paulo, um terremoto e a libertação de Paulo. Entre o terremoto e a libertação deste prisioneiro, qual era na realidade a conexão? Na resposta não há muita dificuldade: A mesma que entre o terremoto e qualquer outro evento que ocorreu depois dele. Mas,[Pág. 366] por uma resposta tão simples, o propósito do narrador não teria sido respondido: o propósito era — induzir, por parte de seus leitores, a crença — de que era com o propósito de trazer a libertação do autoconstituído Apóstolo de Jesus, que a terra foi feita para tremer. Quanto à libertação, por meios completamente naturais foi esse evento produzido: então ele mesmo tem a franqueza de nos informar. Deste quase-

milagre, ou do último mencionado, Filipos, capital da Macedônia, foi o teatro. Por ordem dos magistrados daquela cidade, Paulo e seu assistente foram espancados uma noite e jogados na prisão: na manhã seguinte, chegou ao carcereiro uma ordem desses mesmos magistrados, e em obediência a ela os prisioneiros foram libertados. Que, nas mentes desses magistrados, havia alguma conexão entre o terremoto e o tratamento que eles deram a esses aventureiros, não é nem mesmo insinuado. O propósito que tinha em vista foi respondido: era livrar a cidade de um par de visitantes, cuja visita a ela havia produzido perturbação nas instituições existentes. Atos 16:20-40.

Seja como for com relação ao historiógrafo, que era um objetivo com seu herói produzir uma noção de uma conexão entre as listras e a prisão que ele havia sofrido por um lado, e o terremoto por outro, é bastante manifesto. A pessoa, em cuja mente o prisioneiro havia se esforçado para produzir a ideia de tal conexão, era o carcereiro: e, por ter sido neste casobem-sucedido, parece haver pouca dificuldade em dar crédito ao historiógrafo. Tudo o que parece ter sido dito, seja de Paulo ou por Paulo, tende a mostrar a maravilhosa força de sua mente, e a facilidade e prontidão com que isso o capacitou a ganhar ascendência sobre outras mentes. No[Pág. 367] linguagem do lugar e do tempo, ele havia ordenado à donzela adivinhadora que cessasse sua impostura, e a impostura cessou. Atos 16:18. Preso à prisão, ele formou um projeto para fazer do carcereiro um prosélito: e, nisso também, e em um espaço de tempo tão pequeno quanto algumas horas, parece haver razão para acreditar que ele foi bem-sucedido. Em sua presunção, ao ousar executar a sentença da lei sobre uma pessoa tão santa, o carcereiro viu a causa do terremoto; e, se por Paulo quaisquer esforços muito extenuantes foram usados para corrigir um erro tão conveniente na geologia, pode ser deixado para ser imaginado. Paulo, quando introduzido na prisão, não encontrou falta de companheiros: como então aconteceu, que foi à prisão de Paulo que o terremoto,

quando aconteceu, foi atribuído, e não a qualquer um de seus companheiros de prisão? Resposta: Aconteceu assim.

Do comércio, que, com tão brilhante sucesso, Paulo, — com este seu jornaleiro, — estava realizando, um conjunto de canções com o nome de Deus para o fardo delas, constituía uma parte do capital, e, como deveria parecer, não era o menos valioso. Quando chegou a meia-noite, Paulo — o comerciante da piedade — tratou a companhia na prisão com um dueto: os outros prisioneiros, embora compartilhassem o benefício disso, não se juntaram a ele. Enquanto esse dueto estava sendo executado, veio o terremoto; e Paulo não era um novato a ponto de deixar passar sem aproveitar a oportunidade que ele colocou em sua mão.

O historiógrafo, se for para ser acreditado, estava nessa época no trem de Paulo, assim como Silas; pois assim, pela palavra *nós* , no décimo versículo deste mesmo capítulo, ele, por assim dizer, silenciosamente nos informa. O espancamento e a prisão foram confinados aos dois principais; por sua insignificância comparativa, como deveria parecer, o historiógrafo foi salvo disso.[Pág. 368] Da relação, dada a ele por Paulo ou Silas, e em particular por Paulo, — deve esta concepção, formada pelo historiógrafo do que se passou na ocasião, ter sido derivada, é claro. Foi colorido, é claro, à maneira de Paulo: e em sua coloração, não havia, é claro, falta do maravilhoso. Pelo terremoto, não apenas "fundações foram abaladas" e "portas abertas", mas "amarras afrouxadas". Os "pés" dos dois homens santos foram "feitos ... firmes no tronco", ver. 24: desses mesmos troncos, o terremoto foi engenhoso o suficiente para deixá-los sair, e, até onde parece, sem ferimentos: a parte profana dos prisioneiros tinha cada um deles amarras de algum tipo, pelas quais eles estavam confinados; pois, ver. 26, "as amarras de todos foram soltas": em todos os casos, se eles estavam trancados, o terremoto desempenhava o papel de uma gazua. Terremotos nestes últimos dias, temos muitos, em arrombar portas abertas eles não encontram grande

dificuldade; mas eles não têm a mesma delicadeza de toque do terremoto, que produziu no autoproclamado Apóstolo uma família de prosélitos: eles não são mais capazes de tirar os pés do tronco, ou as mãos das algemas, do que de fazer relógios.

Uma vez fornecidas essas elucidações, o leitor é convidado a consultar o texto e colocá-lo diante dele: reimprimi-lo exigiria mais papel do que ele escolheria ver assim empregado.

Quanto ao nome de Deus e ao nome de Jesus, os dois nomes, ao que parece, não foram — nas ocasiões em questão — usados aleatoriamente. Quando a donzela adivinhadora foi o assunto dos santos labores de Paulo, ela tendo sido de uma forma ou de outra já ganha, v. 17, o caso já era de um tipo, no qual o nome de Jesus Cristo, o nome sob o qual o autoconstituído Apóstolo alistou todos os seus seguidores, — poderia ser empregado com vantagem.

[Pág. 369]

Quando Paulo e Silas foram presos, nenhum nome como o de "Jesus Cristo" ainda teria servido. De "Jesus Cristo" nem o carcereiro tinha ouvido nada ainda, nem os outros prisioneiros. Mas, de Deus, de uma forma ou de outra, eles não poderiam deixar de ter ouvido todos eles: *Deus* , portanto, era o nome, pelo qual neste momento as sensibilidades das pessoas em questão deveriam ser trabalhadas. Quando a terra tremeu, o carcereiro tremeu da mesma forma: ele "veio tremendo e caiu", v. 29, diante de Paulo e Silas. E os trouxe para fora, v. 30, e disse: "Senhores, o que devo fazer para ser salvo?" Agora, então, chegou a hora do alistamento — para o alistamento na guerra espiritual contra o diabo e seus anjos: no nome ainda novo de "o Senhor Jesus Cristo" esses recrutas foram devidamente alistados, como agora, para o propósito da guerra carnal, em nome do Rei George. "E eles disseram", continua a narração, v. 31, "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa."

SEÇÃO 6.

SUPOSTO MILAGRE V. — EM CORINTO, PAULO CONSOLADO PELO SENHOR EM UMA VISÃO INVISÍVEL, 54 d.C. — *Atos* 18:7-11.

Uma visão, sendo uma espécie de milagre, poderia, não mais do que uma pantomima, ter lugar sem alguma despesa. No caso presente, como em qualquer outro, uma questão natural é: Qual era o objetivo a ser alcançado, sobre o qual a despesa — qualquer que fosse — foi concedida? A resposta é: A manutenção de seus atendentes,[Pág. 370] quem quer que fossem, no estado necessário de subserviência: pois nenhum outro é perceptível. Para os dependentes no séquito de Paulo, não era um sentimento muito incomum não estarem tão satisfeitos com o curso que ele tomou, como ele próprio estava. Corinto era, nessa época, o teatro de seus labores: dos homens, quem quer que fossem, que tinham apostado suas fortunas em *seu* , alguns, — o historiador, como deveria parecer, do número, — havia, cujo desejo era mudar a cena. Naquela cidade gentia, — o principal governante da sinagoga judaica, Crispo por nome — este homem, além de outro homem, de nome Justo, "cuja casa se juntava fortemente" àquela mesma sinagoga, havia se tornado seus convertidos: "e muitos dos coríntios ouvindo, creram e foram batizados." Olhos, no entanto, havia, em que o sucesso, qualquer que fosse, ainda não era suficiente para fornecer uma garantia suficiente para sua estadia. Uma visão era necessária, e uma visão consequentemente, ou pelo menos algo, que era chamado por esse nome, fez sua aparição. "Assim falou o Senhor", diz o historiador, ver. 9, "Assim falou o Senhor a Paulo à noite por uma visão: Não temas, mas fala, e não te cales. —— Porque eu estou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal; pois tenho muito povo nesta cidade." Nem foi a visão sem seu efeito; pois, como o próximo versículo nos

informa, ver. 11, "Ele permaneceu *ali* um ano e seis meses, ensinando a palavra de Deus entre eles."

O que, nesta ocasião, pode ser acreditado sem muita dificuldade é que a palavra assim ensinada por Paulo era a palavra de Paulo: e o que pode ser acreditado com o mínimo, por aqueles, quem quer que sejam, que acreditam em sua visão de conversão original, é que era a palavra de Deus da mesma forma. Do próprio Paulo deve ter sido entregue o relato desta visão.[Pág. 371] ao historiógrafo: pois, a menos que à custa de um tipo de milagre, na forma de uma visão adicional pelo menos, se não em alguma forma mais cara, nenhuma informação de tal coisa poderia ter chegado até ele. Nestes últimos dias, nenhum fantasma é visto senão em um *tête-à-tête* : naqueles dias, nenhuma visão, até onde parece, era vista senão no mesmo grau de privacidade. Uma visão é a palavra nestas páginas, porque tal é a palavra na tradução autorizada feita do historiógrafo. O que Paulo é relatado ter ouvido, é—o que acabamos de ver acima: mas que, nesta ocasião, ele viu qualquer coisa—que ele viu tanto quanto um flash de luz, isso é o que não nos é dito: mais do que por quais outros meios ele ficou tão bem seguro, que a voz que ele ouviu, supondo que ele tenha ouvido uma voz, era a voz do Senhor. Nestes últimos dias, investigações desse tipo seriam certamente feitas por um conselho que fosse contra a visão, como, no caso do Fantasma de Cock-lane, que deu tanto exercício à fé do arquilexicógrafo, foram feitas pelo conselho que era contra o fantasma; mas, por uma espécie de entendimento geral, do qual nada pode ser mais conveniente, investigações como essas, por mais estritamente oportunas que sejam, quando aplicadas ao século XIX do ouvido comum, estão completamente fora de época, tão frequentemente quanto são aplicadas ao seu início.

Quanto à fala por uma visão, a única maneira inteligível, na qual tal coisa pode realmente ter lugar, é aquela que, sob a pressão da necessidade, foi realizada pela engenhosidade dos dramaturgos nestes últimos dias. Tal é o modo

empregado, quando os atores, tendo ficado mudos pela tirania de leis tolas, e consequentemente não tendo ouvintes, transmitem aos espectadores as informações que parecem[Pág. 372] necessário, por um sortimento apropriado de letras douradas em um fundo de seda: se o Senhor que, nesta ocasião, de acordo com Paulo, falou aos olhos de Paulo, veio provido de qualquer tal implemento, ele não nos informou. Sem muito perigo de erro, podemos nos aventurar a afirmar o negativo: pois, se tal era o modo de conversa, não havia nada além do que poderia acontecer sem sinal ou maravilha: e, nesta suposição, nenhuma adição foi feita por ela, àqueles sinais e maravilhas, que, como foi visto, era sua maneira de fazer referência, no caráter de evidência.

SEÇÃO 7.

SUPOSTO MILAGRE VI.—EM ÉFESO, DOENÇAS E DEMÔNIOS EXPULSOS POR LENÇOS SUJOS.— *Atos* 19:1-12.

Em Éfeso, Paulo faz uma estadia de dois a três anos; por "dois anos" juntos, disputando "diariamente na escola de um certo Tirano", "de modo que todos os que habitavam na Ásia ouviam a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos.

"E Deus", continua a história, "operou milagres especiais pelas mãos de Paulo".

Esses " milagres *especiais* ", o que eram? De todo o número, há ao menos um particularizado? Não; nenhum. *Especiais* como são, o seguinte é o relato, e o único relato dado deles. "De modo que", continua a história, "de seu corpo eram trazidos aos doentes, lenços ou aventais, e as doenças partiam deles, e os espíritos malignos saíam deles."

[Pág. 373]

Nenhuma circunstância particularizada, nome da pessoa, nome do lugar, descrição do tempo — nada, por meio do qual, em caso de falsidade *in toto* , ou incorreção nas circunstâncias, a declaração incorreta poderia ter sido exposta — até que grau de credibilidade, ou mesmo consideração com vistas à credibilidade, generalidades vagas como essas, podem apresentar ao menos a menor reivindicação? Se alusões como essas devem passar por prova, onde está a impostura, para a qual provas — provas suficientes em número e valor — podem sempre faltar?

Oposto como Paulo era, onde quer que fosse, — por opositores ou perseguidores, ou ambos — às vezes bem-sucedido, às vezes completamente malsucedido, às vezes em um pequeno grau bem-sucedido — em qualquer ocasião, seja nesta história, ou em qualquer uma de suas numerosas Epístolas, encontramos sequer um desses " *milagres especiais* ", mais do que quaisquer outros milagres, trazidos à vista por ele, ou tanto quanto aludidos por ele, no caráter de provas da comissão a que ele pretendia? Resposta: Não, nem um.

Doenças curadas, espíritos malignos expulsos, por lenços e aventais! — por lenços e aventais tirados do corpo de um homem! Doenças curadas e demônios cauterizados por linho sujo! Por Jesus — por qualquer um de seus apóstolos — foram empregados tais implementos, tais armadilhas para os olhos? Não; nunca. Quanto às doenças, se por tais meios uma doença tivesse sido *propagada* , o caso teria sido inteligível o suficiente. Mas o que era necessário era um milagre: e isso não teria sido um milagre. O preço, recebido pelo santo portador por qualquer uma dessas vestimentas descartadas — o preço, dos preciosos eflúvios assim transmitidos — por qualquer pequena circunstância, se tivesse sido mencionado, alguma luz poderia ter sido lançada sobre o que foi feito.

[Pág. 374]

Uma coisa, de fato, pode ser afirmada com alguma certeza: é que, depois que um homem, saudável ou não, recebia um desses mesmos lenços sujos ou um desses mesmos aventais sujos, nenhum espírito maligno era visível nele.

Outra coisa também pode ser afirmada com não menos confiança: estando a infecção fora de questão, e supondo que Paulo estivesse livre de toda doença contagiosa, se, sem lenço ou avental, a doença tivesse saído, por nenhum lenço ou avental tal a saída dela foi impedida.

Note que todo esse tempo, de acordo com esse homem, o autor dos Atos, ele próprio estava na suíte de Paulo. No entanto, assumindo o crédito por todos esses milagres — assumindo o crédito assim por milagres fora de número, nem mesmo um deles ele toma para si a particularização.[78]

[Pág. 375]

SEÇÃO 8.

SUPOSTO MILAGRE VII.—EM ÉFESO, OS EXORCISTAS CEVAS ATORMENTARAM.— *Atos* 19:13-20.

Assim é que, como foi observado no último tópico, de todas essas supostas exposições bem-sucedidas, nenhuma é específica.

Em vez, no entanto, desses sucessos de Paulo, temos algo de uma história até certo ponto particularizada. Mas isso é — o quê? uma performance bem-sucedida de Paulo? Não: mas uma tentativa malsucedida de certas pessoas — aqui chamadas de exorcistas — que se encarregaram de agir contra ele no caráter de competidores.

Pois bem: quando chegou o momento de demonstrar poderes sobrenaturais por meio de experimentos, esses exorcistas — esses impostores, sem dúvida a intenção era que eles[Pág. 376] deveria ser considerado — fez uma mão muito indiferente disso. Bom: mas o verdadeiro homem, Ele

foi além desses mesmos impostores? Não ele, de fato: ele nem tentou. Mas, vamos ouvir seu historiógrafo, que todo esse tempo estava ao seu lado. Atos 19:13-20. "Então alguns dos judeus vagabundos, exorcistas, tentavam invocar sobre os que tinham espíritos malignos, o nome do Senhor Jesus, dizendo: Nós vos conjuramos por Jesus, a quem Paulo prega.

"E havia", continua a narrativa, ver. 14, "sete filhos de Ceva, judeu, chefe dos sacerdotes, que assim fizeram." Até aqui a narrativa.

Os filhos dos principais sacerdotes? Tais homens são chamados não apenas *de exorcistas* , mas também *de vagabundos* ? Se eles não estão aqui, em termos expressos, eles mesmos chamados de *vagabundos* , de qualquer forma, o que é aqui imputado a eles é fazerem essas mesmas coisas, cujos praticantes acabaram de ser chamados não apenas *de exorcistas* , mas ao mesmo tempo *vagabundos* . Mas continuemos, "E o espírito maligno", ver. 15, "respondeu e disse: Jesus, eu sei, e Paulo eu sei, mas quem sois vós? — E o homem, em quem estava o espírito maligno, saltou sobre eles, e os venceu, e prevaleceu contra eles, de modo que fugiram daquela casa nus e feridos." Até aqui a narrativa.

A qualquer ordem de seres a que o herói deste conto possa ter pertencido; — qualquer que tenha sido seu apelativo apropriado, — um homem com duas naturezas, uma humana, a outra diabólica, — um homem com um demônio dentro dele, um louco, — ou um homem em seus sentidos sãos falsificando um homem diabolizado ou um louco, — o conto em si é certamente eminentemente curioso. Destes antagonistas humanos ou sobre-humanos dele — destes pretensos mestres sobre o malespíritos—o número não é menor que sete: no entanto, em comparação com ele, todos eles são tão fracos e desamparados, que ele não[Pág. 377] apenas domina todos os sete, mas os derruba, todos os sete juntos, e enquanto eles estão deitados no chão em um estado de incapacidade, tira as roupas de suas costas:

mas se um após o outro, ou todos ao mesmo tempo, não é mencionado. Seja como for, aqui vem uma ou duas perguntas. Enquanto ele estava despindo qualquer um deles, o que os outros estavam fazendo todo esse tempo? A surra que eles receberam, foi tal que os deixou sem sentido e imóveis? Não: dificilmente pode ter sido o caso; pois, quando o diabo fez o seu pior, e seus sofrimentos estavam no auge, para fora da casa eles fugiram, feridos como estavam.

"Jesus eu conheço, e Paulo eu conheço", diz o herói misterioso, no décimo quinto verso. Aqui, uma observação ou duas pedem para serem ditas. Supondo que ele fosse um homem, que, sabendo o que estava fazendo, falsificou o tipo de ser, que era meio homem, meio demônio, — metade desse discurso dele, a saber, *Paulo eu conheço* , pode ser acreditado sem muita dificuldade. Mas, sobre essa suposição, visto que ele agiu com tanto efeito contra esses rivais de Paulo, — uma suposição não menos natural, para dizer o mínimo, é — que para Paulo ele não era desconhecido, assim como Paulo para ele: em uma palavra, que nessa ocasião, entre o espírito maligno e o apóstolo autoconstituído, uma espécie de entendimento ocorreu. Seja como for, quão extraordinária pessoa ele não deve ter sido, para empreender o domínio completo de sete homens de uma vez! Sete homens, todos jovens o suficiente para terem um pai, não apenas vivo, mas atuando como padre: e, ao mesmo tempo, todos velhos o suficiente, se não para exercer domínio sobre espíritos malignos, pelo menos para empreendê-lo!

Na suíte de Paul, todo esse tempo, até onde parece, estava o autor desta narrativa. A cena assim exibida — ele era então, ou não, ele próprio uma testemunha ocular[Pág. 378] disso? Em um ponto tão material e tão natural, nenhuma luz ele nos proporcionou.

Outra circunstância, não menos curiosa, é que é imediatamente após a história das multidões sem nome, tão maravilhosamente curadas por roupas sujas, que esta

história dos mestres do diabo frustrados por um servo rebelde deles, faz sua aparição. Volte-se agora para o suposto verdadeiro mestre do diabo — neste ponto, o que foi que ele fez? Simplesmente nada. O diabo — e um dos mais travessos que ele era — *ele* estava fazendo todo esse mal: — o homem, que tinha todos esses demônios tão completamente em seu poder, que eles abandonavam a posse e fugiam à mera visão ou cheiro de um lenço ou avental sujo seu; — ele, embora vendo todo esse mal feito — feito por este demônio preeminentemente travesso e poderoso — ainda o deixa continuar; — e não impõe a ele a menor restrição de forma alguma; mas o deixa em posse completa daquele receptáculo, que, de acordo com a narrativa, ele não queria nem o poder nem a vontade de converter em um instrumento de tanto mal. Foi do próprio Paulo, que, nesta ocasião especial, para este propósito especial, a saber, derrubar esses competidores presunçosos, este ser misterioso recebeu um presente tão extraordinário? Isso não é dito, mas não improvável, como deveria parecer, este foi o milagre, que foi pretendido pelo historiador que fosse acreditado.

Há ocasiões — e queremos fazer crer que esta foi uma delas — em que a impossibilidade de uma coisa não é um obstáculo ao seu conhecimento.

"E isto foi notório", continua a narrativa, versículo 17, "e foi notório a todos os judeus e gregos que habitavam em Éfeso; e caiu temor sobre todos eles, e o nome do Senhor Jesus era engrandecido."

[Pág. 379]

Agora, supondo que isso seja conhecido, o medo declarado como resultado disso pode ser facilmente acreditado: medo de ser tratado como aqueles filhos do chefe dos sacerdotes judeus foram; medo do diabo, por quem aqueles, seus antagonistas desiguais, foram assim tratados; medo do mestre do diabo mais hábil, sob cujo olhar esses trapalhões foram assim tratados.

Mas o nome aqui dito ser *magnificado* — o nome do Senhor Jesus — como *ele* veio a ser *magnificado* : nisso reside toda a dificuldade, e não parece ser pequena.

O *nome* , nesta ocasião, e assim dito para ser empregado, de quem era? Era, de fato, do Senhor Jesus. Mas foi bem-sucedido? Muito pelo contrário. Tornou o mal pior. Em todo esse negócio, o que havia do qual o nome Jesus poderia, de alguma forma, receber ampliação? Sim: se depois do uso tão eminentemente malsucedido, assim feito dele por aqueles exorcistas, um uso bem-sucedido tivesse, na mesma ocasião, sido feito dele por Paulo. Mas, não: nenhuma empresa desse tipo ele se aventurou. Louco, diabo, louco falso, diabo falso, — por procuração, qualquer um desses ele estava pronto para enfrentar, tomando por procuração um de seus lenços ou aventais imundos: qualquer um desse tipo de trabalho, se seu historiógrafo for acreditado, ele estava pronto o suficiente para fazer por procuração. Mas, pessoalmente? Não; ele sabia coisas melhores.

"E muitos dos que creram", conclui esta parte da narrativa, versículo 18, "vieram, confessaram e mostraram as suas obras." Sim; supondo que houvesse alguém por quem tudo isto ou qualquer parte disto fosse acreditado, que eles falaram e agiram em consequência, pode ser acreditado sem muita dificuldade: e, com esta observação, a história, e o tipo de elucidação que se tenta dar a respeito dela, podem ser deixados para encerrar.

[Pág. 380]

SEÇÃO 9.

SUPOSTO MILAGRE VIII.—LIVROS MÁGICOS QUEIMADOS PELOS DONOS.— *Atos* 19:19, 20.

Tal como foi, o suposto milagre mencionado por último não foi sem seu suposto fruto: destruição de propriedade, tal

como foi — destruição de propriedade, e em uma quantidade suficientemente maravilhosa para a satisfação de qualquer apetite comum por maravilhas. Mas vejamos o texto. Ele segue no versículo 19, logo depois daquele, no qual é feita menção, como na última seção precedente, do que foi feito pelos "muitos que creram".

"Muitos deles também", ver. 19, "que usavam artes mágicas, trouxeram seus livros e os queimaram diante de todos os homens; e calcularam o preço deles, e acharam que era de cinquenta mil moedas de prata." "Assim, poderosamente", ver. 20, "crescia a palavra de Deus e prevalecia." E aí termina a história dos livros de artes mágicas.

Quanto à soma total, nada pode ser mais preciso: quanto aos itens, se a lista deles pudesse ser produzida, isso seria de fato um tesouro. Quanto à denominação *mágica* , dada no título desta seção a esses livros, denominados livros " *de artes curiosas* ", — no texto, curta é a única desculpa que precisa ser feita por isso. Do número dessas *artes curiosas* não poderia, com toda a certeza, ter sido nenhuma das artes incluídas atualmente sob o nome de *belas-artes* ; do caráter das *artes* aqui designadas pela denominação de *curiosas* , uma indicação suficiente é fornecida pela história, pela qual a menção delas é, como[Pág. 381] acima, imediatamente precedido. Elas eram as artes, pelas quais os efeitos eram empreendidos para serem produzidos, como o Apóstolo autoconstituído se comprometeu a produzir por meios muito mais simples. Por mais vasta que fosse a coleção, qual seria o valor dela, — o todo tomado em conjunto, — quando muito mais do que poderia ser feito por tudo o que professava ensinar, poderia ser feito por cerca de vinte ou uma dúzia de palavras, com a única condição de que os lábios pelos quais elas foram proferidas fossem lábios devidamente comissionados, para não falar da operação ainda mais simples do toque de um lenço usado?

Do estado da arte e da ciência na esteira do grande templo de Diana, a representação aqui dada é por si só uma curiosidade nada pequena. Livros de artes curiosas — todas

elas artes de impostura — livros, empregados, todos eles, em ensinar o mais secreto de todos os segredos — livros dessa descrição, tão bem conhecidos por todos os homens, a ponto de terem um preço de mercado! um preço de mercado, tão bem conhecido por todos os homens, como se fosse o preço do pão e da carne do açougueiro: e, na única cidade de Éfeso, esses livros são tão numerosos — tal a multidão ou o valor — ou melhor, a multidão e também o valor deles tomados no agregado, que o preço que havia sido dado por aqueles que foram assim abandonados, e que são apenas parte, e, como deveria parecer pela palavra *muitos* , não a maior parte, do número total, daqueles que, naquele mesmo lugar, estavam naquele mesmo tempo em existência — foi, ao somar, encontrado realmente equivaler, assim somos obrigados a acreditar, a essa vasta soma.

Do total, dos preços que foram pagos, somos informados, por esta parte menor do número total de livros, então e ali existentes sobre este único assunto, - inadequada, de fato, seria nossa concepção se a considerássemos como não excedendo[Pág. 382] o valor de toda a biblioteca coletada pelo Rei George III, e dada por seu sucessor à parte inglesa de seus súditos. *Dados* , embora não para numeração, mas suficientes para concepção, não estão de forma alguma ausentes. Consultar Arbuthnot, ou qualquer sucessor seu, seria mera ilusão; na medida em que o valor do dinheiro é desconhecido, os preços em dinheiro servem apenas para enganar. A história — e *a* história mais apropriada — nos forneceu bases muito mais seguras. Trinta moedas de prata, Mateus 28:3-10, foi o dinheiro da compra do campo, chamado *campo do oleiro* , comprado para um cemitério, com o dinheiro recebido e devolvido pelo traidor, Judas, como recompensa por sua traição. Suponha que não seja mais do que meio acre. Qual seria, em dinheiro inglês dos dias atuais, o valor de meio acre de terra em ou perto de uma metrópole bem construída? Cem libras seriam, certamente, uma mesada muito moderada. Multiplique as cem libras por

cinquenta mil, você tem cinco milhões; divida os cinco milhões por trinta, você tem, na suposição acima, 166.666 *⅔* . e ímpar para o valor desses livros. Olhe para a tradução em inglês, olhe para o original grego, as peças de prata são as mesmas.

SEÇÃO 10.

SUPOSTO MILAGRE IX.—EM Trôade, ÊUTICO NÃO FOI ENCONTRADO MORTO.— *Atos* 20:7-12.

Nesta história pode ser visto outro exemplo da facilidade com que, quando os homens estão em busca de milagres, algo pode ser feito do nada: a ocorrência mais comum, pela adição de uma ou duas palavras soltas, é metamorfoseada em um milagre.

[Pág. 383]

Paulo, uma noite, estava tratando seus discípulos com um sermão: ele estava ao mesmo tempo tratando-os, ou eles a ele, com uma ceia. A arquitetura da casa era tal que, sob circunstâncias favoráveis, uma queda poderia ser obtida do topo dela, ou por aí, para o fundo, sem muita dificuldade. Se alguma dificuldade havia, na ocasião em questão ela foi superada. De acordo com as circunstâncias, os sermões produzem em mentes diferentes efeitos diferentes: de alguns, eles levam ao sono; em outros, eles o produzem. Na ocasião em questão, este último foi o efeito experimentado por um certo jovem. Sua posição é representada como sendo elevada: — tão elevada que, após a queda que ele sofreu dela, pode-se acreditar sem dificuldade, ele ficou por algum tempo imóvel. Paulo "desceu" até ele, somos informados, e o abraçou. O jovem recebeu o abraço; Paulo, o louvor da ternura: — isto é o que pode ser afirmado com uma consciência segura, embora seja sem nenhuma evidência especial. Trivial, no entanto, é a bênção que ele recebeu daquela congregação, em comparação com o que

ele tem recebido de tantos outros que o sucederam — a reputação de ter feito uma adição tão brilhante ao catálogo de seus milagres. Pelo acidente, qualquer que tenha sido a interrupção, dada por ele à festividade, nenhum fim foi posto a ela. O sermão e a ceia terminaram, o resto da congregação seguiu seu caminho: e com eles foi o jovem, a quem se algo sério tivesse acontecido, o historiador dificilmente nos teria deixado desinformados.

Nesta ocasião, entre o herói e seu historiador, há uma certa diferença. O historiador dirá que, quando Paulo chegou ao corpo, ele o encontrou morto. O próprio relato de Paulo sobre o assunto é o oposto direto: assim o próprio historiador informa[Pág. 384] nós. Aqui então o historiador e seu herói estão em questão. Mas, o historiador, tendo a primeira palavra, faz, se podemos nos aventurar a dizer assim, uma vantagem um tanto injusta dela, e por esta mesma primeira palavra dá uma contradição ao que ele faz seu herói dizer na próxima. "Ele foi levado morto", diz o historiador, que estava ou não lá: "Sua vida está nele", diz o pregador, que estava lá além de qualquer disputa.

Mas vejamos o texto.

ATOS 20:7-12.

7. E no primeiro dia da semana, quando os discípulos se reuniram para partir o pão, Paulo pregou a eles, pronto para partir no dia seguinte, e continuou seu discurso até a meia-noite. — E havia muitas luzes no cenáculo, onde estavam reunidos. — E estava sentado numa janela um certo jovem chamado Êutico, tendo caído em um sono profundo: e como Paulo estava pregando por muito tempo, ele caiu de sono, e caiu do terceiro andar, e foi levantado morto. — E Paulo desceu, e se lançou sobre ele, e abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, porque a sua vida está nele. — Quando, pois, ele subiu novamente, e partiu o pão, e comeu, e falou longamente, até o amanhecer, então ele partiu. — E

trouxeram o jovem vivo, e ficaram nem um pouco consolados.

A esta hora do dia, qualquer contrariedade pode produzir algum constrangimento; mas, quando se considera há quanto tempo a coisa aconteceu, nenhuma sensação tão desconfortável é experimentada. Uma suposição, pela qual todo constrangimento é excluído, é tão imediatamente óbvia, a ponto de ser quase digna de menção. Quando Paulo chegou ao corpo, a alma já estava no outro mundo; mas, com os beijos, vai um sussurro, e a alma volta novamente. Seja por indolência ou por malícia, há algo divertido no curso que o historiador toma para animar sua narração com essas flores: ele esboça o contorno, mas deixa para nossa imaginação preenchê-lo.

[Pág. 385]

SEÇÃO 11.

SUPOSTO MILAGRE X.—A BORDO DO NAVIO, PAULO É CONFORTADO POR UM ANJO.

ATOS 27:20-25.

E quando nem o sol nem as estrelas apareceram por muitos dias, e uma tempestade não pequena caiu sobre nós, toda a esperança de que seríamos preservados foi tirada dali em diante. — Mas depois de uma longa abstinência, Paulo se levantou no meio deles e disse: Senhores, vocês deveriam ter me ouvido e não ter partido de Creta, mas ter evitado esse dano e prejuízo. — E agora eu os exorto a serem corajosos: porque não haverá perda de vida entre vocês, mas do navio, *haverá perda* . — Pois esta noite um anjo do Deus de quem eu sou e a quem sirvo estava comigo, dizendo: — Não temas, Paulo, é necessário que sejas levado perante César; e eis que Deus graciosamente te deu todos os que navegam contigo. — Portanto, senhores, sejam

corajosos: porque eu creio em Deus, que será como me foi dito.

O mar está tempestuoso, a tripulação está alarmada. A tempestade, no entanto, não é tão violenta, mas que Paulo é capaz de fazer um discurso, e eles o ouvem. Para manter seus espíritos, e, ao mesmo tempo, deixá-los ver o tipo de termos que ele está com o Todo-Poderoso, ele lhes conta uma história sobre um anjo. O anjo tinha sido enviado a ele em uma visita, e tinha acabado de partir. O negócio do anjo era acalmar a mente do apóstolo. O assunto tinha sido resolvido. A vida preciosa não estava em perigo: e, não apenas isso, mas, por elogio a ele, Deus tinha se agradado de conceder a ele as vidas de todos os que estavam felizes o suficiente para estar em sua companhia.

Na situação em que tantas vidas são representadas, nenhuma condenação muito severa pode ser facilmente aplicada a qualquer pequena fraude, por[Pág. 386] que eles poderiam ser salvos. Mas, é realmente para ser acreditado, que este anjo, a quem, em um navio sem convés, pois os navios daqueles *tempos* não eram como os navios dos tempos atuais, nenhuma pessoa além de Paulo viu ou ouviu, foi realmente enviado expresso do céu por Deus Todo-Poderoso, em tal missão? Se não, então temos esta prova adicional, — se alguma prova adicional pode ser necessária, — para ajudar a nos satisfazer, — que, onde um propósito eraserrespondeu que a falsidade, ou como ele teria chamado, *mentira* , não estava entre os obstáculos pelos quais Paulo seria detido em seus esforços para realizá-lo.

SEÇÃO 12.

SUPOSTO MILAGRE XI.—EM MALTA, UM RÉPTIL FOI SACUDIDO POR PAULO SEM SER FERIDO.— *Atos* 28:1-6.

Um fogo de gravetos sendo aceso, um réptil, aqui chamado de víbora, é representado como "saindo do calor" e agarrando-se à mão de Paulo. Ao contemplar este incidente, "o povo bárbaro", como são chamados os habitantes, cuja hospitalidade acendeu o fogo para o alívio da companhia naufragada, concluiu que Paulo era um assassino: e estavam, portanto, na expectativa de vê-lo "inchado ou morto de repente". Nada desse tipo aconteceu, sua próxima conclusão foi *que ele era um Deus* . Como tal, esses bárbaros, assim como os habitantes civilizados de Listra, sacrificaram a ele ou o adoraram de qualquer outra forma? Não: essas concepções dedelesrelatado, aí a história termina.

O que se deve fazer com esta história? A esta hora do dia, entre os cristãos em geral, o que deveríamos[Pág. 387] esperar encontrar é que passou por um milagre. Mas, se por milagre se entende, não meramente um acidente, algo singular e extraordinário, — mas, por um ato especial de poder Todo-Poderoso, um efeito produzido, por meios desconformes ao curso uniforme da natureza, — pode ser demais dizer, que mesmo pelo próprio repórter, é com o propósito decidido de ser tomado por milagre, que é trazido à tona.

Se, no entanto, o desígnio não estava aqui, que o incidente fosse tomado como um milagre, a história não daria em nada, e não valia a pena ser contada. Mas, se é *para* ser transformado em um milagre, onde está a matéria nela, da qual um milagre pode ser feito?

O réptil — era realmente uma víbora? Nem os bárbaros de Malta, nem o repórter desta história, nem em uma palavra, naquela hora do dia, quaisquer outras pessoas, eram muito completos ou muito corretos, em sua concepção de assuntos pertencentes ao campo da história natural. Atualmente, os répteis são criaturas rastejantes. Nesta hora do dia, quando *as sanguessugas* são exceção, prender-se à parte que morderam não é a prática com nenhum réptil que conhecemos. Se, em vez de *víbora* , a palavra grega tivesse

sido uma que pudesse ter sido traduzida *como sanguessuga* , — a história teria sido provável o suficiente, mas, se fosse apenas por essa mesma razão, nenhum milagre poderia ter sido feito com ela. Sacudido para dentro do fogo, isto é, para dentro do combustível em chamas, — um pequeno réptil, como uma sanguessuga, por mais rápido que seja na água, seria muito propenso a ser dominado pelo calor, antes que pudesse escapar: com um réptil do tamanho comum de uma víbora, dificilmente seria o caso.

Seja como for, "ele sentiu", assim diz a história, "ele não sentiu mal algum". Como é que ele não sentiu mal algum? Porque o Todo-Poderoso realizou um milagre para preservá-lo do mal? Enquanto os olhos estiverem[Pág. 388] aberto, causas fora de número — causas que não têm nada de maravilhoso nelas — se apresentam para ver diante disto. "A besta", como é traduzido, "não era uma víbora": — se realmente uma víbora, aconteceu, naquele momento, de não estar provida de um estoque competente de veneno: ela já o havia gasto em algum outro objeto: — por algum acidente ou outro, ela havia perdido o dente apropriado. Não olhar para os outros, — qualquer mente que não estivesse inclinada a ter um milagre a qualquer preço, se apoderaria de alguma causa como uma dessas, antes do que se dar a qualquer problema como o de torturar o incidente em um milagre.

Trazer sob cálculo a quantidade de poder sobrenatural necessária para a produção de um dado efeito não é uma tarefa muito fácil. De qualquer forma, sem mais ou menos despesa em uma certa forma, nada dessa forma poderia ser feito. No caso aqui em questão, qual poderia ter sido o objeto de qualquer despesa desse tipo? Foi salvar o apóstolo autoconstituído da dor de uma mordida? A despesa então, não teria sido menor — a operação, por assim dizer, mais econômica — se uma ligeira mudança tivesse sido dada à mão de Paulo, ou ao curso do réptil? Mas, em ambos os casos, nem o nome do Senhor, nem — o que era mais

material — o de seu apóstolo, teriam recebido aquela glorificação que era tão necessária a ele.

Qualquer desígnio desse tipo, como o de dar uma manifestação inequívoca do poder Todo-Poderoso, tal que resistisse ao teste do escrutínio, testificando a veracidade da comissão de Paulo até o fim dos tempos,—qualquer desígnio desse tipo poderia o incidente ter tido como sua causa final? Uma prova mais equívoca,—uma menos conclusiva,—da manifestação do poder sobrenatural, não parece muito fácil de imaginar.

Aqui vem então mais uma vez o tão repetido[Pág. 389] conclusão:—a narrativa começou a necessitar de um milagre, e o milagre foi feito.

Naqueles dias, entre aquele povo, os milagres eram tão comuns que, sem um número razoável deles, uma história dificilmente teria obtido credibilidade; de qualquer forma, não teria obtido leitores, e sem leitores nenhuma história pode obter muita credibilidade.

SEÇÃO 13.

SUPOSTO MILAGRE XII.—EM MALTA, O PAI DO DEPUTADO PÚBLIO É CURADO.— *Atos* 28:7-10.

"Nos mesmos bairros", diz a história — ela segue imediatamente a da víbora. "Nos mesmos bairros estavam as posses do chefe da ilha, cujo nome era *Públio* , que nos recebeu e nos hospedou por três dias cortesmente. — E aconteceu que o pai de Públio estava doente de febre e de um fluxo sanguinolento, a quem Paulo entrou e orou, e impôs as mãos sobre ele e o curou. — Então, quando isso foi feito, outros também que tinham doenças na ilha, vieram e foram curados. — Que também nos honraram com muitas honras, e quando partimos, eles nos carregaram com as coisas que eram necessárias."

Das febres que, dentro do compasso de qualquer ponto dado, e qualquer espaço de tempo dado, ocorrem, quase sempre acontece que um certo número desaparece por si mesmo. De, talvez, todos os tipos de febre, — pelo menos de quase todos os tipos atualmente conhecidos, assim muito é concordado por todos os médicos: — elas têm pelo menos dois cursos regulares, um dos quais termina[Pág. 390] na morte, o outro ou outros em recuperação. Supondo que a pessoa em questão tenha tido febre, o que é bem claro é que, se *por si só* , ela teria tido um término favorável, não havia nada, nas formas empregadas por Paulo, a saber, proferimento de orações e imposição de mãos, que pudesse ter qualquer tendência natural para *fazer com* que ela tomasse um desfavorável.

Mas — o curso posteriormente tomado pela febre, havia algo nele que o distinguisse do curso favorável comum? Se não, nesse caso, tão longe de ser milagroso, não há nada que seja tão maravilhoso no caso.

Note aqui duas coisas — o narrador é uma das partes; a narrativa é tão solta e incircunstancial. Mas *ver* é uma coisa; *narrar* , outra.

Três dias, ao que parece, e não mais, Paulo e sua comitiva ficaram na casa deste Públio. Foi durante esse tempo, ou não até depois, que Paulo realizou nele aquelas cerimônias, das quais a cura é representada como tendo sido a consequência? Foi dentro desse mesmo espaço de tempo, ou não até depois, que a cura supostamente ocorreu? Quanto à palavra inglesa *healing* , ela não pode ser acusada de ser indecisa. Mas em algumas línguas elas têm palavras, pelas quais um véu muito conveniente é jogado sobre o resultado. Nas línguas em questão, para o esforço de curar, seja bem-sucedido ou malsucedido, a palavra empregada é a mesma. O latim fornece uma dessas palavras convenientes, *curo* . O grego tem outra, *iasato* , e no original grego desta história, esta é a palavra empregada.

No caso em que se confia apenas numa cerimónia e em nada mais, supondo-se que o doente tem realmente a doença, o caminho seguro e prudente é, por assim dizer, determinar os tempos e as estações entre o momento da realização da cerimónia e o momento em que[Pág. 391] espera-se que a restauração da saúde ocorra, deve ter chegado o momento de o praticante mudar de local; pois, neste caso, este é um intervalo mais ou menos considerável durante o qual, sendo dado como certo que o resultado desejado ocorrerá, é claro que a recompensa, nas formas de lucro e honra, cairá sobre a cabeça científica.

Aqui, como em outros lugares, não apenas nenhum *sintoma* é particularizado, mas nenhum *lugar* é mencionado: nenhum *tempo* é particularizado, nenhuma *pessoa* é mencionada como *testemunha perceptiva* : nem mesmo o indivíduo que foi o sujeito da cura é mencionado pelo nome.

Quanto aos doadores das supostas honras e presentes — pessoas são de fato mencionadas: — mencionadas, mas não de outra forma que não pelo nome de *outras* . Um indivíduo sozinho é particularizado: particularizado como tendo recebido o benefício dessas cerimônias. Este é o pai de Publius. Este homem, para usar a fraseologia da passagem, *também foi curado* . Mas — este homem quem era ele? Ele não era menos pessoa do que o pai do homem principal da ilha. Bem, então, quais são as honras, qual a distribuição de " *tais coisas que eram necessárias* ?" Quais foram as provas de gratidão, oferecidas por este homem, que era muito mais capaz de pagar tais presentes, do que qualquer uma daquelas outras pessoas curadas? Por tais provas de remuneração, alguma evidência — alguma evidência circunstancial — supondo que fossem exibidas em um momento adequado, teriam sido oferecidas, em prova da realidade do serviço. Mas, nem pela pessoa assim mencionada como curada, nem por seu filho — o homem mais importante da ilha — é dito que tais provas foram fornecidas. Pois tal silêncio quando o caso de um indivíduo

foi trazido à tona, juntamente com a declaração expressa feita, de presentes apresentados por pessoas não nomeadas — três casos não podem deixar de se apresentar, como sendo qualquer um[Pág. 392] deles mais provável, do que isso, nessa ocasião, um verdadeiro milagre foi realizado. Um é—que não havia doença, talvez nenhuma pessoa: outro é, que embora houvesse uma doença, ela desapareceu por si mesma: o terceiro é, que ela nunca desapareceu de forma alguma.

Uma coisa pode ser afirmada sem muito medo de contradição: é que neste país, se em termos como estes, relatos fossem inseridos nas impressões públicas; relatos de doenças curadas sem remédios; doenças curadas apenas com palavras e gesticulações; embora os relatos fossem tão numerosos, eles não seriam considerados dignos da menor atenção; eles não receberiam a menor atenção de ninguém, a menos que fosse por brincadeira.

Além disso, inúmeras são as publicações nas quais, cercadas de circunstancialidade em todas as formas, não apenas os nomes dos pacientes afortunados são mencionados, mas sob as assinaturas desses pacientes são feitas declarações, assegurando ao público a realidade da cura, e ainda assim, quando ao mesmo tempo, por pessoas competentes, a devida investigação foi feita, verifica-se, afinal, que tal cura não foi realizada.

Relatos, que não seriam acreditados se surgissem em uma época de conhecimento tão amplamente difundido, devem ser acreditados, meramente porque o tempo a que pertenciam — fatos e relatos juntos — era, quanto a todos esses assuntos, um tempo de ignorância universal? Quanto menos um homem entende o assunto, mais firmemente ele deve ser acreditado, quanto a tudo o que ele diz sobre ele? Ou será que, entre então e agora, *os homens* e *as coisas* passaram por uma mudança total? E, se sim, quando isso ocorreu?

[Pág. 393]

SEÇÃO 14.

CONCLUSÃO: OS SUPOSSÍVEIS MILAGRES CLASSIFICADOS E RESUMIDOS.

Inferências — transmitindo mais ou menos instruções — podem, talvez, ser consideradas dedutíveis — de qualquer forma, nossa concepção de toda a série tomada em conjunto se tornará muito mais clara, ao trazer as mesmas supostas maravilhas novamente sob revisão, organizadas na ordem do tempo.

Para este propósito, o tempo pode ser considerado dividido em três períodos.

No primeiro estão incluídos—aqueles que são representados como tendo ocorrido durante o tempo em que, no início de sua expedição missionária, Paulo tinha Barnabé como seu associado. Destes, há dois, a saber: 1. Em Pafos, 45 d.C., o feiticeiro Elimas cegou. 2. Em Listra, 46 d.C., o aleijado foi curado. Desta parte da expedição, o início, como no relato atual, foi colocado no ano 45.

No segundo período estão incluídos—aqueles que são representados como tendo ocorrido, durante o tempo em que Paulo, após sua separação de Barnabé, teve Silas como seu associado, e o autor não nomeado dos Atos como um assistente. Isso termina com sua chegada a Jerusalém, por ocasião de sua quarta visita—a Visita de Invasão.

Nas contas atuais, este evento é colocado no ano 60. Dentro deste período, temos as sete supostas maravilhas seguintes: 1. Em Filipos, 53 d.C., adivinha silenciada. 2. Em Filipos, 53 d.C., terremoto: Paulo e Silas libertados **da prisão** . 3.[Pág. 394] Em Corinto, 54 d.C., Paulo foi confortado pelo Senhor em uma visão invisível. 4. Em Éfeso, 56 d.C., doenças e demônios foram expulsos pelos lenços imundos de Paulo. 5. Em Éfeso, 55 d.C., o exorcista Cevas foi atormentado. 6. Em Éfeso, 56 d.C., livros de magia foram

queimados pelos donos. 7. Em Trôade, 59 d.C., Êutico foi encontrado morto.

No terceiro período estão incluídos aqueles que são representados como tendo ocorrido no intervalo entre sua partida forçada de Jerusalém para Roma e sua chegada a Roma.

Nas contas atuais, este evento é colocado no ano 62. Dentro deste período conclusivo, temos as seguintes supostas maravilhas: 1. A bordo do navio, 62 d.C., Paulo confortado por um anjo. 2. Em Malta, 62 d.C., um réptil sacudido por Paulo sem que ele se machucasse. 3. Em Malta, 62 d.C., o pai do deputado Publius curado por Paulo de alguma doença. Ano de todas essas três últimas maravilhas, o mesmo da chegada de Paulo a Roma. Número total de supostas maravilhas, doze.

Ao primeiro desses três períodos pertencem duas supostas maravilhas, que, supondo que tenham algum fundamento na verdade, se apresentam como sendo, em maior grau do que a maioria das outras, expostas à suspeita de artifício. Uma quantia moderada, maior ou menor de acordo com o estado mais ou menos florescente de sua prática, pode ser suficiente para contratar um feiticeiro, por alguns minutos ou horas, para se declarar cego: uma quantia ainda mais moderada pode ser suficiente para contratar um mendigo itinerante, para se exibir com uma perna amarrada e, depois de ouvir o que era apropriado ser ouvido, ou ver o que era apropriado ser visto, para se declarar curado.

Este foi o período durante o qual Paulo teve Barnabé, ou Barnabé Paulo, como um associado. Nestes[Pág. 395] casos, se fraude em qualquer forma tivesse lugar, — não é sem relutância, que qualquer suposição desse tipo poderia ser acolhida, como a de que Barnabé — o generoso, o conciliador, o beneficente, o perseverante Barnabé — estava a par dela. Mas, tempos e tentações considerados, até mesmo essa suposição poderia ser consentida, em bases um tanto mais substanciais, do que aquela que está

em competição com ela: a saber, que para a produção de dois efeitos, — comparativamente tão insignificantes, e não representados como tendo sido seguidos por quaisquer efeitos determinados de maior importância, — o curso ordinário da natureza foi, por uma interposição especial do poder Todo-Poderoso, quebrado e perturbado.

É ou não é um assunto digno de nota — que, de todas essas doze supostas ocorrências, tais como são, — em não mais do que quatro o herói é representado, — até mesmo por seu próprio assistente, historiador e panegirista, — como decididamente tomando qualquer parte ativa na produção do efeito? Estas são — a cegueira do feiticeiro, a cura do aleijado, o silenciamento da adivinha, a cura do pai do deputado Publius: as três primeiras, no início desta suposta parte milagrosa de sua carreira; a última, — com um intervalo de quinze anos entre esta e a primeira, — bem no final dela. Nas oito instâncias intermediárias, ou o efeito em si não resultou em nada, ou o herói é dificilmente representado como sendo instrumental na produção dele. Estes são: ser libertado da prisão depois que um terremoto aconteceu; ser consolado, seja por Deus ou pelo homem, em uma visão ou sem uma; ter lenços, pelos quais, quando ele os tinha usado, doenças e demônios eram expulsos; estar presente quando uma gangue de exorcistas foi espancada e despida por um demônio,[Pág. 396] a quem eles se comprometeram a expulsar de um homem — estando em um lugar onde alguns livros sem sentido foram queimados por seus donos — estando em uma casa onde um jovem que se dizia estar morto, não foi encontrado morto — sendo consolados por um anjo, que teve a gentileza de subir a bordo do navio sem ser convidado — sacudindo um réptil sem se machucar com isso.

Qualquer que seja o valor que se possa dar a essas maravilhas neste momento do dia, menos pode ser facilmente atribuído a elas por qualquer pessoa do que o próprio Paulo. Como prova, tome todo o teor de suas próprias Epístolas, bem como todo o teor de suas visões,

conforme entregues por seu assistente. Incontáveis como eram as enrascadas em que se meteu, — incontáveis como eram as hostes de inimigos que ele em todos os lugares fez para si mesmo, — abertos como todos os ouvidos estavam para tudo o que se apresentava como maravilhoso, — incapazes como os homens eram de distinguir o que poderia ser feito do que não poderia ser feito, — pressionando como era em todos os momentos a necessidade que ele tinha de evidências, que pudessem prender as mãos dos inimigos, — em nenhuma ocasião o encontramos chamando em seu auxílio, nem mesmo uma única de todas essas supostas evidências irrefutáveis.

[Pág. 397]

NOTAS DE RODAPÉ:

[77]*E eles também tinham João como seu ministro* , 13:5. Que *João* era esse? Resposta, veja cap. 15:37 a 40. Este parece ter sido aquele João, cujo sobrenome era Marcos, que foi a causa da separação irada de Paulo de Barnabé.

[78]Outro ramo de seu comércio, já mencionado neste mesmo capítulo, como tendo sido exercido por ele neste mesmo lugar, a saber, Éfeso, — e que, onde as circunstâncias criaram uma demanda pelo artigo, parece ter sido mais lucrativo do que expulsar demônios ou doenças, — é *aquele* do qual o Espírito Santo era o assunto. Este poder de conferir — isto é, de ser pensado para conferir — o Espírito Santo, — tal, e de tal tipo era o valor dele, que Simão Mago, como pode haver ocasião para mencionar em outro capítulo, tinha, não menos que vinte e um anos antes disso, oferecido dinheiro aos Apóstolos por ele. Atos 8:18-24, 34 d.C. Este poder, dois versículos precedentes do mesmo capítulo 19, a saber, o 5º e o 6º, representam Paulo como exercendo: e, qualquer que tenha sido o benefício derivado, doze é o número das pessoas aqui mencionadas como tendo recebido.

Atos 19:5-7. Depois que "eles", os doze acima, v. 7, discípulos, v. 9, "foram batizados, v. 5, em nome do Senhor Jesus;" quando Paulo, v. 6, "impôs as mãos sobre eles, o Espírito Santo veio sobre eles; e falavam em línguas, e profetizavam." Aqui, então, se, por essa imposição de mãos, é por *Paulo* que qualquer operação é realizada, é a conferência do "Espírito Santo". Mas esse poder, de onde Paulo o recebeu? Não de Jesus, o apóstolo autoconstituído recebeu esse dom, seja ele qual for, mais do que ele teve o batismo, por cuja cerimônia, como aparece em Atos 8:16, era regularmente precedido: como no caso do mágico, realmente tinha sido. Não de Jesus: nada disso é em lugar algum sequer fingido. Não dos apóstolos, ou de qualquer um deles; de dois, por exemplo, por comissão do resto — como no caso de Pedro e João, Atos 8:14-19: — nada disso é em lugar algum nem sequer fingido. Em nenhuma dessas pessoas poderia isso — isso — seu autodeclarado superior, teria garantido reconhecer a existência de um poder no qual ele não tinha participação. Nesta ocasião, como em todas as outras, independentemente dos Apóstolos ele agiu, e apesar dos Apóstolos.

Quanto ao "*falar em línguas e profetizar*", essas são pretensões, que podem ser reconhecidas sem muita dificuldade. *As línguas* são os órgãos com os quais a maioria dos homens fala. Quanto à *profecia* , era uma operação que poderia muito bem ser realizada depois do fato, como antes do fato: testemunhe em Lucas 22:64, "Profetiza, quem é que te feriu?" Leia a Bíblia do começo ao fim, um *profeta* , seja lá o que mais se queira dizer, se houver algo mais, você descobrirá que foi *um político: profetizar* era falar *de política* . Faça uma nova tradução, ou, o que seria mais curto, uma lista de *correções* , e em vez de *profeta* coloque *político* , — um mundo de trabalho, agora empregado em explicações, será salvo.

CAPÍTULO XIV.

Atos, parte falso, parte verdadeiro: Autor não é São Lucas.

SEÇÃO 1.

PELAS PARTES FALSAS, O EVANGELHO NÃO É AFETADO: A MAIORIA DAS PARTES É VERDADEIRA.

Em relação aos Atos, uma noção, geralmente, para não dizer universalmente, recebida, é — que teve São Lucas como seu autor: e que, consequentemente, pode ser considerado com propriedade como uma continuação do Evangelho daquele Evangelista, escrito pela mesma mão. Se essa concepção fosse correta, qualquer choque que fosse dado ao crédito dos Atos, inevitavelmente se estenderia à história do Evangelho: de qualquer forma, àquela parte dela que leva o nome de Lucas.

Antes que este capítulo chegue ao fim, o leitor, se o autor não estiver muito enganado, não apenas estará convencido de que essa opinião é insustentável, mas também verá motivos para se perguntar como qualquer pessoa que tenha feito uma pesquisa sobre os dois objetos desse ponto de vista poderia ter aceitado tal noção.

Outra lembrança, da qual, se feita antes, até mesmo a repetição neste lugar, talvez, não seja inútil, é que, de nada do que é dito aqui, qualquer concepção desse tipo deve ser transmitida, como a de que a história chamada *Atos é do começo ao fim, como a da História* de Geoffrey de Monmouth.[Pág. 398] *da Grã-Bretanha* , uma mera falsidade. Em grande parte, talvez até mesmo a maior, é aqui considerada verdadeira: em grande parte verdadeira, embora em nenhuma parte desprezível incorreta, para não dizer pior: e, em particular, em todos os pontos em que a cor do maravilhoso é visível. Quanto ao tipo e grau de evidência devido a ela, há uma suposição geral pela qual toda esta investigação foi, do início ao fim, guiada. Isto é — que, em

relação a uma e a mesma obra, qualquer que seja o assunto dela, a credibilidade pode, sem inconsistência ou impropriedade, por uma e a mesma pessoa, ser dada e retida: dada, nesta ou naquela ocasião; retida, nesta ou naquela outra ocasião: dada, na medida em que a verdade do conteúdo pareça provável; retida, na medida em que pareça improvável.

Para o suporte desta suposição,—tudo o que, na ocasião presente, pode ser oferecido, é—um apelo à experiência universal. Quanto aos fundamentos gerais da lei da evidência,—para qualquer excursão em uma extensão tão ampla, nem este capítulo nem qualquer outra parte desta obra seria, pensou-se, geralmente considerada um lugar apropriado. O que havia sido escrito sobre esse assunto foi, portanto, descartado.

SEÇÃO 2.

TEMPO ENTRE A RESSURREIÇÃO E A ASCENSÃO — ATOS CONTRADIZEM LUCAS.

Em primeiro lugar, São Lucas não pode ter sido o autor dos Atos.

A razão é muito simples. Em relação ao tempo[Pág. 399] entre a ressurreição de Jesus e sua ascensão, — uma dessas narrativas dá um relato, a outra, outro relato: e, tão grande é a diferença entre os dois, que por uma e a mesma pessoa eles não poderiam ter sido ambos dados. De acordo com São Lucas, o tempo durante o qual, após sua ressurreição, e antes de sua ascensão, Jesus foi visto por seus discípulos, não se estendeu além de *um* dia: de acordo com os Atos, estendeu-se até *quarenta* dias. Por São Lucas, que o tempo não foi mais do que um dia, não é de fato dito em tantas palavras; mas após o exame do texto, será descoberto que, consistentemente com os detalhes dados, nenhuma duração maior pode ser atribuída a ele. Nos Atos,

que o tempo, durante o qual ele continuou se mostrando após sua *paixão* , Atos 1:3,[79] para os Apóstolos, era “ *quarenta dias* ”, é afirmado nessas mesmas palavras.

O ponto em questão aqui, observe-se, não é *a verdade* , mas *a consistência* : não a verdade de nenhum dos dois relatos; mas a consistência de um com o outro; e, em vez de consistência, a inconsistência é tão palpável que a conclusão é: por nenhum homem, que não tenha, em uma ou outra das duas ocasiões, pretendido enganar, ambos podem, moralmente falando, ter sido escritos.

Agora, para a prova. Primeiro, vamos ouvir São Lucas: está tudo em seu último capítulo — o 24. No versículo 10, é feita menção a certas mulheres, três nomeadas, outras não nomeadas. Nos versículos 2 e 3, "elas entraram", é dito, "no sepulcro", ver. 2,[Pág. 400] e não acharam o corpo do Senhor Jesus." No versículo 9, "eles voltaram", é dito, "do sepulcro, e contaram todas estas coisas aos onze, e a todos os demais." Então é que, de todos eles, "dois" versículo 13, dos quais Cleopas, versículo 18, era um, "foram *naquele mesmo dia* para Emaús, que ficava a cerca de sessenta estádios de Jerusalém: e enquanto conversavam juntos", foi que "Jesus", versículo 15, "se aproximou e foi com eles", após o que entre ele e eles uma conversa ali relatada, ocorreu. A conversa — a mesma conversa, conforme relatada nos versículos de 16 a 27 — continua até sua chegada à aldeia, versículo 28, a saber, Emaús, conforme versículo 13. De acordo com o versículo seguinte, versículo 29, "o dia", a saber, naquele mesmo dia, "estando muito avançado", naquele mesmo lugar, "ele entrou para Português "Fique com eles", eles o "constrangeram". Então também é que, ver. 30, "ele sentou-se à mesa com eles": e, ver. 31, "eles o reconheceram, e ele desapareceu da vista deles". Além disso, "naquela mesma hora" é, ver. 33, que "eles voltaram para Jerusalém, e encontraram os onze reunidos, e os que estavam com eles, dizendo", ver. 34, "O Senhor ressuscitou de fato, e apareceu a Simão". Então é também que, ver. 36, eles relatando o que havia acontecido,

"enquanto falavam assim, o próprio Jesus se apresentou no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco". Em seguida, segue-se uma conversa, relatada nos versículos de 37 a 49, no curso da qual ele, ver. 43, "comeu diante deles". Então é que, imediatamente após as últimas palavras, que, no ver. 49, ele é declarado ter proferido, vêm estas palavras, ver. 50, "E ele os levou para fora até Betânia, e ele levantou suas mãos e os abençoou. E aconteceu", diz o próximo versículo, ver. 51, "enquanto ele os abençoava, ele se separou de[Pág. 401] eles, e levados para o céu. E eles o adoraram", continua o próximo versículo, ver. 52, "e retornaram a Jerusalém com grande alegria". E, com o próximo versículo, que diz, "eles estavam continuamente no templo, louvando e bendizendo a Deus", o capítulo, e com ele o Evangelho, termina.

Tanto para São Lucas. Agora para o autor dos Atos, capítulo 1, ver. 3, "A quem", diz ele, a saber, os Apóstolos, ver. 2, "ele", a saber, Jesus, ver. 1, "apareceu vivo depois de sua paixão por muitas provas infalíveis, sendo visto por eles por *quarenta* dias..."

Assim, enquanto, de acordo com o autor dos Atos, o tempo — durante o qual Jesus foi visto pelas pessoas em questão não foi menor que *quarenta* dias —, de acordo com São Lucas, todo o tempo, durante o qual esse mesmo Jesus foi visto por essas mesmas pessoas, não foi mais que *um* dia. E quem foi esse historiador, que, na suposição da identidade, falando dessa cena importantíssima, em uma ocasião diz que não durou mais que *um* dia; e, em outra ocasião, professando, Atos 1:1, estar dando continuidade a tal discurso anterior, declara, em tantas palavras, que durou "quarenta dias"? É São Lucas, um dos Apóstolos de Jesus; — um, dos onze, diante de cujos olhos, tudo o que acabou de ser lido é declarado como tendo passado.

Com tudo isso diante de si, o editor da edição da Bíblia, chamada Bíblia de Scholey, em uma nota no início dos Atos, nos assegura com muita compostura que "pelo seu estilo e outras marcas internas, é evidentemente a produção de

Lucas": citando para sua autoridade, *Elementos da Teologia Cristã* do Bispo de Lincoln , vol. 4. Quem foi esse mesmo Bispo de Lincoln, por cujos Elementos da Teologia Cristã, instrução como essa é administrada, deixe aqueles que indagam, aos olhos de quem o lucro de[Pág. 402] o inquérito promete pagamento pelo trabalho. De qualquer inquérito em particular, o lucro talvez pareça menor, quanto maior parece a probabilidade, de que, nas mentes de todos os Bispos, — desde o primeiro que já entregou suas instruções em teologia à imprensa, até aqueles por quem o mundo cristão é iluminado neste presente escrito, — o mesmo tipo de discernimento, ou o mesmo tipo de sinceridade, sempre teve lugar.

Quando 20.000 *litros* por ano — ou mesmo 20 *litros* , uma vez contados — ou mesmo a salvação do tormento eterno — devem ser ganhos; ganhos pela percepção de que dois homens, um dos quais escreve em total contradição com o outro, são o mesmo homem — a tarefa não é, naturalmente falando, o número daqueles cuja realização deve causar muita admiração.

O tipo de melhoria, feita pelo autor da história posterior, sobre o relato dado na anterior, foi agora visto. Alguém desejaria ver o incentivo? Ele não terá que procurar muito por ele. Pois fazer a impressão, que era seu desejo fazer, — o *único* dia, atribuído à ocorrência por um da companhia, não era, na estimativa do escritor anônimo, suficiente. Para torná-lo suficiente, ele invoca os poderes da aritmética: ele multiplica o *um* por quarenta; e assim, para a satisfação inquestionável de uma hoste de matemáticos, — Barrow, Newton e tantos outros teólogos matemáticos, para não falar de Locke, do número — assim é feito o que é necessário ser feito: assim, por uma operação tão simples, a força probatória da ocorrência é multiplicada quarenta vezes.[80]

[Pág. 403]

SEÇÃO 3.

QUANTO À ASCENSÃO, ATOS É INCONSISTENTE COM LUCAS.

Até aqui, os enfeites, feitos por nosso artista anônimo, tiveram como base o trabalho da mão original: significando sempre São Lucas, com quem o erro comum o identificou. Aqui vem um exemplo, no qual o todo é completamente de sua própria obra. Esta é a história dos "dois homens em vestes brancas", por quem, o que, a seus olhos, eram as deficiências na instrução oferecida por Jesus às testemunhas de sua ascensão, pode ser visto suprido.

Ainda a mesma delicadeza de antes: por sua própria mão, nenhum milagre foi feito: apenas uma quantidade de matéria, adequada para esse propósito, colocada nas mãos dos leitores; e à imaginação deles é deixada uma tarefa tão natural e tão agradável.

[Pág. 404]

Mal, depois de terminar suas instruções aos seus Apóstolos, Jesus deixou de ser visível para eles, quando, se Atos for para ser acreditado, "dois homens em trajes brancos" — dois homens, *a* quem nenhum deles era conhecido, e *por* quem nenhum deles era conhecido, fazem sua aparição, e de ninguém sabe de onde. Mas esses mesmos dois homens de branco, quem são eles? "Oh!" diz *a Imaginação* , pois as dicas que já vimos dadas a ela são bastante suficientes, "Oh!" diz Imaginação, "eles eram anjos. Pense por um momento, e diga o que mais eles podem ter sido. Se eles fossem homens, eles poderiam ter sido tão inconscientes e desconhecidos? Sua aparição poderia ter sido tão repentina? Não menos repentina do que o desaparecimento de um espírito? Sem falar das belas roupas brancas que você vê que eles tinham, — e eles estariam vestidos assim? Acreditar que eles eram homens, seria acreditar em contradição direta com São Lucas; pois, em seu relato do assunto, como você pode ver, do começo ao fim, não havia

dois homens em todo o grupo, que não fossem da maneira mais íntima conhecidos um pelo outro. Mas embora, pelo relato de São Lucas, uma negativa tão decidida seja colocada sobre todos os homens-estranhos, ainda assim nada é dito sobre anjos. Anjos, portanto, eles podem ter sido, — você pode se aventurar a dizer que eram *:* e o relato feito por todas as pessoas presentes, permanece, no entanto, incontestável."

"Outra prova de que eles não podem ter sido homens e que, portanto, eram anjos. Destes seres, que eram então desconhecidos de toda a companhia, qual era a missão? Não era menos do que dar a toda a companhia os companheiros de Jesus, daquele Jesus, por quem, depois de dar a eles as instruções que ele achou adequado dar a eles, eles tinham sido deixados naquele momento, o[Pág. 405] dando a eles algumas *outras* instruções, que ele não tinha pensado serem adequadas, ou então tinha esquecido, de dar a eles. Mas, como por nenhum homem-estranho poderia ter sido entretida tal presunção, como que, pela parte em questão, quaisquer instruções desse tipo seriam ouvidas,—assim, por nenhum homem-estranho pode ser que tais instruções tenham sido dadas:—uma prova adicional de que eles não podem ter sido nada além de anjos." Assim prontamente a imaginação do leitor, responde com sua lógica, ao chamado dado a ele pela imaginação do autor.

Anjos, se fossem, não parecem ter sido muito conhecedores. Enviados com o propósito de dar informações — e tais informações, nada daquilo que era conhecido por todos aqueles a quem eles vieram para dá-las — nada, se eles próprios devem ser acreditados, era conhecido por eles. Dirigindo-se à companhia — a companhia que Jesus tinha apenas naquele momento restante — "Quem vos vistes subir", dizem eles, ver. 11, "ao céu"? Então vem a informação, que Jesus, em sua partida, Jesus, esperamos acreditar, não achou adequado, ou então se esqueceu, de dar. "Este mesmo Jesus", dizem eles, ver. 11, "que dentre

vós foi levado para o céu, virá assim como o vistes ir para o céu." Aqui temos a informação e — aqueles a quem foi dada — o que eles podem ter sido melhores por isso? — "Assim virá." Sim: mas quando e onde, e para que fim, e o que fazer? aponta estes, quanto a todos os quais, a informação é completamente muda.

Uma outra prova ainda está por vir. O que foi visto até agora está no primeiro capítulo. O décimo dos seus vinte e oito capítulos não está terminado, onde, falando em concordância com São Lucas, ele agora discorda de si mesmo. Nesta ocasião, é por[Pág. 406] a boca de Pedro que ele fala. "Deus", ele faz Pedro dizer, Atos 10:41, "Deus lhe mostrou," Jesus, "abertamente." — Mostrou a ele, deixe alguém perguntar, e a quem? "Não", diz ele, "a todo o povo, mas a testemunhas escolhidas antes por Deus, mesmo a nós que comemos e bebemos com ele depois que ele ressuscitou dos mortos." Assim, novamente é, que para quaisquer homens-estranhos, nenhuma partícula de espaço é deixada. Mas, para anjos, considerando os materiais de que são feitos, nenhuma quantidade de espaço pode ser insuficiente: portanto, mais uma vez, nada esses homens podem ter sido senão anjos.

NOTAS DE RODAPÉ:

[79]Quanto à palavra *paixão* , que por esta palavra não poderia ter sido significado o mesmo evento que aquele denotado pela palavra *ressurreição* , não pode deixar de ser reconhecido. Mas, com relação à alegada inconsistência, esta distinção não será encontrada para fazer qualquer diferença: pois, como será visto, não é até depois de sua ressurreição, que, por São Lucas, Jesus é representado como tendo começado a se mostrar.

[80]No capítulo XII desta obra, seção 1, já foi notado, de uma operação semelhante como tendo sido realizada pelo próprio Paulo: da melhoria feita naquele *caso* , o assunto era

o número de testemunhas: de acordo com o verdadeiro Apóstolo, que era um da companhia, o número, como vimos, era onze, e mais alguns: este número, qualquer que fosse, o Apóstolo autoconstituído, que nada sabia sobre o assunto, pegou em mãos, e multiplicou até que ele o elevou para quinhentos. Assim, com ou sem concerto, com efeito semelhante, — e é quase desnecessário dizer, com o mesmo objetivo, e do mesmo incentivo, — pode ser visto o mestre e o jornaleiro, trabalhando em ocasiões diferentes, mas com indústria bem combinada, na fabricação de evidências. Some agora os resultados das duas operações, e observe o agregado. Número de testemunhas, de acordo com Lucas, digamos, — para fins de números redondos, — vinte; embora pareça haver pouca razão para supor que seja tão grande: adição feita a ele por Paulo, 480. Número de dias — durante os quais, como acima, eles continuaram vendo e ouvindo o que viam e ouviam — de acordo com São Lucas, mas um: de acordo com o assistente de Paulo, 40. Multiplique as duas melhorias, ou seja, 480 por 40, você tem 19.200 para a soma total da força probatória, adicionada pelos argumentos do autor dos Atos ao valor da quantidade original, conforme relatado por São Lucas.

CAPÍTULO XV.

Relatório Jurídico.—Judeus versus Paulo: Julgamentos cinco, com observações.

SEÇÃO 1.

INTRODUÇÃO.

Por ocasião do que aconteceu no Templo, o relato de um grande caso jurídico, — para falar em linguagem moderna e inglesa, — o caso dos *judeus contra Paulo* , foi iniciado. O judiciário perante o qual ele passou por esse julgamento, —

em parte diante da multidão judaica, em parte diante do chefe romano por quem ele foi resgatado, — era uma espécie de judiciário misto e improvisado, algo entre um legal e um ilegal: pois, como foi visto no caso de Santo Estêvão, e como pode ser visto no caso da mulher[Pág. 407] tomado em adultério, e além disso, no corpo da própria lei, uma espécie de lei da turba pode, não totalmente sem fundamento, ser declarada como parte integrante da lei de Moisés. A esse tipo de julgamento irregular, sucederam-se, antes que o julgamento definitivo fosse pronunciado, nada menos que quatro outros, cada um deles perante um tribunal, tão regular quanto qualquer defensor mais zeloso do que é chamado de legitimidade poderia desejar. Na execução desse julgamento definitivo foi que Paulo foi enviado, naquela expedição meio forçada, meio voluntária dele, a Roma: em cujo lugar, em sua chegada àquela capital, a história dos Atos se encerra. Dos relatos desses vários julgamentos, conforme dados nos Atos, segue-se uma visão resumida, acompanhada de algumas observações para elucidação.

SEÇÃO 2.

JULGAMENTO I. LOCAL, TEMPLO DE JERUSALÉM.— JUDICATÓRIO, A MULTIDÃO MISTA.— *Atos* 22:1 a 21.

Cena, o Templo. Juízes, promotores e — declarados como executores pretendidos, uma multidão de Jerusalém. Única classe, por quem qualquer causa declarada ou especial de irritação havia sido recebida, os judeus cristianizados, provocados pelas pregações de Paulo contra a lei da terra, à qual eles ainda mantinham sua adesão; por sua intrusão em sua sociedade, pela qual, se fosse apenas por sua perseguição anterior, ele não poderia deixar de ser abominado; e pelo notório perjúrio que ele estava cometendo naquele momento, tendo escolhido cometê-lo, em vez de deixar de impor a eles o objeto de sua aversão.

Dos detalhes da acusação nada é[Pág. 408] disse: mas, as circunstâncias acima, e as acusações subsequentes feitas a ele no dia seguinte pelas autoridades constituídas, — que imediatamente assumiram o assunto, e continuaram um processo regular contra ele, — mostram suficientemente, o que, se expresso, teria sido o propósito delas. Pelos preparativos feitos para a execução, veremos a defesa interrompida, antes que ela tivesse chegado, se é que alguma vez foi projetada para chegar, à substância da suposta ofensa.

Os pontos abordados nele são os seguintes:

1. Local de nascimento do réu, Tarso; ascendência, judaica; persuasão religiosa, farisaica; educação, sob Gamaliel, versículo 3.

2. Participação dele na perseguição aos cristãos, quando Estêvão foi apedrejado: sua comissão para esse propósito foi declarada, e o Sumo Sacerdote e os Anciãos foram chamados para testemunhar, versículos 4 e 5.

NB: Época da *mesma* comissão, de acordo com a cronologia recebida, não menos que 26 anos antes.

3. História daquela primeira visão, da qual tanto foi visto: a saber, aquela de onde sua conversão foi datada; ocasião, sua viagem a Damasco, para a execução daquela mesma comissão, versículos 6 a 16.

4. História de seu transe: para isso, veja Capítulo IV. §. 7. Neste estado, "o Senhor" visto por ele. — *Senhor para o réu.* "Sai depressa de Jerusalém, pois não receberão teu testemunho a meu respeito." *Réu, para o Senhor.* Informando ou lembrando o dito Senhor dos detalhes da parte suportada pelo dito réu na perseguição de Santo Estêvão . — *Senhor para o réu.* "Parte, pois te enviarei para longe, aos gentios." Observe, o réu interrompeu: a paciência do Senhor não é páreo para a eloquência do réu.

[Pág. 409]

Juízes e carrascos. —Na palavra *Gentios* , exclamação:—"Fora com ele... ele não é digno de viver":—roupas tiradas, como no caso de Estêvão, como se estivessem se preparando para apedrejá-lo.[81] "Pó lançado ao ar." Presente, o capitão-chefe Cláudio Lísias, que ordena que ele seja "trazido para o castelo" e "examinado por flagelação". Enquanto, para esse propósito, eles o estão amarrando, com o réu gritando: " *Eu sou um cidadão romano* ", a amarração cessa, nenhuma flagelação começa: no dia seguinte ele é solto, e os "principais sacerdotes e todo o seu conselho" são "enviados", e o réu é "apresentado diante deles".

SEÇÃO 3.

JULGAMENTO II. JUDICIAL, JUNTO DO CONSELHO DE JERUSALÉM. — *Atos* 23:1 a 10.

Juízes, principais sacerdotes reunidos em conselho: presentes, os sumos sacerdotes. Promotores, o dito juiz: outros promotores, até onde parece, nenhum. Na lei moderna criada em Roma, este modo de procedimento, no qual o[Pág. 410] as partes de juiz e promotor são desempenhadas pela mesma pessoa, é denominado *inquisitorial* ; em contraste com isso, aquela em que a parte de promotor é desempenhada por uma pessoa diferente, é denominada *acusatória* .

Cobranças ou perguntas feitas, não declaradas.

Réu. "Eu sou um fariseu... filho de um fariseu. Da esperança e ressurreição dos mortos sou questionado."

Então, ver. 9, "grande clamor"...—"Grande dissensão." "Capitão-chefe, temendo que", Réu, "Paulo fosse feito em pedaços por eles", insinuando os ditos juízes, "comanda soldados", que o levam de volta ao castelo.

"Choro? dissensão?" — de onde vem tudo isso? Atos não foi aqui explícito o suficiente para nos informar. Quanto à

alegação do réu, de que foi por acreditar na ressurreição que ele foi processado, — o que não podia deixar de ser perfeitamente conhecido por ele era, — que não era verdade, nem por possibilidade poderia ser assim. Entre os ditos juízes, as partes são duas — fariseus e saduceus: fariseus, predominantes. "Os saduceus", nesta ocasião, diz o ver. 8, "dizem que não há ressurreição, nem anjo nem espírito; mas os fariseus confessam ambos." Processar um fariseu por pregar a ressurreição, significando sempre a ressurreição geral, teria sido como se um padre da Igreja da Inglaterra fosse indiciado no King's Bench, por ler o credo atanasiano. Consequentemente — foi um estratagema do réu — esta mesma declaração errônea: tal é expressamente declarado: — quando o réu " *percebeu* ", ver. 6, "que uma parte eram saduceus, e a outra fariseus" — foi então que ele surgiu com isso: e já foi visto quão eficazmente isso atendeu ao seu propósito.

[Pág. 411]

Entre mais uma vez na história do *transe* . Observe aqui o término repentino da primeira visita do réu a Jerusalém, também conhecida como sua *Visita de Reconciliação* , e volte ao Capítulo IV. §. 7, Causa disso, — historiador falando em sua própria pessoa — "gregos", Atos 9:29, "foram para matá-lo", por disputar com eles: — historiador, falando, a saber, aqui, na pessoa do réu, a descrença dos judeus cristianizados em sua conversão e naquela história de visão dele, que ele produziu como evidência disso. É na ocasião do julgamento do Templo recém-mencionado que o réu é levado a falar sobre isso. Naquela ocasião, como foi visto, não foi de nenhuma utilidade: mas, neste segundo julgamento, será visto como de utilidade primordial. Que foi contado novamente neste julgamento não é de fato dito expressamente: mas, que foi assim é suficientemente manifesto. Esta e nenhuma outra é a alça que seus apoiadores no conselho seguram: e isso eles não poderiam ter feito, se ele não tivesse, como será visto em breve, colocado em suas mãos. "Os escribas", diz o versículo 9,

"que eram da parte dos fariseus, levantaram-se e contenderam, dizendo: Não achamos mal algum neste homem; mas se um espírito ou um anjo lhe falou, não lutemos contra Deus." Bem, então — este espírito, ou este anjo, quem era ele? Quem senão aquele espírito, de quem o réu tão manifestamente lhes havia falado, e que não era outro senão aquele " *Senhor* " seu, a quem ele tinha visto em transe: no transe, que, enquanto a multidão o espancava, a invenção lhe havia fornecido para o propósito.

Observe agora, quão apropriada uma arma os fariseus encontraram, neste mesmo transe, em sua guerra contra os saduceus. Quanto a Jesus, — embora do começo ao fim, longe de ser reconhecido por sua seita, ele tenha sido o objeto daquela inimizade deles sob a qual ele afundou, — ainda assim, na medida em que, em termos gerais, ele pregou[Pág. 412] a ressurreição *geral* , — sua doutrina não apenas concordava com a deles, mas não era de pouca utilidade para eles: era útil para eles, contra aqueles rivais políticos, cuja oposição à sua seita era a única causa de tudo o que era problemático para ela. Quanto a Paulo, — se ele tivesse se limitado a falar da ressurreição *particular* de Jesus , — isso de fato era o que nenhum fariseu poderia estar disposto a admitir: mas se, por Paulo ou qualquer outra pessoa, Jesus, ou qualquer outra pessoa, fosse visto em algum momento em um estado incorpóreo, — aqui estava uma evidência do lado deles. Em relação a qualquer entrevista dos *Apóstolos* com Jesus após sua ressurreição, nada que Paulo tinha a dizer — dizer com verdade ou aparência de verdade — era mais do que evidência *de ouvir dizer* : mas, quanto ao que, nesta ocasião, ele estava relatando sobre o Senhor, a quem ele tinha visto em seu transe — isto, por mais falso que fosse, não era apenas evidência *direta* , mas *imediata* : evidência, em cuja entrega, a testemunha *relatora* declarou ter sido, com relação ao suposto fato em questão, uma testemunha *perceptiva* .

Que, nessa ocasião, Paulo se deteve, com alguma particularidade, na aparição de Jesus na carne após sua

ressurreição, não é dito: e, como isso não teria contribuído em nada para o propósito, quanto menos particular, mais seguro e melhor. *Senhor* ou não *Senhor* , o que apareceu era de qualquer forma um *espírito* : e para a guerra contra os saduceus, um espírito era tudo o que era necessário: não importa de que tipo.

[Pág. 413]

SEÇÃO 4.

JULGAMENTO III. LUGAR, CÆSAREA . - *Atos* 24:1-23.

Cena, judicatório do "Governador" Félix. Juiz, disse Governador. Promotor, Orador Tertullus: Presentes, seus clientes, — o "Sumo Sacerdote" e "os Anciãos". Procedimento, acusatório. Tempo, "doze dias", ver. 11, "após o Julgamento 1; onze, após o Julgamento 2".

I. Discurso do advogado — Pontos abordados nele: versículos 1-4.

1. Cumprimento inicial ao Governador Judge.—Sua "providência" e "clemência".

II. 1. Excedente injurioso, é claro, como se estivesse em BR: embora não pago, em taxas e impostos, pela folha.—Réu, "um sujeito pestilento".

Acusações três. Para tornar o assunto mais inteligível, se o processo tivesse sido por escrito em primeira instância, elas poderiam ter sido denominadas contagens.

2. Acusação 1. O réu é "um instigador de sedição entre todos os judeus do mundo".

3. Acusação 2. O réu disse que era "um líder da seita dos nazarenos".

4. Acusação 3. O réu "foi profanar o templo".

5. Declaração feita sobre o Julgamento 2 e o término dado a ele pelo capitão-chefe romano Lísias, tirando o réu das mãos

deles e ordenando que os acusadores comparecessem a este tribunal: versículos 7 e 8.

6. *Viva voce* evidence agreeant: testemunhas, nem qualidade nem número declarado. "E *os judeus* também concordaram, dizendo que estas coisas eram assim." ver. 9.

[Pág. 414]

III. Defesa do réu: versículos 10-21.

Os pontos abordados nele são os seguintes:

1. A confiança do réu no seu juiz.

2. Em Jerusalém, "adorar" era sua missão. A ostensiva, sim: da real,—substituindo os Apóstolos,—claro que nada foi dito.

3. No templo, o réu não foi "encontrado por *eles* ", por quem? "disputando com qualquer homem". Disputando? Não. Foi para fazer o juramento — o falso juramento de sete dias — que ele foi lá: — isso, e nada mais. Os sacerdotes, sob cuja guarda ele estava, e de cuja aceitação dependia a validade e eficácia da cerimônia, não eram homens com quem se podia disputar.

4. Réu não encontrado por eles "levantando o povo, nem nas sinagogas, nem na cidade." ver. 12. Não: nem tal levantamento foi acusado sobre ele: nem teria servido ao seu propósito. *Atos* sediciosos são uma coisa; *discursos* sediciosos, outra. De atos sediciosos ele não tinha nada a ganhar; de discursos sediciosos tudo: a saber, na medida em que o efeito disso era enfraquecer o apego dos homens à lei da terra, e engajá-los a transferi-lo para o cisma que ele havia levantado na religião de Jesus.

5. Negação geral: mas não equivale a *Inocente* . "Nem *podem provar* as coisas de que agora me acusam." ver. 13.

6. Nos versos 14, 15, 16, nada importa para o propósito. Ortodoxo sua crença: entre os objetos dela, a ressurreição:

vazio de ofensa para com Deus e o homem, sua consciência.

7. Falsa pretensão — objeto desta sua visita a Jerusalém — desta sua *Visita de Invasão* — falsamente declarada. "Agora, depois de muitos anos, vim trazer esmolas à minha nação e ofertas." ver. 17.

[Pág. 415]

8. Quando o réu foi "encontrado purificado no templo", não foi "nem com multidão, nem com tumulto". Verdadeiro, mas nada que tenha a ver com o propósito: os sacerdotes, em cuja pensão ele estava, enquanto o processo *de purificação* , isto é, de comer e pagar, estava acontecendo, não eram uma *multidão* : nem *o tumulto* teria sido proveitoso ou praticável.

9. Os homens que encontraram o réu ali eram "certos judeus da Ásia" e, se fossem acusadores ou testemunhas, deveriam ter aparecido nesse caráter na ocasião presente. "Quem deveria", diz o versículo 19, "ter estado aqui diante de ti, e objetar, se tivessem alguma coisa contra mim." Deveriam? Por que deveriam? O réu não chamou testemunhas: pela não aparição de testemunhas, se contra ele, longe de ser prejudicado, ele foi beneficiado. O processo também foi *inquisitorial* , não *acusatório* : não exigiu acusadores. Judeus da Ásia, de fato? Como se houvesse algum judeu da Ásia, a quem qualquer causa mais natural ou legítima de indignação pudesse ter sido dada por seus delitos, do que foi dada por eles a todos os judeus em Jerusalém, para não falar do resto do mundo, ou dos judeus cristianizados.

10. Pelo réu dizer aos juízes no Julgamento 2, que foi por pregar a ressurreição que ele foi acusado por e diante deles — por isso, sem mais nada, a indignação expressada por eles contra ele foi excitada. "Ou então", dizem os versículos 20, 21, "que estes mesmos aqui digam, se encontraram alguma maldade em mim, enquanto estive diante do conselho, exceto por esta voz, que eu clamei, estando no

meio deles: A respeito da ressurreição dos mortos, sou interrogado por vocês hoje."

Segue a decisão do juiz, “Quando Félix”, diz[Pág. 416] ver. 22, "ouvindo estas coisas, tendo conhecimento mais perfeito daquele caminho, ele as adiou, e disse: Quando o chefe dos tribunos Lísias descer, eu saberei o mais profundamente de vossa causa." Tal é declarado ter sido a decisão do juiz: e, no que diz respeito ao que se passou no julgamento do réu perante o concílio de Jerusalém, foi claramente a única decisão apropriada: uma testemunha mais imparcial, bem como, em todos os pontos de vista, adequada, o caso dificilmente poderia ter proporcionado: e, quanto à questão principal, nada poderia ser mais natural, do que o que havia caído no caminho de Lísias observar naquela ocasião, pudesse fornecer luz instrutiva.

Ordem interlocutória. Réu recomeçado: mas acesso a ele livre para todos. "E ordenou a um centurião", diz o ver. 23, "que guardasse Paulo, e o deixasse em liberdade, e que não proibisse a nenhum dos seus conhecidos de ministrar, ou de vir ter com ele."

Paulo continua neste estado por "dois anos": ocasião em que, diz o versículo 27, "Pórcio Festo entrou no lugar de Félix; e Félix, querendo agradar aos judeus, deixou Paulo preso".

Nos versículos 24, 25, 26, esse intervalo de atraso é preenchido com um relato, tal como é, de certas intrigas, das quais o Réu era o sujeito. O Romano tem uma judia como esposa. O prisioneiro é mandado buscar, e a esposa compartilha com o marido o benefício de sua eloquência. O Apóstolo autoconstituído prega: o pagão treme: o tremor, no entanto, não o impede de "esperar" tirar dinheiro do prisioneiro, se essa parte da história for para ser acreditada. "E depois de certos dias", diz o versículo 24, "quando Félix veio com sua esposa Drusila, que era judia, ele mandou chamar Paulo, e o ouviu sobre," o que é chamado aqui, "a fé em Cristo." Fé em Cristo, *de* fato?[Pág. 417] Depois da

palavra *fé* , a palavra *Cristo* não custa mais para escrever do que a palavra *Paulo* : mas em tudo o que foi dito sobre fé por Paulo, qual seria a figura mais proeminente, — Cristo ou Paulo — pode ser imaginado a esta altura. Quanto a qualquer fé que fosse da natureza do caso, que os pagãos romanos derivassem da eloquência do judeu grego, deve ter sido fé em Paulo, e somente em Paulo. Paulo ele tinha visto e ouvido, Cristo ele não tinha visto nem ouvido; nem, pelo que parece, nada a respeito dele, até aquele momento.

"E, enquanto ele arrazoava", diz o versículo 25, "sobre a justiça, a temperança e o juízo vindouro, Félix tremeu e respondeu: Vai, porque desta vez, quando tiver ocasião conveniente, te chamarei. Ele esperava", continua o versículo 26, "que Paulo lhe desse dinheiro para soltá-lo; por isso, mandava chamá-lo com mais frequência e conversava com ele."

SEÇÃO 5.

JULGAMENTO IV. LUGAR OUTRA VEZ, CESAREA.— *Atos* 25:1-12.

Cena, Cesaréia judicatória.—Juiz, novo governador romano, Festo. Acusadores, "judeus", não nomeados, enviados pelo sumo sacerdote e seus colegas de Jerusalém para Cesaréia para o propósito. Réu ainda na prisão em Cesaréia: juiz romano, em Jerusalém. Promotores, o conselho lá—petição para que o Réu seja levado para lá. O juiz escolhe ir até ele em Cesaréia, do que assim mandá-lo para Jerusalém.

[Pág. 418]

De acordo com o *historiador* , foi com o propósito de fazer com que o réu fosse assassinado, no caminho para o judiciário, que os promotores estavam tão fervorosos quanto estavam para obter o *habeas corpus* : de acordo com a *probabilidade* , foi para qualquer propósito, em vez de cometer qualquer ultraje sob a autoridade de seu superior

constituído, com um exército sob seu comando. Seja como for, em vez de mandar buscar o réu para Jerusalém, o juiz retornou a Cesaréia.

"Agora", diz o ver. 1, "quando Festo chegou à província, depois de três dias ele subiu de Cesareia para Jerusalém. — Então o sumo sacerdote e o principal dos judeus o informaram contra Paulo, e rogaram a ele. — E pediram favor contra ele, que o mandasse chamar a Jerusalém, armando uma emboscada no caminho para matá-lo. — Mas Festo respondeu que Paulo deveria ser mantido em Cesareia, e que ele próprio partiria para lá em breve. — Portanto, disse ele, os que dentre vós são poderosos, desçam comigo, e acusem este homem, se há nele alguma maldade. — E, tendo ficado entre eles mais de dez dias, desceu a Cesareia; e no dia seguinte, sentado no tribunal, ordenou que Paulo fosse trazido."

Acusações, não particularizadas: disse delas, nem tanto quanto que eram as mesmas de antes. "Muitas e graves queixas contra Paulo, que não podiam provar": ver. 7 — tal é o único relato dado delas.

Defesa — pontos contidos nela. Como antes, nenhuma ofensa, diz o ver. 8, contra a lei — nenhuma ofensa contra "o templo". Um ponto adicionado, "Nem ainda contra César". Bom. Mas como isso acontece aqui? Aqui temos uma defesa, contra o que, é claro, nunca foi acusado.

Festo —juiz, ao réu, ver. 9: “Queres tu[Pág. 419] suba a Jerusalém, e ali seja julgado estas coisas *diante de mim* ?"

Réu para julgar, ver. 10: "Estou no tribunal de César, onde devo ser julgado": significando, como aparece nas palavras diretas de apelo no próximo versículo, — por um romano, não por um judiciário judeu, devo ser julgado. Contra o ser julgado em Cesaréia, em vez de Jerusalém, ele não poderia naturalmente ter pretendido objetar: pelo menos, se o historiador fala a verdade, no que ele diz sobre a conspiração para assassinar o prisioneiro na estrada.

2. "Aos judeus", diz o ver. 10, "não fiz mal algum". Até aqui nada mais é dito do que *Não Culpado* . Mas agora segue outro traço dessa afronta, que era uma característica tão importante na eloquência de Paulo, "como", continua ele, "tu muito bem sabes". Agora, o que qualquer um pode ver é que Festo não sabia, nem poderia saber, de tal coisa. Testemunhe o próprio historiador, que, apenas oito versos depois (18, 19, 20), faz o próprio Festo, em discurso com o Rei Agripa, declarar isso. Mas quanto mais audacioso, mais no caráter do Réu; e maior a probabilidade de que, no conflito entre o Relatório da Lei e a narrativa, a verdade esteja do lado do Relatório.

3. Conclusão: ver. 11, o réu dá a entender ao juiz que, se ele, o réu, fez alguma das coisas das quais foi acusado, não tem objeção em ser condenado à morte: mas no mesmo fôlego termina dizendo: "Apelo para César!", submetendo-se assim ao julgamento de Festo, seja ele qual for, e ao mesmo tempo apelando dele.

Juiz Festo: ver. 12, "quando ele consultou *o conselho* ", quem quer que fossem, "Você apelou para César? Para César você irá." Aqui termina o Julgamento IV.

[Pág. 420]

SEÇÃO 6.

JULGAMENTO V. E ÚLTIMO.—LOCAL, AINDA CÆSAREA.

Isso requer alguma explicação prévia.

Poucos dias após o último julgamento precedente, chegou a Cesaréia, diz o versículo 13, *Agripa e Berenice* : Festo ainda estando lá: Agripa, sub-rei dos judeus sob os romanos: Berenice, pode-se presumir, sua rainha: saudando este seu superior, seu único negócio mencionado. Segue-se uma conversa, da qual o réu é o assunto, e que continua o

comprimento de quatorze versos. O réu tendo apelado a César, o juiz determinou enviá-lo a César de acordo. Mas, considerando que, pelo imperador, na chegada de um homem enviado a ele no caráter de um prisioneiro, alguma causa atribuída, por ele ter sido colocado nessa condição, será naturalmente procurada; e, como as únicas ofensas pelas quais o judeu é acusado são de um tipo que, embora não fossem inteligíveis para o imperador pagão, seriam para um sub-rei judeu, se é que seriam para qualquer outro, suficientemente inteligíveis; é por isso que ele deseja que sua submajestade se junte a ele na audiência da causa e, por esse meio, o coloque em condições de relatar a questão.

Falando dos acusadores, "eles não trouxeram", diz Festo a Agripa no versículo 18, "nenhuma acusação de tais coisas como eu supunha. — Mas tinham certas questões contra ele sobre sua própria superstição e sobre um certo Jesus, que estava morto, a quem Paulo afirmava estar vivo. — E porque eu duvidava de tal tipo de perguntas, perguntei-lhe se ele iria a Jerusalém, e lá seria julgado sobre estas questões. — Mas[Pág. 421] Paulo... apelou para ser reservado para a audiência de Augusto..." Tal, como observado acima, é a declaração que o historiador coloca na boca de Festo: e isso, depois de ter feito Paulo dizer a Festo tão recentemente que o fato de Paulo não ter feito mal aos judeus era para ele, Festo, assunto de conhecimento tão perfeito.[82]

[Pág. 422]

Agora então vem o julgamento, Atos 26:1. Cena, em Cesaréia, o Banco do Imperador. Senhor chefe de justiça, governador romano Festo; Juiz Puisne, sub-rei judeu Agripa. Presente, "Bernice... chefes capitães e principais homens da cidade." Acusadores especiais, nenhum. Único orador, cujo discurso é relatado, o Réu.

Pontos no discurso do réu, estes:

1. Versículos 2 e 3. Solicitação de audiência paciente, reconhecimento da confiança especial de Agripa.

2. Versículos 4 e 5. Protesto contra o farisaísmo.

3. Versículos 6, 7, 8. A mesma falsa insinuação de antes: farisaísmo é o único crime imputado a ele.

4. Versículos 9, 10, 11. Confissão ou confissão, como quer que seja chamada, de seus procedimentos vinte e seis anos antes, contra os judeus cristianizados, encerrando-os na prisão, em cumprimento à autoridade dos "principais sacerdotes", até o momento de sua conversão-visão. Veja Tabela I. Tabela de Conversão.

5. Versículos 12 a 20. Relato desta mesma visão. Veja a mesma Tabela.

6. Declaração. "Por *estas* causas os judeus me prenderam no templo e tentaram me matar." — Por estas causas? Por quais causas? Se por ser fariseu, ou pregar a ressurreição geral, ou mesmo a particular, — certamente não. Mas, se pela quebra de confiança, ao se juntar aos infratores do estado, os judeus cristianizados, a quem ele foi comissionado para prender; — se juntar a esses infratores do estado, e então trazer a história da visão como desculpa; — se dizer a todos que o ouviriam, que a lei da terra era letra morta; — e, se a negação ele já o tivesse feito; e, por dar a si mesmo o benefício de tal negação mentirosa, tornando o templo um instrumento de perjúrio notório; — se foi por tudo isso, que eles "andaram" de fato[Pág. 423] "para matá-lo" — mas matá-lo somente da maneira prescrita pela mesma lei —, judaicamente falando, eles não eram culpados pelo que fizeram —, humanamente falando, nada pode ser visto que não seja totalmente natural nisso.

7. Conclusão: ou seja, se não do que ele teria dito, pelo menos do que, de acordo com o repórter, ele teve permissão para dizer, é formada por uma passagem na qual, em continuidade ao seu plano de manter seu interesse com a parte fariseu do conselho, sua engenhosidade se emprega em fortalecer a conexão entre a ressurreição particular de Jesus e a ressurreição geral mantida pelos fariseus.

"Tendo, pois", diz o versículo 22, "obtido auxílio de Deus, permaneço até o dia de hoje, *dando testemunho* tanto a

pequenos como a grandes, não dizendo nada além do que os profetas e Moisés disseram que havia de acontecer: que o Cristo havia de padecer, e que seria o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, e mostraria a luz ao povo e aos gentios." — Lord Chief Justice Festus, "em alta voz, como ele", o réu, "assim falou por si mesmo: Paulo, estás fora de ti; a tua grande erudição te deixou louco." Na boca de um romano, e de um romano de tão alta patente, a noção assim expressa não continha nada além do que era bastante natural. Quanto à ressurreição *geral* , *essa* era uma das "questões sobre sua própria superstição" acima mencionadas, que ele, portanto, deixou para os juízes judeus; quanto à ressurreição *específica* , ele não tinha ouvido nenhuma evidência melhor do que a do réu; e o que, aos olhos criteriosos, *isso* provavelmente valeria, o leitor já deve ter julgado a essa altura.

8. Réu em resposta, ver. 25: Não louco, mas sóbrio: para confirmação, apelar ao submonarca judeu,[Pág. 424] então e ali presente. "Eu não estou louco, nobre Festo; mas falo pelas palavras da verdade e sobriedade. — Pois o Rei sabe dessas coisas, diante de quem também falo livremente; pois estou persuadido de que nenhuma dessas coisas lhe é oculta; pois isso não foi feito em um canto." Aqui teria sido um lugar para os quinhentos, por quem, após sua ressurreição, Jesus foi visto imediatamente — veja o capítulo acima — mas, na ocasião presente, a expressão geral, aqui empregada, foi considerada preferível. "Rei Agripa", continua o versículo 27, "crês tu nos profetas? Eu sei que crês."

Rei Agripa a Paulo, ver. 28. "Quase me persuades a ser cristão."

Paulo a Agripa: "Gostaria de Deus que não somente tu, mas também todos os que hoje me ouvem fossem quase e completamente tais como eu sou, *exceto estas prisões* ." Esta exceção não é um mau traço da oratória educada.

A assembleia se desfaz. — "E quando ele tinha dito isso, o rei se levantou, e o governador e Berenice, e os que estavam sentados com eles. E quando eles se retiraram, eles conversaram entre si, dizendo: Este homem não fez nada digno de morte ou de prisões. Então disse Agripa a Festo: Este homem poderia ter sido posto em liberdade, se não tivesse apelado para César." Observação. Nesta observação, algo do obscuro parece se apresentar. Pois, sendo o próprio Paulo o apelante, e *isso* para nenhum outro propósito além de salvar-se da morte ou das prisões, ele tinha apenas que retirar o apelo, e, supondo um julgamento pronunciado para o efeito assim mencionado, isso era tudo o que ele poderia ter desejado dele. Mas, Paulo já tendo, a julgar por sua Epístola aos Romanos, colocado o[Pág. 425] fundação de um reino espiritual na metrópole do mundo civilizado, — parece que ele não tinha objeção em figurar ali, como o encontraremos figurando de acordo, no caráter de um prisioneiro de estado, com o propósito de exibir, e aos olhos do César daquele dia, uma amostra de sua eloquência, em uma causa muito maior do que qualquer uma em que a do primeiro César poderia ter se exibido. Não falta razão para a suposição de que foi pelo que se passou no concílio que a ideia lhe foi sugerida pela primeira vez: pois "na noite seguinte, o Senhor", diz 23:11, "estava ao lado dele e disse: Tem bom ânimo, Paulo; porque assim como testificaste de mim em Jerusalém, assim também deves testificar em Roma". O Senhor me ordenou assim e assim, é o tipo de linguagem em que ele naturalmente faria comunicação dessa ideia aos seus assistentes.

O estilo circunstanciado e dramático desta parte da narrativa parece aumentar a probabilidade de que, nesta ocasião, o próprio historiador estivesse presente. Nesta suposição, embora tanto no grego quanto no inglês, eles sejam representados como se tivessem saído da sala de justiça, qualquer conversa que tenha ocorrido entre eles imediatamente depois, na rua, poderia não ter sido ouvida por ele de forma não natural. No capítulo 24, ver. 23, está a

ordem de admissão de Félix, como acima, para o conhecimento de Paulo, para ministrar ou ir até ele. Um outro atendente apareceu, no caráter do filho de sua irmã, Atos 23:16; por quem a informação foi dada a Félix, que os homens ali mencionados estavam à espreita para matá-lo. Na ocasião desta invasão dele, teria sido interessante o suficiente ter uma lista completa de sua equipe.

Aqui termina o quinto e último julgamento: e no versículo seguinte está escrito que, juntamente com outros prisioneiros, e o[Pág. 426] historiador pelo menos para seu assistente livre, ele é despachado em sua viagem. Atos 27:1. "E quando foi determinado que deveríamos navegar para a Itália, eles entregaram Paulo e alguns outros presos a um certo centurião chamado Júlio, da coorte de Augusto. —E entrando em um navio de Adramítio, *partimos* ..."

NOTAS DE RODAPÉ:

[81]Se em qualquer parte anterior desta obra, ao falar desta cena, as pessoas em questão foram mencionadas como tendo realmente praticado atos de violência manual, foi um descuido.

Quanto ao exame por flagelação, singular o suficiente naturalmente aparecerá este modo de coletar evidências: propósito declarado disto, "que ele", o capitão, "pudesse saber por que *eles* ", os judeus, "clamaram contra ele", significando o réu. Uma maneira mais simples teria sido perguntar *a eles* ; e, quanto ao flagelo, qual uso ele poderia ter tido não é totalmente óbvio. Começar torturando um homem e prosseguir questionando-o, era, no entanto, entre os romanos um modo bem conhecido de obter evidências. Mas, então e ali, como agora e em todos os lugares, a menos que os Estados Unidos formem uma exceção, "o que quer que seja — é certo", desde que seja sempre pelo poder que seja feito.

[82]Atos 25:12-27.

"Então Festo, tendo conferido com o conselho, respondeu: Apelaste para César? Para César irás. E depois de alguns dias, o rei Agripa e Berenice foram a Cesareia para saudar Festo. E, tendo-se demorado ali muitos dias, Festo declarou a causa de Paulo ao rei, dizendo: Há um certo homem que Félix deixou preso, a respeito do qual, quando estive em Jerusalém, os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus me informaram, querendo julgá-lo. Ao qual respondi: Não é costume dos romanos entregar alguém à morte, antes que o acusado tenha os acusadores face a face e tenha licença para responder por si mesmo quanto ao crime que lhe é imputado. Portanto, quando eles chegaram aqui, sem demora, no dia seguinte, sentei-me no tribunal e ordenei que o homem fosse trazido para fora. Contra o qual, quando os acusadores se levantaram, não fizeram nenhuma acusação de tais coisas como eu. supôs: — Mas tinham certas questões contra ele sobre sua própria superstição e sobre um certo Jesus, que estava morto, a quem Paulo afirmava estar vivo. — E porque eu duvidava de tal tipo de perguntas, perguntei-lhe se ele iria a Jerusalém e lá seria julgado sobre essas questões. — Mas quando Paulo apelou para ser reservado para a audiência de Augusto, ordenei que ele fosse mantido até que eu o enviasse a César. — Então Agripa disse a Festo: Eu também ouviria o homem eu mesmo. Amanhã, disse ele, tu o ouvirás. — E no dia seguinte, quando Agripa chegou, e Berenice, com grande pompa, e entrou no local da audiência, com os principais capitães e homens principais da cidade, por ordem de Festo, Paulo foi trazido para fora. — E Festo disse: Rei Agripa, e todos os homens que estão presentes conosco, vocês veem este homem sobre quem toda a multidão dos judeus tem falado comigo, tanto em Jerusalém como aqui, clamando que ele não deve viver mais. — Mas quando descobri que ele não havia cometido nada digno de morte, e que ele mesmo apelou para Augusto, decidi enviá-lo. — Sobre quem não tenho nada certo para escrever ao meu senhor, por isso o trouxe diante de você, e especialmente diante de você, ó rei Agripa, para que, depois de interrogado, eu pudesse ter

algo para escrever. — Pois me parece irracional enviar um prisioneiro, e não também significar os crimes imputados a ele.

CAPÍTULO XVI.

As Doutrinas de Paulo são Antiapostólicas . — Ele não era o Anticristo?

SEÇÃO 1.

A DOUTRINA DE PAULO ERA EM DIFERENÇA COM A DOS APÓSTOLOS.

Se as pretensões de Paulo a uma relação sobrenatural com o Todo-Poderoso não eram nada mais do que uma pretensão; sua visita a Jerusalém, do início ao fim, foi um objeto de aversão aos apóstolos e a todos os seus discípulos; em uma palavra, a todos que, no berço do cristianismo, tinham o nome de cristãos e eram considerados pertencentes à religião de Jesus; se, não apenas para o conhecimento *deles* , mas para o de toda a população de Jerusalém, ele era um personagem depravado, marcado pela mancha, não apenas pela falta de sinceridade habitual, mas pelo perjúrio em sua forma mais agravada; se não foi de outra forma senão por ter se declarado cidadão romano que ele escapou da punição — aparentemente capital — imposta pela lei de[Pág. 427] a terra dos crimes dos quais ele era culpado; se, em uma palavra, foi somente em lugares, nos quais Jesus — suas doutrinas e seus Apóstolos — eram igualmente desconhecidos, que este autodeclarado Apóstolo de Jesus foi recebido como tal; — se todos, ou embora fossem apenas alguns, desses pontos podem ser considerados estabelecidos, — qualquer prova adicional, em apoio à posição, de que nenhuma doutrina sua, que não esteja

contida em um ou outro dos quatro Evangelhos, tem qualquer pretensão de ser considerada parte integrante da religião de Jesus, pode muito bem, em qualquer caso comum, ser considerada supérflua: e, das várias acusações aqui trazidas à vista, se há alguma, da verdade da qual a demonstração não é completa, o leitor foi convidado o tempo todo a considerar consigo mesmo e julgar. Se, portanto, o julgamento for condenatório, o resultado é — que tudo o que está em Paulo, e não pode ser encontrado em nenhum dos quatro Evangelhos, não é cristianismo, mas paulismo.

Em qualquer caso de complexidade comum, suficiente então, presume-se, para todo olho judicioso, seria o que o leitor já viu: mas o caso presente não é um caso comum. Um erro, se for o caso, que apesar de todas as fontes de correção, que no curso do trabalho foram finalmente expostas e trazidas à vista, tem agora, por mais de dezessete séculos passados, mantido seu fundamento em todo o mundo cristão, não pode, sem a maior relutância, ser abandonado: pois dissolvendo a associação tão infelizmente formada, dificilmente, portanto, qualquer argumento que a razão oferece pode ser considerado supérfluo.

Para esse propósito, um tal argumento, embora já tenha sido abordado em uma ocasião anterior, ainda precisa ser apresentado. Consiste em sua própria confissão. Confissão? diga antes confissão: pois — tal[Pág. 428] é o temperamento do homem — no sentido de ostentação, não no sentido de concessão e auto-humilhação com que ele sai. Seja como for — quando, falando dos apóstolos indubitáveis, ele mesmo declara que não recebeu nada deles, e que tem doutrinas que não são deles, não obterá ele credibilidade? Sim: pois desta vez, ao que parece, ele pode, sem muito perigo de erro, ser levado a sério.

Para ver isso — se ele puder suportar a visão — não custará muito trabalho ao leitor, Tabela II. *Paulo desacreditou Tabela* , está diante dele. Sob o título de *Independência declarada* , na Epístola de Paulo aos Gálatas, capítulo 1, versículos 11, 12, ele encontrará estas palavras. "Mas eu

vos certifico, irmãos, que o Evangelho que foi *pregado por mim não é segundo o homem* : porque *não o recebi de homem algum* , nem fui *ensinado, mas pela revelação de Jesus Cristo* ." Até aqui Paulo. Se então não foi recebido por ele pela revelação de Jesus Cristo — este seu Evangelho; nem ainda, como ele nos assegura, " *do homem* " — a consequência é necessária — foi feito por ele, a partir de sua própria cabeça.

SEÇÃO 2.

DE CONFORMIDADE, USO FEITO DO NOME DE JESUS SEM PROVA.

Do nome de Jesus, qualquer que seja o uso que ele tenha feito — feito (como foi visto) sem autoridade — pode qualquer uso, feito em contradição com sua própria confissão, fornecer o menor fundamento para considerar *seu* Evangelho, seja ele qual for — seu Evangelho, ou qualquer parte dele?[Pág. 429] disso,—como pertencente à religião de Jesus? Se assim for, então todos os impostores são as pessoas que eles falsamente fingem ser—todas as produções falsificadas de qualquer tipo, genuínas.

Enquanto pregava aos gentios a uma distância de Jerusalém, de qualquer uso que ele pudesse ter a certeza de fazer de um nome tão reverenciado, é quase supérfluo observar o quanto ele tinha a ganhar e o quão pouco a perder. Em um caso desse tipo, por mais que haja algo ofensivo no comportamento do suposto agente que faz o elogio, nenhuma parte dele é atribuída ao suposto principal elogiado: e, em tal elogio, o suposto agente não é prejudicado por nenhuma dessas considerações, pelas quais ele ficaria impedido de toda perspectiva de vantagem, se tivesse a ousadia de colocá-lo em cores igualmente fortes sobre si mesmo. Assim, no caso de Paulo, ao colocar em

primeiro plano, onde ele o fez, o nome de Jesus, havia esta grande vantagem a ganhar: e, o suposto diretor nunca estando presente para repudiá-lo, a consequência foi que, enquanto nenhum agente credenciado e creditado, daquele mesmo diretor, estivesse por perto para contradizer suas pretensões, o mero nome deste diretor não seria obstáculo à pregação de doutrinas, mesmo que decididamente em desacordo com as suas.

Se, por outro lado, em uma companhia na qual ele estivesse pregando doutrinas próprias, que não fossem as de Jesus, por acaso estivessem presentes homens aos quais, em razão de seu conhecimento pessoal com Jesus ou com quaisquer discípulos imediatos de Jesus, essas mesmas doutrinas de Paulo fossem percebidas e declaradas como não sendo de Jesus, aqui haveria um inconveniente: e, por esse motivo, onde quer que, sem usar o nome de Jesus ou qualquer outro nome que não o seu, ele pudesse estar suficientemente seguro de obter um grau[Pág. 430] de confiança suficiente para seu propósito — este curso, supondo-se bem-sucedido, seria, sob vários aspectos, mais vantajoso.

Aqui, então, em cada ocasião, ou pelo menos em algumas ocasiões, haveria uma opção para ele fazer: ou seja, pregar em nome de Jesus, ou então se estabelecer por si mesmo: se estabelecer por si mesmo e, com base em uma suposta revelação do Todo-Poderoso, sem a intervenção de Jesus, pregar em nenhum outro nome humano além do seu próprio.

De uma passagem, na primeira de suas duas Epístolas aos seus discípulos coríntios, parece que um experimento desse tipo — um experimento para adicionar independência nominal à real — tinha sido realmente tentado: mas que o sucesso dele não foi tal que fosse seguido por continuidade. Para essa suspeita — pois é apenas uma suspeita — qualquer leitor que pense que vale a pena pode ver os fundamentos na nota anexa.[83]

[Pág. 431]
[Pág. 432]

SEÇÃO 3.

PAULO, ELE NÃO ERA ANTICRISTO?

Uma criança, do cérebro pronto e frutífero de Paulo — um bicho-papão, que as mãos oficiosas dos tradutores oficiais ingleses de suas Epístolas, batizaram, por assim dizer, com o nome de *Anticristo* — já foi trazida à tona. Veja Cap. XII. §. 4. Se houver pessoas, para cuja religião — além de um demônio, com ou sem chifres e cauda — com ou sem outros espíritos, em formas não menos carnais, por mais irrepulsivas que sejam — um Anticristo é necessário para a conclusão do estabelecimento oficial politeísta; e se, em vez de um ideal, eles podem tolerar um Anticristo real — um Anticristo de carne e osso — eles não precisam ir muito longe para procurar um. De Saul, também conhecido como Paulo, a existência não é fabulosa. Se, em seu tempo, havia um ser, em quem, com exceção de alguns dois ou três assistentes seus, cada pessoa, que tinha o nome de cristão, via e sentia um oponente, e esse oponente um adversário infatigável, era este mesmo Paulo: Sim, tal ele era, se, neste particular, alguém pode se aventurar a dar crédito, ao que tem sido visto tão continuamente testemunhado, — testemunhado, não por nenhum inimigo seu, mas por seu próprio dependente, — seu próprio historiógrafo, — seu próprio panegirista, — seu próprio amigo constante. Aqui, então, para qualquer um que queira um Anticristo, aqui está um Anticristo, e ele é inegável.

Anticristo, como todos veem, Anticristo significa nem mais nem menos do que aquilo que se opõe a Cristo. Para o próprio Cristo, o bicho-papão, batizado[Pág. 433] pelos bispos ingleses *Anticristo* , não foi, por seu criador, falado como se opondo a si mesmo. Para o próprio Cristo, o próprio

Paulo não podia, naquela época, ser um oponente: o Jesus, a quem ele chamava de Cristo, não estava mais na carne. Mas de tudo isso, no sentido figurado costumeiro — de tudo isso, em qualquer sentido inteligível, poderia nesta ocasião ser chamado de *Cristo* — a saber, os verdadeiros Apóstolos de Jesus, e seus discípulos e seguidores, — Paulo, se ele próprio for acreditado, era um oponente, se é que alguma vez houve um.

Paulo pregou a ressurreição dos mortos. Concordo. Mas todos os fariseus não faziam isso também? E Paulo não era fariseu? E Jesus — ele não tinha em todos os fariseus tantos oponentes? E os verdadeiros cristãos, eles tiveram em algum lugar de sua vida, algum outro oponente tão ácido ou tão perseverante quanto este mesmo Paulo?

Paulo pregou a ressurreição dos mortos. Concordo. Mas *essa* ressurreição dos mortos que ele pregou, não era uma ressurreição, que deveria ocorrer durante a vida dele e de outras pessoas então vivas? E—qualquer ressurreição desse tipo, ocorreu de acordo?[84]

[Pág. 434]

NOTAS DE RODAPÉ:

[83]"Fostes batizados", diz ele, falando aos seus coríntios, 2 Cor. ii. 13. "Fostes batizados em nome de Paulo? — Agradeço a Deus", continua ele, "por não ter batizado nenhum de vós, senão Crispo e Gaio, — para que ninguém diga que batizei em meu próprio nome. — E batizei também a casa de Estéfanas; além disso, não sei se batizei algum outro." Para um experimento deste tipo, deve parecer, a partir daquela Epístola, que os motivos não estavam de forma alguma ausentes. Pois, entre esses mesmos discípulos, na pregação de suas doutrinas, ele se viu incomodado por diversos nomes mais ou menos formidáveis: havia o nome, embora provavelmente nunca a pessoa — de *Cefas* , o verdadeiro nome hebraico, do qual,

nos quatro Evangelhos, escritos como estão em grego, *Pedro* é a tradução: havia o nome, e não improvável a pessoa — de *Apolo* , a quem, cerca de três anos antes, Atos 18:18-26, duas discípulas de Paulo, Áquila e Priscila, haviam alistado em Éfeso sob suas bandeiras: havia, segundo ele, *o nome de Cristo* , embora certamente, nunca a pessoa de *Jesus* .

"Porque a respeito de vós, irmãos, me foi declarado", diz ele, 1 Cor. 1.11, "que há contendas entre vós: Digo isto, pois cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo." Segue-se imediatamente um breve floreio de eloquência paulina: "Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo?" e assim por diante, como acima.

"Divisão", diz ele, "entre vocês": nesta frase pode ser visto o estilo da realeza moderna. Em relação a uma vontade tão intimamente conectada com o divino como a real, nenhum temperamento mental, tão intolerável quanto a oposição, deve ser suposto: se fosse igualmente conhecido em todas as ocasiões — conhecido por todos, e igualmente interpretado por todos, nenhuma divisão poderia ter lugar: mas, alguns colocam uma interpretação sobre isso, alguns outra: em alguns olhos, este curso é considerado o mais adequado para dar efeito a ele; em outros, que: daí aquela divisão, à qual, em todas as ocasiões, é dever de todos pôr o fim mais rápido. Agora, então, quanto a Paulo. Esta mesma afeição paternal assumida, sob o nome de irmão mais velho — este desejo de ver concórdia entre irmãos — o que era na verdade pura? Resposta, amor ao poder. Você teria provas? Pegue esta mesma Epístola dele aos seus Coríntios, ou, se no versículo décimo, será para este propósito cedo o suficiente, e continue lendo, até chegar ao capítulo iv. versículos 15, 16. "Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos a mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer. — Pois me foi declarado", e assim por

diante, como acima. Continue lendo, e, por fim, você chegará à essência de todo esse bom conselho, 1 Cor. 4:15. "Porque, ainda que tenhais dez mil instrutores em Cristo", diz ele, "não tendes, contudo, muitos pais; porque *eu vos gerei* em Cristo Jesus , pelo Evangelho. — Portanto, rogo-vos que *sejais meus imitadores* ."

Neste momento, deve parecer que, na ocasião deste seu namoro com os judeus de Corinto, não apenas o nome de Pedro era um objeto de sua rivalidade declarada, mas o nome e a pessoa de seu próprio subdiscípulo Apolo, um objeto de seu ciúme. "Pois, enquanto um diz," 1 Cor. iii. 4, "Eu sou de Paulo; e outro, eu sou de Apolo; não sois vós," diz ele, "carnais? — Quem então," continua ele, "é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros por quem crestes, assim como o Senhor concedeu a cada um? — Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. — Agora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá sua própria recompensa de acordo com seu próprio trabalho." Quinze versos depois vem um floreio, no qual Apolo é falado pela última vez. "Seja Paulo, ou Apolo, ou Cefas, ou o mundo, ou a vida, ou a morte, ou as coisas presentes, ou as futuras, tudo é vosso; — 23. E vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus." Quando a palavra *Cefas* termina, pode-se ter observado, senso comum: o que se segue é pó para os olhos: pó, composto das flores da eloquência saulo-paulina.

Quanto a Apolo, se assim foi, que, em algum momento, na mente de nosso monarca espiritual, qualquer sentimento como ciúme, em relação a este subministro teve lugar, parece ter sido posteriormente, de uma forma ou de outra, removido: pois, em sua Epístola a Tito, datada cerca de sete anos depois, ou seja, 64 d.C., a devoção ao assunto parece ter sido completa. Falando a Tito, Tt. 3:13, "Traga com você", diz Paulo, "Zenas, o advogado, e Apolo, em sua jornada diligentemente, para que nada lhes falte."

[84]Paulo deve ter pensado que tinha a Igreja em Corinto sob controle completo de sua sugestão hipnótica ou então tanto sob seu controle a ponto de assumir o exaltado ofício

de Oráculo Clarividente sem questionamentos. Ele diz, 2 Cor. 1-7, "Eu preciso de glória, embora não seja conveniente; mas eu chegarei às visões e revelações do Senhor, eu conheço um homem em Cristo, quatorze anos atrás (se no corpo eu não sei; ou se fora do corpo, eu não sei, Deus o sabe). Tal homem foi arrebatado até o terceiro céu. E eu conheço tal homem (se no corpo, ou fora do corpo, eu não sei, Deus o sabe); como ele foi arrebatado ao Paraíso, e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem falar. Em nome de tal eu me gloriarei: mas em meu próprio nome não me gloriarei, a não ser em minha fraqueza. Porque se eu quisesse gloriar-me, não seria tolo; porque direi a verdade; mas deixo de fazê-lo, para que ninguém me considere acima daquilo que me vê ser, ou ouve de mim.

"E em razão da grandeza suprema das revelações — por isso, para que eu não me exaltasse demais, foi-me dado *um espinho na carne* , um mensageiro de Satanás para me esbofetear, para que eu não me exaltasse demais. A respeito disto, três vezes roguei ao Senhor que o afastasse de mim.

"E ele me disse: A minha graça te basta."

Seria necessário um Swift, Dryden, Pope, Milton ou Knowles para encenar o acima para fazer quantidades objetivas apreciáveis dos termos verbais acima. Eles podem criar personagens e dar a eles a plumagem de anjos, ninfas, espíritos, deuses pagãos, etc., e assim banquetear a imaginação em paranoia.

"Espinho na carne." Esta frase tem confundido os Eclesiásticos. Os Comentaristas anteriores interpretaram que significava a grande decepção de Paulo em todos os seus esquemas para subordinar os Apóstolos de Cristo ao seu domínio pessoal, do qual tanto foi menosprezado pelo autor.

[Pág. 435]

FIM.

ÍNDICE DE CONTEÚDO.

TABELA I-XXII

CAPÍTULO I.

A Conversão de Paulo. Improbabilidade e Discordância dos Relatos dela 1

1. Lista dessas Contas, com Observações preliminares. Tabela em que são confrontadas 1

2. Visão I. Diálogo na estrada: Paulo ouve uma voz, mas não vê nada 8

3. Visão II. Ananias 21 , 34

4. Ananias: sua visita a Paulo em Damasco 26 , 57

5. Visão III. Visão anterior de Paulo, conforme relatada pelo Senhor a Ananias. *Atos* ix. 12 62

6. Visões, por que duas ou três, em vez de uma? 64

7. Comissão a Paulo pelos governantes de Jerusalém — Comissão para trazer os cristãos de Damasco em cativeiro — Desprezo de Paulo sobre eles 69

8. Companheiros — Paulo tinha algum na estrada? 72

9. Na Epístola de Paulo aos seusGálatas,— pelo seu silêncio, os relatos dos Atos sobre sua conversão são virtualmente contraditos 77

TABELA II

CAPÍTULO II.

Conversão externa — como produzida — como planejada 89

1. Motivo, Vantagem Temporal — Plano 93

2. Em Damasco, provavelmente não havia tal Ananias 97

3. Na viagem de Damasco — Nenhum companheiro 100

4. Fuga de Damasco: Causas — falso — verdadeiro 101
5. Visita à Arábia — mencionada por Paulo, não por *Atos* 108 , 113
6. Gamaliel — ele participou do plano de Paulo? 125
[Pág. 436]

CAPÍTULO III.

Paulo não acreditou . — Nem sua Comissão divina nem sua Conversão interior foram jamais creditadas pelo Apóstolos ou seus discípulos de Jerusalém. — Fonte de prova declarada 135
1. À visão de conversão de Paulo, única testemunha original 135
2. Contra-Testemunhas, os Apóstolos: por eles, a História provavelmente não foi ouvida — certamente não foi creditada 136
3. Como prova, muito da história *dos Atos* deve ser antecipada aqui 138
4. Tópicos sob suas várias visitas a Jerusalém: *a saber* : I. Visita de reconciliação 139 , 143
5. Tópicos da Visita II.—Visita para gerar dinheiro 153
6. Observações sobre a visita III.—Visita da delegação 154
7. Tópicos da Visita IV.—Visita de Invasão 156
8. Biografia autoescrita — seu valor superior e reivindicação de credibilidade 159

CAPÍTULO IV.

Paulo descreu continuou. *Primeira* de suas quatro Visitas a Jerusalém após sua Conversão—digamos *Visita a Jerusalém* I. ou *Visita de Reconciliação.* —Barnabé apresentando-o de Antioquia aos Apóstolos 160
1. Os procedimentos de Paulo entre sua conversão e esta visita.—Contradição. Segundo Paulo, não foi até

depois de três anos passados na Arábia; conforme *Atos* , imediatamente 164
2. Fundamentos da perspectiva de reconciliação de Paulo nesta ocasião com os apóstolos e seus discípulos 171
3. Ocasião desta visita, segundo o próprio relato *de Paulo* 177
4. Ocasião, conforme o relato *de Atos* comparado com o de Paulo 180
5. Causa da discordância entre os dois relatos 188
6. Duração desta visita 192
7. Modo e causa de sua rescisão 197
[Pág. 437]

CAPÍTULO V.

Paulo descreu continuou. *Visita a Jerusalém II. Visita para trazer dinheiro.* —Barnabé acompanhando-o de Antioquia 203
1. Em Antioquia, Ágabo tendo previsto uma escassez, dinheiro é coletado para os santos de Jerusalém 203
2. Barnabé e Paulo enviados com o dinheiro para Jerusalém 208

CAPÍTULO VI.

Paulo descreu continuou.— *Visita a Jerusalém III. Visita da Deputação. — Paulo* e *Barnabé* delegados por *Antioquia*
Santos, para conferir a necessidade dos ritos judaicos aos pagãos convertidos à religião de Jesus 211
1. Ocasião desta visita 211
2. Como os Delegados foram recebidos.— Conselho de Apóstolos e Anciãos 215
3. Debates — Curso levado a cabo por *Tiago* contra *Pedro* 220
4. Resultado, suposto Decreto Apostólico e Carta a *Antioquia* , que, segundo *Atos* , Paulo circula 224

CAPÍTULO VII.

Paulo descreu continuou. Após sua terceira visita a Jerusalém, Conflito entre ele e *Pedro* em Antioquia. *Partição*
Tratado : *Paulo* para si mesmo: *Pedro* , *Tiago* e *João* para os Apóstolos 228
1. *Contestação* e *Tratado de Partilha* , conforme *Atos* e *Epístolas de Paulo* 228
2. Tratado de Partilha — *Probabilidade* , dada pela *estipulação financeira* , para o relato de Paulo sobre ele 238
3. *Época* do Tratado de Partilha, muito provavelmente a da *Visita I* 242
[Pág. 438]

CAPÍTULO VIII.

Entrevista Quarta. — Pedro em *Antioquia* . — Representantes de Jerusalém em Antioquia, *Judas* e *Silas* . — Paulo discorda de *Pedro* e *Barnabé* , abandonam Antioquia, e numa excursão missionária levam consigo *Silas* . O que diz respeito à partição
Tratado, até este Período, revisto.—Pedro e os Apóstolos justificaram 249
1. Relato *de Paulo* sobre esta entrevista citado.— Relato *de Atos* sobre o que se seguiu a ela 249
2. Paulo discorda de *Pedro* e *Barnabé* ; abandona Antioquia, tirando *Silas* dos apóstolos 252
3. O *Tratado de Partilha* e os procedimentos relacionados com ele, até este Período, *revistos* 255
4. Pedro e os Apóstolos justificaram, quanto à *Estipulação financeira* do Tratado, e o sucessor
Missionário
Trabalhos de *Pedro* entre os *gentios* 258

CAPÍTULO IX.

Paulo descreu continuou.— *Visita a Jerusalém IV.* e última *Visita de Invasão* . O Propósito oculto: Oposição universal;

entre os seus próprios discípulos e entre os dos apóstolos 266
1. Motivos desta visita 266
2. A Visita *anunciada* por Paulo e *adiada* 267
3. O design indefensável 272
4. Oposição feita a ele por seus próprios *assistentes* e outros *adeptos* 275
5. A oposição feita a ela pelos *Apóstolos* e seus discípulos 277
6. Plano dos *Apóstolos* para *se livrarem* de Paulo 282
[Pág. 439]

CAPÍTULO X.

Paulo descreu continuou.— *Visita a Jerusalém IV.* continuou. Sua chegada e recepção. Acusado por todos os discípulos dos apóstolos, ele inicia um *Juramento exculpatório* no Templo. Arrastado por eles — resgatado por um Comandante Romano — enviado em Custódia para Roma 288
1. Em Jerusalém, Paulo é recebido pelos *Anciãos* e *Tiago* ; mas por *nenhum outro Apóstolo* 288
2. Tom baixo assumido por ele nesta ocasião 291
3. Posteriormente a todos os seus supostos milagres, seu silêncio os prova irreais 295
4. Acusado pelos discípulos, ele inicia, por recomendação dos apóstolos, um *juramento exculpatório* no Templo. 298
5. O desenho desta Recomendação justifica-se 308
6. Arrastado para fora do Templo por *judeus* ou *cristãos* , ele é salvo por um comandante romano 309

CAPÍTULO XI.

Paulo descreu continuou.— A quarta visita de Paulo a Jerusalém continuou. *Perjúrio* era o propósito da exculpatória

A cerimônia começou no Templo 310
1. Prova geral do perjúrio dos atos 310
2. Prova das Epístolas 327

CAPÍTULO XII.

Mais falsidades.—Testemunhas da ressurreição multiplicadas.—Fim do mundo previsto.—Para salvar o crédito, o Anticristo inventou 333
1. Ressurreição-Testemunhas multiplicadas 333
2. Falsa Profecia, de que o Mundo acabaria durante a Vida das Pessoas que Vivessem Naquela época 338
3. Desordem e Travessuras Produzidas por Esta Predição 343
4. O remédio de Paulo para a desordem e a salvação para si mesmo. *O Anticristo* deve vir primeiro 347

[Pág. 440]

CAPÍTULO XIII.

Os supostos milagres de Paulo explicados 354
1. Objeções, aplicando-se a elas no Agregado 354
2. Suposto Milagre I. Elimas, o Feiticeiro, cego. — *Atos* xiii. 6-12 358
3. Suposto Milagre II.—Em Listra, Coxo curado.— *Atos* xiv. 8-11 361
4. Suposto Milagre III.—A Divindade silenciada.— *Atos* xvi. 16-18 362
5. Suposto Milagre IV.—Em Filipos, um Terremoto: Paulo e Silas libertados da Prisão, 53 d.C. 365
6. Suposto Milagre V. — Em Corinto, Paulo é confortado pelo Senhor em uma Visão *invisível , 54 d.C. — Atos* xviii. 7-11 369
7. Suposto Milagre VI.—Em Éfeso, Doenças e Demônios são Expulsos por Lenços Sujos.— *Atos* xix. 1-12 372
8. Suposto Milagre VII.—Em Éfeso, o exorcista Cevas atormentou.— *Atos* xix. 13-20 373

9. Suposto Milagre VIII.—Livros Mágicos Queimados pelos Proprietários.— *Atos* xix. 19, 20 380
10. Suposto Milagre IX.—Em Trôade, Êutico é encontrado não morto.— *Atos* xx. 7-12 382
11. Suposto Milagre X.—A bordo do navio, Paulo é consolado por um anjo.— *Atos* xxvii. 20-25 385
12. Suposto Milagre XI.—Em Malta, um Réptil sacudido por Paulo sem dano.— *Atos* xxviii. 1-6 386
13. Suposto Milagre XII.—Em Malta, o pai do deputado Publius curou.— *Atos* xxviii. 7, 8 389
14. Conclusão: os supostos milagres classificados e resumidos 393
[Pág. 441]

CAPÍTULO XIV.

Atos, Parte falsa, Parte verdadeira: Autor não é São Lucas 397
1. Pelas partes falsas, o Evangelho não é afetado: a maioria das partes é verdadeira 397
2. Tempo entre a Ressurreição e a Ascensão — Atos contradiz Lucas 398
3. Quanto à Ascensão, Atos inconsistentes com Lucas 403

CAPÍTULO XV.

Relatório de Direito.—Judeus *versus* Paulo: Julgamentos cinco, com observações 406
1. Introdução 406
2. Julgamento I. Lugar, Jerusalém-Templo.—Judicatório, a multidão mista.— *Atos* xxii. 1-21 407
3. Julgamento II. Judicatório, Conselho-Conselho de Jerusalém.— *Atos* xxiii. 1-10 409
4. Ensaio III. Lugar, Cesaréia . - *Atos* xxiv. 1-23 413
5. Julgamento IV. Coloque, novamente, Cesaréia. — *Atos* xxv. 1-12 417
6. Julgamento V. e último.—Local, ainda Cesaréia 420

CAPÍTULO XVI.

As doutrinas de Paulo são antiapostólicas. Ele não era o Anticristo? 426
1. A doutrina de Paulo estava em desacordo com a dos apóstolos 426
2. De conformidade, o uso feito do Nome de Jesus não é prova 428
3. Paulo, ele não era o Anticristo? 432

Notas do transcritor:

Pontuação corrigida sem comentários. Ortografia original mantida, com exceção de erros aparentes de composição. Correções no texto indicadas por linha pontilhada cinza. Passe o mouse sobre a palavra e o texto original seráaparecer.

Fim do Projeto Gutenberg EBook de Não Paulo, Mas Jesus, por Jeremy Bentham

*** FIM DESTE PROJETO GUTENBERG EBOOK NÃO PAULO, MAS JESUS ***

***** Este arquivo deve ser nomeado 42984-h.htm ou 42984-h.zip *****
Este e todos os arquivos associados de vários formatos podem ser encontrados em:
http://www.gutenberg.org/4/2/9/8/42984/

Produzido por Dianne Nolan e Online Distributed
Equipe de revisão em http://www.pgdp.net

As edições atualizadas substituirão as anteriores: as edições antigas
será renomeado.

A criação de obras a partir de edições impressas de domínio público significa que não
alguém possui direitos autorais dos Estados Unidos sobre essas obras, então a Fundação
(e você!) pode copiá-lo e distribuí-lo nos Estados Unidos sem
permissão e sem pagar royalties de direitos autorais. Regras especiais,
estabelecido na parte dos Termos Gerais de Uso desta licença, aplicam-se a
copiar e distribuir obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm para
proteger o conceito e a marca registrada do PROJETO GUTENBERG-tm. Projeto
Gutenberg é uma marca registrada e não pode ser usada se você
cobrar pelos eBooks, a menos que você receba permissão específica. Se você
não cobramos nada pelas cópias deste e-book, cumprindo com as
regras é muito fácil. Você pode usar este eBook para quase qualquer propósito
como a criação de trabalhos derivados, relatórios, performances e
pesquisa. Eles podem ser modificados, impressos e doados - você pode fazer isso
praticamente QUALQUER COISA com eBooks de domínio público. A redistribuição é
sujeito à licença de marca registrada, especialmente comercial
redistribuição.

*** INÍCIO: LICENÇA COMPLETA ***

A LICENÇA COMPLETA DO PROJETO GUTENBERG
LEIA ISTO ANTES DE DISTRIBUIR OU USAR ESTE TRABALHO

Para proteger a missão do Projeto Gutenberg-tm de promover a liberdade
distribuição de obras eletrônicas, por meio do uso ou distribuição desta obra
(ou qualquer outro trabalho associado de alguma forma à frase "Projeto
Gutenberg"), você concorda em cumprir todos os termos do Projeto Completo
Licença Gutenberg-tm disponível com este arquivo ou online em
www.gutenberg.org/license.

Seção 1. Termos gerais de uso e redistribuição do Projeto Gutenberg-tm
obras eletrônicas

1.A. Ao ler ou usar qualquer parte deste Projeto Gutenberg-tm
trabalho eletrônico, você indica que leu, entendeu e concorda com
e aceitar todos os termos desta licença e propriedade intelectual
(marca registrada/direitos autorais) acordo. Se você não concordar em cumprir todos
os termos deste acordo, você deve parar de usar e devolver ou destruir
todas as cópias das obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm em sua posse.
Se você pagou uma taxa para obter uma cópia ou acesso a um Projeto

O trabalho eletrônico do Gutenberg-tm e você não concorda em ficar vinculado ao
termos deste acordo, você pode obter um reembolso da pessoa ou
entidade à qual você pagou a taxa conforme estabelecido no parágrafo 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" é uma marca registrada. Só pode ser
usado ou associado de qualquer forma a uma obra eletrônica por pessoas que
concorda em ficar vinculado aos termos deste acordo. Existem alguns
coisas que você pode fazer com a maioria das obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm
mesmo sem cumprir com todos os termos deste acordo. Veja
parágrafo 1.C abaixo. Há muitas coisas que você pode fazer com o Projeto
Gutenberg-tm electronic funciona se você seguir os termos deste acordo
e ajudar a preservar o acesso futuro gratuito ao Projeto Gutenberg-tm eletrônico
obras. Veja parágrafo 1.E abaixo.

1.C. A Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg ("a Fundação"
ou PGLAF), possui direitos autorais de compilação na coleção do Projeto
Obras eletrônicas de Gutenberg-tm. Quase todas as obras individuais no
coleção são de domínio público nos Estados Unidos. Se um
o trabalho individual é de domínio público nos Estados Unidos e você está
localizado nos Estados Unidos, não reivindicamos o direito de impedi-lo de
copiar, distribuir, executar, exibir ou criar derivados

obras baseadas na obra, desde que todas as referências ao Projeto Gutenberg
são removidos. Claro, esperamos que você apoie o Projeto A missão do Gutenberg-tm é promover o livre acesso às obras eletrônicas por
compartilhar livremente os trabalhos do Projeto Gutenberg-tm em conformidade com os termos de
este acordo para manter o nome do Projeto Gutenberg-tm associado a
o trabalho. Você pode facilmente cumprir os termos deste acordo por
mantendo este trabalho no mesmo formato com seu Projeto completo em anexo
Licença Gutenberg-tm quando você a compartilha gratuitamente com outras pessoas.

1.D. As leis de direitos autorais do local onde você está localizado também regem
o que você pode fazer com este trabalho. As leis de direitos autorais na maioria dos países estão em
um estado constante de mudança. Se você estiver fora dos Estados Unidos, verifique
as leis do seu país, além dos termos deste acordo
antes de baixar, copiar, exibir, executar, distribuir ou criando trabalhos derivados com base neste trabalho ou em qualquer outro Projeto
Trabalho de Gutenberg-tm. A Fundação não faz representações sobre
o status de direitos autorais de qualquer obra em qualquer país fora dos Estados Unidos
Estados.

1.E. A menos que você tenha removido todas as referências ao Projeto Gutenberg:

1.E.1. A frase seguinte, com links ativos para, ou outros imediatos

acesso à Licença completa do Projeto Gutenberg-tm deve aparecer com destaque
sempre que qualquer cópia de uma obra do Projeto Gutenberg-tm (qualquer obra na qual o
frase "Projeto Gutenberg" aparece, ou com a qual a frase "Projeto
Gutenberg" está associado) é acessado, exibido, executado, visualizado,
copiado ou distribuído:

Este e-book é para uso de qualquer pessoa em qualquer lugar, sem nenhum custo e com
quase nenhuma restrição. Você pode copiá-lo, doá-lo ou reutilizá-lo sob os termos da Licença do Projeto Gutenberg incluída
com este eBook ou online em www.gutenberg.org

1.E.2. Se uma obra eletrônica individual do Projeto Gutenberg-tm for derivada
do domínio público (não contém um aviso indicando que é publicado com a permissão do detentor dos direitos autorais), o trabalho pode ser copiado
e distribuído a qualquer pessoa nos Estados Unidos sem pagar nenhuma taxa
ou encargos. Se você estiver redistribuindo ou fornecendo acesso a uma obra
com a frase "Projeto Gutenberg" associada ou aparecendo no
trabalho, você deve cumprir com os requisitos dos parágrafos 1.E.1
através de 1.E.7 ou obter permissão para o uso da obra e do
Marca registrada do Projeto Gutenberg-tm conforme estabelecido nos parágrafos 1.E.8 ou
1.E.9.

1.E.3. Se um trabalho eletrônico individual do Projeto Gutenberg-tm for publicado

com a permissão do detentor dos direitos autorais, seu uso e distribuição
deve cumprir com os parágrafos 1.E.1 a 1.E.7 e quaisquer disposições adicionais
termos impostos pelo detentor dos direitos autorais. Termos adicionais serão vinculados
para a Licença do Projeto Gutenberg-tm para todos os trabalhos publicados com o
permissão do detentor dos direitos autorais encontrada no início deste trabalho.

1.E.4. Não desvincule, desconecte ou remova o Projeto Gutenberg-tm completo
Termos de licença deste trabalho ou de quaisquer arquivos que contenham uma parte deste
trabalho ou qualquer outro trabalho associado ao Projeto Gutenberg-tm.

1.E.5. Não copie, exiba, execute, distribua ou redistribua este
trabalho eletrônico, ou qualquer parte deste trabalho eletrônico, sem
exibindo com destaque a frase estabelecida no parágrafo 1.E.1 com
links ativos ou acesso imediato aos termos completos do Projeto
Licença Gutenberg-tm.

1.E.6. Você pode converter e distribuir este trabalho em qualquer binário,
forma comprimida, marcada, não proprietária ou proprietária, incluindo qualquer
processamento de texto ou forma de hipertexto. No entanto, se você fornecer acesso ou
distribuir cópias de uma obra do Projeto Gutenberg-tm em um formato diferente de
"Plain Vanilla ASCII" ou outro formato usado na versão oficial

publicado no site oficial do Projeto Gutenberg-tm (www.gutenberg.org),
você deve, sem nenhum custo, taxa ou despesa adicional para o usuário, fornecer um
cópia, um meio de exportar uma cópia ou um meio de obter uma cópia mediante
solicitação, da obra em seu formato original "Plain Vanilla ASCII" ou outro
formulário. Qualquer formato alternativo deve incluir o Projeto Gutenberg-tm completo
Licença conforme especificado no parágrafo 1.E.1.

1.E.7. Não cobrar taxa de acesso, visualização, exibição, executar, copiar ou distribuir qualquer trabalho do Projeto Gutenberg-tm
a menos que você cumpra o parágrafo 1.E.8 ou 1.E.9.

1.E.8. Você pode cobrar uma taxa razoável por cópias ou fornecimento
acesso ou distribuição de obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm fornecidas
que

- Você paga uma taxa de royalties de 20% dos lucros brutos que obtém
    o uso do Projeto Gutenberg-tm funciona calculado usando o método
    você já usa para calcular seus impostos aplicáveis. A taxa é
    devido ao proprietário da marca registrada do Projeto Gutenberg-tm, mas ele
    concordou em doar royalties sob este parágrafo para o
    Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg. Pagamentos de royalties
    deve ser pago no prazo de 60 dias após cada data em que você
    preparar (ou é legalmente obrigado a preparar) sua declaração periódica de imposto de renda

retornos. Os pagamentos de royalties devem ser claramente marcados como tal e
enviado para a Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg em
endereço especificado na Seção 4, “Informações sobre doações para
"Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg."

- Você fornece um reembolso total de qualquer dinheiro pago por um usuário que notifica
você por escrito (ou por e-mail) dentro de 30 dias do recebimento de que ele/ela
não concorda com os termos do Projeto Gutenberg-tm completo
Licença. Você deve exigir que esse usuário retorne ou
destruir todas as cópias das obras possuídas em meio físico
e descontinuar todo o uso e todo o acesso a outras cópias de
O Projeto Gutenberg-tm funciona.

- Você fornece, de acordo com o parágrafo 1.F.3, um reembolso total de qualquer
dinheiro pago por uma obra ou uma cópia de substituição, se houver defeito no
o trabalho eletrônico é descoberto e relatado a você dentro de 90 dias
do recebimento da obra.

- Você cumpre todos os outros termos deste acordo gratuitamente
distribuição de obras do Projeto Gutenberg-tm.

1.E.9. Se você deseja cobrar uma taxa ou distribuir um Projeto Gutenberg-tm
obra eletrônica ou grupo de obras em termos diferentes dos definidos

previsto neste acordo, você deve obter permissão por escrito de
tanto a Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg quanto Michael
Hart, o proprietário da marca registrada do Projeto Gutenberg-tm. Entre em contato com o
Fundação conforme estabelecido na Seção 3 abaixo.

1.F.

1.F.1. Os voluntários e funcionários do Projeto Gutenberg despendem consideráveis
esforço para identificar, fazer pesquisa de direitos autorais, transcrever e revisar
obras de domínio público na criação do Projeto Gutenberg-tm
coleção. Apesar desses esforços, o Projeto Gutenberg-tm eletrônico
obras, e o meio em que podem ser armazenadas, podem conter
“Defeitos”, tais como, mas não limitados a, incompletos, imprecisos ou
dados corrompidos, erros de transcrição, direitos autorais ou outros direitos de propriedade intelectual
violação de propriedade, um disco ou outro meio defeituoso ou danificado, um
vírus de computador ou códigos de computador que danificam ou não podem ser lidos por
seu equipamento.

1.F.2. GARANTIA LIMITADA, ISENÇÃO DE DANOS - Exceto pelo "Direito
de Substituição ou Reembolso" descrito no parágrafo 1.F.3, o Projeto
Fundação Arquivo Literário Gutenberg, proprietária do Projeto
Marca registrada Gutenberg-tm e qualquer outra parte que distribua um Projeto

O trabalho eletrônico Gutenberg-tm sob este acordo, isenta-se de todos
responsabilidade perante você por danos, custos e despesas, incluindo legais
taxas. VOCÊ CONCORDA QUE NÃO TEM RECURSOS PARA NEGLIGÊNCIA, ESTRITA
RESPONSABILIDADE, VIOLAÇÃO DE GARANTIA OU VIOLAÇÃO DE CONTRATO, EXCETO AQUELAS
PREVISTO NO PARÁGRAFO 1.F.3. VOCÊ CONCORDA QUE A FUNDAÇÃO, A
O PROPRIETÁRIO DA MARCA REGISTRADA E QUALQUER DISTRIBUIDOR SOB ESTE CONTRATO NÃO SERÃO
RESPONSÁVEL POR DANOS REAIS, DIRETOS, INDIRETOS, CONSEQUENCIAIS, PUNITIVOS OU
DANOS INCIDENTAIS, MESMO QUE VOCÊ AVISE SOBRE A POSSIBILIDADE DE TAIS
DANO.

1.F.3. DIREITO LIMITADO DE SUBSTITUIÇÃO OU REEMBOLSO - Se você descobrir um
defeito neste trabalho eletrônico dentro de 90 dias após recebê-lo, você pode
receba um reembolso do dinheiro (se houver) que você pagou por ele enviando um
explicação por escrito para a pessoa de quem você recebeu o trabalho. Se você
recebeu a obra em meio físico, você deverá devolver o meio junto
sua explicação por escrito. A pessoa ou entidade que lhe forneceu
o trabalho defeituoso pode optar por fornecer uma cópia de substituição em vez de uma
reembolso. Se você recebeu o trabalho eletronicamente, a pessoa ou entidade
fornecer isso a você pode optar por lhe dar uma segunda oportunidade

receber o trabalho eletronicamente em vez de um reembolso. Se a segunda cópia
também estiver com defeito, você pode exigir um reembolso por escrito sem mais delongas. oportunidades para resolver o problema.

1.F.4. Exceto pelo direito limitado de substituição ou reembolso estabelecido
no parágrafo 1.F.3, este trabalho é fornecido a você 'NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRA', SEM NENHUMA OUTRA
GARANTIAS DE QUALQUER TIPO, EXPRESSAS OU IMPLÍCITAS, INCLUINDO, MAS NÃO SE LIMITANDO A GARANTIAS DE COMERCIALIZAÇÃO OU ADEQUAÇÃO A QUALQUER FINALIDADE.

1.F.5. Alguns estados não permitem isenções de certas garantias implícitas
garantias ou a exclusão ou limitação de certos tipos de danos.
Se qualquer isenção de responsabilidade ou limitação estabelecida neste acordo violar o
lei do estado aplicável a este acordo, o acordo será interpretado para fazer a máxima isenção ou limitação permitida por
a lei estadual aplicável. A invalidade ou inexequibilidade de qualquer
disposição deste acordo não anulará as disposições restantes.

1.F.6. INDENIZAÇÃO - Você concorda em indenizar e isentar a Fundação, a
proprietário da marca registrada, qualquer agente ou funcionário da Fundação, qualquer pessoa
fornecer cópias das obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm de acordo
com este acordo, e quaisquer voluntários associados à produção,

promoção e distribuição de obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm,
isento de toda responsabilidade, custos e despesas, incluindo honorários advocatícios,
que surgem direta ou indiretamente de qualquer um dos seguintes que você faz
ou causar a ocorrência de: (a) distribuição deste ou de qualquer Projeto Gutenberg-tm
trabalho, (b) alteração, modificação ou adições ou exclusões a qualquer
Trabalho do Projeto Gutenberg-tm e (c) qualquer Defeito que você causar.

Seção 2. Informações sobre a missão do Projeto Gutenberg-tm

O Projeto Gutenberg-tm é sinônimo de distribuição gratuita de
obras eletrônicas em formatos legíveis pela mais ampla variedade de computadores
incluindo computadores obsoletos, antigos, de meia-idade e novos. Ele existe
graças aos esforços de centenas de voluntários e doações de
pessoas de todas as esferas da vida.

Voluntários e apoio financeiro para fornecer aos voluntários o
a assistência de que necessitam é essencial para atingir o objetivo do Projeto Gutenberg-tm
objetivos e garantir que a coleção do Projeto Gutenberg-tm irá
permanecerão disponíveis gratuitamente para as gerações vindouras. Em 2001, o Projeto
A Fundação Arquivo Literário Gutenberg foi criada para fornecer um ambiente seguro

e futuro permanente para o Projeto Gutenberg-tm e as gerações futuras.
Para saber mais sobre a Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg
e como seus esforços e doações podem ajudar, veja as Seções 3 e 4
e a página de informações da Fundação em www.gutenberg.org

Seção 3. Informações sobre o Arquivo Literário do Projeto Gutenberg
Fundação

A Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg é uma organização sem fins lucrativos
501(c)(3) corporação educacional organizada sob as leis do estado do Mississippi e recebeu status de isenção fiscal pelo Internal
Serviço de Receita. O EIN da Fundação ou identificação fiscal federal
o número é 64-6221541. Contribuições para o Projeto Gutenberg
A Fundação Arquivo Literário é dedutível de impostos na íntegra
permitido pelas leis federais dos EUA e pelas leis do seu estado.

A sede da Fundação fica em 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., mas seus voluntários e funcionários estão espalhados
em vários locais. Seu escritório comercial está localizado em 809
Norte 1500 Oeste, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. E-mail
links de contato e informações de contato atualizadas podem ser encontradas em

Site da Fundação e página oficial em
www.gutenberg.org/contact

Para informações de contato adicionais:
Dr. Gregory B. Newby
Diretor Executivo e Diretor
gbnewby@pglaf.org

Seção 4. Informações sobre doações ao Projeto Gutenberg
Fundação Arquivo Literário

O Projeto Gutenberg-tm depende e não pode sobreviver sem uma ampla
espalhar apoio público e doações para levar a cabo a sua missão de
aumentando o número de obras de domínio público e licenciadas que podem ser
distribuído gratuitamente em formato legível por máquina, acessível à maior parte
conjunto de equipamentos, incluindo equipamentos obsoletos. Muitas pequenas doações
($1 a $5.000) são particularmente importantes para manter a isenção de impostos
situação com o IRS.

A Fundação está comprometida em cumprir as leis que regulam
instituições de caridade e doações de caridade em todos os 50 estados dos Estados Unidos
Estados. Os requisitos de conformidade não são uniformes e é preciso um
esforço considerável, muita papelada e muitas taxas para atender e manter
com esses requisitos. Não solicitamos doações em locais onde não recebemos confirmação por escrito da conformidade. Para
ENVIAR DOAÇÕES ou determinar o status de conformidade de qualquer

visita de estado particular www.gutenberg.org/donate

Embora não possamos e não solicitemos contribuições de estados onde
não atenderam aos requisitos de solicitação, não temos conhecimento de nenhuma proibição
contra aceitar doações não solicitadas de doadores em tais estados que
venha até nós com ofertas de doações.

Doações internacionais são aceitas com gratidão, mas não podemos fazer
quaisquer declarações relativas ao tratamento fiscal de doações recebidas de
fora dos Estados Unidos. As leis dos EUA por si só inundam nossa pequena equipe.

Por favor, verifique as páginas da Web do Projeto Gutenberg para doações atuais
métodos e endereços. Doações são aceitas em vários outros
formas que incluem cheques, pagamentos on-line e doações com cartão de crédito.
Para doar, visite: www.gutenberg.org/donate

Seção 5. Informações gerais sobre o Projeto Gutenberg-tm electronic
funciona.

O professor Michael S. Hart foi o criador do Projeto Gutenberg-tm
conceito de uma biblioteca de obras eletrônicas que poderiam ser compartilhadas livremente
com qualquer pessoa. Durante quarenta anos, ele produziu e distribuiu o Projeto
Gutenberg-tm eBooks com apenas uma rede flexível de suporte voluntário.

Os eBooks do Projeto Gutenberg-tm são frequentemente criados a partir de vários materiais impressos
edições, todas confirmadas como de domínio público nos EUA
a menos que um aviso de direitos autorais seja incluído. Portanto, não necessariamente
manter os eBooks em conformidade com qualquer edição impressa específica.

A maioria das pessoas começa em nosso site, que tem o principal recurso de busca PG:

Português

Este site inclui informações sobre o Projeto Gutenberg-tm, incluindo como fazer doações ao Projeto Gutenberg Literário
Fundação Archive, como ajudar a produzir nossos novos e-books e como
assine nossa newsletter por e-mail para saber sobre novos e-books.